

PADRE CÍCERO: ANJO OU DEMÔNIO?

Teias de notícias e ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915)



Aluna: Maria de Fátima Morais Pinho



MARIA DE FÁTIMA MORAIS PINHO

PADRE CÍCERO: ANJO OU DEMÔNIO?

Teias de notícias e ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: História Social, Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade.

Orientadora: Dra. Ana Maria Mauad

Coorientadora: Dra. Sônia Maria de Menezes Silva

Niterói-2019

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

P654p Pinho, Maria de Fátima Morais
PADRE CÍCERO: ANJO OU DEMÔNIO? : Teias de notícias e
ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915) /
Maria de Fátima Morais Pinho ; Ana Maria Mauad de Sousa
Andrade Essus, orientador ; Sônia Maria de Meneses Silva,
coorientador. Niterói, 2019.
416 f. : il.

Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Niterói,
2019.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2019.d.40051862387>

1. Padre Cícero. 2. Imprensa. 3. Religião. 4. Política.
5. Produção intelectual. I. Essus, Ana Maria Mauad de Sousa
Andrade, orientador. II. Silva, Sônia Maria de Meneses,
coorientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto
de História. IV. Título.

CDD -

Maria de Fátima Morais Pinho

PADRE CÍCERO: ANJO OU DEMÔNIO?

Teias de notícias e ressignificações do acontecimento padre Cícero (1870-1915)

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: História Social, Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade.

Aprovada em ____/____/2019.

Prof.^a Dra. Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus – UFF (Orientadora)

Prof.^a Dra. Sônia Maria de Meneses Silva – URCA (Coorientadora)

Prof.^a Dra. Marialva Carlos Barbosa – UFRJ

Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos - UFC

Prof.^a Dra. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros – UFRJ/UERJ - aposentada

Prof.^a Dra. Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira – UERJ

Prof.^a Dra. Samantha Vis Quadrat – UFF – (Suplente)

Prof.^a Dra. Maria Paula Jacinto Cordeiro – URCA (Suplente)

Aos meus pais (In memoriam):

*Raimundo Moraes Pinho e Vicência Alves Pinho (Noêmia),
de quem herdei o caráter e a capacidade de lutar por tudo
que me move.*

AGRADECIMENTOS

Nominar as pessoas que contribuíram com uma tarefa tão importante e prazerosa como a escrita de uma tese não é algo fácil, pois, foram muitos aqueles que, de forma direta ou indiretamente, fazem parte dessa história contribuindo das mais variadas formas na construção do que sou hoje.

Às amigas e amigos de infância, adolescência e juventude com os quais não convivo mais, mas, que os tenho guardados na minha memória e vivência e que me são importantes até hoje; aos membros da Sociedade São Vicente de Paula, em Várzea Alegre, lugar em que aprendi a compartilhar, discutir, debater; aos companheiros e companheiras de militância na Pastoral de Juventude do Meio Popular, movimento singular no qual forjei minha consciência crítica e acalentei as utopias de um mundo “fraterno, igualitário e justo”; aos companheiros e companheiras de militância política e sindical que, na década de 1980, compartilharam comigo a história de fundação do Partido dos Trabalhadores e do Sindicato dos Servidores Públicos Municipais daquela cidade; aos colegas vários que se tornaram amigos queridos do curso de graduação em História e da militância no movimento estudantil da então recém-criada Universidade Regional do Cariri, meu espaço de crescimento intelectual e político. Enfim, a todos e todas com quem dividi momentos de luta na década de 80, período que me serviu de base para construir e solidificar o ser humano no qual me tornei.

Aos familiares, desde os mais próximos aos mais distantes, inclusive, sobrinhos, sobrinhas e irmãos que vieram do primeiro casamento do meu pai.

Obrigada aos irmãos da minha geração: José Ideu (Dedê), Rivônio, Renildo, Moraes Júnior (Borais) e José Wilton (Zaito), com vocês vivi os dias mais felizes de minha infância. O agradecimento é extensivo às minhas cunhadas que sempre souberam me acolher e me tratar com respeito e carinho, em especial à Ana Paula, que, durante um tempo considerável disponibilizou a sua casa para que eu tivesse sossego e tranquilidade durante a escrita da tese.

Gratidão sincera às minhas orientadoras Ana Mauad pelo carinho e atenção com que conduziu a orientação da tese e Sônia Menezes, amiga e colega de departamento e, principalmente, uma irmã que a vida me deu de presente. Sônia, você, com suas brigas e “puxões de orelha” contribuiu imensamente neste trabalho.

Agradeço à Tânia Peixoto pelos longos anos de cumplicidade, amizade e troca de conhecimento, essa pessoa que se tornou fundamental na minha vida. Estendo o

agradecimento à sua irmã Kell Peixoto e sua companheira Cristina Craveiro, ambas amigas e irmãs de coração que muito prezo.

À Maria Silvani, com quem conheci um mundo fora da academia e que me proporcionou a oportunidade de ser mãe trazendo para perto Emilly Silva, uma linda menina que juntas tentamos educar.

Agradeço aos meus colegas de trabalho, com especial sentimento à Francisca Anselmo, Otonite Cortez (minhas eternas mestras), Darlan Reis, Isabel Reis, Egberto Mello e Jane Semeão, Josefa Nunes, José Rubens, José Bendimar, Cícero Joaquim, Iarê Lucas, Océlio Teixeira, Titus Riedl, Bendimar (in memoriam).

Agradeço à Edvânia, Sandra Batista (minha mãezinha do Cariri), Relva e Sheva, que pela atenção e dedicação ao Departamento de História.

Agradeço aos meus colegas de doutorado: Airton Farias, Fagno, Helonis, Raimundo, Marcos, Jucieldo Alexandre, Carlos Rafael, Priscilla Régis, Daniele, Simone Silva, Jaqueline, Sandra Nancy, Rúbia Micheline e Viviane Prado.

Muito obrigada aos professores e professoras do Programa de Pós-graduação em História da UFF, especialmente aos que ministraram aulas no período do estágio doutoral em Niterói, sobretudo, aos que vieram ao Cariri: Giselle, Ana Mauad, Mário Grynszpan, Ismênia Martins, Carlos Addor, Samantha Quadrat, Rodrigo Bentes, Georgina Santos e Márcia Mota.

Agradeço de forma especial à professora Dra. Ismênia Martins pela sua imensa generosidade acadêmica, sobretudo, pela delicadeza e carinho com que nos recebeu no Rio de Janeiro.

Agradeço ao padre Roserlândio de Souza, diretor do Departamento Histórico Diocesano Padre Gomes, amigo querido desde os anos de militância na PJMP e pessoa que sempre me incentivou ao me convidar para contribuir nos projetos sobre o padre Cícero.

A Renato Dantas, outro amigo querido, sempre solícito, a quem recorri nos momentos de dúvida e na busca constante por fontes que complementassem o meu trabalho. Da mesma forma, agradeço a Renato Casimiro, Daniel Walker (*In memoriam*), Carlos Steil, Paulo Andrade e as irmãs Annette Dumoulin e Teresa Guimarães (*In memoriam*) pelas significativas contribuições não só para esta tese, mas, ao longo de todos estes anos de pesquisa sobre o tema padre Cícero.

Igualmente de modo especial, agradeço à professora Luitgarde Barros, uma das maiores pesquisadoras das coisas do sertão, pela bondade e confiança em compartilhar suas experiências de pesquisa e pelo incentivo e apoio a mim dispensados.

RESUMO

A tese em foco tem por objetivo analisar as teias de notícias e representações construídas na imprensa sobre o padre Cícero Romão Baptista ao longo de cinco décadas (1870-1915). Durante sua vida e após sua morte, o sacerdote foi transformado numa espécie de celebridade, tudo a seu respeito e em torno dele desperta a atenção da grande e pequena imprensa dentro e fora do Brasil, constituindo-se, possivelmente, no personagem mais polemizado, noticiado e debatido do sertão brasileiro da história contemporânea do Brasil. Nesse sentido, busca-se discutir, a partir de dois momentos distintos - a instauração, na imprensa, do debate sobre os “fatos extraordinários do Juazeiro” nas últimas décadas do século XIX e a inserção do sacerdote na política partidária na segunda década do século XX - a formação de teias de notícias acerca do acontecimento chamado “padre Cícero”, identificando as permanências ressignificadas na produção e na construção de múltiplas representações e sentidos. Na primeira parte, portanto, é discutida a presença do padre Cícero na imprensa antes e depois dos fatos extraordinários do Juazeiro com a análise da formação de uma rede de notícias na divulgação dos mesmos, buscando perceber as representações construídas sobre os principais protagonistas - a beata e o padre -, mas, sobretudo, identificando em que momento da narrativa Cícero assumiu o papel de destaque e de que forma se deu a instauração do debate maniqueísta sobre o sacerdote. Na segunda parte, é observado um conjunto de narrativas e imagens (fotos, charges, alegorias carnavalescas e teatrais) que circularam na imprensa sobre a atuação política do padre Cícero, analisando como essas redes de notícias contribuem na formação, conformação e consolidação de representações do sacerdote enquanto politiquero, cangaceiro, criminoso, explorador, fanatizador.

Palavras-chave: Padre Cícero, imprensa, religião, política.

ABSTRACT

The thesis in focus aims to analyze the articulations of news and representations built in the press about Father Cicero Romão Baptista over five decades (1870-1915). During his life and after his death, the priest was transformed into a kind of celebrity, everything about him and around him arouses the attention of the big and small press inside and outside Brazil, constituting, possibly, the most controversial character, reported and debated of the Brazilian backlands of contemporary history of Brazil. In this sense, it is discussed, from two different moments - the establishment, in the press, of the debate about the "extraordinary facts of Juazeiro" in the last decades of the nineteenth century and the insertion of the priest in party politics in the second decade of the century XX - the formation of articulations of news about the event called "Father Cícero", identifying the resignified permanences in the production and construction of multiple representations and senses. In the first part, therefore, is discussed the presence of Father Cicero in the press before and after the extraordinary facts of Juazeiro with the analysis of the formation of a news network in their dissemination, seeking to perceive the representations built on the main protagonists - the Blessed and the Priest - but, above all, by identifying at what point in the narrative Cicero assumed the leading role and how the Manichean debate on the priest took place. In the second part, it is observed a set of narratives and images (photos, cartoons, carnival and theatrical allegories) that circulated in the press about the political performance of Father Cicero, analyzing how these news networks contribute to the formation, conformation and consolidation of representations of the priest as politician, bandits, criminal, exploiter, fanatic.

Keywords: Father Cicero, press, religion, politics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Anúncio publicado pelo pai do padre Cícero no jornal Pedro II de Fortaleza em 1861 _____	48
Figura 2: Batizados realizados no dia 25/12/1871 pelo padre Cícero em Trairi _____	58
Figura 3: repercussão e quantidade de jornais/ notícias publicadas por província - (1889-1899) _____	76
Figura 4 - Quadro com a circulação de notícias sobre os “fatos extraordinários do Juazeiro” em 1887-89 _____	78
Figura 5 - Medalha com imagem do padre Cícero e Maria de Araújo vendidas como relíquias em 1893. _____	154
Figura 6 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – Riqueza do padre Cícero _____	217
Figura 7 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – Protetor de bandidos x defensor da ordem _____	218
Figura 8 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – Autoritário x amável _____	218
Figura 9 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – O Político _____	219
Figura 10 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – Juazeiro _____	220
Figura 11 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – Inculto x culto _____	221
Figura 12 - Capa do jornal O Imparcial com a manchete: “revolução no Ceará” – 1913 _____	253
Figura 13 Repercussão da Guerra Civil do Ceará na imprensa - dezembro de 1913 _____	255
Figura 14 - Manchete - proclamação da monarquia em Juazeiro e mapa delimitando a zona de influência do padre Cícero no Cariri. _____	261
Figura 15- Poema com critica ao padre Cícero _____	280
Figura 16 - Poesia com critica ao padre Cícero – Sal do Fim _____	280
Figura 17 - Poesia com critica ao padre Cícero – Epifania Clerical _____	281
Figura 18 - Verso com critica ao padre Cícero: Folke-lore. _____	282
Figura 19 - Poesia com critica ao padre Cícero: _____	283
Figura 20 - Parodia da música carnavalesca "caboca de Caxangá" com critica ao padre Cícero _____	290
Figura 21 - Pannel com destaque do carnaval do Club dos Democráticos _____	294

Figura 22 - Notícias publicadas na mesma edição do jornal A Época sobre a morte do capitão J. da Penha e o Club dos Democráticos _____	302
Figura 23 - O CRIME DO CEARÁ - Capa do jornal O Imparcial sobre a morte do capitão J. da Penha. _____	303
Figura 24 - Manchete do jornal A Época – “O CEARÁ CONFLAGRADO” _____	337
Figura 25 - Capa do jornal O Rebate com o retrato do padre Cícero – 1909. _____	362
Figura 26 - Capa do Jornal Pequeno - PE com matéria positiva sobre o padre Cícero – 1913 _____	364
Figura 27 - Manchete sobre a medalha com efígie do padre Cícero e Nossa Senhora das Dores _____	379
Figura 28 - Manchete do jornal A Época – RJ sobre a portaria de D. Manoel proibindo a venda das medalhas do padre Cícero _____	381

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Padre Cícero em pé/jornal O Paiz - 1911	212
Fotografia 2 - Igreja de N. Senhora das Dores – Juazeiro/jornal O Paiz em 1911	214
Fotografia 3 – Matéria sobre o desfile carnavalesco do Club dos Democráticos – destaque para os principais carros alegóricos	298
Fotografia 4 - Matéria sobre o desfile carnavalesco do Club dos Democráticos – destaque para os principais carros alegóricos	299
Fotografia 5: Comparação entre o retrato do padre Cícero publicado na imprensa em 1914 e o disponível na internet	366
Fotografia 6 Compilação de notícia sobre padre Cícero com manchetes, fotos e legendas publicadas durante a guerra civil do Ceará - 1913/14.....	368
Fotografia 7 Retratos do padre Cícero publicadas durante a guerra civil do Ceará – 1913/14 – Tipologia I.....	369
Fotografia 8 - Retratos do padre Cícero publicadas durante a guerra civil do Ceará – 1913/14 - Tipologia II.....	370
Fotografia 9 - Retratos do padre Cícero publicadas durante a guerra civil do Ceará – 1913/14 - Tipologia III.....	370
Fotografia 10 - Padre Cícero e Floro Bartholomeu publicada no final da guerra civil do Ceará – 1914.....	372
Fotografia 11 – “Uma carta interessante” - Fotografia do Padre Cícero e de um grupo de romeiros.....	374
Fotografia 12 - Capa com a fotografia do Padre Cícero e manchete acusando de criminoso.	375

LISTA DE CHARGES

Charge 1- Anjo ou demônio? - O Malho/RJ _____	1
Charge 2 – “Milagres do Joaseiro: Ovelhas amojadas” - Primeira charge sobre padre Cícero _____	157
Charge 3 - “Notícias do Ceará” - Comemoração do bumba-meu-boi no Cariri. _____	264
Charge 4 - Ceará pegando Fogo! – cenas de um contexto de guerra _____	268
Charge 5 – “Carnaval d’O Malho” – Padre Cícero representando o purgatório de Franco Rabello _____	292
Charge 6 – “Carnaval no Norte” – padre Cícero comando o bloco de carnaval _____	293
Charge 7 - CONFLAGRAÇÃO DO CEARÁ – Charge sobre a morte do capitão J. da Penha _____	304
Charge 8 - A HECATOME CEARENSE - Capa da revista O Malho _____	306
Charge 9 - “A semana a lápis” – padre Cícero e Monge José Maria _____	311
Charge 10 - "Salada da semana” – Norte e sul – I _____	312
Charge 11 - “Salada da semana” – Norte e sul – II _____	313
Charge 12 - “A proeza do padre Cícero vista do Vaticano” _____	315
Charge 13 - “No Ceará – Armai-vos uns aos outros” _____	316
Charge 14 - “Salada da semana” – III _____	317
Charge 15 - “Salada da semana” – IV _____	322
Charge 16 - “A terra de Iracema por água abaixo” _____	323
Charge 17 - “O desassossego do norte: Formicida único” _____	325
Charge 18 - “As coisas no Ceará” _____	328
Charge 19 - A semana a Lápis II – Padre Cícero e Floro _____	329
Charge 20 - “No Ceará: A parte do leão” _____	333
Charge 21 - “POSIÇÕES INVERTIDAS: Visão do coronel Franco Rabello, presidente do Ceará” _____	334
Charge 22 - “DEPOIS DO TRIUNFO” – Missa em ação de graça _____	336
Charge 23- A semana a Lápis III – Entre Cearenses: Padre Cícero e Floro _____	339
Charge 24 - “Nos arraiais conflagrados: Padre Cícero – aqui eu sou o Pinheiro”! _____	341
Charge 25 - “Baterias mascaradas” _____	343
Charge 26 - “As aves sinistras do Ceará” _____	348

Charge 27 - “a ‘jettatura’ cearense” - _____	350
Charge 28 - “outra calamidade... pobre Ceará” _____	351
Charge 29 - “COMO ‘ELES’ PRETENDEM ESCALAR O SUBSÍDIO”! _____	353
Charge 30 - “NO ACAMPAMENTO DO CEARÁ: A disciplina da miséria”! _____	355
Charge 31 - “NO CEARÁ: Uma seca pior se alevanta...” _____	356
Charge 32 - “ORAÇÃO DO PADRE CÍCERO” _____	358

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quantidade de jornais e notícias sobre os fatos sobrenaturais do Juazeiro _____	74
Tabela 2 - Jornais, notícias e porcentagem das ocorrências sobre os “fatos extraordinários do Juazeiro” por região. _____	80
Tabela 3 - Charges publicadas em revistas/jornais - 1912-1915 _____	308

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Noitários na festa de Nossa Senhora das Dores do povoado do Juazeiro -1870....	41
Quadro 2 - Índices dos artigos publicados por Gustavo Barro (J. do Commercio) e Maximiliano Figueiredo (O Paiz).....	215

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 02 - Quantidade de jornais e notícias com publicações sobre os “fatos extraordinários do Juazeiro” - (1887-1899) _____	81
Gráfico 03 - Jornais que mais publicaram notícias sobre os “fatos extraordinários do Juazeiro” - (1887-1899). _____	82
Gráfico 04 - Publicações sobre “padre Cícero” e “milagres do Juazeiro” por ano - (1870-1899) _____	83
Gráfico 05 - Porcentagem de publicações das charges por tema _____	308
Gráfico 06 - Volume de notícias sobre o padre Cícero na imprensa brasileira (1870-1915) _____	385
Gráfico 07 - Quantidade de notícias sobre o padre Cícero por província (1870-1915) _____	386
Gráfico 08 - Jornais que mais noticiaram o padre Cícero (1870-1915) _____	387
Gráfico 09 - Publicação de notícias tendo como referência o número da página (1870-1915) _____	388
Gráfico 10 - Quantidade de manchete com o nome do padre Cícero _____	389
Gráfico 11 - Volume de notícias entre os meses de novembro/1913 a dezembro/1914 _____	390
Gráfico 12 - Dados comparativos entre a citação do nome de Maria de Araújo e o padre Cícero _____	394
Gráfico 13 - Políticos cearenses citados notícias em veiculadas na imprensa - 1912-1914_	400

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
1.1 A HISTÓRIA DO PADRE CÍCERO ATRAVÉS DA IMPRENSA	23
1.2 O JORNAL: fonte e objeto da pesquisa historiográfica	27
1.3 REVISITANDO A HISTÓRIA DO JUAZEIRO E DO PADRE CÍCERO: Novas fontes, novos problemas, novas abordagens.	34
1.3.1 JUAZEIRO - TERRA SEM DEUS, SEM LEI E SEM INSTRUÇÃO: narrativas sobre o povoado de Juazeiro antes do padre Cícero	35
1.3.2 UMA FAMÍLIA DE PRESTÍGIO: A atuação política dos “Romãos” em Crato – Ceará	43
2 PRIMEIRA PARTE - A BATINA FEZ O PADRE, O MILAGRE FEZ O SANTO:	
Narrativas, representações e ressignificações do padre Cícero na imprensa (1870-1899).	53
2.1 PRIMEIRO CAPÍTULO - DE PADRE A SANTO: da ordenação à repercussão na imprensa dos “milagres do Juazeiro”	53
2.1.1 ENTRE O DESEJO E A MISSÃO: A decisão do padre Cícero em exercer o sacerdócio no povoado do Juazeiro.	54
2.1.2 “UM APOSTOLADO DE TRABALHO, HUMILDADE E RECONHECIMENTO ECLESIAL”: O capelão do Juazeiro antes da divulgação dos fatos extraordinários.	60
2.1.3 “A VIRGEM PIEDOSA” DO CRATO: narrativas de “fatos extraordinários” anteriores ao sangramento da hóstia	66
2.1.4 “MUITAS VOZES ANTES DO SILÊNCIO”: a repercussão dos “milagres do Juazeiro” na imprensa brasileira.	73
2.1.5 O NARRADOR DOS MILAGRES: José Joaquim Telles Marrocos	84
2.1.6 O MILAGRE SE FEZ VERBO: Narrativas na imprensa sobre o milagre do sangramento da hóstia	92
2.1.7 A IGREJA SE CALA, A CIÊNCIA ATESTA! – o debate instaurado na imprensa a partir do atestado do Dr. Marcos Madeira	110

2.2	SEGUNDO CAPÍTULO - DE SANTO A CONSPIRADOR DA REPÚBLICA: A instauração do debate maniqueísta em torno do padre Cícero _____	121
2.2.1	DO SERTÃO À CAPITAL: a viagem do padre Cícero a Fortaleza para prestar depoimento ao bispo diocesano _____	122
2.2.2	“NÃO É, NEM PODE SER O SANGUE DE CRISTO”: O decreto do bispo cearense e a reação em Juazeiro. _____	127
2.2.3	ENTRE O SILÊNCIO DO BISPADO DO CEARÁ E A PALAVRA DA SANTA SÉ (1891-1894): é preciso escrever para convencer _____	134
2.2.4	BUSCANDO ADESÕES À CAUSA DO “PRECIOSÍSSIMO SANGUE DE CRISTO”: publicação de documentos e artigos na defesa dos milagres _____	136
2.2.5	TU ACUSAS, EU DEFENDO: duelo de narrativas entre detratores e defensores do padre Cícero no Cariri _____	148
2.2.6	ASSIM COMO NO JUAZEIRO: a reprodução de fatos extraordinários do Juazeiro em outras localidades _____	151
2.2.7	QUANTO MAIS ROMEIROS, MAIS DINHEIRO! – A denúncia dos usos comerciais dos milagres de Juazeiro _____	153
2.2.8	“PRODÍGIOS VÃOS E SUPERSTICIOSOS” - A VOZ DO VATICANO: condenações, reações, repercussões. _____	158
2.2.9	“QUEM A MIM NÃO DEFENDE, NÃO É DIGNO DE MIM”: intensificação do debate entre detratores e defensores _____	167
2.2.10	O PERIGO DO ESTADO DENTRO DO ESTADO: a imprensa apresenta o padre Cícero como uma ameaça à ordem vigente _____	173
2.2.11	“PADRE CÍCERO VENCIDO, MAS NÃO CONVENCIDO”: A Viagem a Roma 184	
3	SEGUNDA PARTE - NA RELIGIÃO, SANTO! NA POLÍTICA, CORONEL: narrativas e representações do padre Cícero político _____	190
3.1	TERCEIRO CAPÍTULO - DA POLÍTICA DO PADRE AO PADRE POLÍTICO: narrativas e representações da atuação do padre Cícero na política partidária ____	192

3.1.1	POUCAS PALAVRAS, MAIS TRABALHO: padre Cícero na imprensa na primeira década do século XX _____	192
3.1.2	EM BUSCA DE UMA DIOCESE PARA O JUAZEIRO: a viagem do padre Cícero ao Rio de Janeiro em 1909 _____	194
3.1.3	AS PROEZAS DO BACHAREL AUGUSTO SANTA CRUZ E DO PADRE CÍCERO: uma enigmática defesa do bacharel cangaceiro _____	201
3.1.4	UMA PELEJA SERTANEJA NA IMPRENSA CARIOCA: Rei do sertão x Grande Apóstolo do Sertão do Norte _____	206
3.1.5	“SOU UM CONQUISTADOR DE ALMAS E NÃO UM POLÍTICO OU UM AMBICIOSO”: narrativas e representações do padre Cícero político _____	225
3.1.6	ENTRE A PENA E A ESPADA: padre Cícero na eleição presidencial de 1910 _	227
3.1.7	ENTRE A “SALVAÇÃO” E A “OLIGARQUIA”: a eleição de 1912 e os embates políticos, militares e narrativos em torno de Franco Rabello e o padre Cícero. _	233
3.1.8	FRANCO RABELLO: um governo contestado e sem governabilidade _____	240
3.1.9	TECENDO A TRAMA: o acordo político para derrubar o governo de Franco Rabello _____	244
3.1.10	UMA GUERRA NO SERTÃO: um padre celerado, chefiando fanáticos, jagunços e cangaceiros para fazer uma revolução. _____	248
3.1.11	UMA GUERRA SE FAZ COM ARMAS... E BOATOS: Monarquia, sequestro, saques, incêndios, ressuscitação dos mortos. _____	257
3.1.12	DAS PÁGINAS DE JORNAL AO CONGRESSO NACIONAL: Discursos e debates de deputados federais e senadores sobre o padre Cícero. _____	270
3.2	QUARTO CAPÍTULO - NA TRAGÉDIA E NA COMÉDIA: representações e ressignificações do padre Cícero nas manifestações artísticas – poesia, teatro, carnaval e charges e fotografias. _____	278
3.2.1	DA POESIA AOS ALMANARQUES: narrativas do padre Cícero na literatura _	279
3.2.2	NOS PALCOS CARIOCAS: padre Cícero nos teatros de revista carnavalescos _	284
3.2.3	UM SACERDOTE NA FOLIA CARNAVALESCA: fantasias, blocos e clubes carnavalescos narram o padre Cícero. _____	287

3.2.4 NA FOLIA CARIOCA, NA TRAGÉDIA CEARENSE: padre Cícero e a repercussão da morte do capitão José da Penha. _____	300
3.2.5 SÁTIRA, HUMOR, CRÍTICA: padre Cícero e a guerra civil do Ceará através das charges. _____	307
3.2.6 UMA FOTOGRAFIA PARA ILUSTRAR: Os usos das fotografias e retratos do padre Cícero pela imprensa política _____	360
3.2.7 A MEDALHA PARA CELEBRAR A VITÓRIA: a volta da narrativa sobre as medalhas com efígie do padre Cícero. _____	377
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	383
4.1 PADRE CÍCERO: O ACONTECIMENTO JORNALISTICO DO SERTÃO ____	383
4.2 PADRE CÍCERO NA IMPRENSA: números e dados revelados pelos gráficos__	384
4.3 PADRE CÍCERO NA IMPRENSA: narrativas e representações _____	390
4.4 O PADRE E A IMPRENSA _____	401
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	404
6 FONTES _____	416

1 INTRODUÇÃO

1.1 A HISTÓRIA DO PADRE CÍCERO ATRAVÉS DA IMPRENSA

Com a indagação “Anjo ou demônio?”, a revista carioca *O Malho* intitula em dezembro de 1913, quando tem início a guerra civil do Ceará¹ desencadeada na cidade de Juazeiro, uma de suas charges referente às questões relacionadas ao padre Cícero. Nela, o personagem Zé Povo observa a caricatura de duas facetas do sacerdote que circulavam nos jornais e expressa:

Ora ai está o que é o padre Cícero de Juazeiro, na opinião dos jornais.... Segundo uns é um estoico, um mártir, um anjo da paz e da caridade.... Segundo outros, é um excomungado, um explorador, um politiquero façanhudo, um gênio do mal, que semeia, em proveito próprio, a desordem e a anarquia... No frigidar dos ovos é que se vê a manteiga... No fim da festa é que eu quero ver se o padre Cícero é este anjo da direita ou este demônio da sinistra... 2.

Na representação caricata do primeiro quadro o padre Cícero é apresentado como um anjo com auréola e asas, enquanto, de braços abertos, segura na mão esquerda a “palma do martírio”.³ No segundo, com semblante fechado, austero, carrega um rifle e um saco derramando as “sementes da desordem.” De autoria do cartunista Loureiro⁴ a figura traduz, através da arte, as notícias sobre o sacerdote que circulavam na imprensa naquele período, pondo em evidência o debate maniqueísta e pendular em torno da personalidade daquele que, desde o final do século XIX tornara-se uma das mais representativas, polêmicas e propaladas

¹ Sobre o movimento armado juazeirense existem diversas nomenclaturas, sendo mais comum ser nomeado de “Sedição de Juazeiro”. Entretanto, de acordo com as narrativas mais recorrentes na imprensa usaremos esta denominação sempre que nos referirmos a ele.

² *O Malho* – RJ, Ano XII, Nº 588, 20/12/1913, p. 13.

³ Na iconografia cristã a folha da palmeira, conhecida como palma, simboliza o martírio do santo, aquele que doou a vida em nome de Cristo e da Igreja. Diversos santos populares trazem na sua imagem o ramo da palma nas mãos, tais como Santo Expedito, São Cosme e Damião, Santa Luzia, Santa Bárbara. Ver: <https://tinyurl.com/y5wtanbn>; <https://tinyurl.com/y6tt3mok>.

⁴ Luís Gomes Loureiro nasceu em 11 de setembro de 1889, no Rio de Janeiro. Em 1907 começou a trabalhar na empresa d’O Malho, onde fazia charges políticas comentando os acontecimentos da semana. Colaborava também na revista *Para Leitura Para Todos* e no almanaque d’O Malho. Cf.: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. 3º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963, p. 1.222-1.225.

personagens do sertão brasileiro tanto no que diz respeito ao aspecto religioso, quanto em decorrência de sua inserção na vida política.

Tomado como santo, padrinho e protetor por milhares de sertanejos; sacerdote desobediente e rebelde para grande parte da hierarquia da Igreja Católica; politiqueiro, coronel de batina, cangaceiro, fanatizador, manipulador de mentes e visionário para tantos outros, é o clérigo um dos personagens mais controversos e polêmicos da história contemporânea do Brasil. Sobre a história do padre Cícero, sua terra e seu povo, centenas de livros já foram publicados, seja de cunho memorialístico e biográfico ou literário e científico.

Desde a década de 1970, contudo, quando o tema ganhou espaço na academia, centenas de monografias, dissertações e teses foram escritas. Nos últimos anos, com o acesso a fontes outrora restritas e desconhecidas, como a correspondência religiosa e política do sacerdote, o processo eclesial sobre os “milagres do Juazeiro”, manuscritos de pessoas que conviveram e testemunharam os fatos, documentos civis e cartoriais, jornais, etc., novas investigações, hipóteses e abordagens foram desenvolvidas, fazendo surgir novos personagens numa espécie de caleidoscópio interpretativo do fenômeno sociorreligioso e político que se tornou Juazeiro e seu patriarca.

Não obstante a diversidade e multiplicidade de pesquisas acerca do assunto, não se tinha ainda considerado a imprensa como fonte principal de análise, tampouco se estudado algo a respeito a partir do olhar de fora, da visão daqueles que não vivenciaram o contexto e a atmosfera dos fatos, mas que os conheceram através de milhares de notícias e imagens que circularam em centenas de periódicos e revistas publicados em território brasileiro e até além dele, compondo várias teias de informações que se entrelaçaram na produção de representações e de ressignificações da figura do sacerdote, construindo em torno de sua persona sentidos múltiplos num ambiente profundamente maniqueísta.

Com base nessas questões busca-se, portanto, perceber as permanências ressignificadas do “acontecimento padre Cícero” e a reatualização memorável que a imprensa produziu ao longo de quase 50 anos, tomando como ponto de partida o seu envolvimento na questão religiosa – os milagres do Juazeiro – e nas intrigas da política partidária a nível local, estadual e nacional.

Nessa perspectiva, a imprensa é utilizada como principal fonte histórica com o objetivo de analisar por meio de centenas de manchetes, artigos, charges, fotografias, poesias publicadas em jornais e revistas brasileiras em dois momentos distintos: as três últimas décadas do século XIX, desde a sua ordenação sacerdotal até a ampla divulgação dos

acontecimentos “extraordinários” do Juazeiro e as duas primeiras décadas do XX, quando o sacerdote passa a atuar na política partidária.

Estudar o padre Cícero elegendo a imprensa como fonte principal preenche, portanto, uma lacuna considerável na vasta historiografia produzida até então, ao tempo em que torna possível compreender como e em quais circunstâncias os fatos “extraordinários” do Juazeiro repercutiram em periódicos brasileiros, identificando o papel atribuído aos principais personagens. Da mesma maneira, se pretende analisar de que forma o sacerdote foi assumindo o lugar de protagonista a ponto de tornar-se um dos mais populares, se não o mais conhecido, debatido e polemizado sujeito histórico do sertão nordestino, transformando-se numa espécie de celebridade naquele momento.

Sendo o padre Cícero, por conseguinte, um personagem com presença constante na imprensa despertando a curiosidade, o embate, o sensacionalismo, convém apresentar algumas questões norteadoras a serem analisadas: Como as narrativas sobre os fatos extraordinários chegavam à imprensa? Em que momento o padre Cícero é conduzido ao lugar de protagonista dos acontecimentos religiosos do Juazeiro? Quais são as representações sobre o padre Cícero forjadas na imprensa? Até que ponto e em que medida a imprensa contribuiu para a construção e consolidação das representações e de sentidos sobre a figura do padre Cícero? Como se constituíram as teias de notícias em torno do padre Cícero e de que forma tal circulação de notícias ressignificou as imagens do sacerdote enquanto religioso e político? Quem é, ou melhor, quem são os “padres Cíceros” que circularam na imprensa a partir das questões religiosas e políticas?

A hipótese desta tese é a de que através da imprensa se constituíram teias de notícias que, ao longo de cinco décadas, produziram múltiplas representações e sentidos acerca do sacerdote que, numa espécie de espiral avassaladora vão sendo constantemente ressignificados, reconstruídos, recontados, ensejando a recriação e consolidação de estereótipos, conceitos e interpretações a respeito da imagem do sacerdote.

Tendo como recorte temporal os anos de 1870 a 1915, período compreendido entre a sua ordenação sacerdotal a um ano após o fim da guerra civil do Ceará, serão analisadas as notícias que circularam na imprensa sobre o sacerdote, desde as primeiras atividades como capelão do antigo povoado do Juazeiro, passando pelas narrativas relacionadas aos fatos extraordinários e como cada personagem da trama foi ganhando espaço nessas narrativas, até o seu ingresso e atuação na política partidária.

É importante esclarecer que o meu interesse pelo tema começou ainda na infância

quando ouvia várias histórias de milagres e devoção ao padre Cícero, uma vez que nasci e vivi boa parte da minha vida numa cidade localizada na intersecção de dois lugares de romaria: Canindé e Juazeiro do Norte. No entanto, somente comecei a pesquisar acerca do assunto em 1999 quando ingressei no Mestrado em Desenvolvimento Regional, com a elaboração da dissertação intitulada “As Representações sociais do padre Cícero para os moradores da colina do Horto e o impacto nas suas práticas sociais” defendida em 2002, motivo pelo qual fui convidada para participar da “Comissão de estudos para reabilitação histórico-eclesial do padre Cícero”, composto por doze pesquisadores de diversas áreas.

Em 2010, uma nova comissão é formada, dessa vez com o intuito de preparar uma coletânea de artigos e fontes sobre o padre Cícero e os fatos do Juazeiro. Uma das organizadoras da referida coleção⁵, a professora e grande pesquisadora da História do Sertão e do Juazeiro, Dra. Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, incumbiu-nos da tarefa de escrever um artigo entregando-nos um conjunto de telegramas datilografados e organizados pelo Centro de Psicologia da Religião, fundado pelas irmãs Anette Dumoulin (belga) e Ana Thereza (paulista) sediado em Juazeiro do Norte.

Ao verificar atentamente tais documentos me deparei com um fato ocorrido em 1925, quando o então vigário de Juazeiro e filho do melhor amigo do padre Cícero, o padre Manoel Macedo de Correia, rompe com o padre Cícero desenvolvendo através de um jornal da arquidiocese de Fortaleza, *O Nordeste*, uma campanha contra Juazeiro, Floro Bartholomeu e, conseqüentemente, o padre Cícero. Sobre essa questão escrevi o artigo “Juazeiro em foco: ecos de uma polêmica”, publicado no segundo volume da coleção “Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Juazeiro – Autonomia político-administrativa”.

Nesse mesmo período a Biblioteca Nacional inaugura a sua Hemeroteca Digital, disponibilizando inúmeros periódicos nacionais capazes de proporcionar uma ampla consulta, pela internet, no seu acervo – jornais, revistas, anuários, boletins -, dentre outros⁶, o que me permitiu o acesso a milhares de notícias sobre o padre Cícero despertando o interesse em analisar o fenômeno em que foi transformado e que igualmente o transformou ao longo do tempo de sua vida religiosa e política.

A possibilidade e a facilidade de conhecer e de usufruir da oportunidade de vasculhar o vasto mundo jornalístico folheando periódicos dos séculos XIX e XX me encantou, pois, via ali a chance de garimpar e descobrir as narrativas produzidas acerca dos acontecimentos e de

⁵ Esta coleção é composta de dois volumes enfocando a questão religiosa (I) e a questão política (II), lançada em 2014.

⁶ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

personagens de lugares consideravelmente distantes dos grandes centros urbanos na tentativa de perceber, através de um indivíduo que se tornou um ícone do sertão brasileiro, como aquele povo, seus costumes, valores e crenças chegaram à pequena e grande imprensa.

Logo, o *corpus* da tese é constituído por impressos publicados em todo o território brasileiro entre os anos de 1870 a 1915 que estão disponíveis no site da BNHD. São jornais de diversos matizes religiosos, políticos e culturais da chamada grande imprensa⁷, assim como aqueles que tiveram uma vida mais efêmera publicados em pequenas cidades do interior, cuja circulação se dava de forma mais restrita.

A pesquisa, facilitada pela metodologia de busca oferecida pelo portal, onde se pode capturar a notícia a partir da década informada, do periódico ou do estado de origem usando uma palavra-chave, possibilitou a catalogação de centenas de jornais e milhares de notícias sobre o contexto e a atuação religiosa e política do padre Cícero no período mencionado.

Durante a pesquisa, além da palavra-chave “padre Cícero” me utilizei de diversas outras como forma de cercar o objeto, tais como: “Romão Baptista”, “beata Maria de Araújo”, “Milagre do Joaseiro”, “Cariry”, “José Marrocos”, “Monsenhor Monteiro”, “Crato”, etc.

1.2 O JORNAL: fonte e objeto da pesquisa historiográfica

Os impressos que por aqui circularam em duzentos anos não só testemunharam, registraram e veicularam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do País.⁸

A relação História e Imprensa tem se convertido, nos últimos anos, num campo profícuo de produção acadêmica com a proliferação de dissertações, teses e lançamento de dezenas de livros cujos autores se empenham em rastrear nos pequenos e grandes impressos os sujeitos, as memórias constituídas, as falas, os silêncios, a intencionalidade de quem fala e para quem se fala.

Marialva Barbosa⁹ identificou cinco grandes grupos de textos sobre a História da

⁷ Luca, no artigo “A grande imprensa na primeira metade do século XX”, chama a atenção para a imprecisão do termo “grande imprensa”, porém, diz que de forma genérica pode-se definir como “[...] o conjunto de títulos que, num dado contexto, compõe a porção mais significativa dos periódicos em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro”. Cf.: LUCA, Tânia Regina de e MARTINS, A. L. (Organizadoras.). *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 149.

⁸ *Ibid.*, p. 08.

Imprensa no Brasil. No primeiro deles, os estudos caracterizam-se por uma *perspectiva factual*, preocupados que estão em acompanhar o surgimento e desaparecimento dos conhecidos periódicos. Aqui, a autora toma como exemplo o livro *História da imprensa no Brasil*, de Nelson Werneck Sodré, um trabalho de fôlego digno de nota publicado em 1966. Sodré dedicou-se por mais de 30 anos à sua pesquisa trazendo “[...] informações detalhadas e preciosas da imprensa brasileira de 1808 até os anos de 60 do século XX”.

No segundo grupo, Barbosa elenca os textos que têm sua área de concentração nas modificações e na estrutura interna dos jornais. Dentre estes, os trabalhos monográficos que se dedicam à pesquisa de um único periódico ou de um pequeno grupo deles ganham destaque. Para a autora, as monografias com esse tipo de abordagem não estabelecem conexões entre “[...] as características descritas e observadas nos periódicos com as transformações históricas e sociais [...]” identificando, nesse quesito, a fragilidade do grupo, uma vez que apenas centra suas “[...] análises nas ações individuais dos atores envolvidos”. Dessa forma, afirma Barbosa, “[...] quando a História aparece, surge apenas como pano de fundo, como conjuntura na qual os personagens se movimentam, e não como uma dimensão constitutiva dos seres e das ações”.¹⁰

Os enfoques que consideram os jornais como veículos de comunicação portadores de conteúdos políticos e de ideologias formam o terceiro grupo. No entanto, pecam por não avaliar devidamente “[...] as condições de circulação, de recepção e mesmo de produção desses impressos, não levando em conta os limites específicos da historicidade de cada tempo”.

O quarto grupo classificado por Barbosa é destinado aos estudos que “[...] abordam o contexto histórico no qual os periódicos vão se inserindo do seu surgimento à sua evolução e desaparecimento. Neste, a dificuldade reside no fato de desconsiderarem a dimensão interna dos meios, assim como a lógica própria do campo, como os aspectos técnicos, discursivos e profissionais”.¹¹

O quinto e último grupo identificado incorpora a (s) pesquisa (s) “[...] que considera a história como um processo e, sobretudo, a imprensa na sua relação social”. Nesse tocante, a especificidade das investigações empreendidas visualiza a imprensa como integrante de um processo comunicacional, ganhando relevo o “[...] conteúdo, o produtor da mensagem e a

⁹ BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 11.

¹⁰ Barbosa, 2007, p. 12.

¹¹ *Ibid.*, p. 12.

forma como o leitor entende os sinais emitidos pelos impressos”. O aspecto histórico é observado atentamente à medida que, aos significados presentes nos meios de comunicação lhes é concedido o espaço necessário, daí o fato de as dimensões interna e externa passarem a ser contempladas. De acordo com a autora, a história é concebida tomando como ponto de partida “[...] um espaço social considerado, interpretando os sinais que chegam até o presente a partir das perguntas subjetivas e do olhar, igualmente subjetivo, que se pode lançar ao passado”.¹²

Apesar da vasta e diversificada literatura sobre a História da Imprensa no Brasil até a década de 1970, pouquíssimos trabalhos utilizavam os periódicos como fonte histórica, talvez por haver, por parte de muitos historiadores, certa rejeição e desconfiança quanto ao seu uso nesse sentido.

Segundo Luca¹³, é a partir da década de 1970 mais precisamente que os jornais e revistas assumem um lugar de preeminência na compreensão da História do Brasil, deixando de ser considerados somente como “[...] fonte confirmadora de análises apoiadoras de análise em outros tipos de documentação” para ser valorizados como objeto de pesquisa histórica. Desde então, “[...] a imprensa não é mais pensada como portadora de verdades, mas de projetos; ela seleciona os fatos mais importantes, estabelece estratégias para narrá-los e silencia outros, construindo memórias e forjando identidades”.¹⁴

Dessa forma, a imprensa não será mais apreciada como um “retrato fiel da realidade”, tampouco como uma narrativa falsa e distorcida da história, passa a ser compreendida daí em diante como prática social, como um campo no qual estão em jogo diferentes projetos, linguagens e representações do mundo.

O universo de possibilidades é mesmo amplo e diversificado e a pesquisa histórica, atenta à multiplicidade de tantas narrativas debruça-se com afincamento à caça de novidades nas suas mais distintas naturezas e formas de organização interna, observando com mais acuidade as sessões e suas disposições, as colunas, entre outros. Tudo ascende à categoria de fonte:

¹² Barbosa, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 13.

¹³ LUCA, Tânia Regina de. *História dos e por meio dos periódicos in: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 118.

¹⁴ LUCA, Tânia Regina. *Apresentação dos Anais do 1º Seminário [recurso eletrônico] de Pós-graduandos em História da UFF* organizado por Júlia Bianchi Reis, Insuela, Marina Maria de Lira Rocha, Matheus Serva Pereira, Natália de Santanna Guerellus, Pedro Krause Ribeiro, Robertha Pedroso Triches. Niterói, RJ: PPGHISTÓRIA-UFF, 2012. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxq498qs>.

[...] editoriais, noticiário corrente, carta de leitores, seção comercial, artigos assinados; ou ainda, nos diversos gêneros e linguagens que se articulam nos veículos, como artigo de fundo ou editorial, a notícia e a reportagem, as crônicas, críticas e ensaios, as cartas e pequenos comentários, a fotografia, o desenho e a charge, o classificado e o anúncio comercial – tem sido amplamente utilizado na pesquisa acadêmica e no ensino de história.¹⁵

O reconhecimento das fontes jornalísticas como válidas e consistentes deu-se com a chegada da chamada *Nova História*, que redimensionou a tarefa do historiador ampliando seu campo de atuação à medida que lhe concedeu a oportunidade de trabalhar com novos objetos, formular novos problemas e desenvolver abordagens diferenciadas.¹⁶ Nesse contexto, a imprensa desponta como uma proveitosa ferramenta de investigação, oxigenando a pesquisa acadêmica de caráter mais especificamente histórico.

O termo Nova História, segundo Burke¹⁷, não é de fácil definição, podendo ser mais claramente compreendido como aquilo que se opõe, ou, melhor dizendo, é uma “[...] história escrita como reação deliberada contra o “paradigma” tradicional ou “história rankeana” com enfoque essencialmente político e cultural”.

Com a dilatação do campo de atividade do historiador toda ação humana passa a ser objeto de seu interesse, considerando que “[...] tudo tem história, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado”.¹⁸

A reestruturação trazida pela Nova História foi tão eficaz que permitiu o florescimento da setorização dos domínios, dimensões e abordagens. Hoje se fala em História Política, História Cultural, Geo-História, História Demográfica, História Econômica, História das Mentalidades, História do Imaginário, etc. Sendo possível, ressalta Barros, “[...] unir em uma única perspectiva historiográfica dimensões, abordagens e domínios e muitas outras combinações”.¹⁹

Com notoriedade expressiva desde o final do século XX, a História Cultural conquista um significativo espaço na pesquisa histórica do Brasil, sobretudo, na década de 1980, construindo um raio de abrangência capaz de aglutinar diversos tipos de linguagem (ou

¹⁵ CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. *Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa*. Projeto História, São Paulo, PUC, nº 35, 2007, p. 253-270. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxt8rp39>. Acesso em: 15 mai 2015.

¹⁶ LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.). *História – novos problemas, novas abordagens, novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

¹⁷ BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992, p. 10.

¹⁸ *Ibid.*, p. 11.

¹⁹ BARROS, José D’Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p. 20.

comunicações), representações e práticas. A complexidade e a configuração dessa nova especialidade geraram diversas aproximações estimulando parcerias e suscitando diálogos interdisciplinares. O estreitamento da ponte entre a História e os demais campos do saber como a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, as Ciências Políticas e a Linguística, sem dúvida nenhuma representa um ganho para as Ciências Humanas.

Ainda de acordo com Burke, os objetos da chamada História Cultural estão relacionados com os *sujeitos* produtores e receptores de cultura, o que abarca tanto a função social dos 'intelectuais' de todos os tipos, até o público receptor e o leitor comum. As agências de produção e difusão cultural também se encontram no âmbito institucional: os sistemas educativos, a imprensa, os meios de comunicação, etc. É nesse ambiente multifacetado, portanto, que a imprensa se vê reconhecida não só como fonte, mas, principalmente, como objeto de estudo nos cursos de pós-graduação (mestrado e doutorado), notadamente nas três últimas décadas.

Conforme Campelato e Prado,

[...] a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social; nega-se, pois, aqui, aquelas perspectivas que a tomam como mero "veículo de informações", transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos, nível isolado da realidade político-social na qual se inserem.²⁰

Assim sendo, o trabalho com a imprensa apresenta-se para o historiador como um campo fértil de pesquisa oferecendo-lhe a oportunidade de enxergar, analisar e entender através dos discursos e narrativas jornalísticas, as construções de identidade e memória de um determinado indivíduo, grupo e de uma dada sociedade.

Com esse entendimento, é imprescindível ampliar o olhar para o jornal em sua totalidade, desde a estrutura interna, forma de organização e de circulação, a presença daqueles que o constroem e a intencionalidade que lhes é pertinente (proprietários, jornalistas, correspondentes), a recepção dos leitores, até a análise dos discursos construídos ou o silêncio na formação de uma memória sobre determinados fatos, acontecimentos, eventos e

²⁰ CAMPELATO, Maria Helena e PRADO, Maria Lídia. *O Bravo Matutino - Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1980, p. 19.

personagens. Isso equivale a compreender a nossa própria história. No dizer de Luca, “[...] a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se autoexplicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel”.²¹

Além dos autores que discutem a história da imprensa e sua utilização como fonte e objeto da pesquisa historiográfica, foram utilizados também aqueles que escreveram sobre outras questões como os quatro volumes sobre a “História da caricatura no Brasil”, de Herman Lima, publicado em 1963; *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais* organizado por Isabel Lustosa, em 2011; *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias* de Ana Maria Mauad, publicado em 2008, entre outros.

Para se analisar as narrativas que circularam na imprensa sobre o padre Cícero, utilizou-se como principal ferramenta teórica as ideias desenvolvidas pelo filósofo francês Paul Ricoeur com sua extensa obra acerca do ato de narrar, especialmente a tese que defendera na trilogia “Tempo e Narrativa”, na qual desenvolve uma reflexão a respeito da relação de “tempo vivido” e “narração”, estabelecendo a existência de uma “conexão significativa” entre a função narrativa e a experiência humana do tempo. O autor entende que “[...] o tempo se torna tempo humano na medida em que está articulado de maneira narrativa [...]”, por outro lado, “[...] a narrativa é significativa na medida em que desenha as características da experiência temporal.”²²

Tomando como reflexão as teorias de Agostinho sobre a questão do tempo e de Aristóteles no tocante à tessitura da intriga na tragédia grega, Ricoeur desenvolve sua teoria sobre a narrativa histórica elaborando o conceito de *tríplice mimese*.

Assim se coloca:

Tomo como fio condutor desta exploração da *mediação entre tempo e narrativa* a articulação, evocada anteriormente e já parcialmente ilustrada pela interpretação da Poética de Aristóteles, entre os três momentos da *mimesis* que, numa brincadeira série, denominei *mimesis I*, *mimesis II*, *mimesis III*. Considero estabelecido que *mimesis II* constitui o eixo da análise; por sua função de corte, ela abre o mundo da composição poética e institui como já sugeri a literariedade da obra literária.²³

²¹ LUCA, Tânia Regina de e MARTINS, 2013, p. 08.

²² RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (Tomo I): Tradução Claudia Berliner; revisão da tradução Márcia Martinez de Aguiar; introdução Hélio Salles Gentil - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 09.

²³ *Ibid.*, p. 94.

Ricoeur denomina *Mimese I* o mundo de onde a narrativa emerge, em que nasce, ou seja, o mundo configurado; na *Mimese II* tais narrativas passam à textualidade ganhando sentido e densidade, tornando narrado o mundo figurado. É na *Mimese III* que a narrativa volta para o mundo, sendo apropriada e gerando novos sentidos, constituindo o mundo figurado.

Nesse processo, diz o autor, a *Mimese II* exerce a função intermediária entre a *Mimese I* e *Mimese III*, extraíndo a “[...] inteligibilidade de sua faculdade de mediação, que é a de conduzir do antes ao depois do texto, de transfigurar o antes em depois por seu poder de configuração”.²⁴ Nesse sentido, portanto, pode-se dizer que a atuação do padre Cícero frente aos chamados “milagres do Juazeiro”, à política, à Igreja, etc., só se tornou conhecida a partir do momento em que foram narrados, ganhando sentidos e que, à medida que foram sendo recontados, discutidos, debatidos, ganharam novas interpretações e narrativas diferentes num processo circular e constante com a produção de novos sentidos.

Outra questão teórica central da tese consiste na análise do conceito de “acontecimento”, uma vez que trabalhamos com a ideia de que, ao ser inserido na cena jornalística como uma das principais personagens das tramas religiosas e políticas do sertão brasileiro no período estudado, tornando-se o cerne de um arcabouço de notícias produzidas através de manchetes, imagens e narrativas, a figura do padre Cícero é colocada em evidência com ampla projeção nacional transformando-o numa espécie de celebridade, presente não apenas nas colunas políticas, mas, igualmente, nas colunas de arte e seção de comédia no âmbito do teatro, música, carnaval, poesia, charges. Conceito extremamente importante tanto para a historiografia como para a comunicação, o “acontecimento”²⁵ se insere num campo multidisciplinar e complexo.

Nesse sentido, um recente e importante trabalho no campo historiográfico é realizado pela professora Sônia Meneses no livro intitulado “Operação midiográfica: o golpe de 1964 e a Folha de S. Paulo”. Nele, a autora “[...] analisa as dimensões da fabricação dos acontecimentos históricos, bem como das formas de escrita do passado realizadas pelos meios de comunicação”.²⁶

²⁴ Ibid., p. 94.

²⁵ Sobre o conceito de “acontecimento” destacamos o artigo publicado na revista **Trajectos**, Lisboa, n. 6, 2005, p. 59-75, intitulado “Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento” do sociólogo QUÉRÉ, Louis. BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: A Escrita da História: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992, p. 327-348.

²⁶ O tema foi objeto de sua tese de doutorado, defendida em 2011 pela Universidade Federal Fluminense – UFF. SILVA, Sônia Maria de Meneses. Operação midiográfica: o golpe de 1964 e a Folha de S. Paulo. São Paulo: Intermeios. 2016, p. 14.

Ao elaborar o conceito de “operação midiográfica”, a autora defende a tese de que a “[...] mídia atua na elaboração, tanto de acontecimento emblemático, como de conhecimento histórico a partir de narrativas que operam com categorias temporais na função de sentidos”.

²⁷ Embora faça uma discussão sobre o chamado “tempo presente”, é possível utilizar suas argumentações teóricas para entender de que forma a imprensa do começo do século XX irá atuar na construção e elaboração de representações e sentidos sobre a figura do padre Cícero.

Dessa forma, constata-se que a imprensa, ao longo dos 50 anos aqui estudados, esmerou-se em promover um intenso trânsito midiático entre as centenas de jornais de todas as províncias do Brasil, produzindo e reproduzindo à exaustão notícias e imagens acerca do personagem “padre Cícero” transformando-o num objeto midiático, num acontecimento, cujas atitudes despertaram o interesse de periódicos do país inteiro que passaram a narrá-las de diversas maneiras e em diferentes contextos, desencadeando e descortinando novas possibilidades num movimento espiralado e continuamente ressignificado.

1.3 REVISITANDO A HISTÓRIA DO JUAZEIRO E DO PADRE CÍCERO: Novas fontes, novos problemas, novas abordagens.

O acesso a novas fontes de pesquisa proporcionadas pelas tecnologias contemporâneas como a internet traz à tona elementos e informações que possibilitam levantar novos problemas e abordagens sobre temas já bastante discutidos e analisados, como é o caso da historiografia sobre Juazeiro e o padre Cícero.

Conforme já ressaltado, a possibilidade de acessar centenas de jornais publicados naquele período tão conturbado tanto a nível local, estadual quanto nacional, trouxe a lume novas narrativas, nos permitindo conhecer novos aspectos do cotidiano, da mentalidade, da historicidade do povoado do Juazeiro e de seu mais conhecido habitante, Cícero Romão Baptista, possibilitando revisitar a historiografia já tão contada e consagrada do lugar.

²⁷ Op. cit. p. 25.

1.3.1 JUAZEIRO - TERRA SEM DEUS, SEM LEI E SEM INSTRUÇÃO: narrativas sobre o povoado de Juazeiro antes do padre Cícero

Ao revisitar a literatura memorialista ou acadêmica que versa sobre o contexto social, educacional, econômico e religioso de Juazeiro antes da chegada do padre Cícero em 1872, constata-se que existe um consenso a respeito da narrativa que apresenta o povoado como um lugar de caos, desordem, ignorância, enfim, sem Deus, sem lei, sem instrução, ou como um local desprezível, insignificante, obscuro, inexpressivo, inóspito.

Tais narrativas são construídas em diferentes tempos e por diversas pessoas, desde aqueles que conviveram com o sacerdote, jornalistas, intelectuais, membros de comissões governamentais que visitaram o povoado antes e depois de sua morte, a pesquisadores acadêmicos e autodidatas.

Quando se verifica a chamada literatura memorialista as narrativas afirmam que “[...] Juazeiro era arraial desprezível. Excetuando uma dúzia de famílias morigeradas, sua população se compunha, geralmente, de verdadeira escoria social, constituída de analfabetos e também de desordeiros, entregues à indolência, à embriaguez e, não raro, à feitiçaria [...]”.²⁸ Segundo Amália Xavier de Oliveira, afilhada do padre Cícero e autora de “O padre Cícero que eu conheci (1989)”, entre os anos de 1827 e 1856²⁹ o povoado experimentava uma atmosfera de paz e tranquilidade, porém, a partir de então, os habitantes mudaram a conduta tornando-se desobedientes e degenerados. De acordo com Oliveira, “[...] entregaram-se ao vício da embriaguez. Cada casa era uma “*bodega de cachaça*”³⁰ [...]. Cada alpendre, um terreiro para os sambas que geralmente terminavam em pancadaria “faca-fora”, morte”.³¹

Essas narrativas ganham espaço também em trabalhos produzidos por jornalistas renomados como Edmar Morel, em “Padre Cícero: o santo do Juazeiro”, publicado em 1946, afirmando ser a localidade um “[...] antro de ladrões e desordeiros. Poucos trabalham, em regra tem vício da embriaguez e vivem com mulheres alegres”.³² Mais recentemente, Lira Neto, num livro que se tornou *best-seller*, “Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão”, diz

²⁸ SOBRAL Lívio. *Padre Cícero Romão – Juazeiro Primitivo*. In: Revista do Instituto do Ceará, 1943, p. 286. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2cjlvpn>

²⁹ Ano da construção da capela consagrada a Nossa Senhora das Dores, sendo seu primeiro capelão o pe. Pedro Ribeiro de Carvalho, falecido em 1856.

³⁰ Grifo da autora.

³¹ OLIVEIRA, Amália Xavier. *O Padre Cícero que eu conheci*. 4ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1989, p. 14.

³² MOREL, Edmar. *Padre Cícero: o santo do Juazeiro*. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 1966, p. 11.

que o “[...] vilarejo [...] mal constava no mapa [...] oco no mundo [...] conhecido como couro de beberões e desordeiros”.³³

Até os autores que tinham como proposta a desconstrução do mito como Otacílio Anselmo na obra “Padre Cícero: mito e realidade”, publicada em 1968, descreve o povoado como “[...] um dos lugarejos mais obscuros do Cariri. Com população paupérrima, sem ocupação definida e, em sua maioria, dada à embriaguez, pequenos furtos e à desordem”.³⁴

Nem mesmo o campo acadêmico conseguiu desvencilhar-se desse tipo de narrativa. Ralf Della Cava, no seu famoso “Milagre em Joaseiro”, registra que o aglomerado “[...] não passava de um insignificante lugarejo, no qual conservava os traços essenciais de uma fazenda de cana de açúcar”.³⁵ Já Luitgarde O. C. Barros, em “Juazeiro do padre Cícero: a terra da mãe de Deus” classifica o lugar como “[...] uma pousada para os viandantes que se dirigiam de Barbalha, Milagres e outras paragens, para o Crato”.³⁶ Ambos são considerados as melhores referências no tocante aos estudos que se debruçam sobre Cícero e sua cidade.

Entretanto, o acesso a novas fontes como a imprensa oitocentista, sobretudo, os jornais publicados no Crato, Fortaleza e Rio de Janeiro, possibilita visualizar outras narrativas segundo as quais era o referido povoado um lugar com outro contexto social, político, moral e religioso.

Assim, ainda no final da década de 1850, o governo provincial do Ceará, cria no povoado duas instituições públicas nas áreas de educação e segura.

Em setembro de 1858, o povoado é contemplado com uma cadeira de ensino público, através da Resolução nº 858, exarada pelo governo da província, na qual determinando:

Art. 1º - Ficam criadas as cadeiras do ensino primário para o sexo masculino na povoação do Juazeiro do município do Crato [...].³⁷

Para assumir a cadeira de ensino primário, é nomeado em 11 de novembro daquele ano o padre Antônio de Almeida, terceiro capelão de Nossa Senhora das Dores,³⁸ permanecendo no cargo até outubro de 1864 quando foi transferido para a cidade de Venda.³⁹

³³ NETO, Lira. *Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 47-48.

³⁴ ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero: mito e realidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 56.

³⁵ DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joaseiro*. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 78. O autor esclarece em nota que sua descrição de Juazeiro nesse período baseia-se em Lívio Sobral (pseudônimo do padre Azarias Sobreira) no trabalho intitulado “Padre Cícero Romão Batista”.

³⁶ BARROS, Luitgarde. *A terra da Mãe de Deus*. 3ª ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2014, p. 135.

³⁷ Pedro II – CE, Nº 1852, 02/10/1858, p. 01.

No ano seguinte, em 1859 é criado no povoado um distrito policial⁴⁰, sendo designado como subdelegado Manoel Francisco da Cruz.

Na década de 1960, estes dois personagens, o professor e o subdelegado, protagonizam intrigas que, levada à imprensa, produziu narrativas que evidenciam um pouco do contexto social, educacional e político do povoado nesse período.

Em 1860, o então subdelegado de Juazeiro, é acusado no jornal cratense *O Araripe*⁴¹ de praticar abuso de poder com prisões arbitrárias, promoção de desordem e violência para com a população local. A primeira denúncia contra o referido policial descreve:

No distrito do Juazeiro, um analfabeto, revestido de subdelegado, parece querer exortar a paciência da população. Já desmoralizado pela figura triste que fez na eleição, onde apesar de inauditos esforços, foi constantemente repellido pela maioria dos votantes daquele lugar, ultimamente se tem tornado insuportável. Forma de tudo um pretexto para insultar, ameaçar, prender.⁴²

Poucos dias depois, em 27 de outubro, por meio de uma carta particular, Manoel Francisco é denunciado por ocasião do encarceramento de um cidadão do povoado por ter se manifestado a favor do Partido Liberal. Segundo o denunciante, no amanhecer do dia 26 o subdelegado:

[...] mandou amarrar o pobre Jurity pelo simples fato de fazer umas glosas ao partido liberal. Inquirindo-o em um jabotaseiro no meio da rua, tendo no pé desta árvore um horrível formigueiro fez o miserável desesperar, não só com os arroschos, mas com as terríveis dentadas. Soltou o ontem passando-lhe uma grande descompostura de nomes injuriosos e concluiu dizendo que se tivesse o desaforo de tornar a dar vivas ao partido liberal, que ele o quebraria na cadeia.⁴³

³⁸ Oliveira, 1989, p. 45.

³⁹ Antigo nome do atual município de Aurora, situado na região do Cariri cearense. Para saber mais, cf.: CALIXTO JUNIOR, João Tavares. *Venda Grande d'Aurora*. Fortaleza: Expressão Gráfica e editora, 2012.

⁴⁰ Pedro II – CE, Nº 1905, 13/04/1859, p. 02.

⁴¹ Primeiro jornal editado no Crato, contou com a redação principal de João Brígido dos Santos. De cunho político e noticioso, representava o ideário do Partido Liberal circulando entre os anos de 1855-1864. Afirmava que a sua existência era destinada à sustentação de ideias livres “[...] para proteger a causa da justiça e propugnar pela observância da lei e interesses locais”. In: STUDART, Guilherme. *Para a História do jornalismo cearense (1824-1924)*. Tip. Moderna – F. Carneiro, p. 45. Suas edições encontram-se disponíveis na BNDH.

⁴² Nº 238, 06/10/1860, p. 01.

⁴³ Nº 241, 27/10/1860, p. 04.

Conforme se percebe, as notícias sobre as arbitrariedades cometidas pelo subdelegado dizem respeito a eventos políticos, melhor dizendo, referem-se à acirrada disputa eleitoral entre conservadores e liberais que se desenvolvia no Crato, sede do município.

Naquele mesmo ano, o subdelegado envolveu-se numa querela com o padre Antônio de Almeida, professor e capelão do lugar. O fato foi publicado num suplemento do jornal cratense, no qual o sacerdote narra os atos de violência e arbitrariedade cometidos. Em uma nota de protesto, declara:

Sr. Redator – Não é a primeira vez que passamos a véspera de S. João nesta povoação e temos sempre sido testemunha da boa ordem e harmonia com que se congratula a gente do lugar; pelo menos temos bem presente o ano passado. Poucas noites temos visto mais belas, mais cheias de regozijo, nem um desastre, nem incidente funesto acontecido, passamos a noite na melhor tranquilidade. Outro tanto não acontece este ano, devido às tolices da nossa polícia.⁴⁴

O padre Almeida revela em sua narrativa que o clima vivenciado no povoado era de relativa normalidade com a realização das festas religiosas, eventos capazes de reunir um considerável número de pessoas como o São João, considerada a mais tradicional e popular do sertão brasileiro.

Noutro momento, o clérigo, conhecido por ser possuidor de uma personalidade antissocial e de poucos amigos, foi acusado em 1861 de apresentar-se como um professor violento e descuidado para com o ensino. Um morador do povoado, assinando apenas como “Um amigo”, publica no periódico cratense um pequeno artigo em que se manifesta com indignação: “[...] Pergunta-se ao senhor padre Antônio de Almeida (professor do Juazeiro) si é inimigo de prevaricação aquele professor que lasca a cabeça e manda para a casa os discípulos ensanguentados, como aconteceu a um filho de Gonçalo Cabral”⁴⁵

A acusação foi igualmente publicada no jornal *O Cearense*, na sessão “A pedidos”, com o título “*O professor do Juazeiro*” por iniciativa de um pai de aluno, o Sr. Gonçalo Cabral, morador do povoado, denunciando a pedagogia utilizada pelo pe. Almeida informando que seu filho, aluno daquele professor, teria sofrido agressão física quando o

⁴⁴ N° 227, 30/06/1860, p. 05.

⁴⁵ N° 253, 16/02/1861, p. 2.

clérigo “[...] em um dos acessos de impaciência e frenesi brutal, feriu a criança [...] que com a cabeça quebrada, com uma orelha partida, atravessou a povoação escorrendo em sangue”.⁴⁶

Anos depois, em 1864, a prática educacional do padre Almeida volta a ser duramente criticada num artigo publicado n’*O Araripe*, na sessão “A pedidos”, com autoria anônima. Diz “O matuto” que a

[...] povoação, situada em terreno aprazível, 3 léguas da cidade do Crato, tendo ao lado do Norte o fertilíssimo vale do rio batateiras e do Sul o inapreciável brejo da Timbaúba e contando em seus arredores proprietários abastados, promete um futuro lisonjeiro.

A Assembleia provincial criando aqui uma cadeira de instrução primaria, teria dado o primeiro passo para o engrandecimento desta localidade se um homem inábil para o magistério não tivesse ocupado essa cadeira.

Sim o sr. Padre Antônio de Almeida, atual professor primário desta povoação é o anjo mau que pesa sobre seu destino.⁴⁷

A atitude do pai, ao protestar através da imprensa da capital os métodos de ensino do professor e capelão do povoado, assim como outras narrativas sobre o contexto social e educacional do lugar, demonstra haver na localidade certa “regularidade social”, cuja população vivia suas vidas de forma ordeira e devotada ao trabalho, diferente, portanto, da realidade descrita pela historiografia de que ali o povo se encontrava entregue à desordem, bebedeira e outros vícios, sem lei, sem letras e sem Deus.

As notícias relativas a questões de violência e de cunho policial também circulam em jornais de Fortaleza. Em 1869, *O Cearense* recebe um relato enviado por um correspondente do Crato:

No dia 23 de junho, tradicionalmente consagrado a festivais e funções, foi na fase popular, verdadeiro dia aziago na povoação do Juazeiro, termo do Crato.

Em consequência de uma alteração havida entre Raymundo Gabriel e Joaquim Francisco de Lemos, este correu n’aquele três ou quatro facadas que ocasionaram-lhe a morte poucos dias depois.

Não foi, porém, esse fato o único lamentável que ali se deu. Manoel Dourado de Araújo, suplente de delegado d’aquele distrito, no propósito de capturar o assassino, deitou-se a correr no encalço deste e após uma violenta carreira, caiu extenuado pelo cansaço e um instante depois era cadáver!!!

⁴⁶ N° 1421, 08/03/1861, p. 3-4.

⁴⁷ N° 314, 09/07/1864, p. 03 e 04.

Uma apoplexia fulminante cortara-lhe o fio da existência consagrada em seus últimos instantes ao cumprimento de um penível dever.
Era um cidadão laborioso e morigerado, pai de onerosa família.⁴⁸

Constata-se, portanto, a presença da força policial atuando no combate à violência com a captura e encarceramento de criminosos e desordeiros tanto no povoado como em outras localidades da região marcadas por arbitrariedades cometidas pelos chamados coronéis, jagunços e cabras.⁴⁹

No entanto, é no campo religioso que melhor se traduzem o ritmo e a vivência do povoado. Em 1870, quando Cícero ainda era um seminarista e residia em Fortaleza, publica-se no jornal *A Voz da Religião no Cariri*⁵⁰ os preparativos para a festa de Nossa Senhora das Dores, padroeira da capela celebrada na primeira quinzena de setembro, na sessão “Festividade Religiosa”:

Hoje tem de começar com esplendor o septenário de N. S. das Dores em sua capela no povoado do Juazeiro, 3 léguas distante desta cidade.
É digno de encômios o gosto com que todos os homens de bem daquela localidade se tem quotizado para o exercício, não encarando dificuldades e nem furtando a qualquer sacrifício e mui particularmente o Senhor Semeão Correia de Macedo, sobre quem pesa a direção de toda festa.⁵¹

Na edição seguinte, tratando sobre a organização da festa é registrada a lista dos homens, moradores de Juazeiro, que participaram de cada noite, conforme quadro abaixo.⁵²

⁴⁸ N° 155, 16/07/1869, p. 01.

⁴⁹ Sobre o contexto de violência do Cariri, cf.: GALENO, Alberto Santiago. *Território dos coronéis*. 2ª ed. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1988; MACEDO, Joaryvar. *Império do Bacamarte: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense*. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1990.

⁵⁰ Publicado no Crato entre os anos de 1868 e 1870, tinha como redator José Marrocos.

⁵¹ *A Voz da Religião no Cariri* – Crato-CE, N° 72, 04/09/1879, p. 02.

⁵² N° 73, 18/09/1870, p. 02.

Quadro 1 - Noitários na festa de Nossa Senhora das Dores do povoado do Juazeiro -1870

Relação dos notários que festejam o Setenário das Dores na Capela do Juazeiro - 1870		
Juiz da Festa - Cap. DOMINGOS GONSALVES MARTINS		
1ª NOITE	2ª NOITE	3ª NOITE
Os habitantes da Povoação Herculano Jose da Lyra Bernardo Jose de Maraes (filhos/genros) Jose Cabral Rolim, Joaquim Cabral Rolim, Antônio da Franca Cabral	Antônio Francisco Manoel Ferreira João Antônio Teixeira Felix Noronha Jose Ferreira Manoel Ferreira Francisco Felix Joaquim Ferreira da silva Antônio Ferreira da silva Joaquim Ferreira da Silva Junior Joaquim Correia Coalheiros José Lourenço bandeira João Ferreira de Andrade José Ignácio	Felix Ribeiro (filhos e genros) Pedro Gonsalves Dias sobreira Jose Joaquim da Rocha
4ª NOITE	5ª NOITE	6ª NOITE
Bento Ferreira Nobre Manoel Ferreira Nobre Ignácio João Benedicto Gonsalves Sobreira Alferes Manoel da Cruz Alferes Jose Chavier Francisco Chavier Joaquim Thimotheo Antônio Gundes Manoel dos Santos e oliveira	Jose Mascarenhas Manoel Valério José Gansalves Domingos Guedes Manoel Januário Domingos Jose Pereira Manoel Lourenço Pedro Lopes	Alferes Leonel Dias Ferreira Sabino Filgueiras de Araújo Belarmino Dourado de Araújo José Dourado de Araújo Joaquim Ignácio de Figueiredo José Antônio de Chaves Antônio Fernandes da Silva Joaquim da Franca Cabral Joaquim Gonsalves Sobreira
7ª NOITE		
Ten. Cel. Joaquim Bezerra de Menezes Ten. Cel. Antônio Gonsalves Landim Major Pedro Bezerra Monteiro Cap. Leandro Bezerra de Menezes Capitão Jose Geraldo Bezerra Alferes Joaquim José da Rocha Alferes Jose Dias Guimarães		

FONTE: Elaborada pela autora a partir da notícia publicada no jornal A Voz da Religião do Cariri

A lista divulga os nomes daqueles que integram a elite do povoado de diversas famílias, num total de 57 sem mencionar filhos e genros, pondo em xeque a sedimentada afirmação de historiadores do Juazeiro de que ali havia apenas cinco linhagens: Os Gonçalves, Macedo, Sobreira, Landim e Bezerra de Menezes.⁵³ Revela, também, que havia

⁵³ Della Cava, 2014, p. 78.

certa preocupação com o envolvimento e participação da população durante as celebrações religiosas.

Finalizada a festa, o jornal cratense retoma o assunto com a seguinte notícia:

CULTO PÚBLICO – A festa do Setenário de Nossa S. das Dores que se celebrou em sua capela no Juazeiro, esteve muito concorrida e solene. Além de grande número dos habitantes do lugar que assistirão os últimos atos da festividade (Missa solene e procissão) compareceram muitos cidadãos distintos do Crato e Barbalha.⁵⁴

Na mesma edição, a banda de música do Internato do Crato⁵⁵ publica um agradecimento aos organizadores da festa de N. S. das Dores pela acolhida e hospitalidade, citando nominalmente alguns indivíduos da lista divulgada. Ressalta que os “[...] dias que tão depressa se passarão à sombra das mais primorosas hospitalidades foram outros tantos banquetes”.⁵⁶

Vale destacar que o nível de preparação e organização, deixando cada família responsável por uma noite de novena, tal como se faz ainda hoje estabelecendo um “juiz da festa”, convidando bandas de música para acompanhar o novenário e a própria descrição da missa e procissão de encerramento com participação de habitantes das localidades circunvizinhas, sintetiza o cenário de Juazeiro naquele momento.

Por fim, é importante ressaltar que, pelos menos desde 1868, o povoado já contava com os serviços de correio, conforme notícias publicadas em jornais da capital:

Correio – Hoje (14) às duas horas da tarde partem os estafetas para os seguintes pontos: Pacatuba [...] Lavras, Várzea Alegre, Umari, Venda, Barbalha, Missão Velha, Milagres, Crato, Brejo Grande, Serra de S. Pedro, Juazeiro, Limoeiro, Jardim, Porteiras e Brejo dos Santos.⁵⁷

⁵⁴ A Voz da Religião no Cariri, Nº 74, 25/09/1870, p. 02.

⁵⁵ A banda de música composta por alunos do colégio fundado por José Marrocos costumava participar das festas religiosas das paróquias e capelas da região do Cariri.

⁵⁶ O Araripe, op. cit., p. 03.

⁵⁷ Jornal do Ceará – CE, Nº 18, 24/01/1868, p. 03.

Entre os anos de 1848 e 1872, periódicos como *O Cearense*, *Estado do Ceará*, *O Libertador*, *Pedro II*, *Gazeta do Norte*, além dos de origem cratense como *O Araripe* e *A Voz da Religião do Cariri*, publicaram mais de uma centena de notícias a respeito de Juazeiro tratando dos mais diversos assuntos: eleições, violência, educação, religião etc., atestando que o povoado desfrutava de um contexto peculiar quando comparado aos demais lugares da região.

1.3.2 UMA FAMÍLIA DE PRESTÍGIO: A atuação política dos “Romãos” em Crato – Ceará

É certo que o padre Cícero ganhou projeção e prestígio nacional a partir da repercussão dos fatos sobrenaturais ocorridos no povoado de Juazeiro em 1889, tanto na oralidade como na imprensa brasileira. Sua defesa intransigente no que tange à veracidade dos acontecimentos indo até às últimas consequências - a perda das ordens sacerdotais -, fez dele o protagonista de maior visibilidade nesse tocante.

Assim como sucede com as narrativas sobre Juazeiro, construíram-se em torno do sacerdote representações diversas acerca de sua vida antes dos propalados milagres. A família, o nascimento, a infância e o sacerdócio se tornaram o enredo preferido de memorialistas, biógrafos, romancistas e acadêmicos que tentavam mostrar como a escolha do presbítero por aquele povoado “insignificante e inexpressivo” deu-se a partir de uma revelação de natureza mística.

Afirma-se que o menino Cícero Romão Baptista nasceu numa família “remediada”⁵⁸, de poucos recursos.⁵⁹ De acordo com o que se propaga seu pai era um pequeno e pobre comerciante e sua mãe, uma dona de casa.⁶⁰ No entanto, ao analisar o contexto sociopolítico do Crato no século XIX encontram-se os antepassados de Cícero ocupando cargos e funções relevantes revelando, dessa maneira, que provinha de uma família pertencente à elite local.

Seu avô e padrinho de batismo, capitão Romão José Baptista, era comandante de um esquadrão de milicianos montados. Fazendeiro, homem da elite cratense, participou

⁵⁸ BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo*. Bauru SP: EDUSC, 2008, p. 30.

⁵⁹ DINIS, Manoel Pereira. *Mistérios de Joazeiro. Juazeiro*: Tipografia do Juazeiro, 1935, p. 01.

⁶⁰ Oliveira, 1989, p. 292; Barbosa, 1992, p. 01.

ativamente de várias lutas e acontecimentos históricos no Ceará e em outras províncias, conforme informa o jornalista e redator do jornal cratense *O Araripe*, João Brígido dos Santos, numa série de publicações sobre a história do Cariri, em duas sessões: “Papeis Velhos”, com publicações de 1858 contendo ofícios, requerimentos e documentos oficiais e “Apontamentos para a história do Cariri”, em 1859, num total de 17 edições.⁶¹ Nessas colunas o jornalista narra acontecimentos históricos que tiveram repercussão no Cariri: a Revolução Pernambucana de 1817; a luta pela consolidação da Independência no Ceará, a Confederação do Equador.

Romão José Baptista era um latifundiário cratense, nascido em 1780.⁶² Nos “Apontamentos sobre a história do Cariri” seu nome surge como um membro atuante na guerra da independência do Brasil lutando nas províncias do Piauí, do Maranhão e do Ceará ao lado do capitão-mor do Crato, José Pereira Filgueiras.

Ocupando uma vaga na Câmara do Crato integrou o conselho de sentença do julgamento de Pinto Madeira, o qual fora acusado de traição por ter protagonizado, em 1832, uma sangrenta luta no Cariri pela volta de D. Pedro I.⁶³

Romão José Baptista teve três filhos: José Romão Noronha, Manoel Romão Baptista e Joaquim Romão Baptista.

Semelhantes ao pai, os irmãos Romãos, José Romão Noronha e Joaquim Romão Baptista, tio e pai do padre Cícero, respectivamente, tiveram uma significativa atuação política na sociedade cratense das décadas de 40, 50 e 60 do século XIX.

José Romão Noronha atuou politicamente no Crato ocupando, na década de 1840, uma vaga na câmara municipal como vereador, tornando-se presidente daquele órgão.⁶⁴ É suspenso do cargo pelo presidente da província “[...] por haver feito figurar na queixa contra o alferes Xilderico Cícero de Alencar Araripe [...]”.⁶⁵

⁶¹ Esses apontamentos foram publicados no Diário de Pernambuco, Nº 261, 12/11/1861, p. 8 e, em 1888, publicado em livro.

⁶² Anselmo, 1968, p. 16.

⁶³ *O Araripe*, Nº 190, 04/06/1859, p. 01. Para saber mais sobre esse assunto, cf.: GIRÃO, Raimundo; MARTINS Filho, Antônio (organizadores). *O Ceará*. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1945; BRITO, Sócrates Quintino da Fonseca. *A rebelião de Joaquim Pinto Madeira: fatores políticos e sociais*. Projeto Petrônio, 1985. (este último livro foi resultado da dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em História da Universidade Federal de Santa Catarina, 1979). Disponível em: <https://tinyurl.com/yxhrcd8o>.

⁶⁴ *O Cearense*, Nº 04, 25/10/1846, p. 02.

⁶⁵ Tristão Gonçalves Pereira de Alencar Araripe é neto de Bárbara de Alencar. (*O Cearense*, Nº 120, 27/01/1848, p. 04).

Em 1856, nas eleições para vereador e juiz de paz do Crato recebe 854 votos, tornando-se o político mais bem votado do município, permanecendo no cargo até 1860 quando morre sob suspeita de envenenamento.⁶⁶

A morte de José Romão Noronha provoca um dos maiores e mais ruidosos debates políticos entre conservadores e liberais da província do Ceará. A princípio, achava-se que teria sido decorrente de problemas estomacais, porém, não demorou muito para que adeptos do Partido Liberal ao qual pertencia a família Romão, presumisse que o óbito tivesse sido encomendado pelo Partido Conservador.⁶⁷

O caso foi amplamente difundido na imprensa, tanto nos jornais locais como em folhas de Fortaleza e da capital federal. O *Diário do Rio de Janeiro* informa que “[...] falecera o juiz de paz mais votado do Crato Jose Romão de Noronha. Atribuíram alguns a envenenamento”.

68

Na edição posterior, mais detalhes do acontecimento são informados:

Morreu igualmente no Crato, Jose Romão de Noronha, 1ª juiz de paz, que presidiu a eleição de setembro, em que os liberais tiveram o mais completo e mais legal triunfo, pelo que os conservadores protestaram que não havia de fazer a de dezembro.

Segundo o que do Crato se tem mandado dizer para aqui e mesmo se tem ali publicado no *Araripe*, o infeliz Romão foi envenenado. Esta imputação para mim não tem valor, por que não acho bem deduzidas as provas que apresentam para fazer acreditar. Assim, pensando, não defendo os saquaremas dali, visto que, esses meus senhores, são sempre os mesmos em toda parte, vamos, porém, aos fatos.

Achava-se Jose Romão no conselho deliberativo do júri e desejando beber água, pediu-a a um oficial de justiça, que lhe forneceu, indo busca-la em uma casa vizinha; desde então começa a sofrer e o seu incomodo aumentou a ponto de leva-lo à sepultura.

Os parentes e amigos do finado dizem que o veneno fora propinado na agua e o oficial de justiça, sobre quem recaíram todas as suspeitas, foi preso, interrogado e hoje acha-se solto por *habeas corpus* que o juiz de direito Dr. Sette lhe concedeu. O médico encarregado do tratamento foi também interrogado, mas nada adiantou que pudesse encaminhar a imparcial polícia do Crato no descobrimento deste crime honroso.⁶⁹

⁶⁶ Pedro II – CE, Nº 1634, 19/11/1856, p. 04.

⁶⁷ Essa não foi a única morte provocada por motivações políticas no Crato. Em 1856, durante eleição realizada na Igreja de Nossa Senhora da Penha, um eleitor do Partido Liberal, José Gonçalves Landim, foi assassinado por forças policiais. A acusação recaiu sobre um soldado do governo do Partido Conservador. Para saber mais sobre esse episódio, ver: Alexandre, Jucieldo Ferreira. *Uma carnificina eleitoral: disputas políticas no Crato e eleições em meados do século XIX*. Revista Historiar, Vol. 07, N. 12, Ano 2015.1. p. 82-94. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4r7tgku>

⁶⁸ Nº 274, 29/11/1860, p. 2.

⁶⁹ Nº 275, 30/12/1860, p. 02.

O assunto foi bastante debatido entre os jornais *O Araripe*, porta-voz do Partido Liberal e a *Gasetta do Cariri*⁷⁰, do Partido Conservador, com publicações dos depoimentos de médicos, notas de protesto e de esclarecimento.

Em 15 de dezembro, o pai de Cícero, Joaquim Romão Baptista, publica um protesto na coluna “publicações a pedidos” do jornal *O Araripe*, na qual rebate um artigo que teria circulado no jornal opositor. Na nota esclarece que: “[...] Tendo lido no nº 10 da *Gasetta do Cariri* (Caiporão) de 24 de novembro p.p. – O Passageiro – que diz ouvira ao reverendo sr. Limaverde dizer sobre a morte do nosso irmão e amigo José Romão Noronha”.⁷¹

Rechaçando a declaração feita pelo padre Limaverde de que a acusação de envenenamento era um embuste e que o médico dr. Manoel Marrocos Telles teria tratado, apenas, de uma pneumonia, afirma que:

Nós, irmãos sempre amigo e unido, morando quase vizinho, nunca dele tivemos notícia. É verdade que o nosso finado irmão sempre gozou saúde e robustez, até o dia em que, na sala das sessões do júri desta cidade, bebeu o fatal copo d’água e logo sentindo-se incomodado, caiu doente e morreu!
O nosso parente dr. Marrocos nunca curou de moléstia alguma e como fará este prognostico?
Protestamos contra semelhantes escritos, com fim talvez de encobrir um negro crime. O nosso finado irmão não tinha a mínima intriga com pessoa alguma, o seu único delito era ser juiz de paz mais votado.
Esperamos da alta justiça de Deus a punição dos delitos e que não desampara os aflitos e inocentes.
Crato, 29 de novembro de 1860.
Joaquim Romão Baptista.

O pai de Cícero subscreve a declaração de protesto envolvendo-se na disputa política entre liberais e conservadores, numa manifestação clara de que não estava alheio aos acontecimentos políticos do lugar. Tal como o tio, mantinha na sociedade e na política sua cota de influência quanto à elite local, ocupando cargos públicos como o de suplente de delegado do Crato, nomeado pela portaria de 03/10/61⁷² ou figurando em listas de eleitores.⁷³

⁷⁰ Jornal do Partido Conservador, publicado aos sábados na cidade do Crato. Não está disponível na BNHD. Porém, como o referido jornal polemizava com *O Araripe*, pode-se ter acesso a muitos assuntos que costumava abordar.

⁷¹ *O Araripe*, Nº 246, 15/12/1860, p. 02.

⁷² *O Cearense*, Nº 1484, 15/10/1861, p. 01.

⁷³ *O Araripe*, Nº 205, 19/11/1859, p. 4; Nº 270, 23/11/1861, p. 01.

Filiado ao Partido Liberal, atuava como uma liderança de renome no cotidiano da cidade assinando, inclusive, uma nota de apoio publicada no jornal *O Cearense* intitulada “As manifestações políticas”, subscrita por mais 114 cidadãos do Crato e de Juazeiro.

O PARTIDO LIBERAL DO CRATO EM RESPOSTA AO “COMMERCIAL” E AO PRESIDENTE SR. Silveira Souza

Profundamente sentidos os abaixo assinado das desavenças, que ora agitam a capital desta província sobre quem deve ser reconhecido por chefe do grande partido liberal [...] vão pelo presente declarar que, eles reconhecem por chefe supremo do partido ao Ex. se. Senador Jose Martiniano de Alencar e em toda esta província o Ilmo. Sr. Dr. Thomas Pompeu de Souza Brasil, redator denodado do *Cearense*.

Cidade do Crato em 18 de março de 1859.⁷⁴

Tais ocorrências servem para demonstrar que, diferentemente daquilo que se notabilizou na historiografia do padre Cícero, sua família não era tão modesta e mediana quanto se pensava. Ao ocupar uma posição social de destaque no âmbito da cidade do Crato, cuidava para relacionar-se bem com a aristocracia local, ao mesmo tempo em que influenciava a política do município e, também, do estado.

A atividade principal de Joaquim Romão Baptista, no entanto, era o comércio. *O Araripe*, na sessão “Anúncios”, registrou alguns avisos: “Em casa de Joaquim Romão Baptista, vende-se procurações seladas e sem selo”.⁷⁵ O negócio parecia ser um tanto diversificado: “[...] vende-se umas canas por preço cômodo, a prazo suficiente, em lugar bem garantido de destruições e que podem ser aproveitadas em tempo próprio de rendimento. A pessoa que pretende dirija-se a casa de Joaquim Romão Baptista nesta cidade”.⁷⁶

Em 1861, quando perde uma égua da raça azulão, o referido comerciante publica um anúncio no jornal de Fortaleza, o *Pedro II*:⁷⁷

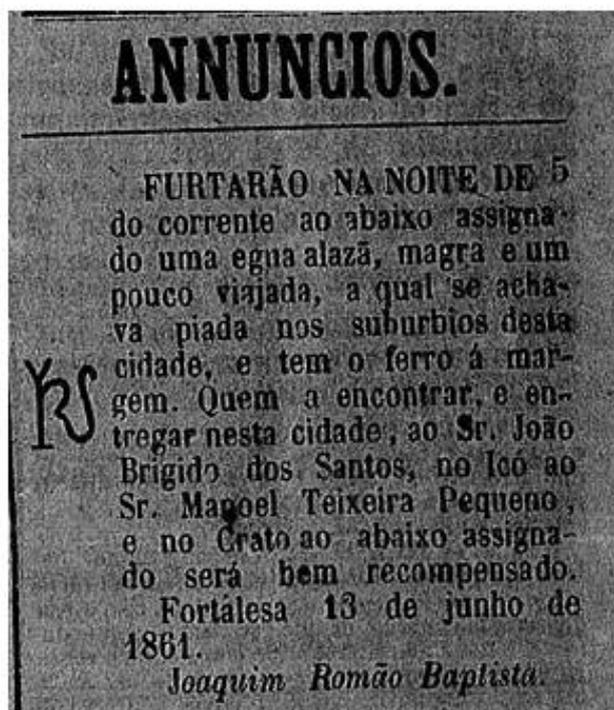
⁷⁴ Nº 1226, 20/05/1859, p. 01.

⁷⁵ Nº 162, 02/10/1858, p. 4; Nº 164, 16/10/1858, p. 04.

⁷⁶ Nº 177, 19/02/1859, p. 04.

⁷⁷ Nº 141, 21/06/1861, p. 03.

Figura 1 - Anúncio publicado pelo pai do padre Cícero no jornal Pedro II de Fortaleza em 1861



FONTE: Jornal Pedro II - BNDH

Não é possível inferir em que condições o animal foi furtado, se Joaquim Romão encontrava-se em Fortaleza ou se havia comprado e esperava receber a encomenda, indicando, dessa maneira, que o ofício de que se ocupava ultrapassava as fronteiras do Crato ao anunciar num jornal da capital.

Outro elemento importante no que tange à compreensão do papel sociopolítico e econômico da família de Cícero Romão Baptista, diz respeito à repercussão da morte de seu pai. Em 1862, o Cariri viu-se acometido por um surto epidêmico da Cólera *Morbus*⁷⁸ sendo o Crato uma das cidades mais vitimadas pela doença. Parte considerável da população falecera sem chances de cura. Pobres e ricos, negros e brancos, homens e mulheres: a moléstia não fazia distinção de cor, sexo, posição social. O pai de Cícero, contagiado na ocasião, tem sua morte noticiada no *Cearense* no dia 15 de julho daquele ano: “[...] mais dois cidadãos

⁷⁸ Durante a vigência da Cólera muitos foram vitimados num curto intervalo de tempo. Além do pai do padre Cícero, morreu o seu tio Manoel Romão Rodolpho. Para saber mais acerca da epidemia, ver: ALEXANDRE, Jucieldo Ferreira. *Quando o anjo do extermínio se aproxima de nós: representações sobre a cólera no semanário cratense O Araripe (1855-1864)*. João Pessoa, 2010. 257f. Dissertação (Mestrado em História e Cultura Histórica) - Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/6019>

prestimosos sucumbiram à maldita epidemia na cidade do Crato, os senhores Antônio Ferreira Lima e Joaquim Romão, membros do distinto partido liberal”.⁷⁹

João Brígido, em carta enviada à redação do *Cearense* relata que “[...] a cólera fez aqui o seu quarto minguante [...] só no Crato passa de 900 o número dos mortos”.⁸⁰ E complementa, ainda: “[...] morreram nossos amigos Antônio Jose Carvalho, padre Marrocos, Sucupira, Joaquim Romão, Jose Martiniano, capitão Antônio Correia [...]”.

Em um dos editoriais do jornal *O Araripe* de 23 de agosto de 1862, no qual esclarece que por causa da epidemia deixou de publicar por algum tempo, Brígido menciona algumas vítimas lamentando a partida delas:

[...] muitos nomes ilustres nesta terra, pelas suas relações, pelos seus serviços e pelas afeições que deixaram, estão hoje escritos no livro da morte [...] não existem os nossos especiais amigos, sr. Antônio Jose de Carvalho, membro do conselho diretor do partido liberal, padre mestre Marrocos, sacerdote virtuoso, sr. *Joaquim Romão Baptista, um dos corações mais bem formados que o Crato possuía [...]*.⁸¹

Entre os milhares de mortos em todo o Cariri, o realce do nome de José Romão Baptista denota que ele gozava de reconhecimento público perante a elite política estadual e local, ficando patente que não se tratava de um simples e modesto comerciante do Crato, mas, de um indivíduo que frequentava os ambientes destinados às classes mais abastadas.

A morte do pai impactou profundamente a vida de Cícero que, àquela altura dos acontecimentos estudava no Colégio Padre Rolim, na cidade de Cajazeiras, Paraíba.⁸² A surpresa o obrigou a abandonar os estudos para cuidar da mãe e das duas irmãs. De acordo com a historiografia, Cícero ficou no Crato até 1865 quando, com a ajuda do seu padrinho de crisma, cel. Antônio Luiz Alves Pequeno, ingressa no seminário de Fortaleza na sequência.

⁷⁹ O *Cearense*, Nº 1533, 15/07/1862, p. 01.

⁸⁰ Nº 1535, 29/07/1862, p. 03.

⁸¹ Grifo meu.

⁸² O Colégio Padre Rolim recebia os filhos da elite de toda essa parte do sertão paraibano e de outros estados vizinhos, portanto, o fato de Cícero estudar num estabelecimento desse porte sinaliza que usufruía de certa condição financeira que lhe permitia manter-se numa escola da rede privada, longe de casa. Para saber mais sobre o padre Rolim e seu colégio, ver: GOMES, Eunice Simões Lins. *Padre Inácio de Sousa Rolim: o educador/sacerdote e as estruturas de sensibilidade*. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/download/17475/9974>

Em novembro de 1870, como parte do ritual de ordenação, participou de três cerimônias na capela da Conceição da Prainha: dia 20, recebe ordens de subdiácono; dia 27 é ordenado diácono e, finalmente, dia 30, torna-se padre:

A ordem de presbítero: Os Revdo. Diáconos: Joaquim Antunes de Oliveira, Cícero Romão Baptista, Cincinato do Carmo Chaves, Antônio Bezerra de Menezes, Joaquim Roiz de Menezes Silva, João P. Barboza, Jose Lourenço da Costa Aguiar, Raymundo da Costa Moreira, José Silvino de Maria e Vasconcellos, Joaquim Romualdo de Hollanda, e da diocese de Pernambuco, Sebastião Constantino de Medeiros, José Ferreira da Silva, Francisco Raymundo da Cunha Pedrosa, João Augusto do Nascimento Pereira, Manoel José Martins Carvalho, Floriano Belmiro da Costa Silva, Verissimo da Silva Pinheiro.⁸³

Após ser ordenado, o agora padre Cícero retorna ao Crato, sua terra natal, para celebrar na matriz de Nossa Senhora da Penha sua primeira missa em 08 de janeiro de 1871.

84

Esse é o começo de uma longa e polêmica história, cujas tramas e enredos produzirão múltiplas e constantes narrativas.

A tese está estruturada em duas partes, cada uma com dois capítulos. Na primeira delas, intitulada **A BATINA FEZ O PADRE, O MILAGRE FEZ O SANTO: A projeção do padre Cícero na imprensa a partir dos “milagres do Juazeiro”** analisa-se as narrativas que circularam na imprensa referentes ao padre Cícero antes e depois das ocorrências e a ampla divulgação dos chamados “fatos extraordinários do Juazeiro”.

No primeiro capítulo - **DA CONSTRUÇÃO DO SANTO À CONDENAÇÃO DO PADRE**: narrativas do capelão Cícero antes da condenação da Igreja aos milagres do Juazeiro - são analisadas as atividades religiosas do clérigo a partir das notícias que circularam na imprensa desde sua ordenação até a emissão do decreto da Santa Sé condenando os fatos

⁸³ Também publicado em *A Constituição* - CE, Nº 217, 01/12/1970, p. 1 e *Diário de Pernambuco* - PE, Nº 278, 07/12/1970, p. 01.

⁸⁴ MENEZES, Otávio Aires de. *O Joazeiro antigo: história do padre Cícero, seu povo e sua cultura*. Fortaleza: Gráfica LCR, 2012, p. 46.

extraordinários do Juazeiro, em 1894. Aqui são verificadas as estratégias utilizadas na divulgação dos acontecimentos buscando identificar o lugar assumido pelos principais personagens, sobretudo, o padre Cícero e a forma como foi narrado ao longo de sua trajetória, envolvendo-se e sendo envolvido nas teias de notícias em torno do fenômeno religioso com base nas tessituras construídas pela imprensa.

No segundo capítulo, **DE SANTO A CONSPIRADOR DA REPÚBLICA: A instauração do debate maniqueísta em torno do padre Cícero** – discute-se as narrativas acerca do fenômeno extraordinário do Juazeiro após sua condenação por parte da Santa Sé em 1894. O intuito, nesse tocante, é o de compreender como tais narrativas sobre os fatos se deslocam da beata Maria de Araújo para o padre Cícero concedendo-lhe o lugar de protagonista na medida em que, apesar do “silêncio subsequioso” exigido pela Igreja, não se porta como os demais sacerdotes que se retratam publicamente. Ao contrário, o padre Cícero, ao lado de José Marrocos, faz apelações indo até Roma.

Ainda nesse capítulo se analisa a instauração da guerra narrativa a respeito dos fatos e do padre Cícero dentro de uma perspectiva maniqueísta, assim como os primeiros relatos acusatórios e debochados sobre o sacerdote.

Na segunda parte - **NA RELIGIÃO, SANTO! NA POLÍTICA, CORONEL:** representações e ressignificações do padre Cícero político -, também composta por dois capítulos, busca-se analisar a construção das múltiplas representações do sacerdote a partir de sua inserção no mundo da política partidária.

No terceiro capítulo, são analisadas as narrativas em torno do embate político situado entre os anos de 1900 a 1914, período em que o sacerdote ingressa paulatinamente na política partidária assumindo os cargos de Intendente do Juazeiro e 3º vice-presidente do Ceará.

Intitulado **DA POLÍTICA DO PADRE AO PADRE POLÍTICO:** o debate jornalístico em torno da atuação política do padre Cícero, nele são discutidas as tramas políticas nas quais o padre se envolveu e foi envolvido desde o seu engajamento na campanha eleitoral para presidente da República, em 1910, até os embates políticos cearenses que culminaram na eclosão da guerra civil do Ceará a partir da imprensa, buscando compreender como esta interpretou e ressignificou o papel do sacerdote naquele episódio.

No quarto e último capítulo - **NA TRAGÉDIA E NA COMÉDIA:** representações e ressignificações do padre Cícero nas manifestações artísticas – poesia, teatro, carnaval e charges - são analisadas as representações do sacerdote a partir da arte, da comédia e da

charge, sua atuação nas intrigas partidárias e a conseqüente participação na guerra civil do Ceará entre dezembro de 1913 e março de 1914.

Por fim, na tentativa de proporcionar uma melhor leitura e compreensão da tese, optou-se por atualizar a grafia de todas as notícias de jornais nela utilizada.

2 PRIMEIRA PARTE - A BATINA FEZ O PADRE, O MILAGRE FEZ O SANTO:

Narrativas, representações e ressignificações do padre Cícero na imprensa (1870-1899).

Composta por dois capítulos, aqui se discute a presença do padre Cícero na imprensa desde sua ordenação sacerdotal até a sua transformação num dos sacerdotes sertanejos mais noticiados na imprensa. Serão analisadas as narrativas produzidas com foco na construção de múltiplas representações e ressignificações do sacerdote a partir de sua atuação na defesa dos fatos extraordinários do Juazeiro.

2.1 PRIMEIRO CAPÍTULO - DE PADRE A SANTO: da ordenação à repercussão na imprensa dos “milagres do Juazeiro”

Quando em 1889 o periódico cearense *Pedro II*⁸⁵ noticia que “[...] na povoação do Juazeiro, termo do Crato, existe uma mulher moça, de reconhecidas virtudes [...] que desde algum tempo, a datar de sexta-feira santa do corrente ano, nas confissões que faz, por ocasião de commungar, a partícula sagrada desfaz-se em sangue”⁸⁶, a história dos “milagres do Juazeiro” ganha repercussão dentro e fora do Brasil modificando a vida do povoado e dos seus protagonistas, mas, sobretudo, do jovem sacerdote Cícero Romão Baptista.

Ordenado em 1870, o padre Cícero era, até aquele momento, apenas o capelão de um povoado do interior do Ceará. Despontando aqui e acolá em notícias sobre o Crato, o sacerdote será transformado, desde a repercussão dos “milagres do Juazeiro”, num dos sertanejos mais reverenciados, noticiados e debatidos do sertão brasileiro.

Objetiva-se, nesse capítulo, discutir o processo de construção da fama e do prestígio do padre Cícero a partir da publicização dos chamados “milagres do Juazeiro” na imprensa brasileira. Com esse propósito, alguns questionamentos podem ser ventilados: De que forma a divulgação dos fatos de Juazeiro contribuíram para a construção da fama do padre Cícero? Quais as narrativas e representações sobre o sacerdote que circularam na imprensa nas últimas

⁸⁵ Órgão do Partido Conservador fundado em setembro de 1840. In: STUART, Guilherme. *Para a História do Jornalismo Cearense - 1824-1924*. Fortaleza: Tipografia Moderna, 1924, p. 31. Disponível em: <http://ufdc.ufl.edu/AA00000264/00001/76>

⁸⁶ Pedro II - CE, Nº B006, 19/07/1889, p. 02.

décadas do século XIX? Que tramas e polêmicas envolveram sua pessoa transformando-o num dos maiores ícones dos sertões brasileiros? Como e em quais circunstâncias as notícias de um povoado do interior do Ceará ganharam tanta repercussão na imprensa brasileira? Que personagens figuravam por trás de tais notícias e quais os seus interesses?

2.1.1 ENTRE O DESEJO E A MISSÃO: A decisão do padre Cícero em exercer o sacerdócio no povoado do Juazeiro.

Em novembro de 1870, jornais de Fortaleza e Recife publicam a ordenação sacerdotal de vários jovens seminaristas. A cerimônia ocorreu na capela da Conceição da Prainha em três momentos distintos: no dia 20, recebe ordens de subdiácono; dia 27 é ordenado diácono e, finalmente, dia 30, recebe:

A ordem de presbítero: Os Revdo. Diáconos: Joaquim Antunes de Oliveira, Cícero Romão Baptista⁸⁷, Cincinato do Carmo Chaves, Antônio Bezerra de Menezes, Joaquim Roiz de Menezes Silva, João P. Barboza, Jose Lourenço da Costa Aguiar, Raymundo da Costa Moreira, José Silvino de Maria e Vasconcellos, Joaquim Romualdo de Hollanda, e da diocese de Pernambuco, Sebastião Constantino de Medeiros, José Ferreira da Silva, Francisco Raymundo da Cunha Pedrosa, João Augusto do Nascimento Pereira, Manoel José Martins Carvalho, Floriano Belmiro da Costa Silva, Verissimo da Silva Pinheiro.⁸⁸

Segundo o historiador Ralf Della Cava⁸⁹ os planos do jovem sacerdote eram de fixar residência em Fortaleza e tornar-se professor do Seminário Diocesano da Prainha. Contudo, em 1872, aceita o convite para ser o capelão do povoado de Juazeiro mudando-se com a família - a mãe, duas irmãs e uma ex-escrava - em 11 de abril.⁹⁰

Analisar as narrativas sobre essa mudança de atitude é importante para compreender toda a historiografia construída sobre o sacerdote. A vasta produção historiográfica e biográfica que versa a respeito do padre Cícero elege como resposta para tais indagações a

⁸⁷ Grifo nosso.

⁸⁸ Também publicado em: *A Constituição* - CE, Nº 217, 01/12/1970, p. 1 e *Diário de Pernambuco*, - PE, Nº 278, 07/12/1970, p. 01.

⁸⁹ O autor esclarece que sua narrativa baseia-se em depoimentos orais. (2014, p. 56)

⁹⁰ Pinheiro, 2010, p. 133.

narrativa de um sonho que o sacerdote tivera na noite de Natal de 1871. O sonho, narrado pela primeira vez no livro “Mistérios do Juazeiro”, publicado em 1935 pelo memorialista Manoel Dinis, informa que o autor ouviu do próprio padre Cícero a seguinte narrativa:

Viu em sonho que se achava sentado à cabeça de uma grande mesa de escola antiga. [...] Viu no mesmo sonho que entrava na sala do dito professor os doze Apóstolos de Jesus Cristo, tendo à frente o próprio Coração de Jesus. Todos tinham grande estatura e se puseram em pé aos lados da mesa, enquanto o coração de Jesus, colocando-se por detraz do Padre Cícero, disse-lhe em voz forte e temível: “Eu estou muito magoado com as ofensas que os homens me tem feito e me fazem diariamente. Vou fazer um esforço pela salvação de todos, mas, senão quiserem se corrigir, acabarei o mundo. E quanto a ti (disse, dirigindo-se ao Padre) toma conta destes. E o padre viu que começavam a entrar na dita sala diversos indivíduos particularmente sertanejos mal vestidos e mal calçados”.⁹¹

O relato do sonho/revelação⁹² é considerado o fato determinante para sua decisão de residir em Juazeiro dedicando-se ao povo pobre do lugar. À narrativa do sonho, a escritora e afilhada do padre Cícero, Amália Xavier de Oliveira, acrescenta que o sacerdote atendeu ao convite do professor do povoado, Semeão Correia de Macedo⁹³, para celebrar a Missa do Galo.⁹⁴

Considerado pela historiografia “Ciceriana” como o ato fundante do lugar, é válido, à luz das notícias publicadas nos periódicos da época e em livros biográficos que circularam quando o sacerdote ainda estava vivo e do acesso a novas fontes, suscitar questionamentos acerca do tema.

O principal deles diz respeito à data do sonho, referenciado no Natal de 1871. Sobre a menção dessa data é possível afirmar, a partir da análise de novas fontes, que naquele período o padre Cícero não estava no Cariri, pois, se encontrava numa missão que lhe fora destinada pelo então bispo do Ceará, Dom Antônio Luiz dos Santos, no norte do Ceará, mais precisamente no município de Trairi. A hipótese em questão começou a ser levantada a partir

⁹¹ DINIS, Op. cit., p. 10.

⁹² Não obstante a importância desse fato e tendo o padre Cícero deixado um testamento no qual esclarece várias passagens de sua vida enquanto sacerdote e político, não se têm, até hoje, nenhum documento no qual o sacerdote faça a narrativa do sonho. Porém, além de Manoel Dinis, outros autores declaram em seus livros terem ouvido a narrativa do sonho do próprio padre Cícero, por exemplo, o padre Azarias Sobreira.

⁹³ Segundo professor do povoamento era um dos homens mais ricos do lugar e um importante morador de Juazeiro, tendo assumido o cargo em 30 de novembro.

⁹⁴ Oliveira, 1989, p. 47.

da seguinte nota: “[...] Entrado anteontem no norte no vapor *Ipojuca*: Padre Cicero Romão Baptista [...]”, publicada em dois jornais da capital cearense.⁹⁵

As notícias supramencionadas foram publicadas nos dias 18 e 19 de janeiro de 1871, informando que o padre Cícero desembarcou no dia 15 do mesmo mês vindo do norte, indicando, portanto, a inviabilidade do sacerdote ter celebrado a missa do Natal daquele ano no povoado do Juazeiro, retornado em seguida e num período de menos de vinte dias já se encontrar na capital.

De posse dessa informação, buscamos outras fontes que pudessem confirmar, ou não a nossa suposição. Ao consultar as notícias publicadas nos periódicos cearenses no ano de 1871 sobre o Cariri, verificou-se no primeiro semestre do referido ano a participação do padre Cícero em diversas atividades educacionais e religiosas na cidade do Crato:

Em 02 de fevereiro participa da abertura do ano letivo do Internato Coração de Maria, juntamente com Jose Marrocos, vice-diretor, onde passa a exercer a função de mestre.⁹⁶

Em abril, durante as celebrações religiosas da Semana Santa, toma parte na procissão dos passos, proferindo um [...] sermão, quazi de improviso, primou pela concisão do estylo e pelo pathetico, com que pintou os transes dolorosos do Homem das Dores.⁹⁷

Em 04 de junho nas celebrações dedicadas à Maria Santíssima, participa como um dos oradores, ocasião em que [...] elevou-se a altura do panegiryci à mais sublime das criaturas.⁹⁸

Já no segundo semestre, o nome do sacerdote não é mencionado em nenhuma notícia, levando a supor que não mais se encontrava no Cariri.

Outra informação relevante foi colhida em dois livros biográficos escritos por dois jornalistas que estiveram com o sacerdote e o entrevistaram na década de 1920. O primeiro deles, publicado em 1922 por Leopoldino Costa Andrade, traz o título “Sertão a Dentro (alguns dias com o Padre Cícero)”. Já o segundo, de autoria de Reis Vidal, publicado em 1936, tem o título “Padre Cícero: Joaseiro visto de perto - o padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra”.

⁹⁵ A Constituição - CE, Nº 13, 18/01/1972, p. 02;

⁹⁶ O Cearense – CE, Nº 23, 26/02/1871, p. 03.

⁹⁷ O Cearense – CE, Nº 44, 17/04/1871, p. 03.

⁹⁸ O Cearense – CE, Nº 74, 29/06/1871, p. 02.

Segundo Andrade, o bispo do Ceará, Dom Antonio Luiz, o encarregou de uma “[...] missão no norte do Estado, compreendendo a vila de Trairi e Inundaí e mais povoações vizinhas, ai demorando-se dois meses. No ano de 1872 voltou ao Crato e, a pedido de amigos, foi ser capelão da atual grande cidade de Juazeiro”.⁹⁹ Por sua vez, Reis Vidal afirma que após

“[...] curta estadia no Crato, o padre Cícero retornou a Fortaleza, onde lhe foi cometida impositiva missão religiosa no norte do Estado [...]. Tendo desempenhado cabalmente aquela incumbencia, recebeu como prêmio dos seus serviços a nomeação para o honroso cargo de capelão do Juazeiro, onde chegou a 11 de abril de 1872.”¹⁰⁰

De posse dessa informação, nos debruçamos sobre a pesquisa dos registros de batizado realizados no segundo mestre de 1871 na paróquia de Trairi.¹⁰¹ Neles verificou-se que entre outubro do referido ano e janeiro de 1872, o padre Cícero fez batizados em paróquias e capelas daquele município, inclusive, no dia 25 de dezembro, o sacerdote realizou mais três, conforme se vê na página 151 do livro de registro sacramental:

⁹⁹ ANDRADE, Leopoldino Costa. *Sertão a Dentro (alguns dias com o Padre Cícero)*. Typografia Coelho: Rio de Janeiro, 1922, p. 152. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6fd8n3y>. Acesso em 13 jul 2018.

¹⁰⁰ VIDAL, Reis. *Padre Cícero: Joazeiro visto de perto - o padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra*. Edições ARGUS: Rio de Janeiro, 1936, p. 30. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxtpg3xs>. Acesso em: 13 jul 2018.

¹⁰¹ A pesquisa foi realizada no site: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939V-BB9V-LJ?i=110&cc=2175764&cat=1183279>.

Figura 2: Batizados realizados no dia 25/12/1871 pelo padre Cícero em Trairi

Thereza, parda, filha natural de Antônio de Brito Moraes de Jesus, nasceu em vinte e dois de março de 1871 e foi batizada solenemente pelo Reverendo Padre Cícero Romão Baptista, no dia 25 de dezembro do mesmo ano. Padrinhos Miguel Correia Lima, Maria Joaquina da Conceição, em que para em todo tempo constar, mandei fazer assento que assento.

Vigário Francisco José da Silva Carvalho

THEREZA, parda, filha Antônio de Brito Moraes de Jesus, nasceu em vinte e dois de março de 1871 e foi **batizado solenemente pelo Reverendo Padre Cícero Romão Baptista no dia 25 de dezembro do mesmo ano**. Padrinhos Miguel Correia Lima e Maria Joaquina da Conceição, em que para em todo tempo constar, mandei fazer assento que assento.

Vigário Francisco José da Silva Carvalho

Maria, parda, filha legítima de Lourenço Justiniano Filho e Maria Edith da Conceição, nasceu em vinte e cinco de agosto de 1871 e foi batizada solenemente pelo Reverendo Padre Cícero Romão Baptista, no dia 25 de dezembro do mesmo ano. Padrinhos Raimundo Xavier de Souza e Josefa Xavier de Souza, em que para em todo tempo constar, mandei fazer assento que assento.

Vigário Francisco José da Silva Carvalho

MARIA, parda, filha legítima de Lourenço Justiniano Filho e Maria Edith da Conceição, nasceu em vinte e cinco de agosto de 1871 e foi **batizado solenemente pelo Reverendo Padre Cícero Romão Baptista no dia 25 de dezembro do mesmo ano**. Padrinhos Raimundo Xavier de Souza e Josefa Xavier de Souza em que para em todo tempo constar, mandei fazer assento que assento.

Vigário Francisco José da Silva Carvalho

Joanna, parda, filha legítima de Francisco Carneiro Cunha e Joanna Alencar de Graco, nasceu em vinte e cinco de agosto de 1871 e foi batizada solenemente pelo Reverendo Padre Cícero Romão Baptista, no dia 25 de dezembro do mesmo ano. Padrinhos Francisco Almeida e Aumira Duarte, em que para em todo tempo constar, mandei fazer assento que assento.

Vigário Francisco José da Silva Carvalho

Joanna, parda, filha legítima de Francisco Carneiro Cunha e Joanna Alencar de Graco, nasceu em vinte e cinco de agosto de 1871 e foi **batizado solenemente pelo Reverendo Padre Cícero Romão Baptista no dia 25 de dezembro do mesmo ano**. Padrinhos Francisco Almeida e Aumira Duarte em que para em todo tempo constar, mandei fazer assento que assento.

Vigário Francisco José da Silva Carvalho

FONTE: Livro de batismo 1870, Já-1884, Jul. – Trairi, in: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939V-BB9K-8R?i=81&cc=2175764&cat=1183279>, p. 82.

Portanto, constata-se que no Natal de 1871 o padre Cícero se encontrava em missão sacerdotal no município de Trairi e não no povoado de Juazeiro, conforme registra a historiografia local.

Esse fato, porém, não descarta a possibilidade de ter sido o sonho/revelação a maior motivação para a decisão de exercer seu sacerdócio naquele povoado. Contudo, é possível aventar outras motivações que levaram o padre Cícero a se estabelecer em Juazeiro, verificando com mais atenção o documento intitulado “Exposição dos fatos extraordinários ocorridos com a beata Maria de Araújo”, entregue ao bispo diocesano em 1891¹⁰² no qual o sacerdote declara:

Conheço, Excelentíssimo Senhor, a Maria de Araújo, desde menina, isto é, desde a idade de oito a dez anos, quando a confessei para fazer ela sua primeira comunhão. Notando eu então as melhores disposições daquela menina para a vida interior, aconselhei-a a se consagrar a Nosso Senhor; o que ela executou do modo o mais íntimo e perfeito, considerando-se desde aquela data como uma verdadeira esposa de Jesus Cristo.¹⁰³

Considerando que Maria de Araújo nasceria em 1862,¹⁰⁴ o primeiro contato entre ambos teria ocorrido em 1871 ou 1872, período em que o sacerdote desenvolvera atividades religiosas no Cariri. A própria beata Maria de Araújo, em depoimento prestado à Comissão de Inquérito, ao tratar de sua suposta sobrenaturalidade diz que com a idade de seis anos brincava com o menino Deus e que em uma dessas ocasiões ele lhe fizera uma promessa:

[...] para aqui mandaria um sacerdote o qual havia de se encarregar de sua direção espiritual e a tantas outras almas; sacerdote esse, que somente se

¹⁰² Em 17 de julho de 1891, Cícero esteve em Fortaleza atendendo à convocação do bispo diocesano a fim de prestar esclarecimentos sobre os já tão comentados na imprensa brasileira “fatos extraordinários”, que sucediam com a beata Maria de Araújo no povoado de Juazeiro, termo do Crato. No Paço Episcopal, se pronuncia na presença de Dom Joaquim José Vieira, do vigário geral Monsenhor Hyppolito Gomes Brazil e do padre Francisco Ferreira Antero, que assumiu a função de secretário. Além do depoimento, o bispo diocesano exigiu do padre Cícero um relatório, por escrito, sobre os fatos mencionados, feito do próprio punho e entregue em 18 de julho, inserido como peça no primeiro inquérito do processo instruído tratando do assunto.

¹⁰³ CASIMIRO, Antônio Renato Soares de. *Padre Cícero e os factos do Joazeiro: A questão religiosa*. Vol. I. Fortaleza: Editora SENAC, 2012, p. 26.

¹⁰⁴ Embora, infelizmente, não tenha sido encontrado o batistério de Maria de Araújo na Diocese do Crato, a maioria dos escritos assinala a data de 24 de maio de 1862.

interessaria pela salvação das almas e nada mais, não poupando-se a sacrifício algum para concorrer com Deus na obra da salvação das almas.¹⁰⁵

A análise de suas narrativas demonstra que desde o primeiro encontro se estabelece uma relação de proteção/orientação espiritual por parte dele e confiança/obediência por parte dela que, mesmo nos momentos de crise e acirramento das punições nos permite supor a plausibilidade de que esse encontro constitui-se um dos fatores da decisão do sacerdote de permanecer no povoado do Juazeiro em 11 de abril de 1872.

De qualquer forma, seja por questões econômicas, políticas, sociais ou uma revelação divina, o fato é que o padre Cícero, em abril de 1872, começa uma história sacerdotal como sexto capelão do povoado do Juazeiro e de lá se tornará uma das personalidades mais conhecida, noticiada, debatida, polemizada do sertão brasileiro na história contemporânea.

2.1.2 “UM APOSTOLADO DE TRABALHO, HUMILDADE E RECONHECIMENTO ECLESIAL”: O capelão do Juazeiro antes da divulgação dos fatos extraordinários.

Segundo Barros, ao se estabelecer e exercer seu apostolado em Juazeiro, Cícero começa a trabalhar árdua e constantemente na evangelização e educação daqueles que lhe foram confiados “[...] entregando-se com paixão e desprendimento absoluto ao cuidado de seu povo. A pé, a cavalo, visita todos os moradores sob sua responsabilidade sacerdotal”.¹⁰⁶

A desenvoltura do sacerdote como capelão desde a data de sua chegada ao povoado e a ocorrência dos chamados fatos sobrenaturais¹⁰⁷ em 1889, é descrita na historiografia como um período em que Cícero goza de prestígio e respeito junto aos bispos do Ceará, Dom Antônio Luiz dos Santos¹⁰⁸ e Dom Joaquim José Vieira.¹⁰⁹

¹⁰⁵ CASIMIRO, 2012, op. cit., p. 35.

¹⁰⁶ Barros, 2014, p. 137.

¹⁰⁷ Era dessa forma que a imprensa se referia aos acontecimentos de transformação da Hóstia Sagrada em sangue na boca da beata Maria de Araújo ocorrido a partir de 1889 e que será discutido mais à frente. Utilizarei essa terminologia para me referir aos fatos.

¹⁰⁸ Primeiro bispo do Ceará, Dom Luiz Antônio dos Santos nasceu em Angra dos Reis (RJ) em 03/03/1817 e faleceu 11/03/1891. Foi indicado para o Bispado do Ceará por Decreto Imperial de 31/01/1859 e confirmado por Pio IX em 28/09/1860, sagrado aos 14/04/1861. Governou a Diocese de Ceará de 18 de junho de 1861 a 11 de agosto de 1881, quando foi transferido para a Bahia. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2lr82er>

As narrativas acerca de sua postura, nesse ínterim, destacam a dedicação, zelo e desprendimento com que vivia, negando-se a receber algum tipo de pagamento pelos trabalhos prestados como sacerdote, a todos acolhendo e aconselhando. Ressalta-se, sobretudo, a estima que o clero da região lhe dedicava sendo, inclusive, o confessor dos demais padres.

Como capelão de Juazeiro, trabalha na construção da Igreja de Nossa Senhora das Dores, inaugurada em 1885 com a presença do bispo diocesano que estava em visita pastoral na região sul do Estado. A imagem ostentada no santuário é de origem francesa feita sob encomenda a pedido do próprio padre Cícero, recebida com festa em 1887.¹¹⁰

Além de dedicar-se ao povoado, contribui de forma significativa para a edificação do Seminário São José do Crato fundado em 1875 por ordem do bispo Dom Antônio Luiz, conforme consta no “Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Crato” em comemoração ao seu cinquentenário: “[...] O Revmo. Padre Cícero veio certa vez do Juazeiro, com uma multidão de pessoas e segundo informação segura, fez encher muitos metros de alicerce, em um só dia [...]”.¹¹¹

Se por um lado Cícero preocupava-se com o ensinamento de preceitos religiosos e morais, de acordo com as narrativas dos memorialistas que se debruçaram sobre sua vida e com as correspondências que costumava enviar, também se sensibilizava com as questões sociais que afetavam o povo, especialmente as mazelas trazidas pela seca que castigava o sertão de tempos em tempos.

A demonstração dessa práxis pode ser constatada numa publicação transcrita pelo jornal cratense *A Vanguarda*, originalmente registrada pelo *Gazeta do Norte*.¹¹²

[...] o benemerito padre Cícero Romão Bartista tem ocupado o púlpito estes últimos domingos exortando aos seus paroquianos sobre a necessidade indeclinável e a vantagem incontestável de ajudar a terra seca e fertilizar o terreno estéril, prevenindo-se assim todos os horrores das secas, que de tempos em tempos fazem sua revolução em nosso clima.

Neste empenho ele tem concitado aos que podem que façam por si mesmos reservatórios d’água e aos pobres mesmo tem animado demonstrando com toda a evidência que devem reunir-se em associação para tirarem da união a

¹⁰⁹ Dom Joaquim José Vieira foi o segundo bispo do Ceará, nomeado por Decreto Imperial de 03 de fevereiro de 1883 e confirmado por Leão XIII aos 09 de agosto. Sagrou-se em 09 de dezembro de 1883, tomando posse em 24 de fevereiro de 1884, data em que chegou a Fortaleza. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxd2bw29>

¹¹⁰ Barbosa, 1992, p. 14.

¹¹¹ Álbum Histórico do Seminário do Crato: em comemoração ao cinquentenário de sua fundação. Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tipografia Revista dos Tribunais, 1925, p. 32.

¹¹² Nº 99, 03/05/1888, p. 01.

força que falta ao individuo isolado, mas que chega e até sobra na pujança da coletividade.

E com efeito a força vem da união: 12 operários pobres com o auxilio mutuo do seu trabalho e de seus recursos podem constituir para si o patrimonio da riqueza e da independência, que nenhum rico será jamais capaz de dar-lhe.

Percebe-se que Cícero ao dirigir-se ao povo durante as homílias procura incentivar a união dos pobres em associações para que, através do poder da coletividade, possa construir melhores condições de vida fugindo, dessa maneira, do jugo dos ricos e potentados. Levando em consideração que suas palavras são pronunciadas durante uma missa, na qual se supõe a participação de diferentes camadas da população, pode-se dizer que o sacerdote se valia de um discurso bastante avançado e comprometido para a época.

Atento às questões ambientais, o sermão prima pela orientação para o convívio da população com a seca causticante no sentido de açugar as terras e construir reservatórios de água, preparando-se para os períodos longos de estiagem. A ausência severa de chuvas castigou grande parte da população sertaneja no século XIX, causando fome e morte prematura.¹¹³

A imprensa, assim como os memorialistas, immortalizaram o senso de cuidado do sacerdote no intento de minorar os efeitos da seca. Diversas narrativas dão conta de suas ações nessa direção. Oliveira lembra que o “[...] padre Cícero socorria como podia os flagelados, dando-lhes tudo quanto recebia e ensinando a preparar a macambira, a mucunã das quais tiravam uma espécie de massa com que fazia angu ou mingau”.¹¹⁴

Constituindo-se como um dos mais graves problemas do sertão provocando miséria extrema e até casos de canibalismo dada à falta de víveres¹¹⁵, a seca era um assunto constante na imprensa nacional. Uma notícia enviada do Crato ao jornal *O Cearense*, de Fortaleza, foi reproduzida em vários jornais do Rio de Janeiro, enfatizando que

¹¹³ Sobre a questão das secas no sertão existe uma vasta bibliografia. A título de sugestão, indico: THEOPHILO, Rodolpho. *Secas do Ceará (segunda metade do século XIX)*. Fortaleza: Louis C. Choloveiçki, 1901; ANDRADE, Lopes. *Sociologia das secas*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1948; NEVES, Frederico de Castro. *A Seca na História do Ceará*. In: Souza, Simone (Org.) *Uma Nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000, p. 76-102.

¹¹⁴ Oliveira, 1989, p. 57.

¹¹⁵ No acervo do Departamento Histórico Diocesano padre Antônio Gomes de Araújo, no Crato, encontram-se cartas de sacerdotes narrando os flagelos da seca e casos de canibalismo praticados em cidades do Cariri.

[...] a seca se está manifestando com todo o seu cortejo de misérias. Diariamente encontra-se nas ruas e becos desta cidade uma multidão a incomodar aos seus pacíficos habitantes com o pedido de esmolas ou de meios com que mate a fome. Na serra de S. Pedro e no Juazeiro, onde os cearenses tanto abundavam, já tudo falta; o virtuoso padre Cícero já tem feito sentir as dificuldades com que luta a população pobre d'aqueles distritos. O êxodo já tem começado, e prevemos que o Cariry d'esta vez ficará desfalcado de uma boa parte de sua laboriosa população.¹¹⁶

Infere-se que o engajamento do clérigo não se limitava apenas a ensinar e aconselhar os sertanejos quanto ao açudamento e fertilização das terras, pelo contrário. Buscava socorrer as vítimas através de correspondências trocadas com autoridades civis e eclesiásticas, conforme se pode verificar nos arquivos que deixou.¹¹⁷ Em 1900 o sacerdote escreve a um parente seu, o jornalista José Marrocos, relatando os horrores da seca e fazendo-lhe um pedido.¹¹⁸

[...] meu amigo, se voce tem tempo escreva com urgência um artigo para os jornais despertando, e concitando o governo do Estado e o Federal para conjunrarem o medonho flagelo que certamente risca do mapa do Brasil este infeliz Ceará [...].

Para transcender as questões unicamente sociais, cabe uma última análise sobre o lugar do padre Cícero no contexto religioso e político do Cariri durante o período anterior aos fatos sobrenaturais ocorridos em Juazeiro. Trata-se de uma polêmica eleitoral transcorrida no povoado nos anos de 1884-1885.

Nesse tempo a situação política do Ceará caracterizava-se por disputas eleitorais bastante complexas e acirradas. Segundo Montenegro,¹¹⁹ os dois grandes partidos políticos, liberais e conservadores, estavam fragmentados em facções internas.

¹¹⁶ Jornal do Commercio – RJ, Nº 253, 11/09/1889, p. 02. A mesma notícia é publicada na Gazeta de Notícias – RJ, Nº 255, 12/09/1889, p. 01.

¹¹⁷ Parte dessa correspondência se encontra publicada em 4 livros de Antenor Andrade Silva e no segundo volume da coleção: Padre Cícero e os fatos do Joaseiro: autonomia político-administrativa.

¹¹⁸ Barros, 2014, p. 199.

¹¹⁹ MONTENEGRO, F. Abelardo. *Os Partidos políticos do Ceará*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1980, p. 43.

Em 1877, o Partido Liberal se divide em duas alas: a dos *Paulas*, liderados por Vicente de Paula Rodrigues e os dissidentes *Pompeus*, cuja liderança coube a Antônio Pinto Nogueira Accioly.

Entre os conservadores, dois segmentos se consolidavam: *os Aquirazes*, apelidados de minús e os *Ibiapabas*, conhecidos por graúdos.

As rivalidades vivenciadas pelo comando no âmbito das agremiações refletiam, evidentemente, as disputas locais que, muitas vezes, assumiam uma natureza violenta.

Vale informar que cada grupo dispunha do seu próprio jornal. Os liberais *Paulas* contavam com *O Cearense*, enquanto os *Pompeus* fundaram em 08 de junho de 1880 o *Gazeta do Norte*.¹²⁰ Os Conservadores se viam representados no jornal *Pedro II*.

Em 25 de janeiro de 1884 sucederam no povoado de Juazeiro, as eleições para deputados provinciais. O candidato Felismino José Pereira, representando os *Pompeus*, discordou do resultado do pleito que concedia a maioria dos votos para Juvenal Alcântara Pedroso, representante dos *Paulas*. Revoltado, acusa o juiz de paz Joaquim Ignácio Figueiredo de adulterar as atas eleitorais, subtraindo votos do candidato Felismino para favorecer Juvenal Alcântara.

A querela ganhou ampla repercussão na imprensa da capital, transformando os dois principais jornais de ambas as alas num palco de acusações e notícias de atos de violência praticados no povoado.

A situação piorou quando o líder dos *Pompeus* Antonio Pinto Nogueira Accioly assumiu, em maio de 1884, a administração da província adotando uma série de medidas em represália aos *Paulas*, entre elas, a exoneração do subdelegado de Juazeiro.¹²¹

A atitude de Accioly desencadeia de vez em quando um conflito político de proporções consideráveis, causando violência e mortes no povoado. Uma notícia publicada no *O Cearense*, transcrita do jornal liberal cratense *O Cariri*, denuncia que “[...] o eleitor *minú* Bello Dourado em plena rua desfechou um tiro em João Cabral, e aparecendo o padre Cícero acompanhado de nosso amigo Sr. Joaquim Ignacio, atirou sobre o ventre d’este, dizendo que acabava com os paulas [...]”.¹²²

Embora não se possa afirmar que o padre Cícero envolveu-se diretamente na contenda, seu nome é associado a uma facção política contrária aos *Paulas* indicando uma possível

¹²⁰ Sturdart, 1925, p. 75.

¹²¹ *O Cearense*, N° 234, 22/10/1884, p. 01.

¹²² N° 141, 03/07/1984, p. 02.

aliança, já nesse período, com Nogueira Aciolly, aquele que num momento posterior será um notável aliado político.¹²³

A conflituosa atmosfera política do lugar se prolongou por todo o ano de 1884 e estendeu-se até 1885. Notas remetidas do Crato não silenciavam ante o clima de terror vivido pela população.

A povoação do Juazeiro, uma das melhores do Cariry tem estado feita uma praça d'armas, diariamente ali se apresenta uma turba multa de desordeiros e percorre as ruas perturbando o sossego, ameaçando aos cidadãos pacíficos, assombrando as famílias, chegando ao extremo do virtuoso capelão padre Cícero desejar mudar-se de localidade entregue a desordeiros e criminosos e balda de garantias.¹²⁴

O presidente da província Sinval Odorico de Moura, preocupado com a situação enviou ao povoado forças policiais comandadas pelo sargento de infantaria, Saturnino Rodrigues de Sousa Brazil, para restabelecer a ordem e tranquilidade.¹²⁵

Com a volta à normalidade, os habitantes ilustres do povoado publicam um abaixo-assinado rubricado por 105 cidadãos liderados pelo padre Cícero, atestando que:

[...] o sargento do 11 Bm. De infantaria Saturnino Rodrigues de Sousa Brazil, destacado nesta povoação até o dia 10 do corrente, portou-se zelosa e ativamente no cumprimento de seus deveres; distantes das lutas locais, conseguiu restabelecer a ordem pública e acalmar os ânimos bastantes agitados de alguns moradores neste distrito que se achavam em luta e outro sim que a sua vida particular foi regular e não mereceu censura.¹²⁶

Tomando como fundamento documentos e narrativas jornalísticas, é possível depreender que os anos entre sua chegada ao povoado do Juazeiro e a divulgação e repercussão na imprensa dos fatos sobrenaturais ocorridos com Maria de Araújo foram marcados por forte atuação em questões sociais, fazendo dele um sacerdote amado pelos pobres e admirado por seus pares e seu superior.

¹²³ Quando o padre Cícero ingressou oficialmente na política em 1910, filiou-se ao partido do então governador do Ceará, o oligarca Nogueira Accioly.

¹²⁴ Gazeta do Norte - CE, Nº 170, 09/08/1885, p. 02.

¹²⁵ O Cearense, Nº 141, 01/08/1985, p. 03.

¹²⁶ O Cearense - CE, Nº 178, 11/09/1885, p. 02.

2.1.3 “A VIRGEM PIEDOSA” DO CRATO: narrativas de “fatos extraordinários”¹²⁷ anteriores ao sangramento da hóstia

Irineu Pinheiro declara que os chamados “milagres do Juazeiro” ocorreram “[...] pela primeira vez em público”¹²⁸ em 1º de março de 1889. Esse marco é mencionado por todos que prestaram depoimentos à Comissão de Inquérito nomeada pelo bispo do Ceará, Dom José Joaquim Vieira, em 1891, para averiguar a veracidade dos acontecimentos e reproduzido em documentos, artigos, livros, dissertações e teses sobre o tema.

Porém, ao consultar mais detidamente o processo episcopal elaborado pela comissão, percebem-se nas falas dos depoentes alguns relatos de “fatos extraordinários” ocorridos com Maria de Araújo pelo menos desde 1885.

Uma das primeiras peças do processo é um documento escrito pelo próprio padre Cícero a pedido do bispo diocesano datado de 18 de julho de 1891¹²⁹, intitulado “Exposição dos fatos extraordinários ocorridos com a beata Maria de Araújo”¹³⁰ dividido em 07 temas: Disposições e provações de Maria de Araújo; Visões de Maria de Araújo; Dom de Oração; Colóquios; Fatos extraordinários; Êxtases e Estigmas. O documento traz a narrativa das manifestações místicas que acometeram a beata desde a infância.

Logo na introdução, Cícero se justifica: “[...] venho fazer a exposição dos fatos extraordinários que se hão operado em Maria de Araújo e dos quais tenho sido testemunha, ao menos com maior reflexão desde mil oitocentos e oitenta e quatro até a presente data [...]”¹³¹ Colocando-se como testemunha ocular do que chama “fatos extraordinários” assegura que, pelo menos cinco anos antes da data oficial do sangramento da hóstia Maria de Araújo já apresentava, em público, manifestações divinas, ininterruptas até a data do seu depoimento em julho de 1891.

¹²⁷ Essa nomenclatura é utilizada pelo padre Cícero na narrativa que fez ao bispo sobre os fenômenos acontecidos com Maria de Araújo.

¹²⁸ Pinheiro, 2010, p. 165.

¹²⁹ Nessa data o padre Cícero viajou a Fortaleza atendendo à convocação do bispo diocesano a fim de prestar esclarecimentos sobre os já tão comentados na imprensa brasileira “fatos extraordinários”, que sucediam com a beata Maria de Araújo no povoado de Juazeiro, termo do Crato. Na ocasião, em 17 de julho, Cícero se pronuncia no Paço Episcopal na presença de Dom Joaquim José Vieira, do vigário geral Monsenhor Hyppolito Gomes Brazil e do padre Francisco Ferreira Antero, que assumiu a função de secretário. Além do depoimento, o bispo diocesano exigiu do padre Cícero um relatório, por escrito, sobre os fatos mencionados, feito do próprio punho e entregue em 18 de julho, inserido como peça no primeiro inquérito do processo instruído tratando do assunto.

¹³⁰ Casimiro, 2012, p. 01.

¹³¹ Casimiro, 2012, p. 26.

Na primeira parte do documento, Cícero narra quando e como conheceu Maria de Araújo, declarando que seu primeiro contato com a beata se deu quando ainda era uma menina:

[...] desde a idade de oito a dez anos, quando a confessei para fazer ela sua primeira comunhão. Notando eu então as melhores disposições daquela menina para a vida interior, aconselhei-a a se consagrar a Nosso Senhor; o que ela executou do modo o mais íntimo e perfeito, considerando-se desde aquela data como uma verdadeira esposa de Jesus Cristo.

Com base nessa declaração – a de ter o primeiro contato com Maria de Araújo entre os anos de 1872 ou 73¹³² -, mais ou menos no mesmo período em que fixou residência em Juazeiro, infere-se que esse encontro tenha se constituído um motivo significativo na sua decisão de abandonar as pretensões de morar em Fortaleza e decidir exercer o sacerdócio no povoado.¹³³

Ao confessar que percebeu na menina “disposições para a vida interior”, aconselhando-a a consagrar-se à vida religiosa, incentivando-a a viver e portar-se moderadamente como “esposa de Cristo”, impõe-se, por assim dizer, como o responsável pela descoberta da vocação para a santidade daquela que será, anos depois, a protagonista dos fatos que mudarão completamente a vida do povoado, de seus habitantes e, sobretudo, do próprio sacerdote, estabelecendo entre os dois uma relação de cumplicidade que irá permear a convivência de ambos até a morte da beata em 1914,¹³⁴ cabendo ao padre Cícero o papel de mentor e orientador espiritual¹³⁵.

¹³² Não há consenso sobre o ano exato de nascimento de Maria de Araújo, alguns afirmam que ela nasceu em 1862 e outros em 1863. Infelizmente, não foi encontrado o batistério dela na Diocese do Crato.

¹³³ Sobre a intenção do padre Cícero de fixar residência e trabalhar em Fortaleza há citações tanto em artigos de jornais, quanto em autores que escreveram sobre o tema, como Della Cava (op. cit., p. 56).

¹³⁴ Em vários documentos é notório o cuidado que o padre Cícero tem com Maria de Araújo. Durante muito tempo, inclusive, abrigou-a em sua residência e, mesmo no auge da questão religiosa do “milagre”, quando ela foi obrigada pelo bispo a sair de Juazeiro, não desamparou sua família. Em carta endereçada ao bispo datada de 1890, faz um forte e emocional apelo para que seja revogada a decisão de enviá-la ao Crato, argumentando não ser embuste o que se passava com ela (Casimiro, 2012, p. 493). Em outro momento, rejeita a proposta do diocesano em atribuir tudo às artimanhas da beata, mesmo com a promessa de ter suas ordens sacerdotais de volta. A morte da beata é outro fato que demonstra essa atenção e respeito, pois, ele a sepulta na Igreja do Socorro, em Juazeiro.

¹³⁵ Diretor espiritual é “[...] alguém que “aponta o caminho” e concede elementos àquela pessoa para que ela tome decisões relevantes e saiba conduzir a própria vida dentro dos desígnios divinos. É função do diretor espiritual: pastor, pai, médico, mestre e juiz”. Cf.: <https://tinyurl.com/y48wq85z>

Cícero afirma, ainda, que entre os dezoito e dezenove anos foi “[...] Maria de Araújo, vítima das mais graves tentações e perturbações de espírito” e que,

[...] A princípio e, maiormente em mil oitocentos e oitenta, mais ou menos, pareceu-lhe ver a SS. Virgem, mas não tendo então certeza disso, do que se receava, fez a conselho meu, em qualidade de seu diretor espiritual uso da água benta, quando aquela visão tornou-se lhe mais patente, representando-se lhe tomar a dita visão, a atitude de quem ora e inclinar a cabeça em sinal de veneração. É desta data em diante que apareceu-lhe Jesus Cristo.

Novamente o sacerdote se coloca na posição de mentor espiritual ao declarar que, apesar da jovem Maria ter a capacidade de ver e falar com a Virgem Santíssima, não tinha consciência disso, somente com a sua intervenção, ou seja, a sua orientação para que fizesse o uso da água benta¹³⁶, a jovem moça desenvolveu a habilidade de se conectar com o sobrenatural, passando, a partir desse momento, a conversar com o próprio Jesus Cristo.

No item denominado *Colóquios*, informa que ao assistir uma missa deu-se conta de que Maria fora acometida por algo que considerou “[...] o primeiro fato sensível relativamente a Paixão de Nosso Senhor”. Segundo suas declarações,

Assistia Maria de Araújo, ao mês das Almas; e isso na oitava de todos os Santos, de 1883 a 1884, quando sentiu ela que alguém lhe dera um amplexo, ficando impressa no peito uma cruz a deitar sangue, do que fui eu mesmo testemunha.

Mais uma vez, menciona as manifestações sobrenaturais de Maria de Araújo anos antes do sangramento da Hóstia, em 1889. Entretanto, dessa vez, não se refere a visões, mas a uma revelação visível a todos, concreta, palpável, pois, segundo Cícero, Jesus, ao abraçar a beata, imprime no seu peito a marca de sua crucificação, a cruz com seu sangue.

¹³⁶ A água benta representa biblicamente um símbolo de purificação, sendo bastante utilizado no ritual católico. (Bíblia Sagrada - Sal 51,4; Jo 13, 8)

Outra informação relevante nessa narrativa é a de que tal manifestação divina ocorre durante as celebrações do mês das almas (novembro), na oitava de todos os santos,¹³⁷ portanto, num evento público com a participação da comunidade da região, evidenciando que os “fatos extraordinários” já eram, muito antes de 1889, de conhecimento público pelo menos no povoado do Juazeiro e localidades circunvizinhas.

Nossa argumentação consiste em defender a ideia de que, conforme as narrativas elaboradas pelo padre Cícero, os “fatos extraordinários” manifestados em Maria de Araújo transcorriam desde a década de setenta e, a partir de 1885 passaram a ser testemunhados pela população local, uma vez que ocorriam em atos públicos.

Antes dos fatos chegarem à imprensa em julho de 1889, possivelmente o assunto era tema das rodas de conversa, nas casas, na igreja, circulando oralmente no cotidiano da população.

Paul Ricoeur, em sua conhecida obra *Tempo e Narrativa*, disponibiliza uma importante ferramenta para compreender como o conhecimento disperso na oralidade vai se tornando tangível, compreensível, apreendido através da narrativa. Nessa obra, esclarece o autor, que seu principal objetivo “[...] consiste em construir a mediação entre tempo e narrativa demonstrando o papel mediador da tessitura da intriga no processo mimético”.¹³⁸ Argumenta que o fio condutor da mediação entre tempo e narrativa reside em três tempos, por ele denominados de *Mimese I*, *Mimese II*, *Mimese III*, já citados anteriormente.

Embora em 1887 os fenômenos tenham sido publicados na imprensa em dois jornais de Fortaleza - *A Constituição*¹³⁹ e *O Libertador* - e replicados em periódicos de sete províncias do Brasil, o tema não tomou fôlego, não reverberou de forma contundente até 1889.¹⁴⁰

A primeira notícia, publicada originalmente *n’A Constituição*, sendo reproduzida no periódico pernambucano o *Diário de Pernambuco* com o título UMA SANTA NO CEARÁ, na qual dizia:

¹³⁷ Trata-se de oito dias de festejos dedicados a um (a) santo (a) ou a uma festa da Igreja Católica como Páscoa, Pentecostes, etc. Para saber mais, cf.: REUS, pe. João Batista. *Curso de Liturgia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1944, p. 427. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2ubrsbo>

¹³⁸ Ricoeur, 2010, p. 86.

¹³⁹ Órgão do Partido Conservador, publicado em Fortaleza de 24/09/1863 a 17/11/1889. O ano de 1887 não consta nos arquivos da BNHD, daí a citação ter origem no jornal Diário de Pernambuco *In*: STUDART, Guilherme. *Para a História do Jornalismo Cearense, 1824-1924*. Fortaleza: Tipografia Moderna, 1924, p. 55. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5poehrl>.

¹⁴⁰ Possivelmente, a não continuidade da divulgação dos fenômenos tenha sido uma exigência do padre Cícero que, segundo os relatos que iremos discutir mais à frente, preferia mantê-los em sigilo até que a Igreja se manifestasse oficialmente.

Todo o povo do Crato acha-se alarmado com a notícia de uma virgem piedosa residente no Juazeiro e confessada do padre Cícero. Diz o rumor público que ela é santa em carne viva e que tem como Anna Catharina de Emmerich, visíveis em seu corpo todos os estigmas da paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Alma santa sofre, tão duro martírio que admira como ainda vive, sendo ela manancial de sangue e de dores impossíveis de suportar sem graça especial de Deus.

Os propagadores do facto extraordinário invocam o testemunho do padre Monteiro que, lhe dando a comunhão a virgem, viu Jesus sacramentado tornar-se visível à sua serva. Se é verdade, eu felicito o Sr. D. Joaquim, por ser o único bispo do Brasil que tem uma santa em sua diocese.

Dizem chamar-se Maria de Jesus¹⁴¹ a bem-aventurada, e que tem apenas 28 anos.¹⁴²

O jornal, ao introduzir a notícia, esclarece que fora extraída de uma carta enviada do Crato. Analisando o estilo da escrita pode-se inferir que foi redigida pelo jornalista José Marrocos, considerando que nesse período residia na referida cidade e desenvolvia a atividade de correspondente de diversos jornais de Fortaleza.

A notícia alvissareira chega à imprensa europeia através d'*O Economista* jornal publicado em Lisboa – Portugal, informando:

Já que trato aqui do Ceará, darei conta de um milagre que se opera n'aquela cidade, não porque tenha visto, mas pelo que se escreve. Uma folha periódica da cidade de Fortaleza, d'aquela província, intitulada *A Constituição*, escreveu em poucas linhas o que há relativamente a uma santa viva, que existe no Ceará.

Transcrevendo a notícia na íntegra, conclui com o seguinte comentário: [...] O milagre aqui está manifesto! Creio haver fundamento para escrever d'este modo; mas confesso que me custa a crer em tanto sofrimento pelo amor de Deus e em tão grande dedicação pelas coisas religiosas.¹⁴³

¹⁴¹ Apesar de a notícia falar em “Maria de Jesus”, acredito que se trata de Maria de Araújo, visto não aparecer, posteriormente, nenhuma beata com esse nome. A troca pode ser justificada, já que vivia com a família do padre Cícero uma ex-escrava conhecida como Teresa de “Jesus”. Ver: Sobreira, Azarias. *O Patriarca do Juazeiro*. 1969, p. 24.

¹⁴² Diário de Pernambuco, Nº 93, 24/04/1887, p. 03.

¹⁴³ *O Economista* (Lisboa) – Portugal, Nº 1768, 28/07/1887, p. 04. Publicado em Lisboa entre os anos de 1881-1930. Diário até 1884 e depois passou a semanal, publicando-se aos domingos. Diretor e redator: Antônio Maria Pereira Carrilho. Ver: Matias, Maria Goretti. Inventário da imprensa patronal: (1859-1970. Revista Análise

A segunda notícia, publicada no *O Libertador* em 24 de abril do mesmo ano, página 2, na coluna *A semana* dedicada a assuntos políticos e sociais, esboça um tom irônico ao despedir-se de deputados e senadores cearenses de partida para o Rio de Janeiro: “Santa Maria de Jesus do Juazeiro os conduza e por lá os deixe”!¹⁴⁴. Em seguida, complementa:

Ah! Passei o pé adiante da mão.
Ainda não apresentei esta santa, a Anna Catherina Emmerich brasileira.
Fique pois o eleitor sabendo que eu vou lhe apresentar aquilo que voce menos esperava.
Sim Senhor, santa Maria de Jesus, que tem 28 annos de idade, é confessada do padre Cícero, com o testemunho do monsenhor Monteiro, vigário de Iguatú, mora no Juaseiro dos Cariris, lugar de eleições celebres.
[...] A “Constituição”, já felicitou a D. Joaquim. E nós apresentamos apenas o caso à policia, considerando a santidade como atentatoria da atual ordem de coisas.¹⁴⁵

Em ambas as publicações o padre Cícero não ocupa uma posição central na trama, não sendo sequer citado na primeira notícia e, na segunda, figura apenas como “confessor” da beata, enquanto Maria de Araújo, cujo nome dá título à matéria, é apresentada como a protagonista dos fatos, sendo qualificada como “Uma Santa no Ceará”, a bem-aventurada, piedosa, enfim, aquela que sofre os martírios de Jesus.

Conclamado como testemunha-chave do fenômeno por ter ministrado a comunhão à beata e considerado na historiografia que versa sobre o tema como um dos principais personagens dado a sua ferrenha defesa da veracidade dos fatos e atuação na divulgação dos mesmos, monsenhor Monteiro é apontado como aquele que liderou a primeira romaria ao povoado anunciando, publicamente, pela primeira vez, a ocorrência de “fatos sobrenaturais” no povoado do Juazeiro.¹⁴⁶

Recentemente foi descoberta uma carta nos arquivos da Diocese do Iguatu¹⁴⁷ de sua autoria destinada ao bispo dom Joaquim, datada de 17 de fevereiro, na qual narra uma visita à região do Cariri no início de 1887¹⁴⁸. Entre outros assuntos, comunica ao seu superior:

Social, vol., XXIII (99), 1987, págs. 1019-1044. Disponível in: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223028673H6eGR4mj0Se42EH3.pdf>

¹⁴⁴ *O Libertador* - CE, Nº 113, 24/04/1887 p. 1.

¹⁴⁵ *O Libertador* - CE, Nº 113, 24/04/1887 p. 1.

¹⁴⁶ Della Cava, 2014, p. 84.

¹⁴⁷ A diocese somente foi criada em 1961. Disponível em: <http://www.diocesedeiguatu.org.br/>

¹⁴⁸ O documento, ainda inédito, faz parte do acervo da Diocese de Iguatu com a referência “PASTAL0115-00580064”. Lá existe um grande acervo referente a esse sacerdote, pois, foi ele o vigário da paróquia durante os anos de 1884 a 1889, quando saiu para assumir a direção do Seminário São José, no Crato.

[...] sei de uma grande maravilha, existente nesta Diocese, parte vi com os meus próprios olhos, parte me foi narrada muito em confiança, mas não deve ficar um caso tão estupendo oculto aos olhos de V.Rev.m^a. ! Como o negocio esta muito em reserva, em reserva não à V.Rev.m^a.

Está vivendo uma moça pobre e humilde na Povoação de Juazeiro enriquecida dos maiores favores do Céu. O seu viver é um continuado milagre. Sustenta-se da sagrada comunhão. Vive como um anjo, não come, não bebe, não sofre nenhuma precisão corporal.

Guarda no seu mirrado corpo todos os signos da Paixão de Jesus, por onde corre tão grande abundancia de sangue de pasmar. Vive em estagio quase continuamente comunhão com Jesus, Maria e José, anjos, almas como não outras comunica há meses. É tão atrapalhada pelos espíritos do inferno, tão açoitada por aqueles monstros que se curva as pancadas. Fazendo o sinal da Cruz sobre umas gotinhas de vinho, que eu a confessar lhe dera a beber pela sua terrível fraqueza de repente o vinho fez-se sangue do qual eu vi um pouco isto repetiu-se. Com vida ambientada ao Ceu, Purgatório e Inferno.

É tão grande o amor de Deus nesta alma privilegiada, que o sangue faz suas veias de exoldar (*sic*)!

Tive a dita de dar-lhe a comunhão sagrada por algumas vezes e o seu rosto tão pálido e alquebrado exalava tanta vida, tanto calor que parecia uma brasa!

Um livro grande , senhor Bispo, não bastara para contar as maravilhas de Deus nesta criatura tão humilde!

Essa visita ao Cariri também foi noticiada no Pedro II, em 24 de fevereiro, com destaque para a recepção que tivera no povoado de Juazeiro:

[...] não menos interessante foi a brilhante cena, que surpreendeu ao digno sacerdote em sua visita à importante povoação do Juazeiro.

Os Revdos. Padre Cícero Romão Baptista e o vigário Manoel Rodrigues Lima acompanhados de numerosos cavaleiros vieram recebê-lo, e no meio do amplexo fraternal dos sacerdotes se ouviu também a saudação jubilosa do povo e da música que confundiam duas de alegria.

A esta cena de surpresa se veio juntar outra, que presenciamos sem poder dominar a comoção.

Um grupo de cinquenta meninas vestidas de branco, facha azul e coroas de flores, rompeu da casa do Rev. Padre Cícero uma bonita saudação, e apenas Monsenhor Monteiro apeava, choveram sobre a sua cabeça centenaes de bouquetes.¹⁴⁹

O fato de monsenhor Monteiro ter conhecido Maria de Araújo no início de 1887 contradiz o depoimento que prestara à Comissão de Inquérito em 28 de setembro de 1891, no

¹⁴⁹ Pedro II – CE, N° 16, 24/02/1987, p. 02/03.

qual, ao lhe perguntarem se conhecia a beata Maria de Araújo, confirma “[...] que a conhece pessoalmente desde 1888”.¹⁵⁰

A informação contida em sua missiva de que os acontecimentos extraordinários que se passavam no povoado do Juazeiro eram guardados em “reserva”, ajuda a compreender melhor por que, após as notícias publicadas em 1887, nada mais foi noticiado até julho de 1889, muito embora, segundo declarações do padre Cícero acima analisadas, as manifestações nunca deixaram de ocorrer desde, pelo menos, 1884.

Embora haja relatos de que havia por parte de muitos que testemunharam os fatos extraordinários o desejo de lhes dar publicidade, o assunto ficou restrito à oralidade, discutido nas rodas de conversa, nas residências, igrejas, etc., somente voltando a circular na imprensa em 19 de julho de 1889 quando é publicado no jornal fortalezense, Pedro II, a primeira notícia nesse sentido.

2.1.4 “MUITAS VOZES ANTES DO SILÊNCIO”: a repercussão dos “milagres do Juazeiro” na imprensa brasileira.

“Retumba d’um a outro canto do globo a notícia do miraculoso fato realizado na florescente povoação do Juazeiro, do termo do Crato, terra santa que passa aos domínios da história e atualmente mais conhecida por Nova Jerusalém”.¹⁵¹

A notícia em epígrafe não foi a primeira a alardear que num povoado do Crato, no Ceará, sucediam fenômenos sobrenaturais, porém, nos dá a noção de como o assunto ganhou repercussão e projeção na imprensa de todo o Brasil e além dele. Condenados pela Santa Sé e considerados como “prodígios vãos e supersticiosos”,¹⁵² impõe-se a todos que acreditavam em sua veracidade um “silêncio obsequioso”. Antes, no entanto, do veredicto final exarado em 1897 abundaram na imprensa artigos, cartas, testemunhos, decretos, memoriais, etc., que tinham como tema “os fatos sobrenaturais do Juazeiro”.¹⁵³

¹⁵⁰ Casimiro, 2012, p.74.

¹⁵¹ Constituição – CE, Nº 163 10/10/1889, p. 02.

¹⁵² Jornal de Recife - PE, Nº 213, quarta-feira 19/09/1894, p. 2.

¹⁵³ Essa terminologia era utilizada pela imprensa quando se referia aos acontecimentos de Juazeiro. Sempre que nos reportarmos aos fatos, neste capítulo, faremos uso dela também.

Ao contrário do que afirma Della Cava¹⁵⁴ de que tais fenômenos tiveram pouca visibilidade e repercussão “insignificante” no Nordeste, não foram poucos os jornais e periódicos religiosos - ou não - que reverberaram a notícia de que no pequeno povoado de Juazeiro, termo do Crato, uma moça virgem e virtuosa que mantinha, desde criança, encontros com Jesus Cristo, colóquios com Nossa Senhora e estigmas da crucificação no corpo, foi protagonista de um milagre no qual, ao receber a Hóstia consagrada, esta se transformou em sangue.

Ao pesquisar no site da Biblioteca Nacional, no setor da Hemeroteca Digital¹⁵⁵ e através das citações de outros autores, foi possível a identificação e catalogação de 89 jornais num total de 381¹⁵⁶ notícias sobre os fatos do Juazeiro entre os anos de 1887 a 1899, conforme demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 1 - Quantidade de jornais e notícias sobre os fatos sobrenaturais do Juazeiro

JORNAIS		NOTÍCIAS	
Jornais disponíveis na BNHD	70	Notícias publicadas nos jornais disponíveis BNHD	369
Jornais identificados, porém, não estão disponíveis na BNHD.	19	Notícias identificadas, porém, não estão disponíveis na BNHD.	61
TOTAL DE JORNAIS	89	TOTAL GERAL DE NOTÍCIAS	430

FONTE: Elaborada pela autora

Por tratar-se de acontecimentos transcorridos num povoado do interior do Ceará nas últimas décadas do século XIX no qual a dinâmica do tempo é caracterizada, segundo assinala Barbosa¹⁵⁷, pela lentidão dos movimentos, fazendo com que a circulação das notícias, principalmente entre o sertão e o litoral se desse de forma precária em decorrência da falta de

¹⁵⁴ Della Cava, 2014, p. 86.

¹⁵⁵ Portal de periódicos nacionais da Fundação Biblioteca Nacional. Seu acervo consta de periódicos – jornais, revistas, anuários, boletins etc. – e de publicações seriadas, com mais de 5 milhões de páginas digitalizadas. Cf.: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>

¹⁵⁶ O montante de jornais e notícias pode ser muito maior se levamos em conta que boa parte deles, sobretudo, do Nordeste, não está disponibilizada na BNHD.

¹⁵⁷ BARBOSA, 2010, p. 75.

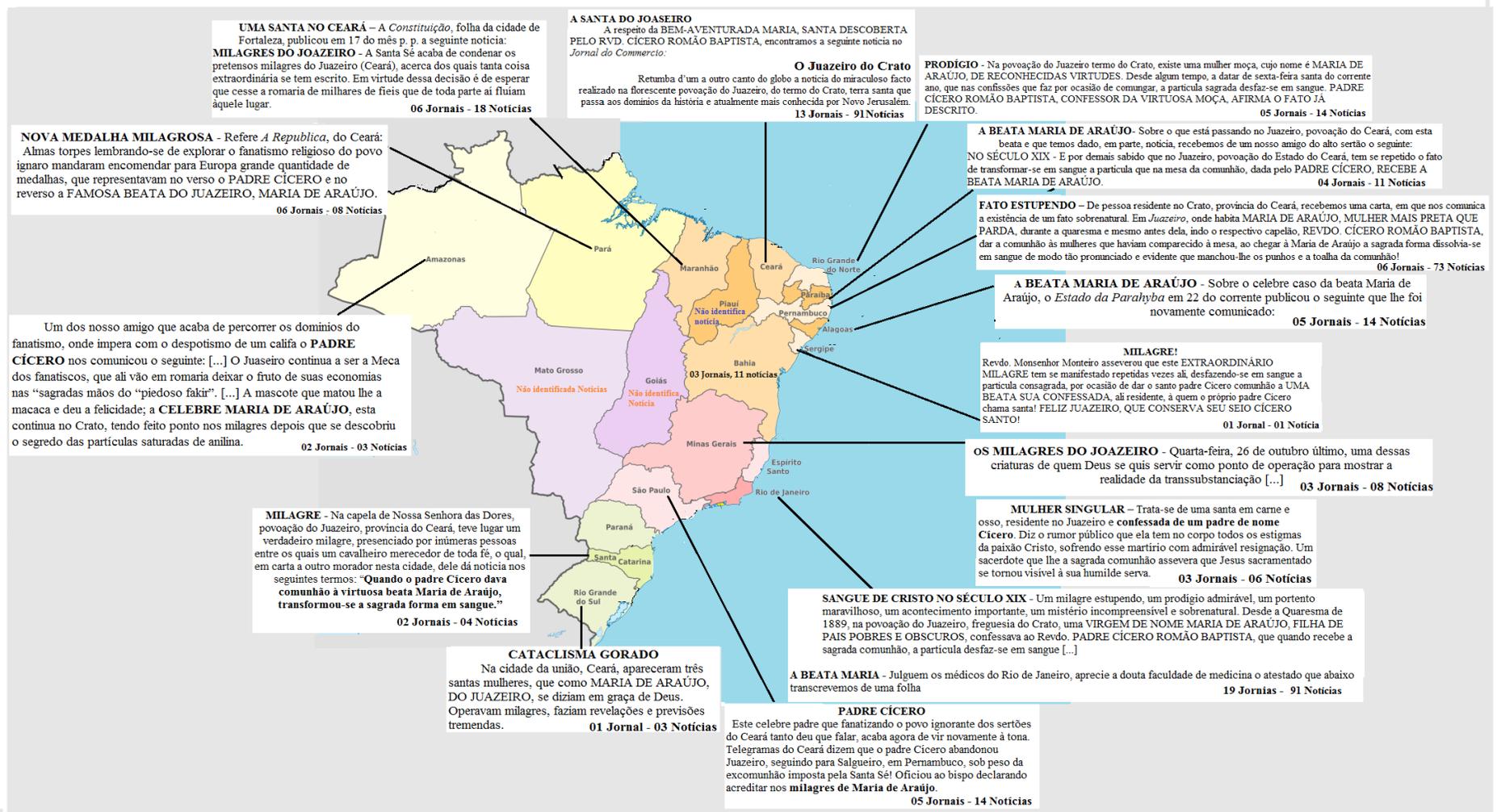
tecnologia nos transportes e comunicações,¹⁵⁸ tal abundância de notícias é assaz significativa, posto que permite a reflexão sobre as condições e estratégias utilizadas para que chegassem aos periódicos das mais distintas províncias do Brasil na tentativa de identificar seus narradores, objetivos e maneira de narrar os acontecimentos.

De norte a sul, de leste a oeste do país as notícias sobre a ocorrência de fenômenos sobrenaturais se alastrava através de cartas, artigos, testemunhos, atestados e documentos produzidos e reproduzidos pela pequena e grande imprensa¹⁵⁹ em jornais do interior e das capitais das províncias, transformando em pouco tempo a rotina do lugar e de seus habitantes. Através do mapa na página 74, se pode visualizar a repercussão dos acontecimentos no território brasileiro:

¹⁵⁸ A utilização do telegrama na imprensa brasileira ocorre desde a década de 1870, apenas os principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo faziam uso desse recurso com comunicados vindos da Europa e não do território nacional. Para saber mais, cf.: MATHEUS, Letícia Cantarela. *O telégrafo no jornalismo do século XIX (1870-1890)*. Disponível em: <https://tinyurl.com/y39ts9ad>. Ou, em: MACIEL, Laura Antunes. *Cultura e tecnologia: a constituição do telegrafo no Brasil*. Revista Brasileira de História. SP, vl. 21, Nº 41, 2001, p. 127-144. Disponível em: <https://tinyurl.com/yy7ooars>.

¹⁵⁹ No livro *História da Imprensa no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013, organizado pelas professoras LUCA, Tânia Regina de & MARTINS, A. L. (Organizadoras), é discutido o conceito de “grande imprensa”, p. 149.

Figura 3: repercussão e quantidade de jornais/ notícias publicadas por província - (1889-1899)



FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais acessados na BNBD.

Conforme se vê no mapa, com exceção de três províncias - Mato Grosso, Goiás e Piauí¹⁶⁰ -, todas as demais publicaram notícias de forma inédita ou transcritas, direta ou indiretamente sobre os fatos de Juazeiro. Dentre estas, três se destacam quanto ao maior volume tanto de jornais como de notícias: Rio de Janeiro com 19 jornais e 91 notícias; Ceará com 13 jornais e 91 notícias e Pernambuco, com 06 jornais e 73 notícias. Duas delas - Pernambuco e Rio de Janeiro -, além da importância política, econômica e social que ocupavam no contexto nacional, dispunham dos maiores e mais antigos periódicos em circulação no Brasil¹⁶¹, constituindo-se, assim, estados estratégicos no que se refere à capacidade de repercutir e projetar informações.

Os dados relativos à província do Rio de Janeiro nos são de suma importância, visto que por ser a capital da República, portanto, o centro das decisões políticas e econômicas do país, mantinha em circulação o maior número e os mais influentes periódicos naquele momento.

Quanto à repercussão na imprensa cearense os dados revelam que, ao contrário do que afirmam autores como Otacílio Anselmo¹⁶² em seu livro “Padre Cícero: mito e realidade” de que os “fatos sobrenaturais do Juazeiro” não tiveram notoriedade na sua província de origem, foram os periódicos do Ceará os primeiros a noticiá-los e os que mais atenção deram aos fatos sendo, inclusive, a partir dessas publicações que muitos jornais de outras províncias transcreveram as informações e as reproduziram em suas edições. Isso demonstra o quanto não foram ignorados ou descurados pela imprensa estadual.

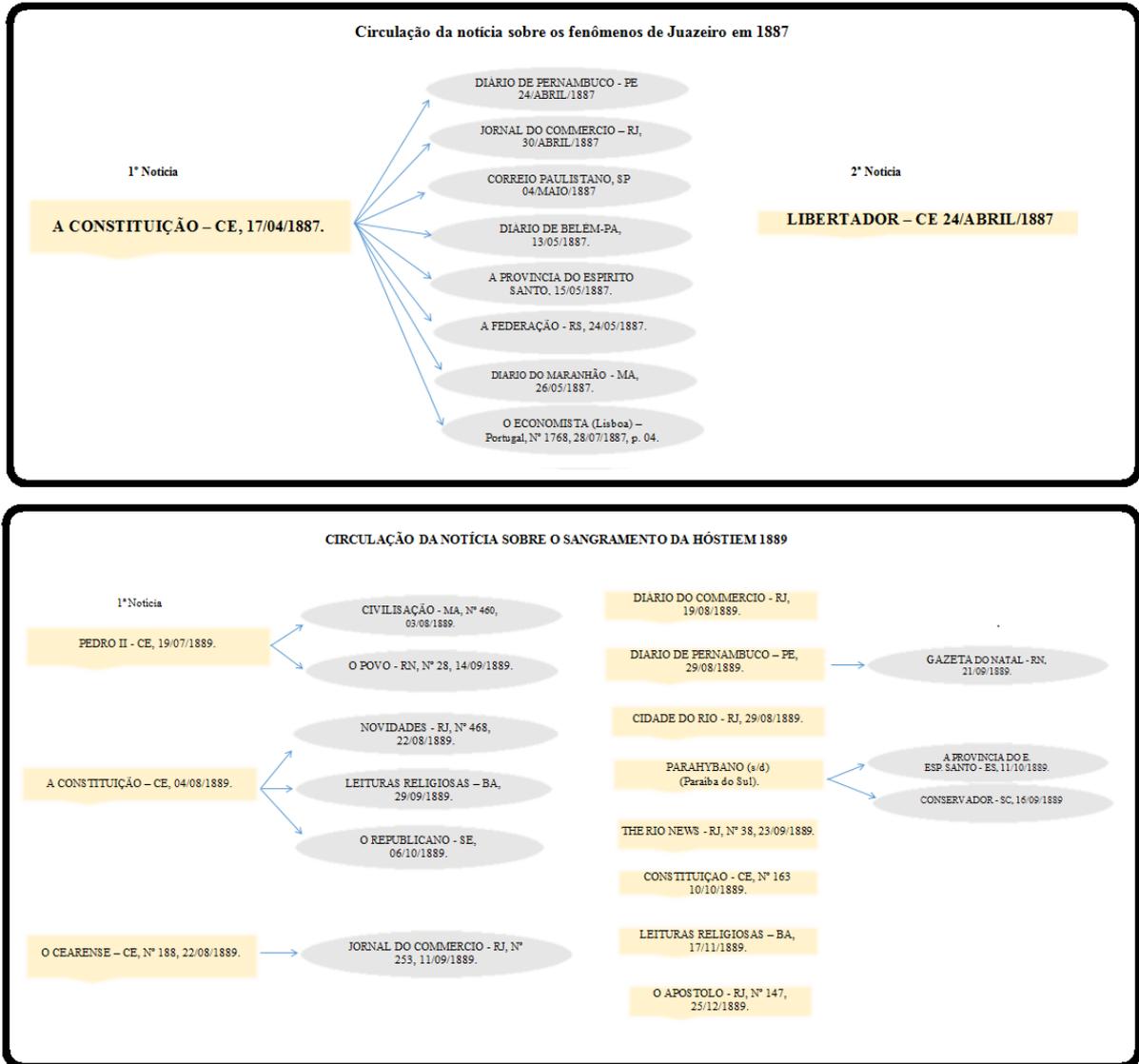
Na figura seguinte, se visualiza a forma como se deu a circulação das notícias em dois momentos distintos: em 1887 informa-se a existência de uma virgem no povoado do Juazeiro que tinha os estigmas de Cristo e em 1889, fala-se sobre a ocorrência do sangramento da hóstia.

¹⁶⁰ Não se está afirmando que tais províncias ignoram o assunto, porém, não identificamos nenhuma publicação nos jornais disponibilizados na BNHD.

¹⁶¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

¹⁶² ANSELMO, 1968, p. 82.

Figura 4 - Quadro com a circulação de notícias sobre os “fatos extraordinários do Juazeiro” em 1887-89



FONTE Elaborada pela autora a partir dos jornais acessados na BNBD.

No primeiro quadro vê-se que 10 jornais veicularam os fatos. Desses, 08 reproduziram as notícias a partir do jornal A Constituição, de Fortaleza.

No segundo, sobre a ocorrência do sangramento da hóstia em 1889, três jornais publicados da capital cearense também tiveram suas notícias reproduzidas por outros periódicos, no entanto, a maioria (na cor rosa) das publicações originou-se de cartas enviadas.

O segundo quadro reúne 20 notícias tratando do sangramento da hóstia em 19 jornais diferentes (A Constituição do Ceará fez duas publicações). Desse total, 03 eram editados em Fortaleza e tiveram suas notícias transcritas em 06 jornais. Destacamos que 11 deles tiveram publicações próprias, ou seja, publicaram cartas enviadas do Crato e cidades vizinhas por pessoas que, dizendo-se testemunhas oculares ou de ouvir dizer, entendiam ser importante comunicar à imprensa.

Ao analisar a quantidade de publicações por província exposta na tabela que segue, se observa que o maior índice de ocorrência se dá na região Nordeste¹⁶³ com 62,20%, sendo o Ceará responsável por 36,4% e Pernambuco, 29,2%, o que equivale a 65,6% do total de publicações feitas nos periódicos dessa região. No Norte, são 3,40% de publicações.

No Sudeste os índices são também significativos, representando 31,23% das publicações. Aqui, se sobressaem os números relativos aos jornais do Rio de Janeiro correspondendo a 76,4%. Os periódicos do Sul são responsáveis por apenas 2,365%.

¹⁶³ Por uma questão didática optou-se pela atual divisão territorial do Brasil, de acordo com as regras usadas pelo IBGE - Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia.

Tabela 2 – Jornais, notícias e porcentagem das ocorrências sobre os “fatos extraordinários do Juazeiro” por Região.

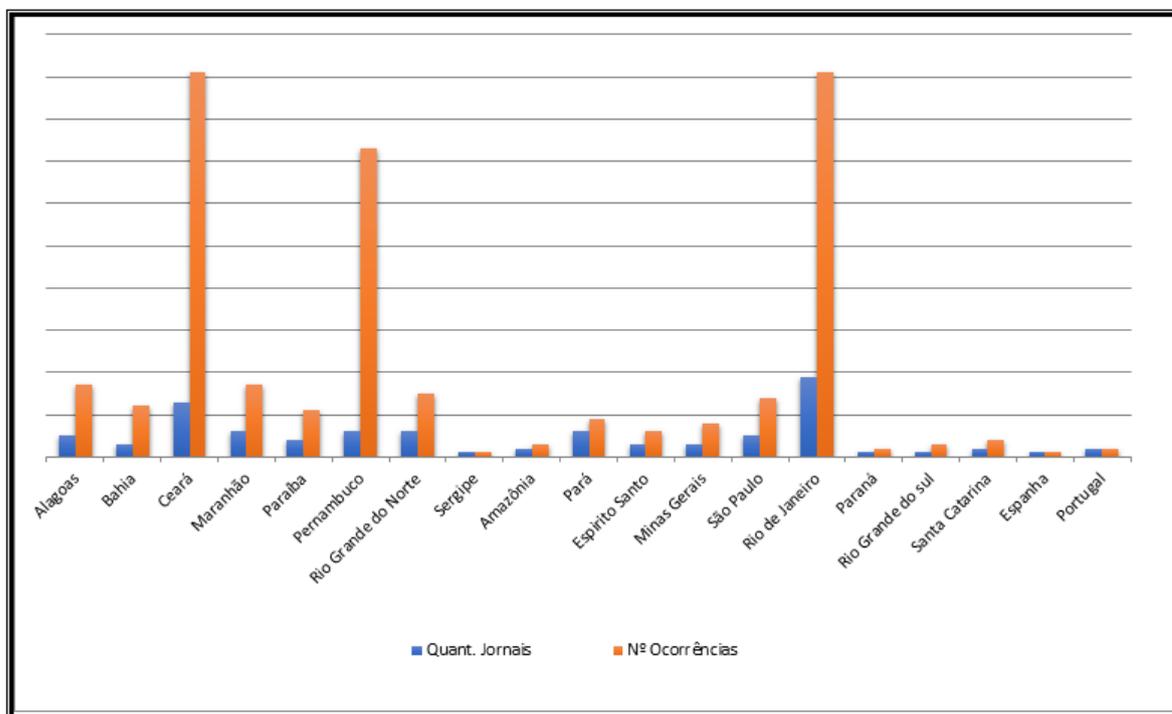
REGIÃO	PROVINCIA	JORNAIS	NOTÍCIAS	%
NORDESTE	Alagoas	05	17	237 62.20%
	Bahia	03	12	
	Ceará	13	91	
	Maranhão	06	17	
	Paraíba	04	11	
	Pernambuco	06	73	
	Rio G. do Norte	06	15	
	Sergipe	01	01	
NORTE	Amazônia	02	03	13 3.40%
	Pará	06	10	
SUDESTE	Espirito Santo	03	06	119 31.23%
	Minas Gerais	03	08	
	São Paulo	05	14	
	Rio de Janeiro	19	91	
SUL	Paraná	01	02	09 2.36%
	Rio Grande do sul	01	03	
	Santa Catarina	02	04	
EUROPA	Espanha	01	01	03 0.80%
	Portugal	03	03	
	TOTAL	89	381	

FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais acessados na BNBD e livros.

É importante observar que a concentração maior na região Nordeste, se dá exatamente onde o padre Cícero consolidou sua maior influência e de onde se origina o maior número de romeiros até os dias atuais.¹⁶⁴

A significativa repercussão dos fatos extraordinários do Juazeiro na imprensa pode ser averiguada nos gráficos apresentados abaixo: No primeiro, demonstrando a quantidade de jornais e notícias por Província:

Gráfico 1 – Quantidade de jornais e notícias com publicações sobre os “fatos extraordinários do Juazeiro” - (1887-1899)

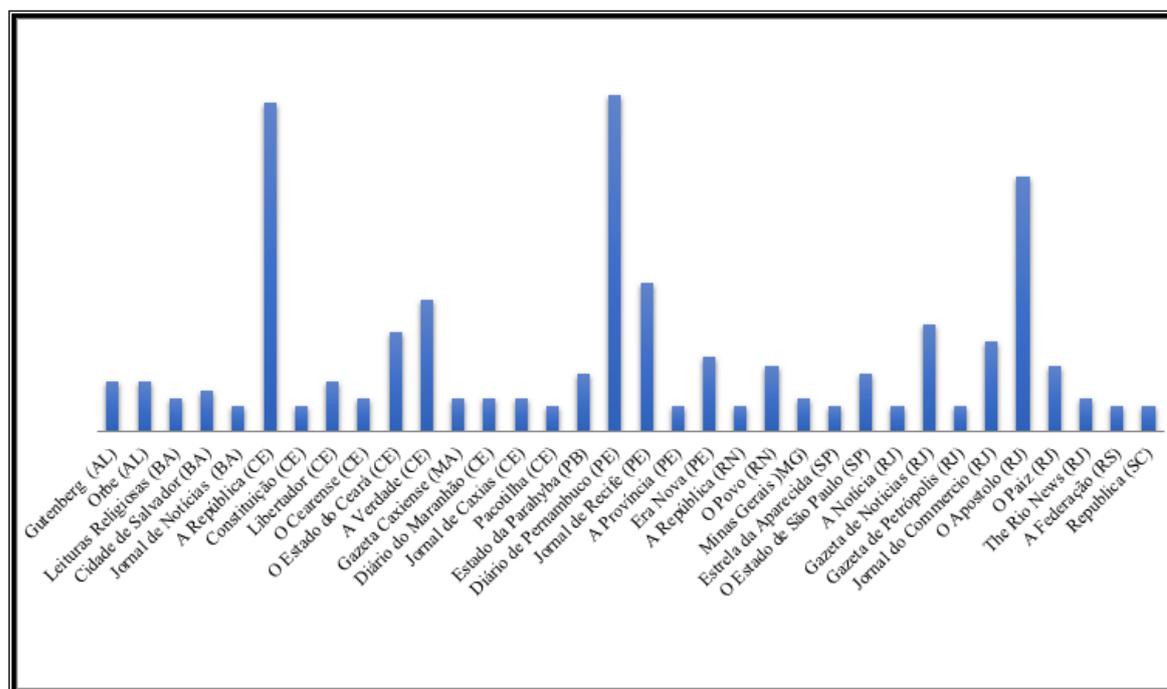


FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais acessados na BNBD.

No segundo gráfico, é demonstrado os jornais que mais repercutiram o acontecimento miraculoso:

¹⁶⁴ Um importante trabalho sobre as romarias do Juazeiro é a tese *Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em Juazeiro do Norte*, de Maria Paula Jacinto Cordeiro, disponível em: <https://tinyurl.com/yxm8y75q>. Em 2011 foi publicada em livro com título homônimo.

Gráfico 2 – Jornais que mais publicaram notícias sobre os “fatos extraordinários do Juazeiro” - (1887-1899)



FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais acessados na BNBD.

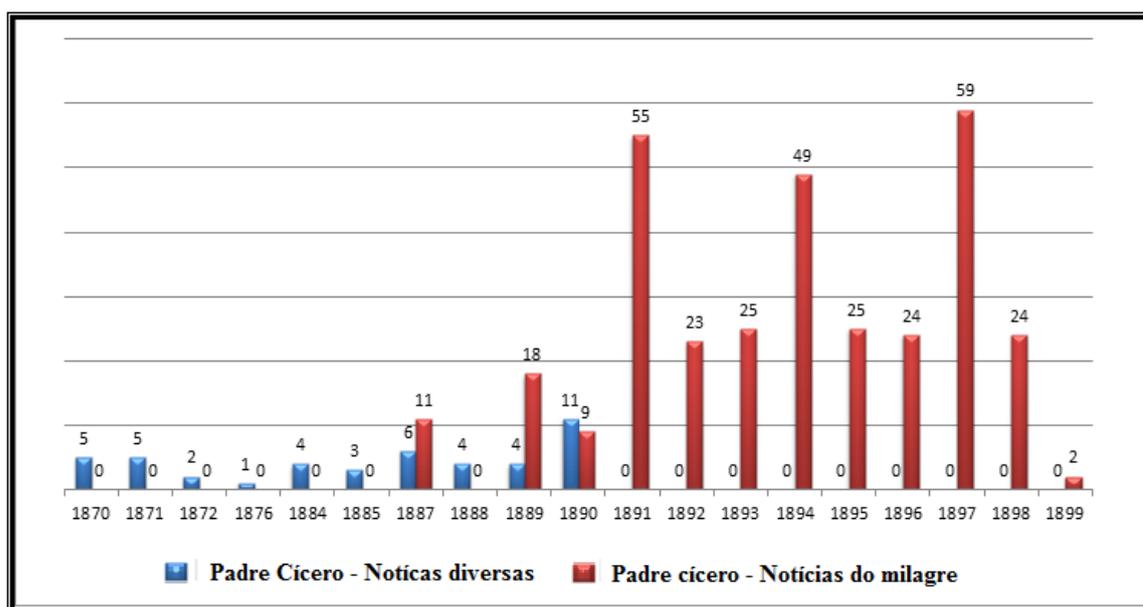
De acordo com os dois gráficos, a repercussão das notícias sobre os fatos extraordinários do Juazeiro ocorreram com maior intensidade nas províncias de Pernambuco, Ceará e Rio de Janeiro, nesta ordem. Dados corroborados pelo segundo gráfico no qual revela que os três jornais se destacam no que tange à quantidade de publicações: *A República*¹⁶⁵, proveniente de Fortaleza; *O Diário de Pernambuco*, editado em Recife e *O Apostolo*, oriundo do Rio de Janeiro.

Neste aspecto, é importante ressaltar as publicações do jornal *O Apostolo* por ser ele o porta-voz da Arquidiocese do Rio de Janeiro e o mais respeitável periódico católico do Império, com circulação nacional. A soma das publicações em jornais que se denominavam católicos (Leituras Religiosas – BA, A verdade – CE, Era Nova – PE, Estrela de Aparecida – SP e O Apostolo – RJ) totaliza 67 dos 381 dos jornais catalogados, o que representa 17,5%, uma constatação interessante no que diz respeito à visibilidade que a imprensa católica concedeu aos fatos do Juazeiro.

¹⁶⁵ Se levarmos em conta que este periódico surgiu da fusão do Libertador e do Estado do Ceará, em 1892, a quantidade de publicações salta de 40 para 58.

Enfim, o gráfico seguinte apresenta a quantificação de publicações por ano. A coluna em azul consta os números de publicações relativas somente ao padre Cícero. Na coluna vermelha, contém todas as notícias sobre os fatos extraordinários do Juazeiro.

Gráfico 3 - Publicações sobre “padre Cícero” e “milagres do Juazeiro” por ano - (1870-1899)



FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais acessados na BNBD.

Observam-se acima, duas questões importantes: primeiro a de que até 1890 circulam na imprensa notícias sobre o padre Cícero que não dizem respeito diretamente aos fatos do Juazeiro. A partir de 1891, no entanto, as notícias catalogadas nesta tese têm como tema central os “milagres”, ou seja, padre Cícero passa a ser mencionado a partir de seu envolvimento no conflito religioso estabelecido no Juazeiro.

A segunda questão relaciona-se aos picos de ocorrências das notícias, observando-se que o ápice desse movimento transcorreu exatamente nos momentos de maior tensão entre a Igreja e o grupo de defensores dos milagres do Juazeiro, ou seja, em 1891, quando é instaurada a primeira Comissão de Inquérito para investigar os episódios; em 1894, quando a Santa Sé emite o primeiro decreto no qual determina que se trata de prodígios vãos e supersticiosos e em 1897, quando a Santa Sé ratifica a decisão tomada e o padre Cícero decide viajar a Roma para fazer sua própria defesa.

É importante destacar que, elegendo como base de análise os dados apresentados nos gráficos e tabelas apresentados acima e a forma como as notícias chegavam aos jornais - através de cartas, atestados, testemunhos, artigos quase sempre publicados nas colunas “a pedidos” ou “solicitadas”-, se pode deduzir que a publicização dos fatos sobrenaturais se deu no âmbito de uma estratégia bem elaborada, de um planejamento que consistia desde a escolha dos jornais até o tipo de documento a ser compartilhado.

Com esse fim, organizou-se em Juazeiro um grupo que aqui denominamos “defensores dos fenômenos sobrenaturais”, liderado pelo primo do padre Cícero, José Joaquim Telles Marrocos, intelectual, poliglota¹⁶⁶, educador, abolicionista e jornalista conhecido em Fortaleza, com atuação em jornais de outras províncias como o Rio de Janeiro. Marrocos tornou-se o mais preeminente mentor e executor do plano de divulgação dos fenômenos sobrenaturais de Juazeiro na imprensa nacional e em jornais da Europa (Portugal).

Compreender, portanto, como e quais estratégias se fizeram necessárias para implantar e manter atualizados os fatos sobrenaturais de Juazeiro na imprensa brasileira nas duas últimas décadas do século XIX é um desafio. É importante conhecer os percursos e articulações desse personagem, sobretudo, a militância e influência que tivera no meio jornalístico brasileiro.

2.1.5 O NARRADOR DOS MILAGRES: José Joaquim Telles Marrocos

Os “fatos sobrenaturais do Juazeiro”, inexoravelmente, remetem a um dos mais significativos personagens da trama, José Joaquim Telles Marrocos. Defensor intransigente dos “milagres” terá um papel imprescindível na divulgação dos fenômenos, sendo ele a planejar o que chamaremos “estratégia de divulgação e defesa dos fatos sobrenaturais na imprensa”.

¹⁶⁶ Marrocos lia e falava em francês, italiano, latim e um pouco de grego. Segundo Pinheiro (2010, p. 131) foi ele quem redigiu e traduziu, em italiano, os documentos (cartas, telegramas, petições, decretos, pareceres, depoimentos, etc.) referentes à questão religiosa do Juazeiro. Embora não tendo tido acesso aos jornais de Portugal, sabe-se através de citações do próprio Marrocos, de correspondências do bispo diocesano e de outros jornais, da existência de pelo menos dois periódicos: Novo Mensageiro do Coração de Jesus – (Lisboa/Portugal) e Palavra (Porto/Portugal).

Na historiografia há relativo consenso quanto ao seu papel na propagação dos acontecimentos. Irineu Pinheiro¹⁶⁷ assegura que

[...] quem estudar, a fundo, o drama religioso juazeirense, que comoveu as populações católicas de nossa pátria, do norte ao sul do Brasil, haverá de concluir, ter sido (ele) o seu maior defensor não só na imprensa, mas também perante a Santa Sé.

Coube-lhe a tarefa de elaborar e pôr em prática um projeto capaz de não arrefecer a disseminação dos eventos na imprensa. Em agosto de 1894 é publicado um decreto do Santo Ofício reprovando e condenando os fatos de Juazeiro como “prodígios vãos e supersticiosos”.

O objetivo consistia em manter correspondências com autoridades eclesiásticas e científicas acerca do assunto com publicações às vezes pagas, às vezes em função de seu conhecimento e boas relações com periódicos de várias partes do país. Em Portugal foram dois jornais.

Nascido na cidade do Crato em 1842, filho natural de um padre, João Telles Marrocos criou-se, estudou e ingressou no seminário ao lado do primo Cícero Romão Baptista. Tornar-se padre foi o sonho que mais o perseguiu ao longo de toda juventude, entretanto, viu-se expulso do seminário sem conseguir ser ordenado, em 1865.¹⁶⁸

Impedido de ordenar-se, Marrocos passa a desenvolver diversas atividades. Na área de educação fundou e dirigiu várias escolas, além de exercer a profissão de professor de latim e língua portuguesa. Destaca-se na luta pela libertação dos escravos constituindo-se num dos mais aguerridos abolicionistas do Ceará.¹⁶⁹ Contudo, é no campo jornalístico que dará grande contribuição à história do jornalismo caririense e cearense atuando, ora como redator, ora como correspondente, ora como colaborador em diversos periódicos não só da província do Ceará como de outras regiões e em jornais do Rio de Janeiro.

¹⁶⁷ Pinheiro, Irineu. *Efemérides do Cariri*. Coedição Secult/Edições URCA – Fortaleza: Edições UFC, 2010, p. 131.

¹⁶⁸ Existem várias versões sobre os motivos da expulsão de José Marrocos: indisciplina (Della Cava, 2014, p. 109); por sustentar pontos de vista teológicos errôneos (Anselmo, 1968, p. 35). A versão mais plausível é a levantada por Barros (2014, p. 130) de que o fato de ser filho de um padre representava um problema, pois era uma situação incompatível com a de um sacerdote num período em que a Igreja colocava em ação sua doutrina de “romanização” do catolicismo popular. Conforme ressalta a autora, essa informação foi registrada pelo reitor do referido seminário, padre Chevalier, no “livro de ocorrências”, p. 5-6. O livro encontra-se, hoje, arquivado no Departamento Histórico Diocesano Padre Antônio Gomes de Araújo – DHDPG, no Crato.

¹⁶⁹ Sobre a atuação de José Marrocos na luta abolicionista do Ceará, ver: GIRÃO, Raimundo. *A Abolição no Ceará*. 3ª ed. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984.

Sua primeira experiência como jornalista data de 1862 com uma publicação num dos mais conhecidos jornais de Fortaleza, *O Cearense*. Trata-se de um manifesto em homenagem ao seu pai intitulado “A memória do nosso caríssimo mestre, o padre João Marrocos Teles”, vitimado pela epidemia do *Cólera Morbus* naquele ano. O texto contou com a assinatura de 23 cratenses, incluindo o futuro padre Cícero.¹⁷⁰

Retorna ao Crato em 1867 para assumir a direção do Internato Coração de Maria¹⁷¹, juntamente com seu antigo professor Ignácio de Souza Rolim. Nesse período Marrocos trabalhará na redação de um jornal pela primeira vez, *A Voz da Religião no Cariri*, fruto de uma parceria com o missionário cearense José Antônio de Maria Ibiapina¹⁷², circulando entre os anos de 1868 a 1870. Reconhecido como excelente escritor, de “pena fácil”, torna-se, já na 4ª edição, seu principal redator, conforme anuncia o padre Ibiapina: “[...] Toda correspondência que lhe dirigirão dos diferentes pontos do Cariri, para o redator que é o senhor Jose Joaquim Telles Marrocos e confio na discrição, probidade e ilustração deste senhor”.¹⁷³

Com duração de dois anos (dezembro de 1868 a dezembro de 1870) e 84 edições¹⁷⁴, a *Voz da Religião no Cariri* se afirmou como um veículo de divulgação das missões de Ibiapina. Na administração do jornal, Marrocos responsabiliza-se pela redação das notícias e artigos¹⁷⁵ e pela logística de circulação com a criação de um correio particular de distribuição na região do Cariri e o envio dos exemplares para as redações de periódicos de outras províncias, desenvolvendo entre o jornal do Crato e outros periódicos um trabalho conjunto na veiculação das notícias para além das fronteiras do Cariri.

Demonstrando possuir uma compreensão diferenciada no tocante à importância da imprensa na propagação e circulação de ideias, institui uma coluna intitulada “Voto de gratidão”, na qual agradece aos redatores de jornais o “[...] acolhimento que tão

¹⁷⁰ O Cearense – CE, Nº 1539, 26/08/1862, p. 04.

¹⁷¹ A Voz da Religião no Cariri (Crato/CE), Nº 01, 08/12/1868 p. 01.

¹⁷² Conhecido como mestre padre Ibiapina (05/08/1806-19/02/1883), era natural de Sobral, Ceará, filho de Francisco Miguel Pereira e Teresa Maria de Jesus. Em 1866, passa a trabalhar como missionário percorrendo mais de 600 km pelas províncias do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Organizou missões, construiu capelas, igrejas, açudes, cacimbas, poços, cemitérios, hospitais e fundou mais de vinte Casas de Caridade para moças órfãs carentes, onde elas recebiam educação religiosa e moral, aprendiam a ler, escrever e fazer trabalhos domésticos, além de terem assistência à saúde. Esteve no Cariri pela primeira vez em 1863, na cidade de Missão Velha, para inaugurar a primeira casa de Caridade do Cariri. Segundo Barros, foi nesse período que conheceu o padre Cícero e José Marrocos.

¹⁷³ A Voz da Religião do Cariri, Nº 4, 25/12/1868, p. 01.

¹⁷⁴ 1868 – 08 edições; 1869 – 41 edições e 1870 – 35 edições.

¹⁷⁵ Nesses artigos Marrocos usava pseudônimos religiosos (Sérvulo de Maria, Ser Humilíssimo), históricos (Spartacus), termos em latim (veritas), característica que será mantida em outras publicações futuras, sobretudo, relacionadas aos fatos do Juazeiro.

benevolmente recebeu destes seus ilustres colegas da imprensa do Brasil.”¹⁷⁶ Nesse sentido, toma a iniciativa de publicar os nomes dos periódicos para os quais enviou números da VRC e daqueles de quem recebeu retorno, sendo eles: *Apostolo* – RJ, *Estrela do Norte* – PA, *Paraibano* – PB, *Alabama* – BA, *Publicado* – Paraíba, *Cearense*, *Pedro II*, *Constituição* e *Jornal de Fortaleza* – CE (Nº 19, 25/04/1868, p. 2), *Tribuna* – PE, *Assuense* - RN (Nº 22, 16/05/1869, p. 2), *A Ordem* – Recife, *O Conservador* – Maceió, *O Pharol* – MG; *O Comercio Do Ceará* (Nº 35, 26/08/1869, p. 2), *The Brazilian World* (Imprensa Inglesa no RJ), *Amigo do Povo* – Teresina, *A Voz do Brasil* (Substituto Da Ordem – Recife), *O Beija Flor* - *Jornal Literário e Recreativo Em Maceió* (Nº 39, 03/10/1869, p. 2).

Muitos desses jornais ao receber as edições do periódico cratense, registram agradecimentos em suas páginas conforme faz *O Apostolo*, do Rio de Janeiro:

CEARÁ – O incansável Revdo. Dr. Jose Antônio de Maria Ibiapina acaba de encetar a publicação de um periódico religioso *A Voz da Religião em Cariri*, onde a par da singeleza do estilo, elegância da fase, prima a excelência da doutrina católica. Agradecendo a atenção que teve para com esta redação, enviando-nos seu novo periódico, lhe oferecendo também o nosso. 177

Através da VRC é possível, ainda, vislumbrar a visão de Marrocos sobre o papel da imprensa enquanto lugar de memória. Na edição 17, de 11 de novembro de 1869, p. 1, informa que a partir daquela data publicará narrativas de “milagres” ocorridos nas fontes termais do Caldas, localizado no município de Barbalha¹⁷⁸: “[...] O que vamos narrar pertence à história, e no dia em que se fizer o seu esboço, o escritor encontra ainda nas memórias do tempo, na legenda do povo as provas do fato que a imprensa do Crato hoje registra”.

Percebe-se que Marrocos compreendia sua atuação enquanto jornalista como uma missão e o jornal, como uma espécie de guardião da memória. Marialva Barbosa, em artigo intitulado “Jornalistas: senhores da memória”, discute a ação do jornalista enquanto produtor de uma dada memória:

¹⁷⁶ *A Voz da Religião no Cariri*, 25/04/1868, p. 02.

¹⁷⁷ *O Apostolo* – RJ, 17/01/1969, p. 08.

¹⁷⁸ As fontes do Caldas, uma estância hidromineral encravada na Chapada do Araripe pertence ao município de Barbalha, Ceará. Consta que, em 1868, em uma de suas missões de evangelização, o Padre Ibiapina, em visita à capela do Bom Jesus dos Aflitos localizada nas terras do senhor Antônio Emanuel de Caldas, acreditando nas propriedades curativas das águas minerais passa a recomendar o banho e a sua ingestão, aos fiéis. Para saber mais sobre as curas, ver: VERAS, Elias Ferreira. *O echo das maravilhas: O Jornal A Voz da Religião no Cariri e as missões do padre Ibiapina no Ceará*. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://tinyurl.com/y6ox4ux5>.

“[...] ao realizar no seu trabalho cotidiano uma operação seletiva da memória, lembrando alguns fatos e esquecendo outros tantos, levando em conta configurações do presente e [...] fixando para o futuro o que deve ser lembrado fixado e o que precisa ser esquecido [...]”.¹⁷⁹

Marrocos permanece na redação do jornal cratense até 1870 quando o periódico deixa de funcionar em decorrência do conflito existente entre o bispo do Ceará, dom Antônio Luiz e o padre Ibiapina.¹⁸⁰ Apesar disso, não desiste da difusão de suas ideias. Em 1871, publica um artigo com o título “Estudinhos da Natureza: Sinais de Chuva”, em dois importantes jornais: *O Cearense*¹⁸¹ e *Diário de Pernambuco*¹⁸².

Em 1873, muda-se para Fortaleza a convite do Sr. Manoel Theophilo da Costa Mendes, diretor do colégio Atheneu Cearense, para lecionar a disciplina de gramática.¹⁸³ Na capital, trabalha como professor de latim e de língua portuguesa em diversos colégios: Liceu do Ceará¹⁸⁴, Colégio Universal¹⁸⁵, entre outros.

Concomitante à atividade de professor, escreve artigos versando sobre temas pertinentes a questões sociais e religiosas, como o perigo da Maçonaria¹⁸⁶, seca no Ceará¹⁸⁷ e, principalmente, sobre a questão da escravidão.¹⁸⁸

Marrocos se portava como um homem profundamente religioso. Apesar de não ter sido ordenado, não perdia a oportunidade de escrever artigos em defesa da Igreja Católica e da religião que abraçava. Essa característica fez com que, em 1876, assumisse a direção e a

¹⁷⁹ BARBOSA, Marialva. *Jornalistas: senhores da Memória*, 2004, p. 1. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5c5xlce>.

¹⁸⁰ Nomeado bispo da recém-diocese do Ceará, Dom Luiz foi o responsável pela execução do processo de Romanização do Catolicismo brasileiro. As missões do padre Ibiapina e a divulgação dos seus milagres nas páginas do periódico VRC foram interpretadas pelo bispo como um forte obstáculo à política de romanização do clero do Ceará, proibindo, portanto, o missionário de atuar nos limites da Diocese do Ceará. (Della Cava, 2014, p. 72)

¹⁸¹ *O Cearense* – CE, Nº148, 29/12/1871, p. 02.

¹⁸² *Diário de Pernambuco* – PE, Nº 52, 04/03/1872, p. 08.

¹⁸³ *O Cearense*, Nº 43, 1/07/1873, p. 02.

¹⁸⁴ *Constituição* - CE, Nº 8, 24/07/1875, p. 01.

¹⁸⁵ *O Cearense*, Nº 32, 19/04/1874, p. 02.

¹⁸⁶ *Jornal de Penedo* - AL, Nº 17, 08/03/1875, p. 04.

¹⁸⁷ Entre outros artigos, lança um manifesto de apelo às senhoras cearenses para socorrer as vítimas da seca de 1877, assinado por dois padres e publicado em diversos jornais, tais como: *O Cearense* (CE), Nº 72, 29/08/1877; *O Apostolo* (RJ), 12/08/1877; *O Retirante* (CE), Nº 05, 29/07/1877.

¹⁸⁸ Muitos desses artigos foram publicados no jornal *Libertador* (CE). Porém, no *Jornal de Sergipe*, (21/04/1881, p. 3-4) publica através de uma carta um artigo contundente sobre o tráfico negroiro.

redação do jornal *Tribuna Cathólica* (órgão político do Partido Católico)¹⁸⁹ ingressando na política e sendo eleito em 17 de outubro, membro do diretório do Partido Católico Cearense com mais 11 integrantes.¹⁹⁰

Na década de 80 já estava bastante conhecido e influente no meio educacional e jornalístico de Fortaleza com várias publicações em jornais de outras províncias, inclusive, na Corte, no Rio de Janeiro. Marrocos engaja-se na luta abolicionista de forma mais concreta compondo a diretoria da Sociedade Libertadora Cearense¹⁹¹. Considerado um homem de “[...] ação destemerosa, jeitoso para disfarces e manobras de detetive [...]”,¹⁹² desenvolve uma campanha para compra de alforrias envolvendo-se na fuga de escravos, motivo pelo qual será processado judicialmente por esconder furtivos em sua residência.¹⁹³

Em 1881, torna-se acionista na empresa Tipografia responsável por lançar o jornal abolicionista *Libertador*, órgão da Sociedade Libertadora Cearense, do qual se tornará um dos mais enérgicos redatores.¹⁹⁴

Até 1882 atuou ainda como revisor do jornal *O Cearense*, destituindo-se posteriormente para assumir, com exclusividade, a redação do *Libertador*, conforme noticia o jornal *A Constituição*, de Fortaleza:

CEARENSE – O nosso particular amigo, José Joaquim Telles Marrocos, deixou o lugar que exercia com inteligência e lealdade no escritório do *Cearense*.

Consta-nos que em breve sua provada aptidão e serviços serão aproveitados em uma nova empresa tipográfica, a do *Libertador*, cujo prelo à vapor e mais acessórios são aqui esperados até o fim do corrente mês.¹⁹⁵

Atuando como abolicionista, aproxima-se de pessoas influentes na imprensa nacional, dentre elas o também abolicionista José do Patrocínio, de quem se faz amigo. Em 1889, torna-se correspondente do jornal de propriedade daquele, *A Cidade do Rio*.

¹⁸⁹Tribuna Cathólica (CE), Nº 39, 29/10/1876, p. 1. Não foi possível identificar quanto tempo Marrocos permaneceu na redação do referido jornal, visto que poucas edições estão disponíveis na BNHD.

¹⁹⁰ O Apostolo (RJ), Nº 114, 13/10/1876, p. 1. Em 1890, Marrocos, já residindo no Crato, é quem se responsabiliza em organizar o diretório do partido nesta cidade (Della Cava, 2014, p. 110).

¹⁹¹ Gazeta do Norte - CE, Nº 65, 25/03/1881, p. 02.

¹⁹² Girão, 1984, p. 36.

¹⁹³ Ibid., p. 137.

¹⁹⁴ O Cearense - CE, Nº. 23, 30/01/1881, p. 05.

¹⁹⁵ Nº 29, 13/04/1882, p. 02.

Atendendo a um pedido de Patrocínio, em junho de 1884 empreende uma viagem ao Rio de Janeiro, fato que não passa despercebido pela imprensa:

Acha-se entre nós o distinto abolicionista Jose Joaquim Telles Marrocos, um dos membros da *Libertadora Cearense* que mais concorreram com a sua tenacidade para o resultado da libertação da sua província natal. Consta que o *Abolicionista Cearense* prepara uma festa em honra ao denodado jornalista redator do *Libertador*, a qual terá lugar no dia 22 do corrente em um dos teatros desta corte.¹⁹⁶

Na Corte, além de cumprir uma agenda social que incluía cumprimentar o imperador duas vezes consecutivas¹⁹⁷, estabelece importantes contatos com personalidades do meio jornalístico, religioso e político. Ao regressar da cidade do Rio de Janeiro, permanece em Fortaleza até 1887, retornando à sua terra natal, Crato, com o intuito de fundar um novo jornal, *A Vanguarda*. Assume a direção do Colégio Cratense¹⁹⁸ e é nomeado em 1888, interinamente, para o cargo de promotor público do Crato¹⁹⁹. Suas habilidades no campo jornalístico, portanto, não cessaram mesmo depois que voltou ao Cariri. Segundo Otacílio Anselmo²⁰⁰, nesse período trabalhava como correspondente de jornais de Fortaleza.

Considerado por Pinheiro²⁰¹ um notável jornalista, contribuiu sobremaneira na criação e redação do *Jornal do Cariri* publicado na cidade de Barbalha, em 1904 e *O Rebate* de Juazeiro, em 1908.

Marrocos possuía, ainda, o dom da oratória. Em diversos momentos proferiu discursos: nos festejos do Tricentenário de Camões realizado pelo Liceu no colégio São José²⁰²; na sessão solene para recepção da classe tipográfica²⁰³; nas comemorações do centenário do Marquês de Pombal²⁰⁴; na sessão de instalação do Club dos Libertos do Ceará²⁰⁵; na solenidade de libertação dos escravos em Canindé²⁰⁶ e na sessão solene de

¹⁹⁶ Gazeta de Notícias - RJ, N° 165, 13/06/1884, p. 01.

¹⁹⁷ Gazeta de Notícias - RJ, 18/06/1884, n° A00170, p. 2 e 04/07/1884 p. 01.

¹⁹⁸ *A Vanguarda*, 16/06/1887, p. 04.

¹⁹⁹ Constituição - CE, 31/05/1888, p. 02.

²⁰⁰ Anselmo, 1968, p. 82.

²⁰¹ Pinheiro, 2010, p. 131.

²⁰² *O Cearense* - CE, N° 63, 13/06/1880, p. 01.

²⁰³ *O Cearense* - CE, N° 201, 20/09/1881, p. 03.

²⁰⁴ *O Cearense* - CE, N° 100, 01/05/1882, p. 02.

²⁰⁵ Constituição - CE, N° 43, 01/06/1882, p. 01.

²⁰⁶ *O Libertador* - CE, N° 222, 10/10/1883, p. 02.

libertação dos escravos no Ceará em 24 de maio de 1884, representando o jornal católico do Pará, *Boa Nova*²⁰⁷.

Colocando, dessa maneira, sua capacidade intelectual e conhecimento à disposição do meio jornalístico de diversas províncias, Marrocos constrói uma rede de articulação que lhe possibilitará a divulgação e defesa da veracidade dos fenômenos sobrenaturais de Juazeiro, nos quais acreditava piamente.

Marrocos se constituirá, com o mesmo empenho, no primeiro e mais ardoroso defensor do padre Cícero perante a Igreja Católica e a sociedade. Elaborava em língua vernácula e em latim petições, ofícios, memoriais e documentos diversos com o objetivo de subsidiar o sacerdote na luta para reaver suas ordens sacerdotais.

Não hesitará em ir à imprensa para rebater acusações e difamações que considerava injustas sobre a personalidade e caráter do padre Cícero, publicando artigos até a proximidade de sua morte, em 1910, boa parte deles em colunas pagas.

Para Barbosa, ao selecionar a informação e a forma narrativa de dizê-la, “[...] o jornalista constrói, transpondo para o lugar da anormalidade, o acontecimento, ressaltando que [...] Essa construção é seletiva”. Noutras palavras, seleciona-se parte da realidade partindo-se do pressuposto do que os leitores gostariam de saber, constituindo o próprio acontecimento e criando uma memória da atualidade.²⁰⁸

Nessa perspectiva, durante sua atuação jornalística em defesa dos milagres do Juazeiro e do padre Cícero, lhe será estratégico selecionar os veículos de publicação primando por uma narrativa que enalteça a personalidade e o caráter do sacerdote, Maria de Araújo e outros personagens envolvidos na questão, construindo, assim, o acontecimento.

Ao longo de todo esse movimento em defesa dos “milagres do Juazeiro” e do padre Cícero, Marrocos produzirá um considerável acervo com o arquivamento de cadernos²⁰⁹, construindo um importante espaço de pesquisa acerca de tais acontecimentos. Dessa maneira, demonstra total compreensão do processo histórico em curso.

²⁰⁷ Girão, 1984, p.182.

²⁰⁸ Barbosa, 2004, p. 04.

²⁰⁹ Cadernos encontrados entre seus pertences após sua morte. Entregues ao padre Cícero, compõem o grande arquivo organizado pelo sacerdote sobre as questões do Juazeiro. Já digitalizados e disponibilizados em vários institutos de pesquisa, seus originais encontram-se depositados nos arquivos dos Salesianos em Juazeiro do Norte.

2.1.6 O MILAGRE SE FEZ VERBO: Narrativas na imprensa sobre o milagre do sangramento da hóstia

Mantidos sob sigilo e reserva, circunscritos no âmbito de alguns sacerdotes e amigos do padre Cícero, os fatos sobrenaturais de Juazeiro voltam a circular na imprensa em 1889, agora com uma novidade mais impactante: a hóstia consagrada, ao ser ministrada em comunhão a uma virgem piedosa, transforma-se em sangue.

Dessa forma, os “fatos extraordinários” ocorridos com Maria de Araújo chegam ao seu ápice em 01 de março de 1889 quando, de acordo com diversas testemunhas, a hóstia converte-se em sangue no momento em que ela comunga. Ocorrendo continuamente todas as sextas-feiras desse dia em diante²¹⁰, é anunciado publicamente em 08 de julho, na festa do Precioso Sangue, pelo então reitor do seminário São José do Crato, monsenhor Francisco Monteiro.²¹¹

Em 19 do mesmo mês o jornal *Pedro II*, de Fortaleza, publica uma carta enviada do Crato anunciando a ocorrência do fenômeno com a seguinte indagação: “Será Milagre”? Outras centenas de notícias tratando do assunto ocupam as páginas dos jornais de todo o Brasil, conforme anteriormente demonstrado, suscitando debates e acompanhando o desenrolar dos acontecimentos.

O que estava circunscrito à oralidade ganha narrativa, textualidade, fazendo-se verbo, assumindo a fase sublinhada por Ricoeur como *Mimesis II*. Narrado a princípio por uma ou duas pessoas, o fato populariza-se na imprensa, passando a ser o cerne de acalorados debates entre religiosos, leigos, jornalistas e até políticos.

Segundo Ricoeur, somente através da narrativa é que a memória se instaura no mundo real, no mundo vivido. Portanto, ao serem narrados, os fenômenos extraordinários do Juazeiro vão ganhando densidade e novas abordagens num processo que o autor classifica como “[...] tempo prefigurado em tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado”.²¹² Ou seja, à medida que são narrados na imprensa e absorvidos pelos leitores, serão reelaborados

²¹⁰ Casimiro, 2012, p. 01.

²¹¹ Sobre a afirmativa de ter sido Monsenhor Monteiro o primeiro a divulgar publicamente os fenômenos sobrenaturais, o próprio sacerdote o nega em seu relatório entregue à primeira Comissão de Inquérito datado de 18 de outubro de 1891, ao declarar que “[...] Disseram Jornais deste Estado e de outras partes muitas notícias erradas a respeito dos fatos do Juazeiro, erradas em relação a sua substancia e porque me davam como testemunha ocular, quando só sabia por ouvir dizer”.

²¹² Ricoeur, 2010, p. 95.

produzindo novas narrativas numa “[...] circularidade viciosa entre a travessia da *mimesis* I para a *mimesis* III através da *mimesis* II”.²¹³

A notícia que trazendo a narrativa dos acontecimentos de Juazeiro chega aos jornais através de uma carta enviada da cidade do Crato, cujo título em letras maiúsculas, indaga: “SERÁ MILAGRE?”.

Na povoação do Juazeiro, termo do Crato, existe uma mulher moça, de reconhecidas virtudes. Desde algum tempo, a datar de sexta-feira santa do corrente ano, que nas confissões que faz, por ocasião de comungar, a partícula sagrada desfaz-se em sangue, de modo que a toalha da mesa de comunhão está completamente manchada de sangue, como diversos sanguíneos e corpóreos, que ontem, 8 de julho, foram exibidos por Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, na capela da mesma povoação, a um concurso de mais de 2 mil pessoas.

O Rvd. Padre Cícero Romão Baptista, que é o confessor de Maria de Araújo (assim se chama a virtuosa moça) afirma o fato já descrito, que ainda ontem, antes da missa cantada e sermão, reproduziu-se, de modo que o sangue estava visivelmente novo.

Assistimos com nossa família a exibição dos panos e ouvimos do próprio padre Cícero, sacerdote de costumes puríssimos, afirmar que tem tido a felicidade de presenciar esta maravilha por diversas vezes.

Chame a atenção de Exmo. Sr. Bispo e poderes eclesiásticos para esse acontecimento à que também não deveria ser diferente o governo.

Está este mundo por cá está em completo movimento!! É um caso extraordinário e sobrenatural.²¹⁴

Embora não informe o nome do remetente, levando-se em conta o estilo de escrita é provável que tenha sido redigida por José Marrocos, que envia outras três para os periódicos *O Diário do Commercio* (Nº 257, 19/08/1889, p. 2) e *Cidade do Rio* (Nº 194, 29/08/1889, p. 3), ambos publicados no Rio de Janeiro e o *Diário de Pernambuco* (Nº 194, 29/08/1889, p. 3), de Recife.

O autor relata o momento em que monsenhor Monteiro faz, pela primeira vez, o anúncio dos fatos extraordinários com apresentação dos panos que paramentam a missa, sanguíneos e corpóreos²¹⁵ manchados de sangue.

²¹³ Ibid., p. 124.

²¹⁴ Pedro II – CE, Nº 06, 19/07/1889, p. 02.

²¹⁵ **Sanguíneo** - ou purificador. É um tecido retangular com o qual o sacerdote, depois da comunhão, limpa o cálice e, se for preciso, a boca e os dedos. **Corporal** - tecido em forma quadrangular sobre o qual se coloca o cálice com o vinho e a patena com o pão. Cf.: <https://tinyurl.com/y2rjn6j5>.

Destaca, principalmente, a quantidade de sangue derramado com panos e toalhas encharcados, exibidos para uma multidão de 2 mil pessoas²¹⁶. O narrador busca convencer o leitor de que os fatos são verdadeiros, afirmando ter sido, ele próprio junto com a família, testemunha ocular dos fatos. Declara, ainda, ter ouvido do padre Cícero - que considera ser um sacerdote de “costumes puríssimos” e confessor da beata - que um sangue “visivelmente novo” se apresentou, afastando a possibilidade de se tratar de um embuste.

Vale destacar na narrativa a forma como o autor cita Maria de Araújo, reconhecendo ser ela de “reconhecidas virtudes”, denotando nas entrelinhas que não se está falando de uma pessoa desconhecida com caráter duvidoso, mas de alguém que não é ignorada pela comunidade.

Enfim, vê-se um esforço de chamar a atenção do bispo, da Igreja e do governo para aqueles episódios, por acreditar que se trata de um “caso extraordinário e sobrenatural” forte o suficiente no sentido de colocar o “mundo de cá” em movimento, demonstrando que o fato já havia se estabelecido envolvendo a população de forma irreversível.

Seguiram-se a esta outras publicações enviadas por moradores das localidades vizinhas que, vendo ou ouvindo falar, transformavam em narrativas. Antes da divulgação das outras três cartas de José Marrocos, uma notícia circulou no periódico *A Constituição*, de Fortaleza, no dia 04 de agosto, enviada da cidade de Milagres²¹⁷, sem identificação de nenhuma autoria. Nela, diferentemente da primeira, o autor não presencia os “fenômenos”. Sua narrativa se baseia em informações que Monsenhor Monteiro compartilhou com o vigário daquela paróquia. Diz o narrador:

Foi o Rev. Vigário desta freguesia informado pelo Exmo. e Rev.^{mo} Monsenhor Monteiro, Reitor do Seminário do Crato, que, assistindo a missa celebrada no dia de S. João, na capela da povoação de Juazeiro, pelo santo padre Cícero Romão Baptista, ao elevar este eminente sacerdote a Hóstia Consagrada, desfez-se ela em sangue natural, deixando nas toalhas tarjas indeléveis!

Ao terminar-se a missa, subiu ao púlpito sagrado o Rvdm. Monsenhor, e, n'uma eloquente alocução, significou aos fiéis presentes o portentoso

²¹⁶ Há um consenso na historiografia sobre os fatos do Juazeiro de que esta teria sido a primeira romaria no povoado, porém, conforme será apresentado ao longo do capítulo, não há elementos que comprovem tal afirmação.

²¹⁷ A cidade de Milagres fica a menos de 100 km de Juazeiro do Norte. Desmembrada do Crato em 1846, foi elevada à categoria de vila pela lei provincial nº 374. Para saber mais, ver: MORAIS, José Flávio Bezerra. *Milagres do Cariri: pequena contribuição ao estudo da formação histórica do município de Milagres do Cariri cearense*. Crato: Gráfica Universitária, 1989.

milagre, mostrando-lhes as nodoas do sangue, que visivelmente ficaram nas toalhas!²¹⁸

Maria de Araújo não é citada, sendo atribuído ao padre Cícero²¹⁹, visto como um santo, a operação do milagre, uma vez que é em suas mãos, no momento da transubstanciação²²⁰, que ocorre a transformação da hóstia em sangue.²²¹

A informação sobre a data do anúncio público do “milagre” também merece atenção. Na notícia anterior consta que o fato transcorreu em 07 de julho de 1889, dia dedicado à festa do Preciosismo Sangue”²²² presidida por Monsenhor Monteiro. O narrador, no entanto, assegura que esta sucedeu em 24 de junho, dia de São João Batista, durante uma celebração no Juazeiro. Sendo assim, 15 dias antes daquela que foi oficializada como a primeira anunciação do milagre. Consta-se, enfim, que não há consenso nas narrativas de cunho jornalístico acerca dessa questão e do protagonismo dos fenômenos, que, vez por outra, é atribuído ao padre Cícero e não mais à beata.

[...] este extraordinário milagre tem se manifestado repetidas vezes ali, desfazendo-se em sangue a partícula consagrada, por ocasião de dar o santo padre Cícero comunhão a uma beata sua confessada, ali residente, há quem o próprio padre Cícero chama santa!

Embora não seja conferido nenhum papel de destaque à beata, mesmo que a mencione o autor ressalta que se trata de uma moça que reside em Juazeiro, considerada uma santa pelo

²¹⁸ Constituição - CE, Nº 142, 04/08/1889, p. 01.

²¹⁹ Sobre a questão de ser ou não o padre Cícero o protagonista do “milagre”, é importante conhecer o que ele próprio declarou em seu depoimento ao Bispo do Ceará em 17 de julho de 1891. Segundo consta no primeiro processo, ao ser “[...] perguntado se alguma vez a partícula consagrada se transformou em sangue em suas mãos, por ocasião de dar a Comunhão á Beata Maria de Araújo, respondeu que não, mas aconteceu uma vez, de ter ele interrogado, tirado da boca da beata uma partícula já em grande parte transformada em sangue, completando-se a transformação no côncavo de sua mão esquerda” (CASIMIRO, op. Cit., p. 25).

²²⁰ Esse é o momento em que, simbolicamente “[...] Cristo derrama seu sangue por nós ao Pai trazendo graças para nossos corações”. Cf.: “*A Missa parte por parte*”, disponível em: <https://tinyurl.com/y2rjn6j5>

²²¹ Segundo esta narrativa, ocorria em Juazeiro algo semelhante ao que se deu na cidade de Bolsena, na Itália, em 1264. É considerado milagre reconhecido pela Igreja Católica. De acordo com a história, um sacerdote alemão que vivia atormentado por dúvidas acerca da presença real de Jesus Cristo na Eucaristia, ao celebrar missa na cidade de Bolsena, na Itália, no momento da consagração ocorreu um prodígio: a Hóstia transformou-se em Carne. O Papa Urbano IV e Santo Tomás de Aquino examinaram as Sacras Espécies e o Pontífice instituiu a festa de *Corpus Christi* a toda a Igreja. Ver: WENTZEN, Frei Mariano. Leituras Eucharísticas. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1935.

²²² Em 1489 o papa Pio IX institui, em ação de graças pela vitória alcançada pelos exércitos franceses e pontifícios sobre a revolução que expulsara de Roma o Pontífice, a Festa do Preciosíssimo Sangue, estendendo a devoção a toda Igreja estabelecendo o 1º de julho como o seu dia.

sacerdote, elevando-o à condição de homem iluminado: “[...] Feliz Juazeiro, que conserva em seu seio Cícero Santo”!

As duas notícias que seguem, assim como a primeira, são cartas escritas por Marrocos, ambas datadas de 08 de julho, nas quais é anunciado o “verdadeiro milagre”. Contendo alguns elementos semelhantes se diferenciam entre si na forma textual, sendo a primeira concisa e direta e a segunda, uma narrativa mais longa de caráter explicativo.

Em 19 de agosto de 1889 o *Diário do Commercio*, jornal carioca, publica uma correspondência oriunda da Província do Ceará relatando as ocorrências:

Na capela de Nossa Senhora das Dores, erecta (*sic*) na povoação do Juazeiro, teve lugar um verdadeiro milagre, presenciado por inúmeras pessoas entre os quais um cavalheiro merecedor de toda fé, o qual, em carta a outro morador nesta cidade, dele dá notícia nos seguintes termos:

Quando o padre Cícero dava comunhão à virtuosa beata Maria de Araújo, transformou-se a sagrada forma em sangue que caiu na toalha e na murça da beata, fato que se foi dando todas as sextas-feiras e depois diariamente.

A princípio entendeu dever o padre Cícero ocultar quanto acontecia; mas afinal revelou-se ao Revma. Monsenhor Monteiro, vigário do Crato, e com este insistiu para que viesse à capela, o que foi o mesmo vigário em 7 de julho próximo findo, celebrar e festejar o Precioso Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E como já se houvesse propalado a notícia do milagre e a intenção de festeja-lo, um sem número de habitantes da cidade do Crato, e de toda a circunvizinhança, concorreu de modo que jamais se viu naquela povoação tamanha aglomeração de fieis.²²³

Para que a notícia inspire credibilidade no que está sendo veiculado, o autor deixa claro que as informações ali contidas foram enviadas por alguém de confiança, testemunha dos fatos, em quem se pode acreditar.

A narrativa dos acontecimentos se assemelha à da carta publicada no jornal *Pedro II*, porém, a postura do padre Cícero em se recusar a dar publicidade aos fatos sobrenaturais desponta como um diferencial. A repercussão até aquele momento resultou da iniciativa daqueles que, testemunhando os episódios, os comentavam incessantemente não mais se restringindo apenas à cidade do Crato, a qual o povoado estava vinculado.

A notícia posterior, publicada num dos mais antigos e importantes periódicos do Império, o *Diário de Pernambuco*, traz como manchete um “FATO ESTUPENDO” com origem numa carta enviada do Crato, cujo teor é semelhante aos demais: “[...] fato

²²³ N° 257, 19/08/1889, p. 02.

sobrenatural que passamos aos conhecimentos dos nossos leitores pelas mesmas palavras em que nos foi transmitida a notícia [...]”.²²⁴ Certamente foi enviada por alguém que conhece e compreende o papel da imprensa na difusão dos acontecimentos.

Deixaria de cumprir um dever para com sua imprensa, se não comunicasse um caso todo extraordinário e misterioso, que aos meus olhos se torna maior do que o sucedido na diocese de Tabes, quando no dia 11 de fevereiro de 1858 teve de aparecer a rainha do mundo a Bernardette na gruta de Londres.²²⁵

Observe-se que o autor detém algum conhecimento sobre a história da Igreja, comparando os fatos de Juazeiro com eventos sucedidos em Lourdes,²²⁶ considerando-os um acontecimento superior e até mais misterioso do que as visões e aparições de Nossa Senhora à jovem Bernardette, na França.

Há três léguas desta cidade, demora um povoado denominado Juazeiro, onde habita Maria de Araújo, mulher mais preta que parda, de estatura baixa e compleição franzina: é bastante feia e representa a idade de 18 a 20 anos. Sua vida, leva-a toda de orações na igreja do referido povoado, arrumada à um canto das grades; e durante a quaresma e mesmo antes dela, indo o respectivo capelão, Revdo. Cícero Romão Baptista, dar a comunhão às mulheres que haviam comparecido à mesa, ao chegar à Maria de Araújo a sagrada forma dissolvia-se em sangue de modo tão pronunciado e evidente que manchou-lhe os punhos e a toalha da comunhão! E ainda não é tudo. De outra vez sendo Maria de Araújo acometida de uma síncope, o mencionado sacerdote sobressaltado deitou um pouco de vinho num cálix, benzeu-o e foi dar-lhe a beber o conteúdo, que transformou-se na aproximação à Maria de Araújo em sangue vivo; e ela repugnando bebeu-o, afinal o fez em obediência a ordem do Rev. Cícero.

A descrição de Maria de Araújo que, à altura dos acontecimentos contava com 25 ou 27 anos, contrariando o que diz o texto, aponta para a representação de uma mulher frágil,

²²⁴ NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)* – Vol. II – Diários do Recife – 1829/1900. Imprensa Universitária – Universidade Federal de Pernambuco, PE:1 966, p. 330. Disponível In: http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v02.pdf.

²²⁵ N° 194, 29/08/1889, p. 03.

²²⁶ Marie-Bernard Soubirous mais conhecida como Bernardette (07/01/1844 - 16/04/1879), foi pastora, mística e religiosa. Em 1858, disse ter tido uma série de dezoito aparições marianas em Lourdes. Relatos de milagres após sua morte lhe conferiram fama mundial. Foi canonizada pela Igreja Católica em 1933. Para saber mais, ver: Taylor, Thérèse. *Bernardette de Lourdes: sua vida, morte e visões*. 2ª ed. Londres: Burns & Oates, 2008.

sem atrativos físicos, resignada, alheia à vida mundana, dedicada inteiramente à oração e à Igreja, características típicas de quem se candidata à santidade.

Ao narrar os acontecimentos, deixa transparecer que há uma cumplicidade paternal entre a beata e o padre e que um e outro desempenham papéis distintos no cenário do milagre, posto que, enquanto nela se opera a transformação da hóstia em sangue no momento da comunhão, em quantidade capaz de molhar as suas roupas e os sanguíneos, ao padre cabe a função de mediar o milagre.

O autor destaca a intenção do padre Cícero, como no *Diário de Pernambuco*, de manter sigilo e reserva em torno dos episódios, não lhe sendo possível, acrescenta, devido ao grande número de pessoas que, ao participar da comunhão, testemunhavam diariamente a ocorrência dos fenômenos, sobretudo, depois do dia 7 de julho. Na ocasião, “[...] aquela igreja cobria-se de galas e esplendores para celebrar a festa do precioso sangue, [...] o prodígio à vista e face de um numeroso concurso de povo que assistia à festa”.

Atribuindo adjetivos lisonjeiros ao padre Cícero como “alma cândida” e “o mais virtuoso” dos sacerdotes daquela diocese, o narrador informa que desde o dia da anúncio pública do fenômeno Cícero conservou a “[...] relíquia (toalha e sanguinhos) encerrados em uma urna de vidro, a qual expõe, na primeira sexta-feira de cada mês, à referência dos fiéis”.

Conclui seu texto dizendo:

[...] É provável que esta fiel exposição de um acontecimento sobrenatural levante a incredulidade e que esta o comentem a seu sabor. Mas o que é certo, é que foi ele testemunhado por mais de trinta mil pessoas e que o Juazeiro tem se tornado uma Nova Jerusalém pela romaria dos povos vizinhos.

Antecipando-se à provável incredulidade dos leitores, invoca o testemunho de um número bastante significativo de pessoas - 30 mil - oriundas das cidades vizinhas. Considerando que o povoado de Juazeiro naquele período era de 2.245 habitantes²²⁷, a estimativa feita equivale a quase quatorze vezes mais a população do povoado. Ainda que tenha sido exagerado, nos permite averiguar o quanto os acontecimentos se alastraram via oralidade, transformando o panorama daquele lugar.

²²⁷ Esse número é citado por Della Cava (p. 399), que esclarece ter colhido na Revista Itaytera, V. 5 1959, p.165-71, especialmente p. 169.

O vasto fluxo de pessoas, concluiu o narrador, tem transformado o povoado de Juazeiro numa “Nova Jerusalém”. É a primeira vez que a expressão é utilizada para demonstrar a quantidade de visitantes que, curiosos ou movidos por questões de fé, queriam conferir, *in loco*, os fenômenos sobrenaturais.

Na capital do Império, outro importante periódico circula com data idêntica à da publicação do *Diário de Pernambuco*, em 29 de agosto, informando:

No Ceará, povoação de Juazeiro, dignou-se Nossa Senhora das Dores, fazer um milagre. Quando o padre Cícero dava a comunhão à devota Maria de Araújo, a hóstia se liquefez em sangue. Depois repetiu-se o fato todas as sextas-feiras.

E monsenhor Monteiro, vigário do Crato celebrou o milagre com a Festa solene de sangue de Jesus;

Para benefício da ciência, devia ser analisado o sangue; deve ser interessante indagar que elementos entram na composição do sangue divino.²²⁸

Diferentemente das duas notícias anteriores, esta traz uma narrativa objetiva, mais direta e concisa contendo os elementos informativos das demais, sem, contudo, detalhar os acontecimentos. Finaliza o texto convocando a Ciência, e não a Igreja, para averiguar a autenticidade do sangue.

Após essas primeiras publicações, jornais de outras províncias²²⁹ as reproduzem num processo contínuo de retroalimentação. A maioria dessas reproduções não continha comentários ou opiniões que expressassem a percepção de quem representava o jornal, no entanto, quase todas acrescentavam um título, uma espécie de manchete sensacionalista: “Milagre” (*Conservador* - SC, Nº 181, 16/09/1889, p. 1); “Fato estupendo” (*Gazeta do Natal* - RN, nº 136, 21/09/1889, p. 3); “Prodígio” (*O Povo* - RN, Nº 28, 14/09/1889, p. 3), “Fato extraordinário” (*O Cruzeiro* - RJ, Nº 33 22/02/1890, p. 1).

Apenas um jornal manifesta-se após publicar a notícia reproduzida do periódico cearense *A Constituição*. O *Novidade*, pertencente ao Partido Conservador do Rio de Janeiro, se pronuncia em 22 de agosto de 1889 com o seguinte comentário:

²²⁸ Cidade do Rio, Nº 194, 29/08/1889, p. 03.

²²⁹ Barbosa afirma que mesmo com a introdução do telégrafo na circulação da notícia, formas tradicionais foram mantidas. Informa que “[...] nos navios que aportavam na corte, continuam sendo recebidos os periódicos dos quais se reproduziam as informações e, sobretudo, as notícias que ainda corriam léguas.” (2010, p. 75).

Não seria algum pequeno tumor que arrebatasse nessa ocasião? Não levaria o santo padre alguma porção de sangue guardada nos dedos por um involucro de cera? Já vimos coisas mais engraçadas feita pelo Hermann em S. Paulo.²³⁰

Sendo o pioneiro no que se refere às dúvidas da natureza miraculosa dos fatos, ao insinuar que se tratava de um problema de saúde bucal da beata ou mesmo de um embuste mal elaborado pelo padre com o intento de ludibriar a população, evoca de forma sarcástica o prestidigitador alemão, Carl Herrmann²³¹, que se encontrava em São Paulo realizando apresentações no teatro São José.

Ainda em 1889, um emblemático artigo é publicado no vespertino cearense *A Constituição*, na coluna “Páginas livres”, com o título “Juazeiro do Crato”, remetido por Pedro da Costa Nogueira²³²:

Retumba d’um a outro canto do globo a notícia do miraculoso fato realizado na florescente povoação do Juazeiro, termo do Crato, terra santa que passa aos domínios da história e atualmente mais conhecida por Nova Jerusalém.²³³

Chama-se a atenção para um aspecto relevante nessa narrativa relacionado à construção de uma representação específica do Juazeiro como “terra santa”, a “Nova Jerusalém”, considerando que ali “[...] Jesus Cristo, de novo derrama seu sangue para nossa salvação”. Esta será uma referência recorrente nas narrativas que se seguiram sobre os fatos sobrenaturais.

Após a introdução, o autor reproduz a primeira nota publicada no jornal *Pedro II*, declarando no final que “[...] um tal fato, de essência puramente divina, não precisa de

²³⁰ Nº 468, 22/08/1889, p. 01.

²³¹ Carl Herrmann, pertencente a uma família de ilusionistas, é reconhecido como um dos melhores mágicos da Europa. Durante a década de 80 no século XIX fez uma série de apresentações no teatro São José, em São Paulo. (Correio Paulistano, Nº 7058)

²³² Político filiado ao Partido Conservador reside em Milagres, onde era proprietário de uma escola particular. Em dezembro perdeu seus únicos três filhos, vítimas de sarampo. Cf.: *A Constituição* - CE, Nº 84, 16/04/1889, p. 02 e Nº 120, 14/06/1889, p. 03.

²³³ Trata-se da mesma citação com que abri o capítulo. (Nº 163, 10/10/1889, p. 02-03)

comentário para que seja jurado como verdadeiro pelo povo cristão de todo o mundo religioso.”

Nogueira vai adiante com a descrição de uma visita feita a Juazeiro, apresentando-se como “[...] testemunha de vista dos fatos miraculosos”:

Chegamos ali na quinta-feira à tarde: e à noite, depois do terço tirado pelo santo padre Cícero, ouviu-se sua palavra fluente, que, n’um repleto concerto de eloquência, produziu um suntuoso sermão, que teve a eficácia de tocar a todos os corações dos romeiros, despertando-os à penitência. À noite, passaram no confessionário os sacerdotes reunidos; e quando os passarinhos em festivos cânticos anunciavam o aparecimento da aurora da sexta-feira, viu-se um estranho movimento invadindo os campos desta ditosa povoação; retumbarem vozes; estala em girandolas; tangeram-se os sinos; apanharam-se turbas, e os corações embevecidos expandiram dilatados e jubilosos.

Sua descrição traz um tom de dramaticidade, sensacionalismo, exagero, emoção, uma técnica narrativa muito comum na imprensa do Brasil do final do século XIX e início do XX conhecida como *Faits Divers*, termo cunhado na França do século XIX pelo semiólogo Roland Barthes (1966). Etimologicamente, significa “fatos diversos”, bastante utilizados para identificar notícias com narrativas curiosas, inusitadas, pitorescas, dramáticas ou sensacionalistas.

Barthes assevera que o principal atributo de um *fait divers* consiste em ser

[...] uma informação total, ou mais exatamente, imanente; ele contém em si todo seu saber: não é necessário conhecer nada do mundo para consumir um *fait divers*; ele não remete a nada mais, além dele mesmo.²³⁴

Constitui-se, portanto, num gênero informativo no qual a construção em torno da notícia se dá através de uma história envolta em um ambiente de espetacularização, admiração, estranheza ou de aspecto curioso, particularidades identificadas na narrativa de Pedro Costa Nogueira que encerra seu relato dizendo tratar-se de

²³⁴ BARTHES, 1966, p. 189 apud DION, 2007, p. 125.

Mistérios de Deus!!!

Um eco altissonante repercutiu no mundo inteiro celebrando o feliz acontecimento: em primeira sexta feira deste corrente mês, para o Novo Jerusalém afluíram pessoas de todas estas circunscrições, no número de cinco mil, pouco mais ou menos, homens e mulheres, no intuito de assistirem a festa celebrada pelos altos decretos da Igreja, naquele dia, e beijaram o preciosismo sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, de novo derramado para nossa salvação.

Já, aqui, as primeiras narrativas sobre o padre Cícero vão lhe conferindo sentidos e representações. Comumente, os sermões proferidos pelo sacerdote eram considerados eloquentes, eficazes, tocantes, exortando os romeiros à penitência.

Muitas publicações ressaltam a fala bem elaborada do sacerdote, a capacidade de se comunicar com presteza opondo-se às afirmações de biógrafos e historiadores de que Cícero não era “bom pregador”,²³⁵ ou não possuía o “dom da oratória”.²³⁶

No final de 1889, os fatos sobrenaturais chegam às páginas do jornal católico *O Apostolo – RJ*²³⁷ em dezembro daquele ano, com a colaboração de um correspondente do Ceará:²³⁸

CEARÁ

Crato, 11 de novembro de 1889

SUMMARIO – [...] II A reabertura do Seminário de S. Jose, desta cidade, pelo seu digno reitor Monsenhor Monteiro – II Os acontecimentos extraordinários.

III – para o Juazeiro, em Nova Jerusalém, como chamam, continua a convergir uma população extraordinária de todas as partes.

Ainda não se procederam às averiguações canônicas sobre as maravilhas ali acontecidas; mas o padre Cícero afirma tudo com imperturbável certeza e desafia a ciência ímpia do modo mais solene.

²³⁵ Anselmo, 1968, p. 57.

²³⁶ Della Cava, 2014, p. 83.

²³⁷ Este periódico católico será o que mais dará publicidade aos fatos.

²³⁸ Apesar de não ter como comprovar, há fortes indícios de que entre 1875 e 1890 foi José Marrocos o correspondente, no Ceará, do jornal *O Apostolo*. Desde a década de setenta, o jornalista escrevia artigos no vespertino católico, por exemplo: “Odiada por toda parte”! – artigo escrito no Crato contra a maçonaria (Nº 28, 08/03/1874, p. 3); “Manifesto do Partido Católico” (Nº 113, 11/10/1876, p. 4); “As casas de caridade do Ceará: As senhoras residentes na Corte” (Nº 72, 27/06/1877, p. 1). Porém, tal hipótese, é baseada no estilo de escrita, muito peculiar ao jornalista, mas, sobretudo, através do rastreamento que fiz de todas as correspondências publicadas nesse período. Em quase todas havia notícias do Crato, o correspondente escreve de Fortaleza, Aracati e do Crato e os períodos correspondem àqueles em que Marrocos estava nessas localidades.

É bom que os representantes de toda imprensa do mundo e corporações científicas mandem comissões para examinar o fato, que, se for natural, será mais uma lição que passarão aos padres, e, no caso de milagre, será um ponto de conversão para todo o mundo.
O caso é muito sério e a impiedade não há de querer se confessar derrotada sem primeiro brandir com todo esforço suas armas.
Venha, pois, toda ciência fazer suas escavações e reduzir a bolhas de sabão tão portentosos milagres.²³⁹

Numa linguagem informativa, própria de um correspondente, refere-se aos acontecimentos como “maravilhas” que apesar de não terem sido averiguadas pelas leis canônicas, têm sua veracidade atestada pela convicção e crença do padre Cícero. Como as demais notícias que circulam, sublinha o extraordinário fluxo de pessoas que se dirigem ao povoado para conhecer a “Nova Jerusalém”.

O ano de 1890 transcorre sem a anuência eclesiástica quanto à publicidade dos fatos sobrenaturais ocorridos com Maria de Araújo. Ao contrário do que afirma Della Cava²⁴⁰ – segundo ele, apenas um artigo publicado n’*O Estado do Ceará* veio a público naquele ano -, vários outros periódicos reverberaram os acontecimentos inusitados.

O vespertino carioca *Jornal do Commercio* divulga em 14 de abril uma nota enviada do Crato esclarecendo que “[...] Vai esta notícia por conta de quem deu.”²⁴¹ Entre outras coisas, informa que “[...] um cavalheiro que goza do mais elevado conceito no lugar em que reside, escreveu a um seu amigo nesta capital uma carta da qual fomos autorizados a extrair o seguinte tópico”:

Amigo velho, vou contar-te um caso estupendo e maravilhoso que parece irrisório, mas que afirmo-te é verdadeiro. No curato do padre capelão da povoação de Juazeiro, isto é, nesta povoação, a hóstia passando para a boca de uma beata desfez-se em sangue, isto por muitas e muitas vezes. Tendo-se divulgado esta notícia, acudiu àquele lugar muita gente, não só do estado da Bahia, como de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande e outros. Apesar de ter o padre Cícero dado ordem para ocultar o fato, foi este reproduzido e observado por muitas pessoas.
Não serão partículas preparadas ad hoc?

²³⁹ N° 147, 25/12/1889, p. 03.

²⁴⁰ Della Cava, 2014, nota 03, p. 365.

²⁴¹ N° 104, 14/04/1890, p. 02.

Embora não seja informado o nome de quem escreveu a carta, tampouco a quem foi endereçada, acredita-se, considerando o estilo textual, ser de autoria de José Marrocos. Menos sensacionalista, a narrativa guarda similaridades com as anteriores ao relatar a ocorrência do fato, as consequências após sua divulgação e a atitude do padre Cícero em querer mantê-lo sob sigilo.

O breve comentário no final da publicação lança dúvidas sobre se não seriam as partículas preparadas *ad hoc*, ou seja, “coisa preparada para determinada missão ou circunstância”²⁴² sugerindo, dessa forma, que se tratava de um “milagre” fabricado, forjado, cujas hóstias teriam sido produzidas para **essa finalidade específica**.

Outros tantos jornais levam ao conhecimento do leitor os fatos miraculosos através da publicação de cartas ou da reprodução de periódicos. O *Leituras Religiosas* (02/02/1890), de Salvador, transcreve uma matéria publicada no *O Apostolo*. O *Pharol* (15/04/1890), de Juiz de Fora, Minas Gerais, com o título “SI NON E’ VERO”. O *Libertador* (19/05/1890), de Fortaleza, com a manchete “A SANTA DO JOASEIRO” e *Democracia* (15/04/1890), do Rio de Janeiro, ambos reproduzem uma publicação do *Jornal do Commercio* (RJ).

É, porém, na capital federal que a notícia tem maior receptividade. O *Cruzeiro*²⁴³ reedita uma matéria publicada no jornal *Semana Religiosa*, do Pará²⁴⁴ e outra do *Leituras Religiosas*, de Salvador (17/11/1889), classificando-os de “Caso Extraordinário”. O *Apostolo*, por sua vez, noticia:

Crato, 7 de julho de 1890

SUMMARIO – IV – Noticias diversas.

IV – Para liquidar a verdade acerca dos acontecimentos do Juazeiro o Sr. Bispo mandou sem perda de tempo recolher a beata Maria de Araújo à casa de caridade desta cidade.

Há mais de mês que veio esta ordem e ainda não foi executada.

Tanto o padre Cícero como a beata estão pondo embaraço à ordem do Bispo, que dizem ser irrevogável e toda população está ansiosa para ver liquidada esta questão melindrosíssima.

Constata-se que os fatos se alastram como rastilho de pólvora tanto através da oralidade, quanto pela imprensa, sendo exaltados como verdadeiros milagres, uma segunda

²⁴² Disponível em: <https://www.dicionariodelatim.com.br/ad-hoc/>.

²⁴³ Nº 33, 22/02/1890, p. 01.

²⁴⁴ Este periódico não está disponível na BNHD.

redenção de Jesus. As narrativas descrevem os protagonistas, sobretudo, padre Cícero e a beata Maria de Araújo como santos, virtuosos, humildes.

À medida que ganham mais visibilidade ultrapassando as fronteiras do Cariri, percorrendo lugares longínquos e chegando ao conhecimento de um número cada vez maior de pessoas, despertam interpretações das mais variadas, tanto positivas como negativamente.

Uma vez narrados, divulgados e lidos, são reapropriados assumindo novas configurações, narrativas e sentidos. Ricoeur, em sua teoria acerca do tempo e da narrativa, assinala que o conhecimento circunscrito ao mundo configurado receberá, em determinadas narrativas, novas configurações a partir do lugar de quem lê, proporcionando, dessa maneira, a criação/recriação num processo contínuo e infinito denominado *Mimese III*, voltado para “[...] a interseção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor”.²⁴⁵ Nesse caso, as narrativas sobre os fatos sobrenaturais do Juazeiro que até então se moviam entre a exaltação e a glorificação, começam a ser reescritas, recontadas, agora com questionamentos, discordâncias e acusações.

Um artigo publicado no jornal *Libertador*, de Fortaleza, em agosto de 1890 traz uma contundente crítica aos fatos e seus protagonistas, com autoria anônima.

Os milagres do Juazeiro

A respeito dos celebrados milagres que há muito se operam na archi-famosa povoação do Juazeiro, da comarca do Crato, duas vezes notável por ser o ninho do mais desbragado e ridículo fanatismo, como pelas audaciosas falsificações eleitorais dos bons tempos da velha monarquia, escreve-nos pessoa circumspecta.²⁴⁶

Juazeiro passa a ser considerado como um lugar que, a despeito dos “celebres milagres” é também um ninho de ridículo fanatismo e eleições fraudulentas.²⁴⁷ Feita essa observação introdutória, divulga um texto enviado por alguém que qualifica como ajuizada, atinada. Nele o autor afirma que:

²⁴⁵ Ricoeur, 2010, p. 117.

²⁴⁶ Nº 189, 20/08/1890, p. 02.

²⁴⁷ Uma referência aos acontecimentos de 1884 e 85 discutidos acima.

O padre Cícero Romão que sempre teve vocação para idiota converteu o Juazeiro em feudo do fanatismo, onde impávida campeia a impostura de coroa e sotaina.

Abusando da religião, tem-se constituído ali o instrumento dos planos sinistros do celebre falsificador de atas; procurando indispor o povo ignorante, que acredita em seus embustes, contra os republicanos que ele apresenta como pedreiros livres e inimigos do altar.

Si não fora o pleno conhecimento que tenho do idiotismo desse padre, aconselharia ao governo que aplicasse-lhe o 23.

Pela primeira vez o padre Cícero, elemento central da narrativa, é atacado, considerado pelo autor um homem desprovido de inteligência e caráter, apontado como o grande mentor do que chama “indústria de criar milagres”.

Há uma intenção clara de associá-lo à política partidária acusando-o de ser o pivô das polêmicas eleições de 1884, sugerindo que o sacerdote se utiliza da religião para manobrar, politicamente, o povo “ignorante” contra o recém-implantado Regime Republicano.²⁴⁸

Com a mesma determinação, acusa o padre Cícero de aproveitar-se da religiosidade do povo como instrumento de dominação dos pobres e ignorantes, incentivando o fanatismo como forma de manipulação. Diz o narrador:

Para bem firmar o fanatismo no espírito do povo, toca a inventar milagres. Industriou uma de suas beatas a declarar-se santa. Confessa-se com Deus todos os dias e considera-se em corpo e alma no reino do céu. Afirmo o padre que quando ministra-lhe a comunhão a *hóstia desmancha-se em sangue!!!*

Os milagres multiplicam-se. Além da *bem-aventurada* Maria, aparece outra que *sua* sangue por todos os poros, para todo mundo ver!

Não fica ainda aí a milagreira de que tem sido teatro aquela meca do padre Cícero.

As beatas espalham, com visos de verdade, que aparecera um pobre homem (notem bem que é homem) em *estado interessante*, que teve o arrojo de duvidar da autenticidade dos milagres!

²⁴⁸ Uma das grandes acusações que pesam sobre o padre Cícero é de que ele era contra a instalação da República. Mais à frente, veremos como essas narrativas ganham força durante a Guerra de Canudos.

Está posto em sua narrativa a ideia de que os propalados *Milagres da Hóstia* não passam de uma invenção do sacerdote que, ávido por obter fama e poder, transforma Juazeiro numa “meca de fabricar milagres”, estabelecendo uma relação de controle e manipulação para com as massas pobres, mas, sobretudo, com as mulheres beatas, especialmente Maria de Araújo que, segundo sua versão, é induzida pelo sacerdote a se declarar santa.

No último trecho da narrativa, o autor declara-se triste por “[...] morar numa terra tão atrasada”, onde

[...] milhares palpavos ali vão diariamente em romaria ver com os próprios olhos a hóstia virada em sangue e o homem gravido.
Ah! Eu bispo para meter esse padre no asilo!
E não será isso caso para averiguações policiais?

Traça desse modo, o perfil do padre como um doente mental, manipulador e até criminoso, induzindo o leitor a crer que a beata é apenas uma pobre vítima de suas maldades e os romeiros, um bando de ignorantes, abobalhados e manipuláveis.

O foco da questão religiosa de Juazeiro sofre um deslocamento para o campo da política e do protagonismo, ainda que de forma negativa, na direção do padre Cícero.

À medida que os fenômenos ganham espaço cada vez maior na imprensa, atrai ao povoado de Juazeiro, religiosos, jornalistas e público de forma geral com o objetivo de observarem, *in loco*, os acontecimentos e conhecerem de perto o padre e a beata. Muitas vezes, ao assistirem os fatos extraordinários pessoalmente construam suas narrativas e publicavam em jornais de suas províncias, demonstrando o desejo de se colocar na posição de testemunha para opinar sobre os acontecimentos, assim como para compartilhar a experiência vivida enquanto observador.

Relatos de celebrações com manifestações públicas das experiências miraculosas e sobrenaturais, verdadeiros espetáculos grandiosos e concorridos, eram relatados nos jornais. Narrativas sobre a realização dos festejos da Semana Santa em 1891 foram publicadas no jornal *O Estado do Ceará*, em 30 de abril, com o título “CIDADE DO CRATO”, detalhando o que ali se passou. O autor ressalta que se fez presente ao evento “[...] um enorme concurso popular, ficando toda a igreja tão cheia, que os fiéis assistiram em pé aos atos religiosos por não se poderem ajoelhar”!²⁴⁹

²⁴⁹ N° 213, 30/04/1891, p. 02.

Para realização dos rituais religiosos se fizeram presentes “[...] doze sacerdotes, sendo o oficiante na festividade o Revdo. Padre Cícero Romão Baptista [...]”.

[...] Toda a festa correu mui pacífica e regularmente, embora a multidão quase inumerável do povo de todas as freguesias do Cariri e dos sertões limítrofes.

Cumprir notar que a procissão do enterro na sexta-feira da Paixão à noite apresentou um espetáculo imponente e maravilhoso.

A noite escura, e sob suas trevas vieram fulgurar outras tantas cintilações de luzes que se acenderam para a procissão, como estrelas vividas e fulgentes que boiavam no escuro da noite como brilhante e fosforescências de um mar de luzes.

Seguramente mais de vinte mil pessoas com velas acesas acompanharam a procissão do enterro e de qualquer parte que se olhasse para longe préstito que já entrava numa rua quando mal começava a sair de outra, parecia ver-se o exército inumerável das estrelas em demanda dos espaços cerúleos do céu e do infinito. No meio pois deste mar de luz avultava, como soberana, a imagem sacrossanta da Mulher das Dores.

Apesar do contingente considerável de pessoas, afirma o autor, tudo se deu pacificamente. Ao narrar a procissão do “senhor morto” vale-se de uma linguagem quase poética e emotiva, enfatizando a grandiosidade do evento ali realizado.

As narrativas sobre os eventos religiosos em que ocorriam os fenômenos sobrenaturais com Maria de Araújo, sobretudo, as relativas à celebração da Semana Santa de 1891 são assaz reveladoras de como tais fatos ganharam proporções para além das fronteiras do Cariri e do sertão. As histórias de fatos estupendos e maravilhosos circulavam de norte a sul do país, despertando a curiosidade e o desejo de verificar com os próprios olhos o que poderia ser um verdadeiro milagre e uma manifestação divina.

Uma notícia publicada no jornal carioca *O Paiz*, na coluna *Foguetes*, assinada pelo *Busca-pé*, demonstra como o assunto já havia despertado a curiosidade e o interesse de muitos. A coluna se dedicava a tecer duras críticas aos fatos e o autor diz não saber mais o que fazer com sua mulher, pois “[...] Polvora (*sic*) quer por força vê a hóstia transformar-se em sangue, na boca da Maria, por artes dos berliques e berloques do vigário, santo homem,

talvez, mas com quem não me arriscaria a jogar o solo a dinheiro.”²⁵⁰ Para dissuadi-la de ir ao Crato, diz:

Já procurei convence-la de que tenho necessidade de aqui ficar para ver no que dá o novo Castro Malta – não quis saber de histórias.

Prometi leva-la ao Maggi uma vez por semana; ao Polytheama para ver o barítono tenor, que está fazendo concorrência ao Visconti, que é ventríloquo e canhoto; falei-lhe na companhia Gargano; na Theodorini e no tenor que aí vem dar um dó de peito, cuja vibração atira um boi por terra – mas nada – nada e nada.

Só quer o Crato para ver a Maria, o vigário e o doutor, Santíssima Trindade em que o Padre é o padre mesmo, filho da Beócia o tal doutor, e o Espírito (do diabo que a carregue) a tal Maria.

Deus me dê paciência.

Para distraí-la convidei-a a ver o brilhante *exercício* dos bombeiros, anteontem no lago do Paço – boca que tal disseste.

- Exercício! Exclamou ela já fumegante. Exercícios de bombas!... naturalmente embaladas... o senhor quer me dar cabo da pele, não é assim?... pois não vou ao exercício e ei de ir por força ao Crato!

Não obstante a intensa divulgação dos fatos e o crescimento vertiginoso do número de pessoas que passavam a acreditar na sua sobrenaturalidade, a hierarquia da Igreja no Ceará, publicamente, mantinha-se indiferente a tudo isso. Embora acompanhasse as notícias por meio da troca de correspondências com o bispo diocesano e os sacerdotes envolvidos na questão, nenhuma atitude mais concreta foi tomada, a não ser determinar a retirada de Maria de Araújo, do Juazeiro, exigindo discrição e sigilo sobre os episódios.

Passados dois anos desde a primeira publicação na imprensa sobre as manifestações miraculosas, a crença na veracidade dos fatos não se restringia somente aos pobres e desvalidos. Membros da elite, homens importantes, mulheres respeitadas, políticos e, sobretudo, um número cada vez maior de sacerdotes passaram a não somente acreditar, mas testemunhar publicamente a autenticidade do que acreditavam ser o “verdadeiro sangue de Cristo derramado no Juazeiro”.²⁵¹

Apesar da significativa divulgação e repercussão na imprensa e na oralidade e a produção de documentos que pudessem comprovar a veracidade dos fatos reunidos por

²⁵⁰ N° 3317, 28/05/1891, p. 01.

²⁵¹ Della Cava, 2014, p. 92.

Marrocos e pelo próprio padre Cícero durante dois anos, não foram suficientes para que a Igreja do Ceará assumisse um posicionamento acerca da sua natureza.

Sem a palavra oficial da Igreja e havendo por parte dos defensores dos chamados “milagres do Juazeiro” o desejo manifestado de que esta providenciasse as necessárias averiguações canônicas para, assim, tornar-se um evento oficial, começa a ser elaborado um plano mais audacioso, mais contundente no intuito de, por um lado, conquistar um público cada vez maior de adeptos e, por outro, pressionar a hierarquia para sair do silêncio e da inércia em que se encontrava. O primeiro passo nessa direção seria convocar a Ciência, o testemunho de alguém que não tivesse paixões religiosas, um representante da medicina. Essa responsabilidade coube ao médico Marcos Madeira.

2.1.7 A IGREJA SE CALA, A CIÊNCIA ATESTA! – o debate instaurado na imprensa a partir do atestado do Dr. Marcos Madeira

O primeiro, polêmico e, certamente, mais importante documento produzido sobre os fatos sobrenaturais de Juazeiro foi o atestado emitido pelo médico Marcos Rodrigues Madeira em 28 de março de 1891.²⁵²

Convidado pelo padre Cícero para prestar minucioso exame na beata Maria de Araújo na quinta-feira, 26 de março, durante as grandiosas celebrações da Semana Santa no povoado de Juazeiro, o médico residente na cidade do Crato, vulgo Dr. Madeira, atesta que “[...] trata-se de um fato sobrenatural para o qual não [...] foi possível encontrar explicação científica”.

²⁵³

Emitido o atestado com data de 28 de março, era necessário lhe dar publicidade, fato que ocorre em 24 de abril de 1891, na coluna “publicações solicitadas” do periódico *O Cearense*, de Fortaleza, trazendo a seguinte manchete: COMUNICADO - “Milagres na

²⁵² Esse não foi o único documento formulado pelo Dr. Marcos Madeira. Em 02 de maio assina um novo atestado, mais longo e detalhado. Também não foi ele o único profissional da área de saúde a atestar a natureza extraordinária dos fatos. O farmacêutico Tenente Joaquim Secundo Chaves, residente no Crato, ao examinar a beata lança dois atestados datados de 29 de abril e 09 de maio. Outro médico que igualmente o fez, foi o dr. Ildfonso Correia Lima em 30 de maio, este publicado no jornal *O Estado do Ceará*, nº 291 e 292, 10 e 11/08/1891, p. 03, na sessão ‘a pedidos’, com título bastante sugestivo: “A BEATA MARIA DE ARAÚJO OU OS FATOS DO JOAZEIRO”. Porém, nenhum deles teve, na imprensa, repercussão semelhante ao primeiro atestado do dr. Madeira.

²⁵³ O Cearense - CE, 24/04/1891, nº 85, p. 02.

povoação do Juazeiro do Crato”.²⁵⁴ Escrito numa linguagem formal, traz na introdução as credenciais e referências biográficas do Dr. Madeira:

Marcos Rodrigues Madeira, doutor em medicina pela escola do Rio de Janeiro, médico adjunto do hospital de misericórdia da Capital Federal, sócio titular e benemérito do instituto farmacêutico da Capital Federal, ex-deputado provincial pelo 7º distrito do Rio de Janeiro, delegado da junta de higiene, etc., etc.

A escolha do Dr. Madeira para atestar a sobrenaturalidade dos fatos não sucedeu à toa e aleatoriamente. O seu lugar de fala, conforme demonstram suas credenciais, é de alguém que tem autoridade no assunto, reconhecido na área em que atua, com serviços prestados na capital federal e, também, um político conhecido nacionalmente. Portanto, não se trata mais de testemunhos de leigos e padres movidos pela fé, mas de um profissional qualificado, respeitado e reconhecido no Brasil.

No documento, o médico expõe de forma minuciosa os procedimentos científicos realizados na beata. Ressalta que se deram na presença de um grande número de testemunhas entre padres, “cidadãos de reputação insuspeita” e pessoas comuns. A quantidade de gente era tanta, ressalta o médico, que se viu obrigado a solicitar ao padre Cícero que retirasse parte do povo para melhor prosseguir com seu trabalho. Feitas as análises com “acurada atenção”, se expressa textualmente:

[...] examinando nesta ocasião a língua da referida beata, verifiquei com meus olhos, que a partícula estava quase toda transformada em uma pasta sanguínea, menos na parte central, na qual se divulgava ainda uma pequena parte em sua cor quase natural. [...] Continuando ainda o meu exame não descobri a menor ferida, úlcera ou ferimento de natureza alguma na língua, gengivas, laringe e enfim em toda a cavidade bucal, sendo de notar-se que a língua estava completamente limpa e sem ter mesmo a menor rachadura. Outro fato digno de menção é que este sangue completamente rubro não sofreu a menor alteração na sua cor durante todo o tempo que foi observado na língua, pelo espaço de duas horas mais ou menos, apesar da ação do ar atmosférico, que com ele estava em contato. Quanto a mim trata-se de um fato sobrenatural para o qual não me foi possível encontrar explicação científica.²⁵⁵

²⁵⁴ O Cearense – CE, 24/04/1891, nº 85, p. 02.

²⁵⁵ O Cearense – CE, 24/04/1891, nº 85, p. 02.

A publicação do documento provoca um verdadeiro burburinho na imprensa nacional, que, reproduzindo-o integral ou parcialmente em diversos jornais de diferentes províncias, fomentou ainda mais a polêmica em torno dos fatos sobrenaturais de Juazeiro, suscitando críticas, desconfianças e questionamentos à medida que instaurava o debate científico em torno da veracidade que lhe foi atribuída.

Em Recife, o *Diário de Pernambuco*²⁵⁶ o veicula com a seguinte manchete e comentário: “FATO EXTRAORDINÁRIO - No *Cearense* encontramos a seguinte narração de um fato extraordinário sucedido na povoação de Juazeiro do Crato”.

O *Jornal de Minas*, publicado em Belo Horizonte circula com a manchete “A BEATA MARIA DO CRATO”, reproduzindo a notícia do jornal *O Libertador*, de Fortaleza: “[...] querer aventurar qualquer comentario, publicaram em seguida o curioso documento que nos foi remetido, a respeito da celebre Maria do Crato [...]”.²⁵⁷

É na imprensa do Rio de Janeiro, especialmente, que a publicação do atestado causará maior polêmica suscitando, por um lado, fortes questionamentos, críticas e acusações e, por outro, elogios e defesa, com diferentes reações acerca da atitude do Dr. Marcos Madeira, que passa a ser tomado ora como um ignorante, fanático, ingênuo, ora como um respeitado e competente profissional da saúde.

O primeiro jornal a apresentar ao leitor carioca o atestado do dr. Madeira é o recém-criado *O Tempo*²⁵⁸, periódico pertencente à sociedade anônima Novo País, que se autodeclarava “órgão do povo”, apresentando-se como o “[...] mais noticioso possível, não só na seção da crônica local, como nas seções que tratem dos acontecimentos ocorrentes em toda a parte onde haja correio ou telegrafo.”²⁵⁹

Publicando o documento sob o título “A BEATA MARIA”, apela à classe médica do Rio de Janeiro para que:

[...] aprecie a douta faculdade de medicina o atestado que abaixo transcrevemos de uma folha do Ceará.

Que a especulação explore a credence e a estupidez do vulgo, não é de admirar; que o fanatismo aproveite do caso para fazer proscritos, admitimos, mas que um médico passe este atestado [...].²⁶⁰

²⁵⁶ Nº 92, 30/04/1891, p. 02. Também foi publicado na edição Nº 107, 14/05/1891, p 01, numa correspondência de Leopoldina.

²⁵⁷ Nº 90, 03/06/1891, p. 02.

²⁵⁸ O periódico pertencente a Frederico Borges teve duração curta, de 1891-1894 (Sodré, 1966, p. 297).

²⁵⁹ O Tempo – RJ, Nº 01, 21/05/1891, p. 01.

²⁶⁰ O Tempo, Nº 5, 25/05/189, p. 12.

Visto com estranheza o fato de um médico atestar algo considerado fruto da credence e estupidez do povo pobre, é significativo e no mínimo, curioso, o jornal intitular a matéria com o nome da beata Maria de Araújo, sem, contudo, mencionar o do padre Cícero.

Outro jornal do Rio de Janeiro, *A Republica*, localizado na cidade Campos de Goytacazes, dá publicidade ao atestado denominando-o de “INCRIVEL”, apresentado da seguinte forma:

Uma folha do Ceará publica o atestado médico, que abaixo transcrevemos. Uma vergonha para a escola de medicina do Rio de Janeiro. Trata-se de um fato que só a estupidez do vulgo poderá admitir e que, entretanto, é confirmado por um médico e que já foi deputado pelo 2º distrito então província do Rio de Janeiro. Eis o atestado a que aludimos [...].²⁶¹

Tomando a mesma linha do jornal *O Tempo*, o atestado é visto como algo reprovável e vergonhoso para a medicina, posto que referenda um fato nascido da ignorância e fanatismo do povo.

Valendo-se de um tom mais sarcástico e crítico, o jornal *O Paiz*, um dos maiores e mais influentes periódicos da capital federal na época²⁶², ao reverberar a publicação do jornal *O Tempo* traz, embora só uma parte, o polêmico atestado na coluna FOGUETES:

Foi publicado ontem o atestado do Sr. Dr. Marcos R. Madeira, ex-iluminado deputado da Praia Grande.
Diz o ilustríssimo Sr. Dr. Madeira, que viu no Crato a beata Maria fazer proezas com a santa hóstia.
Lá vai o fato contado por ele mesmo, com a vênia do colega *O TEMPO*:
“Atesto que [...].
Etc., etc.
Viram só como o diabo as armas?
Santa beata e Santo beócio [...]!
Olhe, seu doutor deputado, v. s. foi embrulhado pelo vigário e pela beata, e se quiser desforra, já que não sabe descobrir embustes de histeria manejas por padrecos, compre dois cacetes e...
Mande-me dizer o resto.²⁶³

²⁶¹ N° 119, 26/05/1891, p. 01.

²⁶² SODRÉ, 1966, p. 283.

²⁶³ N° 3317, 26/05/1891, p. 01.

No seu texto, o colunista que assina com o pseudônimo de “Busca-pé” acusa o médico chamando-o de “ex-iluminado”, de ter se deixado ludibriar ao atestar um embuste promovido pela beata histórica e pelo “padreco”. Nesse sentido, põe em dúvida sua competência sugerindo que se valha de armas para proteger-se.

Todavia, é a publicação feita no periódico católico da arquidiocese do Rio de Janeiro, *O Apostolo*, a que mais chama a atenção e também a mais emblemática dentre todas até então, visto tratar-se de um jornal relevante na imprensa religiosa do Brasil.²⁶⁴

A divulgação do atestado foi antecedida por um editorial cujo título “*Um milagre*”, trazia uma reflexão sobre a não existência de milagres como em outros tempos, explicando que “[...] Jesus Cristo, tratou de plantar no mundo sua religião; e a árvore cresceu; e daí em diante não foram mais necessários esses cuidados particulares e especiais”. Por outro lado, continua o jornal:

[...] o fato é que, de tempos a tempos Deus se manifesta, o céu dá sinais autênticos de suas relações místicas com a terra, em uma palavra, veem-se milagres com os olhos, tão claros, tão visíveis, tão palpáveis, tão incontestáveis, como um eclipse do sol ou da lua.²⁶⁵

Levando em conta a possibilidade de serem os acontecimentos ocorridos em Juazeiro um desses milagres, comunica:

[...] Recebemos do Ceará, do Revma. Vigário a comunicação de um fato admirável, e tão autêntico, e tão documentado, que vencendo as resistências de todos os nossos escrúpulos nesta matéria, não podemos deixar de oferecer ao estudo de nossos leitores, o que faremos no próximo número.²⁶⁶

²⁶⁴ Na verdade, *O Apostolo* produzirá, a partir desse fato, uma série de matérias sobre os acontecimentos sobrenaturais de Juazeiro, mostrando-se favorável à sua averiguação por acreditar que se tratava realmente de um milagre. Mesmo após a condenação expressa da Santa Sé, em 1894, assumirá uma postura mais cautelosa, sem, porém, tornar-se uma voz acusatória. Para saber mais, ver: PINHO, Maria de Fátima Morais. *Acontecimentos extraordinários do Joazeiro: O milagre da transformação da Hóstia Sagrada em sangue, nas páginas do jornal O Apostolo, do Rio de Janeiro (1889-1898)*. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxdn588c>.

²⁶⁵ Nº 58, 27/05/1891, p. 01.

²⁶⁶ Nº 58, 27/05/1891, p. 01.

Na edição seguinte, replica o atestado do dr. Madeira com um título bastante sugestivo - “Fato Miraculoso” – e esclarece: “[...] o seguinte documento, [...] partindo de um homem legítimo representante da Ciência, noticia e ao mesmo tempo baseia o fato a que nos referimos em nosso editorial do número anterior sob o título – Os milagres”.²⁶⁷

A publicação de um documento nesses termos levada a cabo por um periódico tão bem conceituado no âmbito da Igreja Católica, de ampla circulação, afirmando ser aquele um fato sobrenatural cuja explicação a Ciência não foi capaz de fornecer, emerge de forma surpreendente, ao mesmo tempo em que o próprio bispo do Ceará ainda não havia manifestado um parecer oficial a respeito do caso tendo, na ocasião, solicitado ao padre Cícero discrição e sigilo. Ao admitir que pudesse ser um acontecimento miraculoso, influenciou sacerdotes, leigos católicos e até outros jornais que, antes, questionaram e criticaram de forma contundente a questão do Juazeiro.

Um exemplo concreto dessa mudança de conduta está relacionado a uma espécie de retratação do jornal *O Tempo*. Se num dado momento teceu críticas severas à atitude do médico em atestar o fato como verdadeiro, após a publicação do periódico da arquidiocese do Rio de Janeiro exprime uma opinião diferente, publicando um novo artigo com título similar ao do jornal católico:

Fomos temerários, pecamos na notícia que transcrevemos de uma folha cearense sobre a beata Maria de Araújo, em cuja devota língua a hóstia consagrada se converte em coagulo de sangue e chaga, como foi dito pelo rev. Pároco e atestado de um médico, que não trataremos de Rev.mo, mas de sapientíssimo.

Aquele fato sobrenatural, ultra patológico, é um milagre, cuja autenticidade o *Apostolo*, nosso respeitável colega, afirmou no seu número de ontem e prometeu provar com documentos em número ulteriores.²⁶⁸

Se o jornal católico promoveu mudanças positivas por um lado, provocou várias desaprovações por outro. *O Paiz*, através da coluna FOGUETOS, se posiciona desfavoravelmente desafiando-o em uma aposta:

²⁶⁷ Nº 59, 31/05/1891, p. 03.

²⁶⁸ Nº 08, 28/05/1891, p. 02.

Diz meu amigo *Apostolo* que o caso da beata Maria é verdadeiro e vai demonstra-lo!

De maneira que o santo colega acredita que a hóstia consagrada se transforma em sangue na boca da tal Mariquinhas!

Não me admiro de tudo isso; mas, com certeza, o *Apostolo* vai engolir o milagre e engasgar-se com a demonstração.

Aposto dez contos de réis (10:00\$) contra as despesas de viagem minha e de peritos, como é falso o milagre e impostor o médico signatário do atestado.

Fica à disposição do *Apostolo*, no bolso deste seu criado, para ser depositada em um banco, a quantia acima indicada.

Só imponho uma condição.

As hóstias serão levadas por mim e compradas neste mercado.

Além disto exijo uma outra coisa.

Dado o milagre com a metade de uma hóstia fornecida pelo vigário do Crato queremos a outra metade para experiências clinicas; e antes da cachorrada queremos também a saliva da beata histérica também para exame.

Só assim me convencerei de que tudo aquilo não passa de grandessíssima patifaria de brejeiros, especulação e supremo ridículo insulto à religião do salvador de quem se diz apostolo o *Apostolo*.

A igreja condena a maçonaria e o espiritismo; proíbe que acreditemos em sonhos, maus olhados e destinos – e no entanto, quando se forjica semelhante toleima de padres diabos que acabam sempre por pagar para a cera, lá vem os homens que deviam ser honestos e respeitar o bom senso, amparar semelhante pouca vergonha com a sua opinião insensata.

Pois pegue na posta, meu amigo!²⁶⁹

Em síntese, *O Paiz* afirma que os propalados fatos sobrenaturais não passam de uma farsa, de um embuste, se dizendo capaz de desmascará-los. Ao sugerir que o material seja examinado no Rio, dá indícios de que as hóstias usadas nas experiências do Dr. Madeira eram falsas e o perito, incompetente. Dessa maneira, desqualifica o trabalho do médico e o chama de impostor, acusando a Igreja de propiciar a especulação da religião ao mostrar-se contraditória.

Além das ironias e reprovações no que tange ao atestado, intelectuais e membros da classe médica vieram à imprensa contestar as conclusões do dr. Madeira.

As primeiras contestações foram publicadas no periódico cearense *O Estado do Ceará*, que havia solicitado ao Dr. Jullio Cezar da Fonseca Filho²⁷⁰ um pronunciamento, por escrito, acerca de suas explicações.

²⁶⁹ N° 3321, 30/05/1891, p. 01.

²⁷⁰ Júlio César da Fonseca Filho, natural de Aracati, nasceu em 10/10./850 e faleceu em 18/04./931. Bacharel em Direito, ocupou o cargo de Secretário da Câmara Municipal de Fortaleza e do Conselho de Intendência Municipal daquela cidade. Como jornalista, foi redator do jornal republicano *Tribuna do Povo*, além de publicar

O primeiro artigo, publicado em 25 de maio de 1895, traz como título “A beata Maria” e um esclarecimento do próprio jornal:

Os fenômenos que se dão com a beata Maria que no Juazeiro do Crato tem induzido a população à crença de manifestações miraculosas, não passam de sintomas patológicos perfeitamente explicados na carta que sobre o assunto nos dirigiu o nosso ilustrado amigo Sr. Júlio Cezar da Fonseca com que havíamos conversado a respeito.²⁷¹

Em seguida, publica na íntegra a longa argumentação do dr. Júlio Cesar na qual pretende desconstruir a tese defendida pelo médico Marcos Madeira de que “[...] trata-se de fato sobrenatural, sem explicação científica”.²⁷²

O artigo traz um adendo curioso, esclarecedor:

[...] Pede V. a minha opinião sobre o que está passando no Juazeiro com a beata Maria de Araújo. Vou dá-la, em escorço, conforme as regras de uma boa perspectiva; e não posso ser averbado de suspeita, atenta a minha ortodoxia católica, de cuja dogmática não me afasto num só ponto sequer.

Sobre os fatos, sentencia:

O fenômeno que se produz na dita beata não é novo nem surpreendente. É tão natural como qualquer dos que a cada momento caem no domínio dos nossos sentidos.

Preciso, porém, dizer-lhe, como preliminar, que não se trata de uma impostura ou simulação, de um produto da arte para certos e determinados efeitos hagiológicos.

A beata Maria de Araújo é simplesmente uma histérica.²⁷³

artigos e resenhas em vários periódicos do Ceará, sendo, também, membro fundador do Instituto Histórico do Ceará. Ver: WEYNE, Regina. *Júlio César: um republicano e abolicionista no Ceará*. Fortaleza: Edição do autor, 2001.

²⁷¹ O Estado do Ceará - CE, Nº 233, 25/05/1891, p. 02.

²⁷² O Estado do Ceará - CE, Nº 233, 25/05/1891, p. 02.

²⁷³ O Estado do Ceará - CE, Nº 233, 25/05/1891, p. 02.

Sua crítica volta-se para o procedimento do dr. Marcos Madeira acusando-o de precipitação e superficialidade, pois,

[...] antes de subministrar os seus atestados, que revelam precipitação e certa obnubilada da inteligência, cumpria-lhe verificar a existência da diátese histórica de Maria de Araújo, indagando dos seus antecedentes hereditários e pessoais, explorando pelos processos indicados dos órgãos do sentido, a sensibilidade geral, em todos os seus modos, empregando enfim todos os meios clínicos para o conhecimento exato dos sinais somáticos e característicos da nevrose, sinais que a escola da Salpetrie tanto recomenda como elementos seguros do diagnóstico.²⁷⁴

Citando autores diversos os quais diz ter contribuído para o entendimento das “[...] emoções na vida da mulher, e da mulher doente, com todas as suas manifestações multiplicas que diversificam-se indefinidamente [...]”, na sua compreensão Maria de Araújo estava acometida apenas de uma doença: o histerismo. Conclui que ela é “[...] simplesmente uma histórica e impressionável [...]”.²⁷⁵

Em julho, o jornal paraibano *Estado da Paraíba* reproduz do *Libertador*, do Ceará, o 2º artigo do dr. Júlio Cesar. Na apresentação, explicita sua visão dos fatos ao esclarecer:

Com a devida venia passamos para nossas colunas o bem lançado artigo que o ilustre Sr. Jullio Cezar da Fonseca Filho com grande criterio científico e ilustração de fatos, publicou no *Libertador*, do Ceará em resposta ao Dr. Marcos Madeira crente e vulgarizador dos *extraordinários* fenomenos que apresenta a Beata maria do Joazeiro.

Todos sabemos o modo porque tem atuado esses fatos no espirito dos sertanejos que pela sua simpleza natural e ignorancia das manifestações hipnoticas, inclinam-se a ver nisso que é cabalmente explicado pela ciência como um caso patologico, uma coisa sobrenatural, *um milagre*, mormente quando são guiados por espiritos pequeninos que exploram-lhes a boa fé e abusam da sua ignorancia.

É talvez dificil de acreditar-se, mas é verdade que os tais *milagres* tem servido de arma política contra o Governo e de ponto de resistência ao cumprimento dos seus atos.

²⁷⁴ O Estado do Ceará - CE, Nº 233, 25/05/1891, p. 02.

²⁷⁵ O Estado do Ceará - CE, Nº 233, 25/05/1891, p. 02.

Lastimamos que homens honestíssimos e de bem tanham-se deixado embair acreditando piamente que aquilo seja efetivamente um fato sobrenatural e concorrendo assim para a propagação do embuste e da superstição.²⁷⁶

Sem citar nomes, acusa os defensores dos fatos sobrenaturais do Juazeiro de exploradores da ignorância e da boa fé do povo, que movidos por interesses políticos, concorrem para a propagação do embuste.

Feita essa introdução, reproduz integralmente o artigo escrito pelo jornalista e bacharel Júlio Cesar, que reforça sua tese de histerismo da beata, endurecendo as acusações ao dr. Marcos Madeira chamando-o de “[...] crente e vulgarizador dos *extraordinários* fenomenos que apresenta a Beata Maria do Juazeiro”.²⁷⁷

Em novembro do mesmo ano, o citado jornal volta a questionar as conclusões dos atestados dos doutores Madeira e Ildefonso Correia, dando voz a um médico residente na cidade de Souza, na Paraíba, o dr. Antônio Marques da Silva Mariz.

Assim como o dr. Júlio Cesar, Mariz afirma que os fenômenos ocorridos com Maria de Araújo são fenômenos históricos e produzidos mediante sugestão.

Embora confesse não conhecer a beata, diz que pretende ir ao Crato examiná-la, e conclui:

Maria de Araújo é uma extática igual à Doucelun que manifestou iguais sintomas no século XIII; à Maria de Mel, a extática de Koldern que em 1812 apresentou fatos maravilhosos; à Luiza Lateau que 1869 manifestou fenômenos admiráveis de estigmas e êxtase, chegando a transformasse em anjo; à Anna Catharina de Emmerich e a tantas outras que tem apresentado iguais fenômenos explicados hoje perfeitamente pelos estudos do hipnotismo principalmente pelos belos estudos de Chorcot, Paul Richer, Bernheim, Albero Boujeau, Liejo e outros.²⁷⁸

Ao promover mais contestações e defesas, o fato é que a estratégia dos defensores dos milagres em produzir e publicar atestados médicos comprobatórios da sobrenaturalidade dos

²⁷⁶ Estado da Paraíba, Nº 295, 26/07/1891, p. 03.

²⁷⁷ Estado da Paraíba, Nº 295, 26/07/1891, p. 03.

²⁷⁸ Nº 393, 22/11/1891, p. 02.

fenômenos surtiu efeito e, ao propiciar o debate em torno do assunto provocou o fim da inércia por parte da hierarquia da Igreja que, diante de tamanha repercussão, convocou imediatamente o padre Cícero para estar em Fortaleza no intento de prestar os devidos esclarecimentos.

2.2 SEGUNDO CAPÍTULO - DE SANTO A CONSPIRADOR DA REPÚBLICA: A instauração do debate maniqueísta em torno do padre Cícero

O debate em torno dos “milagres do Juazeiro” já havia se instaurado na imprensa brasileira quando o bispo dom Joaquim decidiu inteirar-se da situação, convocando, em julho de 1891, o padre Cícero a ir pessoalmente a Fortaleza para prestar esclarecimentos.

Embora não tenha se pronunciado publicamente a respeito, o bispo do Ceará tinha conhecimento do que se passava no povoado do Juazeiro desde 1886, aproximadamente, conforme confessa em uma carta enviada ao padre Cícero nos idos de 1890 durante uma visita pastoral a Quixerá²⁷⁹ naquele ano, na qual lembra que o sacerdote havia lhe comunicado que “[...] alguns fatos extraordinários sucedidos com Maria de Araújo”²⁸⁰ o surpreenderam.

Mesmo depois do sangramento da hóstia em 1889, cartas trocadas entre o bispo e sacerdotes da região, sobretudo, o padre Cícero e Monsenhor Monteiro, demonstram que o prelado diocesano acompanhava com atenção os acontecimentos mantendo, porém, uma reação contida e discreta. Ainda que tenha repreendido o padre Cícero algumas vezes proibindo-o de pregar em público os milagres, mantinha um tom cordial e até amistoso para com o sacerdote.

Para Della Cava tal atitude é decorrente, num primeiro momento, da admiração e confiança que o bispo tinha no padre Cícero. Num segundo, “[...] como protetor da fé, era seu dever zelar pela “pureza da doutrina católica”, mas, como homem de fé, não podia ignorar um fato renomadamente de origem divina”.²⁸¹ Enfim, receoso de que a liberdade religiosa²⁸² pudesse descristianizar o Brasil, “[...] talvez acreditasse que os milagres do Juazeiro tinham sido enviados por Deus para confundir os descrentes”.²⁸³

²⁷⁹ Distrito criado em 1873, a atual Farias Brito localiza-se ao sul cearense na Região Metropolitana do Cariri, distante de Fortaleza cerca de 475 km. Para mais detalhes, cf.: <https://tinyurl.com/y5qugdwb>

²⁸⁰ Carta enviada pelo bispo Dom Joaquim ao padre Cícero, em 07 de março de 1890, publicada no volume I da coleção “Padre Cícero e os fatos do Juazeiro”, 2012, página 494.

²⁸¹ Casimiro, 2012, p. 87.

²⁸² Na segunda metade do século XIX se instaura o debate acerca da liberdade religiosa no Brasil e a separação da Igreja e do Estado. Políticos como o jurista baiano Ruy Barbosa a defendiam abertamente desde 1876. A proclamação da República e a promulgação da Constituição Republicana em 1891 assegurou o direito à liberdade religiosa, ainda que de forma restrita. Essa questão provocou discussões e muito receio no âmbito da Igreja Católica, que temia o crescimento de religiões protestantes. Para saber mais sobre essa questão, ver: SANTOS JUNIOR, Aloísio Cristovam dos. *A liberdade de organização religiosa e o Estado laico brasileiro*. São Paulo: Mackenzie, 2007; SCAMPINI, José. *A Liberdade Religiosa nas constituições Brasileiras*. Petrópolis, Vozes, 1978; MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *Republica e pluralidade religiosa no Brasil*. REVISTA USP, São Paulo, n. 59, p. 144-163, setembro/novembro 2003. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5pz8plv>

²⁸³ *Ibid.*, p. 88.

A postura de certa tolerância com relação aos fatos do Juazeiro foi rompida com a repercussão, na imprensa, do atestado do dr. Marcos Madeira. A hipótese que aventamos é a de que a decisão de convocar um médico para examinar a beata e de posse de um atestado confirmar a sobrenaturalidade dos fenômenos e publicá-lo em jornais de grande circulação nacional, conforme discutido no capítulo anterior, tudo sem o conhecimento e anuência de dom Joaquim, foi um ato deliberado e planejado pelo grupo que chamamos de “defensores dos milagres” no sentido de pressionar a autoridade eclesiástica a assumir uma posição oficial perante os fatos.

Ao tomar conhecimento do atestado pela imprensa, dom Joaquim o entende como um ato de desrespeito e desobediência, assumindo uma nova postura, dando aos acontecimentos do Juazeiro novas tramas, novos personagens, novas narrativas.

Nesse capítulo serão discutidos os novos desdobramentos, buscando perceber através das narrativas a construção da trama e dos personagens. Quais os embates narrativos construídos na busca da legitimação dos fatos? Como seus principais personagens, a beata Maria de Araújo e o padre Cícero, vão aparecer nas narrativas? Em que momentos da trama surgirão novos ciclos narrativos? Qual é o lugar de fala dos que defendem e acusam?

2.2.1 DO SERTÃO À CAPITAL: a viagem do padre Cícero a Fortaleza para prestar depoimento ao bispo diocesano

A barulhenta reverberação do atestado sem a anuência e conhecimento do bispo diocesano ensejou o desenvolvimento de uma atmosfera caracterizada por tensões constantes, pondo fim ao discreto e resguardado comportamento da hierarquia diante dos acontecimentos de Juazeiro, levando-a a tomar providências mais severas no sentido de aplacar os ânimos acirrados. Nessa direção, convoca o padre Cícero para comparecer à sede do bispado, em Fortaleza, com o objetivo de que este preste “[...] esclarecimento dos fatos extraordinários sucedidos com Maria de Araújo”.²⁸⁴

Tendo protelado o máximo possível sua ida à capital cearense, o padre Cícero, acompanhado de uma comissão, decide viajar em julho de 1891.

²⁸⁴ CASIMIRO, 2012, p. 502-503.

Tomando o rumo do sertão adentro, aventurando-se por cidades e vilas, Cícero e sua comitiva eram recebidos com festa e alvoroço. Pobres e ricos, homens e mulheres, crianças, jovens e adultos se colocavam à beira da estrada a fim de ver o padre do Juazeiro.

Em sua viagem passa pela cidade de Icó,²⁸⁵ registrada pelo jornal *O Estado do Ceará* que, ao dar publicidade a uma carta enviada da localidade, revela interessantes detalhes de sua chegada e estadia.

Nessa correspondência, o emissário qualifica como um “festival período” os dias em que o sacerdote permaneceu na localidade.²⁸⁶ Informa que a simples notícia de sua passagem “[...] foi como uma centelha atirada no meio de matérias combustíveis e que por si mesma encarrega-se de atear o mais formidável incêndio”.²⁸⁷ Acrescenta, ainda, que a

[...] almejada notícia da aproximação do Enviado do Senhor desde então a população aceleradamente percorre as ruas com a mais plena manifestação de regozijo íntimo que a domina.

De todos os cantos da cidade saem cavalheiros no intuito de encontrar o ilustre varão até que às 5 e ½ da tarde uma nuvem escura de pó anuncia que se aproxima grande número de cavalheiros.

Efetivamente principiou-se a divisar muitas figuras que ao longe iam surgindo do meio da folhagem no matagal de uma colina e os que estavam então na capelinha do Monte fizeram anunciar a cidade inteira a aproximação do padre Cícero, já com repiques dos sinos e já com um prolongado tiroteio de girandolas que ferindo os ares, parecia levar ao seio do Eterno as congratulações de um povo altamente católico e educando nos ensinamentos da igreja de Jesus Cristo.

Quadro patético testemunhou nesse momento. Mais de duas mil pessoas aglomeradas no adro da capela na mais completa confusão, procuravam pressurosas a receber a benção do que vinha em nome do Senhor.²⁸⁸

A narrativa de sua chegada à cidade traz elementos importantes para a análise acerca das representações que se vão construindo sobre o padre Cícero. Primeiramente, a descrição de sua entrada anunciada com repicar dos sinos, o salpicar dos fogos, uma multidão de mais de duas mil pessoas, de todos os cantos se aglomerando para saudá-lo e receber suas bênçãos,

²⁸⁵ A cidade de Icó fica a 375 km de Fortaleza. Terceira vila instalada no Ceará é elevada a cidade em 1842, tornando-se um dos centros comerciais e culturais mais importantes do Estado. Para outros detalhes, cf.: <https://tinyurl.com/y48ckldn>. Vale ressaltar que Monsenhor Monteiro, um dos principais personagens dessa trama, permaneceu como vigário de lá durante muitos anos.

²⁸⁶ O Estado do Ceará – CE, N° 282, 25/07/1891, p. 02.

²⁸⁷ O Estado do Ceará – CE, N° 282, 25/07/1891, p. 02.

²⁸⁸ N° 282, 25/07/1891, p. 02.

guarda fortes semelhanças com a narrativa bíblica da entrada de Jesus Cristo em Jerusalém.
289

Um segundo elemento importante na narrativa diz respeito à forma como o sacerdote é tratado, ou seja, um “enviado do Senhor”, ressaltando-se a característica do povo como “altamente católico e educado nos ensinamentos da igreja”, que aguarda com ansiedade as “bênçãos que vinha em nome do senhor”, denotando uma preocupação em registrar que o evento que ali se passava era reflexo do sentimento religioso e fiel da população aos dogmas e doutrina católicos, reconhecendo no padre Cícero um verdadeiro representante da Igreja de Cristo.

Ao narrar a homilia feita pelo sacerdote na sua chegada, destaca a capacidade de que dispunha de falar a linguagem dos mais humildes de forma a tocar o coração do ouvinte, ressaltando que usava “[...] palavras convincentes e claras, que chegaram ao entendimento do mais obscuro espectador e ficaram gravadas na memória do povo como a oração que aprendemos na infância por nossas mães”.²⁹⁰

No reforço da narrativa de ser o padre Cícero um orador do povo e para o povo, relembra que no dia seguinte “[...] pregou na capela do Coração de Jesus sobre o Sacramento da Eucaristia, isto com tanta lucidez que não deixou dúvida a nenhum dos católicos da veracidade deste dogma tão misterioso”.

A narrativa registra as atividades desenvolvidas pelo sacerdote durante sua permanência na cidade, tendo dedicado o domingo, segundo dia na localidade, aos presos, confessando-os e celebrando na capela da cadeia, quando conclui sua visita:

[...] benzeu muitos rosários que distribuiu depois com os presos e soldados a todos aconselhando e encaminhando para a verdadeira fé. O capitão Antônio Joaquim e tenente Braga oficiais do Corpo de Segurança Pública receberam como bons católicos das mãos do virtuoso ministro e ajoelhados a seus pés o rosário lhes foi depositado ao pescoço.

Valendo-se de um relato que apresenta o padre Cícero preocupado com os mais humildes, cujo espírito acolhedor e conselheiro guia-o no caminho do bem, ao benzer,

²⁸⁹ Bíblia Sagrada, Lucas 19:28 - 48.

²⁹⁰ O Estado do Ceará, Nº 282, 25/07/1891, p. 02.

distribuir e colocar pessoalmente no pescoço dos agentes da segurança, o rosário,²⁹¹ define-o como um sacerdote comprometido com a fé e com a disseminação da devoção à Maria Santíssima, mãe de Deus.

Sua partida de Icó para Fortaleza é igualmente narrada ressaltando-se o prestígio e devoção dos sertanejos para com o sacerdote. Viajando na tarde do domingo, segue

[...] acompanhado por mais de 400 cavalheiros partiu o padre Cícero para a capital, indo com ele o rev. Antero.²⁹²

As portas das casas e sobrados estavam cheias de gente que dali mesmo recebiam a benção do enviado de Deus. Nunca esta terra assistiu tão espontânea manifestação de apreço e jamais se diz receber-se tantas honras com tanta humildade e modéstia. Jesus Cristo o ilumine e proteja, para que não enfraqueça na tarefa que lhe está confiada, dando-lhe a força e a coragem necessária para levar a sua cruz ao Calvário.

A forma como é descrito o sacerdote merece relevo: um ser humilde e modesto que não se impressiona com a demonstração de devoção e apreço.

Por fim, um último elemento chama a atenção. Ao desejar proteção, iluminação, força e coragem no cumprimento da “tarefa que lhe foi confiada” e levando-se em consideração que apesar da forte repercussão dos fatos do Juazeiro na oralidade e na imprensa e que, até aquele momento, nenhuma atitude punitiva ou proibitiva por parte da Igreja havia sido tomada, o narrador revela-se consciente dos possíveis desdobramentos eclesiais e sociais dos eventos ocorridos na localidade, atribuindo ao sacerdote a tarefa de tomar para si a cruz e carregá-la até seu calvário, ou seja, assumir e defender a veracidade dos milagres, nem que para isso pague o preço do sofrimento.

Após partir de Icó, Cícero passa mais quatro dias empreendendo viagem com destino a Fortaleza, chegando lá dia 16 de julho. Jornais de várias províncias do Brasil publicaram uma mesma notícia sobre o assunto. Nela se diz:

²⁹¹ O uso do rosário tornou-se um símbolo de identificação dos devotos do padre Cícero, uma vez que foi incentivado por ele como forma de testemunhar sua fé e devoção à Mãe das Dores, padroeira do Juazeiro do Norte.

²⁹² A presença do padre Antero, nesse momento, tem importância histórica na medida em que terá papel central na trama religiosa de Juazeiro. Assumiu o cargo de secretário da primeira comissão de inquérito que concluiu pela sobrenaturalidade dos fatos, viajou a Roma levando consigo o processo episcopal sem a anuência do bispo e foi o último a publicar sua retratação pública em 1897. Tais informações são relevantes, uma vez que oferecem indícios de que Antero já havia, de certa forma, estabelecido contato e tido algum envolvimento nos acontecimentos de Juazeiro em virtude de sua amizade com o padre Cícero.

Chegara no dia 16 à Capital o Rev. Padre Cícero Romão Baptista confessor da celebre beata Maria de Araujo do Juazeiro.

O padre Cícero viera a chamado de Exc. Rvdm. O Bispo Diocesano, a fim de dar explicações acerca dos fenomenos hipnoticos apresentados por aquela beata, que tem-se tornado o assombro das populações credulas do sertão deste Estado e dos limitrofes e o objeto de acaloradas discussões científicas pela imprensa.²⁹³

O narrador esclarece que o motivo de sua viagem seria para prestar esclarecimentos sobre o que chama de “fenômenos hipnóticos”, capazes de produzir um cenário de alvoroço na população sertaneja provocando o debate científico em torno da situação estabelecida.

No dia seguinte à sua chegada Cícero comparece ao palácio episcopal, sendo inquirido pelo bispo Dom Joaquim José Vieira e pelo vigário geral, Monsenhor Hyppolito Gomes Brazil, cabendo ao seu companheiro de viagem, padre Francisco Ferreira Antero, a função de secretário do interrogatório.

Permanece mais três dias na capital cearense e antes de retornar a Juazeiro publica em dois jornais de Fortaleza, *O Estado do Ceará*²⁹⁴ e *O Cearense*, uma mensagem de despedida e agradecimento pela acolhida, com o seguinte conteúdo:

O Revdo. Cícero Romão Baptista retirando-se hoje para sua antiga residência no Juazeiro, agradece cordialmente a todas as pessoas desta capital que honraram-no com suas visitas e pede-lhes desculpas de não lhes retribuir do mesmo modo, em razão da necessidade que teve de partir com presteza para o Juazeiro.²⁹⁵

Era comum se publicar mensagens de agradecimento e despedida, porém, pode-se aferir com essa publicação o quanto ele foi visitado durante a curta estadia em Fortaleza, fato revelador do prestígio que já possuía no período, tornando-se uma personalidade conhecida e reconhecida pela sociedade cearense. O próprio bispo chamou a atenção para esse aspecto afirmando que “[...] as muitas visitas que lhe fizeram os curiosos e os devotos, não nos deram tempo de dizer-lhe tudo o que importa ao bom andamento das coisas do Juazeiro”.²⁹⁶

²⁹³ Jornal do Brasil – RJ, Nº 1252, 11/08/1891, p. 02.

²⁹⁴ Nº 277, 20/07/1891, p. 02.

²⁹⁵ O Cearense, Nº 151, 21/07/1891, p. 03.

²⁹⁶ Casimiro, 2012, p. 505.

Antes de retornar, no entanto, toma conhecimento da decisão do episcopado relativa aos “fatos sobrenaturais do Juazeiro”, manifestada através de um documento que se popularizou como “Decisão Interlocutória” datada de 19 de julho, na qual se declara que “[...] aquele sangue não é nem pode ser o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo”.²⁹⁷

2.2.2 “NÃO É, NEM PODE SER O SANGUE DE CRISTO”: O decreto do bispo cearense e a reação em Juazeiro.

Junto com a Decisão Interlocutória, o bispo determina a remoção de Maria de Araújo, de Juazeiro para a Casa de Caridade do Crato por um período de seis meses, designando que outro padre assumira a função de diretor espiritual da beata em substituição ao padre Cícero.

Em 21 de julho, baixa uma portaria criando a primeira Comissão Episcopal de Inquérito com o objetivo de averiguar os fatos de Juazeiro, nomeando os padres Clycério da Costa Lobo²⁹⁸ na função de Delegado e Francisco Ferreira Antero, como secretário. Ambos os sacerdotes deveriam viajar a Juazeiro para, *in loco*, averiguar a situação e elaborar um relatório a ser entregue no intuito de que as devidas providências sejam tomadas.

A declaração do bispo diocesano de que aquele não se tratava do sangue de Cristo, portanto, negando o milagre, não arrefeceu os ânimos dos seus defensores, que passaram a atuar em duas frentes: 1. Pelas vias legais, por meio de uma petição de apelação contestando à Decisão Interlocutória e solicitando o envio do caso à Santa Sé; 2. Intensificando a publicação de artigos e documentos na imprensa como estratégia tanto para pressionar o bispo diocesano, quanto para conquistar novos adeptos que favorecessem a causa já estabelecida entre o clero do Brasil e a população como um todo.

A redação e organização dos documentos ficaram sob a responsabilidade de José Marrocos e o padre Cícero. Despachados para Fortaleza em setembro de 1891, continham além da petição, uma carta assinada pelo sacerdote e um abaixo-assinado solicitando a revogação da Decisão Interlocutória.

²⁹⁷ Ibid., p. 05.

²⁹⁸ Padre Clycério da Costa Lobo (1839-1916) contava com trinta anos de serviço pastoral, ordenou-se na Bahia e era pároco no Rio de Janeiro quando foi convidado para ser o secretário do primeiro bispo do Ceará, Dom Antônio Luiz. Foi o organizador do primeiro Sínodo Diocesano no Ceará, em 1888.

É importante ressaltar que a coleta de assinaturas corroborando a veracidade dos fatos já vinha sucedendo há algum tempo, motivada pelo intento de enviá-la ao bispo e ao Papa solicitando uma averiguação, conforme notícia enviada do Crato em 28 de maio, publicada no jornal *O Estado do Ceará*:

[...] nestes últimos dias tem-se reproduzido o fato da Hóstia do sacramento da comunhão transformar-se em sangue à olhos vistos. Lá ainda estão dois médicos – o dr. Idelfonso Correia Lima e o dr. Marcos Rodrigues Madeira – a examinar o fato, a fazer exames estudos e a concluir que é sobrenatural o que tem tantas vezes observado. Si em direito duas ou três testemunhas de vista fazem prova plena; centenares e milhares de testemunhas oculares fazem essa prova da verdade eterna, que nem os homens, nem os diabos podem destruir. Um *postulatum* coberto de milhares de assinaturas de padres, doutores e de homens de toda a posição e condição social vai ser dirigido ao Bispo Diocesano e ao Papa narrando o fato e pedindo o *veredictum* apostólico. Neste documento figura gente de quase todos os Estados do Nordeste.²⁹⁹

Segundo o artigo, já era notório naquele período um movimento organizado com o propósito de produzir documentos que pudessem servir de embasamento num eventual processo canônico, o que, aliás, era o desejo manifestado por todos que acreditavam na veracidade dos milagres.

A batalha na imprensa para popularizar ainda mais e difundir os fenômenos acontecidos no povoado do Juazeiro deu-se pela intensificação da produção de artigos escritos por leigos e religiosos, remetidos e publicados muitas vezes em dois ou três jornais de grande circulação e de diferentes províncias, testemunhando³⁰⁰ que participaram e presenciaram o milagre da transformação da hóstia em sangue.

Tal artifício será mantido durante toda a década de noventa até que Roma, em 1897, apresenta seu veredito final decretando, definitivamente, que não se tratam de milagres os fatos ocorridos em Juazeiro, condenando à excomunhão religiosos e leigos que insistissem em defendê-los.

²⁹⁹ N° 253, 18/06/1891, p. 02.

³⁰⁰ Um estudo importante sobre a questão do testemunho enquanto expressão narrativa da memória é o livro “A memória, a história e o esquecimento”, do filósofo Paul Ricoeur (2007, p. 155), no qual afirma o autor que “[...] A memória declarativa se exterioriza no testemunho”. Discutindo as especificidades, as condições, contradições e suspeição acerca do testemunho, torna-se uma importante ferramenta para compreender como aquelas publicações na imprensa acerca dos fatos sobrenaturais do Juazeiro contribuíram para a sua inserção no espaço público, forjando representações e construindo sentidos acerca não só dos acontecimentos, como também de seus protagonistas.

Um exemplo dos expedientes utilizados até então estão relacionados à divulgação de dois artigos em importantes jornais do país: *O Apostolo*, do Rio de Janeiro e o *Diário de Pernambuco*, de Recife.

O primeiro, escrito por um cidadão de Barbalha chamado Raymundo José Baptista, funcionário público da coletoria estadual,³⁰¹ é publicado em outros dois jornais: *O Apostolo* – RJ, 03/06/1891 e o *Jornal de Minas* – MG, 23/06/1891³⁰². Intitulado “Sangue de Cristo no século XIX”, inicia sua narrativa exaltando os fatos de Juazeiro como “[...] um milagre estupendo, um prodígio admirável, um portento maravilhoso, um acontecimento importante, um mistério incompreensível e sobrenatural”.³⁰³

Entre outras coisas, ressalta:

[...] Quanto a notícia vulgarizou-se, alarmou toda população, ninguém acreditava, uns diziam: é alucinação e idiotismo do padre; outros: é a beata que é doente da garganta, dos dentes, das gengivas ou tísica; outros tudo quanto é blasfêmia, até os jornais da capital criticaram fazendo a mais lúgubre e infame zombaria, afinal ninguém acreditava.

[...] conhecendo o exemplar e ótimo comportamento do bom padre, sua religiosidade, sua fé profunda e inquebrantável, seu fervor nos labores do seu ministério, sua aspiração pela salvação das almas, seu zelo pela honra e gloria de Deus, sua piedade angelical, [...] diz que é o precioso sangue de Jesus para provar neste século de corrupção, perversidade e descrença, sua augusta e real presença no Sacramento da Eucaristia [...].³⁰⁴

Percebe-se que o narrador tem conhecimento do debate travado na imprensa acerca da natureza dos fatos de Juazeiro ressaltando, inclusive, as teorias desenvolvidas sobre as possíveis causas do fenômeno: embuste, doença, etc., o que mostra que há um retorno da notícia, ou seja, havia por parte do grupo defensor um mapeamento do que estava sendo veiculado.

Colocando-se como testemunha do caráter e honestidade do padre Cícero, dá-lhe destaque na trama, atribuindo-lhe qualidades como “fé profunda”, “fervor nos trabalhos”, “piedade angelical”, conferindo a ele a prerrogativa da veracidade de que o sangue que fora

³⁰¹ Seu nome é citado no Almanaque administrativo, estatístico, mercantil, industrial e literário do Estado do Ceará, 1889, p. 42. Fonte: BNHD.

³⁰² Jornal publicado em Ouro Preto, capital de Minas Gerais.

³⁰³ *O Apostolo* - RJ, Nº 60, 03/06/1891, p. 03.

³⁰⁴ *O Apostolo* - RJ, Nº 60, 03/06/1891, p. 03.

transformado da hóstia era, seguramente, o precioso sangue de Jesus derramado para a remissão dos pecados.

Um segundo texto é publicado no *Diário de Pernambuco* por um religioso de nome Irmão Manoel João, que visita Juazeiro por determinação do vigário da paróquia de Bananeiras, na Paraíba, o padre José Euphosino de M. Ramos. Em nota publicada no mesmo jornal, Ramos esclarece o motivo da viagem: “[...] mandei o positivo ao Juazeiro e cidade do Crato, entender-se com o rev. Padre Cícero”.³⁰⁵

O irmão Manoel compartilha detalhes de uma das manifestações miraculosas ocorridas com a beata Maria de Araújo durante a celebração de uma missa presidida pelo delegado da comissão, o padre Glicério, na capela de N. S. das Dores de Juazeiro, em que tomou parte sem, porém, presenciar de perto o fato, conforme confessa: “[...] somente não pude ver a sagrada hóstia e sangue precioso na boca da referida beata por causa da estreiteza do lugar e aglomeração de padres e médicos”.³⁰⁶

Mesmo admitindo não ter visto a hóstia transformada em sangue, não descarta a crença nos “milagres”. O título dado ao artigo que escrevera - “*LOUVADO, ENGRANDECIDO, VENERADO SEJA O PRECIOSO SANGUE DE JESUS*” – revela o que pensa a respeito.

Hoje, 24 de setembro, na capela do Coração de Jesus da Casa de Caridade da cidade do Crato, celebrou missa às 7 horas da manhã o Revdo. Padre Glicério, que veio em comissão por S. Exc.^a Rev.mo. O sr. Bispo do Ceará para examinar os estupendos milagres do Juazeiro.

Acabada a missa na qual comungou a beata Maria de Araújo, examinando o padre achou na língua de Maria de Araújo a sagrada hóstia transformada em carne e sangue. [...] Depois disto deram a beata lavatórios e gargarejos para evitar o aparecimento de qualquer sangue natural, e tornando a comungar transformou-se mais depressa em sangue mais rubro, como afirmou-me quem pôde ver a língua dela, cujo sangue ela consumiu como ordenou-lhe o padre.

Ouvi nesta ocasião o Revdo. Padre Cícero dizer que havemos de dar contas no dia do juízo deste sangue derramado outra vez por nosso amor.

Oh! Meu Deus! Não sei como sustentou-se ante maravilha o meu pobre coração infiel tantas vezes!

Vi e não me engano, e Deus sabe que posso jurar.

³⁰⁵ Diário de Pernambuco – PE, N° 266, 21/11/1891, p. 03.

³⁰⁶ Diário de Pernambuco – PE, N° 266, 21/11/1891, p. 03.

O acontecimento relatado era uma das experiências as quais Maria de Araújo fora submetida durante a investigação eclesial realizada pela Comissão Episcopal. Descrita com precisão, informa que após o exame realizado na beata depois da transformação da hóstia em sangue, é feito um rigoroso processo de limpeza em sua boca e, ainda assim, o evento volta a se repetir, assegurando ter ouvido do próprio padre Cícero que ali se dava a Segunda Redenção³⁰⁷ de Jesus Cristo que, por amor aos homens, derrama novamente seu preciosíssimo sangue.

O artigo, como um todo, traz o testemunho do religioso de que se trata de fatos sobrenaturais, declarando na última frase, “Vi e não me engano”. Ricoeur³⁰⁸, ao discutir o lugar e o papel do testemunho na investigação historiográfica, diz “[...] a especificidade do testemunho consiste de que a asserção de realidade é inseparável do seu acoplamento com a autodesignação do sujeito que testemunha”.³⁰⁹ Noutras palavras, o sujeito que testemunha assegura que está dizendo a verdade, uma vez que garante que viu “porque [...] estava lá”. Dessa maneira, continua Ricoeur, “[...] O que se atesta é indevidamente a realidade da coisa passada e a presença do narrador nos locais da ocorrência”.

Nesse contexto, portanto, ao afirmar que viu e não se engana, o religioso está buscando estabelecer uma relação de confiabilidade ao seu testemunho, num processo dialogal de autodesignação em que, enquanto testemunha, não se limita a dizer “Eu estava lá”, pois, precisa acrescentar: “acreditem em mim”.³¹⁰

Quanto mais os fatos se tornavam conhecidos, comentados, debatidos, mais adeptos se engajavam na defesa e divulgação dos mesmos e mais se alimentava uma atmosfera de expectativa em volta dos trabalhos desenvolvidos pela Comissão de Inquérito nomeada pelo bispo do Ceará.

Instalando-se na cidade do Crato, os dois padres que a integravam - Clycério da Costa Lobo e Francisco Ferreira Antero - deram início aos trabalhos em 09 de setembro de 1891.

³⁰⁷ Uma das maiores polêmicas religiosas naquela época está relacionada à crença do padre Cícero de que ali se tratava de uma Segunda Redenção, tornando-o vítima de muitas penalidades por parte da Igreja. No entanto, numa carta endereçada ao bispo do Ceará em 16/12/1894, o reverendo declara: “[...] a proposição enunciativa de nova redenção no sentido herético e oposto a Fé Católica, em que foi tomada, nunca disse, graças a Deus pelo que sei e creio que o Redentor sendo Nosso Senhor Jesus Cristo Deus e Homem verdadeiro, a Redenção que ele fez, é uma só e infinita: e si aquela expressão foi empregada, era somente no sentido de que se fossem Divinos, como eu tinha por mim, e fossem aprovados pela Santa Igreja os fatos ocorridos no Juazeiro, era como uma nova Redenção pelos grandes efeitos que produziriam e assim quaisquer expressões menos corretas, que me tenham atribuído contra Fé Católica, eu as detesto e condeno”. (Casimiro, 2012, p. 676).

³⁰⁸ Ricoeur, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François [et al.] – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

³⁰⁹ Ibid., p. 172.

³¹⁰ Ricoeur, 2007, p. 173.

Durante dois meses permaneceram entre aquela cidade e Juazeiro, interrogando padres, beatas e cidadãos de reconhecido prestígio na localidade, celebrando missas nas quais presenciaram a transformação da hóstia em sangue na boca da beata, realizando exames clínicos com ajuda do médico dr. Marcos Madeira e o farmacêutico Secundo Chaves.

A imprensa, sobretudo, os jornais católicos, não ficou indiferente à instalação e desenvolvimento das atividades, noticiando com algum grau de ansiedade e expectativa que, em breve, o caso estaria resolvido. Ao transcrever informações oriundas de um jornal de Recife, o *Era Nova*, *O Apostolo* comunica-se com seus leitores:

O Milagre de Joazeiro – Sobre o facto estupendo que se passa naquella povoação (Ceará) e de que já demos notícia, o da fusão do sangue da hostia, já foi iniciado com toda a regularidade o processo eclesisástico que tem por fim verificar o extraordinário fato que continua a dar-se na humilissima povoação do Joazeiro, e logo que se juntem aos autos certos documentos que lhes são indispensáveis, a causa vai ser remetida à Santa Sé, para decidir definitivamente se o sangue, em que tantas vezes se tem visto transformar-se a hostia sacramental, é e pode ser o Sangue de Jesus Cristo.³¹¹

Pode-se dizer que é flagrante o descompasso entre a postura oficial da Igreja e a repercussão dada aos fatos. Apesar do bispo cearense ser contrário às crenças que eram alimentadas, orientando que se mantivesse sigilo a respeito da questão, a imprensa católica insistia em referir-se aos episódios como um “milagre do Juazeiro”, um “fato estupendo”, demonstrando simpatia pela possibilidade de ser realmente algo sobrenatural.

[...] Antes da sentença definitiva do Papa, o Bispo cearense julgou prudente ordenar ao capelão de Juazeiro que proibisse toda a especie de culto ao Precioso sangue; em obediência, o padre Cícero retirou da capela do Santíssimo a caixa de vidro que continha as toalhas e os corporaes, em que caira o divino Sangue; mas logo após deu-se à mesa da comunhão mesma miraculosa transformação, e de tal modo que de uma particula única correu tanto sangue que chegou a regar a terra, depois de ter ensopado toalhas de comunhão, de altar, sanguineas e corporaes. O povo – e era muito povo, que nada se pode esconder – viu tudo e rompeu num copioso pranto: creu e adorou com fervor admirável. Quem poderia proibir-lhe essa explosão de sua alma?³¹²

³¹¹ N° 135, 29/11/1891, p. 02. Esta mesma notícia foi publicada no Jornal do Brasil (RJ), N° 236, 30/11/1891, p.

02.

³¹² O Apostolo - RJ, N° 135, 29/11/1891, p. 02.

O padre Cícero é mencionado como um sacerdote obediente, que atende às determinações do bispo interrompendo a exposição dos vidros nos quais cotinham os panos manchados de sangue. Por outro lado, não se privam de ressaltar a abundante transformação da hóstia, cujo evento é testemunhado pelo povo que, sentindo-se em estado de graça, prosta-se em adoração e se faz devoto, algo que dificulta a sua proibição.

Em outubro os membros da comissão encerram o inquérito e, dirigindo-se a Fortaleza, entregam ao bispo diocesano, no dia 28 de novembro, o tão esperado relatório final no qual concluem que o que aconteceu à beata Maria de Araújo não tem explicação científica, portanto, trata-se de “fatos extraordinários”.

A conclusão frustrou as expectativas de Dom Joaquim, que a aguardava no sentido de que se confirmasse o que havia declarado na Decisão Interlocutória de que “não o é e nem pode ser” o Sangue de Jesus Cristo. Dessa forma, rejeita o relatório apresentado, constituindo uma nova comissão.

Dom Joaquim, que a princípio manteve certa tolerância e até simpatia com a ideia da veracidade dos milagres, conforme já dito anteriormente, passou a desconfiar de que se tratava de um embuste.

O primeiro passo nessa direção ocorreu em 1890 quando os fatos do Juazeiro faziam parte da pauta jornalística, o movimento de peregrinos no povoado já conquistava um grande número de adeptos e a adesão à crença nos milagres atingia boa parte do clero da região e de cidades circunvizinhas. Naquele momento, dom Joaquim orienta o padre Cícero a afastar-se de Maria de Araújo enviando-a para a Casa de Caridade do Crato até que se procedessem às verificações canônicas. Segundo Della Cava³¹³ a intenção do bispo era por à prova a fidelidade de ambos e, caso os fenômenos voltassem a acontecer sem a presença do padre Cícero, ficava afastada a acusação de influência e sugestão do sacerdote.

O não cumprimento da determinação se configurou para dom Joaquim como uma comprovação cabal de que o que se passava em Juazeiro não se tratava de milagres, no máximo, algum fruto da ignorância e ingenuidade da beata e boa fé do sacerdote. Dando a questão por encerrada, proibiu que se proclamasse, tanto na imprensa, quanto no púlpito, os fatos como miraculosos, assim como a adoração aos panos manchados de sangue.

³¹³ Casimiro, 2012, p. 91.

Convicto de que os fatos do Juazeiro não carregavam nada de sobrenatural, rejeita o relatório apresentado instituindo uma nova comissão formada pelos padres Antônio Alexandrino de Alencar³¹⁴ e Manoel Cândido dos Santos. Após três dias de averiguações, de 20 a 22 de abril de 1892, conclui que os tão propalados milagres se tratavam de um embuste.

Não obstante, mesmo de posse de um segundo relatório confirmando suas declarações de serem os fatos um envolvente engodo, dom Joaquim não prosseguiu com o processo, não o encaminhando a Roma. Isso possibilitou especulações de toda ordem. A postura serviu, por assim dizer, para cultivar esperanças e oferecer munição aos defensores dos milagres, que intensificaram argumentações através da imprensa publicando fragmentos do primeiro relatório com trechos de alguns depoimentos e memoriais escritos especificamente para a comissão de inquérito, além de artigos.

2.2.3 ENTRE O SILÊNCIO DO BISPADO DO CEARÁ E A PALAVRA DA SANTA SÉ (1891-1894): é preciso escrever para convencer

Ao que parece, dom Joaquim avaliou erroneamente que as conclusões da segunda comissão e as medidas proibitivas e condenatórias com relação aos padres que continuassem proferindo a veracidade dos fenômenos extraordinários, seriam suficientes para aplacar os ânimos e dar por encerrada a querela.

A decisão de engavetar o processo não o enviando a Roma foi interpretada tanto por membros da Igreja no Brasil, quanto por defensores das questões de Juazeiro como um sinal de insegurança e precaução no tocante à natureza miraculosa dos fatos,³¹⁵ produzindo um efeito contrário às expectativas criadas e acirrando uma considerável polêmica em torno da situação, contribuindo para o crescimento vertiginoso do número de publicações e convertendo a imprensa num palco em que se apresentaram narrativas das mais variadas na tentativa constante de convencer e garantir adesões favoráveis.

A rejeição da Igreja à possibilidade do milagre e o silêncio que se estabeleceu após a conclusão do segundo inquérito provocou uma alteração na forma e no tipo de publicação até

³¹⁴ Natural de Assaré (25/11/1844), cidade que integra a região do Cariri cearense, ordenou-se sacerdote em 1867.

³¹⁵ Sobre esta questão é possível verificar as correspondências trocadas entre o clero brasileiro e o bispo Dom Joaquim, disponíveis no Departamento Histórico Diocesano padre Antônio Gomes – Crato.

então, levada a cabo pelos defensores da veracidade dos milagres e, também, por aqueles que os condenavam.

A primeira mudança nas publicações sobre os fatos sobrenaturais de Juazeiro, nesse período, se dá nos títulos dados às publicações que, até aquele momento, focavam no padre Cícero, mas, sobretudo, na beata Maria de Araújo³¹⁶ com as seguintes manchetes: “**A Santa do Juazeiro**” (*Libertador*, nº 107, 19/05/1890); “**A Beata Maria**” (*O Estado do Ceará*, nº 233, 25/05/1891); “**A Beata Maria do Crato**” (*Jornal de Minas*, nº 90, 03/06/1891); “**A Beata Maria do Juazeiro**” (*Estado da Paraíba*, nº 295, 26/07/1891); “**O Padre Cícero e a Beata Maria do Joazeiro**” (*Estado da Paraíba*, nº 300, 01/08/1891); “**A Beata Maria de Araujo**” (*Jornal de Recife*, nº 245, 28/10/1891).

A partir do posicionamento da Igreja, a perspectiva muda e apresenta as narrativas com um título genérico, “**Milagres do Juazeiro**”, deslocando, portanto, o foco outrora centrado nos personagens e no fato em si através de testemunhos avulsos. Daqui em diante, as publicações elegem os documentos que compunham o processo eclesiástico com relatos que priorizam a grande quantidade de romeiros e as novas manifestações milagrosas.

Para além da forma como a imprensa intitulava os acontecimentos do Juazeiro, é possível identificar pelo menos quatro linhas narrativas que marcam as publicações sobre os fatos do Juazeiro: a primeira delas, conduzida principalmente por José Marrocos³¹⁷, constitui na publicação de documentos (testemunhos de padres, ofícios à Santa Sé, novos atestados), trechos do primeiro inquérito e memoriais³¹⁸. A segunda, marcada pelo embate entre acusadores e defensores do padre Cícero são artigos escritos por personalidades da região, às vezes comerciantes, às vezes funcionários públicos. A terceira linha reúne narrativas elaboradas por curiosos e jornalistas que visitavam o povoado que, embora não assinando os artigos, dão conta de proclamar o surgimento de novos milagres. Por fim, a narrativa que denuncia o uso especulativo por parte do comércio, dos fenômenos e da imagem da beata, especialmente do padre Cícero.

³¹⁶ É válido afirmar que as manchetes sublinhadas possibilitam a desconstrução de uma afirmação muito recorrente na historiografia que versa sobre a questão religiosa de Juazeiro de que a beata, apesar de ser a protagonista dos “milagres”, não contou com a mesma visibilidade usufruída pelo padre Cícero. Na verdade, até 1891, o papel central da trama era atribuído a ela que recebia adjetivos tais como “virtuosa”, “santa”, “humilde”, etc. Quando a Igreja passa a impor sanções e proibições aos fatos, inicia-se uma espécie de deslocamento para a pessoa do padre Cícero, conforme será demonstrado ao longo deste capítulo.

³¹⁷ Maior defensor dos milagres do Juazeiro, cuja biografia foi apresentada no primeiro capítulo para demonstrar o importante papel que irá desenvolver na divulgação dos fatos na imprensa dentro e fora do Brasil.

³¹⁸ Uma definição para Memorial seria: Exposição escrita, dirigida à autoridade pública, na qual se pleiteia alguma coisa. No caso em questão, trata-se de documentos escritos por alguns depoentes no Processo Episcopal no qual relatavam detalhes dos acontecimentos miraculosos do Juazeiro e suas impressões. José Marrocos fez dois memoriais, mas outras pessoas como beatas e o farmacêutico Joaquim Secundo Chaves.

2.2.4 BUSCANDO ADESÕES À CAUSA DO “PRECIOSÍSSIMO SANGUE DE CRISTO”: publicação de documentos e artigos na defesa dos milagres

Uma estratégia importante dos defensores na divulgação afirmativa dos fatos do Juazeiro foi a publicação de documentos produzidos por personalidades da medicina ou por aqueles que tivessem algum conhecimento e respaldo no meio jornalístico, político, educacional.

Nesse sentido, o primeiro documento publicado nessa nova fase foi o relatório do tenente-coronel e farmacêutico, Joaquim Secundo Chaves, anunciado na comissão em 07 de outubro de 1891 com o título *Memorial Apresentado na Causa do Precioso Sangue*, no qual declarava serem verdadeiros os milagres, replicado na sessão “A Pedidos” do jornal *O Apostolo*.³¹⁹

O farmacêutico rejeita a tese de hipnose, assegurando tratar-se de um fato sobrenatural, no qual o padre Cícero não tem nenhuma participação no sentido de sugestioná-la. Ressalta que o fenômeno sucedia com a comunhão ministrada por outros padres, com o relato de um episódio acontecido na presença da comissão episcopal em que o fenômeno de sangramento só teria ocorrido quando um dos membros da referida comissão teria ministrado a comunhão, deixando evidente que a “[...] influência ou figura do padre Cícero desaparecia de todo”.³²⁰

Poucos dias depois, José Marrocos veicula nesse mesmo periódico nos dias 12 e 14 de fevereiro de 1892, o seu *Memorial apresentado na causa do Precioso Sangue*.³²¹ Ao assinar o documento sai, pela primeira vez, do anonimato. Além do *Apostolo*, publica-o ainda no *O Estado do Ceará*³²² e *Diário de Pernambuco*.³²³

Assim como o documento do Cel. Secundo Chaves, tratava-se de um relato com relação aos fatos de Juazeiro apresentado à primeira comissão e anexado ao processo episcopal, todavia, muito mais pormenorizado. Nele, Marrocos se esclarece:

[...] o depoimento, que venho perpetuar nestas linhas, nada tem de singular – é apenas mais uma voz que no câro geral de todas as vozes e no concerto de

³¹⁹ O *Apostolo* – RJ, Nº 139, 11/12/1891, p. 04.

³²⁰ O *Apostolo* – RJ, Nº 139, 11/12/1891, p. 04.

³²¹ O *Apostolo* - RJ, Nº 18, 12/02/1892 p. 03.

³²² Não foi encontrado no site da BNHD, porém, a publicação do *Diário de Pernambuco* esclarece que é uma “transcrição do jornal *O Estado do Ceará*”.

³²³ Nº 73, 02/04/1893.

todas as harmonias, vem afirmar que sabe, e que viu mesmo na igreja do Juazeiro a hóstia sacramental da comunhão de Maria de Araújo transformar-se em sangue, tão natural como o produto vivo de um corpo vivente.

Utilizando muitos termos em latim, defende o padre Cícero da acusação de desobediência no tocante à divulgação dos fenômenos, apesar da determinação do bispo em manter sigilo. Marrocos cita as publicações dos periódicos *Jornal do Comercio* e *Diário de Pernambuco* de 1889, nos quais se afirmava que “[...] A principio entendeu o padre Cícero ocultar quando acontecia [...]”,³²⁴ sob o argumento de que as notícias veiculadas foram iniciativa de uma força superior.

Reafirma Marrocos que o padre Cícero, em obediência às ordens de dom Joaquim, “[...] retirou da capella do Santissimo Sacramento a caixa de vidro que continha os corporaes, toalhas e sanguinhos, que o tinham recebido da hostia sacramental³²⁵. E que mesmo assim, os fenomenos continuaram ocorrer, tornando-se inevitavel o culto”.

Alega, ainda:

“[...] se a publicidade do milagroso fato se fez contra a vontade humana, se o reconhecimento solene de sua existência teve por si um poder superior e invencível, a qualidade do culto que se lhe tributou, revela, publica e afirma que sangue é esse que continua a dar saúde ao enfermo, movimento ao paralítico, inteligência ao louco, luz ao cego e graça ao pecador”.³²⁶

Concomitante às publicações, é organizado em um folheto³²⁷ documentos referentes aos fatos como os atestados médicos, testemunhos de padres e homens da elite, além de uma poesia. O impresso é enviado às redações de jornais, conforme noticiou seu recebimento o periódico católico, *O Apostolo*:

OPUSCULO - Recebemos da cidade do Crato (Ceará) um contendo numerosos atestados sobre um facto miraculoso que na povoação do

³²⁴ N° 73, 02/04/1893, p. 03.

³²⁵ O Estado do Ceará, N° 73, 02/04/1893.

³²⁶ O Apostolo - RJ, N° 19, 14/02/1892, p. 04.

³²⁷ Não se trata de um livro de cordel, como popularmente é conhecido o termo folheto. É um pequeno livro impresso que tem por finalidade levar informação ao público. Normalmente, um folheto não é utilizado para divulgar informação de nível acadêmico, mas, tem como principal objetivo chamar a atenção das pessoas e divulgar alguns conceitos fundamentais dos temas específicos a serem tratados. Outros detalhes, cf.: <http://queconceito.com.br/folheto>

Juazeiro tem se repetido, segundo testemunho de muitas pessoas, entre as quais médicos e sacerdotes, o de transformar-se em sangue a Sagrada Hóstia por ocasião da comunhão de uma senhora residente naquela povoação.³²⁸

No ano seguinte, o prospecto foi editado e lançado pela Tipografia Democrata, de J. Renaud, Caicó (RN)³²⁹, com dimensões pequenas de 20x8cm e 38 páginas, trazendo como subtítulo “grande coleção de documentos que atestam a veracidade da transformação da Sagrada Hóstia em sangue, sangue precioso de N. S. Jesus Cristo, na povoação do Juazeiro, Estado do Ceará [...] dedicado aos habitantes do Juazeiro representados na pessoa do Padre Cícero Romão Baptista”,³³⁰ vendido em lojas e casas comerciais de acordo com anúncio do jornal *O Povo*, do Rio Grande do Norte.

OS MILAGRES DO JOAZEIRO

Acha-se à venda nesta tipografia este importante folheto saído do prelo no corrente mês. As matérias que em si carrega sobre os milagres do Juazeiro, no estado do Ceará, torna-o indispensável às pessoas que não descreem naqueles prodigiosos fatos. Preço de cada exemplar: 400 reis.³³¹

A edição e lançamento dos milagres de Juazeiro em forma de livro revelam-se como uma inteligente estratégia de popularização e disseminação dos fenômenos numa camada social letrada e mais bem situada economicamente, imbuída do desejo de desconstruir um dos argumentos de que aqueles eram fruto da imaginação do povo analfabeto, ignorante e pobre.

O folheto, também, é dirigido à população mais pobre que, não tendo acesso ao jornal, podia comprá-lo, dividir a leitura com outros, carregar consigo num movimento que Chartier (2003) denomina de “livro lido e possuído.”

Ao estudar a história do livro na França dos séculos XVI e XVII, Chartier afirma que a leitura consistia numa prática coletiva, realizada em voz alta. Isso sucedia no sertão brasileiro

³²⁸ O Apostolo Nº 81, 22/07/1891, p. 02.

³²⁹ A cidade de Caicó (RN) localiza-se na microrregião do Seridó norte-rio-grandense. Até 1890 era denominada de Seridó. Por Decreto Estadual Nº 33, ganhou o nome de Caicó. Situada na região do Seridó, localiza-se na zona central a 282 Km de Natal, capital do Estado.

³³⁰ O folheto foi reimpresso pela Gráfica Mascote de Juazeiro do Norte em 1983, com direitos reservados a Joaquim Cordeiro das Neves.

³³¹ O anúncio se repete por vários meses seguidos (Nº 25, 27/06/1892, p. 02).

do século XIX, visto ser a maioria da população composta de analfabetos.³³² Nessas circunstâncias adversas, pode-se inferir que o folheto, dadas as suas pequenas dimensões, podia ser conduzido e manuseado facilmente, lido em lugares públicos, nas casas, nas igrejas, etc., atingindo, como se pretendia, diferentes camadas sociais.

O movimento dos defensores dos milagres não ficou restrito somente no âmbito da imprensa. Diante da atitude do bispo diocesano em engavetar o processo não o encaminhando ao Vaticano, organizaram e desenvolveram, em Juazeiro, uma campanha a fim de angariar recursos para viabilizar uma viagem do padre Antero a Roma com a incumbência de levar uma cópia do inquérito elaborado pela primeira comissão³³³, sem o conhecimento e anuência do prelado cearense. O sacerdote viajou no vapor francês “Congo”, em 03 de junho de 1892, conforme publicou o *Diário de Pernambuco*.³³⁴

Ao tomar conhecimento dessa iniciativa, dom Joaquim a considerou uma atitude grave de desobediência e rebeldia, com represália publicada em 08 de agosto de 1892 e o lançamento de uma portaria suspendendo o padre Cícero das faculdades de confessar, pregar e administrar os sacramentos. O padre Clycerio também se viu impedido de exercer suas ordens sacerdotais e o Mons. Monteiro, foi demitido da reitoria do seminário.

Sentencia, ainda, a imediata transferência de Maria de Araújo, de Juazeiro, por um período de seis meses para a Casa de Caridade de Barbalha³³⁵, ao mesmo tempo em que elenca várias proibições destinadas aos padres.

[...] ouvirem-se confissões de mulheres à noite e fora do confessionário salvo os casos previstos pela; [...] reunião de mulheres à noite nessa Capela do Juazeiro [...] e que imprimirem-se livros que referem milagres, revelações, etc.³³⁶

³³² Sobre esta questão ver a tese de: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)* (Tese de doutorado). Faculdade de Educação da UFMG, 2000. Disponível em: <https://tinyurl.com/y66gbu4s>.

³³³ Segundo Della Cava, (2014, p. 123), esta cópia foi furtada pelo referido sacerdote, o que foi tomado como agravante, pois, além de desconsiderar a autoridade eclesiástica do Ceará, o padre Antero foi designado pelo bispo, no ano anterior, para compor a primeira comissão de inquérito.

³³⁴ Nº 125, 04/06/1892, p. 3. Não havia, até hoje, precisão alguma sobre a data da viagem do padre Antero. Della Cava (Ibid., p. 123) informa que sucedera em agosto de 1892, enquanto outros, afirmam ter sido em julho.

³³⁵ As Casas de Caridade eram abrigos fundados pelo padre Ibiapina em meados do século XIX. Tinham como objetivo educar, sustentar e amparar as órfãs, crianças rejeitadas, mulheres consideradas perdidas. Na região do Cariri, foram construídas quatro Casas de Caridade: Crato, Barbalha, Missão Velha e Milagres.

³³⁶ Carta de D. Joaquim Vieira ao pe. Cícero R. Batista em 02.01.1892, disponível para consulta no arquivo denominado “Documentário”, do Departamento Histórico Diocesano padre Antônio Gomes, p. 40.

A reação a tais medidas tomadas se deu através da publicação de artigos num tom mais agressivo por parte dos defensores dos milagres, denunciando o que consideravam um “abuso dos abusos”, acusando-o de afastar o povo da Igreja e solicitando a intervenção de seus superiores.

Nessa perspectiva, o mais contundente e, talvez, corajoso artigo foi publicado no *Diário de Pernambuco*, assinado por um “peregrino do Rio”, outro pseudônimo de José Marrocos. Intitulado “Caso incrível no Juazeiro” denuncia o que chama de

[...] escandalo, caso incrível, inaudito, extraordinário a própria Igreja colocar o povo para fora da fé e da Igreja Católica [...] não pode se confessar mulheres, não se pode nem morrer, não se pode receber sacramentos, nem mesmo os moribundos, posto que o bispo extinguiu o Sacrário. Em nenhum bispado do Brasil, contiua indignado, “nem do mundo católico”.³³⁷

Sua maior indignação, entretanto, é o fato de que, apesar de ser o padre Cícero o único sacerdote do povoado numa população estimada em “12.000³³⁸” almas, o bispo o suspende “[...] de todas as suas faculdades, exceto celebrar, mas sem dar a comunhão – e a mesma confissão de hora de morte só pode faze-la depois que se verificar a impossibilidade de encontrar-se outro padre na distância de 3 a 5 léguas.” Continua o “Peregrino”:

E por que tudo isto?”, pergunta o “peregrino”, respondendo logo em seguida: “[...] porque o diocesano decidiu que o sangue e a carne que tem manifestado diversas vezes a hóstia consagrada, não é, nem pode ser de Cristo Senhor Nosso.”³³⁹ Na sequência, faz um um apelo quase dramático: “[...] Pontífice de Roma, Vigário de Jesus Cristo, socorre depressa o teu rebanho no Juazeiro.”

Alguns dias depois, Marrocos volta a publicar no *Diário de Pernambuco* o já citado memorial apresentado à primeira comissão, contudo, acrescenta uma *Nota* assinada apenas

³³⁷ Diário de Pernambuco, Nº 623, 17/03/1893, p. 03.

³³⁸ Não se pode desconsiderar essa passagem, pois nos revela que a população do povoado do Juazeiro teve um crescimento vertiginoso desde a popularização dos “milagres”. Della Cava fala em 2.245 mil em 1890 e, somente em 1905 chegará a 12.000 (p. 153). Ou seja, mesmo usando uma linguagem superlativa, aumentando o número de pessoas, deduz-se ser bem maior que os dados apresentados pelo autor.

³³⁹ Diário de Pernambuco, Nº 623, 17/03/1893, p. 03.

como “um católico”, queixando-se da morosidade do bispo diocesano em enviar a Roma o processo sobre os prodígios de Juazeiro:

Já vão decorridos três anos e não dignou ainda o Exmo. Diocesano do Ceará de remeter para Roma todo o processo sobre os prodígios do Juazeiro. Entretanto, continua a serem reproduzidos tais fenômenos religiosos e o povo não cessa de afluir ao Juazeiro onde perante o virtuoso Padre Cícero Romão Baptista convertem-se os ímpios e consolida-se a crença católica de todos os romeiros. O humilde padre Cícero continua suspenso das ordens, mas o povo não deixa de consola-o, de ouvir e admirar nele o mais virtuoso dos sacerdotes da atualidade entre nós e o idolatra como merece.³⁴⁰

Ressaltando a continuidade dos “fenômenos religiosos” apesar da condenação e proibição por parte da igreja do Ceará, afirma ser cada vez mais crescente o afluxo de romeiros ao povoado. Contudo, a maior relevância da sua narrativa refere-se às qualidades atribuídas ao sacerdote, mostrando-o como um elemento de conversão dos ímpios e disseminador da fé católica, apesar de estar com as ordens sacerdotais cassadas pela mesma Igreja.³⁴¹

Merece ser sublinhada a descrição da relação entre o sacerdote e os romeiros, pautada pela admiração, carinho, conforto, a ponto de o idolatrem. Essa conexão afetuosa será peça-chave na construção de uma representação do sacerdote ora como conselheiro, padrinho, protetor, ora como manipulador, aproveitador, fanatizador, etc.³⁴² Se constituirá, enfim, como um tema recorrente nas narrativas em torno do sacerdote até os dias atuais.

Marrocos finaliza a nota fazendo um apelo ao papa: “Fale o Supremo chefe da Igreja Católica. Nós o esperamos”.

A ineficácia das sanções, punições e proibições no intuito de arrefecer e encerrar a questão religiosa de Juazeiro, pondo fim ao fluxo de romeiros e contendo os ânimos de leigos

³⁴⁰ Diário de Pernambuco, Nº 73, 02/04/1893, p. 03.

³⁴¹ Sobre o padre Cícero e sua relação com a Igreja Católica, Della Cava argumenta que em Juazeiro se formou um movimento que ele denomina de “a igreja dentro da igreja” (2014, p. 108-111). Porém, é possível ver nas narrativas publicadas na imprensa e até na correspondência entre os envolvidos na trama, que não existe um desejo de cisma, um movimento de rompimento ou mesmo um motim, sobretudo, por parte do padre Cícero contra o bispo diocesano. O que se percebe é que, exauridas as negociações e possibilidades de Dom Joaquim em rever seu posicionamento com relação aos fatos ditos sobrenaturais, o grupo de defensores passa a buscar outras vias, outras instâncias superiores, que vindo a Juazeiro pudessem verificar e comprovar a veracidade do que se afirmava, considerando que a Igreja já havia aceitado milagres idênticos em outras localidades e noutros tempos.

³⁴² Dois trabalhos são referências no trato dessas questões: GUIMARÃES, Therezinha Stella. *Padre Cícero e a nação romeira: estudo psicológico da função de um “santo” no catolicismo popular*. Fortaleza, Editora IMEPH, 2011 e BRAGA, Antônio Mendes da Costa. *Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo*. Bauru - SP: EDUSC, 2008.

e sacerdotes que insistiam em propalar seus testemunhos na defesa dos fenômenos, levou o bispo a redigir e publicar a primeira das quatro cartas pastorais que lançará condenando e desaconselhando os católicos a não acreditarem nos “fatos extraordinários do Juazeiro”.

Datada de março de 1893, foi o periódico carioca a *Gazeta de Notícias*³⁴³ o responsável pela primeira divulgação: “[...] O bispo diocesano publicou pastoral condenando os milagres da celebre embusteira Maria Araújo Juazeiro. O padre Cícero foi suspenso de ordens”.³⁴⁴ A informação seguiu por meio de um telegrama enviado de Fortaleza, com data de 07 de maio.

Percebe-se que na notícia a beata recebe o adjetivo de embusteira e a respeito do padre Cícero, apenas é informado sua suspensão. Não sendo essa a primeira vez em que se faz referência aos fatos do Juazeiro como embuste, é a partir da publicação da pastoral de dom Joaquim que Maria de Araújo passa a ser citada como pivô de uma fraude.

Valendo-se de uma linguagem pacificadora e conciliatória, o documento ratifica a posição já tomada pelo diocesano de que “[...] o sangue aparecido na boca de Maria de Araújo, não era, nem podia ser o Sangue do Divino Salvador”.³⁴⁵

Seu conteúdo traça uma narrativa dos fatos de Juazeiro a partir da perspectiva do bispado cearense, declarando que em condições normais bastaria dizer que os acontecimentos não passavam de fatos naturais, explicados pela medicina, fadados ao esquecimento não fosse a

[...] insistência por parte de dois sacerdotes desta Diocese e de mais algumas pessoas em afirmarem e publicarem pela imprensa, contra as prescrições da Santa Igreja, serem miraculosos os tais fatos e como, além disso, correm mundo alguns documentos versantes (*sic*) sobre os mesmos fatos.³⁴⁶

Certamente, o bispo está se referindo ao padre Cícero, Monsenhor Monteiro e ao jornalista José Marrocos quando se reporta a “outras pessoas”.

Verifica-se, sem dúvida, que a estratégia de manter o fato na imprensa como via de divulgação e de publicização dos acontecimentos foi extremamente bem-sucedida, à medida

³⁴³ Jornais que publicaram a carta pastoral: A Verdade – CE, nº 41, 14 e 21.05; Diário de Pernambuco – PE, nº110, 17/05, p. 1; O Caixeiro – RN, nº 42, 24 /05, p. 1; Democrata – PA, nº 121, 31/05, p. 2; A República - CE, Nº 139, 20/06, p. 2), O Apostolo – RJ, nº 63 e 68, 07.

³⁴⁴ *Gazeta de Notícias* – RJ, Nº 127, 08/05/1893, p. 02.

³⁴⁵ O Apostolo – RJ, nº65, 11/06/1893, p. 03.

³⁴⁶ O Apostolo – RJ, nº65, 11/06/1893, p. 03.

que suscitou o debate, gerou polêmica e despertou a opinião pública, que passou a se manifestar ou através da imprensa, ou visitando o povoado, aumentando cada vez mais o fluxo de romeiros, alterando a rotina da população, incrementando o comércio. Esse crescimento vertiginoso não passou despercebido pelos jornais:

O Juazeiro conta hoje número avultadíssimo de casas. A edificação ali é feita com uma verdadeira febre. O perímetro da povoação mede uma enorme extensão.

Há uma peregrinação diária de 200 a 300 pessoas não só de outras partes do Estado como de todos os cantos do Brasil e já consta que até das terras do Oriente!

O povo apelidou-o de Jerusalém moderna.³⁴⁷

O epíteto de “Nova Jerusalém” ou “Jerusalém moderna” já era usado desde as primeiras notícias em 1889³⁴⁸, o que chama atenção, porém, é o registro de que a peregrinação tinha origem de todos os cantos do Brasil e até do Oriente.

No entanto, se por um lado a estratégia de dar visibilidade aos fatos para atrair adeptos e seguidores crentes nos milagres gerou resultados positivos, por outro, provocou cada vez mais a rejeição e a ira de dom Joaquim que viu na publicização exacerbada dos acontecimentos, uma afronta à sua autoridade e um ato de desobediência por parte dos sacerdotes, uma vez que os havia condenado e determinado que se mantivesse sigilo a respeito.

Como reação à carta pastoral, os defensores dos milagres, sobretudo José Marrocos, passam a fazer acusações ao prelado diocesano com a publicação de artigos em sessões diversas como a *Publicações Solicitadas* e, muitas deles, apelando diretamente aos superiores da hierarquia da Igreja.

O primeiro artigo dessa natureza foi divulgado no *Jornal de Recife*, endereçado ao Internúncio do Brasil Cardeal Gotti³⁴⁹, no qual se apela para que na condição de “[...] pastor Intermediário entre os bispos do Brasil e a Santa Sé de Roma se digne compadecer da grande aflição espiritual do povo do Juazeiro na diocese do Ceará”.³⁵⁰

³⁴⁷ O Cachoeirano - ES, Nº 02, 15/01/1893, p. 01.

³⁴⁸ Diário de Pernambuco - PE, Nº 194, 29/08/1889, p. 03; Constituição - CE, Nº 163 10/10/1889, p. 02; O Apostolo - RJ, Nº 147, 25/12/1889, p. 03; Leituras Religiosas - BA, Nº 42, 02/02/1890, p. 08.

³⁴⁹ Girolamo Maria Gotti, italiano (29/03/1834-19/03/1916), foi nomeado Internúncio no Brasil (representante da Santa Sé perante o Estado e Igreja local) em 19 de abril de 1892; chegou ao Brasil em 3 de junho de 1892; apresentou suas credenciais ao presidente do Brasil no dia 13 de junho. Para outras informações, cf.: <http://www2.fiu.edu/~mirandas/bios1895.htm#Gotti>

³⁵⁰ Jornal de Recife – PE, Nº 146, 01/06/1893, p. 03.

Assinando sob o pseudônimo de “os perseguidos”, Marrocos denuncia a situação de abandono e desprezo espiritual que, segundo alega, vive a população, acusando dom Joaquim de perseguir os católicos de Juazeiro.

[...] Ali no meio de uma população de doze mil almas, é proibido a todo e qualquer padre confessar mulheres.

Onde já se viu isto?... Todo sacerdote de qualquer bispado um réu... toda e qualquer mulher uma indigna do Sacramento de penitencia e da reconciliação...

Incrível!... Mas o atestam cem, duzentos mil peregrinos de todos os bispados do Brasil.

[...] porque já sentenciou-se que o sangue do Corpo eucarístico não era e nem podia ser de Jesus Cristo. O que o mesmo Pontífice de Roma não decidiria sem audiência de seus veneráveis irmãos – é o que já se decidiu dogmaticamente no Ceará e está custando a perseguição do povo católico do pobre Juazeiro.

V. Exc.^a Rev.^{mo} se compadeça das vítimas, socorra os moribundos, ampare o tribunal da penitencia, restabeleça o Sacrário e os Sacramentos e livre os padres e as mulheres e suposições infamantes perante a impiedade que tudo vê com os olhos sinistros.³⁵¹

O texto é explícito, direto quanto à denúncia e indignação diante do que qualifica como “incrível” e “inacreditável” a proibição e a censura praticadas pelos bispos contra algo testemunhado por “[...] milhares de peregrinos de todo país, inclusive do Rio de Janeiro.” Sem cessar, acusa o diocesano de abuso de poder ao impor medidas que nem mesmo o Papa seria capaz de fazê-lo. Por fim, suplica ao cardeal que intervenha de modo a restaurar o direito a homens e mulheres, de vivenciar e manifestar sua fé, de compartilhar dos sacramentos da Igreja.

É significativa no texto a publicação de trechos de uma correspondência, em italiano, do Cardeal Raffaele Monaco la Valleta, então Prefeito da Sagrada Congregação do Santo Ofício, enviada ao bispo do Ceará³⁵². Trata-se de uma correspondência oficial do clero, que, *a priori*, deveria estar circunscrita aos membros da Igreja, mas fora divulgada pelos defensores da causa do milagre.

³⁵¹ Jornal de Recife – PE, Nº 146, 01/06/1893, p. 03.

³⁵² Nessa correspondência, o Cardeal Monaco pede ao bispo do Ceará maiores explicações acerca dos fatos do Juazeiro. Mônaco havia recebido do padre Antero uma cópia do primeiro inquérito ainda em 1892 e queria mais detalhes acerca do assunto.

Na carta, o cardeal informa que tem em mãos um relato sobre os fatos prodigiosos ocorridos no povoado de Juazeiro, pedindo ao bispo diocesano maiores esclarecimentos no que dizia respeito ao primeiro inquérito, levado e entregue ao Santo Ofício pelo padre Antero.

Não sendo publicada na íntegra, destacam-se alguns trechos nos quais põe em cheque a atitude de dom Joaquim com relação à beata e os procedimentos pertinentes aos fatos. Estabelece uma comparação entre as duas formas de tratamento utilizadas na carta do cardeal e na pastoral do bispo:

+ *pia puella* – chama o Cardeal – e o Bispo na pastoral chama *embusteira*.
 + *quam primum* = quanto antes, e até agora não mandou o processo embora a ordem desde 17 de julho de 1892.
 + Não há termo do Cardeal em desabono do milagre do Juazeiro e o Bispo fala de tudo impiamente!³⁵³

O artigo é concluído com críticas à carta pastoral lançada pelo bispo diocesano que, no seu entendimento, nada apresentou no sentido de desmentir ou desqualificar a profusão de testemunhos dos fatos sobrenaturais. Acusa dom Joaquim, por último, de ser parcial e um implacável perseguidor do padre Cícero.

[...] Além de que S. Ex.^a em vez de submeter o fato, como ele cumpria a S.S., arvora-se em juiz da questão e publica uma pastoral em que pretende contrariar os testemunhos unânimes de milhares de pessoas insuspeitas inclusive sacerdotes respeitáveis em virtude e saber; médicos distintos que foram acordes em asseverar a autenticidade dos fatos sobrenaturais do Juazeiro e até a própria comissão que deu parecer afirmativo, isto é que o sangue ali derramado era divino. O sr. Bispo tornou-se parcial e perseguidor acérrimo do padre Cícero Romão Baptista e nada provou do que pretendeu em sua pastoral.³⁵⁴

Em setembro daquele ano, veicula mais um interessantíssimo artigo num periódico da capital mineira, em que afirma que continuam ocorrendo milagres em Juazeiro. Com data de novembro de 1892, narra a história de uma mulher (não cita o nome, mas deduz-se que não é

³⁵³ Jornal de Recife – PE, N° 146, 01/06/1893, p. 03.

³⁵⁴ Jornal de Recife – PE, N° 146, 01/06/1893, p. 03.

Maria de Araújo) que, em 26 de outubro, ao receber a comunhão do padre Joaquim Sother³⁵⁵, esta não se dissolve em sua boca. Aflita, comunica ao padre o fato, que, ao averiguá-la, percebe que a hóstia havia se transformado num coração de carne humana, cujo sangue conservava a cor escarlate mais viva.

O relato evidencia que as partículas foram depositadas em uma caixa de vidro pelo sacerdote e que mesmo após [...] Três dias, a partícula consagrada verteu sangue, conservou inalteráveis os corações que formara, e nunca perdeu a espécie do sacramento eucarístico.”

Assegura que o “[...] fato visto, verificado e testemunhado por pessoas de todo o crédito, está devidamente autenticado para prova no processo eclesástico de verificação dos Milagres do Juazeiro. Na certeza e na convicção da verdade, também afirmo a verdade”.³⁵⁶

Em 07 de outubro de 1893 José Marrocos publica mais um artigo, dessa vez, no jornal carioca *O Paiz* fazendo um extenso apelo endereçado ao bispo diocesano em agosto do mesmo ano, intitulado “Os milagres de Juazeiro – Sua divina realidade – Uma reclamação ao venerando bispo diocesano”.³⁵⁷ Numa linguagem mais humilde e reivindicatória, faz uma convicta defesa dos fatos de Juazeiro e narra o estado de penúria e abandono vivido pelo povo católico depois das punições por ele impostas.

[...] Restitui-lhes – Jesus Sacramentado – o tribunal de reconciliação de suas filhas e de suas esposas – e o sacerdócio deste padre Cícero que sendo, por caridade apenas, o cura único de uma população de doze mil almas, é também o ecônomo e o mordomo, que Deus infinitamente bom vos há dado, Venerando Pontífice, para receber na vossa diocese os povos de todas as partes que vem no Juazeiro – como de todas as partes vão peregrinos a Lourdes.

[...] Senão por essas doze mil almas de vossa diocese, ao menos por esses peregrinos, pedindo-vos hospitalidade, restitui a esse Padre Cícero o sacerdócio.

[...] Sede pois, meu Venerando Pontífice, grande ainda está vez, que Deus vos chama e por Deus mesmo atendei a reverente, sincera e indispensável reclamação do pobre diocesano que sempre foi, meu Venerando Pontífice, vosso apreciador agradecido.³⁵⁸

³⁵⁵ Joaquim Sother de Alencar é natural da cidade de Assaré - CE. Ordenou-se em 1882, vindo a ser coadjutor de Barbalha e vice-reitor do Seminário São José no Crato.

³⁵⁶ Minas Gerais - MG, nº 251, 17/09/1893, p. 1.

³⁵⁷ Além do jornal *O Paiz*, esse documento foi publicado em, pelo menos, mais três jornais: *A Província de Recife* – PE (nº 199, 03/09/1893), *Gazeta de Alagoas*, ano III, nº 567 e *Jornal de Recife* - PE (nº 160, 17/07/1894, p. 03).

³⁵⁸ *O Paiz* - RJ, Nº 4170, 07/10/1893, p. 03-04.

No início de 1894, Marrocos volta a tornar públicos outros documentos. Na ocasião, divulga uma correspondência enviada a padres e bispos do Brasil, em que descreve os acontecimentos e solicita suas opiniões sobre a ocorrência dos fenômenos de sangramento da hóstia³⁵⁹. Com o título “O Milagre de Juazeiro – contrariedades à Divina Manifestação - Carta ao Exmo. Sr. Bispo de *** (sic)”, a veicula em outros três jornais: *Minas Gerais* - MG, nº 04, 05 e 06/01/1894, p. 8; *Jornal de Recife* - PE, nº 06/01/1894, p. 3 e *Jornal do Commercio* – RJ, nº 11, 10/01/1894, p. 2.

Antes de tomar conhecimento do Decreto exarado pela Santa Sé condenando os fatos de Juazeiro, Marrocos volta a publicar no *Jornal de Recife* três artigos:³⁶⁰ o primeiro, “MILAGRE DE SANGUE DE JESUS CRISTO (ET MUNDUM EUM NUM COGNOVIT)”, fora endereçado à redação do jornal católico *Novo Mensageiro do Coração de Jesus* – Lisboa, o segundo, datado de novembro de 1893, “O MILAGRE EUCARISTICO DO JOASEIRO – CARTA À DISTINTA REDAÇÃO DA “PALAVRA” – Porto³⁶¹ e o terceiro, já mencionado, a carta ao bispo Dom Joaquim.

No que concerne a essas publicações é necessário ressaltar algumas questões: todas se deram em sessões pagas, algo que deve ter tido um custo muito alto, visto que ocupavam uma e até duas páginas inteiras, quando não eram publicadas durante vários dias, como é o caso das publicações feitas no jornal *O Apostolo*; a escolha de jornais de grandes centros urbanos: Minas Gerais, Recife, Rio de Janeiro; o fato do mesmo artigo ser publicado em diferentes jornais fazendo com que a notícia chegue a um número maior de leitores, portanto, disseminando a informação.

Acredita-se que os recursos para tais publicações provinham dos próprios defensores da causa e, em certa medida, dos romeiros, que a cada dia chegavam ao povoado ansiosos para testemunhar a boa nova.

Desse modo, a intensa e dedicada militância em defesas dos fatos de Juazeiro, seja no campo eclesiástico, seja no campo jornalístico, contribuiu para a emergência de novas

³⁵⁹ As cartas mencionadas encontram-se publicadas no livro: Padre Cícero e os fatos do Juazeiro, volume I, 2012, p. 511-515.

³⁶⁰ Nº 17/07/1894, p. 03.

³⁶¹ Sabe-se através dessas publicações e das anotações feitas pelo jornalista nos seus cadernos, que em 1892 circulou na imprensa católica de Portugal alguns artigos sobre os fatos do Juazeiro. Na página 55 do caderno II, Marrocos registrou uma notícia do jornal *Era Nova*, de Recife (14/05), na qual transcreve um artigo publicado no jornal *Novo Mensageiro*, de Lisboa, intitulado “Os falsos Milagres do Juazeiro no Brasil”, rebatendo uma divulgação do jornal *A Palavra* da cidade do Porto, em 22/03/1892. Na página 59, faz novamente menção à publicação de uma carta anônima nos citados jornais criticando “Os milagres do Juazeiro”. Sua resposta é enviada às redações dos mesmos jornais e à da *Era Nova*. Não sei dizer se esta resposta foi publicada.

narrativas que suscitavam debates ora maniqueístas entre defensores e acusadores, ora especulatórios, ora denunciatórios.

2.2.5 TU ACUSAS, EU DEFENDO: duelo de narrativas entre detratores e defensores do padre Cícero no Cariri

Até 1891, quando os fatos de Juazeiro já haviam sido difundidos nos jornais de todo o país revelando o que, para muitos, representava a maravilha e grandiosidade dos fenômenos místicos ali vivenciados, despertando a curiosidade e atenção de milhares de pessoas e suscitando acaloradas discussões em torno da sua natureza religiosa, as narrativas exaltavam e proclamavam como santos os seus principais protagonistas: Maria de Araújo e padre Cícero.

Descritos como virtuosos, humildes, caridosos, etc., poucos foram os que se atreveram através da imprensa, a questionar e duvidar da veracidade dos predicados a eles atribuídos. Contudo, a partir do momento em que dom Joaquim se manifesta contrário à condição sobrenatural dos fenômenos, condenando-os e impondo proibições à sua adoração, começaram a despontar vozes dissonantes, também acusatórias e condenatórias.

Doravante, à proporção que a trama ganha densidade tornando-se alvo de controvérsias as narrativas deixam de ser uníssonas, dando margem à coexistência, nem sempre pacífica, dos que defendem o milagre e daqueles que se colocam na posição contrária.

É nessa fase, mais precisamente, que se levanta na imprensa o primeiro embate narrativo entre “detratores e defensores”,³⁶² entre aqueles que consideram um embuste os fatos de Juazeiro, resultante da manipulação da fé e os que acreditam na essência milagrosa dos episódios.

A primeira voz do Cariri a contestar publicamente os fatos de Juazeiro e fazer acusações ao padre Cícero é do promotor público do Crato, Gorgônio Brígido dos Santos, que, em jornais do Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza e Recife, lança um artigo intitulado “O milagre do Juazeiro do Crato no Estado do Ceará”.³⁶³

³⁶² Esse maniqueísmo marcou toda a historiografia sobre o sacerdote até as décadas de 1970-80, quando são lançadas duas importantes obras: a tese de doutorado do americano Ralf Della Cava e a dissertação de mestrado da professora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros.

³⁶³ As publicações feitas no Rio de Janeiro, São Paulo e Fortaleza são citadas pelo próprio escritor e seu oponente, Zezinho Costa, porém, não conseguiu encontrá-las, pois os respectivos jornais não estão disponíveis na BNHD.

Veiculado no *Diário de Pernambuco* na sessão “publicação a pedido”, apresenta-se como um católico fiel, argumentando que tem o dever de recorrer àquele “[...] órgão de publicidade para informar ao público, católico, sobre as particularidades desse fenômeno [...] e que não pode esse sr. Padre Cícero Romão Baptista, permanecer ileso, desde quando se tornou refratário”.³⁶⁴

Qualificando o padre Cícero como um “[...] gênio engenhoso que tem a fertilidade de artifício sempre que se propõe a qualquer interesse [...]”, acusa-o de pregar falsas profecias e forjar o milagre “[...] publicando-o, expondo-o e arrecadando a esmola que produziu cerca de dois milhões [...]”.³⁶⁵

Embora não cite nomes, refere-se aos defensores como uma “[...] turma de velhacos que na cidade do Crato compram e não pagam; tomam emprestado e não restituem; de costumes afeminados atraíam nos deveres da alma para criar os impulsos do coração.”

Há evidências no texto de que o autor está se referindo, sobretudo, ao jornalista José Marrocos. Primeiro, porque residindo no Crato, foi ele o principal divulgador na imprensa dos fatos contestados. Segundo, porque no artigo o promotor cita o roubo da caixa de vidro contendo os panos ensanguentados que estavam guardados, por ordem do bispo, na matriz do Crato, cujas desconfianças recaíram sobre Marrocos.³⁶⁶

Referindo-se diretamente ao padre Cícero, além de acusá-lo de ser portador de sífilis, afirma ser, o sacerdote, viciado em cachaça a ponto de deixar de celebrar missa, e, mais grave ainda, sugere que sua relação com a beata transcende a questão religiosa.

[...] na convivência com as mulheres, no íntimo gracieje com elas, não pode ser tão puro que se alteio ao Céu. E pior para meu conceito quando já o visitei no leito de tuberculose duvidosos, se de raquitismo físico, se de sífilis, embora constitucional, e por tal depauperamento do sangue deve ser depauperado do caráter: por ora não discuto sua genealogia, convenho na teoria ou nos princípios que nos levam a análise fisiológica; não esquecendo a irregularidade na sua alimentação, nem a embriaguez em que o vi em

³⁶⁴ Nº 202, 06/09/1893, p. 03.

³⁶⁵ Essa é a primeira vez que surge a acusação de que o padre Cícero explora, economicamente, os romeiros que vão a Juazeiro para fazer fortuna. Porém, não será a única nem a última. Desde então, será uma narrativa recorrente até os dias atuais.

³⁶⁶ O padre Cícero havia acomodado os panos ensanguentados numa caixa de vidro, expondo-os à adoração toda sexta-feira, na Igreja de Nossa Senhora das Dores. Em janeiro de 1892 o bispo ordena ao sacerdote que entregue a caixa ao padre Alexandrino de Alencar (vigário do Crato e presidente da segunda comissão), que a guardará no sacrário da Matriz do Crato. Em abril, o vigário do Crato percebeu que a caixa havia sido roubada. Imediatamente, todas as suspeitas recaem sobre José Marrocos.

minha casa por ter bebido grande porção de aguardente que encontrou em uma garrafa no meu escritório, perdendo a missa do dia seguinte.³⁶⁷

Acusa o sacerdote de mau-caratismo e o responsabiliza pela criação, no povoado de Juazeiro, de falsos milagres com o objetivo de acumular fortuna, concluindo: “[...] muito ligeiramente expondo esse fato ao juízo público, me aguardo para comenta-lo na imprensa fluminense e mesmo trazer uma conferência sobre ele”.

A resposta às acusações foi publicada no jornal cearense *A Republica*, na sessão “Tribuna do Povo”, assinada por “Zezinho Costa”,³⁶⁸ com o título “O Sr. Gorgônio Brígido e os milagres do Juazeiro”. Entre outras questões, Costa o questiona: “[...] pelo “Commercio” tem escrito alguns artigos o Sr. G. Brígido combatendo os milagres de Juazeiro. [...] porque não se deve acreditar nos milagres do Juazeiro?”³⁶⁹

Ao discutir o que diz o direito canônico e a doutrina da Igreja Católica a respeito dos supostos milagres, Costa defende que os fatos são próprios da instituição, portanto, sendo um dogma recorrente nenhum seguidor da religião pode questionar, sob pena de estar questionando a própria essência da religião romana. Nessa perspectiva, informa que existem vários fatores favoráveis aos fatos de Juazeiro, inclusive,

[...] atestados afirmando a sua veracidade, que somos obrigados a dizer que o ilustre Sr. G. Brígido se constitui unidade nas suas ideias. Médicos, professores, comerciantes, sacerdotes, todos afirmam os fatos [...] mães da povoação circunvizinhas do Crato; Só o Sr. G. Brígido os repele, mas sem motivo plausível, determinado.³⁷⁰

Acerca das acusações de simonia e excomunhão do padre Cícero feitas por seu adversário, declara serem injustas e descabidas, pois,

[...] todos afirmam que o padre Cícero, só tem a roupa do corpo, alimenta-se mal e vive quase fenomenalmente da sua vida espiritual, como dar-se lhe riqueza e bens que constituam fortuna?

³⁶⁷ Diário de Pernambuco - PE, nº 202, 06/09/1893, p. 03.

³⁶⁸ Não encontrei nenhuma referência a essa pessoa, porém, desconfio ser mais um pseudônimo usado por José Marrocos.

³⁶⁹ *A República*, Nº 25, 31/01/1894, p. 03.

³⁷⁰ *A República*, Nº 25, 31/01/1894, p. 03.

Ele é a encarnação viva da moral, como pregar ele a desonra na Família e no lar com a sedução dom-Juanesca?³⁷¹

Argumenta, ainda, que se realmente fosse verdade o que assevera o promotor cratense, o bispo o teria punido em consonância com o direito canônico: excomunhão, suspensão e interdito. Já que não o fez, continua: “[...] como acreditar-se nas palavras do Sr. Gorgônio”?

Finaliza o artigo fazendo um apelo num tom um tanto dramático, quase uma imposição:

[...] Sr. G. Brígido, se é tão católico como diz, deixe de escrever o que tem escrito contra os fatos do Juazeiro, porque está causando um escândalo na igreja, de quem se diz filho dedicado! Já não é só no Ceará que S.S. escreve na Imprensa; já tem feito em S. Paulo, Pernambuco, etc. É preciso acabar com isto.

O aspecto maniqueísta voltado para o padre Cícero será retomado no ano seguinte, após a proclamação da Santa Sé condenando os fatos de Juazeiro, conforme será discutido mais adiante.

2.2.6 ASSIM COMO NO JUAZEIRO: a reprodução de fatos extraordinários do Juazeiro em outras localidades

Já conhecido e discutido em todo território brasileiro e fora dele, os propalados fatos sobrenaturais de Juazeiro vão adquirindo e agregando novas abordagens, nuances e proporções.

Narrativas dão conta de outros milagres, milagreiros e milagreiras que, a exemplo de Maria de Araújo apresentam o dom da sobrenaturalidade. Na imprensa, começam a circular notícias de que nas cidades de União e Aracati, no Ceará,

³⁷¹ A República, Nº 25, 31/01/1894, p. 03.

[...] três santas mulheres, que como Maria de Araújo, do Juazeiro, se diziam em graça de Deus. Operavam milagres, faziam revelações e previsões tremendas.

Ao contato de suas benditas línguas as sagradas fórmulas se desmanchavam em sangue, e, o que mais assombroso era, bastava à presença de uma das bem-aventuradas para uma imagem do crucificado, de bronze, começar a transudar sangue vivo!³⁷²

Em Alagoas surge o periódico *Cruzeiro do Norte*, circulando com a seguinte manchete “OUTRA... MARIA DE ARAÚJO”:

Há dias comenta-se nesta cidade a notícia de milagres atribuídos a uma menina de 11 anos, sobrinha do sr. Pedro Jeronimo, residente no olho d’agua da Aldeia.

Dizem-nos que a menina é um prodígio – lê correntemente, sem que nunca tivesse aprendido; tem mais rezas decoradas do que o papa; advinha com facilidade; tem na mão uma cruz formada por uma mancha subcutânea; e há meses não come; vive em estado de letargia; esteve na quinta-feira na matriz desta cidade, onde veio confessar-se e comungar; virá no próximo domingo, etc.³⁷³

Ao finalizar a noticia alerta que “[...] é tanta coisa, tanta, que se Maria de Araújo (do Juazeiro) não tomar cuidado fica na... bagagem”.³⁷⁴

O jornal fortalezense *A Republica* publica uma carta enviada de Missão Velha, na qual anuncia:

Os milagres do Juazeiro agora são estrondosos: 4 imagens do Senhor Crucificado, de bronze, vertem tanto sangue que empossa na terra! Os ímpios que tal tem visto derramam lágrimas e se convertem. A afluência de povo ao Juazeiro é fabulosa.³⁷⁵

Outra notícia que ganhou as páginas dos jornais foram as histórias do beato José Guedes, de Bom Jardim-PE. Segundo declarou, somente “[...] depois de ter ido ao Juazeiro e

³⁷² O Paiz – RJ, nº 3765, 22/08/1891, p. 01.

³⁷³ *Cruzeiro do Norte* - AL, 11/12/1892, p. 01.

³⁷⁴ *Cruzeiro do Norte* - AL, 11/12/1892, p. 01.

³⁷⁵ *A Republica* – CE, Nº 99, 13/08/1892, p. 01.

recebido de Deus a necessária inspiração divina, por intermédio do padre Cícero [...]”, acredita ser um “intermediário de Deus na terra, igual a si [...]”,³⁷⁶ assegurando ter o poder de fazer milagres.³⁷⁷

Notícias desse teor circularam nas páginas de jornal de todo o país fazendo sempre uma ligação com os fatos de Juazeiro, provocando protestos e indignação de muitos, mas, sobretudo, estimulando a crença e o desejo de presenciá-los de perto.

2.2.7 QUANTO MAIS ROMEIROS, MAIS DINHEIRO! – A denúncia dos usos comerciais dos milagres de Juazeiro

Na imprensa não faltavam notícias alardeando o crescimento vertiginoso da peregrinação a Juazeiro. O desejo de conhecer de perto a beata do milagre e o santo padre Cícero, torna o fluxo de romeiros tão intenso que um jornal do Rio Grande do Norte cria uma coluna intitulada *Romeiros*, especialmente para comunicar quem parte e quem chega do povoado.³⁷⁸

Toda essa movimentação de pessoas em torno dos fatos do Juazeiro irá dinamizar o setor do comércio ligado aos chamados *souvinirs*, ou seja, a venda de objetos religiosos relacionados aos fatos. As imagens de Maria de Araújo e, particularmente, do padre Cícero, começam a circular em medalhas, folhetos de orações e benditos, fotografias, etc.

Em 1893, circulam notícias denunciando que:

[...] Almas torpes lembrando-se de explorar o fanatismo religioso do povo ignaro, mandaram encomendar para Europa grande quantidade de medalhas, que representavam, no verso o padre Cícero e no reverso a famosa beata do Juazeiro, Maria de Araújo.³⁷⁹

³⁷⁶ Sobre a história desse beato não encontrei nenhuma referência de estudo, porém, foi bastante divulgado na imprensa no período. O grifo é do jornal.

³⁷⁷ A Notícia - RJ, Nº 78, 03/04/1897, p. 01.

³⁷⁸ O Povo - RN, Nº 21 22/05/1892, p. 03.

³⁷⁹ A República - PA, Nº 636, 03/08/1893, p. 1. O referido jornal informa que essa notícia é reproduzida d'A República, jornal publicado em Fortaleza.

Na mesma matéria, informa o referido jornal que para frear a propagação das conhecidas Medalhas Milagrosas, o bispo dom Joaquim “[...] vedou tanto nesta capital como no centro, a aquisição e venda de umas ridículas medalhas, que alguns negociantes pouco escrupulosos importaram do estrangeiro com a inscrição – *Maria de Araújo* e o *Padre Cícero*”.³⁸⁰

No ano seguinte os bispos da Paraíba, Maranhão e Pernambuco também lançaram circulares proibindo as peregrinações a Juazeiro, a venda e uso de medalhas.³⁸¹

Qualificado como *TORPÍSSIMA ESPECULAÇÃO* pelo jornal carioca *A Cidade do Rio*, denuncia-se que no Ceará está havendo um “[...] abuso vergonhoso da venda de medalhas de metal representando o padre Cícero e a beata Maria de Araújo, heróis dos celebrados milagres do Juazeiro”.³⁸²

Figura 5 - Medalha com imagem do padre Cícero e Maria de Araújo vendidas como relíquias em 1893.³⁸³



Reproduzindo uma notícia publicada no periódico católico cearense *A Verdade*, o jornal mencionado acrescenta que apesar de ser proibido o uso das medalhas, o povo continuou a “[...] crê cegamente no poder taumatúrgico do padre Cícero e da beata”.³⁸⁴

³⁸⁰ A República - PA, N° 636, 03/08/1893, p. 01.

³⁸¹ A República – CE, N° 218, 25/09/1894, p. 03.

³⁸² A Cidade do Rio – RJ, N° 250, 12/09/1893, p. 02.

³⁸³ A medalha pertence a pesquisadores Maria do Carmo Pagan Forti, autora da primeira dissertação de mestrado sobre Maria de Araújo e do livro *Maria do Juazeiro: A Beata do Milagre*. São Paulo: Annablume, 1999.

Assim como as medalhas, retratos do padre Cícero eram vendidos em casas comerciais sendo, inclusive, anunciado em jornais de grande circulação como se pode constar:

RETRATOS³⁸⁵ – os Srs. Gomes Vianna E c. estabelecidos à rua Duque de Caxias nº 80, bem conhecida Loja do Rival, tem à venda retratos litografados do padre Cícero, tão falado nos *celebríssimos milagres do Juazeiro*, no Ceará
 Quem quiser possuir um dos tais retratos vá ali procurá-lo
 Agradecemos aos Srs. Gomes Vianna & C. o exemplar que os ofereceram.
 386

As efígies eram enviadas às redações de jornais como forma de propaganda, conforme registrou o *Jornal de Recife* em 22 de setembro de 1895:

“[...] Os srs. Gomes Vianna & Com. ofereceu-nos ontem um pequeno quadro contendo um dos retratos do Padre Cícero, do Juazeiro. Aos que acreditam nas virtudes daquele sacerdote, recomendamos tais retratos, que serão encontrados à venda no referido estabelecimento”.

Outro produto com a imagem do padre Cícero, cuja comercialização foi denunciada na imprensa como extorsão, exploração da ingenuidade, ignorância e fanatismo foi uma espécie de estandarte, um tipo de tecido de algodão branco, variando entre a chita e o percal com sua foto impressa.

A denúncia se difundiu novamente no jornal cearense *A Republica* que, estampando a manchete “MADAPOLÃO PADRE CÍCERO”, reclama:

A torpe especulação que com grande vantagem tem explorado o fanatismo do povo ignaro com relação aos cerebrinos milagres do Juazeiro, já vendendo *orações e benditos*, já mandando cunhar *medalhas milagrosas* com retratos dos dois heróis do embuste, acaba de mandar vir ao mercado madapolão marca – *Padre Cícero*. Em várias casas de comercio desta praça

³⁸⁴ A Cidade do Rio – RJ, Nº 250, 12/09/1893, p. 02.

³⁸⁵ Provavelmente, os retratos foram feitos em 1886 e 1887, quando o fotógrafo Manoel Biserra de Melo passou pela região do Cariri, estando no Crato, segundo notícia veiculada pelo cratense *A Vanguarda* (Nº 11, 21/07/1887, p. 02.)

³⁸⁶ Diário de Pernambuco - PE, nº 243, 25/10/1893, p. 02.

existem à venda peças desse madapolão *miraculoso*, tendo o retrato do Padre revestido de sobrepeliz e estola.³⁸⁷

O madapolão, no entanto, trazia impressa apenas a foto do padre Cícero, fato de que se aproveitava o jornal para se pronunciar com ironia e sarcasmo:

[...] Para a *virtude* da fazenda ser completa devia estar ao lado do Rvd. A famosa Maria de Araújo.
É bom que na nova encomenda para Europa não esqueçam os srs. comerciantes esse *apêndice*, Maria de Araújo é o complemento do Padre Cícero.

Constata-se com base nessas notícias, que a beata Maria de Araújo figura na narrativa tão-somente como um apêndice, uma extensão, um complemento do padre Cícero e não mais como a protagonista dos fatos como vinha ocorrendo até então.

Observa-se que, apesar da condenação dos fatos pela Santa Sé, nada mudou em Juazeiro, pelo contrário. De acordo com o periódico, as vendas seguem incessantemente: “[...] asseverou o comerciante, em cujo estabelecimento vimos alguns fardos do tal madapolão marca padre Cícero, que a fazenda tem *voadado*”. O jornal ainda ironiza no final da matéria: “[...] e esta nossa notícia vai servir certamente de reclame: amanhã não restará mais uma peça nos armazéns da Capital”.

É nesse período, também, que na imprensa circula, pela primeira vez, uma charge contendo a imagem do padre Cícero e das beatas como tema, no periódico satírico *Lanterna Mágica*³⁸⁸ em 30 de setembro de 1894, publicado em Pernambuco.

³⁸⁷ A República - CE, Nº 202, 05/09/1894, p. 02.

³⁸⁸ A charge está publicada no livro de Lira Neto. *Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 203. Infelizmente, não encontrei muitas referências sobre o periódico humorístico. Os jornais pernambucanos Diário de Pernambuco, Jornal de Recife e A Epocha informavam a sua distribuição, conforme se vê na nota: “distribuiu-se ontem o nº 279 do Lanterna Mágica, periódico ilustrativo e humorístico que se publica nesta capital” (A Epocha, nº 14, 21/01/1890, p. 1). Na BNHD encontram-se disponíveis os jornais com este mesmo nome publicados em Taubaté, São Paulo com 22 edições, ano 1867 e no Rio de Janeiro, anos 1844, 18 edições e 1845, com 03 edições.

Charge 2 – “Milagres do Joazeiro: Ovelhas amojadas” - Primeira charge sobre padre Cícero



FONTE: Lanterna Mágica-PE publicado no Livro Lira Neto. *Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão*.

Com o título “Milagres em Juazeiro: Ovelhas amojadas” e a imagem do padre Cícero cercado de mulheres grávidas, com expressão de felicidade, deixa dúvida interpretação: tanto pode sugerir uma relação de intimidade entre o padre e as beatas, como acusou o promotor Gorgônio Brígido dos Santos, quanto pode ser uma satirização da ideia de fertilidade no tocante aos milagres, algo muito presente nos artigos condenatórios.

Sobre a charge, o padre Cícero, numa longa carta endereçada ao padre Antero em 04 de outubro de 1894³⁸⁹, a ela se refere de forma queixosa:

E como o sistema principal para destruir a verdade e sinceridade dos fatos e desmoralizar as pessoas, não se poupou ninguém, nem poupou nada, avalie um jornal das lojas maçônicas de Pernambuco intitulado – Lanterna = jornal

³⁸⁹ É importante observar que entre a publicação da charge e a carta do padre Cícero se passam apenas quatro dias. Levando em consideração a precariedade da comunicação nesse período, a notícia chegou relativamente rápido a Juazeiro.

caricata, desenhou a mim e as piedosas donzelas, testemunhas do fato que graças a S. S. Virgem, nunca ninguém, se atreveu a pôr em dúvida a nossa reputação.³⁹⁰

Dessa maneira, verifica-se que o padre Cícero, já tão conhecido em meio à população sertaneja pobre e analfabeta, por ela reverenciado e adorado como santo e padrinho num momento em que a hierarquia da Igreja se mobiliza para condenar os fatos de Juazeiro desqualificando a beata ao argumentar que o sacerdote era ingênuo e bondoso e que se deixou enredar há, por parte dos defensores, uma mobilização com enfoque na produção de artigos, documentos e testemunhos que, através da imprensa possam contrariar a Igreja, centralizando suas narrativas na pessoa do padre Cícero que, como um membro da instituição, mas, não renegando os milagres, será transformado no personagem principal da trama.

Tais narrativas, associadas à produção de imagens de tipos variados e à oralidade acerca do sacerdote, vão lhe atribuir novas representações e sentidos, tornando-o o elemento catalizador da imensurável intriga que constituirá a questão religiosa de Juazeiro.

Essa configuração ficará mais nítida e contundente a partir da manifestação da Santa Sé em 1894, que ao condenar os fatos extraordinários de Juazeiro impõe uma série de exigências fazendo com que surja um novo ciclo de narrativas, que será discutido no próximo tópico.

2.2.8 “PRODÍGIOS VÃOS E SUPERSTICIOSOS” - A VOZ DO VATICANO:

condenações, reações, repercussões.

Em 1892, conforme já falado, o padre Antero havia protocolado junto à Congregação do Santo Ofício, em Roma, uma cópia do primeiro inquérito com a solicitação de que fosse enviada, do Vaticano, uma comissão para averiguação dos fatos extraordinários de Juazeiro.

Dom Joaquim, por sua vez, pressionado pela intensa campanha na imprensa conduzida pelos defensores e pela cobrança advinda do clero brasileiro de que se resolvesse a querela estabelecida, a contento, assim como pelo contínuo aumento das romarias em Juazeiro, decide enviar a Roma, em maio de 1893, o processo episcopal juntamente com outros documentos que havia colhido, como testemunhos de cidadãos do Crato, atestados, etc.

³⁹⁰ Casimiro, 2014, p. 657.

Havia expectativa, de ambos os lados, em torno da decisão a ser exarada pelo Santo Ofício, emitida somente em 04 de abril de 1894, através de um decreto da Comissão de Cardeais de Feira IV, declarando:

[...] os pretensos milagres e outras coisas sobrenaturais que se predicam de Maria de Araújo são prodígios vãos e supersticiosos, e implicam gravíssima e detestável irreverência e ímpio abuso à Santíssima Eucaristia, por isso o juízo apostólico os reprová e todos devem reprová-los, e como reprovados e condenados devem ser tidos.
³⁹¹

A decisão da Santa Sé em condenar definitivamente os fenômenos do Juazeiro em parte se deu pelo contexto de reorganização da Igreja Católica, que não via com bons olhos esse tipo de manifestação. Porém, certamente foi a atuação do bispo dom Joaquim Arcoverde³⁹² que, ocupando um cargo de prestígio dentro da instituição, assumiu a tarefa de combater os fatos do Juazeiro, que, na sua compreensão não passavam de origem diabólica e que, portanto, tratava-se de “[...] um escândalo que {convinha} remover ou destruir, e nada mais”.

Della Cava³⁹³ considera possível que dom Arcoverde tenha atuado de forma a exigir de Roma uma ação enérgica no sentido de destruir Juazeiro.

O Internúncio Apostólico no Brasil, Frei Girolamo M. Gotti, recebeu o decreto de Roma em 15 de maio do mesmo ano encaminhando-o logo em seguida ao bispo dom Joaquim que, em 25 de julho, o publicou em sua segunda Carta Pastoral.

³⁹¹ A República, - CE, Nº 184, 14/08/1894, p. 02; O Apóstolo – RJ, Nº 44, 30/09/1894, p. 03.

³⁹² Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (1850-1930) – Estudou com o padre Cícero no colégio do Padre Rolim de Cajazeiras – Paraíba. Ordenado padre em 1874 na Arquibasílica de São João de Latrão. Em 1876 assumiu o reitorado do Seminário de Olinda. Assumiu a função de bispo de Goiás (1890); São Paulo (1897); Arcebispo metropolitano do Rio de Janeiro (1897) e em 1905 tornou-se o primeiro cardeal do Brasil e da América Latina. Fonte: O Cruzeiro – RJ, Nº 77, 26/04/1930. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxv4osnn>

³⁹³ Macedo, 1891, p. 379.

2.2.8.1 “ROMA LOCUTA, CAUSA FINITA EST.”: a repercussão do Decreto do Santo Ofício na imprensa e no clero.

A notícia do decreto condenando os fatos de Juazeiro chega às redações dos jornais de todo o país, proclamando “*Roma locuta, causa finita est.*”, ou seja, “Roma falou, o caso está resolvido”.³⁹⁴ Só que não foi bem assim!

O jornal cearense, *A República*, o mais combatente entre os periódicos na abordagem dessa matéria, é um dos primeiros a anunciar a decisão do Santo Ofício sob o título “Milagres do Juazeiro”:³⁹⁵

Acabamos de ser informados que a Santa Sé condenou como heréticos os pseudos milagres da celebre Maria de Araújo e como tais devem ser considerados todos aqueles que persistirem no erro. Consta nos que brevemente S. Ex. Rdma. Publicará uma pastoral com a bula condenatória dessa vergonha de farsa que só tinha por fim ridicularizar a religião católica.³⁹⁶

Cabe chamar a atenção para a maneira como o jornal se refere aos fatos de Juazeiro remetendo-os à beata - “milagres da celebre Maria de Araújo” -, um indicativo digno de nota na virada narrativa que a inclui e ao padre Cícero.

Quatro dias depois, informa aos leitores que já tem em mãos a Carta Pastoral de dom Joaquim, esclarecendo que a divulgará em breve. Um comentário feito no final da notícia, contudo, merece relevo: “[...] Com que cara não vão ficar os *devotos* de Maria de Araújo, a grande embusteira do Juazeiro”!³⁹⁷

Observe-se que a beata começa a ser mal qualificada e considerada uma embusteira, enquanto o padre Cícero ou não é citado, ou lembrado como vítima do engodo tramado por ela.

Depois de publicar a carta pastoral e explicar o que aquele documento significa, o jornal atribui a Maria de Araújo o epíteto de “a mais ardilosa embusteira”, numa clara demonstração do que já se afirmou, aqui, no sentido de que há um deslocamento do foco e

³⁹⁴ A República - CE, N° 177, 06/08/1894, p. 02.

³⁹⁵ A partir daqui, todas as notícias sobre a questão serão publicadas com esse título.

³⁹⁶ A República, op. cit., loc. cit.

³⁹⁷ N° 181, 10/08/1894, p. 02.

uma mudança flagrante na narrativa, que se materializa na imputação feita à beata quanto à responsabilidade da propagação dos “falsos milagres”:

Começamos hoje, como prometemos, a publicar a pastoral do nosso diocesano, mandando observar a bula condenatória dos celebres *milagres* do Juazeiro que tanto prenderam a atenção dos fanáticos, que de diversos Estados da União ali foram ver com *os próprios olhos* a sagrada hóstia *converter-se em sangue, tomando a forma de coração* na língua de Maria de Araújo, a mais ardilosa embusteira que tem aparecido e que por muito tempo conseguiu engazopar os papalvos.³⁹⁸

A intenção fica mais nítida quando o jornal se reporta à venda de medalhas com as fotos do padre e da beata:

Os miseráveis especuladores, os cínicos exploradores da credence popular é que foram roubados!
As *medalhas* que mandaram cunhar tendo no verso o retrato de Maria de Araújo e no reverso do padre Cícero (que é força confessar, sempre esteve de boa fé em toda essa patifaria) estão sem valor algum, depois da condenação da Santa Sé. Quem usa-las deve incorrer na pena de excomunhão, assim como aqueles que persistirem no erro de acreditar nos tais milagres.³⁹⁹

O padre Cícero, portanto, é isentado de qualquer intenção de manobra ou de fraude, convertido num indivíduo ingênuo, que se envolveu naquela “patifaria” movido pela sua “boa-fé.” Essa versão será defendida pelo próprio dom Joaquim ao declarar:

O Rev. Padre Cícero e três sacerdotes que o têm acompanhado nesta história, são de costumes puros, de um passado sem mancha, inteiramente desprendidos dos bens deste mundo, estimáveis por seus elevados sentimentos, e incapazes de qualquer ação menos nobre: não são diretamente responsáveis pelas miseráveis especulações que se hão feito; e nem teriam praticado qualquer desacerto ou excesso, se não se houvesse entregado à

³⁹⁸ N° 182, 11/08/1894, p. 02. Os grifos são do próprio jornal.

³⁹⁹ A República – CE, N° 181, 10/08/1894, p. 02.

discrição de mal inspirado paradeiro, que, explorando lhes a excessiva susceptibilidade, os enveredou por tortuosos caminhos.⁴⁰⁰

Um detalhe chama a atenção na publicação do decreto do Santo ofício. A notícia sobre publicada no jornal católico *O Apostolo* em 12 de agosto, é uma transcrição da *Gazeta de Notícias* também do Rio de Janeiro⁴⁰¹. Era de se esperar, por assim dizer, que sendo uma decisão oficial do Vaticano sobre um tema que vinha causando bastante polêmica no meio religioso, que fosse o maior jornal católico do Brasil o porta-voz da notícia.

Sem meias palavras, coloca-se de forma incisiva: “[...] não nos surpreende tal resolução, pois só esperávamos a decisão da Santa Sé, acrescentando que nunca ligamos importância aos tais *milagres* e nunca os quisemos noticiar em nossas colunas”.⁴⁰² A declaração é, no mínimo, estranha e contraditória, considerando ser o periódico que mais abriu espaço para a divulgação dos fatos publicando, inclusive, um editorial supramencionado, em que defende a possibilidade de haver milagres desse tipo, não dando muita publicidade ao decreto. Em 20 de setembro, anuncia:

Recebemos a que acaba de publicar o Exma. e Rev. Sr. Bispo do Ceará, publicando a decisão e dando execução aos decretos da Sagrada Inquisição Romana Universal sobre os fatos que sucederam no Juazeiro, naquela diocese. Trabalho da maior importância, começamos a publica-la para conhecimento dos leitores.⁴⁰³

Na mesma edição publica a primeira parte da carta pastoral, sem, contudo, tecer nenhum comentário. Nos dias 20, 23 e 27 de setembro e 04 de outubro, prossegue com a sua divulgação.

Além d’*O Apostolo*, apenas o periódico cearense publica a segunda Carta Pastoral de dom Joaquim na íntegra, diferentemente do que ocorreu com a primeira epístola.

A decisão do Santo Ofício abalou profundamente os defensores dos milagres, que, num primeiro momento, mantiveram-se calados. Os bispos do Nordeste, por sua vez, apressaram-se em publicar circulares dando conhecimento do documento e exigindo

⁴⁰⁰ N° 42, 23/09/1894, p. 03-04.

⁴⁰¹ N° 263, 08/08/1894, p. 02.

⁴⁰² N° 33, 12/08/1894, p. 02.

⁴⁰³ N° 41, 20/09/1894, p. 02.

obediência irrestrita de padres e leigos, conforme notícia *A Republica*, no Ceará, com o título “AINDA OS PRETENSOS MILAGRES DO JOASEIRO”.

Os Revdos. bispos do Maranhão, Paraíba e Pernambuco acabam de dirigir aos párocos de suas dioceses circulares recomendando-lhes a estreita observância dos mandamentos da Santa Sé, exarados na pastoral do nosso amado preclaro, condenando como heréticos os pretensos milagres de Maria de Araújo e proibindo as peregrinações ao Juazeiro, a vendagem ou uso das medalhas ou verônicas, com os nomes do padre Cícero e da celebre embusteira etc.⁴⁰⁴

O anúncio da condenação dos fatos de Juazeiro pela Santa Sé já circulava nas páginas dos jornais quando dom Joaquim escreve ao padre Cícero convocando-o para estar em Fortaleza num prazo de 30 dias, a fim de lhe informar pessoalmente a decisão tomada: “[...] de uma vez algumas disposições Decretos da S. Congregação do Santo ofício, que dizem respeito à sua pessoa”.⁴⁰⁵ Além do sacerdote, foram igualmente convocados Monsenhor Monteiro, padre Antero, padre Manoel Rodrigues Lima e o padre João Carlos Augusto.

A viagem do clérigo, tal qual a primeira convocação em 1891, foi alardeada pela imprensa, devotada a falar sobre o assunto: “[...] A chamado do bispo diocesano, chegaram a esta capital monsenhor Monteiro e o padre Cícero, que alarmavam a população no interior do Estado com o fantástico milagre do Juazeiro”.⁴⁰⁶

O *Diário de Pernambuco*, transcrevendo uma notícia enviada da cidade de Baturité⁴⁰⁷ ao *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, informa:

Chegou hoje (6) o padre Cícero Romão. Foi tal a aglomeração do povo que o padre não se podia mover. As mulheres empurravam-se freneticamente e só faltavam jogar as bofetadas.

Em casa do nosso amigo Bellarmino Torres, negociante desta cidade, o padre Cícero almoçou, foi enorme a invasão de povo.⁴⁰⁸

⁴⁰⁴ N° 218, 25/09/1894, p. 03.

⁴⁰⁵ Casimiro, 2012, p. 644.

⁴⁰⁶ *Gazeta de Notícias* - RJ, n° 254, 12/09/1894, p. 1. Noticiaram também esta viagem os jornais: *A República* - CE, n° 204, 07/09/1894, p. 4; *Gutenberg* - AL, n° 209, 22/09/1894, p. 01.

⁴⁰⁷ Em 1882 foi inaugurada a estrada de ferro que ligava a cidade de Baturité a Fortaleza. Provavelmente, o padre Cícero foi a cavalo até aquela cidade e de lá tomou o trem rumo à capital cearense. Para saber mais sobre a construção da estrada de ferro no Ceará, ver: REIS, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez. *O espaço a serviço do tempo: a estrada de ferro de Baturité e a invenção do Ceará*. 2015. 402f. (Tese de Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/25274>

Embora a descrição não seja tão detalhada e entusiasta quanto a de 1891 por ocasião de sua passagem na cidade de Icó, a notícia revela como o padre Cícero já gozava de fama por onde passava, despertando a curiosidade das pessoas a ponto de mudar a rotina do lugar, pois, todos queriam vê-lo, tocá-lo, ouvi-lo. Traz informações, também, quanto à data da chegada do sacerdote em Fortaleza, concretizada em 06 de setembro e não no dia 02, conforme consta no livro de Ralf Della Cava.⁴⁰⁹

Em Fortaleza, dom Joaquim entrega aos sacerdotes uma cópia de sua carta pastoral na qual continha, além do Decreto do Santo Ofício, quatro determinações que deveriam ser cumpridas à risca, sob pena de sofrerem pesadas punições. São elas:

1. Proibi todas as visitas, por curiosidade e muito menos a título de peregrinação, a Maria de Araújo e outras mulheres como ela culpáveis nos embustes do Juazeiro; 2. Todos os sacerdotes deste bispado procurem diligentemente recolher e queimar todos os escritos, impressos ou manuscritos, que tenham por fim, defender os tais fatos do Juazeiro. Assim, como, recolher e enviar, ao bispo, as ridículas medalhas; 3. Proibido a todos os sacerdotes, sob pena de suspensão, e aos leigos, sob pena de privação dos Sacramentos, tratem por palavra e por escrito de qualquer modo que seja em defesa dos pretensos milagres; 4. Quem tiver os panos ensanguentados, roubados da Matriz do Crato, entregar, sob pena de excomunhão, em prazo de 30 dias.⁴¹⁰

Afora as interdições, em 12 de setembro assina um decreto com mais três impedimentos: 1. Proíbe os padres Cícero, Antero, Monsenhor Monteiro, João Carlos e Vicente Sother de se comunicarem, por palavra ou escrito, com as beatas; 2. Proíbe os mesmos padres de celebrar missas ou qualquer ato religioso em Juazeiro e mediações; 3. Ordena que o padre Cícero devolva todo dinheiro recebido em nome dos “pretensos milagres” a quem fez os donativos e em caso de impossibilidade, distribuir aos pobres e obras pias.⁴¹¹

Finalmente, exigiu dos clérigos obediência e submissão irrestrita aos Decretos do Santo Ofício e suas determinações, solicitando que todos os padres que haviam se manifestado anteriormente em favor da veracidade dos fatos de Juazeiro fizessem, por escrito, uma retratação pública, declarando ter sido enganados e enredados nos falsos milagres.

⁴⁰⁸ N° 216, 22/09/1894, p. 01.

⁴⁰⁹ Della Cava, 2014, p. 381.

⁴¹⁰ O Apostolo – RJ, N° 54, 04/10/1894, p. 04.

⁴¹¹ Casimiro, 2012, p. 651.

Seu plano consistia, portanto, em provar que os acontecimentos não passavam de um embuste engendrado pelas beatas, sobretudo, por Maria de Araújo. Pretendia calar os padres e leigos que os defendiam e encerrar, definitivamente, as peregrinações ao povoado e a adoração aos panos ensanguentados.

Nessa direção, ainda no mês de setembro, começaram a circular na imprensa as retratações. Oito padres, outrora maravilhados com os fatos que proclamaram como verdadeiros milagres abjuraram de suas antigas crenças, submetendo-se às determinações da Igreja do Ceará e do Vaticano. Apenas dois deles não o fizeram nesse momento: Francisco Antero e o padre Cícero.

Padre Antero, além de recusar-se a se retratar, publicou em jornais de Fortaleza artigos criticando a postura de dom Joaquim, provocando protesto e revolta no clero cearense.⁴¹² As consequências imediatas de sua atitude foram drásticas, com suspensão das ordens sacerdotais em 22 de fevereiro de 1895. A imprensa noticiou o fato informando que “[...] O padre Francisco Ferreira Antero foi suspenso por ter relutado em obedecer ao Decreto Romano, condenando os milagres do Juazeiro”.⁴¹³ Não suportando a pressão, em 12 de junho de 1897 entrega ao bispo sua retratação, propagada na íntegra nos jornais *Republica*⁴¹⁴ e no *Ceará*⁴¹⁵.

Quanto ao padre Cícero, somente em 14 de novembro de 1894, depois de um ultimato do bispo diocesano, escreve um ofício declarando que desde a decisão e Decreto da Suprema Congregação sobre os fatos de Juazeiro, não tem sustentado, nem defendido tais milagres manifestando-se com sinceridade: “[...] tenho guardado o mais completo silencio, ainda que sem detrimento de minha consciência eu não posso negar a verdade e sinceridade do que fui testemunha [...]”.⁴¹⁶

Percebe-se que o padre Cícero, ainda que se submetendo ao decreto do Santo Ofício, não renega a crença na veracidade do milagre, utilizando-se do argumento de que não pode trair sua consciência.

A postura do sacerdote não é aceita pelo bispo que, não concordando com os termos colocados na retratação, insiste que a reescreva, pois, é sua intenção publicá-la nos jornais. Cícero responde a dom Joaquim, esforçando-se para manter-se o mais claro possível:

⁴¹²Republica – CE, nº 72, 01/04/1895, p. 02.

⁴¹³Gazeta de Notícias - RJ, Nº 88, 29/03/1895, p. 01.

⁴¹⁴A República, Nº 143, 29/06/1897, p. 04.

⁴¹⁵Ceará, 30/06/1897.

⁴¹⁶Casimiro, 2012, p. 67. Grifo meu.

[...] permita-me dar este testemunho de minha consciência, porque eu tenho que salvar minha reputação e de outras pessoas que eu tenho como ciência não ter havido falta de sinceridade. [...] como V. Ex^a. Rm^a ainda não achou que não satisfaz, peço humildemente a V. Ex^a. Rm^a que me permita, segundo o Direito, ir pessoalmente a Roma depor, como a Deus mesmo, aos pés do Santo Padre meu voto especial de obediência e submissão com relação a esta Causa, e peço pelo amor de Deus que me dê a minha carta comendatícia.⁴¹⁷

A persistência em preservar a ressalva é interpretada por dom Joaquim como desobediência declarada, comunicando a Cícero que:

[...] a declaração que [...] faz em sua carta contém na substância o necessário, mas não está em forma adequada a ser publicada; mas podemos publicar a sua aludida carta, que não precisa pela cordata e respeito ao seu superior hierárquico [...].⁴¹⁸

Em 04 de fevereiro de 1895, à revelia do padre Cícero, dom Joaquim lhe comunica que foi publicada a sua retratação.

Compreende-se que o padre Cícero, ao submeter-se a dom Joaquim conforme declara, guardando “silêncio obsequioso” quanto aos fatos, mas recusando-se em negar a veracidade do que viu e testemunhou não lhes subtraindo a natureza milagrosa, sem desconsiderar a beata Maria de Araújo e os milhares de romeiros que chegavam diariamente ao povoado, faz dele, talvez em igual medida, o protagonista daqueles episódios controversos, atraindo para si as consequências canônicas e civis dos desdobramentos oriundos da defesa que insistia em fazer.

Apesar de não ter publicado em seu nome nenhum artigo, documento ou comentários sobre os fatos, ao assumir o ônus do enfrentamento com a hierarquia da Igreja Católica se torna o centro catalizador da discussão. Nessa condição, será o personagem principal das narrativas posteriores.

Havia tamanha expectativa por parte da imprensa no tocante à retratação do sacerdote, que a cada publicação contestada o nome do ex-capelão de Juazeiro era citado: “[...] falta vir à fala o capataz dos milagres, o padre Cícero, o inventor de Maria de Araújo”.⁴¹⁹

A despeito da retratação de Cícero não ter sido encontrada, há registros no periódico *A Republica*, em 04 de fevereiro, do comunicado que segue:

⁴¹⁷ Casimiro, 2012, p. 675-676.

⁴¹⁸ Ibid., p. 678.

⁴¹⁹ *A República* – CE, nº 274, 3/12/1894, p. 02.

A *Verdade* de 2 do corrente publicou as retratações dos Revdos. Glicério da Costa Lobo, Cícero Romão Baptista, capelão do Juazeiro, Manoel Rodrigues Lima, vigário de Milagres, João Carlos Augusto e monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro sobre os *famosos e apregoados milagres* do Juazeiro que tão grande mal produziram nos espíritos fracos.⁴²⁰

A suposta abjuração do padre Cícero, ainda que não tenha repercutido como o quis dom Joaquim, reverberou em alguns jornais que anunciavam o fim das romarias:

O povo do Juazeiro desapontou com a retração do Padre Cícero, obedecendo o decreto da Santa Congregação que condenou os celebres milagres de Maria de Araújo.

Cessaram as romarias àquele foco de escândalos, em que se jogava com a mais desbragada irreverência e profanação com o que a nossa Santa Religião tem de mais sagrado; pretendendo se impor à crença dos fiéis encantos que o *sangue impuro* expeliu pela celebre impostora Maria de Araújo era eucarístico!⁴²¹

Contudo, a crença nos milagres de Juazeiro não cessou, assim como as romarias. A cada dia, grupos numerosos se dirigiam com mais frequência ao povoado. Nem todos os adeptos se calaram e aceitaram com resignação. Uma nova batalha será necessária: apelar diretamente a Roma! Entretanto, antes da viagem propriamente dita, diversas histórias ainda tomarão as páginas dos jornais num debate acirrado entre detratores e defensores.

2.2.9 “QUEM A MIM NÃO DEFENDE, NÃO É DIGNO DE MIM”: intensificação do debate entre detratores e defensores

No calor da polêmica gerada pela condenação dos fatos de Juazeiro, retoma-se na imprensa a narrativa envolvendo a figura do padre Cícero numa perspectiva maniqueísta. Em 25 de outubro *A Republica*, de Fortaleza, circula um texto enviado por um “[...] amigo que

⁴²⁰ N° 28, 04/02/1895, p. 02.

⁴²¹ Diário de Pernambuco, n° 64, 19/03/1895, p. 01.

acaba de percorrer os domínios do fanatismo, onde impera com o despotismo de um califa o padre Cícero, nos comunicou o seguinte”:⁴²²

Não há bula pontífica, nem decreto do santo padre que derroquem o poderio do padre Cícero. O Juazeiro continua a ser a Meca dos fanáticos, que ali vão em romaria deixar o fruto de suas economias nas “sagradas mãos do “piedoso fakir”⁴²³, que graciosamente recebe, a título de auxílio à construção de uma “mesquita” que meteu se lhe na caximonia levantar no cume de um alcantilado serrote.

Era eu um dos centenares de crentes que cegamente acreditavam na piedade do padre Cícero. Fui, por vezes testemunha visual de seu desprendimento às coisas mudanas, do seu desinteresse vi-o receber com a mão direita a pequena esportula que lhe davam por uma missa e faze-la cair com a esquerdade na sacola do primeiro desgraçado que lhe estendia a mão pedindo uma esmola.

Manifestou-se-lhe então com caráter maligno e o cortejo de todos os sintomas pernicioso, a terrível doença – “Sacra fames auri”.⁴²⁴

Segundo a declaração, o testemunho é de alguém que conheceu o padre Cícero antes da ocorrência dos fatos de Juazeiro, dizendo acreditar na sinceridade do sacerdote, ao mesmo tempo em que o acusa de tornar-se um déspota, que, aproveitando-se da boa-fé dos romeiros, teve seu caráter ganancioso despertado.

O *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, reproduz em sua coluna *Varias Notas* um trecho dessa notícia, informando:

No lugar denominado Juazeiro (Ceará) existe um tal padre Cícero que contrariando as ordens do seu prelado, pretende ganhar celebridade, não pronunciando orações como o eloquente romano seu homônimo, mas rezando-se e fanatizando os pobres de espirito.

Tão frequentes e numerosas tem sido as romarias dos simplórios que vão ouvi-lhe os conselhos, que o santo homem passou já cobrar de 300 contos, das pequenas esmolas que desinteressadamente recebe.⁴²⁵

⁴²² A notícia foi reproduzida em mais três jornais: Diário de Pernambuco – PE, nº 254, 06/11/ p. 02; Gazeta Caxiense – MA, nº 271, 23/11, p. 01; O Trabalho – AL, nº 662, 25/04/1896, p. 01.

⁴²³ Faquir vem do Persa que significa pobreza, são pessoas que executam feitos de resistência ao corpo humano desprezando qualquer sensação física e acreditam no triunfo do espirito em troca de esmolas. Cf.: <http://www.dicionarioinformal.com.br/faquir/>

⁴²⁴ Tradução: fome de ouro.

⁴²⁵ Nº 320, 17/11/1895, p. 02.

Posteriormente, justifica-se informando que a matéria foi uma reprodução do jornal cearense *A Republica*, acusando o padre Cícero de obter fama e enriquecer ao alimentar o fanatismo dos “simplórios” por meio das romarias.

A resposta à acusação tão grave veio de imediato através de três artigos publicados nos jornais *O Apostolo e Jornal do Commercio*. Dois deles, de autoria do prestigiado juiz de direito Dr. Antônio Pinto de Mendonça⁴²⁶, cearense residente no Rio de Janeiro, conta com a divulgação de uma réplica no mesmo periódico declarando que “[...] o jornal do Commercio, publicou um facto errôneo, que reclama de todo Cearense protesto imediato”.⁴²⁷ A matéria é classificada por Mendonça como uma injustiça, fruto da má informação do jornal:

[...] O padre Cícero é conhecido pelo Ceará em peso, que respeita e admira por sua pobreza, por sua humildade e pelo espirito evangélico de seu apostolado. É essa alma pura e sonhadora, que faz da persistência e das lágrimas o conforto de suas esperanças. A sua fortuna é o breviário e a sotaina, o seu encanto, o amor do próximo, o seu tesouro, a caridade. Se é fanático, tem o fanatismo das grandes ideias e da fé profunda nas verdades cristãs, que só tem um verdadeiro apóstolo e um mártir. É um grande coração cheio de piedade e de amor, aberto a todas as dores e alheias desventuras.

Para referendar seu testemunho, convoca:

[...] todos os cearenses sem distinção de classe: senadores, deputados, todos quantos conhecem, por qualquer modo, o padre Cícero, falem e desmintam os meus concorrentes, que externem por amor à justiça e à verdade. É o tributo devido à virtude, esta meiga e puríssima filha do céu.⁴²⁸

O único comentário do jornal sintetiza uma espécie de esclarecimento: “[...] da unicidade a que se refere o sr. Dr. Antônio Pinto devem ser extraídos os redatores da

⁴²⁶ Antônio Pinto de Mendonça – natural é de Quixeramobim (03/12/1839-31/05/1900). Filho do Cônego Antônio Pinto de Mendonça. Bacharel pela Faculdade de Direito do Recife. Deputado Provincial e Geral. Jornalista (“Constituição”, de Fortaleza; “Ordem”, de Baturité). Radicado no Rio de Janeiro, exerceu cargo de Juiz de Direito avulso. Publicou coletânea de artigos publicados no “Combate”, 1892. (NOBRE, F. Silva. *1001 Cearenses Notáveis*. Série: Enciclopédia Cearense. Casa do Ceará Editora: Rio de Janeiro, 1996, p. 252).

⁴²⁷ N° 322, 19/11/1895, p. 02.

⁴²⁸ O Apostolo – RJ, N° 322, 19/11/1895, p. 02.

Republica jornal que se publica no Ceará e de onde extraímos notícia em questão. É a explicação que nos cabe dar.”

No dia 20 daquele mês, veicula n’*O apostolo* mais um texto de Mendonça, na verdade, o mesmo artigo, porém, com outro título - “*Uma República*” -, no qual deixa clara sua crítica ao jornal cearense por ter sido o primeiro veículo a publicar inverdades.

Até aqui a *Várias*.

Agora acrescentamos nós:

Não há fonte tão impura, especialmente quando se trata da religião e seus ministros, como essa *Republica* do Ceará.

Tudo quanto de pior o positivismo, o ateísmo, a atrasada e enfezada impiedade de província podem produzir, se escoar pelos esgotos daquela imprensa, que nunca andou tão acertada, como em chamar-se *Republica*.

Talvez ignore isso o Jornal.

O último dos artigos de defesa, também publicado n’*O apostolo*, partiu de um sacerdote cearense domiciliado no Rio de Janeiro desde 1887, intitulado “O PADRE CÍCERO”. Belarmino José de Sousa,⁴²⁹ conhecido e respeitado entre o clero brasileiro e no meio jornalístico, ocupou o cargo de secretário do bispo dom Joaquim na década de oitenta, acompanhou e relatou à imprensa a primeira visita pastoral ao sul do Ceará em 1884 através do folheto “Visita Pastoral do Exma. e Rev.^{mo}. D. Joaquim Vieira ao sul da província”, enviando-o às redações de jornais católicos.⁴³⁰ Provavelmente, conheceu e se tornou amigo do padre Cícero nessa ida ao Cariri.⁴³¹

Ao longo do seu artigo, utiliza-se de uma narrativa voltada para a comparação do padre Cícero com santos católicos conhecidos por sua pobreza e humildade como São Vicente de Paulo da França, constituindo-se, dessa maneira, num dos precursores da construção de uma representação do sacerdote como santo.⁴³²

⁴²⁹ Padre Bellarmino José de Sousa nasceu em Sousa, na Paraíba, em 18/12/1851. Faleceu no Rio em 06/11/1898. Ordenado padre em 1871 permaneceu no Ceará até 1886, mudando para o Rio de Janeiro em 1887. Foi colaborador dos jornais *Constituição* e *O Apostolo*. Autor de livros sobre seca, religião e ciência. Em 1896 entrou para IHGB. (SILVEIRA, Aureliano Diamantino. *Ungidos do Senhor na Evangelização do Ceará (1700 a 2004)* – Fortaleza Premium, 2004. p. 240-241).

⁴³⁰ N° 20, 22/02/1885.

⁴³¹ É importante ressaltar que neste ano o bispo diocesano esteve no Juazeiro para benzer a capela de N. S. das Dores, escrevendo no livro de tombo sua impressão sobre o padre Cícero que chama de “sacerdote inteligente, modesto e virtuoso” (GUIMARÃES, Therezinha Stella & DUMOULIN, Anne (Org.). *O padre Cícero por ele mesmo*. Fortaleza: INESP, 2015, p. 26)

⁴³² Outro sacerdote que irá se utilizar deste tipo de narrativa será o padre Azarias Sobreira no seu conhecido livro, *O Patriarca do Juazeiro*, publicado em 1969.

Ao descrever o padre Cícero como o mais pobre e desinteressado dos sacerdotes brasileiros, rebate com veemência as acusações que lhe foram feitas:

[...] Perversos! Não conheceis o padre a quem feristes, o padre, que é no Ceará o justo admirado, o discípulo heroico de Jesus Cristo adorado nas prolongadas noites de suas vigílias, ajoelhado diante da Cruz como um anjo em adoração perene!

Eu assim vi muitas vezes, admirei aquela grande alma, aquela grande fé; e o seu contato me edificava, me enchia o espirito de admiração pela virtude, de confusão pelo exemplo que me dava, de respeito pelo sacerdote, meu irmão, que se elevava tão alto naquelas contemplações mistificas, ele, tão bom, tão simples, tão desprendido deste mundo, tão afável, tão apostólico, tão humilde, tão pobre, tão santo!

Pois aquele justo, que é um protesto vivo contra os ladrões, tem agora a sorte de S. Vicente de Paulo, que mereceu em França como no Brasil, ele, em prémio de sua caridade, nesses duros tempos de sua maior depressão moral, igual acusação, que mais salientou os seus grandes méritos.⁴³³

Salienta em seu texto o contato que tivera com o padre Cícero, ressaltando ter sido tocado pela dedicação e virtude do sacerdote no exercício da missão que lhe cabia, qualificando-o com adjetivos comumente conferidos aos santos como humildade, desprendimento, afabilidade, pobreza, tratando-o como um deles.

Posicionando-se contra o que chama de perseguição empreendida “[...] pelas mãos de seus inimigos [...]”, tudo sofrendo com resignação, piedade e oração, afirma que “[...] As grandes virtudes dos santos foram cultivadas nos claustros ou no fundo dos vales, longe das vistas dos homens, e, todavia, suas obras foram conhecidas e os seus atos louvados”.

Determinado na defesa de Cícero, o eleva à condição de santo como tantos outros da Igreja que “[...] perseguidos, humilhados, caluniados, e tidos, uns como *loucos*, e outros como *fanáticos*, histéricos, como S. Paulo, Santa Tereza de Jesus [...]”, não se curvaram às adversidades. Em vista disso, estabelece uma relação entre os santos canonizados e tomados como mártires da Igreja e o padre Cícero, ao afirmar:

[...] o solitário das regiões do Norte, austero, penitente desde que recebeu o sagrado presbiterado, há um quarto de século, sempre o mesmo irrepreensível, severo, brando, instruído, com um passado que é a sua melhor defesa no presente.

⁴³³ O Apostolo – RJ, Nº 133(2), 22/11/1895, p. 02-03.

Não! Isto não vai assim! A impiedade não pode insultar”!

Vale frisar que o fato de ser o artigo escrito por um respeitado sacerdote do clero brasileiro, publicado no maior jornal católico do Brasil defendendo um padre cujas ordens sacerdotais foram cassadas, considerado o principal mentor de um milagre condenado pela Igreja cearense e pela Santa Sé, acusado de propagar o fanatismo e a exploração de pessoas ignorantes, é assaz significativo e emblemático no sentido de compreender como, a partir desse momento da trama, serão concebidas representações e imagens do padre Cícero, tornando-o o centro de uma discussão e de debates nos quais despontará como uma figura dicotômica, posicionado entre o bem e o mal, o bom e o ruim, o santo e o demônio.

Outra particularidade relevante nessas publicações diz respeito ao lugar de fala dos dois defensores do padre Cícero, ou seja, quem fala tem autoridade e reconhecimento na sociedade: um jurista e político e um sacerdote que ocupa um cargo influente na hierarquia da Igreja, ambos escritores com atuação na imprensa. Noutras palavras, não são os denominados fanáticos ou ignorantes, ou padres e leigos que, vivendo na mesma atmosfera dos fatos, deixaram-se contaminar, mas pessoas que inspiram nos pronunciamentos que fazem certo grau de credibilidade, distantes geograficamente, com poder de convencimento e influência que devem ser levados em conta.

Enquanto na imprensa repercutiam as retratações dos sacerdotes desertores da causa de Juazeiro que se detinham na denúncia da continuidade das romarias, com enfoque no dinheiro deixado pelos milhares de peregrinos, acusando o padre Cícero de fanatizador, explorador, etc., os defensores desenvolviam novas estratégias para reverter a decisão do Santo Ofício.

Durante o ano de 1895, os padres Cícero, Antero e José Marrocos⁴³⁴ prepararam um plano de defesa que consistia em estabelecer uma correspondência direta com o Vaticano. Deixando de lado a publicação de longos artigos na imprensa, como fizeram antes do decreto da Santa Sé, recorrem a outras formas de resistência, desde o boicote aos padres que se declarassem contrários aos fatos de Juazeiro, à organização de uma petição em nome do povo do lugar, entregue em mãos por alguém de confiança do padre Cícero ao Internúncio Dom Gotti, em Petrópolis.

⁴³⁴ Em carta do padre Alexandrino a d. Joaquim em 21 de novembro de 1894 fala da “trindade”, porém, composto pelo padre Cícero, José Marrocos e padre João Carlos (Casimiro, 2012, p. 672).

A obstinação e permanência das romarias e a crença nos milagres culminaram com a suspensão do padre Cícero, agora proibido de celebrar missas por determinação de dom Joaquim, determinada na portaria de 13 de abril de 1896.

2.2.10 O PERIGO DO ESTADO DENTRO DO ESTADO: a imprensa apresenta o padre Cícero como uma ameaça à ordem vigente

A portaria serviu de estímulo àqueles que não se intimidaram e não reconheciam na autoridade de dom Joaquim um empecilho para provar que os fatos não eram um embuste. Segue parte das determinações do bispo:

Nós, em cumprimento do nosso sagrado dever de salvaguardar a pureza da doutrina católica e de premunir os fiéis contra erros e abusões prejudiciais à verdadeira fé, pela presente Portaria suspendemos o mesmo revd. Cícero Romão Baptista da faculdade de celebrar o Santo Sacrifício da Missa, faculdade única que lhe deixamos, quando por portaria de 3 de agosto de 1892 lhe retiramos as de pregar e confessar neste Bispado. Dada e passada nesta cidade de Fortaleza e Câmara Episcopal, sob Nosso Sinal e Selo e de nossas Armas, aos 13 de abril de 1896. Joaquim, Bispo Diocesano.⁴³⁵

O recorte em destaque é o trecho final da portaria diocesana que suspendia o padre Cícero das ordens sacerdotais, publicada na íntegra ou apenas alguns fragmentos em jornais das principais províncias do Brasil, interpretada como um ato necessário para conter os perigosos acontecimentos de Juazeiro.

Novamente, é a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro quem, em primeira mão, anuncia a suspensão. Diz o jornal que “[...] O bispo suspendeu do exercício de todas as ordens o padre Cícero Romão Baptista, que, apesar dos decretos de Roma, continua a explorar os milagres do Juazeiro [...]”, divulgando em seguida um exceto do indigesto documento.⁴³⁶ Sem demora, publica um resumo da portaria.

Na sequência, o periódico cearense *A Republica* estampa na primeira página: “MILAGRES DO JOAZEIRO: SUSPENSÃO DO PADRE CÍCERO”, relembrando a

⁴³⁵ Diário de Pernambuco, Nº 171, 30/07/1896, p. 03.

⁴³⁶ Diário de Pernambuco, Nº 171, 30/07/1896, p. 03.

publicação que fizera no ano anterior em que Antônio Pinto de Mendonça retrucou com fortes críticas ao jornal. Assim se declara:

[...] chegou a vez de respondermos ao sr. Dr. Antônio Pinto de modo claro e preciso, desafiando a que nos conteste.
 Leia a seguinte portaria do nosso presado sr. Bispo publicada n'A Verdade de ontem e, diga se não tínhamos razão quando denunciávamos as proezas desse impotente contumaz [...].⁴³⁷

A imprensa de todo o Brasil divulgou a suspensão das ordens sacerdotais do padre Cícero, julgando-a como uma tentativa de conter a desordem, o caos, a rebeldia, o absolutismo do poder do sacerdote e até mesmo um movimento cismático existente no povoado de Juazeiro, alardeando aquela realidade como algo abominável.

A prostituição em Juazeiro tocou a meta. Muitas infelizes que tem ido em romaria àquela Meca, tem ali desfolhado as suas grinaldas de flores e laranjeiras, seduzidas pelos tredos d. *Jeans*, que por lá pululam, vendo-se hoje atiradas aos abismos da desonra da messalina.
 De quantas desgraças tem sido causador o inconsciente padre Cícero, a histérica Maria de Araújo e certo número de exploradores da frágil humanidade!⁴³⁸

Contudo, a mais contundente acusação de que os fatos do Juazeiro representavam uma ameaça à ordem estabelecida parte do jornal o *Diário de Pernambuco* que publica em seu editorial de 06 de agosto de 1896, uma crônica intitulada MILAGRES DO JUAZEIRO. Qualificando de “fenômeno anormal”, denuncia que no sertão brasileiro as

“[...] populações daqueles lugares são exploradas de modo assustador, criando um fanatismo capaz de rebelar-se com todas as condições da vida social e da educação moral do povo, sujeita cada vez mais à uma obcecação, pela qual ficará incapacitado de conformar-se com os princípios os mais fundamentais da ordem pública, em prejuízo dos interesses mais elevados da sociedade.”⁴³⁹

⁴³⁷ A República, 20/04/1896, p. 01.

⁴³⁸ Ibid., N° 276, 07/12/1896, p. 01.

⁴³⁹ Diário de Pernambuco, N° 177, 06/08/1896, p. 01.

As autoridades civis são convocadas para aliar-se à Igreja Católica na luta contra o que chama de “[...] mal que perverte os sentimentos, embrutece os espíritos e faz retrogradar ainda o pequeno adiantamento ou progresso que os nossos sertanejos tivessem feito [...]”. Neste editorial o padre Cícero é acusado de aproveitar-se das crenças religiosas do sertão, promovendo o atraso e a ignorância “[...] por meio de fatos supersticiosos e ao lado de uma mulher, talvez por ele insinuada, a quem atribuem-se verdadeiros prodígios e virtudes sobrenaturais [...]”, com a implantação de uma empresa de exploração e dominação cujo objetivo é promover a própria riqueza em detrimento de milhares de pobres romeiros”.

Atribuindo a Juazeiro o epíteto de “Nova Jerusalém moderna dos sertões brasileiros”, a descreve como um “teatro de sandices” onde se multiplicam cenas repugnantes, nas quais o padre Cícero assume um poder quase que sobrenatural. Segundo a narrativa, a aparição do sacerdote leva a

[...] a multidão genuflexa, durante ou depois da celebração da missa, crê ver uma luz deslumbrante produzir-se como uma aureola diáfana ou miraculosa, que dizem ser a aparição do Espírito Santo, suposição esta naturalmente devida à qualquer insinuação do padre.⁴⁴⁰

Tal poder exercido pelo sacerdote, alerta o editorial, configura-se um perigo para a ordem estabelecida, sugerindo que ali está sendo cultivado um Estado dentro do Estado, no qual o padre Cícero é “[...] o rei ou papa infalível, desde que a sua autoridade tenha-se tornado incontestável e imposto com o mais servil respeito e acatamento [...]. Vemos ali o gemo de uma teocracia capaz de futuras complicações [...]”.

Para o jornal, os interesses da sociedade estão sendo sacrificados, devidamente postos à margem em nome de interesses inescrupulosos.

[...] desta degeneração do sentimento religioso reconhecendo revestido dos atributos da divindade um padre expulso da Igreja e uma mulher por ele fanatizada e instrumento de que serve-se nos escandalosos milagres, pode nascer uma situação, pela qual os protagonistas destas cenas ter sempre

⁴⁴⁰ Diário de Pernambuco - PE, Nº 177, 06/08/1896, p. 01.

superiores às leis do país, aniquilando o prestígio das autoridades locais, que, ou estarão subjugadas ou incapazes de reagir contra qualquer desordem de que dois indivíduos assim elevados na imaginação popular tornam-se a causa ou em prol da qual prestem o seu patrocínio.

Denuncia que não se trata apenas de um culto religioso, mas:

[...] sim da prática de extravagâncias e escândalos, que, contra as prescrições da Igreja à que pertence, comete um sacerdote refratário, explorando a credulidade pública e prejudicando a educação civil e moral do povo, além de tais fatos poderão trazer perturbações de outra natureza e, como anormalidade, originar outras anormalidades.

Dessa forma, conclui o editorial, a única providência a ser tomada é “[...] a deportação dos dois protagonistas das cenas do drama miraculoso, cuja tolerância depõe contra os nossos costumes e civilização”.⁴⁴¹ O editorial do Diário de Pernambuco marca um novo ciclo narrativo sobre os fatos de Juazeiro. Agora não é mais uma questão de religião, mas, um assunto de segurança nacional.

Padre Cícero, que aquela altura já é um dos sertanejos mais discutidos na imprensa brasileira, uma liderança incontestável entre a população sertaneja, é tomado por esta mesma imprensa como ameaça à sociedade e à paz da nação, visto como um sacerdote rebelde e desobediente.

A imprensa alardeia o perigo de movimentos como o de Canudos para o recém e ainda frágil regime republicano brasileiro. Visto como reduto de propaganda do monarquismo, antro de fanatismo, Canudos representa, na compreensão dos políticos, intelectuais e jornalistas, uma ameaça concreta à República.

Nesse momento, o movimento religioso de Juazeiro com o crescente fluxo de romeiros, com a ampliação do campo de influência do padre Cícero passa a ser associado e comparado ao de Canudos, gerando notícias alarmantes de aliança entre seus líderes, Antônio Conselheiro e o padre Cícero. As desconfianças se avolumaram com o resultado final emitido pela Santa Sé em 1897 sobre os fatos sobrenaturais do Juazeiro.

Esse novo aspecto no contexto político, social e religioso vai gerar outro ciclo narrativo acerca dos fatos de Juazeiro, mas, sobretudo, sobre o papel do padre Cícero nesse movimento.

⁴⁴¹ Em resposta ao editorial, foi publicado no jornal *O Apostolo* (RJ) nas edições 117 e 118, nos dias 09 e 11 de outubro, um artigo assinado pelo forte aliado do padre Cícero, José Joaquim de Maria Lobo.

2.2.10.1 DE SACERDOTE DESOBEDIENTE A CONSPIRADOR CONTRA O REGIME REPUBLICANO: boatos da adesão do padre Cícero à causa de Canudos

Em 19 de fevereiro de 1897 a Congregação Geral da Santa Inquisição Romana e Universal, decide pela rejeição à apelação do Decreto de 1894 feita pelos defensores em nome do padre Cícero, exigindo, entre outras coisas, que no prazo de trinta dias a partir da data que soubesse do deferimento, o sacerdote deixe Juazeiro e cidades circunvizinhas sob pena de excomunhão.

Entretanto, o documento traz uma ressalva importante: “[...] se de novo quiser recorrer para Santa Sé contra as penas a ele impostas pelo Ordinário, obedeça primeiramente aos decretos da 4ª feira, 4 de abril de 1894 e da presente 4ª feira, 10 de fevereiro de 1897, e depois o mais breve possível venha a Roma”.⁴⁴²

Atendo-se a essa possibilidade, padre Cícero comunica ao bispo sua adesão ao novo decreto retirando-se de Juazeiro, porém, informa que está se preparando para viajar à Terra Santa no intuito de reivindicar o que lhe é de direito, pedindo “[...] permissão devida, com a carta comendatícia que [...] possa fazer dita peregrinação”.⁴⁴³

A publicidade do decreto do Santo Ofício ratificando as determinações de 1894, feita através da terceira Carta Pastoral enviada para a imprensa, circulou nos principais jornais do país:

Foi distribuída a pastoral do bispo diocesano publicando a decisão da Santa Sé negando provimento ao recurso do padre Cícero Romão Baptista, ordenando que este abandonasse Juazeiro e suas vizinhanças, sob pena de excomunhão maior. Ordena a Santa Sé ao bispo que procure os panos banhados em sangue, as relíquias e mande queimar, assim as medalhas condenadas com o retrato do padre Cícero e Maria de Araújo, sendo privados dos sacramentos as pessoas que os possuírem. O padre Cícero retirou-se de Salgueiro para Pernambuco.⁴⁴⁴

⁴⁴² A República – CE, Nº 189, 23/08/1897, p. 04.

⁴⁴³ Casimiro, 2012, p. 740.

⁴⁴⁴ Gazeta de Notícias - RJ, Nº 237, 25/08/1897, p. 01.

Em 29 de junho o padre Cícero deixa Juazeiro com destino a Salgueiro, em Pernambuco. A escolha dessa cidade não se deu à toa, tampouco, intempestivamente. Segundo Barros⁴⁴⁵ o vigário daquela paróquia, o padre João Carlos Augusto, era seu amigo e um dos poucos sacerdotes que ainda o defendiam dentro da Igreja.

Seu deslocamento para Salgueiro, no entanto, não sucedeu de forma discreta e pacífica. A imprensa, antes mesmo de sua viagem, já veiculava notícias de uma possível adesão do sacerdote à causa de Canudos⁴⁴⁶. No Rio de Janeiro, a *Gazeta de Notícias* publica telegramas do Ceará informando que “[...] o celebre Antônio Conselheiro chegou a Juazeiro”.⁴⁴⁷ Na cidade de Penedo, em Alagoas, reverbera que “[...] em Maceió correu notícia, de última hora, que o padre Cícero Romão, no Juazeiro (Ceará) aderiu à causa de Antônio levantando um exército de 12 mil homens”.⁴⁴⁸ No Maranhão, o *Jornal de Caxias*, circula a notícia de que “[...] dizem no Recife que o padre Cícero do Juazeiro no Ceará, pretende levantar milhares de homens em favor dos conselheiristas”.⁴⁴⁹

A viagem de Cícero transcorreu num momento de profunda instabilidade política e social, marcada pela instalação do recém-proclamado Regime Republicano⁴⁵⁰ e pelas narrativas de confrontos violentos entre as expedições militares e os conselheiristas com vitórias parciais destes, produzindo um clima de medo e pânico na população brasileira, atemorizada pelas alarmantes notícias na imprensa que apresentavam os adeptos de Canudos e seu líder, Antônio Conselheiro, como o “[...] guia de uma guerrilha fanática da conspiração monarquista para a derrubada da República”.⁴⁵¹

⁴⁴⁵ Barros, 2014, p. 266.

⁴⁴⁶ Organizados no Arraial de Canudos, no vale do rio Vaza-Barris, no interior da Bahia, um grupo de sertanejos liderados por Antônio Vicente Mendes Maciel (13/03/1830-22/09/1897) conhecido pela alcunha de beato Antônio Conselheiro, vivia, desde 1893, uma experiência social e política diferente, na qual o trabalho era baseado no uso coletivo da terra e o que nela se produzia era distribuído igualitariamente entre todos. Em 1896, já com uma população de 15 mil habitantes, Canudos passou a representar uma ameaça à ordem estabelecida e ao novo regime Republicano. Com essa argumentação, o governo republicano decide destruir a comunidade dando início à guerra de maior visibilidade da Primeira República, com ampla divulgação na imprensa da época. Dessa cobertura jornalística, saiu a maior referência sobre a guerra de Canudos: Os sertões de Euclides da Cunha. Sobre a referência bibliográfica de Canudos, ver o texto de José Calazans: SUBSÍDIOS PARA A BIBLIOGRAFIA DA CAMPANHA DE CANUDOS. Disponível em: <http://josecalasans.com/downloads/artigos/05.pdf>

⁴⁴⁷ Nº 139, 13/02/1897, p. 02.

⁴⁴⁸ O Trabalho, Nº 706, 20/03/1897, p. 03.

⁴⁴⁹ Nº 78, 15/05/1897, p. 03.

⁴⁵⁰ Sobre esse tema existe uma vasta bibliografia que analisa a implantação da República a partir de vários ângulos. Na tese, interessam as argumentações desenvolvidas nos dois livros de José Murilo de Carvalho: *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi* (1987) e *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo (1990). Ambos publicados pela editora Companhia das Letras. São discutidos os embates ideológicos e simbólicos em torno da consolidação na implantação da República.

⁴⁵¹ Della Cava, 2014, p. 145.

A imprensa, de imediato associa a figura do padre Cícero à de Antônio Conselheiro. O *Correio Paulistano* transcreve uma notícia do periódico de Maceió, *Gutenberg*:

PADRE CÍCERO

Este celebre padre que fanatizando o povo ignorante dos sertões do Ceará tanto deu que falar, acaba agora de vir novamente à tona. Telegramas do Ceará dizem que o padre Cícero abandonou Juazeiro, seguindo para Salgueiro, em Pernambuco [...].

Dar-se-á caso de que haja entre esse padre e o facínora Antônio Conselheiro a solidariedade de ideias e interesses que se propalou em tempo?

Será certo que ele tenha auxiliado os conselheiristas com o fornecimento de homens e viveres como em tempos se suspeitou?

Não seria conveniente encarcerar este padre da mão furada, pelo menos até a terminação da luta contra os fanáticos de Canudos?⁴⁵²

A narrativa de que o padre Cícero representa uma ameaça à ordem estabelecida mantém-se a todo o momento. Jornais propalam em suas páginas artigos alertando os leitores para o perigo do alastramento do fanatismo religioso, que pode minar o jovem Regime Republicano. No *Jornal de Recife* é publicado um texto bastante emblemático desse discurso. Trazendo como título ALERTA, diz:

Atravessamos um período grave para a Pátria e para a República
O padre Cícero, o herói do Juazeiro, o defensor da beata Maria de Araújo, está em Salgueiro, de modo que tudo faz supor que os padres tramem alguma coisa. [...] Com efeito, é isto que se conclui destas coincidências. [...] A luta provocada no momento atual, é apenas pretexto para maiores cometidos.

[...] Monarquistas impenitentes, eles, os inimigos da liberdade, da igualdade e da fraternidade, não recuam diante das maiores indignidades.⁴⁵³

A ideia de que o padre Cícero pode se converter num sublevador fica patente em uma entrevista concedida a um jornal do Pará, transcrita pelo *Jornal do Commercio* por iniciativa do general Frederico Sólton.⁴⁵⁴ Ao ser indagado sobre sua opinião no desenlace da revolta de Canudos, responde que não é um problema fácil de resolver, porém, alerta:

⁴⁵² Nº 12297, 04/09/1897, p. 01.

⁴⁵³ Nº 197, 02/09/1897, p. 03.

⁴⁵⁴ Frederico Sólton de Sampaio Ribeiro nasceu em Porto Alegre em 1840. Militar de carreira ingressou no Exército como praça em 1857 e atingiu a patente de general de divisão em 1899. Foi presidente do MT em 1891;

[...] Não devemos desprezar pequenos pronunciamentos, a pretexto de crenças religiosas, como já se tem dado em alguns pontos do país, não há muito no Paraná e ultimamente em Santa Catarina. Mais ameaçador que o Antônio Conselheiro vai se ostentando sorrateiramente a agremiação promovida pelo padre Cícero, no Ceará, onde, suspenso das ordens, foi fundar no sertão uma nova seita religiosa, na intenção talvez de tomar desforra contra o ato do bispado.

Segundo informações insuspeitas e dignas de acolhimento, é ele homem enérgico, ilustrado e inteligente, dispondo já de cerca de dez mil adeptos, tanto ou mais fanatizados que os de Antônio Conselheiro. Por isso, não demais que os altos poderes se informassem desde já do que há de verdadeiro a respeito, para satisfazer o preceito: É melhor prevenir do que remediar.

A desconfiança de que o padre Cícero poderia transformar-se no líder de uma rebelião social no país já havia sido aventada em narrativas anteriores, todavia, agora ela se torna mais patente e ameaçadora, partindo não mais exclusivamente dos seus adeptos ou de membros da Igreja, mas de pessoas que desempenhavam um papel importante na sociedade, de políticos e militares, vide depoimento de um general que teve participação na guerra do Paraguai, sendo fundamental na campanha republicana no Brasil.

As informações sobre a estadia do sacerdote em Salgueiro alertam para a probabilidade de estar se desenvolvendo ali um novo “[...] centro de fanáticos.”⁴⁵⁵ Às redações dos jornais chegavam notícias informando:

[...] a presença do padre Cícero nessa última localidade, acendeu o fanatismo do povo do sertão, e dia a dia ali chega considerável número de pessoas em visita ao padre a quem chamam – santo.

Essa enorme aglomeração de pessoas de toda sorte que vai aumentando todos os dias, tem sobressaltado o espírito do venerando prelado desta diocese o qual sente-se apreensivo de serias alterações da ordem pública, estando tão patente o exemplo de canudos.⁴⁵⁶

Para contrapor e combater tais notícias, seus aliados apressam-se em mobilizar setores da Igreja, sobretudo, coronéis, políticos, juízes e delegados dispostos a se manifestar enviando

dep. Federal pelo MT em 1893. Teve atuação destacada na Proclamação da República. Cf.: <https://tinyurl.com/y5m7bq6o>

⁴⁵⁵ Jornal de Caxias - MA, Nº 99, 09/10/1897, p. 03.

⁴⁵⁶ A Republica - CE, Nº 01/09/1897, p. 04.

à imprensa e às autoridades de Pernambuco, telegramas que atestem o caráter pacífico e ordeiro do sacerdote.

2.2.10.2 NADA A RECEAR, PADRE CÍCERO PACÍFICO E OBEDIENTE ÀS LEIS: força-tarefa para desconstruir as acusações de conspirador

Antes de partir para Salgueiro, mas já decidido a ir a Roma apelar pessoalmente ao Papa, o padre Cícero começa a se organizar com o intento de pedir aos seus pares e bispos de outras dioceses declarações e testemunhos relativos à sua idoneidade e boa conduta civil, moral e religiosa.⁴⁵⁷

Para Barros,⁴⁵⁸ a iniciativa do sacerdote é um forte indicativo da consciência que dispunha acerca das possíveis acusações que pudessem comprometer sua reputação perante a sociedade. A autora chega a afirmar que sobre a questão de Canudos o padre “[...] alarmado com a histeria das notícias na imprensa, manda uma pessoa de sua confiança a Canudos observar a situação da cidade santa, conversar com Antônio Conselheiro”.⁴⁵⁹

Cícero permanece em Salgueiro durante três meses, enquanto prepara a documentação e angaria dinheiro suficiente para viajar a Roma. Nesse ínterim há, por parte de seus aliados, uma intensa mobilização com o fito de desmentir os boatos diariamente publicados na imprensa. Telegramas de autoridades policiais se apressam em tranquilizar o governador de Pernambuco, declarando que “[...] chegou padre Cícero. Nada há nada a recear dele”.⁴⁶⁰

Além da publicação de telegramas oficiais, se escreviam artigos classificando as acusações como injustas ao afirmar ser o sacerdote “[...] fermento de desordens no Brasil. Nem mesmo por ocasião da transição política que sofreu o país, nem ai pertubou ele a marcha dos negociaos públicos”.⁴⁶¹

A defesa mais contundente, contudo, é publicada no *Diário de Pernambuco*, na seção “publicações a pedidos”. Trata-se de um extenso artigo intitulado “VERITAS SUPER OMNIA”, uma máxima em latim que significa “a verdade tudo vence”, no qual busca

⁴⁵⁷ Casimiro, 2012, p. 738-742.

⁴⁵⁸ Barros, 2014, p. 264.

⁴⁵⁹ Ibid, p. 261.

⁴⁶⁰ Diário de Pernambuco, Nº 212, 22/09/1897, p. 02.

⁴⁶¹ Cidade de Salvador (BA), Ano I, Nº 223, 08/12/1897, p. 01.

combater o que chama de “injustas acusações”, construindo uma narrativa em que o sacerdote é apresentado como um padre acima do bem e do mal.

Cumpre-se erguer um protesto solene contra as injustas acusações e acerbas perseguições, que mui de indústria se tem inventado, desde longa data, no vizinho Estado do Ceará e recentemente neste estado, contra um dos mais distintos sacerdotes do clero brasileiro, o Rvd. Padre Cícero Romão Baptista, cuja vida tem sido um verdadeiro apostolado de sacrifícios, humildades e caridade.⁴⁶²

No segundo parágrafo, acusa a Igreja de aceitar milagres idênticos ao de Juazeiro em países europeus como a Itália e Portugal, enquanto no Brasil, além de não acolher tais milagres “[...] bane-se do território um virtuoso sacerdote, já velho e alquebrado, jogando [...] sobre a cabeça de um venerando sacerdote, verdadeiro apóstolo da fé cristã, as maiores injustiças, as mais cruéis ingratidões, negando-se-lhe até a defesa”.⁴⁶³

Ao reportar-se às punições e censuras sofridas pelo padre Cícero por parte da Igreja, ressalta que tudo sofreu sem “[...] uma reclamação contra seus perseguidores [...]”, atribuindo a ele qualidades como resignação, humildade, paciência evangélica.

Privado de todas as ordens sacerdotais e ultimamente desterrado, é sempre o mesmo homem, cheio de fé e bondade, conquistando dia a dia a estima pública, pelos inúmeros benefícios que com mãos prodigas espalha no seio da humanidade.

Por mais humilde e modesto que procura viver no mundo, o espírito de gênio da caridade, que é para ele um evangelho de piedade e dedicação, se nos apresenta com um encanto particular, assumindo no nosso espírito e em nosso coração proporções gigantescas.

A sua humildade é uma grandeza diante dos nossos olhos, que se deslumbram ao brilho santo de suas obras.

É que vivendo sempre segundo o espírito de Deus, enche-se de fulgor e majestade, cativa, arrasta, consola e extasia.

Deduz-se que há uma exaltação exacerbada da personalidade do padre Cícero, descrevendo-o como um indivíduo provido de dons especiais, que somente os escolhidos e iluminados por Deus possuem, reservados aos santos e mártires.

⁴⁶² N° 225, 7/10/1897, p. 03.

⁴⁶³ Diário de Pernambuco, N° 212, 22/09/1897, p. 02.

Outro trecho bastante significativo da narrativa realça a relação entre o sacerdote e a população sertaneja, afirmando que o povo cultiva pelo sacerdote um amor verdadeiro.

[...] não conseguindo os desumanos perseguidores arrancá-lo da alma do povo, que é sempre grande, nobre e generosa, recorrem agora ao poder civil, procurando envolve-lo no sedicioso movimento dos sertões da Bahia, como um comparsa do especulador e nefasto Antônio Conselheiro.

O texto é finalizado com a apresentação de documentos como provas comprobatórias de que o sacerdote nada tem a ver com as acusações amplificadas na imprensa. Trata-se de uma

[...] resposta aos dirigidos pelo digno e ilustre governador deste Estado e Exmo. Bispo diocesano, são um desmentido formal, àquele aleivoso boato e ao mesmo tempo uma apoteose merecidamente tributada ao padre Cícero, afirmando-se clara e positivamente o elevado conceito de que goza ele entre todos que o conhecem, a estima pública de que é credor e a confiança que inspira por essa índole pacífica, obediência às leis do país e respeito aos princípios da autoridade.

Abaixo do artigo são publicados vários telegramas de juizes, delegados e políticos que, endereçados ao governador de Pernambuco e ao bispo de Olinda, comprovam o caráter pacificador e ordeiro do sacerdote, ao mesmo tempo em que ratifica que Cícero é contrário ao que ocorre em Canudos.

Destaca-se entre os documentos um abaixo-assinado subscrito por políticos, autoridades judiciais e militares, eleitores comuns, num total de aproximadamente de setenta nomes, em que declaram:

Os abaixo assinados em nome do povo veem mui respeitosamente levar ao conhecimento V. Exc.^a que o Revdo. Padre Cícero, forçado deixar Juazeiro aqui se acha; sendo inteiramente destituído fundamento qualquer auxilio revolta Canudos. Testemunhas particulares sua vida pacífica, respeito autoridades, obediência lei, jamais promoverá qualquer agitação popular hostil governo.

Aqui como qualquer território tem sido e será elemento ordem, paz tranquilidade quer como particular quer como sacerdote modelo vivendo sempre segundo espírito Deus.

Espero V. Exc.^a. Confiará nossos protestos sustento qualquer procedimento contra mesmo. Sinceras Saudações –

Durante o tempo em que esteve exilado, o padre Cícero presta juramento de fidelidade à Igreja e lealdade à Constituição Republicana Brasileira, mobilizando em sua defesa homens da elite sertaneja e políticos influentes como o governador de Pernambuco, dr. Joaquim Correia Lima, que, a partir desse momento, torna-se aliado do sacerdote e principal colaborador no empreendimento de viajar a Roma, dando-lhe suporte financeiro com uma considerável quantia em dinheiro.⁴⁶⁴

Dessa forma, Cícero aproxima-se cada vez mais do campo político, ainda que não seja recomendável afirmar que, naquele momento específico, essa era sua área de atuação, uma vez que acreditava ser possível reverter a posição da Igreja com relação aos fatos de Juazeiro e sua condição sacerdotal, falando diretamente com superiores em Roma.

2.2.11 “PADRE CÍCERO VENCIDO, MAS NÃO CONVENCIDO”: A Viagem a Roma

Enquanto permaneceu em Salgueiro, seus aliados em Juazeiro se encarregaram de preparar a viagem à Cidade Eterna. Coube a José Marrocos a incumbência de organizar a documentação em italiano, enquanto José Lobo⁴⁶⁵ assumiu a tarefa de recolher nas câmaras de vereadores, com prefeitos das cidades vizinhas, coronéis, etc., mais documentos e declarações sobre a conduta moral e civil do sacerdote.

Em fevereiro de 1898 Cícero parte para Roma⁴⁶⁶. A travessia pelo sertão foi motivo de festa para o povo sertanejo, ricos e pobres o acompanhavam prestando homenagens e o aclamando como um verdadeiro santo.

A imprensa, como já vinha acontecendo, o acompanha *pari passo*. Jornais do Brasil publicam:

⁴⁶⁴ Della Cava, 2014, p. 148.

⁴⁶⁵ Sr. José Joaquim de Maria Lobo, fazendeiro, advogado provisionado, professor primário, inspetor escolar, promotor de justiça, vereador, jornalista com aspirações a literato, tenente-coronel da Guarda Nacional da Comarca. Chegou em Juazeiro em 1894, passando a trabalhar incansavelmente em defesa dos fatos sobrenaturais. Segundo Della Cava, sua principal tarefa consistia em organizar os moradores da aldeia e da região, dispersos e politicamente inconscientes, tornando-os instrumentos viáveis em prol do padre Cícero. (Ibid., p. 134-35)

⁴⁶⁶ Segundo Otacílio Anselmo (1968, p. 233/-234), José Marrocos desenvolveu forte campanha publicitária em Roma a favor dos fatos do Juazeiro publicando, inclusive, um folheto em italiano intitulado: “Quem fez pretensos os Milagres do Juazeiro”. Infelizmente não tive acesso ao folheto.

Curitiba, Paraná

[...] Vindo de Juazeiro, partiu para Pesqueira com destino a esta capital o Padre Cícero, acompanhado de milhares de pessoas, sendo saudado nas localidades por onde passa.⁴⁶⁷

Salvador, Bahia

Vindo do alto sertão e com destino a Roma, o padre Cícero, ex-vigário de Juazeiro, no Ceará, sempre acompanhado de numerosíssimo grupo de sertanejos que o seguiu até próximo às portas d'aquela capital.⁴⁶⁸

Rio de Janeiro

The fanatic Padre Cicero accompanied by a large following, is said to have arrived at Pernambuco on the 3rd inst.⁴⁶⁹

Recife - Chegou aqui hoje o padre Cícero, celebre em todo o sertão por milagres que lhe atribuem os fanáticos. Estes o acompanharam em grande grupo até as proximidades da cidade. O padre Cícero pretende ir a Roma.⁴⁷⁰

O embarque para Roma se iniciou em Recife no dia 11 de fevereiro, conforme notícia o *Diário de Pernambuco*: “[...] Saindo para Europa no vapor italiano “Rio de Janeiro”: Padre Cícero Romão Baptista [...] João Dom da Silva”.⁴⁷¹

Chegando à Cidade Santa no final de fevereiro, somente dois meses depois, em abril, apresenta-se ao Santo Ofício. Barros⁴⁷² registra que no documento de apresentação justifica sua demora dizendo estar doente. Neste documento se apresenta como

Um sacerdote pobre, com obrigação de prover o sustento de mãe e irmãos doentes. Relata as punições sofridas, faz declaração de inocência em qualquer crime afirmando acatar qualquer determinação do Santo Ofício.

⁴⁶⁷ A República (PR), Ano XIII, Nº 27, 03/02/1897, p. 01.

⁴⁶⁸ Jornal de Notícias - BA, Nº 5429, 09/02/1898, p. 01.

⁴⁶⁹ The Rios News - RJ, Nº 06, 08/02/1898, p. 04.

⁴⁷⁰ A Notícia - RJ, Ano V, Nº 34, 05/02/1898, p. 01.

⁴⁷¹ Último amigo que o acompanha na viagem. Também esteve com o sacerdote em Roma seu fiel escudeiro e defensor, José Joaquim de Maria Lobo, porém, só se juntou aos dois em abril. (Nº 32, 11/02/1898, p. 03)

⁴⁷² A Notícia - RJ, Nº 32, 11/02/1898, p. 03.

A imprensa acompanha sua saga na Cidade Eterna. Em uma notícia reproduzida do periódico recifense *Jornal do Commercio*⁴⁷³, o *Diário de Pernambuco*, em 26 de abril, informa:

O padre Cícero Romão Baptista, que tão conhecido é no Brasil pelo papel que representou e representa em relação aos falados e discutidos milagres do Juazeiro no Ceará, por Maria de Araújo – uma vidente que apresentava estigmas e ao contato da língua e partícula sagrada, na comunhão, transformava-se em sangue; o padre Cícero, que foi suspenso do exercício de certos misteres da Igreja por desobediência ao diocesano e ao Papa, que não reconheceu o característico do milagre aos fenômenos observados, segue já meses para Roma, a conselho do Bispo de Olinda e ai se acha esperando uma audiência de Leão XIII.

Consta-nos que, no dia 21 de março, tendo obtido um bilhete de entrada do mordomo do Vaticano, consegue ver o santo Padre no consistório solene, onde foram preconizados 74 novos bispos.

Certas influências da Igreja pretendem reconcilia-lo com os superiores, aos quais desobedecerá, não sendo mesmo impossível que a Sagrada Inquisição tome de novo conhecimento do processo dos fatos do Juazeiro.⁴⁷⁴

Alguns elementos narrativos são importantes de se analisar. Na primeira parte da notícia é atribuído ao padre Cícero o papel de protagonista na defesa dos fatos do Juazeiro, sendo mencionadas, inclusive, as punições sofridas nesse sentido, enquanto a beata Maria de Araújo é apresentada como uma “vidente”.

Ao narrar a forma e as condições através das quais o padre Cícero conseguiu chegar ao Vaticano - através de um “bilhete do mordomo” –, sugere-se certa falta de prestígio e de reconhecimento do sacerdote entre o clero romano. Sendo ele um padre enredado num conflito eclesiástico de grande repercussão na imprensa brasileira, o fato de ter acesso a uma solenidade oficial pelas mãos de um serviçal é muito interessante, é como se ele entrasse no recinto pela porta de serviço.

Enfim, o terceiro elemento diz respeito à sua relação no meio eclesiástico. Primeiro, ressalta-se que o sacerdote foi a Roma aconselhado pelo bispo de Olinda e segundo, afirma-se que “influências da Igreja” atuavam na sua reconciliação com a hierarquia, considerando,

⁴⁷³ O *Jornal do Commercio* publicado em Recife se autodenominava como um diário apolítico. Iniciou sua circulação em 02 de março de 1892. O cearense Clovis Beviláqua foi um dos seus principais redatores. Para mais detalhes, cf.: NASCIMENTO, Luiz do. *História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954)* – Vol. II – Diários do Recife – 1829/1900. Imprensa Universitária – Universidade Federal de Pernambuco, PE:1966, p. 330. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4gw3m6z>. Não consta na BNHD.

⁴⁷⁴ *Diário de Pernambuco* – PE, Nº 91, 26/04/1898, p. 02.

inclusive, uma reavaliação sobre os fatos do Juazeiro, algo que leva a crer que nem toda a estrutura eclesiástica era contrária ao sacerdote.

Durante os dez meses que ficou em Roma, além das atividades turísticas como visitar igrejas, basílicas e museus,⁴⁷⁵ o padre Cícero cumpriu uma extensa agenda oficial. Foi interrogado pelo Santo Ofício cinco vezes (28/04; 02, 03, 10 e 12/05), acompanhou o interrogatório dos amigos, teve encontros importantes com congregações e autoridades eclesiásticas. Toda essa intensa movimentação era acompanhada através da publicação de cartas enviadas para personalidades cearenses que as replicavam nos jornais.

PADRE CÍCERO – A *Verdade* publicou o seguinte trecho de uma carta de Roma para o ilustrado médico dr. Guilherme Studart:
 “Aqui se acha o padre Cícero Romão Baptista. Já tendo sido interrogado pelo Santo Ofício. Nada está decidido, mas sua submissão é incondicional ao Santo Ofício e ao seu prelado.”⁴⁷⁶

Depois dos interrogatórios e da análise da extensa documentação, o Santo Ofício de Feira IV emite, em 17 de agosto, um decreto determinando que “[...] seja absolvido o reverendo senhor Cícero das censuras que de algum modo tenha ocorrido, e seja despedido com grave advertência e com proibição de falar e escrever sobre coisas do Juazeiro e outras semelhantes”.⁴⁷⁷

No documento, o Santo Ofício ratifica a condenação dos fatos do Juazeiro, porém, absorve, mesmo que parcialmente, o sacerdote das penalidades sofridas, exigindo obediência irrestrita ao seu superior e aconselhando-o a mudar de diocese.

Mesmo que a decisão do Santo Ofício não tenha sido uma absolvição plena, Cícero a comemorou como uma vitória escrevendo ao bispo do Ceará, comunicando-lhe que se viu “[...] absolvido das censuras que pudessem ter incorrido e [...] dado a faculdade de celebrar o Santo Ofício da missa e de voltar para casa”.⁴⁷⁸

Antes de voltar ao Ceará realiza o sonho de encontrar-se com o Papa. O encontro ocorreu em 06 de outubro numa sala do Vaticano e durante uma breve entrevista recebe a benção papal e alguns presentes, registrando no seu breviário: “[...] Hoje tive audiência com

⁴⁷⁵ Em carta enviada ao seu amigo Joaquim Secundo Chaves, do Crato, o padre Cícero cita alguns lugares que conheceu. Essa carta está publicada no livro do padre Azarias sobreira, 1969, p. 102.

⁴⁷⁶ Jornal de Recife, Nº 173, 06/08/1898, p. 02.

⁴⁷⁷ Anselmo, 1968, p. 236.

⁴⁷⁸ Casimiro, 2012, p. 762.

Santo Padre [...] lhe ofereci um rosário de ouro da Santíssima Virgem e ele benzeu os dois crucifixos que intencionei dar ao meu bispo d. Joaquim e a d. Manuel, bispo de Olinda”.⁴⁷⁹

Como acontecera na viagem de ida, o retorno ao Ceará foi amplamente noticiado, se acreditando que as misteriosas questões de Juazeiro estariam resolvidas. Uma publicação do periódico católico cearense *A Verdade*, foi reproduzida por jornais de outras províncias, comunicando:

PADRE CICERO ROMÃO BAPTISTA

No vapor *Olinda* que fundeu em nosso porto no dia 12 de novembro, veio o rev. Padre Cícero, que há dias se achava hospedado na cidade do Recife, vindo de Roma.

O ilustre sacerdote depois de ter prestado inteira obediência à Santa Sé, com relação aos fatos do Juazeiro, veio submeter-se inteiramente e sem restrição ao Exma. e Rev.^{mo}. Sr. Bispo Diocesano.

Devendo ficar por uma vez terminada tão malfada questão.⁴⁸⁰

Chegando a Fortaleza dia 12 de novembro, apresenta-se ao bispo Dom Joaquim, que não acata as determinações do Santo Ofício exigindo que o sacerdote se afaste de Juazeiro. Em 26 de dezembro, mais uma carta pastoral é divulgada sobre os fatos extraordinários, não contando com repercussão na imprensa.

Segundo Paz⁴⁸¹, na sua nova epístola dom Joaquim culpa o padre Cícero pela continuidade das romarias, referindo-se a Juazeiro como um reduto de seitas.

Não mais se debruçando sobre a questão religiosa afloram na imprensa narrativas relacionadas à situação social de Juazeiro. Em 17 de abril, o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro transcreve a notícia de um jornal do Ceará, *O Estado*, informando:

Pessoa fidedigna e da maior honorabilidade, que acaba de chegar do Cariri, nos informa que em ponto algum do Estado há desolação que possa se assemelhar à do Juazeiro, tão lamentável e desesperadora é a situação da

⁴⁷⁹ Oliveira, 1989, p. 114.

⁴⁸⁰ Cidade de Salvador - BA, Nº 508, 08/12/1898, p. 01.

⁴⁸¹ PAZ, Renata Marinho. *As Beatas do Padre Cícero: Participação feminina leiga no movimento Socioreligioso de Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte, Ed. IPESC/URCA, 1998. Para onde sopra o vento: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011. Coleção do Centenário. 2011, p. 121-122.

população que ainda estaciona ali, sitiada pela fome e retraída forçosamente pela nudez.

Nos informou que contrista e compunge ao espírito mais refratário a emoções dolorosas o que observa-se na estrada do Juazeiro para o Crato. Caravanas de famintos, verdadeiros esqueletos cobertos de andrajos, suplicam, de joelhos, um bocado que lhes mitigue a fome ao viajante que encontram. Quando esses grupos de famintos chegam ao Crato invadem as casas, pedindo comida e a caridade particular está esgotada.

O Juazeiro, como nos assevera o nosso criterioso informante, é um cemitério.

A maior parte das casas já estão desabitadas e muitas já em ruínas pelo inverno copioso que tem havido.⁴⁸²

A campanha desenvolvida na imprensa brasileira e europeia ao longo de dez anos não foi suficiente para convencer a hierarquia da Igreja Católica de que ali, no pequeno povoado de Juazeiro, Jesus manifestava-se para a salvação da humanidade como muitos acreditavam. No entanto, transformou o padre Cícero num dos homens mais conhecidos do sertão e o seu lugar, numa “Nova Jerusalém”.

Com todas as proibições feitas e punições aplicadas, as romarias a Juazeiro não cessaram, o padre Cícero não o abandonou e nem a beata, que passou a residir em sua casa.

Impedido de exercer o sacerdócio em sua plenitude, sem espaço na hierarquia, porém, adorado por milhares de sertanejos que o tornaram santo em vida, amigo de políticos influentes, aliado de coronéis e potentados da região, o padre Cícero, no limiar do século XX, torna-se um dos maiores líderes do sertão brasileiro. Sua saga não se conclui aqui. Essa é apenas a primeira etapa da construção do “Patriarca do Sertão”.

⁴⁸² Jornal do Commercio, Nº 106, 17/04/1899, p. 03.

3 SEGUNDA PARTE - NA RELIGIÃO, SANTO! NA POLÍTICA, CORONEL:

narrativas e representações do padre Cícero político

“[...] assentei, querendo Deus, viver desconhecido e reservado até quando Nosso Senhor fizer-me a caridade de chamar-me”.⁴⁸³

A citação supramencionada trata-se do trecho de uma carta na qual o padre Cícero, ao escrever para sua mãe em 18 de maio de 1898 da longínqua Roma, entre outros assuntos manifesta o desejo de manter-se no anonimato, vivendo de forma discreta e reservada. Porém, a dimensão da repercussão dos fatos extraordinários do Juazeiro tanto na oralidade, quanto na imprensa e, conseqüentemente, a crença que mantinha nesse sentido e a defesa que fazia dos acontecimentos até as últimas conseqüências, marcaram de forma indelével sua vida transformando-o num dos mais conhecidos e controversos sacerdotes do Brasil.

A instauração do debate em torno daqueles acontecimentos nas últimas décadas do século XIX privou o padre Cícero de manter-se reservado inserindo-o no cerne do debate jornalístico, ensejando a produção de sentidos e representações a partir de um movimento pendular entre o bem e o mal, o certo e o errado, o anjo e o demônio, o fanatizador e o orientador espiritual, conforme discutido nos dois capítulos anteriores.

Embora manifestasse o desejo de ficar recluso, por assim dizer, o padre Cícero demonstra estar ciente de que o assunto estava longe de ser resolvido. Na mesma carta, ao comunicar à sua mãe que lhe foi permitido celebrar e voltar para casa, assim se expressa: “[...] muito temo que quando aí chegar, novas tempestades façam de novo cair sobre mim”.⁴⁸⁴

O temor do sacerdote não era em vão. Os anos seguintes lhe trariam muito mais barulho, polêmica e publicidade exacerbada. Ao decidir ingressar no mundo da política partidária no final da primeira década do século XX, o padre Cícero torna-se um dos mais fortes e influentes políticos do Ceará com projeção nacional assumindo cargos políticos de relevância, com atuação decisiva em eleições fechando acordos e, principalmente, participando de uma guerra civil ocorrida entre dezembro de 1913 e março de 1914, configurando-se num dos mais violentos conflitos armados da história do Ceará.

Nesse momento, as narrativas sobre o padre Cícero passam a agregar além dos aspectos religiosos as intrigas e polêmicas inerentes ao mundo da política partidária,

⁴⁸³ SOBREIRA, Azarias. *O Patriarca de Juazeiro*. Petrópolis: Editora Vozes, 1969, p. 99-100.

⁴⁸⁴ *Ibid.*, p. 100.

construindo em torno do sacerdote representações que vão de “padre santo/fanatizador” a “padre politiquero/coronel”.

A segunda parte, como a primeira, está dividida em dois capítulos com análises focadas nas notícias, manchetes, imagens, charges, poesias, enfim, reúne um arcabouço de narrativas acerca da atuação política do padre Cícero com o intuito de compreender a construção e consolidação das representações múltiplas e ressignificações do personagem enquanto um “acontecimento jornalístico”.

Nessa direção, algumas indagações poderão melhor articular a linha de pensamento proposta: Que articulações políticas do sacerdote o tornaram o alvo principal da imprensa? Até que ponto esta contribuiu para a consolidação de representações do padre Cícero como cangaceiro e coronel?

3.1 TERCEIRO CAPÍTULO - DA POLÍTICA DO PADRE AO PADRE POLÍTICO: narrativas e representações da atuação do padre Cícero na política partidária

Embora tenha vivido no seio de uma família com significativa atuação política, o padre Cícero sempre declarou que nunca desejou ser um político. Entretanto, na segunda década do século XX filiou-se a um partido e assumiu cargos políticos, tornando-se, desde então, uma das mais atuantes e influentes personalidades políticas do Brasil.

Como se deu a transição de uma política de neutralidade⁴⁸⁵ exercida pelo padre Cícero até 1910 para a de um padre com prestígio e forte ação política partidária e como a imprensa passou a narrar e representar essa sua nova fase, é o objetivo central desse capítulo.

3.1.1 POUCAS PALAVRAS, MAIS TRABALHO: padre Cícero na imprensa na primeira década do século XX

O significativo e intenso debate jornalístico travado nas duas últimas décadas do século XIX em torno dos fatos extraordinários do Juazeiro e, conseqüentemente, do padre Cícero, arrefeceu. Em uma notícia aqui, outra acolá, surge o nome do sacerdote sempre associado a grupos e manifestações religiosas, por exemplo, a notícia publicada no jornal *Correio da Manhã*:

CEARÁ
FORTALEZA, 7

- Conforme noticia, numa local de hoje, o “Republicano”, surgiu no município de Crateús um bando de fanáticos que obedece ao padre Cícero, sob a chefia do Frei Pedro Negro Mernoca (sic).⁴⁸⁶

Outras, ainda, relatam suas atividades como sacerdote, conforme notícia publicada no jornal *Diário de Pernambuco* acerca de uma viagem que fez à cidade de Cabrobó (PE) e ao

⁴⁸⁵ Della Cava, op. cit., p. 172.

⁴⁸⁶ Correio da Manhã – RJ, N° 880 – 08/11/1903, p. 01.

povoado de Bambu (capim Grosso/BA), lá permanecendo entre os dias 20 de dezembro de 1902 a 07 de janeiro de 1903 celebrando a Missa de Natal, festas de padroeiro e de Reis.⁴⁸⁷

Especificamente sobre os fatos do Juazeiro alguns artigos foram publicados em colunas pagas. O primeiro, de autoria de José Joaquim de Maria Lobo foi veiculado no jornal *A Província* em agosto de 1903 intitulado “Ainda o bispo e o padre Cícero”,⁴⁸⁸ contendo um protesto contra o que chama de “perseguição” do bispo do Ceará ao sacerdote.

Outros dois artigos são publicados pelo narrador dos milagres, o jornalista José Marrocos. O primeiro deles foi divulgado em dois periódicos: *Jornal do Ceará* – CE, Nº 698, 10/10/1907, p. 2 e *Jornal do Commercio* – RJ, Nº 302, Quarta-feira, 30/10/1907, p. 6. Com o título “A verdade na História”, Marrocos, novamente usando o pseudônimo *Tácito*⁴⁸⁹, rebate as acusações feitas pelo escritor Euclides da Cunha no seu livro *Os Sertões* e defende o padre Cícero, dizendo:

Em vossa imorredoura obra, Exmo. Sr. – “Os Sertões” – 3ª edição, à pagina 358, lê-se: “em Juazeiro, no Ceará, um heresiarca sinistro, o padre Cícero, conglobava multidões de novos cismáticos em prol do Conselheiro.”
Injustiça clamorosa! Inverdade horripilante! O padre Cícero, nunca foi heresiarca. Nunca cometeu erro algum contra os ensinamentos da Igreja. [...] O padre Cícero tem sido, não um *heresiarca sinistro*, mas um anjo da paz nos calamitosos tempos que vamos atravessando.⁴⁹⁰

Em 1909 volta à imprensa com a publicação do artigo “Quem fez os pretensos milagres do Juazeiro”⁴⁹¹, valendo-se do pseudônimo de José de Arimateia.⁴⁹² No texto,

⁴⁸⁷ Diário de Pernambuco, Nº 34, 11/02/1902, p. 02. A publicação dessa notícia tem importância histórica, uma vez que mostra o padre Cícero em plena atividade sacerdotal, comprovando não estar ele suspenso totalmente de suas ordens.

⁴⁸⁸ *A Província* – PE, Nº 179, 11/08/1903, p. 02.

⁴⁸⁹ Públio Cornélio Tácito ou Caio Cornélio Tácito (56 –117 d.C.) foi um senador e historiador romano.

⁴⁹⁰ *Jornal do Commercio* – RJ, Nº 302, 30/10/1907, p. 06.

⁴⁹¹ *A Província* – PE, Nº53, 07/03/1909, p. 02.

⁴⁹² Segundo os evangelistas, José de Arimateia, na época da crucificação de Jesus, era um homem rico e membro do Sinédrio. Embora não declarasse ser seguidor de Jesus, solicita a Pilatos o seu corpo e, uma vez atendido, envolve-o num lençol limpo. Com a ajuda de Nicodemos, deposita-o no sepulcro de sua propriedade, lugar que ninguém antes havia utilizado. Ver: Mc. 15,43; Lc. 23,50, Mt. 27,57-60, Mc. 15,42-46, Lc. 23,50-53 e João 19,38-42.

responde à notícia divulgada no jornal *Cruzeiro do Ceará*, Nº 18⁴⁹³, afirmando tratar-se de uma “Informação e testemunho da verdade ao sr. Nicodemos”.⁴⁹⁴

Além das notícias e artigos relacionados ao sacerdote, vale informar que o padre Cícero busca manter-se ausente das intrigas políticas que marcaram o Cariri naquele período. Para Della Cava, essa ausência constituía uma estratégia adotada com o intuito de reaver sua “[...] reintegração clerical e sua maneira de ver o Juazeiro como uma cidade de Deus”. Nesse sentido, continua, mantinha uma “[...] política de neutralidade” sem, contudo, excluir “[...] o esforço do Patriarca em pacificar as disputas políticas existentes no Cariri”.⁴⁹⁵

A aparente invisibilidade na imprensa é rompida em 1909, quando o padre Cícero empreende uma viagem ao Rio de Janeiro com o intento de articular a instalação de uma diocese no Cariri.⁴⁹⁶

3.1.2 EM BUSCA DE UMA DIOCESE PARA O JUAZEIRO: a viagem do padre Cícero ao Rio de Janeiro em 1909

Desde 1907, quando tomou conhecimento da intenção da Igreja Católica de criar uma diocese no interior do Ceará, o padre Cícero articulou-se com autoridades religiosas e pessoas influentes no intento de trazer para Juazeiro o pretendido novo bispado. Uma dessas pessoas foi o Dr. Leandro Bezerra Monteiro⁴⁹⁷, natural do Crato, mas residente em Niterói – RJ. Num artigo sobre o dr. Leandro Bezerra, publicado no jornal *O Fluminense*, consta que:

⁴⁹³ Não tive acesso a essa publicação, pois, o referido jornal não consta no site da BNHD.

⁴⁹⁴ Não é possível afirmar que se refere a Nicodemos, considerando não ter sido encontrado o artigo mencionado por Marrocos. Porém, é possível deduzir que se trata do pseudônimo do bispo dom Joaquim ou do padre Tabosa, que, nesse período desenvolveu uma forte campanha contra o padre Cícero. Nicodemos foi contemporâneo de Jesus, era um fariseu e uma autoridade entre o povo judeu. Foi ele que, após a crucificação, ajuda José de Arimateia na preparação do cadáver de Jesus para o enterro (João 19:39-42). Em um dos encontros de Nicodemos com Jesus, este lhe disse que para entrar no reino do Céu precisava nascer de novo (João 3:3-4) e esse renascimento, esclarece Jesus, seria um nascimento espiritual.

⁴⁹⁵ Della Cava, 2014, p. 172.

⁴⁹⁶ Desde a publicação do Decreto 119-A determinando o fim do padroado e estabelecendo a liberdade de culto no Brasil, a Igreja Católica Apostólica Romana deu início ao processo de reforma e reorganização eclesial. Um dos pontos cruciais era a criação de novas dioceses. Para mais detalhes, conferir o artigo *Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: as relações entre Estado e Igreja na Primeira República (1889-1930)*, Rev. Bras. Hist. [online]. 2012, vol. 32, n. 63, p. 143-170. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxffsqhk> Acesso em: 18 jun. 2018.

⁴⁹⁷ Segundo Della Cava, Leandro Bezerra Monteiro (1826-1911) era um católico conservador que, “[...] em virtude de seus íntimos contatos com a hierarquia brasileira de Niterói e do Rio, assim como o único apostólico em Petrópolis, tornou-se, apesar de sua avançada idade, o maior defensor no Sul da nova diocese no Cariri”. (2014, p. 411)

[...] Ultimamente Leandro Bezerra Monteiro acha-se empenhado, secundando os ingentes esforços do virtuoso sacerdote padre Cícero Romão Baptista, seu particular amigo na criação de um bispado que tenha por sede a cidade do Crato.⁴⁹⁸

A viagem do padre Cícero ao Rio de Janeiro começa com sua saída do Juazeiro em 24 de abril. Em Fortaleza, organiza-se um movimento de recepção e pessoas são convidadas para o evento: São “[...] distribuídos boletins convidando para receber amanhã o padre Cícero Romão, celebre pelos seus milagres em Juazeiro, onde reúne milhares de fanáticos”.⁴⁹⁹

É importante destacar que a nota sobre a chegada do padre Cícero na capital cearense publicada num jornal do Rio de Janeiro, ressalta a fama que conquistou advinda do que chama “milagres do Juazeiro”, referindo-se aos romeiros como “fanáticos”. Outro jornal, dessa vez de Manaus, informa que o sacerdote foi “[...] recebido na *gare* Central por vários amigos e compacta multidão que o acompanharam até o hotel *Brasil*, onde ficou hospedado”.⁵⁰⁰

O padre Cícero permanece em Fortaleza por 15 dias cumprindo uma exigência do bispo diocesano, d. Joaquim, de participar do retiro anual do clero.

Em 17 de maio, embarca no paquete *S. Salvador* com destino ao Rio de Janeiro, tendo como companheiro de viagem o padre Vicente Sother de Alencar. No mesmo paquete viajou o general Marques Porto e o engenheiro Hargreaves Capanema.⁵⁰¹

No dia 22, ao passar por Maceió, o sacerdote é entrevistado pelo periódico *Gutenberg*, que publicou a seguinte notícia:

PADRE CÍCERO

Ontem, a bordo do paquete nacional *S. Salvador*, passou por esta cidade, em direção ao Rio de Janeiro, o rev. Sr. Padre Cícero Romão Baptista, virtuoso sacerdote católico, residente em Juazeiro, Estado do Ceará.

S. Rev.mo vai à capital Federal em busca de melhoras para sua preciosa saúde muito alterada pelos constantes trabalhos que tem tido em toda a vasta zona sertaneja, onde se faz sentir o seu benéfico e irredutível prestígio sempre posto em ação para favorecer às numerosas classes desfavorecidas dos meios de fortuna.

Não exageramos em dizer que o sr. Padre Cícero é o homem que mais influencia tem em todo o norte do Brasil [...].

⁴⁹⁸ O Fluminense (Niterói) – RJ, Nº 6662, 11/06/1907, p. 02.

⁴⁹⁹ Correio da Manhã – RJ, Nº 2848, 03/05/1909, p. 02.

⁵⁰⁰ Jornal do Commercio – AM, Nº 1845, 22/05/1909, p. 02.

⁵⁰¹ Jornal do Brasil – RJ, Nº 140, 20/05/1909, p. 15.

S. Rev.mo vai também ao Rio no interesse de criar mais uma diocese no Estado do Ceará; mas, disse-nos pessoa fidedigna, que ele não pretende ser o bispo.

O padre Cícero indicará um sacerdote distinto para a nova Mitra ou deixará a escolha ao alto critério da Santa Se.⁵⁰²

Destacam-se na notícia os motivos alegados para sua viagem: cuidar da saúde, debilitada em decorrência do trabalho e tratar da criação de uma segunda diocese no Ceará, ressaltando que o padre Cícero não pretende ser o bispo, mas intenciona indicar um nome.

Outro aspecto que merece ser sublinhado diz respeito à referência ao prestígio e poder do padre Cícero, qualificando-o como o “[...] homem de maior influência no norte do Brasil.” O jornal conclui a notícia declarando que prestará mais informações sobre o retorno do sacerdote afirmando que “[...] ficou de telegrafar diretamente ao *Gutenberg* por ocasião de seu regresso do Rio de Janeiro, pois deseja fazer uma visita à esta capital”. Enfim, informa que o padre Cícero foi bastante cumprimentado, elencando os nomes de algumas autoridades que estiveram no porto: “[...] Exmo. Sr. General Lydio Porto, 1º tenente dr. Jose Marques, 2º tenente Othon, Dr. Sylvio Moeda, Sres. Anchieta Gondim, João Brasileiro, Júlio Lopes e outros”.

Ao passar no porto de Recife, assim como no de Maceió, a imprensa pernambucana faz o registro replicando as motivações que o levam até a capital federal, com destaque para a sua flagrante notoriedade e poder perante a população sertaneja. Entre outras coisas, assevera que “[...] O esforçado sacerdote católico é de altura regular, aparentemente sadio e tem cerca de 50 anos de idade, simpático e de conversação agradável e fluente”.⁵⁰³

A sua viagem ao Rio é noticiada e anunciada na imprensa de todo o Brasil, com publicação desde pequenas notas a artigos de boas-vindas, conforme se vê no *Jornal do Brasil*, na página de anúncios. Trazendo como título o nome completo do sacerdote, o autor, ao anunciar sua breve chegada à capital federal, ressalta que:

[...] Não é um nome obscuro o desse humilde, mas muito inteligente e virtuoso sacerdote cearense que, vivendo no fundo sertão de sua terra, tem

⁵⁰² GUTENBERG – AL, Nº 107, 23/05/1909, p. 01.

⁵⁰³ O artigo é assinado apenas com a letra “M”, porém, ao fazer uma análise comparativa no tocante ao estilo da escrita e argumentação utilizada é possível aferir que o autor seja Manoel Rodrigues Monteiro, um cratense residente no Rio de Janeiro que escrevia para jornais do Ceará e da capital carioca. Mais adiante, serão mais bem detalhadas sua biografia e atuação jornalística. (Jornal Pequeno – PE, Nº 116, 26/05/1909, p. 02.)

discípulo por todo o Norte, onde é veneradíssimo a influência de seu apostolado e caridade.⁵⁰⁴

Referindo-se aos fatos de Juazeiro - que chama de “fenômenos maravilhosos” -, declara que quando a Santa Sé se pronunciou afirmando serem aqueles acontecimentos de causa puramente natural e não um milagre acatou a determinação da autoridade eclesial refugiando-se em Juazeiro. Nesse contexto repleto de polêmicas, informa: “[...] Maus elementos, entretanto, contra a opinião geral, fizeram partir daí uma perseguição aviltante contra o Padre Cícero, que os tem desarmado a todos, um por um, com a sua paciência verdadeiramente evangélica”.

Ainda sobre o sacerdote, destaca:

[...] é o anjo da paz nos sertões infestados de jagunços e cangaceiros e a sua presença poderia fazer levantar a mais estrondosa revolução no Norte. Fá-los mansos como cordeiros e tem evitado o extermínio de muitas famílias inimigas entre si, conciliando-os, há pouco em Pernambuco. Sem comparação o prestígio do Padre Cícero todo benéfico aliais é muitas vezes superior e mais poderoso do que o do malogrado Antônio Conselheiro em Canudos.

Conforme se pode constatar, a narrativa apresenta o padre Cícero como um símbolo da paz e da ordem numa atmosfera em que a violência é predominante. O sacerdote, por seu turno, com o prestígio e poder de que dispõe tem a capacidade de até promover “uma revolução”, entretanto, atua no sentido de evitar situações de confronto e se esmera para apaziguar conflitos.

Com relação à viagem do padre Cícero, num depoimento concedido ao jornal *A Notícia* no começo do conflito armado no Ceará em 1913, o dr. Marques Porto, companheiro do sacerdote durante sua excursão em 1909 até a cidade de Salvador, faz a seguinte narrativa:

A viagem do sacerdote foi um triunfo para o seu prestígio nos sertões, recebendo em todos os portos de escala, dos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas a mais estupenda e popular manifestação de apreço dos seus fieis. Ao chegar o navio a qualquer parte as

⁵⁰⁴ Jornal do Brasil – RJ, Nº 140, 20/05/1909 p. 15.

multidões corriam para as praias, aclamando o padre Cícero: o “santo padre Cícero”, o “pai dos pobres”, o “enviado de Deus”. Ao costado do navio atracaram botes e mais botes, e toda aquela gente, animada por uma crença sem limites, beijava as mãos, a batina do padre Cícero, o santo padre que fizera o milagre da hóstia e do sangue. Humilde, o sacerdote abençoava os seus crentes, recebendo os óbolos de uns para dar a outros, sem nada guardar para si.⁵⁰⁵

Após 11 dias de viagem, finalmente o padre Cícero desembarca no Rio de Janeiro em 28 de maio.⁵⁰⁶ A esse respeito, o *Jornal do Brasil*, na sessão “Hóspedes e Viajantes” informa:

- Chegou ontem do Ceará, no paquete “Olinda” o Rev. Padre Cícero Romão Baptista.

Foram a bordo busca-lo muitos amigos e pessoas de sua família entre os quais os Srs. Drs. Jose Geraldo Bezerra de Menezes; Jose Simões de Macedo e esposa; Irineu Nogueira Pinheiro; Antônio Ferreira Bragança; Padres Miguel Tavares Campos e Climério Correa de Macedo; Antônio e Quintão Correa de Macedo; D. Eroltides Correa de Macedo; Manuel Pinto Ferreira; Jeronymo de Mesquita Cabral pelo “B. Hebdomadário Católico”, representantes da União Católica Brasileira. Sres. Drs. Antônio Ferreira de Bragança, Jeronymo Monteiro Lopes e Uldarico Gabriel da Cunha Arantes. O Rev. Padre Cícero Romão Baptista logo depois de receber os cumprimentos dos que foram a bordo, desceu a terra indo hospedar-se na Rua Haddock Lobo.⁵⁰⁷

Padre Cícero permanece no Rio aproximadamente 20 dias, embarcando de volta a Juazeiro em 18 de junho. Durante o período de estadia na capital federal recebe licença especial para celebrar. Os despachos do arcebispado do Rio de Janeiro com data de 02 de junho são divulgados pelo jornal *Gazeta de Notícias*, em sua coluna “Vida Religiosa”:

⁵⁰⁵ A Notícia – RJ, Nº 297, 13-14/12/1913, p. 01.

⁵⁰⁶ Segundo notícia publicada n’O Commercio de São Paulo – SP (Nº 1033, 26/05/1909, p. 3), Dom Joaquim, bispo do Ceará, que estava na capital da Bahia, Salvador, chegou dia 27 de maio no vapor “S. Salvador”. Constata-se que o padre Cícero embarcara em Fortaleza nesse mesmo vapor, porém, chega ao Rio no Paquete “Olinda”, fato que nos permite conjecturar que tenha mudado de embarcação. Outro jornal, ao anunciar a chegada do bispo, ressalta que este “[...] foi recebido a bordo por alguns políticos daquele Estado e considerável número de sacerdotes católicos, inclusive o secretario cardeal Arcoverde”. (A IMPRENSA – RJ, Nº 535, 28/05/1909, p. 02).

⁵⁰⁷ Jornal do Brasil – RJ, Nº 149, 22/05/1909, p. 06.

- Aos Revs. Padre Vicente Sotero de Alencar⁵⁰⁸, Cícero Romão Baptista, Pedro de Andrea e Luiz Cláudio de Freitas Rosa, concederam-se as licenças pedidas da forma seguinte: ao primeiro e segundo, por 30 dias [...].⁵⁰⁹

De acordo com um artigo publicado dois anos após a viagem do padre Cícero em 1911, durante o período em que esteve no Rio aproveitou para “[...] visitar fábricas, estudar os progressos da lavoura e várias indústrias, voltando para o sertão carregado de instrumentos agrários e sementes, para distribuir com as classes trabalhadoras da imensa região onde é adorado”.⁵¹⁰

O sacerdote embarcou de volta a Juazeiro no paquete nacional *Pará*, tendo como companheiros de viagem o tenente Vicente Sother de Alencar, o general de brigada José Agostinho Marques Porto, o inspetor da 4ª Região Militar, Dr. Eduardo Sturdart, o juiz federal e deputado Euclides Barroso.

O periódico *O Paiz*, na coluna “Viajantes”, registra que compareceram ao porto Pharoux várias e distintas personalidades, entre as quais o “[...] deputado Gracho Cardoso, senador Jose Accioly, grande número de senadores e deputados da bancada cearense”.⁵¹¹ Ainda que o jornal afirme que tais indivíduos se fizeram presentes para prestigiar o general Marques Porto, certamente o padre Cícero, que não era um personagem desconhecido, manteve contato com eles.

O simples boato da passagem do sacerdote pelos portos das capitais atrai dezenas de pessoas desejosas de falar, tocar ou mesmo conhecê-lo. O jornal alagoano *Gutenberg* veicula algo nesse sentido: “[...] correndo o boato de que passaria ontem por esta cidade, à bordo do “Pará”, o rev. Padre Cícero, afluiu à ponte do desembarque grande número de pessoas no intuito de vê-lo”.⁵¹²

⁵⁰⁸ Vicente Sother de Alencar (25/08/1866 - 26/07/1946) nasceu em Assaré, sul do Ceará. Recebeu as ordens sacerdotais em 1891, em Fortaleza. Foi vigário de várias paróquias no Cariri e em Pernambuco. Em 1915, passou a residir no Crato onde passou a lecionar no Seminário São José assumindo a função de Vigário Geral da diocese daquela cidade. Entre 1929 e 1932, ocupou o cargo de Vigário Capitar da citada diocese em virtude da morte do bispo Dom Quintino. Cf.: SILVEIRA, Aureliano Diamantino. *Ungidos do Senhor na Evangelização do Ceará (1700 a 2004)*. Fortaleza Premium, 2004, p. 478; Texto do historiador Armando Rafael. Disponível em: <https://tinyurl.com/y42645z>. Historicamente, é oportuno ressaltar que o padre Vicente Sother de Alencar foi o acompanhante do padre Cícero nessa viagem, uma vez que estava presente e se fez testemunha dos fatos extraordinários do Juazeiro. Apesar de toda querela entre a hierarquia eclesiástica cearense e o sacerdote, nunca deixou de ser seu amigo.

⁵⁰⁹ Gazeta de Notícias – RJ, Nº 157, 06/06/1909, p. 07.

⁵¹⁰ O Paiz – RJ, Nº 9910, 21/11/ 1911 pág. 03.

⁵¹¹ O Paiz – RJ, Nº 9024, 19/06/1909, p. 03.

⁵¹² GUTENBERG – AL, Nº 133, 24/06/1909, p. 02.

O retorno do padre Cícero teve uma rota diferente da ida, embora essa não fosse a intenção do sacerdote. Àquela altura estava se desenhando no Cariri um sério conflito político⁵¹³ obrigando-o a desembarcar na Bahia, fazendo o percurso de Salvador a Juazeiro por terra. Impossibilitado de cumprir a promessa que fizera de no retorno do Rio permanecer alguns dias em Maceió, solicitou ao amigo e companheiro de viagem padre Vicente Sother de Alencar, que comparecesse à redação do jornal *Gutenberg* para apresentar uma justificativa. Em 26 de junho, o periódico publica uma notícia relacionada ao assunto:

No domingo teve o nosso redator-chefe o prazer da visita do Revmo. Sr. Padre Vicente de Alencar, companheiro, amigo e colega do Revmo. Padre Cícero Romão Baptista, virtuoso sacerdote que tantos benefícios há feito nos sertões nortistas.

Disse-nos, que é um sacerdote distinto pelos seus dotes intelectuais, que o Revmo. Padre Cícero não poderá vir, como pretendia, a Maceió, porque foi chamado com urgência para intervir com o seu conselho e a sua autoridade moral nos conflitos travados no Cariri, Missões Velhas, Barbalha e Crato municípios cearenses, fazendo-os cessar.

A fim de ganhar tempo, o bondoso padre Cícero saltou, como já noticiamos, na Bahia e d'ali seguiu, por terra, para o Ceará, penosa viagem que o velho sacerdote pretende fazer em oito dias.⁵¹⁴

É possível deduzir que a viagem do padre Cícero ao Rio de Janeiro tenha lhe rendido muito mais que uma articulação com os membros da Igreja no intento de trazer para Juazeiro uma nova diocese. Revelou ser o sacerdote um homem de prestígio e de reconhecimento público, aproximando-o do mundo da política.

⁵¹³ Em maio de 1909, Floro Bartholomeu, representando o Juazeiro, organiza uma aliança entre os chefes políticos dos municípios de Milagres, Missão Velha e Barbalha visando à deposição do Cel. Antônio Luís Alves Pequeno da prefeitura do Crato, fato que se apresentou como um desdobramento imediato dos conflitos pelas minas do Coxá e em longo prazo, pela hegemonia cratense na região. Na iminência de eclosão de um sangrento combate, o padre Cícero é chamado às pressas ao Cariri para conciliar e apaziguar a situação. Cf.: CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Cronologia da História Política do Juazeiro*. In: Barros, Luitgarde de Cavalcanti de Oliveira. *Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Joazeiro: autonomia político-administrativa*. Fortaleza: Editora Senac Ceará, 2012, p. 169; Della Cava, 2014, p. 185-186.

⁵¹⁴ GUTENBERG – AL, N° 134, 26/06/1909, p. 02.

3.1.3 AS PROEZAS DO BACHAREL AUGUSTO SANTA CRUZ E DO PADRE

CÍCERO: uma enigmática defesa do bacharel cangaceiro

O contexto sociopolítico caracterizado por violentas lutas pelo poder, cujos conflitos eram resolvidos à bala, não foi uma realidade exclusiva do Cariri cearense, mas de todo o sertão brasileiro. As oligarquias dominavam o cenário político mandando e desmandando a seu bel prazer.⁵¹⁵

Nas disputas coronelísticas do Cariri e até de cidades dos estados limítrofes, o padre Cícero atuava, muitas vezes, como mediador e apaziguador de conflitos familiares, políticos, de terra, etc.⁵¹⁶ Num desses embates, sua intervenção foi alvo de um acirrado debate na imprensa, rendendo-lhe interpretações equivocadas e acusações das mais variadas, surgindo, pela primeira vez, a pecha de “protetor de bandidos e cangaceiros”.

O confronto se deu numa localidade chamada Alagoa do Monteiro, na Paraíba.⁵¹⁷ Insatisfeito com determinações do presidente daquele estado, João Lopes Machado (1908-1912), o dr. Augusto de Santa Cruz Oliveira⁵¹⁸ invade a cidade com 200 homens armados, prende o prefeito, Pedro Bezerra e demais autoridades, provocando terror e pânico na população. Após a sangrenta luta, o bacharel refugiou-se em sua fazenda, Areal, mantendo os reféns sob seu poder. Com o auxílio do governo de Pernambuco⁵¹⁹, que enviou 240 praças e 10 oficiais, o governo da Paraíba invadiu a referida fazenda promovendo um intenso tiroteio compelindo-o a bater em retirada, porém, levando consigo todos os reféns.

A imprensa carioca acompanhou a contenda publicando telegramas enviados de Pernambuco e da Paraíba através de manchetes alarmantes: “O Dr. Augusto de Oliveira à

⁵¹⁵ Além das obras já citadas que tratam do tema, ver também: MELLO, Frederico Pernambucano de. *Guerreiros do Sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil*. 5ª ed. São Paulo: A Girafa, 2011.

⁵¹⁶ Um exemplo emblemático da característica de mediador de conflitos é o chamado “Pacto dos Coronéis”, documento assinado em Juazeiro em outubro de 1911 pelas principais lideranças políticas do Cariri no qual se comprometem, entre outras coisas, a firmar um acordo de paz entre si e manter fidelidade política ao presidente do Estado, Nogueira Accioly. Cf.: FARIAS, Alberto. *Pe. Cícero e a invenção do Juazeiro*. Brasília, 1994, p. 320-322; FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos: gêneses e lutas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 153; BARROS, 2014, p. 291.

⁵¹⁷ A narrativa do conflito é baseada no livro *Guerreiro Togado: fatos históricos de Alagoa do Monteiro*, escrito por Pedro Nunes Filho e publicado em Recife em 2011.

⁵¹⁸ Augusto de Santa Cruz Oliveira (1875- 1944) nasceu em Alagoa do Monteiro. Filho de João de Santa Cruz Oliveira (Coronel da Guarda Nacional, político influente e deputado provincial pelo Partido Liberal na 25ª legislatura - 1884/1885) e de Ormicinda Bezerra, sendo esta filha do Tenente Manoel dos Santos Bezerra, de tradicional família da vila de Alagoa do Monteiro na região do Cariri Paraibano. Graduado pela Faculdade de Direito de Recife em 1895, ascende ao cargo de promotor no mesmo Estado. Cf.: <https://tinyurl.com/yxugjxz6>; <https://tinyurl.com/yxq67aua>

⁵¹⁹ No estado de Pernambuco se encontravam em disputa as oligarquias Rosa e Silva versus Dantas Barreto. A primeira alia-se ao governo de João Lopes, enquanto a segunda apoia o Dr. Santa Cruz (NUNES FILHO, 2011, p. 213).

frente de cangaceiros sitiou uma vila – tiroteio e prisão”⁵²⁰; “Graves sucessos – prisão do promotor e prefeito de Alagoa Monteiro”⁵²¹; “Os sucessos de Alagoa Monteiro – Um telegrama do chefe de polícia – Atentados horrorosos – Os prisioneiros”;⁵²² “No Brasil ou na África? - Sátiro e Assino - Impunidade absoluta”.⁵²³

No primeiro momento do conflito, enquanto a maioria dos jornais cariocas limitava-se a publicar as notícias enviadas através de telegramas, o *Jornal do Commercio* e *O Paiz* abraçam a defesa do bacharel apresentando o caso como consequência da perseguição política empreendida pelo governo da Paraíba,⁵²⁴ qualificando o dr. Santana Cruz como um indivíduo de “[...] espírito culto, educado na ciência do direito [...]”. Ainda de acordo com os periódicos, “[...] conviveu por muito tempo com chefes do partido situacionista, merecendo deles demonstrações eloquentes de confiança”.⁵²⁵

Ao ser derrotado no confronto pelas tropas governistas, Santa Cruz pede asilo⁵²⁶ político ao padre Cícero que, prontamente, aceita. Acompanhado de seus cabras e capangas⁵²⁷ chega a Juazeiro em junho de 1911, ali permanecendo durante seis meses.

Durante esse tempo o padre intermedeia junto ao governo do Estado da Paraíba o pagamento de uma indenização ao bacharel pela destruição de sua fazenda.⁵²⁸ Cartas e telegramas são trocados entre o sacerdote e aquele no sentido de definir uma resolução para o grave conflito.

As negociações não avançam de forma satisfatória para ambos, uma vez que nenhum dos lados aceita a proposta oferecida. Para Nunes Filho, toda a negociação “[...] não passava

⁵²⁰ A Imprensa – RJ, Nº 1236, 11/05/1911, p. 05.

⁵²¹ A Imprensa – RJ, Nº 1242, 17/05/1911, p. 04.

⁵²² Jornal do Brasil – RJ, Nº 137, 17/05/1911, p. 08.

⁵²³ Gazeta de Notícias – RJ, Nº B00134, 15/05/1911, p. 02.

⁵²⁴ Jornal do Commercio – RJ, Nº 132, 12/05/1911, p. 11. Artigo intitulado “Política Paraibana”.

⁵²⁵ O Paiz – RJ, Nº 9734, 01/06/1911, p. 01.

⁵²⁶ Sobre as motivações e condições impostas pelo sacerdote em conceder asilo político ao bacharel e seu período de permanência em Juazeiro, cf.: NUNES FILHO, Pedro. *Guerreiro Togado: fatos históricos de Alagoa do Monteiro*. 2ª ed., Recife: FacForcm, 2011. p. 295-309.

⁵²⁷ Sobre o conceito de Cabras e Capangas, ver: CORTEZ, Ana Sara Ribeiro Parente. O cabra do Cariri cearense: a invenção de um conceito oitocentista. Tese de doutorado – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História Social, Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxqjahzv>

⁵²⁸ A proposta de compra da fazenda do Dr. Santa Cruz partiu do governo da Paraíba que, através do coronel Pedro Bezerra, ex-refém e prefeito de Alagoa do Monteiro, escreveu ao sacerdote acusando o bacharel de bandido e comunicando a intenção do governo. Após consultar Santa Cruz, padre Cícero responde informando que o preço pelas terras seria de 300 contos de réis. (NUNES FILHO, op. cit., p. 303-305).

de mera encenação, de um jogo de simulação com o objetivo de uma parte perceber a intenção da outra em relação aos próximos passos a serem dados”.⁵²⁹

À medida que o conflito se prolongava, o governo paraibano e a imprensa carioca cobravam do governo de Hermes da Fonseca uma intervenção no estado. Denunciando o estado de violência e vandalismo, estampavam manchetes do tipo:

GRAVES SUCESSOS NA PARAHYBA

O estado está ameaçado pelo vandalismo dos cangaceiros chefiados pelo famoso bacharel Santa Cruz – o governo da Paraíba tem a liberdade de pedir garantias à União⁵³⁰

A ESPERADA INVASÃO DA PARAIBA PELO BACHAREL CRUZ

[...] O presidente do Estado recebeu longos telegramas do padre Cícero de Juazeiro, no Ceará, a propósito da fala da invasão que o bacharel pretende tentar neste Estado.⁵³¹

O QUE É O SERTÃO DO BRASIL

Uma Vergonha. O Bacharel Santa Cruz e o Padre Cícero. Um Gesto da Máfia. “Ou dão-me 300 contos ou saqueio as populações!”⁵³²

COISAS INCRÍVEIS

AS PROEZAS DO BACHAREL SANTA CRUZ E DO PADRE CÍCERO:
A PARAIBA AMEAÇADA⁵³³

Há, em algumas das manchetes mencionadas, a insinuação explícita de que o padre Cícero associa-se ao bacharel nos atos violentos e ameaças de invasão, deixando o governo na difícil situação de decidir entre ceder, pagar a indenização solicitada ou ver a população saqueada.

É preciso ressaltar que os jornais assumem um lugar de fala, posto que são todos de oposição ao governo de Hermes da Fonseca. Levando em consideração que o padre Cícero, principal interlocutor entre as partes, era aliado político do homem forte do governo, o senador Pinheiro Machado e, portanto, integrante do próprio governo, a negativa de promover uma intervenção federal no estado paraibano soa para a imprensa oposicionista como conchavo político. Dito de outra forma parecia aos olhos da imprensa que não se queria

⁵²⁹ Ibid., p, 306.

⁵³⁰ Gazeta de Notícias, - RJ, Nº 310, Segunda-feira, 6/11/1911, p. 01.

⁵³¹ A Noite – RJ, Nº 96, 04/11/1911, p. 03.

⁵³² A Imprensa – RJ, Nº 1414, 05/11/1911, p. 03.

⁵³³ A Noite – RJ, Nº 98, 07/11/1911, p. 02.

contrariar o sacerdote cearense, nesse momento já constituído como uma das maiores lideranças políticas do sertão.

A considerável influência e poder político do sacerdote são narrados num longo artigo publicado no jornal *A Noite*,⁵³⁴ no qual se informa:

Os jornais publicaram um despacho telegráfico da Paraíba em que se fala de um enigmático telegrama enviado pelo padre Cícero, de Juazeiro, ao governo daquele Estado.

O referido sacerdote convidou o governo do Estado da Paraíba a comprar por trezentos e vinte e nove contos e pagar a boca do cofre, sem fugir nem mugir, todos os bens que o celebre Doutor Santana Cruz foi obrigado a deixar, na sua retirada para o Cariri; isso sob pena de ver o Estado invadido a ferro e fogo pelas hortas do Dr. Santa Cruz.

Na mesma reportagem, com a alegação de que precisa esclarecer o leitor sobre aquele “obscuro” caso, convida o Sr. M. R. Monteiro para prestar um depoimento a respeito do padre Cícero. Segundo o depoente,

[...] padre Cícero Romão Baptista representa hoje a maior força religiosa, política e social dos sertões do Brasil.

Do Cariri, onde mora, sua influência estendeu-se sobre aquelas populações, desde os recessos do Piauí até além das margens do S. Francisco, abrangendo os interiores do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba.

Em Alagoas, sobretudo, sua influência é preponderante e pode-se dizer que ali é a sede de seu poder.

Chefe espiritual e temporal da grande e prospera vila do Juazeiro, que ele ainda há pouco separou à força do município do Crato, é mais que um chefe político, mais que um vigário, mais que um bispo – é quase um profeta e a sua palavra é a “boa-nova”.

Seria longo explicar, minuciosamente, a origem e as causas deste extraordinário prestígio.

O autor da narrativa, Manoel Rodrigues Monteiro,⁵³⁵ é um cratense residente no Rio de Janeiro, jornalista com atuação em vários jornais, inclusive, n’O Paiz.⁵³⁶ De família

⁵³⁴ *A Noite* – RJ, N° 98, 07/11/1911, p. 02.

⁵³⁵ Nasceu no Crato em 13/12/1880. Ingressou nos seminários de Fortaleza, Mariana, Diamantina e do Rio Comprido, Estado do Rio. Estudou na França em 1904, onde começou a escrever artigos para o “Paris-soir”. Voltou ao Brasil em 1908. Formou-se em Direito e Farmácia, Foi correspondente da “Agencia Havas”, do Rio

tradicional e muito católica, é sobrinho do Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, um dos grandes defensores dos fatos extraordinários do Juazeiro.⁵³⁷ Embora não tivesse uma atuação política intensa tornou-se aliado do Partido Republicano Conservador, tendo, inclusive, assinado um manifesto de apoio ao candidato Hermes da Fonseca à presidência em 1910.⁵³⁸ Portanto, trata-se de um testemunho sobre a personalidade e atuação religiosa, social e política do padre Cícero, de alguém que mantinha uma relação afetiva com o sacerdote, mas, sobretudo, que conservava com ele o mesmo alinhamento político.

No jornal *O Paiz*, na edição de 13 de novembro, é publicado um longo artigo no qual faz uma contundente defesa tanto do bacharel, quanto do sacerdote. Conforme o texto, o dr. Santa Cruz agia em legítima defesa e tal conflito trata-se apenas de “[...] um caso regional [...]”, opinando que deve ser resolvido pelo governo da Paraíba. Coloca-se contra a ideia de intervenção federal, apoiando a decisão do governo.⁵³⁹

Referindo-se especificamente à amizade do bacharel com o sacerdote, indaga: “Quem é esse sacerdote”? Logo respondendo:

A influência moral mais vasta, mais poderosa de todo o sertão do norte, espírito dotado de grandes virtudes, de uma fé transbordante, e que, pela sua piedade, pelo magnetismo da sua palavra, pelo exemplo da sua vida austera, pela sua largueza de visão, que parece divinatória, exerce um domínio soberano naqueles milhares de almas crentes, de uma religião primitiva, venturosas em cumprir qualquer mandato do seu venerando pastor, cuja ação às vezes se lhes afigura ter vestígios de milagre.

Em outro trecho, ressalta a capacidade do padre Cícero de arregimentar, no seu primeiro chamado, “[...] dezoito ou vinte mil homens, dispostos a atendê-lo em qualquer tarefa por ele determinada e que, portanto, [...] ninguém de bom senso se atreverá a oferecer a menor oposição”.

de Janeiro, atuando na imprensa carioca, no *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *A Notícia*, *O Paiz* e *A Noite*. Em 1914 mudou-se para Fortaleza onde exerceu a profissão de professor, jornalista, escritor. Cf.: *Revista Itaytera*, Nº 5, 1959, p. 121-122.

⁵³⁶ Sobre essas informações, ver: *O Paiz* – RJ, Nº 9228, 09/01/1910; Nº 10030 – 23/05/1912, p. 06.

⁵³⁷ Monsenhor Monteiro, citado no primeiro e segundo capítulo, teve grande participação na trama dos fatos extraordinários do Juazeiro. Na historiografia que trata da questão dos milagres, é citado como o primeiro a divulgar publicamente os acontecimentos em julho de 1891, além de ter participado da primeira comissão de inquérito nomeado pelo bispo Dom Joaquim no mesmo ano, cuja conclusão apontou para determinar os fenômenos ocorridos com Maria de Araújo como “fatos extraordinários”.

⁵³⁸ *O Paiz* – RJ, Nº 9278, 01/03/1910, p. 04.

⁵³⁹ *O Paiz* – RJ, Nº 9899, 13/11/1911, p. 01.

Percebe-se, dessa maneira, que tanto na matéria do jornal *A Noite* quanto na *d'O Paiz* ressalta-se o enorme poder e influência que o sacerdote detém sobre as populações sertanejas, assim como sua retidão de caráter e virtudes como piedade, magnetismo, austeridade e até sua capacidade “divinatória”, afirmando que mais do que um pastor ou chefe político, o padre Cícero é um “[...] profeta que traz a boa-nova”.

O acirrado debate em torno da atitude do padre Cícero de acolhimento e mediação do conflito envolvendo o bacharel Santa Cruz, o colocou no cerne de uma peleja jornalística entre dois sertanejos que atuavam na imprensa carioca: Gustavo Barroso,⁵⁴⁰ pelo *Jornal do Commercio*, edição da tarde e João Maximiano Figueiredo⁵⁴¹, pelo jornal *O Paiz*.

3.1.4 UMA PELEJA SERTANEJA NA IMPRENSA CARIOCA: Rei do sertão x Grande Apóstolo do Sertão do Norte

Entre os meses de novembro e dezembro de 1911 e janeiro de 1912, dois jornalistas sertanejos residentes no Rio de Janeiro, valendo-se das páginas de dois dos maiores jornais do Brasil - o *Jornal do Commercio*, edição da tarde⁵⁴² e *O Paiz* - travaram uma das mais acaloradas e polêmicas disputas narrativas em torno da figura do padre Cícero, do seu povo, da sua terra.

Os artigos intitulados “O Rei do Sertão”, publicados no *Jornal do Commercio* e “Padre Cícero Romão Baptista”, n’*O Paiz* têm como autores o cearense Gustavo Barroso e o paraibano

⁵⁴⁰ Gustavo Dodt Barroso nasceu em Fortaleza (1888-1959). Em 1910 bacharelou-se em Direito no Rio de Janeiro, para onde se havia transferido. Redator do *Jornal do Ceará* (1908-1909) e do *Jornal do Commercio – edição da tarde* (1911-1913); secretário do Interior e da Justiça do Ceará (1914); diretor da revista Fon-Fon (a partir de 1916); deputado federal pelo Ceará (1915 a 1918). Estreou na literatura aos 23 anos usando o pseudônimo de João do Norte, com o livro *Terra de Sol*, um ensaio sobre a natureza e os costumes do sertão cearense. Ao longo de sua trajetória escreveu 128 livros. Além de João do Norte, também assinou como Nautilus, Jotanne e Cláudio França. Foi eleito em 1923 para integrar a Acadêmica Brasileira de Letras. Outras informações, cf.: <https://tinyurl.com/y4fghty7>

⁵⁴¹ João Maximiano de Figueiredo nasceu em João Pessoa no dia 21 de fevereiro de 1868. cursou a Faculdade de Direito (1883-1887) e ocupou diversos cargos políticos. Entre maio de 1909 a agosto de 1915 esteve à frente da direção do jornal *O Paiz*. Em 1912 foi eleito deputado federal pelo estado da Paraíba para a legislatura 1912-1914. Em 1915 foi reeleito e ocupou uma cadeira na Câmara até 1917. Faleceu na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1918. Cf.: Raimundo Hélio Lopes, in: <https://tinyurl.com/y3x49aay>

⁵⁴² Em 01/11/1909 *O Jornal do Commercio* lançou uma edição vespertina denominada *O Jornal da Tarde*. Dirigido por Vítor Viana e redigido por Gustavo Barroso, circulou até abril de 1922. (SODRÉ, 1966, p. 374).

João Maximiano Figueiredo, respectivamente. Ao todo foram 15 textos, sendo sete deles escritos pelo primeiro e oito pelo segundo.⁵⁴³

A polêmica de cunho jornalístico se desenvolveu a partir da repercussão do caso “Santa Cruz”, analisado no tópico anterior. Para contrapor o artigo em defesa do padre Cícero publicado n’*O Paiz* em 13 de novembro e aqui supramencionado, o *Jornal do Commercio* faz circular no dia 17 o primeiro de sete textos sobre o “Rei do Sertão”, expressando seu desacordo com a referida publicação:

[...] É de se lamentar que esse homem, a quem um grande orgão desta capital, tratando do bacharel Santa Cruz, chefe de cangaceiros foragidos de Paraíba e acoutado no Juazeiro, muito elogiou por suas virtudes, quase canonizando, não intervenha com sua influência e seu poder para obstar as depredações e chacinas que os chefes do Cariri costumam fazer naquela rude região, se é, como se diz, apóstolo da paz e do bem.⁵⁴⁴

Propondo-se, portanto, a apresentar outro perfil do padre Cícero, o autor inicia sua narrativa contando a “lenda sobre a origem do Juazeiro e a devoção a Nossa Senhora das Dores”:

[...] Desde as primeiras e ainda indecisas elevações de terreno que precedem a serra do Araripe, além da margem do rio Batateiras no Ceará, uns vaqueiros audaciosos acharam um dia, à sombra densa e grande de um Juazeiro alto, uma branca imagem de Nossa Senhora. Recuaram com

⁵⁴³ Apesar de não ter assinado seus artigos, foi possível chegar à autoria através da pesquisa em jornais e livros de memorialistas. No caso das publicações do *Jornal do Commercio* o próprio Gustavo Barroso, em 1926 num texto publicado na *Folha da Noite*, no qual fazia uma espécie de resenha do livro “Joazeiro do padre Cícero: cenas e quadros de fanatismo no Nordeste”, de Lourenço Filho, revela: “[...] Há quinze anos, em 1911, no dia 17 de novembro, iniciei no *Jornal do Commercio*, edição da tarde, de que era redator, uma série de artigos sob o título acima a respeito do Juazeiro do Cariri e do padre Cícero Romão Baptista. Fazia então pouco menos de dois anos que abandonara o Ceará para vir tentar a vida, só, pobre e desprotegido, no Rio de Janeiro.” Disponível em: <https://tinyurl.com/y62qs4up>. Hemeroteca Gustavo Barrosos/15 – 19125 2º semestre a 1927 2º semestre (2) Quanto aos artigos do *Jornal O Paiz*, a informação encontra-se no livro “Memórias de um romeiro”, manuscritos de paraibano que em 1909 veio morar no povoado, exercendo a profissão de comerciante e funcionário público, passando a escrever tudo que ouvia e vi no lugar, a seguinte afirmação: “[...] O primeiro defensor, pelas colunas do jornal (*O Paiz*, Rio de Janeiro), foi o Dr. Maximiano Figueiredo, redator daquele jornal [...] Depois sendo ele, Dr. Maximiano eleito deputado federal pela Paraíba, a pedido do Revdo. Cícero Romão Baptista”. Este manuscrito ficou guardado pela família até 2011, quando, em comemoração ao centenário de emancipação política do Juazeiro, foi publicado pelos seus netos. Cf. GUIMARÃES, Fausto da Costa. *Memórias de um romeiro*. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011, p. 94.

⁵⁴⁴ *Jornal do Commercio* (edição da tarde) – RJ, Nº 644, 17/11/1911, p. 03.

assombro, chapéu na mão, frontes e grandes, balbuciando preces, e foram levar a nova do milagre aos povoados circunvizinhos e às fazendas próximas.

Logo vieram longas procissões de sertanejos adorar a santa aparecida, dentro em pouco abrigada na pobreza de uma capela rustica. E a sua fama milagrosa foi crescendo pelo sertão. Enfermo que a tocasse, doente que a visse, ficavam logo sãos; aos cegos ela dava vista, aos aleijados, pernas fortes e braços rijos, aos infelizes consolação. Assim diz a lenda.

Percebe-se que sua narrativa é bastante diferente daquela consagrada na historiografia sobre a gênese da religiosidade de Juazeiro de que as romarias teriam começado a partir da transformação da hóstia consagrada em sangue na boca da beata Maria de Araújo. Segundo o autor, o fato fundante da peregrinação e religiosidade no povoado foi o achado de uma “branca imagem de Nossa Senhora”. É possível identificar semelhanças com a versão difundida pelos pescadores do Porto de Itaguaçu em 1717, na região de Guaratinguetá, estado de São Paulo, segundo a qual fora encontrada imersa num rio, a imagem de uma santa, que, posteriormente, foi chamada de Nossa Senhora Aparecida.⁵⁴⁵

Denominada de “Nossa Senhora do Juazeiro”, diz-se que a devoção a ela dedicada espalhou-se por todo o sertão:

Às suas festas e novenas vinham romarias de toda parte, do Rio Grande do Norte, da Paraíba, do Piauí, de Pernambuco, do alto sertão da Bahia, do alto sertão de Goiás, dos alcantís especiais de Minas. A casa de caridade e a igreja enchiam-se de ex-votos toscos de todo o feitio e de toda espécie.

Note-se que Maria de Araújo e o padre Cícero não estão presentes nesse momento. Para o autor, o desenvolvimento das romarias ao povoado do Juazeiro foi motivado pela devoção a uma santa “branca”, reconhecida, aceita e já adorada em cultos do catolicismo oficial. Afirma o articulista que a devoção a Nossa Senhora do Juazeiro fez crescer “[...] o

⁵⁴⁵ Tal narrativa inaugura a devoção a Nossa Senhora Aparecida, hoje padroeira do Brasil. Sobre o tema, cf.: <https://tinyurl.com/y6b3n5re>.

povoado [...], encheu-se de casas de negócio, e além das gentes simples e honestas muitos vadios da zona do Cariri lá se foram aglomerando”.

Somente nesse momento, ressalta, quando a romaria já havia se estabelecido, é “[...] nomeado vigário dessa freguesia de milagres o padre Cícero. E mais e mais crescia a fama do povoado sertanejo”. Na sequência, acrescenta:

O vigário tinha uma devota, a Maria de Araújo ou a Maria do Juazeiro, crente e fervorosa, cumpridora dos preceitos católicos, jejuando quase diariamente, vivendo misticamente a orar em extases e entremeadas de delírios histericos. Em plena missa, ao tomar a comunhão espanhava-se nas lages muda, estirada, dura. Depois vomitava a hóstia recebida, com manchas de sangue. O padre Cícero fez crer ao povo que era milagre. Milagre feito por Deus por amor à santa vida de Maria do Juazeiro.

Dessa forma, o autor subverte a ordem da narrativa conhecida sobre a origem da religiosidade juazeirense estabelecendo como primeira a devoção a uma santa “oficial” e, portanto, apenas com a chegada do padre Cícero, a beata Maria de Araújo e a história dos “milagres do sangramento da hóstia” se tornam de conhecimento público.

É importante ressaltar que ao descrever Maria de Araújo como uma mulher crente e fervorosa, católica praticante, porém, mística e histérica, sugere que o padre Cícero, valendo-se dessa sua condição e da boa-fé do povo ali presente, faz crer que se trata de um evento miraculoso pregando “[...] do púlpito o rígido aspecto, a imensa força da religião e o poder imenso de Deus manifestado naqueles tão públicos milagres”.

A crença dos sertanejos na manifestação de Deus através da beata faz do padre Cícero, segundo argumenta o autor, tão “[...] forte que ninguém o derrubou, ninguém jamais o derrubará! Ele é o Rei do Sertão, sua palavra tem o cunho de um enunciado divino e a força irresistível de uma ordem do céu”. Isso posto, justifica o título “Rei do sertão” atribuído ao padre Cícero:

[...] O supremo chefe do sertão e o arbitro de todas as questões. Não se arreda um palha, pode-se dizer, sem sua acquiescencia. Os chefes políticos consultam-no, concede-lhe favores e honrarias, faz o que ele exige; a oposição trata-o com cuidado e mansidão, não querendo indispor-se com ele; e em todo o sertão do norte, da Várzea da Foma ao Caxitore, do Crato a

Oeiras, do Pau dos Ferros a S. Miguel do Jucurutú, do Catolé do Rocha ao Passagem, de Urucury a São José do Egito, de “Juazeiro do Padre Cícero ao Juazeiro da Bahia todo o sertanejo ao falar-lhe no nome tira respeitosamente o chapéu da cabeça e muitos abrem a camisa e mostram medalhas que ele mandou cunhar em honra da Maria de Araújo! [...] Uma carta do padre é uma ordem para o mais abastado e poderoso fazendeiro; de resto, há famílias inteiramente devotadas a ele, os Carvalhos do Pajeú, os Ricartes de S. Matheus.

É ele quem dirime as questões de terras tão comuns no sertão, quem aprova os casamentos, quem faz os batizados mais ricos.

Nada se passa e se efetua sem o seu *placet*.

A resposta ao artigo vem novamente através do jornal *O Paiz* que, no dia 24 de novembro faz circular uma exposição sobre a personalidade, o caráter e o apostolado do sacerdote intitulada “Padre Cícero Romão Baptista: o grande apóstolo dos sertões do norte”:

A despeito da leviandade com que, sem perfeito conhecimento de causa, intelectuais e jornalistas do Rio de Janeiro julgaram homens e coisas, dos nossos sertões, do verdadeiro e imenso Brasil interior, o padre Cícero Romão Baptista e já hoje conhecido como o grande apóstolo dos sertões do norte.⁵⁴⁶

Preocupado em demonstrar o caráter pacífico, humanitário e voltado para o bom desenvolvimento do sertão, afirma:

[...] é um nome que surge de quando e quando, a propósito de acontecimentos os mais importantes da vida nacional, exercendo sempre a sua ação benéfica, onde não chega a autoridade de governos estaduais organizados sem a colaboração do povo, sem o conhecimento das suas necessidades.

Incumbindo-se, por conseguinte, da tarefa de apresentar o sacerdote ao Brasil, se propõe a fazer uma breve síntese da vida do padre Cícero, dividindo sua biografia em três

⁵⁴⁶ O Paiz – RJ, Nº 9910, 24/11/1911, pág. 03.

momentos: a infância pobre na cidade do Crato, os estudos e a ordenação no seminário de Fortaleza, as primeiras atividades como sacerdote. Num segundo momento, ressalta a decisão do padre de retornar ao Cariri e residir em Juazeiro, afirmando que com a sua chegada “[...] O antigo sítio de Juazeiro, mesquinha aldeia, converteu-se em uma verdadeira cidade de fato”. Para demonstrar o crescimento do povoado cita o recenseamento feito em 1908 no qual, afirma, a população era de aproximadamente 20 mil almas, superior àquela estimada em muitas capitais brasileiras, segundo o autor.

A terceira parte evidencia as qualidades intelectuais e culturais do padre Cícero, afirmando ser ele “[...] um homem muito inteligente e ilustrado, falando e conhecendo algumas línguas. Nada tem de fanático, como se alega sem maior exame”. Afirma o jornalista que o padre Cícero é “[...] considerado um verdadeiro socialista católico em ação”.

O artigo vem de duas fotos: uma do padre Cícero e a segunda da Igreja de Nossa Senhora das Dores no Juazeiro. Na primeira, o sacerdote posa para a foto, encostado numa cadeira, mão esquerda no peito, semblante sério. Levando-se em conta as características do registro, é possível afirmar que se trata de uma imagem feita numa data anterior à sua divulgação, pois, o padre Cícero aparenta ser bem mais jovem que a idade que tinha na época, qual seja, 67 anos.

Fotografia 1 - Padre Cícero em pé/jornal O Paiz - 1911



FONTE: Jornal O Paiz - RJ/BNHD

No que tange à fotografia é oportuno informar que provavelmente ela integra um conjunto de outras fotos semelhantes, uma espécie de “carte-de-visite”⁵⁴⁷ com que o sacerdote costumava apresentar as autoridades civis e religiosas e pessoas ilustres que iam visitá-lo em Juazeiro, conforme, declarado pelo próprio autor do artigo e observado noutras

⁵⁴⁷ Conforme definição de Mauad, os encartes-de-visita caracterizam-se tanto pelo seu tamanho diminuto (6x 9,5 cm), colados em cartão um pouco maior, como pela função de representação social, própria do séc. XIX. Comumente trocados com dedicatórias variadas, o “carte-de-visite” popularizou a arte do retrato, sendo guardado em álbuns cuja qualidade de adereços era símbolo de distinção social. Cf.: MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: fotografia e história-interfaces*. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n°. 2, 1996, p. 73-98. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3wqw7ky>.

fotografias nas quais é possível ver a dedicatória com assinatura, data e lugar subscritos pelo próprio sacerdote.⁵⁴⁸

A publicação da foto não serve somente como mera ilustração, sua função primordial é, sobretudo, mostrar aos leitores que o padre Cícero não é como afirmam alguns, “[...] um aventureiro, um espírito sem cultura, que só possa viver e destacar-se entre os ignorantes”.⁵⁴⁹

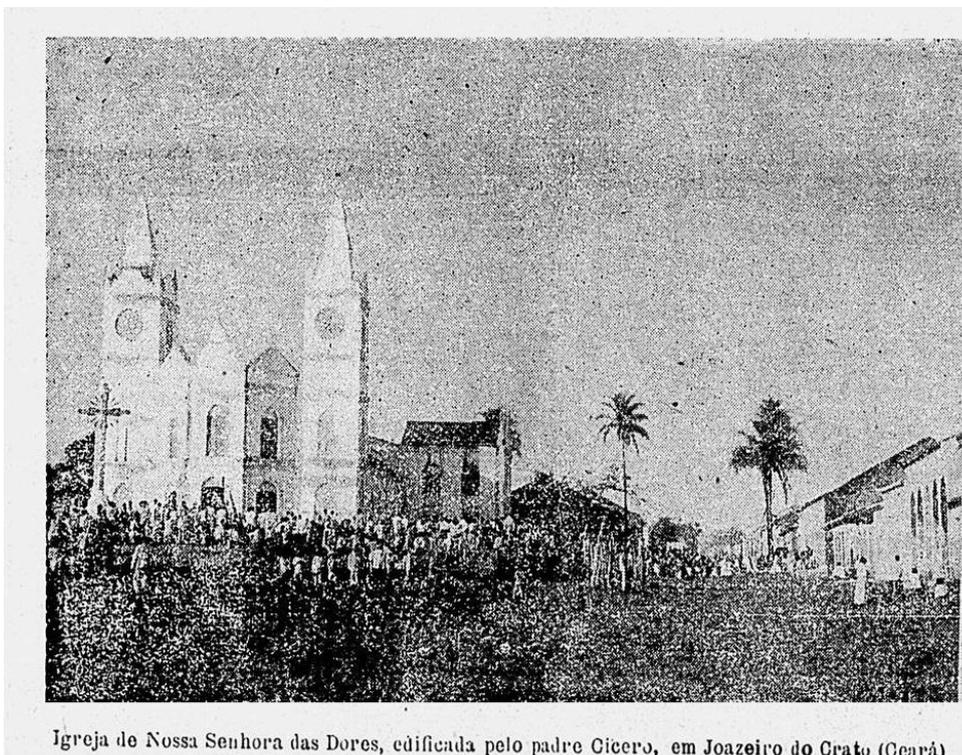
A imagem do sacerdote exposto numa pose considerada tradicional e peculiar dos personagens das camadas mais avantajadas, com postura firme, batina bem alinhada, altivo, parece ter a intenção de revelar à população “moderna” e “civilizada” da capital federal o “[...] homem, o sacerdote, o apóstolo, a sua obra religiosa e social, a sua própria ação econômica de progresso e bem estar para uma vastíssima região brasileira e uma numerosa população”.

A segunda imagem é da Igreja de Nossa Senhora das Dores, padroeira do lugar. Com relação a ela, o autor informa que o registro se refere à “[...] antiga igreja edificada em 1829, uma nova igreja, um dos templos mais ricos, espaçosos e majestosos do norte”.

⁵⁴⁸ A internet contém diversas fotos contemporâneas a essa confirmando os dados informados. Mais à frente, é dedicado um tópico específico à discussão das fotografias do padre Cícero que circularam naquele período, na imprensa.

⁵⁴⁹ O Paiz – RJ, Nº 9910, p. 03.

Fotografia 2 - Igreja de N. Senhora das Dores – Juazeiro/jornal O Paiz em 1911



Igreja de Nossa Senhora das Dores, edificada pelo padre Cícero, em Juazeiro do Crato (Ceará)

FONTE: Jornal O Paiz- RJ/BNHD

A publicação, dessa maneira, cumpre a finalidade de corroborar as argumentações de que o sacerdote moderniza a cidade, tornando pública a fotografia da igreja feita após a reforma de 1905, quando ganhou uma segunda torre.⁵⁵⁰ Vê-se que um pequeno grupo de pessoas se aglomera na frente do templo, rodeado de casas e árvores. Na legenda consta a observação de que foi edificada pelo padre Cícero, reforçando as argumentações de que o sacerdote promoveu o progresso e o crescimento da cidade.

A partir dos dois artigos mencionados as publicações se revezaram entre defesas e acusações trazendo à tona aspectos relacionados à cultura, cotidiano, costumes, política e religião no Cariri, tendo como centro a figura do padre Cícero Romão Baptista apresentada na

⁵⁵⁰ Após reconstruir em 1875 a Igreja de N. S. das Dores, em 1905 é erguida a segunda torre da capela de nome homônimo. Segundo Dantas, o padre Cícero dá ao santuário duas novas torres, consagrando o lugar a Deus com uma delas dedicada ao poder sacro, preparando o povoado para o futuro com outra que representa o poder temporal. Para mais detalhes, cf.: DANTAS, Renato. *Os romeiros e o espaço sagrado de Juazeiro em busca da autonomia política*. In: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (Org.). *Padre Cícero Romão Batista e os fatos do Juazeiro: autonomia político-administrativa*. Fortaleza: Editora SENAC, Ceará, p. 68.

condição maniqueísta de déspota x apóstolo, conforme quadro abaixo com os índices de cada publicação:

Quadro 2 - Índices dos artigos publicados por Gustavo Barro (J. do Commercio) e Maximiliano Figueiredo (O Paiz).

17/11/1911, Nº 644, p. 03- Nossa Senhora do Juazeiro – O padre Cícero – Maria de Araújo ou Maria do Juazeiro --- A hóstia ensanguentada --- Milagres -- - A influência de um homem --- Exercícios de cangaceiros --- todos os Joões --- O padre Cícero e o bacharel Santa Cruz --- O Cariri ou a zona do cangaço.	J. C. (Ed. da Tarde) 1ª Artigo O REI DO SERTÃO
O Paiz 1º Artigo	24/11/1911, Nº 9910, p. 03- O PADRE CICERO ROMÃO BAPTISTA: O GRANDE APÓSTOLO DOS SERTÕES DO NORTE
29/11/1911, Nº 654, p. 03 - O Cariri e sua história – O Padre Cícero Romão Baptista – Uma reunião de chefes políticos – Juazeiro do Crato e Juazeiro do padre Cícero – O banditismo nos sertões do Norte.	J. C. (Ed. da Tarde) 2º Artigo
02/12/1911, Nº 657, p. 03 - Ainda o Padre Cícero – Os seus meios de enriquecer – As Minas de Milagres – O engenho a Vapor – Tudo pelo Reino do Céu – O Manoel Victorino, beato magno – Romarias e Cruzes – O levantar do Rei do Sertão – Ossadas de crianças – “Nova Sodoma” – A proteção e cangaceiros – El Supremo – A vila do Juazeiro – A defesa filosófica e única do padre – Um produto do meio – O Misticismo sertanejo.	J. C. (Ed. da Tarde) 3º Artigo
O Paiz 2º Artigo	11/12/1911, Nº 9927, p. 04 - O grande apóstolo dos sertões do Norte --- Uma contradita infundada --- Os dados da história --- Filgueiras e Pinto Madeira --- O Cariry, o sitio da Timbaúba e o sábio Marcos Antônio de Macedo --- Resposta a uma critica odiosa e leviana.
12/12/1911, Nº 665, p. 02 - Respondendo a “O Paiz” – O nosso fim – Como consideramos o Cariri e o Padre Cícero – Generalizações e particularizações – Incoerencias levianas – A impagável defesa de Filgueiras – A cultura do Cariri – O misticismo é contagioso	J. C. (Ed. da Tarde) 4º Artigo
O Paiz 3º Artigo	12/12/1911, Nº 9928, p. 02 - O Larousse em cena --- O que é o Crato como centro de cultura nos sertões do norte – Numerosos colégios – Métodos modernos de ensino --- <i>Res, nor yerba</i> --- Imprensa e biblioteca --- Mestres e escritores --- Arte tipografia --- Famílias ilustres conhecidas no Brasil inteiro.
O Paiz 4º Artigo	13//12/1911, Nº 9929, p. 04 - Respondendo ao <i>Jornal do Commercio</i> , edição da tarde --- A superioridade de um cavaquista filósofo --- <i>De ore tuo te jurídico</i> --- Uma teoria que não se perturba com os fatos em contrario --- Presunção e agua benta --- A cidade sertaneja, obra do grande apóstolo dos sertões.

<p>14/12/1911, Nº 667, p. 02 - Mais uma resposta – Por que folgamos – O ridículo – Vivas ao padre – Ainda os notáveis e a cultura do Cariri – Diferença de meios – A crosta – Citações a granel – A ata política – O montanhismo – Uma frase fina de Juarés.</p>	<p>J. C. (Ed. da Tarde) 5º Artigo</p>
<p>O Paiz 5º Artigo</p>	<p>15/12/1911, Nº 9931 p. 03, - Boa viagem - Misticismo e Milagres - Gramática de sociólogo - Montanismo devolvido - Teorias e mais teorias - A decepção dos fatos - Nos braços do socialista Jaurés - A reunião política do Cariri e o padre Cícero - Falsa conclusão.</p>
<p>18/12/1911, Nº 670, p. 03 - Como consideramos o singelo poddo do sertão – Chegamos a duvidar... – Entrevistamos um moço caririense distinto – O que ele nos disse – Boa vontade – O estado atual da zona do Cangaço – Discutimos o Cariri e não gramatica – Ponto final – Os nossos votos</p>	<p>J. C. (Ed. da Tarde) 6º Artigo</p>
<p>O Paiz 6º Artigo</p>	<p>19/12/1911, Nº 9935, p. 02 - Louvável moderação --- Verdades que se esclarecem -- Injustiças que se desfazem - Juarés e o padre Cícero - Exotismo desnecessário - Construto “versus” anarquizador - Valha o roseiral - Amabilidades - Carapuça mal tecida - Venham os documentos.</p>
<p>O Paiz 7º Artigo</p>	<p>30/12/1911, Nº 09946, p. 02 - A repercussão de uma justa defesa --- Fala um órgão do sentimento católico brasileiro --- Os sertões se regozijam pela escolha do seu benfeitor para um cargo politico --- Um artigo do “Universo Dominical”.</p>
<p>O Paiz 8º Artigo</p>	<p>13/01/1912, Nº 9960, p. 3– Uma confirmação do que temos dito --- Uma Região Brasileira digna de Estudo e de admiração --- O Apostolo dos Sertões faz obra digna da Civilização --- Sejamos Brasileiros e justos.</p>
<p>23/01/1912, Nº 7000, p. 02 - Uma carta da Paraíba – Escrevem-nos sobre o Padre Cícero - Dados sobre o que publicamos - Padre Cícero e Maria do Juazeiro - Secretários e secretárias - A veracidade de nossos artigos.</p>	<p>J. C. (Ed. da Tarde) 7º Artigo</p>

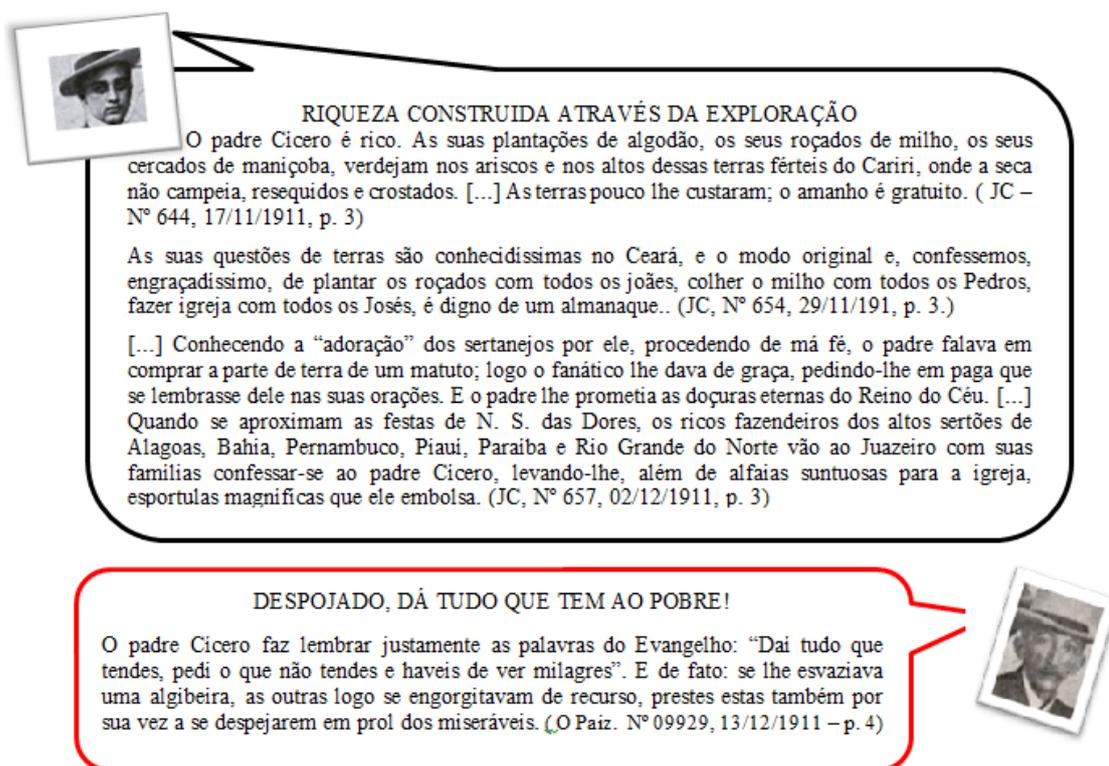
Utilizando-se de argumentos filosóficos, de testemunhos de pessoas da região que residiam no Rio de Janeiro e baseados na citação de artigos publicados anteriormente sobre o assunto, os dois polemistas constroem narrativas no sentido de mostrar, cada um em conformidade com a sua compreensão da realidade, o que é o Cariri e quem é o padre Cícero.

Com o objetivo de melhor destacar as percepções acerca do sacerdote nos referidos artigos, destacam-se abaixo os principais trechos em forma de diálogo entre ambos os

articulistas com um retrato de Gustavo Barroso e do seu interlocutor, Maximiano Figueiredo.⁵⁵¹

No primeiro quadro consta uma das questões que mais surgem com frequência nas narrativas sobre o padre Cícero, comumente relacionado à sua condição financeira. Para os acusadores o sacerdote construiu uma fortuna, tornando-se um dos homens mais ricos do Cariri, enquanto os defensores ressaltam que o dinheiro deixado pelos romeiros era revertido na melhoria do Juazeiro e lhes devolvido depois. A discussão torna-se tema entre os polemistas, que argumentam:

Figura 6 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – Riqueza do padre Cícero



Apresentar o padre Cícero como protetor de bandidos e de cangaceiros é outro mote bastante recorrente nas narrativas, sobretudo, a partir do caso do bacharel Santa Cruz. No

⁵⁵¹ Os retratos de Gustavo Barroso e João Maximiano foram retirados da Revista Fon-Fon – RJ, Nº 32, 10/08/1912, p. 31, e Nº 21, 25/05/1912, p. 31, respectivamente. Os quadros de diálogos foram elaborados pela autora com base nos artigos.

quadro abaixo, enquanto Barroso faz uma acusação nesse sentido, Monteiro o descreve como um elemento de ordem e desenvolvimento do Cariri:

Figura 7 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – Protetor de bandidos x defensor da ordem



PROTETOR DE BANDIDOS E CANGACEIROS

De certo tempo para esta parte uma povoação tomou-lhe a frente no acoutar a criminosos e como foco de fanatismo. Foi o Juazeiro a capital do padre Cicero Romão Baptista. (JC, Nº 654, 29/11/1911, p. 3)

[...] outro fato que se não pode negar, nem ao menos escurecer, é a proteção dispensada aos criminosos, aos cangaceiros, por todos os chefes do Cariri, inclusive o padre Cicero. (JC, Nº 657, 02/12/1911, p. 3)

PADRE CÍCERO: ELEMENTO DE DESENVOLVIMENTO DO CARIRI

Entendemos que se deve render homenagem àqueles que, como o padre Cicero, são capazes de construir uma cidade de 20 mil habitantes, em pleno sertão árido, oferecendo-lhe modelos de vida industrial, de agricultura inteligente, de trabalho útil, de amor ao solo, de fixidez, o que tudo contrasta com os males do banditismo e da cangaceiria, em que o colega quer envolver, à força, o padre Cicero. (O Paiz, Nº 9935, 19/12/1911 –p. 2).

Padre Cicero [...] não tendo a virtude de ser francez e estrangeiro, é um sacerdote patricio, que exerce ação diametralmente oposta e humanitária. [...] Ampara, mata a fome, dá trabalho, pão e agua, escolas, industrias, lições morais, a todo um povo pobre, vitimado pelas interperies e pelos governos. (Ibid.)

[...] quantas vezes tem o padre Cicero evitado com a sua intervenção o exterminio em familias inteiras e reconciliando inimigos figadais!. (O Paiz, Nº 9946, 30/12/1911 –p. 2).



No tocante à personalidade do sacerdote, este é qualificado como autoritário, ao passo em que a defesa o apresenta como um homem amável e inimigo da vingança e da violência:

Figura 8 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – Autoritário x amável



AUTORITÁRIO

O padre Cicero é um sertanejo inteligente, canto, astuto, capcioso. [...] Seu único fim é completo dominio das populações do sertão. Para isto fanatizou-as, para isto é autoritário, tem poses hieráticas e dá ordens à feição dum enviado de Deus. (JC, Nº 657, 02/12/1911, p. 3).

HOMEM AMÁVEL, INIMIGO DA VINGANÇA.

Homem de fisionomia calma, risonha, simpática, ao mesmo tempo cheia de respeito e admiração, em cujos traços jamais se veem aflorar a cólera, dotado de grande poder de penetração, tenaz, tendo por ambição a estima de Deus e dos homens, atroz inimigo da vingança, distribuindo esmolas a flux, perdoando sempre os ultrajes de que tem sido vitima, em suma, um verdadeiro evangelista nestes tempos de corrupção e mentira, egoismo e presunção, não sonhava, talvez, o que hoje se está passando. (O Paiz, Nº 9929, 13/12/1911 – p. 4)



Em relação à prática e postura políticas do sacerdote, a acusação assevera que o padre Cícero exercia na política da região do Cariri influência flagrante e poder para dominar de forma absoluta e em proveito próprio qualquer situação controversa. O defensor, no entanto, diz que o levita se imiscuiu no mundo político apenas com o intuito de promover a ordem e a paz:

Figura 9 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – O Político



A POLÍTICA PARA FAZER FAMA E FORTUNA

Padre Cicero, chefe supremo da política regional [...] Se ele se mantivesse longe da política seria poder moderador; mas de dentro chefiando, é passível forçosamente de paixões e odios. (JC, Nº 667, 14/12/1911, p. 2)

Não se podem negar suas intenções de domínio vasto e absoluto. Se sua missão fosse somente o apostolado não precisava ele de ser sagrado oficialmente chefe supremo da política do Cariri, não precisava enriquecer-se. (Ibid.)

POLÍTICA COMO INSTRUMENTO DA ORDEM

Apenas, faltou dizer-se a verdade, que a primeira vez em que o padre Cícero se apresentou como político foi nessa memorável reunião, para a qual foi solicitado com os maiores empenhos. [...] Era ele, era a sua presença, era a sua iniciativa e a sua inspiração, a sua importância de chefe dos chefes políticos do Crato, a partir do momento, que ditavam a boa medida de ordem e moralidade. (O Paiz, Nº 9931, 15/12/ 1911 –p. 3)

[...] Verificaram que o padre Cícero não é um bom instrumento da politicagem. (O Paiz, Nº 9935, 19/12/1911 –p. 2)



O Cariri e, principalmente, Juazeiro, município em que residia e sobre o qual exercia domínio político converteram-se em tema explorado pelos polemistas. Para o articulista do *Jornal do Commercio* a zona do Cariri transformou-se no foco da bandidagem e do atraso. O defensor, entretanto, confere-lhe o status de lugar de grande feitos históricos e inúmeras personalidades:

Figura 10 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – Juazeiro



JUAZEIRO: FOCO DO BANDITISMO E DO ATRASO

Desde tempos coloniais era na capital da zona do cangaço a cidade do Crato [...] Dela se irradiavam para todo o sertão os movimentos subversivos e as conflagrações insufladas pelos chefetes políticos. (JC, Nº 654, 29/11/1911, p. 3)

De certo tempo para esta parte um a povoação tomou-lhe a frente no acoutar a criminosos e com o foco de fanatismo. Foi o Juazeiro a capital do padre Cícero Romão Baptista. (Ibid.)

[...] E por essa herança histórica de guerrilhas e rebeldias, guarda dos usos e tradições do povo, é o Cariri, além da zona mais rica do Ceará, a zona do cangaço, isto é, a zona onde abundam e pululam os bandidos e os cangaceiros, vivendo da prática dos maiores desatinos. (Ibid.)

E não é verdade que ele melhore as condições materiais da vila. [...] vielas sujas de casebres simundos de adôbe, mal entaipados, cobertos de palha de palm eira, sem a menor higiene. O progresso material da zona só existe nas propriedades do padre. Só as suas fazendas são ricas, e só os seus engenhos guincham à força moderna [...]

Dai a citação que fizemos de suas ações, para mostrar o estado de atraso de um povo inculto, digno de melhor sorte por sua energia combativa, por suas grandes virtudes, mas cuja ingenuidade e ignorância os Cíceros se aproveitam para dominar por meio de milagres. (JC, Nº 665, 12/12/1911, p. 2)



JUAZEIRO: LUGAR CIVILIZADO E PROGRESSISTA

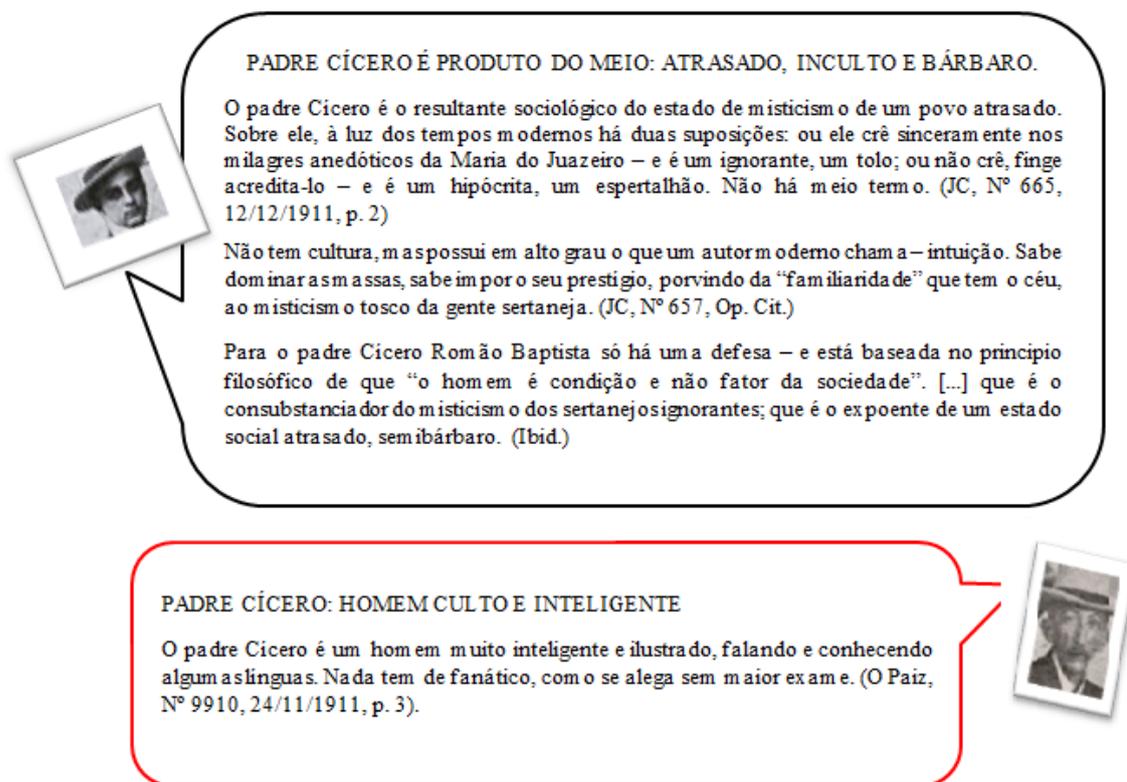
[...] Na povoação do Juazeiro, já se goza de um certo convívio social, moldado nos melhores centros civilizados. [...] zona fertilíssima, apesar de afastada quatrocentos e tantos quilômetros de Fortaleza, há avançado galhardamente em todos os departamentos de progresso. (O Paiz, Nº 9960, 13/01/1912 –p. 3).

Por fim, a polêmica se concentra na argumentação de que o padre Cícero vive no meio de homens “semibárbaros”, numa região desprovida de civilização e progresso, marcada pela bandagem e violência. Segundo o jornalista, o “[...] principio filosófico de que o homem é condição e não fator da sociedade [...]”⁵⁵² não se aplica ao sacerdote, que, na verdade, não é um ser iluminado, culto”,⁵⁵³ conforme defende seu opositor:

⁵⁵² Jornal do Commercio (edição da tarde) - RJ, Nº 657, 02/12/1911, p. 3.

⁵⁵³ Essa tese será retomada nos anos de 1920 no livro: Lourenço Filho, Manoel Bergstrom. *Juazeiro do Padre Cícero: cenas e quadros de fanatismo no Nordeste*. 4ª edição aumentada. Brasília-DF: Inep/MEC, 2002. Disponível in: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484703/Juazeiro+do+Padre+Cícero/>

Figura 11 - Debate entre Gustavo Barroso x Maximiliano Figueiredo – Inulto x culto



O debate acalorado, as acusações e defesas, as narrativas sobre cultura, história, política, costumes e personalidades carienses, mas, sobretudo, a respeito da personalidade, das práticas religiosas e políticas do padre Cícero levadas à sociedade carioca através de dois dos maiores e mais importantes jornais do país, certamente causou forte repercussão dentro e fora do Rio de Janeiro despertando curiosidade e contribuindo, indubitavelmente, para a construção de representações e sentidos acerca desse personagem que há algum tempo já vinha sendo narrado, polemizado, criticado e defendido na imprensa.

Em nota publicada na revista Fon-Fon, um jornalista comenta a contenda jornalística:

Dois polemistas exímios andam a se bater por causa de um padre sertanejo, cuja influência lá no Ceará um diz que é maléfica e o outro sustenta o contrário.

Agora, eu que tenho a felicidade de ser amigo de um e de outro, também quero meter a minha colher de pau, declarando que estou de acordo... com ambos.

Duvidam? Pois é muito simples: para mim aquele padre é um grande homem, porque ainda que seja unicamente em seu proveito, o certo é que ele

sempre faz alguma coisa àquelas longínquas paragens, o que me põe de acordo com um dos contendores; mas acho que a crítica do outro é igualmente justa, porque os processos agrícolas e industriais do Rei do Sertão não são lá muito católicos...

Mas o que eu desejo principalmente é que os dois contendores não ponham termo à contenda, pois que eu ainda desejo saber, por especialistas, mais algumas coisas do sertão brasileiro.⁵⁵⁴

Pelo menos em dois estados do Nordeste se constata a repercussão dos dois artigos, e o Ceará é um deles com predominância nas cidades do Cariri. O articulista d'*O Paiz*, em notícia de 15 de dezembro, menciona o assunto:

Os artigos do nosso contendor têm abalado os sertões como se fossem movimentos sísmicos em plena terra cearense. Dia a dia, pela sua importância, os celebres cavacos filosóficos são transmitidos para o Crato e para o Juazeiro.⁵⁵⁵

Na Paraíba, numa transcrição feita pelo jornal *O Norte*⁵⁵⁶ do primeiro artigo d'*O Paiz* e através de uma carta dirigida à redação do *Jornal do Commercio* publicada no último artigo do “Rei do Sertão”, um paraibano que não tem seu nome identificado após fazer graves acusações ao sacerdote, declara que “[...] Os artigos do *Jornal* estavam de uma veracidade admirável”.⁵⁵⁷

Também em São Paulo, o cratense Arthur Gomes de Mattos⁵⁵⁸, residente no Rio de Janeiro, publica no jornal anarquista e anticlerical *A Lanterna* uma resposta aos artigos d'*O Paiz* declarando que o autor “[...] desconhece, por completo, a vida do padre Cícero, lá pelos áridos sertões cearenses [...]” cabendo-lhe, por ter nascido na região, falar com mais

⁵⁵⁴ Revista Fon-Fon – RJ, Nº 52, 30/12/1911, p. 58.

⁵⁵⁵ *O Paiz* – RJ, Nº 09931, 15/12/1911, p. 03.

⁵⁵⁶ *O Norte* – PB, Nº 1012, 05/12/1911, p. 02.

⁵⁵⁷ *Jornal do Commercio* (edição da tarde) – RJ, Nº 700, 23/01/1912, p. 02.

⁵⁵⁸ Arthur Gomes de Mattos, nascido na cidade do Crato em 02 de dezembro de 1888 foi membro de uma vasta e tradicional família cearense que detém influência política, social e econômica em todo o território brasileiro, tendo sido filho de um coronel e irmão de deputados, sacerdotes e comerciantes. Ao que parece, mudou-se com os parentes para o Rio de Janeiro no final do século XIX, assumindo o comércio como atividade principal. Fonte: Departamento Histórico Diocesano Padre Antônio Gomes – DHDPG -, Diocese de Crato – CE, Arquivo 4129083 – 02316 (pesquisa realizada por Antônio Correia Lima).

propriedade acerca do sacerdote.⁵⁵⁹ Nessa perspectiva, concorda com as assertivas do seu colega do *Jornal do Commercio*, atribuindo ao padre Cícero o atraso e a decadência da região do Cariri.

Em meio à guerra de narrativas dos jornalistas cearenses toda a imprensa noticia telegramas enviados de Fortaleza informando a realização, no dia 20 de dezembro, da convenção do PRC-C e a homologação da chapa situacionista indicada pelo então presidente do Ceará, Antônio Nogueira Accioly,⁵⁶⁰ para concorrer às eleições à presidência daquele estado em abril de 1912. Entre os candidatos constava o nome do sacerdote ao cargo de 3º Vice-presidente.⁵⁶¹ Para o *Jornal do Commercio* era a prova cabal de que suas narrativas sobre o padre Cícero eram a expressão da verdade:

Sem dúvida os nossos leitores, especialmente os que prestaram mais atenção aos nossos artigos sobre o “Rei do Sertão”, admiraram-se hoje lendo um telegrama de Fortaleza que diz ter sido o padre Cícero Romão Baptista escolhido candidato à presidência do Estado do Ceará.

Certamente o leitor parou de ler, deixou pender o jornal lassamente e se pôs a pensar nas reviravoltas da política e na lógica dos fatos, coisas tão comuns, mas tão dignas de atenção na grande variedade de seus aspectos. Ficou-se o nosso leitor à cismar: são dele, forçosamente, não nossas estas palavras:

- Então o padre Cícero, o apóstolo sertanejo, o homem que dizem tão desprovido de ambições e tão santo, o “Rei do Sertão”, como vai subindo depressa! De chefe do Juazeiro passou a chefe do Cariri, de chefe do Cariri vai passar a vice-presidente!

O nosso leitor fechou os olhos e perdeu-se no mundo, de considerações muito.⁵⁶²

Outros órgãos da imprensa carioca igualmente repercutem o ato político com destaque para o nome do sacerdote, em muitos casos criticando e referindo-se à assembleia como “[...]”

⁵⁵⁹ A Lanterna – SP, Nº 118, 23/12/1911, p. 01.

⁵⁶⁰ Antônio Pinto Nogueira Accioly (11/10/1840 - 14/04/1921) governou o Estado do Ceará de 1896, quando assumiu a presidência pela primeira vez, até 1912, quando renunciou ao cargo em decorrência das manifestações populares na capital cearense. Sobre esse período, cf.: SOARES, Martim. *O Babaquara: Subsídios para a História da Oligarquia no Ceará*. Rio de Janeiro: SPC, 1912; FIRMEZA, Hermenegildo. *A revolução de 1912 no Ceará*. Revista do Instituto do Ceará, 1963; TEÓFILO, Rodolpho. *Libertação do Ceará: Queda da oligarquia Accioly*. Lisboa: Tipografia Editora Limitada, Edição Fac-Similar, 1914.

⁵⁶¹ Correio da Manhã – RJ, Nº 3807 – 21/12/1911, p. 04.

⁵⁶² *Jornal do Commercio* (edição da tarde) – RJ, Nº 673, 21/12/1911, p. 01.

a Convenção da Oligarquia”.⁵⁶³ Outros, ainda, tratam do tema com um tom de deboche e de ironia, conforme publicado na coluna “Pingos e Respingos” do jornal *Correio da Manhã*:

É candidato à vice-presidente do Ceará, o famoso padre Cícero do Juazeiro. Segundo nos disse o João do Norte, o Accioly quis arranjar com o padre Cícero um *cicerone* para o sertão. Como o homem é fértil em milagres, talvez livre o Accioly do general mais cotado.⁵⁶⁴

O Paiz, por sua vez, considera a indicação do sacerdote como um “[...] triunfo da verdade e o reconhecimento da própria política, no momento, traduzindo-se em uma alta manifestação de apreço e consideração social [...]”:

Estamos informados de que essa escolha tem sido recebida em todos os centros políticos daquele Estado e dos seus vizinhos, como um sintoma de que a política atende ao verdadeiro sentir do povo, todas as vezes que, como no caso em questão, em vez de improvisar estadistas, vai busca-los entre aqueles que tem reais serviços inscritos em sua fé de ofício de cidadão de uma democracia.⁵⁶⁵

O padre Cícero, que ganhou fama e notoriedade em todo o país através da repercussão dos fatos extraordinários do Juazeiro, passa a figurar nas páginas políticas narrado e exaltado como um dos políticos mais influentes e requisitados do sertão brasileiro.

A entrada na política partidária, a filiação política ao grupo do oligarca Antônio Nogueira Accioly, assim como a participação em eleições, o insere no centro de um acirrado e inflamado debate e de narrativas e imagens, trazendo para si novas representações e construção de sentidos.

⁵⁶³ Jornal do Commercio – RJ, Nº 356, 23/12/1911, p. 07.

⁵⁶⁴ Correio da Manhã – RJ, Nº 3808 – 22/12/1911, p. 01.

⁵⁶⁵ O Paiz – RJ, Nº 09946 – Sábado, 30/12/1911, p. 02.

3.1.5 “SOU UM CONQUISTADOR DE ALMAS E NÃO UM POLÍTICO OU UM AMBICIOSO”: narrativas e representações do padre Cícero político

A estreia oficial do padre Cícero no campo da política partidária se dará em 1911, quando assume o cargo de primeiro intendente do recém-criado município de Juazeiro. Entretanto, já em 1910, seu nome começa a despontar na imprensa em colunas políticas intervindo nas eleições para presidente da República.

O capital sociorreligioso acumulado pelo sacerdote desde a divulgação dos fatos extraordinários do Juazeiro fez dele o líder de milhares de sertanejos, tornando-o conhecido entre religiosos e políticos dentro e fora do estado conferindo-lhe, também, um considerável capital político, fato que incentivou a imprensa a proclamá-lo como a maior liderança dos sertões do Norte.

Pode-se afirmar que, a despeito do prestígio e influência em todas as camadas sociais, o sacerdote consegue manter, até o final da primeira década do século XX, a tão mencionada “neutralidade política.” Mesmo nos anos de 1908/09 quando a população de Juazeiro, sob a liderança de Floro Bartholomeu⁵⁶⁶ e o padre Alencar Peixoto⁵⁶⁷ dá início a uma forte campanha pela emancipação política do lugar,⁵⁶⁸ o padre Cícero não se envolve de forma mais direta.

Segundo depoimento do General Marques Porto - companheiro de viagem do sacerdote ao Rio em 1909 - ao jornal *A Notícia*, “[...] uma tarde quase ao chegar à Bahia, no

⁵⁶⁶ Floro Bartolomeu da Costa nasceu em Salvador no dia 17 de agosto de 1876. Interessado em explorar minas de cobre em terras pertencentes ao padre Cícero, chega a Juazeiro em 1908, ali permanecendo até sua morte em 08 de março de 1926. Médico de formação ganhou destaque na política como vereador, deputado estadual e deputado federal. Floro era um dos homens de confiança do sacerdote, constituindo-se numa das personagens mais importantes do Juazeiro. Citado em muitos livros, a seu respeito fora lançado de autoria de Nertam Macedo, *Floro Bartholomeu: o caudilho dos beatos e cangaceiros*. Rio de Janeiro: Agência jornalística IMAGE, 1970. Infelizmente, ainda não se escreveu uma biografia que faça jus ao legado que deixou para a história de Juazeiro e do padre Cícero.

⁵⁶⁷ Joaquim de Alencar Peixoto nasceu a 26 de Abril de 1871 na cidade do Crato. Ordenou-se presbítero em 14 de novembro de 1897, cantou sua 1ª missa em 08 do mês seguinte na Matriz de N. S. da Penha do Crato. Como educador, fundou o Ginásio Cratense. Como jornalista, redigiu o “Sul do Ceará”. Em 1907 mudou-se para Juazeiro, onde fundou e foi redator do primeiro jornal da localidade, “O Rebate”, com circulação de 1909 a 1911. Escreveu alguns livros, entre eles o primeiro sobre o padre Cícero intitulado *Juazeiro do Cariry*, Tipografia Moderna/Fortaleza, 1913, cujo tom era de fortes acusações ao sacerdote. Em 2007 foi publicado um livro sobre sua biografia: PEIXOTO JUNIOR, José. *Padre Peixoto: intelectual, político, sacerdote*. Brasília: Editora Ser, 2007. Ver também: STUART, Guilherme. Dicionário bio-bibliográfico cearense. v. 1., Fortaleza: Tipografia Minerva, 1910.

⁵⁶⁸ Sobre a campanha e emancipação político-administrativa do Juazeiro, ver: CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Breve Histórico Político do Juazeiro: do processo de autonomia municipal ao protagonismo regional-nacional a partir de 1914*. In: BARROS, 2012 p. 36-62.

tombadilho do navio, alguém perguntara ao padre: “Vê-se que vossa reverendíssima tem um poder imenso nas populações sertanejas do Norte e quando quisesse poderia levantar toda essa gente decidida [...]”. Ao que o sacerdote respondeu:

- É verdade! Toda a gente do sertão me atende muito, mas a minha missão na terra é toda de paz; é puramente espiritual. Jamais lançarei mão da bondade dos meus adeptos para qualquer ato material que interesse ao mundo... Sou um conquistador de almas e não um político ou um ambicioso.
569

Em 1923, ao selar seu testamento, padre Cícero declara com veemência: “[...] Nunca desejei ser político.”⁵⁷⁰ Não obstante a essa declaração, foi o sacerdote intendente (prefeito) do Juazeiro por duas ocasiões (1911-1912 e 1914-1927), 3º vice-presidente (1912-1913), 1º vice-presidente (1914-1916) do Estado do Ceará e eleito deputado federal em 1926, embora não tenha tomado posse. Teve participação direta e decisiva em campanhas eleitorais para os mais diversos cargos políticos, desde vereadores a senadores, prefeitos e presidente da República.

Em 1911, quando se organizava o Partido Republicano Conservador Cearense⁵⁷¹, o *Jornal do Commercio* de Manaus, em sua coluna “Noticias da Amazônia, dos estados e do estrangeiro”, ao transcrever as notícias referentes ao Ceará, informa:

⁵⁶⁹ A Notícia – RJ, Nº 297, 13-14/12/1913, p. 01. Grifo nosso.

⁵⁷⁰ A Noite – RJ, Nº 8153, 07/08/1934, p. 03; Diário de Pernambuco – PE, Nº 172, 10/08/1934, p. 02; Correio da Manhã- RJ, Nº 12190, 22/08/1934, p. 10 (Item explicando os motivos que o levaram a tornar-se o primeiro prefeito de Juazeiro).

⁵⁷¹ O Partido Republicano Conservador foi fundado em novembro de 1910 por lideranças políticas importantes, entre elas Pinheiro Machado, Quintino Bocaiúva e chefes estaduais que apoiaram a candidatura do marechal Hermes da Fonseca. O novo partido elaborou um programa no qual defendia, entre outras coisas, a “[...] Constituição de 1891, a autonomia dos estados, a liberdade eleitoral e a pureza do regime representativo. No Ceará, a chefia do novo partido ficou a cargo do então presidente, Antônio Nogueira Pinto Accioly, a quem padre Cícero se manteve aliado durante toda sua vida política.” Sobre esse assunto, cf.: BORGES, Vera Lúcia. *Morte na república: os últimos anos de Pinheiro Machado e a política oligárquica (1909-1915)*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2004; SANTOS, Marcelo Henrique Pereira dos. *Rui Barbosa e Pinheiro Machado: disputa política em torno da candidatura e governo do marechal Hermes da Fonseca*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de pós-graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6fot87x>.

Do Cariri escrevem ao Unitário as seguintes linhas:
 Padre Cícero apareceu ajeitando aqui um diretório, parecendo que o seu
 tartufismo acabará convertendo ele num instrumento da política oligárquica
 do Cariri, como devia acabar tanta reza.
 O padre deu agora para ser rico e só disto cuida. 572

De cunho crítico e denunciativo com relação à prática política do sacerdote, a notícia faz referência à criação do diretório do PRC-C liderado, a nível estadual, pelo oligarca e então presidente da Província do Ceará, Nogueira Accioly e a nível nacional, pelo senador gaúcho Pinheiro Machado.

Ao se imiscuírem nas tramas e intrigas da política partidária as narrativas e representações sobre o padre Cícero entram num novo ciclo, agora se referindo ao sacerdote como coronel, cangaceiro, politiqueiro, etc., conforme será discutido a seguir.

3.1.6 ENTRE A PENA E A ESPADA: padre Cícero na eleição presidencial de 1910

Em 1909 Crato e Juazeiro vivenciam um clima conflituoso em torno da discussão acerca da emancipação político-administrativa do povoado. Embora não tenha assumido a liderança do movimento emancipatório, que ficou sob a responsabilidade do padre Alencar Peixoto e do médico baiano Floro Bartholomeu da Costa, o padre Cícero, valendo-se de sua influência e prestígio telegrafa ao presidente do estado, Antônio Nogueira Accioly, solicitando a elevação de Juazeiro à categoria de Vila, fato que é identificado por Della Cava como o “[...] primeiro passo na política”.⁵⁷³ O referido telegrama foi publicado no jornal juazeirense, *O Rebate*:⁵⁷⁴

Ex.mo Sr. Governador Dr. Accioly
 Fortaleza,
 Reservava o tempo oportuno e de comum acordo com o nosso amigo Ex.mo.
 Sr. Cel. Antônio Luiz para pedir a V. Ex^a. Que faça passar à Vila o Juazeiro

⁵⁷² Jornal do Commercio – AM, Nº 2549, 26/05/1911, p. 04.

⁵⁷³ Della Cava, 2014, p. 188.

⁵⁷⁴ Criado para fomentar o movimento emancipatório do Juazeiro, *O Rebate* foi fundado pelo padre Joaquim de Alencar Peixoto e Floro Bartholomeu da Costa. Circulou de 18 de julho de 1909 a 03 de setembro de 1911. O jornal está disponível no site da BNHD.

do Cariri que no perímetro da povoação pelo recenseamento que mandei fazer no primeiro deste ano, conta quinze mil e cinquenta habitantes e o complemento da área que está em proporção razoável ferindo muito pouca coisa aos municípios vizinhos, ficará com uma população de vinte cinco mil almas. Disponha do amigo – Padre Cícero. 575

No contexto da atmosfera de luta pela emancipação política do Juazeiro, o potencial político do padre Cícero ganha visibilidade nacionalmente na campanha presidencial de 1909/10,⁵⁷⁶ ocasião em que a autoridade exercida perante milhares de sertanejos será posta à prova tanto para o candidato civilista Ruy Barbosa, quanto para o militar Hermes da Fonseca.

O apoio do padre Cícero naquele pleito presidencial constitui, provavelmente, a primeira das muitas polêmicas de natureza político-partidária envolvendo o seu nome, uma vez que é acusado por detratores de trabalhar para a eleição de um candidato militar, contrariando a Igreja Católica que apoiou Ruy Barbosa.⁵⁷⁷

Em janeiro de 1910, com a campanha presidencial nas ruas e na imprensa⁵⁷⁸, o padre Cícero começa a receber telegramas de personalidades da Igreja e de políticos solicitando apoio ao candidato civil Rui Barbosa. Em 18 de janeiro, o secretário do Clube Político do Rio

⁵⁷⁵ O Rebate – Juazeiro - CE, Nº 01, 18/07/1909, p. 02.

⁵⁷⁶ A campanha para presidente do Brasil desenvolvida entre os anos 1909/10 teve elementos bem diferentes das demais até então. Pela primeira vez, desde a eleição de Campos Sales (1889-1902), houve uma fissura na chamada “Política do café com leite” caracterizada pela alternância de poder entre São Paulo e Minas apresentando duas chapas com propostas totalmente divergentes. De um lado, um candidato civil, o baiano Rui Barbosa, a Águia de Haia, representante da República dos Bacharéis, cujo discurso se pautava pela defesa da ética e do equilíbrio. Rui Barbosa tinha o apoio do Partido Republicano de São Paulo, Pernambuco e Bahia. Do outro, o gaúcho Marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra, representante da República da Espada, herdeiro de uma tradição familiar ligada ao Exército em que figurava o nome de Deodoro da Fonseca. Hermes recebeu o apoio do Partido Republicano de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. Para saber mais, cf.: CARVALHO, José Murilo de. *As forças armadas na Primeira República: o poder desestabilizador*. In: FAUSTO, Boris (Dir.). *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. São Paulo: Difel, 1985. t. 3, v. 2, p.181-234; CARVALHO, José Murilo de. *Forças Armadas e política no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005; CARONE, Edgard. *A República Velha II: evolução política (1889-1930)*. São Paulo: DIFEL, 1978, p. 159-60; BORGES, Vera Lúcia. *Morte na República: os últimos anos de Pinheiro Machado e a política oligárquica (1909-1915)*. Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: Livre Expressão, 2004.

⁵⁷⁷ Sobre a Igreja Católica e a eleição para presidente da República em 1910, ver: LIMA, Maurilio César de. *Breve História da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

⁵⁷⁸ Outra novidade que marcou a campanha presidencial de 1910 foi a participação popular através de comícios, passeatas, mobilizações. Porém, para muitos estudiosos do tema a grande inovação ocorreu na cobertura feita pela imprensa, assumindo o papel de protagonista no pleito. Constituindo-se como principal veículo da opinião pública, a imprensa acompanhou pari passu a campanha eleitoral através da publicação de telegramas, artigos, etc. Ver: BORGES, Vera Lúcia. *A campanha presidencial de 1909-1910 na correspondência de Rui Barbosa e de Hermes da Fonseca*. Seminário Cultura e Política na Primeira República: campanha civilista na Bahia - UESC, 09 a 11 de junho de 2010. In: <https://tinyurl.com/y5o4cdp6>; SILVA, Manoel José Ávila da. *Rui Barbosa, a cidadania e a história: as eleições de 1910 e 1919*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, João Pessoa - PB. Anais... João Pessoa: Associação Nacional de História, 2003. p. 01-08.

de Janeiro favorável a Rui Barbosa, Ramalho Ortigão, envia o seguinte telegrama ao sacerdote:

Todo o Episcopado mineiro, como o Bispo de Goiás e do Piauí, como ainda os doutores Felício dos Santos, Furtado Menezes e o Partido Regenerador proclamam as candidaturas de Rui Barbosa e Albuquerque Lins à presidência e vice-presidência da República, diante da plataforma franca e decididamente católica de Rui Barbosa. 579

Como resposta, datada de 30 de janeiro, o padre Cícero confirma seu apoio: “[...] sou sempre de acordo com os católicos dai. Fiz publicar notícias na imprensa, para conhecimento de nossos amigos. – Padre Cícero”.⁵⁸⁰

Publicado no *Correio da Manhã*, o jornal carioca destaca em “Nota de Redação”: “[...] Conhecida como é a grande influência do Rev.mo padre Cícero não só no Ceará como também nos Estados limítrofes, pode-se afirmar que este telegrama representa a orientação dos católicos desses Estados do norte”.⁵⁸¹

O reconhecimento da força política do padre Cícero por parte de políticos nacionais é verificado através de um telegrama enviado pelo deputado federal de São Paulo e um dos principais articuladores da campanha civilista, Cincinato Braga⁵⁸², ao sacerdote:

[...] Sabemos bem do valor de vosso concurso nessa região brasileira e temos notícias de que podeis ser um esforçado combatente de nossa causa. Desejamos ter afirmação de V. Revma. para termos certeza do fato em todo Brasil. A agitação pela candidatura do Ruy e do Lins só está tendo exceção no Ceará, e por isto o concurso de V. Revma. será de imenso valor. 583

Além de telegramas de políticos e de membros da Igreja Católica, igualmente recorrem ao sacerdote pedindo seu apoio outras personalidades religiosas, conforme publicado n’*O Rebate*:

⁵⁷⁹ O Rebate – Juazeiro – CE, nº 27, 23/01/1910, p. 2. (primeiro jornal de Juazeiro, fundado em 18 de julho de 1909).

⁵⁸⁰ Correio da Manhã – RJ, Nº 3121, 01/02/1910, p. 02; Gazeta de Notícias, - RJ, Nº 32, 01/02/1910, p. 2.

⁵⁸¹ Correio da Manhã – RJ, Nº 3121 - terça-feira, 01/02/1910, p. 02.

⁵⁸² Sobre a biografia do referido político, ver: <https://tinyurl.com/y36c2gnr>.

⁵⁸³ O Rebate – Juazeiro – CE, Nº 31, 20/02/1910, p. 01.

Teresina, 03 de fevereiro.

Em nome do catolicismo do Piauí pedimos padre Cícero, a sua intervenção em favor da candidatura do Dr. Ray Barbosa defensor de nosso Bispo, e contra o candidato da maçonaria, o marechal Hermes. Conte com nossa gratidão. Elias Martins, Monsenhor Lopes, Conego Acylino.⁵⁸⁴

O retorno do sacerdote ao telegrama é publicado no jornal da Diocese de Piauí, *O Apostolo*, na coluna sobre notícias do Estado do Ceará com o título “O Padre Cícero”:

Telegrama de Juazeiro, no Estado do Ceará – firmado pelo popular e virtuoso padre Cícero Romão Baptista, transmite-nos a grata notícia de que o ilustrado sacerdote, ídolo das populações sertanejas de todo o Norte – está trabalhando pela vitória da causa civilista.

Eis o despacho:

“Juazeiro, 15 - Dr. Elias Martins, monsenhor Lopes. No sentido do vosso telegrama pedi a todos os chefes políticos presidentes do Norte que as urnas eleitorais de seus Estados não esquecessem o nome do glorificador do Brasil em Haya. Padre Cícero”.⁵⁸⁵

Um desses telegramas - o que enviou ao presidente do Estado de Goiás - é veiculado no periódico local, conforme abaixo:

JOASEIRO, 16 - De acordo com v. exa. sobre candidatura oficial futuro presidente nossa Republica peço, entretanto que nas urnas eleitorais de seu estado não esqueçam do nome do glorificador do Brasil em “Haya”.⁵⁸⁶

O padre Cícero, portanto, com menos de 20 dias antes das eleições presidenciais a ser realizadas em 1º de março, manifesta publicamente seu apoio pedindo voto para o candidato civilista Rui Barbosa.

Por outro lado, como se viu, o sacerdote é acusado de ter trabalhado em prol da eleição do marechal Hermes da Fonseca, contrariando membros da Igreja Católica. Tal acusação se

⁵⁸⁴ O Rebate – Juazeiro – CE, nº 27, p. 2. Outros telegramas sobre este tema: Bispo do Piauí, Nº 29, 06/02/1910, p. 2; Dep. Cincinato Braga pela Junta Nacional de São Paulo, Nº 31, 20/02/1910, p. 1;

⁵⁸⁵ O Apostolo – PI, Nº 141, 20/02/1910, p. 04.

⁵⁸⁶ GOYAZ: Órgão do Partido Liberal - GO, Nº 1103, 19/02/1910, p. 04. Provavelmente, o padre Cícero enviou telegramas semelhantes a outros presidentes de estados, posto ser uma prática sua.

baseia na publicação do telegrama recebido do seu amigo e ex-tutor, João Brígido, renomado jornalista proprietário do jornal cearense *Unitário*, datado de 17 de fevereiro, no qual faz o seguinte apelo: “[...] Peço Revd^o Padre Cícero Romão Baptista, bem como ao padre Joaquim Alencar Peixoto que não combatam a eleição pro Hermes que será de grande e imensa utilidade para todo o Ceará”.⁵⁸⁷

O resultado da eleição no Cariri concedeu larga vitória ao candidato militar segundo telegramas publicados na imprensa, sobretudo, nas cidades de maior influência do sacerdote como o Crato, seu colégio eleitoral: Hermes – 941 e Rui 07; em Jardim, nenhum voto para o candidato civil;⁵⁸⁸ em Araripe, 250 para Hermes, 15 para Rui.⁵⁸⁹ O êxito de Hermes da Fonseca é tomado como prova incontestável de que o padre Cícero trabalhou para a candidatura do militar.

Em 04 de março, no *Jornal do Brasil*, na coluna destinada à publicação de telegramas oriundos das províncias e do exterior, na sessão dedicada ao Ceará, numa matéria dedicada ao resultado das eleições presidenciais no estado encontra-se a seguinte notícia:

Na véspera do pleito o “Unitário” para desmentir o catolicismo do Dr. Ruy Barbosa transcreveu diversos trechos do livro de sua lavra, intitulado “O papa e o Concílio”, atacando a Igreja, ao passo que o sr. Marechal Hermes nunca a hostilizou.

Na sequência, faz uma referência relevante: “[...] O coronel João Brígido telegrafou para Juazeiro pedindo ao Padre Cícero para não hostilizar a candidatura do sr. Hermes da Fonseca, e este desistiu de trabalhar a favor da candidatura Ruy”.⁵⁹⁰ O tópico é concluído dizendo que “[...] O coronel Antônio Pinto, chefe oposicionista, telegrafou ao Coronel João Brígido, nestes termos: ‘Foi de ótimo efeito o seu telegrama ao Padre Cícero pedindo não perturbar a candidatura do sr. Marechal Hermes. Parabéns ‘.

A divulgação dessa correspondência somada à votação expressiva do candidato militar nas cidades do Cariri valeu como prova de que o sacerdote tenha concorrido para tal, servindo de argumento para desqualificá-lo: “[...] Homem sem ideias e sem ideais, não formaria ao

⁵⁸⁷ O Rebate – Juazeiro - CE, Nº 31, 20/02/1909, p. 03.

⁵⁸⁸ O Rebate – Juazeiro – CE, Nº 34, 13/03/1910, p. 03.

⁵⁸⁹ O Rebate – Juazeiro – CE, Nº 33, 06/03/1910, p. 03.

⁵⁹⁰ Jornal do Brasil – RJ, Nº 63, 04/03/1910, p. 05.

lado de um candidato que se fizera paladino duma campanha perdida de antemão, como seria o “Civilista”.⁵⁹¹

Contudo, ao analisar as correspondências mencionadas, os dois fatos, o telegrama de João Brígido e o resultado da eleição no Cariri, não são suficientes para assegurar que o sacerdote tenha, de fato, trabalhado para eleger o candidato militar. É até plausível a hipótese de que na região do Cariri, ao atender o apelo do amigo cel. João Brígido, não tenha trabalhado contra a candidatura de Hermes e tampouco solicitado votos para Rui Barbosa, o que fez, conforme demonstram os telegramas publicados fora do Estado do Ceará.

Para além da importância do seu apoio ao candidato civil ou militar, chama atenção o fato de que, ao telegrafar aos presidentes das províncias pedindo voto para um determinado candidato, o sacerdote já estava atuando politicamente, usando sua influência para além das fronteiras do Ceará.

Também é possível conjecturar que se o padre Cícero, após o recebimento do telegrama de João Brígido se manteve neutro na eleição, pode-se considerar que se trata de um posicionamento político, sim, o de não querer desagradar os membros da Igreja Católica que lhe haviam pedido apoio e, da mesma forma, não contrariar os amigos políticos como João Brígido e Nogueira Accioly.

O posicionamento político do sacerdote será, posteriormente, usado como mais um elemento de acusação. Para uns e outros o padre Cícero age conforme os ventos lhe são favoráveis. *O Jornal do Commercio*, em artigo publicado em 1913, afirma que:

[...] Quando se agitou a questão das candidaturas presidenciais, foi civilista, tendo a ousadia de telegrafar a todos os Presidentes dos Estados em favor do Conselheiro Ruy Barbosa, e quando venceu a candidatura militar, voltou-se para esta, e é hoje um dos mais esforçados governistas do Ceará.⁵⁹²

Passada a eleição para presidente com votação esmagadora em todo o Estado do Ceará para o candidato militar, sobretudo, nos municípios caririenses, o padre Cícero, já navegando nos mares da política engaja-se com mais afinco na campanha pela emancipação político-administrativa do Juazeiro.

⁵⁹¹ ANSELMO, 1968, p. 308.

⁵⁹² *Jornal do Commercio* (edição da tarde) – RJ, N° 700 23/01/1912, p. 02.

A luta se intensifica entre o segundo semestre de 1910 e primeiro de 1911, até que em 22 de julho de 1911, a Assembleia Legislativa do Ceará aprova o Decreto de criação do Município do Juazeiro e, em 04 de outubro do mesmo ano, o padre Cícero assume o cargo de primeiro Intendente.⁵⁹³ A partir dessa data o sacerdote está, de fato e de direito, mergulhado no mundo político. Essa nova militância leva-o ao “[...] bloco no poder em nível regional, filiando-se nacionalmente à corrente política de Pinheiro Machado”.⁵⁹⁴

A adesão ao grupo oligárquico do Ceará e ao senador Pinheiro Machado é firmada com sua filiação ao Partido Republicano Conservador Cearense e sua composição na chapa das eleições para presidente do Ceará em 1912 como 3º vice-presidente.

3.1.7 ENTRE A “SALVAÇÃO” E A “OLIGARQUIA”: a eleição de 1912 e os embates políticos, militares e narrativos em torno de Franco Rabello e o padre Cícero.

O contexto político brasileiro no começo da segunda década do século XX estava bastante agitado. Transcorridas as eleições presidenciais com a vitória do marechal Hermes da Fonseca, coloca-se em prática a chamada “Política das Salvações” que, grosso modo, consiste em prestar apoio político através da intervenção federal, mesmo que de forma indireta, nas eleições estaduais de 1911 e 1912. O suporte tem como objetivo favorecer candidatos militares em oposição aos setores oligárquicos dominantes.⁵⁹⁵ Os estados mais atingidos pela Política das Salvações foram Pernambuco, Bahia, Alagoas e Ceará. Conhecida como as “Salvações do Norte”⁵⁹⁶ a implantação da política salvacionista tem várias peculiaridades, sobretudo, no Ceará.

Conforme observa Camurça, duas singularidades estão relacionadas à aplicação da Política das Salvações no Ceará: numa primeira instância, há que se afirmar que se deram tardiamente “[...] no momento em que a reação oligárquico-pinheirista está recuperando suas

⁵⁹³ Cargo relativo a prefeito.

⁵⁹⁴ BARROS, 2014, p. 295.

⁵⁹⁵ Acerca desse assunto existe uma vasta bibliografia, seguem algumas dicas: ABREU, Alzira Alves de (Coord. Geral). *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)*. Fundação Getúlio Vargas. Editora CPDOC, 2015; CARONE, Edgar. *República Velha (Evolução Política)*. Coleção Corpo e Alma do Brasil, São Paulo: DIFEL, 1965.

⁵⁹⁶ PEREIRA, Flávia Borges. *Salvações no Nordeste: Política e Participação Popular*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011, p. 169.

posições no governo Hermes”.⁵⁹⁷ Depois, ao contrário de outras salvações, como em Alagoas e Pernambuco, em que a trama transcorreu pela oficialidade do Exército e oligarquias dissidentes sem a participação efetiva do povo, no Ceará “[...] foram as camadas populares os verdadeiros “salvadores.”⁵⁹⁸

Em dezembro de 1911 a convenção do PRC-C referenda a chapa indicada pelo então presidente do Ceará Nogueira Accioly. Toda a imprensa noticiou o fato:

Ceará, 20 – Reuniu-se a convenção governista à 1 hora da tarde, proclamando as candidaturas a presidente, do Dr. Domingues Carneiro; a 1º vice-presidente, do Sr. Valdemiro Moreira, a 2º vice-presidente Lourenço Feitosa e a 3º vice-presidente o Padre Cícero do Juazeiro, que foi a nota ridícula da convenção.⁵⁹⁹

Rejeitada pelos políticos e pela população, a chapa acciolyna tem de enfrentar dias de bastante agitação e manifestações políticas. Convocadas por lideranças de oposição ao oligarca, as camadas sociais mobilizam-se em protesto através de diversas organizações como as Ligas Feministas, infantis, etc.

Ainda em dezembro de 1911, a oposição lança o nome do tenente-coronel Franco Rabello⁶⁰⁰, candidato liberal, através do panfleto intitulado *Ecce Homo*, distribuído nos cinemas de Fortaleza.⁶⁰¹

A primeira manifestação popular, realizada em 20 de dezembro de 1911, foi convocada pelos políticos opositoristas através da imprensa, conforme abaixo:

CONVITE

Convida-se o ilustre cearense, para amanhã, às 5 horas da tarde, reunir-se na Praça dos Mártires (passeio público) a fim de protestar contra a apresentação dos candidatos oligarcas à presidente do Estado:

Presidente: Desembargador – José Joaquim Domingos Carneiro

VICE-PRESIDENTE

⁵⁹⁷ CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Marretas, Molambudos e Rabelistas: a revolta de 1914 no Juazeiro*. São Paulo: Maltese, 1994, p. 169.

⁵⁹⁸ *Ibid.*, p. 172.

⁵⁹⁹ *Jornal do Commercio* – RJ, nº 355, sexta-feira, 22/12/1911, p. 10

⁶⁰⁰ Marcos Franco Rabello nasceu em Fortaleza (1861-1940) como filho de Antônio Franco Alves de Mello e D. Anna Franco Rabello. Abraçou a carreira militar servindo em Belém, Manaus, Fortaleza e Rio de Janeiro. Tornou-se bacharel em Matemática e Ciências Físicas lecionando na Escola Militar da Corte, Escola Superior de Guerra e Escola do Estado Maior do Exército. Ver: NOBRE, F. Silva. *1001 cearenses do século*. Rio de Janeiro: Casado Ceará Editora, 1996, p. 327.

⁶⁰¹ CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Cronologia da História Política do Juazeiro*. In: BARROS, 2012, p. 173.

Coronel Valdemiro Moreira, Lourenço Alves de Castro, Padre Cícero Romão Baptista.⁶⁰²

As manifestações populares agitam a capital cearense durante o mês de janeiro com forte e violenta repressão do governo. O estopim do movimento anti-accioly é detonado em 21 de janeiro durante uma passeata organizada pela “Liga Infantil” de apoio à candidatura Rabello, sendo repelida violentamente pela cavalaria policial deixando “[...] diversas crianças feridas e duas mortas”.⁶⁰³ O povo, em reação à truculenta repressão, rebela-se cercando o Palácio da Luz, sede do governo estadual, exigindo a imediata deposição do governo Accioly.

Diante do clima de protestos e manifestações, o governador Nogueira Accioly é deposto em 24 daquele mês partindo com a família para um exílio forçado no Rio de Janeiro, pondo um fim à rebelião em Fortaleza. Durante a viagem sofre um atentado, onde um dos seus filhos é atingido e vai a óbito. O fato é narrado pelos jornais que, atentos, não dispensam a oportunidade de trazer à tona a figura do padre Cícero com alguma carga de ironia: “[...] O Accioly escapou incólume ao atentado? – era de prever: o velho pajé cearense está *curado* pelo padre Cícero”!⁶⁰⁴

Com a deposição de Nogueira Accioly, a candidatura de seu preposto Domingos Carneiro torna-se inviável, sendo substituído pelo general Bezerril Fontenelle⁶⁰⁵ numa articulação do senador Pinheiro Machado.⁶⁰⁶ Os candidatos à vice-presidência, entretanto, são mantidos.

A campanha eleitoral se desenvolve de forma bastante acirrada, embora os ânimos da população estejam mais calmos. Por meio de telegramas diariamente enviados às lideranças cearenses residentes no Rio de Janeiro, a imprensa carioca veicula notícias sobre o processo eleitoral fomentando o debate em torno dos seus posicionamentos políticos na medida em que

⁶⁰² Jornal do Ceará – CE, Nº 1437, 20/12/1911, p. 01.

⁶⁰³ Correio da Manhã – RJ, Nº 3840, 28/01/ 1912, p. 03.

⁶⁰⁴ A Imprensa – RJ, Nº 1488, 29/12/1911, p. 01.

⁶⁰⁵ José Freire Bezerril Fontenelle é natural de Viçosa (1850-1926). Filho de Veríssimo Bezerril e Maria Fontenele Brasil. Seguiu a carreira militar: ingressou na Escola Militar do Realengo em 1871 e reformou-se como marechal graduado em 1912. Possuía cursos de Engenharia, Matemática e Ciências Sociais. Participou do movimento pela proclamação da República e integrou, como titular da pasta da Agricultura, o governo de Luís Antônio Ferraz. Como Comandante da Guarnição e Dirigente Interino da Escola Militar do Ceará assumiu o governo do estado quando da renúncia de Clarindo de Queirós, passando-o em seguida ao Vice-governador Benjamin Liberato Barroso. Foi governador do estado no quadriênio 1892/ 1896. Deputado e Senador. Morreu no Rio de Janeiro em 30 de março de 1926.

⁶⁰⁶ Camurça, 2012, p. 173.

narra as movimentações tanto na capital, quanto no interior do estado. Nessas correspondências o padre Cícero é apontado como o maior dirigente político do Cariri cearense, assumindo um papel de destaque no referido processo, seja através de iniciativa própria, seja através de terceiros.

Na coluna “Política do Ceará” o jornal *O Paiz* publica telegramas enviados de cidades do interior em apoio à candidatura do general Bezerril Fontenelle, entre eles, um emitido do Crato com o seguinte conteúdo:

CRATO, 8 – Os chefes políticos do Cariri, abaixo assinados, apelando para os vossos sentimentos patrióticos, secundam a apresentação do vosso nome à presidência do Estado, já feita, pelo diretório de Fortaleza, e esperam aceiteis sem hesitação, certo da vitória indubitável. Todos os nossos amigos se conservam inabalavelmente firmes, representando os municípios reunidos no Cariri, no momento atual baluarte, pela coesão e harmonia que os prende indissolavelmente. Em todo o resto do Estado continuam os nossos amigos na maior firmeza. Felizmente não temos deserções a lamentar. Aguardamos o gesto patriótico do nosso eminente amigo – Antônio Luiz, Padre Cícero, João de Macedo, Gustavo Lima, Manoel Figueiredo, Antônio Mendes, Pedro Silvino, Souza Baleco, Padre Augusto Barbosa, Joaquim Rocha, Roque Alencar.⁶⁰⁷

Trata-se, portanto, de um manifesto das lideranças do Cariri solicitando que o General Bezerril Fontenelle aceite a indicação do seu nome para concorrer no pleito sucessório presidencial pelo Partido Republicano. O padre Cícero é o segundo, de acordo com a publicação, a assinar o documento, assumindo, dessa forma, um lugar na política. Mais do que isso, declara de que lado está no complexo jogo político cearense. Reconhecido como uma liderança política de grande envergadura, o nome do sacerdote passa a ilustrar boatos acerca de seu controverso posicionamento, sendo disputado tanto por um lado, quanto pelo outro.

O jornal *A Imprensa* publica um telegrama enviado de Fortaleza com a seguinte manchete: “O famoso padre Cícero adere à nova situação cearense”, nele informando que:

⁶⁰⁷ O Paiz – RJ, Nº 09989, 11/02/1912, p. 09.

FORTALEZA, 28 (A.O.) – Notícias chegadas de Cariri dizem que o padre Cícero, poderoso influência dos sertões do Sul, resolveu fazer causa comum com a nova situação política.

Essa adesão veio desanimar profundamente os elementos acciolynos desta capital, que pretendiam, com o auxilio do esmo sacerdote, revolucionar aquela região.⁶⁰⁸

Todavia, o apoio à candidatura de Bezerril é confirmado pelo próprio sacerdote num telegrama remetido ao deputado federal pelo Ceará, monsenhor Angelim, como resposta ao pedido feito pelo religioso e publicado no jornal *A Noite*, com o título “A atitude do padre Cícero”:

JUAZEIRO (Ceará), 4 – Recebi seu telegrama. Como sabe, durante minha vida, o meu esforço, apesar das injustiças sofridas, tão somente tem sido trabalhar pela paz, pelo progresso e pela harmonia entre os homens, de acordo com o meu patriotismo e meus verdadeiros sentimentos religiosos, como sacerdote católico.

Entretanto, acidentalmente, por circunstâncias especiais, assumi a responsabilidade de corresponder à confiança do partido ao qual me liguei. Em face da crise política que nos surpreende, há de convir, meu presado irmão, que não devo cometer uma deslealdade, traindo a mesma confiança. Sinto dizer que não posso aderir à candidatura do coronel Franco Rabello, mas também não a hostilizo, como aí se propala, pois o considero um distinto militar, um cearense ilustre, cujo nome honra o nosso Estado e capaz de bem governa-lo.

É questão de disciplina partidária e creio que o meu presado irmão no meu caso procedia com a mesma dignidade. Vamos em paz. Amistosamente, saudações – Padre Cícero.⁶⁰⁹

O documento em foco é de suma importância, pois permite entrever a prática política e a percepção que tinha o sacerdote acerca do seu papel na política partidária. Reafirma que somente envolveu-se nessas questões por circunstâncias especiais, ressaltando que sua intenção é sempre trabalhar pela paz, progresso e harmonia como um bom religioso e cidadão. Entretanto, ao vincular-se a um partido, demonstra certa compreensão no que tange à responsabilidade que um político deve ter quanto à lealdade e fidelidade partidária.

No âmbito de uma prática política na qual esses dois princípios eram como ainda hoje o é totalmente descurados, o posicionamento do sacerdote pode ser entendido como algo revelador de sua personalidade. Enfim, a maneira de compreender a peleja política e os papéis

⁶⁰⁸ A Imprensa – RJ, N° 1519, 29/02/1912, p. 02.

⁶⁰⁹ A Noite – RJ, N° 199 – 04/03/1912, p. 03.

dos sujeitos nesse campo reconhecendo no candidato adversário qualidades e competências, mas, mantendo-se aliado do lado ao qual se filiou, diz mais do sacerdote do que dos demais.

Ao passar a eleição o padre Cícero envia, no mesmo dia, dois importantes telegramas comunicando o resultado na região do Cariri. O primeiro é endereçado à bancada cearense no Rio de Janeiro:

JUAZEIRO, 16 – Exceto Milagres e Aurora, todos os outros municípios do Cariry deram grande maioria ao general Bezerril Fontenelle. Satisfeito com real triunfo alcançado pelo nosso partido, congratulo-me convosco e demais amigos e correligionários – Padre Cícero.⁶¹⁰

O segundo, destinado ao candidato Bezerril, congratula-se comunicando que:

JOAZEIRO, 16 – Esplendido foi triunfo nome V. Ex. toda esta zona tão somente Milagres e Aurora deram maioria Franco Rabello. Portanto, queira aceitar meus sinceros parabéns justo sufrágio nome V. Ex. cargo presidente Estado – Padre Cícero.

Ao contrário do que ocorrera na eleição para a presidência da República na qual não se encontrou documentos em que o sacerdote tenha se manifestado sobre a votação no Cariri, no pleito estadual é ele próprio quem transmite, com satisfação, a expressiva vitória na quase totalidade do Cariri numa demonstração de força política significativa.

A respeito do telegrama de congratulação do sacerdote para com o candidato do PRC-C, circulou em vários jornais cariocas a notícia de que monsenhor Angelim havia telegrafado repreendendo o padre Cícero. Ainda segundo a nota, o sacerdote lhe respondeu dizendo: “[...] Todos os telegramas dirigidos ao general Bezerril são meus, pois esse ilustre cearense é candidato do meu partido e cuja causa francamente defendi, sempre de acordo com minha dignidade pessoal e política”.⁶¹¹

Após as eleições em 11 de abril ambas as candidaturas proclamam vitória. Telegramas de uma facção política quanto da outra informam números contraditórios. Enquanto os adeptos de Franco Rabello anunciam o “[...] Resultado conhecido dos 64 municípios. Franco

⁶¹⁰ Jornal do Commercio – RJ, Nº 110, 20/04/1912, p. 04.

⁶¹¹ Gazeta de Notícias – RJ, Nº 116, 25/04/1912, p. 01.

Rabello 16.958, Bezerril 1.674 – Olympio Pereira - Secretario Interior”,⁶¹² correligionários de Bezerril Fontenelle divulgam o “[...] resultado total da eleição governamental [...]: para governador, General Bezerril, 18.447 votos, e o coronel Franco Rabello, 12.837”.⁶¹³

A homologação dos novos presidentes e vice-presidentes a ser realizada pela Assembleia Estadual cuja maioria era aliada de Nogueira Accioly, converteu-se numa incerteza. A imprensa passa a noticiar o que ficara conhecido como “Entalção cearense”.⁶¹⁴

A resolução do impasse se dá por meio de um acordo firmado como “Rabello-Aciolly”, celebrado no Rio de Janeiro sob a coordenação do senador Pinheiro Machado como representante do governo federal. Segundo tal acordo, o Tenente-coronel Franco Rabello seria homologado presidente do Ceará e seu correligionário monsenhor Vicente Salazar da Cunha, 2º vice-presidente. As vagas de 1º e 3º vice-presidentes ficariam com o coronel Valdemiro Moreira e o “[...] celebre Sr. padre Cícero Romão Baptista, respectivamente”.⁶¹⁵

Manchetes são publicadas em jornais contrários ao governo federal ressaltando que “[...] o Brasil é a terra dos indecorosos conchavos políticos”. O caso foi tratado como “[...] vergonha, o acordo tal como foi negociado, um conchavo político, negociado e assinado sem audiência do povo cearense [...]”,⁶¹⁶ denuncia a imprensa carioca.

Repercutiu igualmente na imprensa carioca a posição política do padre Cícero diante do acordo. Conforme telegrama endereçado ao deputado e líder da bancada cearense Thomaz Cavalcanti, expressava o sacerdote:

Causou surpresa vossa comunicação sobre conchavo Dr. Accioly e Tenente-coronel Franco Rabello. Afirmo com toda lealdade que não dou meu apoio a tal conchavo e fico com meus amigos partido que sustenta candidatura general Bezerril. Este deve ser o proceder dos nossos amigos. Podeis fazer uso do meu telegrama. Saudações – padre Cícero Romão Baptista – chefe politico.⁶¹⁷

⁶¹² A Noite – RJ, Nº 236, 17/04/1912, p. 02.

⁶¹³ O Paiz – RJ, Nº 10058, 20/04/1912, p. 03.

⁶¹⁴ A Notícia – RJ, Nº 154, 27 e 28/06/1912, p. 02.

⁶¹⁵ Gazeta de Notícias, – RJ, Nº 185, 03/07/1912, p. 01.

⁶¹⁶ A Noite – RJ, Nº 301, 02/07/1912, p. 01.

⁶¹⁷ Jornal do Commercio – RJ, Nº 204, 23/07/1912, p. 05.

Apesar do acordo não ter agradado a todos, em 12 de julho se dá a sua homologação proclamando como Presidente do Ceará o Tenente-coronel Franco Rabello, tendo o padre Cícero como 3º vice-presidente.

Convém ressaltar que o ato legislativo foi posto sob suspeita pelos adversários alegando-se inconstitucionalidade, pois, era preciso um número mínimo de 16 deputados para homologação dos cargos e apenas 12 compareceram à sessão.

Ainda que tenha declarado não concordar com o acordo, o padre Cícero assume o cargo de 3º vice-presidente, no entanto, não comparece à Assembleia Legislativa fazendo-se representar através de uma procuração apresentada pelo amigo e deputado, Antônio Luiz Alves Pequeno.⁶¹⁸

O acordo e a posse do novo presidente do Ceará não selam a paz no estado, pelo contrário. Uma nova luta política terá um desfecho sangrento, culminando num conflito armado entre as forças legais e as tropas organizadas pela oposição sediadas em Juazeiro.

3.1.8 FRANCO RABELLO: um governo contestado e sem governabilidade

O “pacto de coalizão” celebrado entre rabelistas e aciollistas garante sua homologação e posse, mas, não viabiliza nenhum tipo de governabilidade ao novo governo. Desconhecendo os meandros políticos das oligarquias locais por ter ficado muitos anos afastado do Ceará, Franco Rabello comete diversos equívocos⁶¹⁹ perdendo, logo no início, importantes apoios políticos como do jornalista João Brígido.

Cada vez mais isolado politicamente, o governo comete o seu principal erro: subestimar o poder e influência do padre Cícero no cenário político estadual organizando um plano de intervenção no Cariri na tentativa de fortalecer seus aliados e minimizar o domínio do sacerdote. Conforme demonstrado até aqui, o padre Cícero não adere à campanha pró-Rabello, tendo significativa influência na votação do adversário Bezerril Fontenelle, no Cariri.

Mesmo depois da eleição e posse do novo governo cearense, o sacerdote expressa fidelidade e lealdade ao ex-governador do Ceará, Nogueira Accioly, através de cartas e telegramas explicando “[...] sua atitude em face do momento” com declarações de

⁶¹⁸ A Imprensa – RJ, Nº 1695, 23/08/1912, p. 03.

⁶¹⁹ FARIAS, Airton. *História do Ceará*. 7ª ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015, p.334.

solidariedade a ele destinadas.⁶²⁰ Telegramas enviados de Fortaleza noticiam: “[...] A imprensa em artigo sobre o padre Cícero Baptista, influência política de Cariry e 3º vice-presidente do Estado reafirma que este continua a seguir a orientação política do dr. Nogueira Accioly.”⁶²¹

Não conseguindo cooptar o sacerdote, o governador Franco Rabelo põe em prática o plano de minar sua influência política na região do Cariri. Em agosto de 1912 publica um decreto demitindo o padre Cícero do cargo de intendente do Juazeiro, nomeando para substituí-lo o rabelista Cel. João Bezerra de Menezes. Posteriormente, impõe ao município um novo delegado, o também rabelista capitão José Ferreira do Valle, que passa a ameaçar e prender os aliados do padre Cícero com a exigência de que Floro Bartholomeu, então vereador, entregue as chaves do cofre da prefeitura e do arquivo municipal que se encontravam supostamente sob sua guarda.

Por ocasião dos atos do delegado o padre Cícero escreve ao governador Franco Rabelo: “[...] Comunico-vos que Capitão José do Valle atual delegado daqui vosso [...] está procedendo incorretamente ameaçando homens de consideração provocando o povo com ameaças até minha pessoa. [...] peço providências urgentes evitar perturbações”.⁶²²

Acatando o apelo do padre Cícero, Franco Rabelo substitui José do Valle pelo Tenente Júlio Ladislau, igualmente rabelista. Contudo, o clima não arrefece e o novo delegado hostiliza mais ainda a população e o sacerdote que, em 08 de dezembro, volta a telegrafar ao governador:

Exmo. Sr. Cel. Franco Rabelo – Presidente Estado – Fortaleza
Comunico que atual delegado Tenente Júlio Ladislau não é tão moderado meu criterioso como V. Exa. Supunha, pois tem procurado me desautorizar aqui prendendo e maltratando fisicamente até moças donzelas por motivos que a dignidade me faz calar.
Não é homem moralizado. Portanto, confiado nas afirmativas de paz e ordem. De V. Exa. E a bem da moralidade peço o obséquio se for possível nomear para delegado daqui o tenente Romão Nunes de Azevedo que é meu oficial que além de ser pessoalmente moralizado aqui já esteve como delegado e sempre procedeu com toda moderação e critério no exercício cargo. É um obséquio que por ser muito razoável, espero ser atendido e pelo qual ficarei muito agradecido a V. Exa. Respeitosas Saudações
Pe. Cícero Romão Baptista.⁶²³

⁶²⁰ Jornal do Commercio – RJ, N° 263, 20/09/1912, p. 01.

⁶²¹ A Época – RJ, N° 50, 18/09/1912, p. 04.

⁶²² Barros, 2014, p. 232.

⁶²³ Ibid., p. 236.

Convicto de que a forte hostilidade levada a cabo pelo governador em virtude de sua fidelidade política a Nogueira Accioly se traduzia na intenção de destruir Juazeiro,⁶²⁴ padre Cícero anuncia publicamente o rompimento oficial com o governo de Franco Rabello. O fato é amplamente divulgado na imprensa que estampa nas páginas políticas numerosas manchetes:

O ROMPIMENTO DO PADRE CÍCERO

FORTALEZA, 2 – O padre Cícero Romão Baptista, vice-presidente do Estado, e chefe político no Juazeiro, publicou hoje um manifesto rompendo francamente com a situação dominante.⁶²⁵

NOVIDADES

A notícia de maior sensação no meio da politicagem é o rompimento do padre Cícero Romão Baptista, vice-presidente do Ceará, onde acaba de recomeçar a *inana*.⁶²⁶

É oportuno sublinhar que o que está em jogo não é somente a intensão do governo cearense de destruir a força política e influência do padre Cícero. Com a proximidade da campanha para a presidência da República em 1914 e a possível candidatura do senador Pinheiro Machado pelo Partido Republicano Conservador, alguns estados do Norte se articulam na direção de oposição a citada candidatura, notadamente, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará, tornando-se conhecidos como os “salvacionistas do norte”.

Neste momento, circula na imprensa a notícia de que o deputado cearense Thomaz Cavalcanti havia recebido um telegrama do padre Cícero comunicando “[...] ter sido lançada naquele município e em quase todos os principais centros do Cariry a candidatura do Sr. Pinheiro Machado e assegurando a sua solidariedade com essa iniciativa”,⁶²⁷ o que acirra as tensões políticas tendo em vista o potencial eleitoral do sacerdote.

⁶²⁴ Della Cava, 2014, p. 242.

⁶²⁵ A Época – RJ, Nº 96, 03/11/1912, p. 05.

⁶²⁶ O Século – RJ, Nº 1911, 04/11/1912, p. 01.

⁶²⁷ A candidatura de Pinheiro Machado era noticiada na imprensa carioca desde dezembro de 1912. Porém, em 1913, ele desiste de se candidatar apoiando o candidato Wenceslau Braz. (Imparcial - RJ, Nº 144, 27/04/1913, p. 02)

No entendimento do senador Pinheiro Machado, o fortalecimento dos “salvacionistas do norte” coloca em perigo sua candidatura a presidente. Para proteger-se nesse sentido, consegue persuadir o presidente Hermes da Fonseca a combater tais governos apoiando lideranças ligadas a velhas oligarquias, entre elas, os aliados de Nogueira Accioly no Ceará.

Percebendo a intenção do senador gaúcho, os governos “salvacionistas” celebram um pacto interestadual que ficará conhecido como “Bloco do Norte”, cujo objetivo principal era “[...] resistir à ofensiva pinheirista, trabalhando candidaturas do norte-nordeste a presidência da República como a do general Dantas Barreto, presidente de Pernambuco”.⁶²⁸

Concomitante aos atos de repressão a Juazeiro, o governador Franco Rabello, utilizando-se do argumento de combate ao “banditismo” no Cariri na segunda metade de 1912, envia ao Crato 200 homens da polícia estadual comandada pelo capitão Ladislau Lourenço de Sousa.⁶²⁹ Para Della Cava, essa atitude “[...] garantiu a sua própria sobrevivência, bem como a de seus correligionários, numa região, aliás, inamistosa em termos políticos”.⁶³⁰

Finalmente, já em 1913, Franco Rabello se indis põe de vez com o sacerdote ao demitir o telegrafista do Juazeiro e seu grande amigo, Pelúcio Correia, fato que além de desestabilizar o padre Cícero possibilita àqueles que se colocam como adversários o acesso à sua correspondência política e pessoal⁶³¹, provocando enorme indignação e protesto de sua parte. Segundo Della Cava, a postura desmedida de Franco Rabello sintetiza uma demonstração clara da intenção do governador de controlar o Cariri e neutralizar o prestígio do sacerdote.⁶³²

Tais atitudes geram mais instabilidade política e forjam no seio oposicionista a ideia de que se fazia necessário pôr um fim ao seu mandato. A trama ganha força quando, apoiados pelo governo federal na pessoa do senador Pinheiro Machado, o jornalista João Brígido, Floro Bartholomeu e deputados estaduais e federais do Ceará se juntam para traçar o plano e derrubá-lo do poder.

⁶²⁸ Camurça, 1994, p. 200.

⁶²⁹ TEÓFILO, Rodolfo. *A Sedição do Juazeiro*. Edição Fac-símile. Coleção João Nicodemos de Lima – 409. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2014, p. 28.

⁶³⁰ Della Cava, 2014, p. 233.

⁶³¹ Barros, 2014, p. 300.

⁶³² Della Cava, op. cit., p. 239.

3.1.9 TECENDO A TRAMA: o acordo político para derrubar o governo de Franco Rabello

Apesar de contar com grande apoio popular, no campo político o governo de Franco Rabello mostrava-se cada vez mais fragilizado. A falta de traquejo político para lidar com a oposição, o desconhecimento das configurações políticas cearenses e as tomadas de decisão equivocadas promoveram o rompimento da coalizão que selou o acordo para reconhecimento do seu mandato. Nessa atmosfera um tanto perturbada, ganha força o discurso de que o mandato de que dispunha não tinha legalidade, uma vez que a homologação se deu apenas por 12 dos 16 deputados exigidos pela Constituição. O argumento encontra ressonância no Palácio do Catete que, insatisfeito com a articulação do “Bloco do Norte” estava ciente de que uma candidatura situacionista à presidência da República poderia ficar comprometida. Para evitar um mal maior, começa a ensaiar formas de dismantelar o poder dos governadores.

O desdobramento do contexto de instabilidade política do governo de Franco Rabello, desprovido de apoio de importantes políticos e personalidades cearenses, como o jornalista João Brígido e o combate à maior liderança política do Cariri, quiçá, do estado, como o padre Cícero, fortalece a ideia de uma intervenção federal no sentido de interromper o mandato.

Nesse sentido, é agendada uma reunião na capital federal para tratar do plano de deposição do governador do Ceará. Imbuído desse intuito, de Fortaleza para o Rio de Janeiro viaja em julho de 1913 o jornalista e político João Brígido⁶³³ e, em seguida, no mês de agosto, parte do Juazeiro também com destino ao Rio de Janeiro o político e “braço direito” do padre Cícero, dr. Floro Bartholomeu da Costa, encontrando-se lá com o deputado federal cearense, Thomaz Cavalcanti e com o senador Pinheiro Machado, ambos do PRC.

O plano consistia em convocar uma reunião com a Assembleia Legislativa, em Juazeiro, constituída em sua maioria pelo partido “Marretas”⁶³⁴ e por acciolistas, para eleger Floro Bartholomeu como o novo governador do Ceará. Dessa forma, afirma Camurça, “[...] configurar-se-ia então uma “dualidade de poderes”: duas assembleias e dois governadores. Diante disso o governo federal decretaria uma intervenção no Ceará, colocando fim no governo Rabelo”.⁶³⁵

⁶³³ O Imparcial – RJ – Nº 233, 25/07/1913, p. 09.

⁶³⁴ O Partido “Marretas” foi criado em agosto de 1912 por um grupo dissidente do PRC-C tendo como principal articulador João Brígido. Embora se constituindo como um novo partido, durante a crise política do Ceará (1912-1915) mantém a aliança Marretas/PRC-C em apoio ao grupo de Acciolistas.

⁶³⁵ Camurça, *in*: Barros, 2012, p. 46.

Enquanto no Rio de Janeiro os políticos tramavam a derrubada do governo de Franco Rabello, a imprensa carioca publica alarmantes telegramas enviados do Ceará:

GRAVES ACONTECIMENTOS NO CEARÁ

Assassinato em Fortaleza – A guarda civil contra o tiro Cearense – Ameaça de invasão armada nos municípios do Crato e Juazeiro⁶³⁶

NA TERRA DOS SALVADORES

A ordem pública novamente ameaçada no Ceará⁶³⁷

Diante da ameaça de invasão às cidades do Cariri e do clima de terror e intimidações constantes, a imprensa publica um telegrama enviado ao presidente da República pelas principais lideranças políticas vigentes, entre elas o padre Cícero:

JOASEIRO, 10 – Fomos avisados de Fortaleza, por pessoa de absoluta confiança, que o governo do Estado procura efetuar o ataque do Juazeiro e do Crato, visando de preferência às pessoas do padre Cícero Romão Baptista e coronel Antônio Luiz. Já enviou o tenente-coronel Torres de Mello, chegando ao Crato, há três dias, trazendo grande quantidade de armamentos e munições. A população está alarmada. Sem intuítos agressivos, procuraremos defender-nos como for possível. Pedimos providencias urgentes aos poderes competentes, a fim de evitar a conflagração de toda a zona do Cariry – Padre Cícero, Antônio Luiz, Pedro Silvino e Nery.⁶³⁸

O telegrama se referia à decisão do governador Franco Rabello, aconselhado pelos seus aliados, de acantonar tropas estaduais em torno do Juazeiro. Alojado na vizinha cidade do Crato, o batalhão era comandado pelo Ten. Cel. Torres Melo o qual, segundo boatos, portava uma considerável quantidade de munição.

A iniciativa do padre Cícero de questionar as intenções do governo em manter tropas policiais no município vizinho é veiculada na imprensa:

⁶³⁶ O Imparcial – RJ, N° 283, 13/09/1913, p. 06.

⁶³⁷ A Imprensa – RJ, N° 1866, 13/09/1913, p. 05.

⁶³⁸ A Imprensa – RJ, N° 1866, 13/09/1913, p. 05.

NO CEARÁ
O PADRE CÍCERO NÃO TEM CONFIANÇA NA FORÇA ESTADUAL
ESTACIONADA NO CRATO

O governador assegura-lhe que a missão daquela força é toda de paz e de ordem [...]

FORTALEZA, 13 (A.A.) – tendo o padre Cícero, de Juazeiro, telegrafado ao governo do Estado, manifestando receios, aliais infundados, de hostilidades por parte da força estadual estabelecida no Crato, procurando justificar as suas desconfianças, na presença ali do tenente coronel Torres Mello, o coronel Franco Rabello, telegrafou amistosamente ao padre Cícero, assegurando-lhes que a missão do Tenente Coronel Torres de Mello é toda de paz e ordem, só agindo dentro da lei, com critério e moderação.⁶³⁹

O clima de guerra ia se estabelecendo. A situação agrava-se quando circula na imprensa um telegrama remetido de Fortaleza com data de 15 de setembro, no qual se afirma que “[...] O chefe de polícia da capital, tendo ciência de que circulava em Juazeiro um boletim sedicioso, telegrafou ao delegado de polícia daquela vila, indagando a procedência e origem do dito boletim”.

Sobre o dito boletim, o padre Cícero envia ao governador Franco Rabello um comunicado:

Trabalho pela ordem e paz. Logo que tive a ciência do boletim distribuído contra a minha expectativa, fiz imediatamente impedir a sua circulação, antes mesmo de receber o telegrama de v. ex. assegurando a ordem e a paz. Asseguro a v. ex. que o fato não se reproduzirá e a ordem está restabelecida.
⁶⁴⁰

Com ampla repercussão na imprensa, o telegrama é noticiado como uma ação do sacerdote no intento de pacificar o conflito que se anunciava com o título “A situação no Ceará: o padre Cícero em cena”⁶⁴¹ ou “Boletim sedicioso: um desmentido do padre Cícero”.⁶⁴²

No entanto, a cada dia a atmosfera de beligerância se agravava. Em 30 de outubro Floro Bartholomeu retorna a Juazeiro com a missão de concretizar o plano arquitetado no Rio de Janeiro de realizar, em Juazeiro, uma reunião da Assembleia Legislativa do Ceará com os

⁶³⁹ Correio da Noite – RJ, Nº 214, 13/09/1913, p. 03.

⁶⁴⁰ Correio da Noite – RJ, Nº 216, 16/09/1913, p. 03; A Imprensa – RJ, Nº 1869, 16/09/1913, p. 03.

⁶⁴¹ A Noite – RJ, Nº 677 – Sábado - 15/09/1913, p. 03.

⁶⁴² Correio da Noite, loc.cit.

deputados opositores a Franco Rabello, assim como anunciar para a presidência do Estado, ele próprio.

A imprensa brasileira, mas principalmente a do Rio de Janeiro, passa a noticiar os acontecimentos políticos do Ceará com as seguintes manchetes: “O Ceará Conflagrado”;⁶⁴³ “O Ceará ameaçado de Guerra Civil”;⁶⁴⁴ “A intervenção no Ceará”;⁶⁴⁵ “O Ceará: a Revolução na zona do Cariri”.⁶⁴⁶

Na edição do dia 23 de novembro de 1913, *A Época*, jornal que fazia forte oposição ao governo federal, circula uma extensa matéria sobre o assunto ilustrada com fotos do senador Pinheiro Machado e de Nogueira Accioly, cujas manchetes alertavam:

Prepara-se a deposição do coronel Franco Rabello para restauração do
Acciolismo

O Marechal Hermes e o Sr. Pinheiro Machado patrocinam o movimento
subversivo

400 bandidos, capitaneados pelo padre Cícero, apressam-se para entrar Em
ação.

Espera-se a cada momento a invasão da cidade do Crato pelos cangaceiros
do Dr. Floro⁶⁴⁷

A reportagem apresenta dois aspectos importantes na construção da narrativa sobre o movimento político: primeiro, denuncia que o governo federal, na pessoa do presidente e do senador Pinheiro Machado estaria patrocinando um movimento para derrubar um dado governo que, na verdade, representava a política de salvação levada a cabo por eles mesmos com o objetivo, segundo o jornal, de restaurar a velha oligarquia de Nogueira Accioly.

Um segundo elemento, o que mais interessa na tese em curso, diz respeito ao papel atribuído ao padre Cícero na trama, pela imprensa, de arregimentar “bandidos” e “cangaceiros” para lutarem sob o comando de Floro Bartholomeu. Essa argumentação, aliás, será recorrente durante todo o movimento beligerante e até depois dele.

⁶⁴³ A *Época*, Nº 482, Domingo, 23/11/1913, p. 05.

⁶⁴⁴ A *Noite* – RJ, Nº 753, 11/12/1913, p. 01.

⁶⁴⁵ A *Notícia* – RJ, Nº 295, 11-12/12/1913, p. 02.

⁶⁴⁶ *Correio da Noite* – RJ, Nº 287, 12/12/1913, p. 01.

⁶⁴⁷ A *Época*, Nº 482, 23/11/1913, p. 02.

3.1.10 UMA GUERRA NO SERTÃO⁶⁴⁸: um padre celerado, chefiando fanáticos, jagunços e cangaceiros para fazer uma revolução.

Conforme se pode inferir nas manchetes sobre o clima beligerante na região do Cariri, a intenção de depor Franco Rabello por vias institucionais, ou seja, com a realização de uma reunião da Assembleia Legislativa dissidente para proclamar Floro Bartholomeu presidente do Estado gerando um governo dual, justifica, dessa forma, a intervenção federal que “[...] poria fim a ambos os poderes, nomeando-se um interventor, assim, Rabello seria deposto dentro da lei [...]”.⁶⁴⁹ Entretanto, a empreitada não logra êxito desencadeando uma guerra civil com consequências que ultrapassam os limites do Ceará respingando nos estados limítrofes como Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte e Paraíba, influenciando, inclusive, em questões políticas a nível nacional.

O estopim para o desencadeamento da guerra foi a interceptação, por parte dos aliados de Franco Rabello, de uma correspondência entre João Brígido e Floro Bartholomeu na qual constava detalhadamente o plano de derrubada do governo. Diante do fato, a estratégia é posta imediatamente em ação com a deposição do prefeito rabelista do Juazeiro, Cel. João Bezerra, a prisão e desarmamento da força policial juazeirense e a instalação, no dia 12 de dezembro, da Assembleia Estadual dissidente. Estava iniciada a rebelião.

No dia 15 é eleito Floro Bartholomeu da Costa para a presidência da assembleia e, conseqüentemente, para o governo do estado. De Juazeiro, são enviados telegramas comunicando oficialmente ao Presidente da República, ministros, o presidente do Congresso, senador Pinheiro Machado e membros da bancada cearense as seguintes informações:

Juazeiro, 18 – Assembleia Legislativa do Estado do Ceará tem a honra de comunicar a V. Ex. que resolveu de acordo com o paragrafo único do art. 42 da Constituição do Estado, que o presidente da mesma assembleia assumira a presidência do Estado, visto não estarem legalmente reconhecidos o atual presidente de fato, nem os respectivos vice-presidentes. Respeitosas

⁶⁴⁸ Sobre os acontecimentos que se seguiram nos meses de dezembro de 1913 a março de 1914, além da citada obra de Marcelo Camurça (1994), existe outros dois importantes livros, a saber: THEOPHILO, Rodolfo. A Sedição do Juazeiro. Edição Fac-símile. Coleção João Nicodemos de Lima – 409. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2014. PINHEIRO, Irineu. O Joaseiro do Padre Cícero e a revolução de 1914. 2ª edição. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

⁶⁴⁹ Segundo Camurça (1994, p. 178-224), a data foi escolhida por ser período de recesso da Câmara Federal, permitindo ao governo federal apoiar o movimento sem questionamento do Legislativo.

saudações – Dr. Floro Bartholomeu da Costa, presidente; Dr. Jose de Borba Vasconcelos, 1º secretario; Coronel Antônio Alves Peque, 2º secretario.⁶⁵⁰

Ainda no mesmo dia, a troca de telegramas entre o capitão Ladislau - comandante da força legal que se encontrava estacionada no Crato - e Floro Bartholomeu - comandante das tropas juazeirenses - pode ser interpretada como um “grito de guerra”. Neles o militar rabellista faz uma advertência a Floro:

Estou com seiscentos homens em armas. Prepare-se, meu velho, que hoje ou amanhã vou comer o capão que oferecete daí e buscar os soldados e armamentos do governo (a gente do padre Cícero havia desarmado e aprisionado os dez soldados da guarnição de Juazeiro). Não sofra do coração, que o negócio esta feio!⁶⁵¹

Floro responde na sequência:

Não sofro do coração: pode vir quando quiser, com seus seiscentos homens armados! Estamos dispostos, prontos para reagir em qualquer terreno, reprimindo tamanha audácia!⁶⁵²

Estava deflagrada a guerra civil que teve duração de 04 meses com vasta repercussão a nível nacional e internacional.⁶⁵³ A imprensa, acompanhando *pari passu* o seu desenvolvimento publica manchetes conforme as posições políticas que lhe aprezem. Enquanto os jornais situacionistas exibem manchetes como “O caso do Ceará: o esforço

⁶⁵⁰ O Paiz – RJ, Nº 10669, 23/12/1913, p. 02.

⁶⁵¹ A Imprensa – RJ, Nº 1961, 17/12/1913, p. 01.

⁶⁵² A Imprensa – RJ, Nº 1961, 17/12/1913, p. 01.

⁶⁵³ A Noite – RJ, Nº 822 – Terça-feira – 03/03/1914, p. 1. “O crime do governo repercute em Londres - O correspondente do “Times”, no Rio de Janeiro, telegrafou àquele jornal salientando a atitude parcialista do governo brasileiro, protegendo abertamente os revolucionários do Ceará”; O Pharol – MG, Nº 66, 20/03/1914 p. 1: “LONDRES, 19, O *Times* comentando um longo telegrama do seu correspondente no Rio de Janeiro a propósito da situação política e financeira do Brasil, diz que [...] a revolução do Ceará é ‘um fato somenos importância, incapaz de perturbar a estabilidade do regime’.”

supremo - a liberdade ou a morte⁶⁵⁴, os oposicionistas denunciavam: “O governo prepara-se para ensanguentar o Ceará - o P.R.C. tenta restaurar a oligarquia ladra aciollysta”.⁶⁵⁵

Cotidianamente circulou na imprensa de todo o Brasil, com maior incidência no Rio de Janeiro, telegramas, artigos, transcrição de jornais de Fortaleza, cartas, etc., trazendo notícias e informações sobre o desenrolar do conflito armado.

A deflagração do movimento a partir de Juazeiro, constituindo aí o principal foco de resistência ao governo cearense, colocou o seu fundador e maior líder, padre Cícero, no cerne de um debate acalorado alçando-o à vanguarda do movimento e dando-lhe maior visibilidade no que tange ao aspecto político.

Os primeiros ataques ao povoado por iniciativa das tropas rabellistas transcorrem de forma isolada, semelhante ao que ocorrera no dia 17 de dezembro na localidade de Baixa Dantas onde “[...] doze pessoas foram assassinadas covardemente pelo único crime de serem do Juazeiro”,⁶⁵⁶ ou o combate no lugar chamado “Cerca de Pedra” com nove mortes.⁶⁵⁷ No Cariri, entretanto, já ocorriam pequenos embates entre as tropas rabellistas e juazeirenses, enquanto a imprensa se ocupa em fazer especulações:

O Ceará ameaçado de guerra civil
O padre Cícero dispõe-se à revolução
Quem é o sacerdote, sua influência, as suas tradições⁶⁵⁸

A história do padre Cícero ganha, na imprensa, narrativas que ressaltam sua influência e prestígio perante a população sertaneja, contada como se fosse uma lenda:

Diz-se tanta coisa do padre Cícero que é impossível que a lenda não tenha contribuído com um bom contingente para a fama de que goza hoje, no Brasil inteiro, o conhecido sacerdote-político.

[...] O que as tradições (ou lenda) dizem da influência do padre Cícero, é que ela é tamanha no Juazeiro e regiões circunvizinhas que o padre, no dia em que deseja, dita uma ordem na sua igreja:

- Amanhã quero mil Joãos.

⁶⁵⁴ O Paiz – RJ, Nº 10658, 12/12/1913, p. 03.

⁶⁵⁵ A Época, Nº 501, 12/12/1913, p. 01.

⁶⁵⁶ Barros, 2014, p. 265.

⁶⁵⁷ Ibid., p. 269.

⁶⁵⁸ A Noite – RJ, Nº 753, 11/12/1913, p. 01.

E os mil Joãos estão ali firmes, no dia e hora aprazados. Dá-se o mesmo com os Antonios, talvez com os Joses [...] o exercito de que o padre dispõe, segundo as melhores estatísticas dos sertões nortistas, vai a cinco mil.⁶⁵⁹

Ávida por maiores informações sobre o sacerdote, a imprensa começa a procurar personalidades carienses residentes no Rio de Janeiro que possam opinar acerca da história, vida, caráter e o lugar daquele que estava sendo tomado como o protagonista de uma guerra no sertão.

Dessa maneira, o jornal *A Notícia* anuncia: “[...] um cearense conhecedor de sua terra fez-nos as seguintes curiosas informações”.⁶⁶⁰ Na chamada da matéria, ressalta: “[...] Quem é o padre Cícero e como se fez o Juazeiro – Uma entrevista interessante.” Ao falar sobre o sacerdote diz o jovem cearense:

- O padre Cícero Romão Baptista, ex-vice-presidente do Ceará, é o maior prestígio que já se consolidou nos sertões do Brasil. Nem Antônio Conselheiro se lhe pode comparar, porque o padre Cícero é muito inteligente, mais ou menos ilustrado e é um sincero na sua missão de sacerdote católico; não é um explorador. [...] O que sei é que a política cearense viu no padre Cícero um elemento magnífico. O Partido do Sr. Accioly reconheceu isso e deu oficialmente ao padre Cícero o que ele tinha já – o mando sobre toda a zona do Cariri. E na Fortaleza, pouco antes da *salvação* Franco Rabello, dizia-se que o padre Cícero estava às ordens do Sr. Accioly, esperando um chamado seu. A esse chamado acudiria imediatamente com 6.000 homens que poderia reunir na zona dentro de dois dias.

Ressalta-se o comentário do jornal no final das declarações do entrevistado:

Como se vê, o nosso curioso informante tem uma grande simpatia pelo homem do Juazeiro. Um outro cearense, que assistiu a entrevista, disse-nos depois:
- O meu amigo deu-lhe a “lenda do padre Cícero”. A verdade é outra [...].

⁶⁵⁹ A Noite – RJ, Nº 753, 11/12/1913, p. 01.

⁶⁶⁰ A Notícia – RJ, Nº 295, 11-12/12/1913, p. 02.

Do Cariri, o padre Alencar Peixoto, um dos maiores inimigos do padre Cícero,⁶⁶¹ escreve uma carta ao jornal *A Época* que a publica no dia 12 dezembro com a percepção que aquele cultiva do sacerdote:

A lenda, que se formou em torno da figura do interessante personagem, dando-o como um homem de vida austera e simples, infatigável na prática do bem e da caridade, já não ilude no Ceará a quem quer que se preocupe em conhecer os fatos com insuspeição e amor à verdade.

O padre Cícero pertence a essa classe perniciososa de fanáticos, ignorantes que tanto mal tem feito às populações incultas de nossos sertões, escravizando-as a um culto todo de superstições e conduzindo-as pela exploração de paixões malgas, a esses monstruosos movimentos de revolta, de que Canudos será por muito tempo o nefando exemplo. [...] Há ainda a considerar a avareza do padre Cícero e a sua sede de dinheiro. É de regra que, todos os que se transportam ao Juazeiro, de longe ou de perto, devem lhe fazer um presente ou oferenda que é quase sempre dinheiro, e bem de ver.⁶⁶²

Ainda em sua missiva afirma que “[...] o Juazeiro acoita ainda avultado número de cangaceiros criminosos de toda a espécie, que vindos dos sertões vizinhos e de longínquas paragens, vem procurar a proteção do padre Cícero, constituindo o seu estado-maior”.

A iminência de uma guerra no sertão cearense, além das diversas biografias sobre o sacerdote, jornais publicaram em suas páginas fotos e manchetes alarmantes acerca da situação conflituosa em Juazeiro. No jornal *O Imparcial*, por exemplo, no dia 17 de dezembro, circula a seguinte capa:

⁶⁶¹ Até 1911 os dois padres eram amigos, porém, Alencar Peixoto viu sua pretensão de se tornar o primeiro intendente do Juazeiro frustrada em favor da nomeação do padre Cícero. Daí o rompimento com o sacerdote tornando-se seu inimigo. Em dezembro de 1913, publica o primeiro livro detratando o padre Cícero intitulado: *Juazeiro do Cariry*. O lançamento do referido livro é noticiado na imprensa (*Correio da Manhã* - RJ, Nº 5431, 13/12/1913, p. 01) e trechos dele são publicado no *Jornal do Commercio*, em colunas pagas, nas edições: Nº 346, 13/12/1913, p. 9; Nº 347, 14/12/1913, p. 10; Nº 350, 17/12/1913, p. 02; Nº 351, 18/12/1913, p. 09.

⁶⁶² *A Época* - RJ, Nº 501, 12/12/1913, p. 01.

Figura 12 - Capa do jornal O Imparcial com a manchete: “revolução no Ceará” – 1913



FONTE: Jornal O Imparcial- RJ/BNHD

Com o título “A revolução no Ceará”, o periódico traz retratos dos principais personagens envolvidos no conflito - Franco Rabello, padre Cícero e Floro Bartholomeu -, além de fotografias das cidades de Juazeiro, foco do movimento e de Barbalha, município limítrofe. Segundo as notícias, Barbalha havia sido invadida e saqueada pelos “jagunços do

padre Cícero”.⁶⁶³ Outra foto publicada apresenta o sacerdote posando, segundo a legenda, com dois engenheiros da comissão de estudos para a estrada de ferro⁶⁶⁴, Floro e outros.

Novamente aqui a imagem do padre Cícero surge com um semblante singelo, mão direita repousada sobre o peito e a cabeça um pouco inclinada para a esquerda, característica do sacerdote que denota a idade de pouco mais de 60 anos.

A imagem de Floro Bartholomeu o mostra mais jovem do que a idade que tinha no período, com expressão calma e tranquila, bem diferente de outras fotografias feitas naquele momento e analisadas mais adiante. Contrastando com os dois, a foto de Franco Rabello é a oficial como governador. Fardado, com olhar firme voltado para o horizonte, sugere altivez e segurança.

Na página 3 do referido jornal, na matéria intitulada “O Estado do Ceará - A vila do Juazeiro atacada pela força policial e cangaceiros”, são publicados telegramas enviados de Fortaleza e Juazeiro sobre os primeiros combates. Entre eles, um do padre Cícero teria sido destinado ao senador Pinheiro Machado com o seguinte conteúdo:

Esta localidade acaba ser atacada novamente polícia e cangaceiros vindos do Crato. Povo indignado repeliu conseguindo faze-lo recuar. O povo implora vosso valioso auxilio junto ao governo federal, a fim de conseguir interromper semelhantes desatinos do ilegal governo Estado, que se quer impor pelo morticínio. Respeitosas saudações – Padre Cícero Romão Baptista.⁶⁶⁵

A repercussão da guerra civil do sul cearense se faz sentir em todo o território brasileiro através da imprensa que reverbera as notícias publicadas no Rio de Janeiro e em Fortaleza, ou publica telegramas enviados às próprias redações por correspondentes e pessoas envolvidas, de alguma forma, no conflito ou que simplesmente se fizeram testemunhas.

Tais notícias expõem manchetes, conteúdos e narrativas que colocam o padre Cícero como o personagem principal dos acontecimentos, conforme demonstrado no mapa⁶⁶⁶ abaixo:

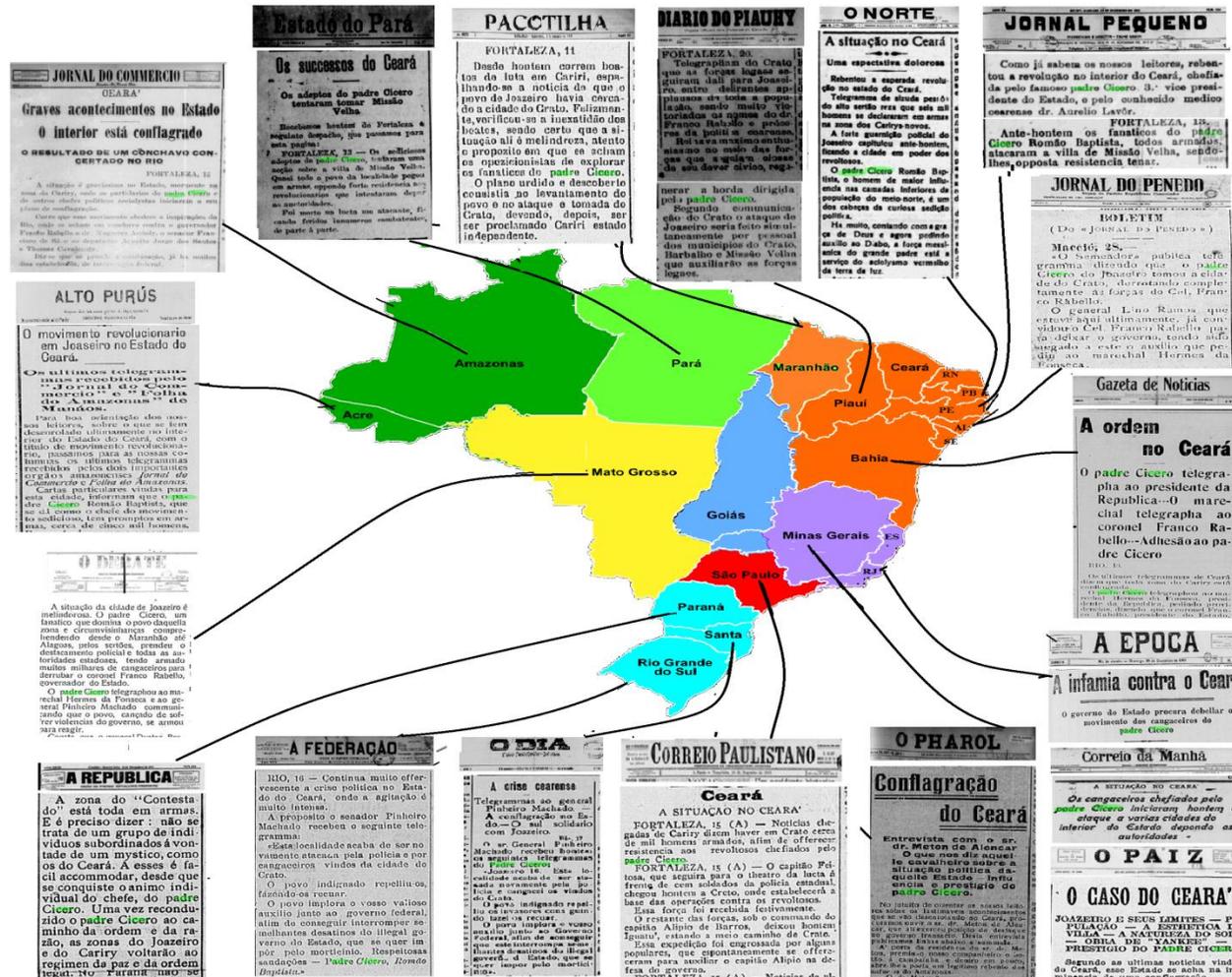
⁶⁶³ Diário do Piauí – PI, Nº 285, 13/12/1913, p. 01; A Imprensa – RJ, Nº 1960, 16/12/1913, p. 03.

⁶⁶⁴ Sobre os possíveis engenheiros na foto com o padre Cícero não foi possível identificá-los.

⁶⁶⁵ O Imparcial – RJ, Nº 378, 17/12/1913, p. 03.

⁶⁶⁶ Como a pesquisa é toda realizada através da BNHD, existem alguns estados, como o Acre, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas e Espírito Santo que não têm jornais disponíveis e, às vezes, quando os têm, não abordam o período em recorte.

Figura 13 Repercussão da Guerra Civil do Ceará na imprensa - dezembro de 1913



FONTE: Mapa elaborado pela autora a partir dos jornais disponíveis no site da BNHD.

As notícias veiculadas na imprensa brasileira chegam através de jornalistas cearenses que assumem a função de correspondentes, transcritas geralmente de jornais daquele estado, sobretudo, a *Folha do Povo* (imprensa oficial do governo) e o *Unitário* (oposicionista) e por meio de telegramas enviados tanto de Fortaleza quanto do Cariri à bancada cearense no Congresso Nacional. É importante ressaltar que, com exceção dos jornais de Recife, a maioria daquilo que se noticiou são transcrições de periódicos cariocas.

Dia a dia o assunto toma cada vez mais volume na imprensa, que noticia de forma pormenorizada a evolução da luta armada com destaque para os ataques às cidades caririenses, os combates, etc.

A primeira tentativa oficial e organizada de invadir Juazeiro pelas forças legais ocorreu em 20 de dezembro. No dia seguinte, manchetes já estavam inscritas nas páginas dos jornais:

A REAÇÃO ARMADA DO CARIRI
Assalto a Juazeiro – O batalhão de polícia e cangaceiros destruídos⁶⁶⁷

O combate, que teve duração aproximadamente de 24 horas, é narrado um mês depois em uma entrevista concedida pelo comandante das forças legalistas, o tenente Alípio Lopes:

[...] comandava os primeiros assaltos a Juazeiro, no dia 20 do mês passado, à frente de 531 homens.
Encontrou aquela cidade perfeitamente fortificada com fossos, cercadas e outros meios de defesa.
Iniciou a luta, respondendo os jagunços com impetuosa fuzilaria, parecendo ser o inimigo em número superior a três mil homens.
Depois de muitas horas de fogo, julgou inútil continuar o combate, pois Juazeiro estava inexpugnável.
Regressou a Crato, fazendo a retirada, sem ser percebido pelos jagunços, que continuaram atirar até à madrugada, quando desde as 21 horas já se tinha retirado.
Julga o padre Cícero um bandido, pois dois anos já comprava armamentos para a revolução, fazendo sempre falsas declarações de apoio ao governo do Estado.⁶⁶⁸

⁶⁶⁷ O Imparcial – RJ, N° 382, 21/12/1913, p. 04.

⁶⁶⁸ Correio da Manhã - RJ, N° 5479, 30/01/1914, p. 02.

A partir desse combate, no qual se saíram vencedoras as tropas que defendiam Juazeiro, houve durante os meses de janeiro e fevereiro diversos outros pequenos confrontos entre as tropas e pelo menos mais dois grandes enfrentamentos em 22 de janeiro. A segunda tentativa de invadir a cidade, novamente fracassada, e o combate na localidade de Miguel Calmon que contou com a duração de 48 horas, culminou com a morte do comandante das tropas rabellistas, capitão J. da Penha.

Durante os embates, as tropas juazeirenses conquistam vitórias significativas e avançam rumo a Fortaleza com o objetivo de derrubar o governo de Franco Rabello.

Ao longo de três meses as notícias ilustram as páginas de diversos jornais, acompanhando o desenvolvimento das batalhas e produzindo narrativas nas quais o padre Cícero é apresentado como o ator principal de um enredo repleto de controvérsias, majoritariamente numa perspectiva negativa como chefe de bandidos, jagunços e cangaceiros, famigerado revolucionário, espertalhão, explorador, fanatizador, etc.

3.1.11 UMA GUERRA SE FAZ COM ARMAS... E BOATOS: Monarquia, sequestro, saques, incêndios, ressuscitação dos mortos.

Desde remotos tempos, um dos recursos mais recorrentes em momentos críticos de crise e de guerra é a disseminação de notícias falsas e boatos que, conforme assevera Aldrin, “[...] servem para exprimir um sentimento latente, partilhar opiniões e dar sentido às situações inesperadas ou inquietantes”.⁶⁶⁹

Como em qualquer guerra, o movimento armado de 1913-1914 organizado a partir do Juazeiro fez circular na imprensa do país boatos que denunciavam saques, violência, sequestro e outras questões através de telegramas enviados, principalmente, da capital cearense pelos adeptos do governo de Franco Rabello.

Dentre estes, três são bastante expressivos para entender a guerra de narrativas que versa sobre o movimento belicoso e, sobretudo, em torno do padre Cícero no sentido de apresentá-lo como fruto do fanatismo, banditismo, ignorância e politicagem

⁶⁶⁹ ALDRIN, P. *Sociologie politique des rumeurs*. Paris: PUF, 2005, p. 80. Ver também: *Perser la rumeur: une question discutée des sciences sociales*. *Genèses*, v. 1, n. 50, p. 126-141, 2003. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5cjt5lu>. Sobre este tema um texto muito interessante pode ser indicado: BLOCH, Marc. *Réflexions d'un historien sur les nouvelles fausses de la guerre*. *Revue de Synthèse Historique*, t. 33, 1921.

3.1.11.1 Boato 01: Padre Cícero sequestrado por Floro Bartholomeu

Logo após a decretação da guerra, começou a circular na imprensa a notícia de que o sacerdote havia sido sequestrado pelos políticos que lideravam o movimento: Floro Bartholomeu e Aurélio Lavor.⁶⁷⁰ As primeiras notícias tratando do suposto sequestro do sacerdote chegam aos jornais por meio de um telegrama enviado de Fortaleza através de um membro do governo rabellista, o Secretário da Fazenda, Sr. Joaquim de Costa Souza:

FORTALEZA, 16 – O negociante Carvalho, genro do coronel Adolpho Barroso, chegado agora do Cariri, diz que os drs. Floro Bartholomeu e Aurélio de Lavor tem o padre Cícero sequestrado sem receber nem expelir correspondência, agindo os dois abusivamente em seu nome e fazendo crer aos fanáticos que o padre se acha em concentração religiosa a orar pela vitória das armas. Saudações – Costa Souza”.⁶⁷¹

Dois importantes periódicos cariocas de oposição ao governo federal, embora se limitem a publicar o telegrama sem tecer nenhum comentário, destacam como título da matéria a indagação “O padre Cícero sequestrado?”⁶⁷²

Em Manaus, a notícia veicula no seu principal periódico, o *Jornal do Commercio*, que com o título “O que consta sobre o padre Cícero”, publica na coluna “Informações telegráficas” o seguinte: “[...] Fortaleza, 17 - Corre aqui que o coronel Floro Bartholomeu e o dr. Aurélio Lavor sequestraram o padre Cícero e estão agindo em nome desse chefe político.”⁶⁷³ Iguais telegramas foram enviados para jornais pernambucanos e publicados em pelo menos dois deles: o *Jornal Pequeno*, em 17 de dezembro⁶⁷⁴ e *A Província*, no dia 18.⁶⁷⁵

Embora não tenha sido encontrada nenhuma notícia desmentindo tal fato, não consta na historiografia conhecida sobre o padre Cícero e a guerra civil no Ceará, menção alguma ao

⁶⁷⁰ Médico e político cearense tomou parte no grupo que planejou a deposição de Franco Rabello. Foi também um dos deputados estaduais da Assembleia Legislativa do Ceará instalada em Juazeiro em dezembro de 1913.

⁶⁷¹ A Imprensa – RJ, N° 1961, 17/12/1913, p. 1, também publicou o referido telegrama.

⁶⁷² A Noite – RJ, N° 757, 16/12/1913, p. 02; A Época, N° 506, 17/12/ 1913, p. 02.

⁶⁷³ Jornal do Commercio – AM, N° 3464, 18/12/1913, p. 05.

⁶⁷⁴ Jornal Pequeno – PE, N° 288, 17/12/1913, p. 03.

⁶⁷⁵ A Província – PE, N° 347, 18/12/1913, p. 01.

suposto sequestro. O que existe é a narrativa, em dois livros, de que o sacerdote manteve-se em oração durante o período beligerante.

O primeiro livro a mencionar o assunto é publicado em 1968 pelo escritor Otacílio Anselmo, intitulado “Padre Cícero: Mito e realidade”⁶⁷⁶, considerado na historiografia “ciceriana” como um dos muitos trabalhos realizados pelo grupo chamado de “detratores”. Ao discutir a guerra civil do Ceará, o autor afirma que o sacerdote se sentia “[...] intranquilo e angustiado, rezou continuamente em todo o curso da rebelião”.⁶⁷⁷

Amália Xavier assina o segundo livro que trata desse período um tanto nebuloso em relação ao padre Cícero, com o título “O padre Cícero que eu conheci”. Afilhada do sacerdote, com quem convivera por muito tempo e filiada aos “defensores”, informa que desde 10 de dezembro daquele ano fatídico “[...] iniciou o Dr. Floro sua atividade de redigir e assinar, em nome do pe. Cícero, toda correspondência que se referisse ao movimento revolucionário”.⁶⁷⁸

São várias as narrativas de que o sacerdote, nas suas pregações destinadas ao povo o tenha incitado à defesa e à reação, tendo, portanto, uma atitude proativa na guerra. É possível conjecturar, ainda, que houvesse por parte dos inúmeros transeuntes que naquele momento passaram por Juazeiro, o entendimento de que o padre Cícero fosse, de certa forma, manipulado por Floro Bartholomeu, o verdadeiro comandante das tropas.

No entanto, percebe-se que a notícia fora propositadamente plantada na imprensa, uma vez que o mesmo telegrama é publicado em aproximadamente 08 jornais diferentes com o intuito de disseminar boatos para desqualificar as argumentações de que o movimento tinha um caráter de defesa do Juazeiro e do sacerdote e para gerar um clima de desconfiança em relação ao seu apoio no tocante à conflagração.

Levando-se em conta o fato de que o padre Cícero já naquela época se via reconhecido em todo o território brasileiro como o político de maior prestígio e influência política no sertão e tendo sob seu controle milhares de sertanejos que o obedeciam cegamente, conforme discutido ao longo da tese, a sementeira de uma atmosfera de desconfiança em torno da sua real atuação no movimento colocando-o como refém de políticos ambiciosos que, em seu

⁶⁷⁶ Segundo correspondências trocadas pelo autor e o historiador cariense Monsenhor Antônio Gomes de Araújo, pode-se deduzir que o livro fora escrito por encomenda e sob supervisão deste último, que dedicou parte de sua vida em desqualificar o padre Cícero e desmentir o chamado “Milagre do Juazeiro”. Ver a pasta: Padre Antônio Gomes de Araújo do Departamento Histórico Diocesano Padre Antônio Gomes de Araújo – DHDPG, Diocese de Crato – CE.

⁶⁷⁷ Anselmo, 1968, p. 408.

⁶⁷⁸ Oliveira, 1989, p. 165.

nome, promoviam a morte e a violência, torna-se uma arma preciosa no sentido de manipular a opinião pública e aqueles que, mesmo cultivando amizade e afeição pelo sacerdote, mantinham-se afastados do conflito.

3.1.11.2 Boato 02: A proclamação da Monarquia no Juazeiro: padre Cícero é aclamado rei e “prior” do Crato:

- Juazeiro proclamou a Monarquia.
- E quem será o rei daquelas paragens?
- Provavelmente o padre Cícero, “prior do Crato”, enquanto não volta d. Sebastião.⁶⁷⁹

A nota supracitada, publicada na coluna “Pingos e respingos” do *Correio da Manhã*, ironiza uma notícia que circulou nos principais jornais cariocas no início da guerra civil. Em 18 de dezembro o jornal *A Noite*, apresenta em sua primeira página um mapa traçando os lugares de prestígio e mando do padre Cícero com uma manchete inusitada:

⁶⁷⁹ Correio da Manhã - RJ, Nº 5437, 19/12/1913, p. 01.

Figura 14 - Manchete - proclamação da monarquia em Juazeiro e mapa delimitando a zona de influência do padre Cícero no Cariri.



FONTE: Jornal A Noite- RJ/BNHD

A legenda do mapa descreve o percurso que deveriam fazer as forças legais para chegar ao Crato enfatizando a cidade de “[...] Juazeiro, onde foi proclamada a monarquia”. A matéria aprofunda os ditos boatos:

Não nos falta mais nada do que saber que no sertão cearense, onde exerce a sua influência o padre Cícero, havia sido proclamada a monarquia. Telegrama que a esta capital chegou procedente do infeliz Estado comunica que os fanáticos de Juazeiro, depois de várias rezas, evoluções e manobras,

arvoraram na torre do Horto, uma bandeira monarquista, dando entusiásticos vivas quando ela começou a flutuar no tope do mastro.

Não é de estranhar que tal se tenha dado, o que se pode aceitar como uma macaqueação grotesca. [...]

O caso não tem a mínima importância, servindo, apenas, para fazer rir aos que observam contristados as escaramuças preliminares da grande luta que se espera convulsione todo o Estado.

No mesmo dia outro jornal carioca, *A Notícia*, traz como manchete: “[...] Os fanáticos arvoraram no cimo da torre do Horto⁶⁸⁰ a bandeira da monarquia”.⁶⁸¹ O periódico, como tantos outros, se debruça sobre a construção de uma imagem negativa do sacerdote:

Notícias aqui recebidas dizem que os fanáticos do Juazeiro arvoraram no cimo da torre do Horto, que é o reduto do padre Cícero a bandeira da monarquia, dando vivas à descaída instituição, após muitas rezas, evoluções e manobras.

Sendo já conhecida a idolatria do “boi santo” venerado em Ipueiras, próximo a Juazeiro, essas notícias vêm conformar ainda mais a exploração exercida no ânimo do povo ignorante, enchendo-lhe o espírito de grosseiras superstições.

Para a imprensa, a notícia a respeito do hasteamento da bandeira monarquista no início do movimento armado, seguido de vivas ao regime por parte dos seguidores do sacerdote, é a prova indubitável de que o conflito não passava de uma manipulação do povo. Reforçando essa percepção é publicado no *Jornal Pequeno*, de Recife, um telegrama enviado de Fortaleza cujo teor não difere dos demais:

⁶⁸⁰ Antiga Serra do Catolé. Segundo José Marques da Silva no livro *Milagres e previsões de Padre Cícero: Fatos de Juazeiro*, após se estabelecer ali o padre Cícero, guiado por uma visão que tivera do lugar através de um **SONHO**, convidou algumas pessoas para subir o morro. Chegando ao local o sacerdote assim se expressa: ***Aqui neste lugar, onde nós estamos, é parecido com o Horto onde Jesus foi crucificado.*** O Horto tornou-se, a partir de então, um lugar de peregrinação e sacralidade. Para saber mais, cf.: BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. *O Joazeiro Celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero*. São Paulo: Attar, 2007; PINHO, Maria de Fátima Morais. *O Horto do Padim Ciço: território simbólico do sagrado e do profano*. Revista Propostas Alternativas/Instituto da Memória do povo cearense – IMOPEC. Fortaleza, 2004, p. 15-120; BRAGA, Antônio Mendes. *A subida do Horto: ritual e topografia religiosa nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil*. Disponível em: <https://tinyurl.com/yyzjfxkg>.

⁶⁸¹ Jornal do Brasil – RJ, Nº 352, 18/12/1913, p. 08.

Pessoa vinda do centro do Estado afirma existir, hasteada na igreja de Juazeiro, uma bandeira monárquica, sendo grande a propaganda que se faz em todo o sertão do Cariri a favor da restauração do trono e da família de Bragança.

Na residência do padre Cícero encontram-se retratos da princesa Isabel e dos príncipes d. Luiz e d. Pedro de Bragança.

O último manifesto do príncipe d. Luiz pretendente ao trono do Brasil, tem sido lido na igreja de Juazeiro, após os ofícios religiosos dirigidos pelo padre Cícero.⁶⁸²

As notícias propagadas a partir de Fortaleza tentam associar a natureza do movimento armado no sul cearense, às questões religiosas de Juazeiro. A sublevação e o contingente de adeptos eram comumente tomados como algo de cunho fanático, composto por pessoas ignorantes e desprovidas de estudo, numa tentativa quase flagrante de dissociar os acontecimentos da crise política existente desde o início do governo rabelista.

Em protesto contra tal boato, o sr. Cavalcante Mello escreve à redação do *Jornal do Brasil* tecendo algumas considerações: “[...] O povo brasileiro é essencialmente monarquista. Basta qualquer levante ou movimento político para que se dê ao caráter revolucionário da restauração”.⁶⁸³ Citando Canudos, igualmente acusado de ser um movimento monarquista, denuncia que a imprensa acusou os partidários do regime de subsidiar Antônio Conselheiro com armas e dinheiro, adjetivando de caluniadores e mentirosos boa parte dos setores da imprensa. Ainda em sua nota, diz Mello:

[...] Agora surge nos sertões do Ceará um movimento partidário, que nada tem de comum com os monarquistas e nem se sublevam as multidões do padre Cícero por amor a D. Luiz, nem com o intuito deliberado de servir à causa da restauração. Todo mundo sabe que a revolta sertaneja é devida exclusivamente a negócios peculiares à política local, antes ao Governo Estadual.

Nada têm os monarquistas com semelhante movimento, embora levantem os partidários do padre Cícero a bandeira auriverde do nosso passado regime.

O esclarecimento da notícia não contou com a mesma repercussão e tampouco com espaço na imprensa. Sem manchetes na primeira página nem inserção de mapas, menos ainda

⁶⁸² Jornal Pequeno – PE, Nº 295 26/12/1913, p. 03.

⁶⁸³ Jornal do Brasil – RJ, Nº 00354, 19/12/1913, p. 06.

com algum comentário. Apenas um telegrama, entre muitos outros publicados na coluna homônima do *Jornal Pequeno*, anuncia que:

São desmentidos telegramas de origem oficial, vindos de Fortaleza, dando a existência de propaganda monarquista no centro do Cariri, pelos amigos do padre Cícero.

Também não é exata que esteja hasteada na torre da Igreja de Juazeiro a bandeira do império!⁶⁸⁴

Entretanto, o tema não sairá de circulação, voltando de vez em quando através de publicações irônicas, humorísticas e até carnavalescas como a charge da revista *O Malho*:

Charge 3 - “Notícias do Ceará” - Comemoração do bumba-meu-boi no Cariri.



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Fazendo uma alusão à conhecida dança folclórica “Bumba meu boi”, o padre Cícero conduz a brincadeira sendo seguido pelos bois e mais atrás, por um sertanejo portando um rifle. Na legenda, se lê: “[...] Tenha sido ou não proclamada a monarquia em Juazeiro, eis aqui

⁶⁸⁴ Jornal Pequeno – PE, Nº 296 – 27/12/1913, p. 05.

como será festejado o próximo dia de Reis... É o tradicional Bumba-meu-boi! com o padre Cícero à frente avançando... Se outro Bumba-meu-boi! Não o fizer recuar”.

Em Recife a troça carnavalesca “Frades deportados”, tendo como tema a questão monárquica, diz ter encontrado um “manifesto” no qual se planejava a restauração do Regime Monárquico no Brasil e que para sua concretização, se fazia necessário “[...] a adesão leal e sincera do destemido revolucionário cearense padre Cícero, com o poderoso contingente de 69.000 homens”.

3.1.11.3 Boato 03: Em nome do padre Cícero: saques, incêndios, raptos e outras violências.

Ao começar os combates entre as tropas rabelistas e juazeirenses se multiplicaram nas páginas dos jornais as histórias sobre saques, estupros e raptos praticados pelos chamados “bandidos do padre Cícero”. Na notícia veiculada no jornal *Correio da Manhã* intitulada “A tragicomédia do Ceará”, telegramas enviados ao deputado federal cearense e aliado de Franco Rabello, Moreira da Rocha, dão conta dos supostos acontecimentos:

Fortaleza, 27 – (Do correspondente) – os jagunços, sentindo escassear os mantimentos, cometem depredações, tendo saqueado já uma casa comercial de Juazeiro. O intendente João Bezerra está refugiado. Em Crato, o comandante das forças legais está guarnecendo as estradas a fim de impedir a incursão dos bandidos ciceristas, que, segundo informações particulares e do correspondente da “Folha”, têm assaltado diversas propriedades próximas de Juazeiro, entre uma de Joaquim Bezerra, opositor de prestígio, mas que não apoia a sedição chefiada pelo padre Cícero e pelo Dr. Floro Bartholomeu.

No mesmo comunicado informa que “[...] Os jagunços, nas suas batidas, raptaram duas menores, conduziram-nas para Juazeiro, onde campeia a libertinagem. Consta que os chefes da sedição aconselharam aos bandidos o saque”.⁶⁸⁵ As notícias de violência e terror praticados pelos homens das tropas comandadas, se acumulam nas páginas jornalísticas alimentadas pelos adeptos de Franco Rabello, que não economizam nas narrativas de saques às fazendas, comércios e cidades próximas de Juazeiro.

⁶⁸⁵ *Correio da Manhã* - RJ, Nº 5446, 28/12/1913, p. 04.

Sobre os boatos de saques e invasões, Amália Xavier diz que Floro Bartholomeu, por ocasião do Juazeiro se achar isolado e cercado pelas foças rabellistas impedindo que chagassem alimentos ao local, ordena que os saques fossem feitos às casas dos sítios vizinhos que se encontravam abandonadas, trazendo todo tipo de alimentos que encontrassem a fim de evitar a escassez de víveres e a fome das tropas. De acordo com a autora, quando o padre Cícero soube “[...] contrariou-se muito e repeliu acrescentando que era roubo e se ele que sempre condenou este vício infeliz como poderia permitir agora que o praticassem com a sua complacência”? Seria Melhor perder a guerra”.⁶⁸⁶

Ainda segundo a autora, diante da atitude do sacerdote Floro Bartholomeu, zangando-se, responde:

[...] Revolução é revolução; sem comer, não há homem valente que seja, que possa brigar e os nossos combatentes já estão com fome. [...] ou me deixa agir como eu acho que devo agir, ou vou embora.⁶⁸⁷

Diante da ameaça, afirma a autora, o padre Cícero silencia, recolhendo-se às orações.

As manchetes não cessam e anunciam uma conjuntura de anarquia, terror, violência:

JAGUNÇOS ABRIRAM AS PORTAS DA CADEIA DE MISSÃO VELHA
E SOLTARAM OS SENTENCIADOS⁶⁸⁸

O CEARÁ EM PÉ DE GUERRA: Reina o absolutismo⁶⁸⁹

Muitas vezes, as mesmas publicações que noticiam os saques e incêndios, trazem telegramas afirmando que tudo está em ordem e em paz, conforme se pode observar no jornal *O Paiz*:

CRATO, 1 – os bandidos do padre Cícero saquearam a casa do meu sogro em Juazeiro, incendiando em seguida o prédio que foi destruído até os alicerces. Jose André – presidente Câmara Municipal de Juazeiro.⁶⁹⁰

⁶⁸⁶ Oliveira, 1989, p. 176.

⁶⁸⁷ Ibid. p. 177

⁶⁸⁸ Jornal do Brasil – RJ, Nº 00353, 19/12/1913, p. 09.

⁶⁸⁹ A Época, Nº 508, 19/12/ 1913, p. 02.

Abaixo do telegrama, outros dois são enviados do Crato:

CRATO, 1, Chegou o secretário da justiça e segurança pública, acompanhando nova expedição. Tudo aqui na melhor ordem.

CRATO, 1, Acabo de chegar aqui, encontrando tudo bem. – Martins de Freitas – secretário de justiça.

No começo de fevereiro de 1914, quando as tropas do Juazeiro conseguem vencer os rabellistas estacionados nas cidades de Barbalha e de Crato assumindo o controle, começam a circular na imprensa as notícias de saques ao comércio e a instituições financeiras:

O CEARÁ ENSANGUENTADO

As propriedades comerciais particulares do negociante Teixeira [...] agente do London Bank e companhia de seguros, foram completamente saqueadas. Todo o comércio está aniquilado. [...] Não conseguindo arrebentar os cofres, conduziram-no para o Juazeiro. A cidade sofreu saque na sua totalidade.⁶⁹¹

No dia seguinte a informação é rebatida e publicada:

A respeito dos saques do Crato [...] o Dr. Floro Bartholomeu não estava presente e o padre Cícero indignado, fez restituir muitas das coisas que haviam sido levadas.

Não é verdade, como foi propalado, que havia sido levado o cofre da filial de London & Brazilian Bank para o Juazeiro, pelo simples fato de não ter o referido banco nenhuma filial na cidade do Crato.⁶⁹²

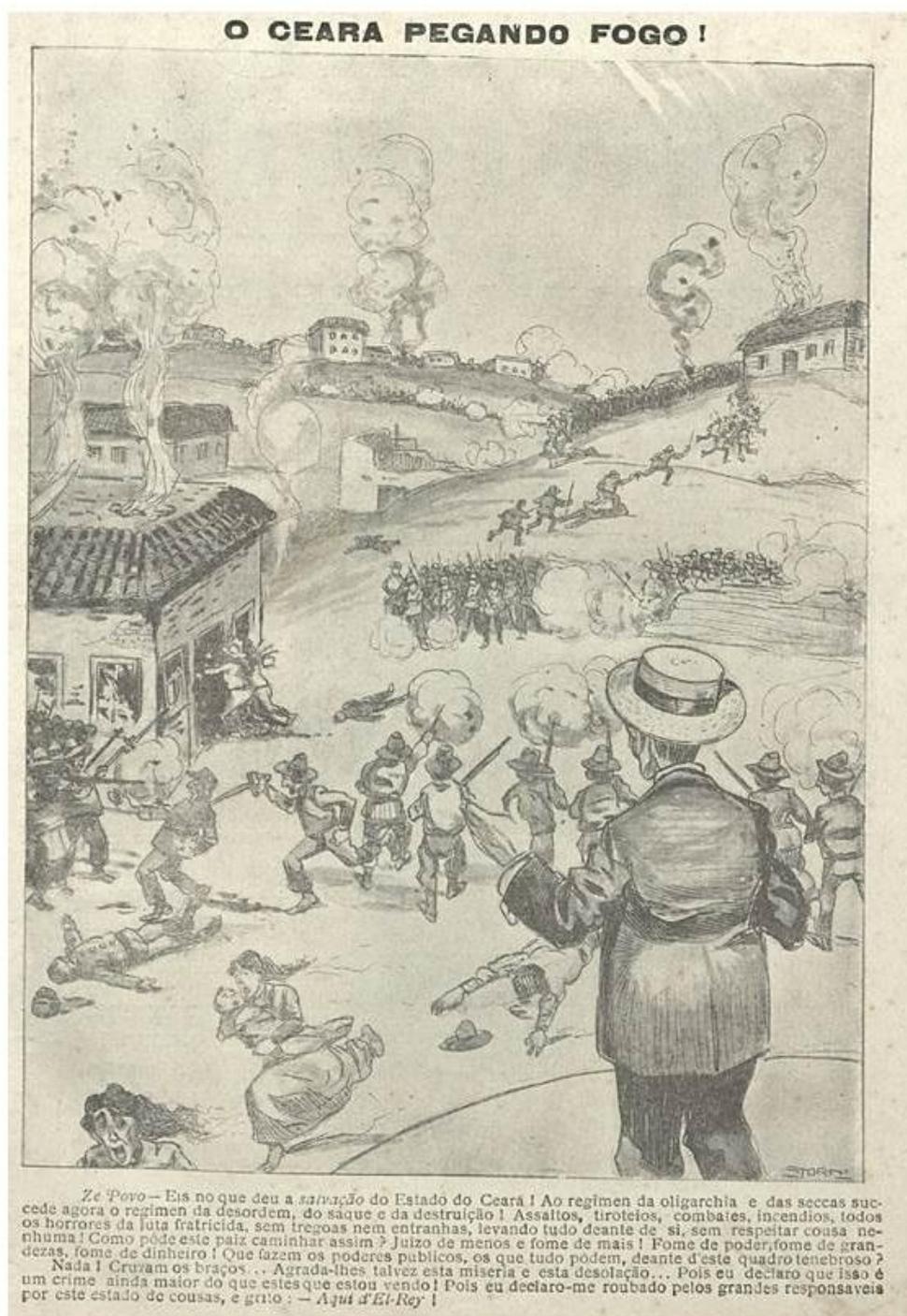
O caos, os crimes, incêndios, desespero, rugas e mortes causadas pela guerra foram representados numa das charges do cartunista Storni com o título “O Ceará pegando fogo!”

⁶⁹⁰ O Paiz – RJ, Nº 10680, 03/01/1914, p. 04.

⁶⁹¹ A Época, Nº 553, 03/02/1914, p. 01.

⁶⁹² A Noite – RJ, Nº 800, 04/02/1914, p. 04.

Charge 4 - Ceará pegando Fogo! – cenas de um contexto de guerra



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Na cena o personagem Zé Povo observa do alto a desoladora cena de guerra, com mulheres e suas crianças, nos braços, correndo desesperadas; um grupo de homens invade

uma casa; corpos mortos e tombados ao chão, tiroteios, incêndios, bombas, o caos total. Diante de tal cenário, declara:

[...] Juízo de menos e fome de mais! Fome de poder! Fome de grandezas!
Fome de dinheiro! Que fazem os poderes públicos, os que tudo podem,
diante deste quadro tenebroso?
Nada! Cruzam os braços... Agrada-lhes talvez esta miséria e esta desolação...
Pois eu declaro isso é um crime ainda maior do que estes que estou vendo!
Pois eu declaro-me roubado pelos grandes responsáveis por este estado de
coisas e grito: - *Aqui d'El-Rey!*

3.1.11.4 Boato 04: Na guerra, é melhor morrer do que ser ferido: Padre Cícero e a ressurreição dos seus combatentes.

Outro boato que circulou na imprensa narrado de forma jocosa, irônica e debochada dizia que os combatentes da guerra das tropas juazeirenses acreditavam que se morressem lutando, seriam ressuscitados pelo padre Cícero. O jornal *Correio da Manhã*, num artigo sobre o movimento armado põe em manchete: “Os jagunços querem saber do padre Cícero quando ressuscitará os mortos na luta”.⁶⁹³ Segundo o jornal, ao ser o “[...] padre Cícero interpelado por eles sobre a ressurreição dos mortos na luta, respondeu que ela só se dará depois da revolução terminada”.⁶⁹⁴

História semelhante é narrada nas notícias acerca do combate na localidade de Miguel Calmon. Ao descrever de maneira pormenorizada como se deu o confronto, conta-se que um dos combatentes do Juazeiro, ao ser baleado, implora para que o matem, pois, só assim, poderá ser ressuscitado pelo padre Cícero. Transcrita do jornal *A Folha do Povo*, a história foi publicada nos principais jornais do Rio de Janeiro e de outras províncias.

O periódico *A Época*, na coluna “Fora do sério”, veicula o boato com escárnio:

No combate de Miguel Calmon um jagunço com a perna atravessada por uma bala pedia insistentemente que o matassem para ressuscitar perfeito como lhe prometeu o padre Cícero.

⁶⁹³ Correio da Manhã - RJ, N° 5446, 28/12/1913, p. 04.

⁶⁹⁴ Correio da Manhã - RJ, N° 5446, 28/12/1913, p. 04.

Por que diabo não vem esse padre aqui no Rio, liquidar o P.R.C., a ver, se ele ressuscita perfeito?⁶⁹⁵

3.1.12 DAS PÁGINAS DE JORNAL AO CONGRESSO NACIONAL: Discursos e debates de deputados federais e senadores sobre o padre Cícero.

Antes, durante e depois da chamada guerra civil no Ceará, deputados federais já se revezavam na Tribuna da Câmara proferindo inflamados discursos contra e favor do movimento. Em muitos deles, o padre Cícero assume o papel central no que se refere à acusação de ser o grande responsável e o chefe de bandos de cangaceiros e fanáticos.

Na sessão do dia 10 de dezembro de 1913, o deputado Fonseca Hermes⁶⁹⁶ é um dos primeiros a abordar o assunto. Em seu pronunciamento sobre a questão política do Ceará refuta as notícias veiculadas na imprensa de que o governo federal pretende promover uma intervenção no Estado, denunciando que Franco Rabello não respeita as “garantias constitucionais”. Citando o padre Cícero o qualifica como um “[...] homem de posição social definida, vítima de violências, com violação de suas bagagens e desrespeito o segredo de sua correspondência postal e telegráfica”.⁶⁹⁷

Dois dias depois, o assunto volta a ser discutido por ocasião das declarações do deputado Moreira da Rocha, aliado de Franco Rabello, nas quais denuncia que se organiza no Juazeiro um movimento para derrubar o governo estadual. Ao falar acerca do assunto destaca o padre Cícero qualificando-o de “[...] explorador e facínora”.⁶⁹⁸ A sessão é noticiada na imprensa como tumultuada e barulhenta, “[...] vigorosamente aparteado pelos Sres. Fonseca Hermes, Thomaz Cavalcanti, Frederico Borges, Flores da Cunha e Eduardo Saboya”.⁶⁹⁹

No jornal *Correio da Noite*, a assembleia é narrada de forma cômica e debochada:

NA CAMARA
O SR. MOREIRA DA ROCHA FAZ BARULHO DOS DIABOS

⁶⁹⁵ A *Época*, N° 577, 27/02/1914, p. 01.

⁶⁹⁶ Sobre a breve biografia do deputado, cf.: <https://tinyurl.com/y33hyzz9>.

⁶⁹⁷ O *Imparcial* – RJ – N° 373, 12/12/1913, p. 02.

⁶⁹⁸ O *PAIZ* – RJ, N° 10659, 13/12/1913, p. 02.

⁶⁹⁹ *Ibid.*, p. 05.

O sr. Moreira da Rocha, cabelos em desalinho, olhar de fogo, gestos trágicos, pediu a palavra.

Correu por toda a Câmara um forte arrepio – S. Ex. ia tratar da politicagem do Ceará.

Na bancada da imprensa esfuziaram pilherias:

- Vai dar o tigre com 88
- Chegou a hora da “onça” beber água.

O sr. Moreira da Rocha começou.

A sua frente ficou o seu adversário maior, o sr. Thomaz Cavalcante.

O orador entra logo a tratar do assunto, gritando esbaforidamente:

- O padre Cícero prepara a revolução...
- Não apoiado, retruca o sr. Thomaz Cavalcante.

E começou aí um longo diálogo entre os dois deputados.

- V. Ex. expediu telegramas ao padre Cícero.
- Dou-lhe uma certidão, se quiser.
- Bom, bom, bom (gargalhada geral).⁷⁰⁰

O sr. Moreira da Rocha fica encafifado, mas prossegue a gritar que tem fotografias de cartas enviadas para o Ceará.

Daí em diante a hilaridade é enorme! A Câmara gargalha estridentemente, assistindo o discurso – bombardeio do representante do sr. Franco Rabello.

Ouve-se aparte:

[...]

Novas gotosíssimas gargalhadas. O sr. Flores da Cunha ri satisfeito, enquanto o sr. Moreira da Rocha vocifera:

- Nunca o governador do Ceará pretendeu perseguir o padre Cícero.

O sr. Flores da Cunha, momentos antes, pediu uma explicação ao orador:

- Desejava saber quem são os correspondentes de dois jornais rabellistas nesta capital. Esses correspondentes achincalham os nossos amigos e dizem que os discursos de V. Ex. são deslumbrantes.

Não admito ironia, retrucou o orador.

Não é ironia. Realmente V. Ex. é deslumbrante, replica o sr. Flores da Cunha.

O orador volta a desenrolar a sua fita cômico-trágico, embasbacando a Câmara com a sua oratória e lendo e relendo as partes principais do “film”.

Surgem apartes de todos os lados e gritos violentos. O barulho é ensurdecedor.

O presidente diz que está finda a hora do expediente. O sr. Moreira da Rocha senta-se, fatigadíssimo, com a goela a arder.

Uma hora de gargalhadas infernal!

Percebe-se, com base na narrativa, que os ânimos se encontravam bastante acirrados com acusações feitas aos políticos aliados do padre Cícero.

Em 15 de dezembro é a vez do deputado cearense Frederico Borges⁷⁰¹ se pronunciar numa das sessões da Câmara Federal a respeito do contexto político do Ceará. A repercussão

⁷⁰⁰ Correio da Noite – RJ, N° 287, 12/12/1913, p. 03.

⁷⁰¹ Para saber mais sobre o deputado, cf.: <https://tinyurl.com/y2zh6pfz>.

de sua fala nos jornais revela o clima maniqueísta que caracteriza as narrativas no tocante à atuação do padre Cícero nessa questão.

O jornal situacionista *O Paiz*, na coluna dedicada à divulgação das sessões da Câmara, ressalta a fala do deputado afirmando que ele tratara, dentre outras coisas,

[...] da atuação anarquica em que se acha o Estado do Ceará. Relatou as atrocidades que ali estão praticando contra os adversários do sr. Franco Rabello.

Exaltou as virtudes do padre Cícero, sacerdote responsável, prestigioso e que apenas está defendendo os seus amigos e admiradores das perseguições dos rabellistas.⁷⁰²

O jornal *A Época*, opositor do governo federal, reverbera o pronunciamento do deputado com o título: “Uma série de disparates com o que o sr. Frederico Borges pensa servir á causa acciolyna”. Numa linguagem irônica narra assim a sua participação:

O Sr. Frederico Borges deitou ontem o verbo, na Câmara, fazendo a divinização do padre Cícero, a consagração literária do sr. Wenceslau Braz [...] Todas as pandegas, fê-las o velho abencerragem (*sic*) da defunta oligarquia cearense. A Câmara nenhuma atenção prestou aos discurso do sr. Frederico Borges.

Outro forte momento protagonizado na Câmara Federal sobre o conturbado contexto político cearense ocorreu na sessão do dia 20 de dezembro, quando o deputado federal por Minas Gerais, Irineu Machado,⁷⁰³ leva à tribuna um discurso acusando o governo Federal de promover a guerra civil no Ceará sendo amplamente noticiado na imprensa com títulos em caixa alta: “[...] UM VEEMENTE DISCURSO⁷⁰⁴; O SR. IRINEU MACHADO FAZ UM INTERESSANTE ESTUDO DA NOSSA SITUAÇÃO POLÍTICA, CRITICANDO A

⁷⁰² O PAIZ – RJ, Nº 10662, 16/12/1913, p. 05.

⁷⁰³ Sobre Irineu Machado, cf.: <https://tinyurl.com/y2g8ecvz>. Acesso em: 20 abr. 2019.

⁷⁰⁴ A Noite – RJ, Nº 761 – Sábado – 20/12/1913, p. 03.

ATTITUDE DOS COLIGADOS E OS PROCESSOS POLITICOS DO CHEFE DO P.R.C;⁷⁰⁵
 DURANTE QUATRO HORAS O DEPUTADO IRINEU MACHADO OCUPA A
 TRIBUNA DA CÂMARA.⁷⁰⁶

A divulgação do discurso ressalta que em sua fala, ao se referir ao “caso do Ceará” declara ser o padre Cícero “[...] ser um espertalhão, que vive a iludir a boa fé da gente sertaneja”. Nesse sentido, acrescenta ainda:

Condenou essa política que vai buscar no fanatismo os meios de vitória.

Depois de estudar o perfil político, religioso e social do padre Cícero Romão Baptista, mostra-o como um embusteiro, um impostor que a Santa Sé condenou e que o Partido Conservador agora explora em proveito de sua política.

O debate no campo político segue com um significativo número de telegramas enviados de Fortaleza, Crato e Juazeiro para seus correligionários na Câmara Federal residentes no Rio de Janeiro. Dois desses telegramas são endereçados ao senador Ruy Barbosa. O primeiro deles é enviado por “[...] vinte e quatro senhoras do Aracati” e o segundo, “[...] pelas diretoras dos três principais colégios de meninas, existentes na Fortaleza”.⁷⁰⁷

Atendendo, pois, aos apelos feitos nos citados telegramas, Ruy Barbosa, publica um artigo intitulado: “Acudindo às senhoras cearenses”. Nele, o político faz sérias acusações ao governo Federal atribuindo-lhe a responsabilidade pela crise cearense:

[...] o governo central suscita, de improviso, nos sertões do Juazeiro e do Cariri, uma reedição ampliada do fanatismo de Canudos, em que a loucura de Antônio Conselheiro se substitui pela impostura douta de um caudilho tonsurado. Circunda-se essa aglomeração de aventureiros com o esboço das romãs de uma imaginária assembleia legislativa.

⁷⁰⁵ Correio da Manhã - RJ, Nº 5439, 21/12/1913, p. 04.

⁷⁰⁶ A Época – RJ, Nº 510, 21/12/1913, p. 05.

⁷⁰⁷ O Imparcial – RJ – RJ, Nº 454, 04/03/1914, p. 02.

Conclamando o povo à luta contra “[...] inundação da capital do Ceará pelas hostes sanguin rias da jagunçada” declara que:

[...] a devastação da Terra da Luz pelas hordas barbaras do padre Cícero e de Floro Bartholomeu ataca a ferro e fogo, na sociedade cearense e na família cearense, a família e a sociedade brasileira.

O artigo do senador, teve grande repercussão na imprensa de todo o País, sobretudo, por ser ele um dos mais importantes políticos oposicionista, tendo, concorrido nas eleições presidenciais de 1910 e, em 1913, quando era o candidato nas eleições vindouras e, na iminência de ser derrotado por Venceslau Brás, candidato da situação, renuncia lançando o famoso "Manifesto   Nação".

Em resposta ao artigo de Ruy Barbosa, a bancada cearense, aliada do sacerdote, subscreve um “Manifesto   Nação”. O documento apresenta uma exposição sobre o combate deflagrado em Juazeiro, manifestando “[...] inteira solidariedade com o movimento revolucionário”.⁷⁰⁸

Publicado na íntegra no jornal *O Paiz*, tem parte considerável do texto destinada à defesa do padre Cícero, conforme se destaca abaixo:

[...] começaram pela ins nia de pretenderem diminuir a personalidade do padre Cícero Romão Baptista, conhecido e venerado em toda a vastíssima zona do interior do Brasil, desde Minas Gerais até ao Piauí, reduzindo o seu grande vulto   figura de simples e p rfido explorador de credices e superstições instaladas no animo ingênuo dos sertanejos, aos quais chamam de alternadamente jagunç os ou bandidos.

Esquecem ou ocultam que o padre Cícero, vivendo há cerca de quarenta anos no Juazeiro, que fundou desde as suas primitivas habitações, gozando por aquelas paragens do maior e mais sólido prestígio, nunca deixou que se obliterasse o seu desprendimento no delírio das ambições, nunca distraiu a sua maravilhosa atividade do sacerdócio da caridade e da assistência moral e material do povo, para pleitear posições cuja conquista, aliais, ninguém lhe poderia com vantagem disputar.

Esqueceram e ocultaram que, só depois de grande e quase invencível relutância, acedeu o digno sacerdote às instancias de amigos de toda   parte, a que figurasse o seu nome como candidato   vice-presidência do Estado, na lista com que o Partido Republicano Cearense compareceu às urnas contra o candidato da caudilhagem da salvação. Eleito pelos seus amigos, foi

⁷⁰⁸ O Paiz – RJ, N  10719, 11/02/1914, p. 01.

considerado reconhecido pelo infeliz conchavo que deu lugar à investidura do sr. Franco Rabello e para cuja execução se escolheram nomes e alternados das duas chapas em litígio, e em longo manifesto, que dirigiu ao Estado, acentuou altivamente, a sua atitude perante a nova ordem das coisas.

Apesar dessa atitude de desacordo, e, podíamos dizer, de repugnância do padre Cícero em relação à situação espúria que se inaugurava no Estado, o sr. Franco Rabello e os seus inventores tudo fizeram para coaptar-lhe o apoio e com o seu prestígio criar adesões e formar partido que não tinham e nunca conseguiram ter em nenhum dos quatorze municípios do Cariri, como, aliais, sucede em dois terços dos oitenta e quatro do Estado.

Diante dessa tenaz resistência a todas as seduções, o sr. Franco Rabello tentou, então, conquistar pela força os sertões que não pudera pelo suborno ajuizar ao seu carro triunfal. Inventaram, para que o executasse o títere responsável pelo governo do Ceará o famoso plano de campanha centra o banditismo, impudente disfarce da perseguição feroz e desumana movida contra todos os chefes do Cariri, visando o padre Cícero antes de todos. Desse tenebroso plano serviu de fecho o concluiu-o chamado pacto político-militar-estadual, promovido pelos assessores do pretense governador do Ceará em virtude do qual os caudilhos salvadores de outros Estados do norte estão agora ameaçando aventurar-se à temerária audácia de invadir o Estado para ajudar o comparsa a cevar-se sangue cearense.

A notícia acrescenta que o documento foi subscrito pelos políticos Pedro Augusto Borges, Thomaz Pompeu Pinto Accioly, Thomaz Cavalcanti de Albuquerque, Virgílio Brígido, J. F. Bezerril Fontenelle e Agapito Jorge dos Santos, ressaltando que apenas um da bancada não assinou o manifesto.

É importante destacar no manifesto acima a explicação e condições para que o padre Cícero aceitasse concorrer na chapa situacionista em 1912 e sua relação com governo eleito, Franco Rabello, marcada pela tentativa de cooptação do sacerdote através da política e depois da força militar, não obtendo sucesso, uma vez que o mesmo se mantém fiel ao grupo acciolyista.

Conforme se vê, o fim do conflito armado deflagrado em Juazeiro, com a renúncia do então governador Franco Rabello, não significou o fim da crise política no Ceará e nem tão pouco a polêmica em torno do nome do padre Cícero. Pelo contrário, se no meio jornalístico artigos, charges, paródias, fotografias, manchetes alarmantes contribuíram na construção de representações sobre o sacerdote, no campo político, ou seja, no Congresso Nacional, aliados e adversários, se revessavam na tribuna com discursos inflamados entre defesas e acusações, os quais eram amplamente divulgados nas colunas políticas dos periódicos.

Em 05 de maio, jornais destacam na primeira página: “DISCURSOS PRONUNCIADOS PELOS SRS. RUY BARBOSA E MAURICIO DE LACERDA, NO SENADO E NA CAMARA”.⁷⁰⁹

Observe-se o pronunciamento do deputado Maurício de Lacerda,⁷¹⁰ que aborda a sucessão presidencial do Ceará valendo-se, em sua fala, do deboche e da ironia para se referir aos seus opositores:

O sr. Mauricio de Lacerda – sr. Presidente, espero que se calem os padres Cíceros...

O sr. Eduardo Saboya – Aqui não há padre Cícero e, se houvesse, Honraria esta casa! (apoiado)

O sr. Mauricio de Lacerda – Sr. Presidente, o padre Cícero está talhado para honrar o futuro Congresso do sr. General Pinheiro Machado.

O sr. Eduardo Saboya – Só pode ser honrado com a presença do padre Cícero, que é um patriota.

O sr. Mauricio de Lacerda – É um salteador!

O sr. João Lopes – São frases!

O sr. Mauricio de Lacerda – Não são frases... é um epíteto que lhe caberá no juízo da história

[...].⁷¹¹

Citado de forma recorrente nos discursos proferidos na Câmara Federal sobre a crise política instaurada no Brasil e no Ceará, por causa da decretação do “Estado de Sítio” por parte do governo federal, é novamente do deputado Maurício de Lacerda o mais forte discurso acusatório e difamatório a respeito do padre Cícero.

Na sessão de 29 de maio de 1914, ao encerrar a discussão sobre o Estado de Sítio o deputado declara: “[...] Não estou preso a interesses de qualquer ordem, prosegue o sr. Mauricio, e assim historio os acontecimentos”.⁷¹²

Maurício de Lacerda dircursa prolixamente acerca dos acontecimentos políticos do Ceará destacando alguns aspectos:

[...]

O território cearense sofreu a invasão de elementos estranhos à vida, à paz e à própria existência do povo cearense.

⁷⁰⁹ A Época – RJ, Nº 623, 09/05/1914, p. 01-2.

⁷¹⁰ Para saber mais sobre o deputado, cf.: <https://tinyurl.com/y3stwbka>.

⁷¹¹ A Época, loc. cit.

⁷¹² A Noite – RJ, nº 877, 29/05/1914, p. 03.

Padre Cícero concentrou em Juazeiro, com alguns jagunços que mandaram os Estados aliados [...].

Senhor presidente, assim, se concentraram no Juazeiro jagunços enviados de todos os outros Estados.

Padre Cícero, tipo retardatário de nossa civilização, num meio semibárbaro, arrancando pelos desvirtuamentos da fé católica e um fetichismo grosseiro, abaixo dos mais baixos e vis fetichismos africanos, padre Cícero fazia com seus jagunços, no Ceará, o seu comercio.

O cavalo fez o caudilho, o navio fez o pirata; o caudilho teve o cavalo, o pirata teve o navio; nos métodos, nos processos, nas consciências, eles se equiparam no mar e na terra. Padre Cícero é um tipo inferior e subalterno caudilho.

[...]

Mas, como dizia senhor presidente, ateadas a fagulha do incêndio em Juazeiro, v. ex. viu e todos viram que o governo teve o especial cuidado de escolher um general, que odeia, debaixo dos bastidores de sua politicagem, estender as suas mãos, os seus bordados aos punhos do padre Cícero, ensanguentados no sangue generoso dos cearenses.

[...]

De sorte que a horda cearense avançava e possuía telegramas enviados do Juazeiro, em que esse padre Cícero, que é um santarrão do sertão e que distribuía moedas ou medalhas, ou verônicas, com o retrato de N. S. das Dores, e no verso de N. S. de Cícero, o padre Cícero, com esse símbolo de guerra, estendido a seus jagunços como um – in hoc signo vinces – avançava sobre a cidade de Fortaleza [...].⁷¹³

Muitos outros discursos se sucederam em torno do tema, tornando o padre Cícero no político de maior evidência na conjuntura política cearense da época e promovendo cada vez mais um acirrado debate maniqueísta onde, de um lado, era acusado de todas as mazelas políticas e de exploração do povo ingênuo e analfabeto, do outro, era narrado como elemento da ordem, progresso e desenvolvimento do sertão brasileiro.

⁷¹³ A Época – RJ, Nº 631, 17/05/1914, p. 06.

3.2 **QUARTO CAPÍTULO - NA TRAGÉDIA E NA COMÉDIA:** representações e ressignificações do padre Cícero nas manifestações artísticas – poesia, teatro, carnaval e charges e fotografias.

Mas o povo não pensa positivamente pelo bestunto oco dessa gente que prefere ver no padre Cícero um paranoico digno de hospício ou um grande criminoso a merecer o castigo do cárcere.

Granjeia-se a popularidade de varias maneiras e se fazem questão os representantes dos jagunços de que o sotaina seja popular, de nada tem que se queixar, por que o seu nome já corre de boca em boca, cantado com música da “Cabocla de Caxangá” e a sua figura sinistra aparece nos palcos, num cenário representando os domínios de Pero Botelho⁷¹⁴, em cujas caldeiras ferventes o povo muito gostaria de vê-lo mergulhado.⁷¹⁵

A epígrafe, trecho de um artigo publicado no jornal *A Época* em fevereiro de 1914, faz referência à popularidade negativa do sacerdote no âmbito da sociedade carioca a partir do seu envolvimento no campo da política partidária, sobretudo, após a eclosão do movimento armado entre as tropas do governo estadual e os combatentes de Juazeiro no final de 1913 e começo de 1914.

Narrado, noticiado, criticado, representado nas colunas políticas e em editoriais dos periódicos dentro e fora do Brasil, o padre Cícero teve, igualmente, sua imagem retratada e ressignificada na imprensa literária e humorística em sessões dedicadas à arte, ao carnaval, ao humor e à sátira propriamente dita.

Citado em poesias diversas, cantado em paródias, interpretado em palcos teatrais, tematizado em fantasias e carros alegóricos, apresentado em charges, etc., a seu respeito eram construídas representações e sentidos consolidando estereótipos tais como cangaceiro, jagunço, criminoso, coronel, bandido, lunático, revolucionário, politiqueiro, explorador, entre outros.

⁷¹⁴ Trata-se de uma lenda urbana na qual Pero Botelho, homem mau, caiu numa gruta vulcânica e como castigo pela sua maldade nunca mais saiu de lá. A lenda passou ao conhecimento popular como Caldeira de Pero Botelho. Para saber mais, cf.: FURTADO-BRUM, Ângela, Ponta Delgada, Ribeiro & Caravana editores, 1999. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4ktbsx9>

⁷¹⁵ A Época – RJ, Nº 562, 12/02/1914, p. 02.

Serão analisadas, neste capítulo, as diferentes formas de expressão artística que se alimentavam das notícias publicadas nos jornais e como, a partir delas, representaram e interpretaram o padre Cícero após sua estreia e envolvimento na política partidária.

3.2.1 DA POESIA AOS ALMANARQUES: narrativas do padre Cícero na literatura

Nas revistas e periódicos não circularam apenas notícias, fotos e charges sobre o padre Cícero. Do mesmo modo, poesias e almanaques populares tomaram como mote os acontecimentos políticos e belicosos nos quais o sacerdote foi envolvido, e se envolveu.

Sem dúvida, a poesia é um gênero textual bastante difundido e valorizado em nossa cultura, constituindo-se numa importante ferramenta literária na difusão e popularização de conceitos, fatos e estereótipos. Assim sendo, nos possibilita compreender de que maneira o padre Cícero foi narrado em verso e prosa, abrindo caminho para o pesquisador tentar desvendar de que modo se deu a construção de representações e ressignificações do sacerdote.

No período em que o padre Cícero estava em grande evidência por ocasião da guerra civil que se desenvolvera no Ceará em 1913-1914, tendo em Juazeiro o seu epicentro, poesias, trovas e prosas publicadas em periódicos ajudaram a popularizar as imagens a ele relacionadas através de uma linguagem irônica, jocosa, debochada.

Na coluna intitulada “Fora do Sério” do jornal *A Época*, assinada por R. Dente,⁷¹⁶ os principais assuntos políticos eram tratados de forma irônica, trazendo abaixo da notícia um pequeno poema. Em 24 de dezembro de 1913 ao publicar um telegrama enviado do Ceará no qual se informa que “[...] Foram mortos, no último encontro da policia com a gente do padre Cícero mais de sessenta pessoas [...]”, o colunista publica os seguintes versos:⁷¹⁷

⁷¹⁶ Na edição d’A *Época* Nº 187 de 02/02/1913, p. 06, o autor declara ser arrendatário da coluna, porém, não foi possível identificar de quem se trata R. Dente. Provavelmente é um pseudônimo.

⁷¹⁷ A *Época* – RJ, Nº 513, 24/12/1913, p. 02.

Figura 15- Poema com crítica ao padre Cícero

Triste encontro, sorte pecca!
 Do Ceará se extingue a prole,
 O povo escapa da secca
 Mas, não do padre e do Accioly.

FONTE: Jornal A Época- RJ/BNHD

Ao lamentar a sorte dos sertanejos que sobreviveram à seca, mas, não escaparam do padre e de Accioly, subtende-se que a aliança política entre o sacerdote e o oligarca cearense fora construída no sentido de promover a morte.

Com a mesma entonação, no *Jornal do Commercio* publicado em Belém, na coluna “Pontos e pospontos”, assinada por Tailleur, publica-se a poesia intitulada “Sal do fim – O padre Cícero do Ceará”:⁷¹⁸

Figura 16 - Poesia com crítica ao padre Cícero – Sal do Fim

Pontos & Pospontos

SAL DO FIM
O padre Cícero do Ceará.

Esse tal de padre santo,
 do Ceará nos sertões,
 passa a vida, por encanto,
 pregando consagrações.

Esse batina, a meu ver,
 por ser experto e ladino,
 não fica nada a dever
 ao pobre Antonio Silvino...

Mas, se o povo do Ceará
 quizer lhe dar uma nota,
 de certo não sahirá
 nenhuma linha da rota:

De cordas é fazer tranças,
 e dar-lhe de chibatadas;
 no lugar onde as crianças
 costumam levar palmadas...

Tailleur.

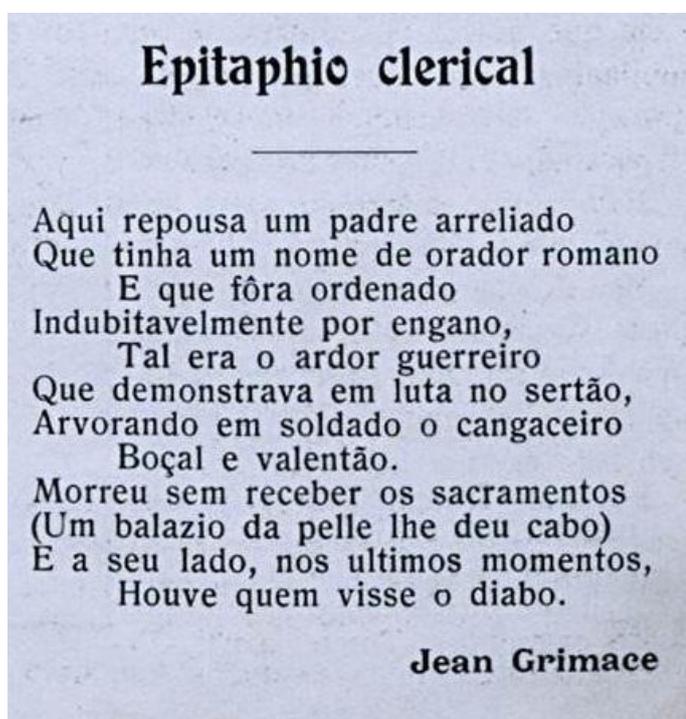
FONTE: Jornal O Estado do Pará/BNHD

⁷¹⁸ Estado do Pará – PA, Nº 959, 26/11/1913, p. 02.

Valendo-se de trocadilhos com o termo bíblico “Sal da Terra”⁷¹⁹ os versos apresentam o sacerdote como o “sal do fim”, denotando que o padre Cícero representa o mal, o fim, a escuridão. Ao apresentar o padre Cícero como mais perigoso que o maior e amplamente conhecido cangaceiro que circulava nos sertões naquele momento, Antônio Silvino, atribuiu a pecha de ardiloso espertalhão imputando-lhe o ônus da conflagração, portanto, merecedor de “chibatadas” nas nádegas como uma criança.

Fazendo uso de uma linguagem mais irônica é publicada na revista *Careta* a poesia “Epitácio Clerical”, assinada por Jean Grimace.⁷²⁰

Figura 17 - Poesia com crítica ao padre Cícero – Epifania Clerical



FONTE: Revista Careta- RJ/BNHD

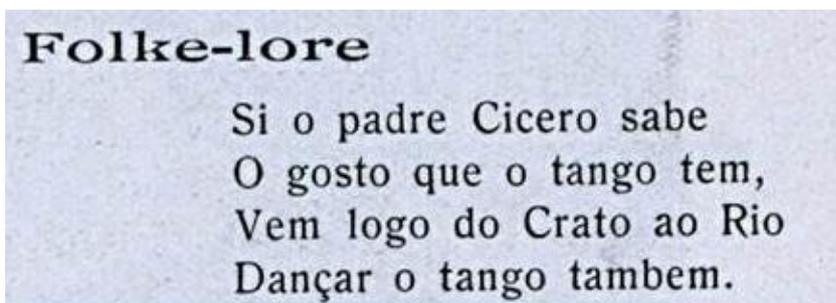
⁷¹⁹ Matheus, 5:13-16.

⁷²⁰ Revista Careta – RJ, Nº 292, 03/01/1914, p. 15. A publicação traz o pseudônimo de Antônio Eliezer Leal de Souza (1880), jornalista e escritor. Nesse período Antônio era redator da revista Careta onde publicava poesias tanto com um pseudônimo quanto com o nome de Leal de Souza. Escreveu em 1925 o primeiro livro sobre a Umbanda no Brasil intitulado *No Mundo dos Espíritos*, sendo, portanto, considerado o primeiro escritor a tratar do assunto (Revista Careta – RJ, Nº 292, 03/01/1914, p. 15). Outros detalhes, cf.: VEIGA, Cláudio. *Uma literatura macarrônica franco-brasileira*. Academia de Letras da Bahia. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3eburks>

Tratava-se de uma coluna denominada “Epitáfio” na qual o autor criticava os mais variados e principais assuntos noticiados nos periódicos. Nesse caso, sugere que na lápide do padre Cícero este seria descrito como um sacerdote insolente, briguento, valente e cangaceiro ligado muito mais às questões mundanas, posto ter sido sua ordenação um equívoco. Morrendo vitimado pelo disparo de uma bala e sem receber os sacramentos católicos, teria o sacerdote sido recebido no seu pós-morte pelo próprio diabo.

Qualquer tema em evidência tornava-se passível de ser associado ao padre Cícero. Versos publicados na mesma edição da *Careta*, coluna “Folk-lore”, o colunista que se identifica por Jota⁷²¹ diz que:

Figura 18 - Verso com crítica ao padre Cícero: Folke-lore.



FONTE: Revista Careta- RJ/BNHD

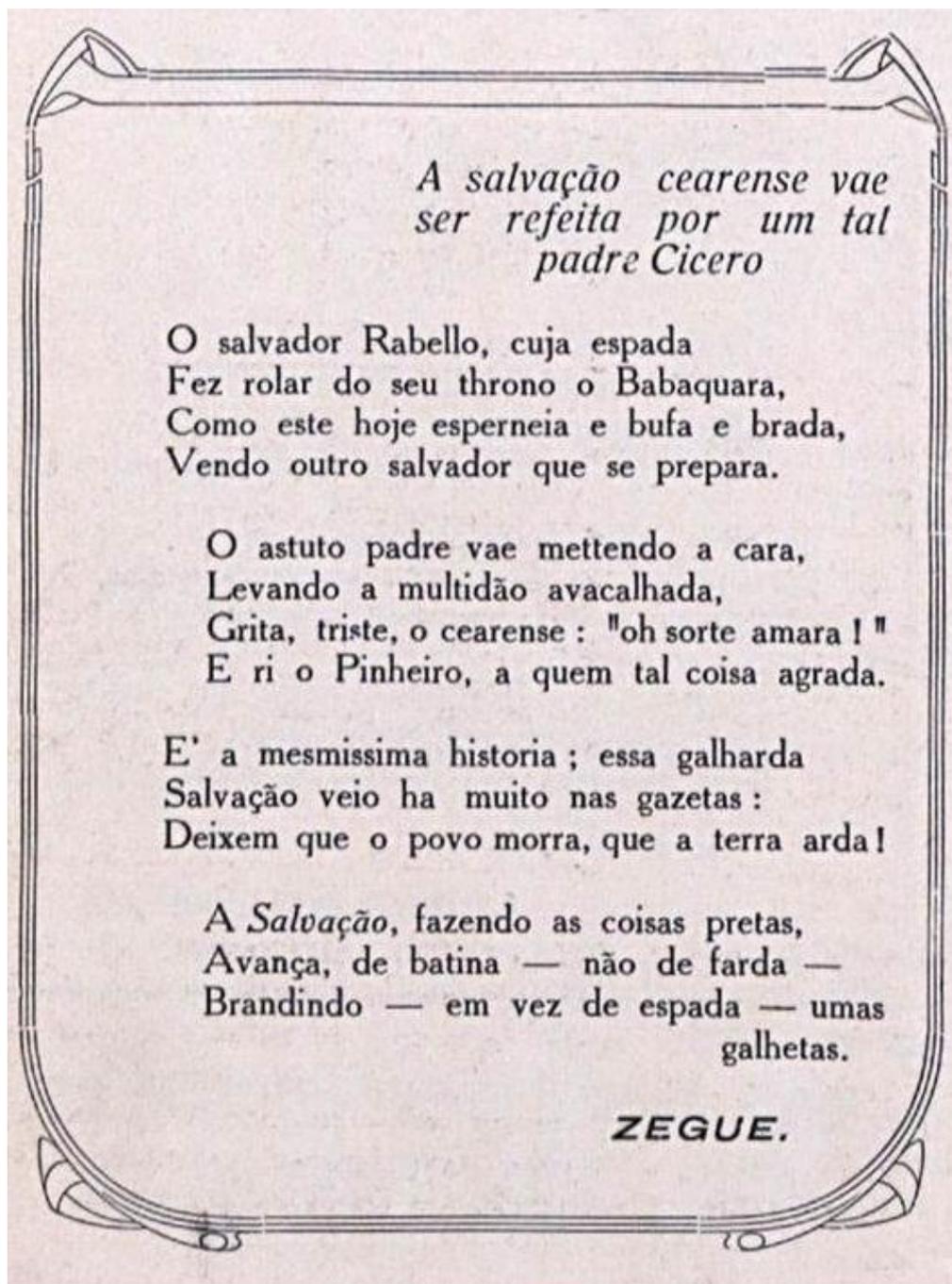
O autor convida o sacerdote para dançar um tango que, naquele ínterim, era um dos assuntos mais discutidos pela imprensa, sobretudo, a carioca, em virtude da perseguição e proibição que a dança sofreu por parte da Igreja Católica através do cardeal Arcoverde.⁷²²

Em São Paulo, a revista humorística e literária *A Fita* publica um poema mais direcionado às questões vigentes na política do Ceará. Novamente assinada por um pseudônimo, o padre Cícero é apontado como aquele que fora responsável pela “salvação” cearense:

⁷²¹ Careta – RJ, Nº 292, 03/01/1914, p. 44.

⁷²² Sobre a proibição de se dançar o tango, o chargista Storni ironizou em sua “Salada da semana” publicada n”*O Malho* em 31 de janeiro de 1914, uma paráfrase dos versos da seguinte forma: “[...] se o Santo Padre soubesse o gosto que o tango tem, deixaria o Vaticano pr’a dançar tango também”! A charge é apresentada mais à frente, pois um dos quadros é relacionado ao padre Cícero.

Figura 19 - Poesia com crítica ao padre Cícero:
A salvação cearense vai ser refeita por um tal padre Cícero.



FONTE: Revista A Fita - SP/BNHD

O autor apresenta o padre Cícero como “um outro” salvador que, usando a “multidão avacalhada” promove a morte para agradar a política pinheirista.

Nem mesmo os chamados livros da sorte⁷²³, muito populares no final do século XIX e início do século XX, deixaram o sacerdote de lado. Em maio de 1914 é lançado em Recife um livro desse gênero intitulado “O padre Cícero”, de autoria do humorista Labina Oriebir⁷²⁴, cujo conteúdo é composto por uma “[...] sessão literária, onde se encontra bonitos versos, contos, adivinhações, modinhas, canções, diálogos humorísticos, pensamentos [...]”, etc.⁷²⁵

Acerca dos “Livros da Sorte”, comenta o periódico pernambucano:

A sua capa é sugestiva. Em trífonia, vê-se num extenso planalto a figura do padre Cícero, cartucheira passada à cinta, faca, rifle e revolver e traz compacta massa sertaneja que estivera ao seu serviço.
726

Ao tecer comentários sobre os livros, o jornal acrescenta: “[...] Sem querer melindras os autores dos dois outros recebidos, afirmamos ser o que ora acusamos o melhor já aparecido. As suas sortes são atraentes, têm assuntos pitorescos e bastantes jocosos”.

3.2.2 NOS PALCOS CARIOCAS: padre Cícero nos teatros de revista carnavalescos

Muito popular nas primeiras décadas do século XX, o teatro de revista⁷²⁷ leva aos palcos nos períodos carnavalescos peças de cunho crítico e cômico, as conhecidas “revistas

⁷²³ Os “livros da sorte” lançados nos períodos juninos se originaram das crenças e brincadeiras populares, constituindo um misto de oráculos e almanaque. Editados por “[...] nomes no primeiro plano no jornalismo e na vida literária pernambucana, traziam em seu conteúdo três tipos de mensagens: as profecias em trovas, o registro (por vezes crítico) de acontecimentos do ano e as comparações literárias em prosa e verso”. Sobre esse assunto, cf.: BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideais*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 196.

⁷²⁴ Pseudônimo do jornalista Araújo da Cruz Ribeiro, conforme DICIONÁRIO DE PSEUDÔNIMOS DE JORNALISTAS PERNAMBUCANOS, de Luiz do Nascimento [Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1983]. O índice de pseudônimos foi elaborado por Maria Falcão Soares da Cunha, sob a orientação de Lúcia Gaspar, bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <http://twixar.me/tFxn>

⁷²⁵ Jornal Pequeno – PE, Nº 107, 15/05//1914, p. 02.

⁷²⁶ Jornal Pequeno – PE, Nº 107, 15/05//1914, p. 02.

⁷²⁷ O teatro de revista chegou ao Brasil em 1859 através do espetáculo *As Surpresas do Sr. José da Piedade*, de Justiniano de Figueiredo Novaes, inspirado na opereta francesa. Conforme afirma Neyde Veneziano (1996) existem várias especificidades do gênero, a saber: ser composta em três atos, ter um tênue fio de enredo perpassando os diferentes atos e seus quadros, contar com a presença de um narrador para interligar os quadros nas figuras do compadre, ter quadros obrigatórios abordando os teatros e jornais, etc. Constitui sua maior preocupação resenhar os acontecimentos do ano findo. Para saber mais, cf.: VENEZIANO, Neyde. *Não adianta chorar: Teatro de Revista brasileiro... oba!* Campinas, SP: Unicamp, 1996; TEATRO de Revista, in: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em:

carnavalescas”. O Bilontra, a primeira a ser apresentada no Brasil com autoria de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio em 1886, distancia-se do gênero de influência francesa abrindo espaço para as revistas com características e identidade brasileiras.⁷²⁸

No ano de 1914 duas revistas carnavalescas entram em cena nos dois principais teatros do Rio de Janeiro, trazendo à tona o conflito armado no Ceará representado na figura do padre Cícero.

A segunda delas estreou no teatro São Pedro em 04 de fevereiro, com o título “Figuras e Figurões”. A peça, de Celestino Silva e David Cardoso e música do maestro Luz Júnior, constituiu-se de três atos, seis quadros e três apoteoses.⁷²⁹ O jornal *A Noite* ressaltou em sua coluna “Da Plateia – O Teatro nacional” que “[...] no teatro São Pedro representou-se ontem pela primeira vez, a nova revista carnavalesca Figuras e figurões, original de XYZ, três letras das quais se escondem os seus três autores [...]”. Provavelmente, com medo de críticas.⁷³⁰

Ao tecer comentários ao espetáculo, o periódico resalta que “[...] desfilam tipos engraçados e outras vezes com uma graça muito duvidosa [...], no entanto, o público ri e aplaude. Há alusões felizes a recentes acontecimentos. Há também muitos ditos de espírito e outros um tanto escabrosos”. Na mesma matéria, informa que:

O fio que prende a revista do seu primeiro ao último ato é a chegada aqui à “Capitã Federã” de um matuto cearense, fazendeiro e político importante em Quixadá, Maneca Pendurado, que, por ser pessoa influente, foi escolhido pelos seus co-estaduanos para vir junto ao presidente da República pedir auxiliar afim de que seja terminada a revolta dos fanáticos do padre Cícero, que tantos prejuízos têm causado aos habitantes da “Terra da luz”.

E com esse interesse objetivo vai o fazendeiro cearense cair no reino da Folia, de onde vai se transportando para vários lugares, que, por estarem situados no Rio, estão completamente “carnavalesco”.

Entre outras coisas, resalta o papel da atriz Abigail Maia que interpretou um “travesti”, um garoto vendedor da *A Noite* dando-lhe vida e graça. Olympio Nogueira, no

<https://tinyurl.com/y3k42vva>. Acesso em: 03 Abr. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7; RUIZ, Roberto. *O teatro de revista no Brasil: do início a I Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Inacen, 1988.

⁷²⁸ VENEZIANO, Neyde. *O teatro de revista no Brasil: dramaturgia e convenções*. Campinas, SP: Pontes / Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

⁷²⁹ O Paiz – RJ, Nº 10712, 04/02/1914, p. 03.

⁷³⁰ A Noite – RJ, Nº 801, 05/02/1914, p. 04.

papel de capitão Maneco Pendurado fez a plateia rir. Conclui a crítica dizendo que “[...] si é pela maneira por que o público se manifesta durante a representação que se pode julgar do valor de uma peça, podemos assegurar que “Figuras e Figurões” agradou em cheio e promete ficar por muito tempo no cartaz do São Pedro”. Noutra matéria, afirma-se que “[...] Figuras e Figurões foi bem avaliada por toda a imprensa carioca, ficando em cartaz até 15 de fevereiro com duas sessões diárias, uma às 1 ³/₄, outras às 9 ³/₄ “. ⁷³¹

A segunda apresentação artística com estreia também no mês de fevereiro no teatro São José, traz entre os temas propostos o “caso do Ceará” com destaque na revista “Zig-Zig-Bum!”, de autoria de Cardoso Menezes com partitura do maestro Costa Júnior, constando de 03 atos e sete quadros. Num dos atos é apresentado um dueto entre o ator Mattos, no papel do padre Cícero e a atriz Pepa Delgado, como a “sertaneja”, conforme informação publicada no jornal *A imprensa* no dia 12 daquele mês:

Teatro s. Jose – Empresa Pascoal
Segreto – “Zig-Zig- Bum! – revista

Em treze atos e sete quadros

Mais uma revista carnavalesca deu-nos a empresa do S. Jose. Intitula-se Zig-zig-bum!”este novo escrito do sr. Cardoso Menezes, com partitura do maestro Costa Junior.

São “compadres” da revista o “Nicolao” e mais três representantes dos nossos principais clubes carnavalescos. [...] O “Tenente” vão ao “inferno”; o “Feniano” vai ao “Reino do Sol” e o “Democrático” vai ao Reino das Águias”. Nestes quadros respectivamente, observam eles as ocorrências mais recentes do Brasil, algumas comentadas com espírito, outras com excessiva malícia. A melhor das críticas é a do “Caso do Ceará” em que aparecem o “Padre Cícero” e a “Sertaneja”. ⁷³²

Ao referir-se às críticas ressalta que “[...] A música de Costa Junior é muito alegre [...]. Dentre estes se destacam o “dueto” do “padre” e da “sertaneja”, por Mattos e Pepa Delgado”. Assim como na peça anterior, *Zig-Zig-Bum!* recebe por parte da imprensa excelentes críticas, sobretudo, quanto ao desempenho de seus atores. Nesse sentido, afirma o jornal *O Paiz*:

De há muito não sobe à cena, no São José, uma peça que faça tanto sucesso.

⁷³¹ O Paiz - RJ, N° 10717, 09/02/1914, p. 03.

⁷³² A Imprensa – RJ, N° 2.017, 12/02/1914, p. 05.

É que não lhe faltam elementos para isso: o poema tem graça a valer; a música é esplendida e a empresa não enganou ao público quando afirmou que a montagem lhe ia custar um bom par de contos de réis. O desempenho afinadíssimo.⁷³³

Sucesso de público, a peça ficou em cartaz até março com três sessões por dia: às 19h, 20h $\frac{3}{4}$ e 22h $\frac{1}{2}$.⁷³⁴

3.2.3 UM SACERDOTE NA FOLIA CARNAVALESCA: fantasias, blocos e clubes carnavalescos narram o padre Cícero.

Da mesma forma, o carnaval de 1914 não foi indiferente aos acontecimentos do Ceará, tampouco aquele tomado pela imprensa como o grande líder, o padre Cícero. Blocos de rua, clubes carnavalescos e foliões fantasiados lotaram as ruas da capital brasileira naqueles dias.

Entretanto, essa não foi a primeira vez que as questões de Juazeiro e do padre Cícero tornaram-se temas de Carnaval. Em 1897, quando os chamados “fatos do Juazeiro” estampam as páginas dos jornais de todo o Brasil e até de outros países, um bloco denominado *Conselheiristas* desfila nas ruas de Fortaleza, assim caracterizado:

O chefe deste bando de rapazes alegres, que com muita graça criticaram o caso dos Canudos, trajava sotaina azul, amarrada à cintura por um cordão de S. Francisco, e trazia à cara uma máscara de compridos cabelos e longas barbas.

Acompanhavam-no um estado maior composto de Maria de Araújo e outras beatas igualmente vestidas de batinas, no qual seguia-se um enorme séquito de capangas armados de espingardas, elavinotes, cacetes, mãos de pilão, foices, machados, o diabo enfim.⁷³⁵

Segundo o jornal, foi o bloco que mais agradou a população. Ao trazer à tona Antônio Conselheiro e a beata Maria de Araújo seguidos por “capangas” portando todo tipo de arma,

⁷³³ O Paiz – RJ, Nº 10720, 12/02/1914, p. 05.

⁷³⁴ O Paiz – RJ, Nº 10740, 04/03/1914, p. 16.

⁷³⁵ A República – CE, Nº 48, 01/03/1897 – p. 01.

confere aos movimentos religiosos de Canudos e de Juazeiro a conotação de que estes nascem e recebem a adesão de bandidos e indivíduos ligados ao contexto de violência presente no sertão no final do século XIX. Mesmo não fazendo uma menção explícita ao padre Cícero, traz para o campo da crítica e do deboche peculiar do Carnaval uma questão na qual que estava diretamente envolvido, sendo, inclusive, sua maior referência.

Após alguns anos, em 1910, na capital alagoana, o clube *Plaisir et Chanson* desfilou no domingo de Carnaval com 10 grupos. O segundo deles apresentou “[...] o cometa Halley despejando cianogênio cá pela terra; o Zé Povo se resignando e acendendo velas bentas e mil e um amuletos; o padre Cícero aconselhando rezas e jejuns”!⁷³⁶

Em 1914, os carnavais de Recife e do Rio de Janeiro trouxeram para as ruas e bailes a figura do sacerdote através de troças e de foliões mascarados, clubes, etc.

Levando em consideração o que fora noticiado pela imprensa recifense, o padre Cícero converte-se em mote de diversas modalidades carnavalescas: carro das críticas dos clubes “Nove e meio do Arraial”⁷³⁷ e dos “Lenhadores”⁷³⁸; troça dos cangaceiros ao padre Cícero⁷³⁹; fantasias de bailes carnavalescos.⁷⁴⁰

Contudo, é a respeito da manifestação momina de rua que é descrita a mais contundente representação do padre Cícero. Trata-se de matéria publicada no dia 22 de fevereiro no Jornal de Recife, ilustrada por um relato marcante:

Atravessa a rua, neste momento, um pavoroso Ferrabrás!
No alto da abobada craneana ostenta com galhardia dois retorcidos
chavelhos negros e cascudos.
Os olhos aterradores, como duas lanternas de automóvel em...
Disparada, cintilam macabramente.

⁷³⁶ Gutemberg – AL, Nº 26, 05/02/1910, p. 01.

⁷³⁷ Diário de Pernambuco – PE, Nº 18, 16/02/1914, p. 02.

⁷³⁸ Jornal de Recife – PE, Nº 50, 20/02/1914, p. 04.

⁷³⁹ As troças carnavalescas surgidas em Recife no começo do século XX são pequenas agremiações, menores em estrutura que os blocos ou clubes de frevo, organizadas por um grupo de amigos que saem pelas ruas das cidades, normalmente durante o dia, animando os foliões nas festas de Momo. Conforme afirma Lima, as troças são “[...] grupos carnavalescos de simples brincadeiras, onde está implícito o espírito crítico dos próprios foliões, como demonstra o significado do verbo troçar: escarnear, zombar, ridicularizar; vindo assim caracterizar a psicologia desses agrupamentos”. Para saber mais, cf.: LIMA, Cláudia. *Troças carnavalescas*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6q4n63y>. Acesso em: 16 abr. 2019; GASPAR, Lúcia. *Troças carnavalescas de Olinda*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6q4n63y>. Acesso em: 16 abr. 2019.

⁷⁴⁰ Jornal de Recife – PE, Nº 53, 23/02/1914, p. 02.

O nariz adunco, as faces enrugadas e os gestos ameaçadores do estranho personagem dão-lhe um aspecto verdadeiramente sinistro, enquanto a cauda nodosa e esverdeada, contrastando com o vermelho da roupa, completa-lhe a aparência e simultaneamente cômica.

Depois de instigar fortemente a curiosidade dos circunstantes que o contemplam estáticos, o singular mascarado resolve fazer cessar o mistério declarando:

- Vocês sabem quem sou?
Padre Cícero Romão!
Foi na minha alma de breu
Quem nasceu
A grande revolução!

Que importa a miséria humana
Que a minha ganancia aterra?
Cumpro a missão soberana,
Desumana,
Que trouxe ao vir para a terra!

Se é certo que me avacalho
Na posição em que estou,
Hei de mostrar o que valho,
Sem trabalho,
Hei de mostrar o que sou.
Toda minha santidade
Mostrei ao Franco Rabello!
É toda a minha piedade
Ter vontade
De arrancar couro e cabelo!

Mal acaba de pronunciar essas palavras, o piedoso prelado desaparece numa nuvem de fumaça, invadindo as narinas dilatadas da população perplexa, um odor pronunciado de enxofre velho.⁷⁴¹

Assim como na folia momina pernambucana, no carnaval carioca de 1914 o padre Cícero terá, com muito mais visibilidade, uma representatividade significativa em várias manifestações populares como blocos, fantasias e no desfile de uma das mais expressivas sociedades carnavalescas, os Democráticos.

Em janeiro e fevereiro daquele ano, dos muitos blocos carnavalescos que desfilaram pelas ruas do Rio de Janeiro um deles teve o padre Cícero como tema, o *Avacalhados da*

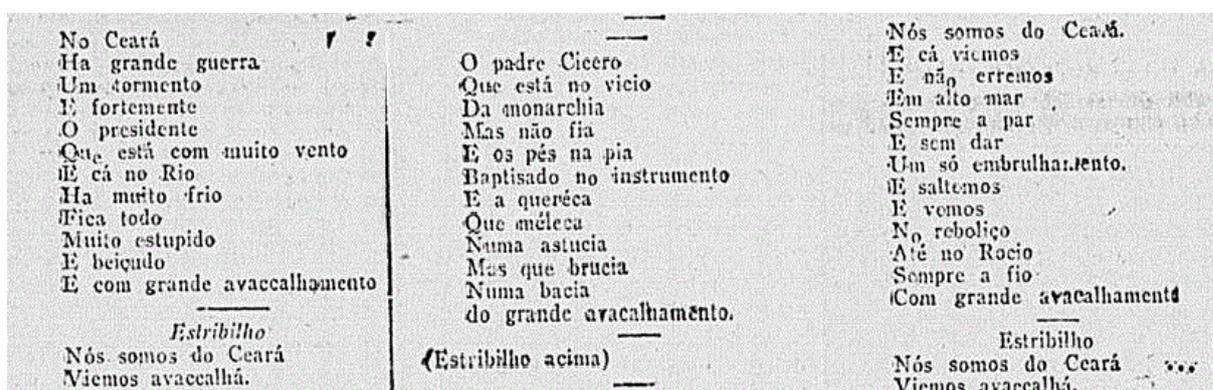
⁷⁴¹ Jornal de Recife – PE, Nº 52, 22/02/1914, p. 01.

*Cidade Nova*⁷⁴², formado por jovens cearenses lá residentes moradores do bairro de nome homônimo.

Desde o século XIX, os blocos gozavam de grande popularidade constituindo-se, conforme afirma Haroldo Costa, a “[...] explosão mais espontânea do carnaval carioca. Em geral um bloco nasce da decisão de vizinhos da mesma rua e do mesmo bairro”.⁷⁴³

Ao noticiar sua existência, o jornal *A Época* ressalta que não esqueceram “[...] a grossa encrenca que vai por lá. E para que eles não passem esquecidos, arranjaram os seguintes versos que serão cantados com a música da “Caboca do Caxangá”:

Figura 20 - Paródia da música carnavalesca "caboca de Caxangá" com crítica ao padre Cícero



FONTE: Jornal A Época- RJ/BNHD

Numa linguagem irônica, a paródia de maior sucesso no carnaval carioca de 1914⁷⁴⁴ apresenta o conflito armado do Ceará como um “grande avacalhamento”, ou seja, um movimento ridículo, estúpido, desmoralizante.⁷⁴⁵ Na primeira parte da estrofe 01 refere-se ao tormento causado pela guerra, deixando subtendido que o presidente da República é conduzido pelos “ventos” vindos do norte. Na segunda, descreve como vê o movimento do distante Rio de Janeiro usando a expressão “beijudo” que, popularmente, pode significar uma

⁷⁴² A *Época*, Nº 554, 04/02/1914, p. 05.

⁷⁴³ COSTA, Haroldo. *100 anos de carnaval no Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora Irmãos Vitale, 2001, p. 175.

⁷⁴⁴ Composição de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambucano. Gravada em 1913, a entoada Caboca de Caxangá foi o grande sucesso do carnaval de 1914, sendo, segundo o jornal *O Paiz* a mesma a “[...] vulgarizar-se em mais uma infinidade de paródias que são cantadas por toda parte”. Para ouvir a música, acesse o site: <https://soundcloud.com/imoreirasalles/14-caboca-de-caxang-grupo-o>.

⁷⁴⁵ Buscando no dicionário o significado da palavra “avacalhar”, encontra-se: reduzir a importância de algo, de alguém ou de si próprio; expor-se ou ser exposto ao ridículo; desmoralizar, ridicularizar. Cf.: <https://www.dicio.com.br/avacalhar/>

atitude de desaprovação, de algo estranho, esquisito, mas também, ser associado à figura do diabo, do demônio, de satã, do “coisa ruim”.⁷⁴⁶

Ainda na segunda estrofe remete-se ao padre Cícero acusando-o de ser um monarquista⁷⁴⁷ e de lançar mão de uma dada astúcia, de sagacidade e de um estratagema para desenvolver atividades do mal⁷⁴⁸ na bacia do grande avacalhamento da política cearense.

A terceira e última estrofe alude à impressão sempre positiva deixada pelos cearenses no Rio de Janeiro, como a conhecida e festejada saga do abolicionista Dragão do Mar.⁷⁴⁹ Contudo, sugere a paródia, o grande avacalhamento causado pelo conflito armado no sul cearense tem provocado uma confusão até no Rocio⁷⁵⁰ - Ministério da Justiça sediado no Largo do Rocio -, numa referência ao documento publicado pelo ministro Herculano Freitas rejeitando o pedido feito pelo governador Franco Rabello em 24 de janeiro de 1914, no intuito de que o governo federal enviasse um contingente das forças federais para auxiliar a polícia estadual na luta armada contra “[...] os fanáticos do Juazeiro”.⁷⁵¹ No refrão, apresentam-se como cearenses gozadores, zombadores, debochados.

Durante os dias de carnaval – 22, 23 e 24 de fevereiro – surgiram várias crianças fantasiadas de padre Cícero, conforme informa o jornal *O Paiz* em sua coluna VARIOS ECHOS:

Dentro os vários mascarados que nos visitaram, não podemos deixar de destacar as interessantes crianças Akel Mafra Peixoto, fantasiado do padre Cícero e Zilah Peixoto, de república. Apesar de sua pouca idade, estavam ambos muito engraçados parecendo mesmo ter a compreensão do ofício que produziam as suas fantasias.⁷⁵²

⁷⁴⁶ SOUZA, Carlos Alberto de. *A Linguagem Regional-popular nos romances de Rachel de Queiroz*. Fortaleza, 2013. Tese (Curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Ceará, p. 111. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3em3rq6>; LIMA, Francisco Wellington Rodrigues de. *A representação do diabo no teatro vicentino e seus aspectos residuais no teatro quinhentista do padre José de Anchieta e no contemporâneo de Ariano Suassuna*. Fortaleza, 2010. Tese (Curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Letras Vernáculas) - Universidade Federal do Ceará, p. 54-154. Disponível em: <http://twixar.me/jG6n>

⁷⁴⁷ A narrativa que afirma ser o padre Cícero um monarquista é muito recorrente nas notícias e artigos que circularam na imprensa desde o final do século XIX, conforme discutido na primeira parte desta tese.

⁷⁴⁸ FIGUEIREDO, Cândido. *Novo dicionário da Língua Portuguesa*. 2013, p. 212. Disponível em: <http://twixar.me/VG6n>

⁷⁴⁹ Xavier, Patrícia Pereira (2010). *O Dragão do Mar na "Terra da Luz": a construção do herói jangadeiro (1934-1958)*. Dissertação de Mestrado - PUC/SP/HISTÓRIA. Disponível in: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=187711.

⁷⁵⁰ Hoje conhecida como Praça Tiradentes. Sobre esse tema, cf.: <https://diariodorio.com/histria-da-praa-tiradentes/>

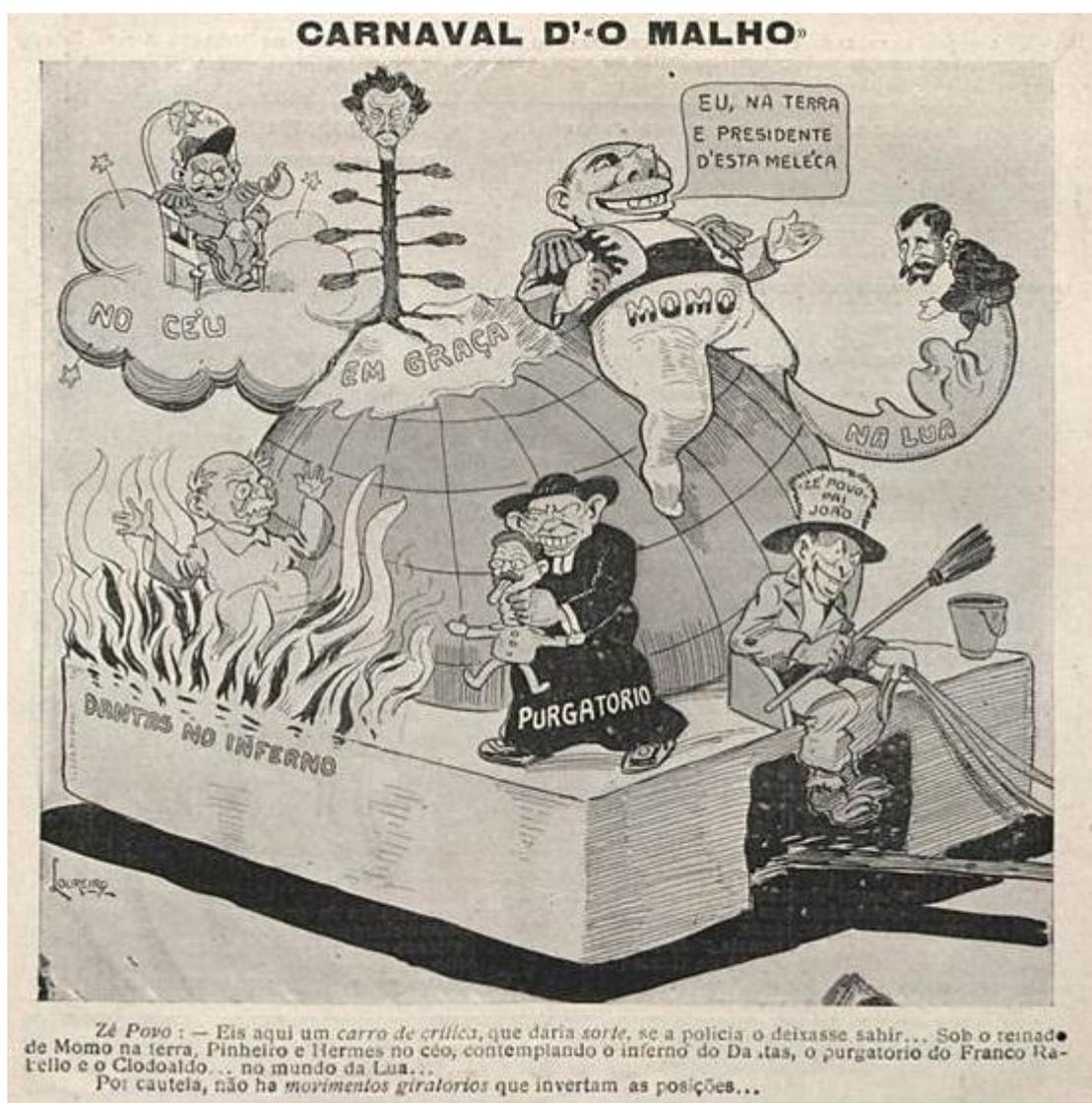
⁷⁵¹ A Época – RJ, Nº 546, 26/01/1914, p. 02.

⁷⁵² O Paiz – RJ, Nº 10733-34, 25 e 26 /02/1914 – p. 01.

Na véspera do Carnaval, a revista *O Malho* publica na sua edição de 21 de fevereiro duas charges bastante emblemáticas com a representação da figura do padre Cícero no contexto político nortista.

A primeira, de autoria de Loureiro e intitulada “Carnaval d’o Malho”, apresenta a seguinte alegoria:

Charge 5 – “Carnaval d’O Malho” – Padre Cícero representando o purgatório de Franco Rabello



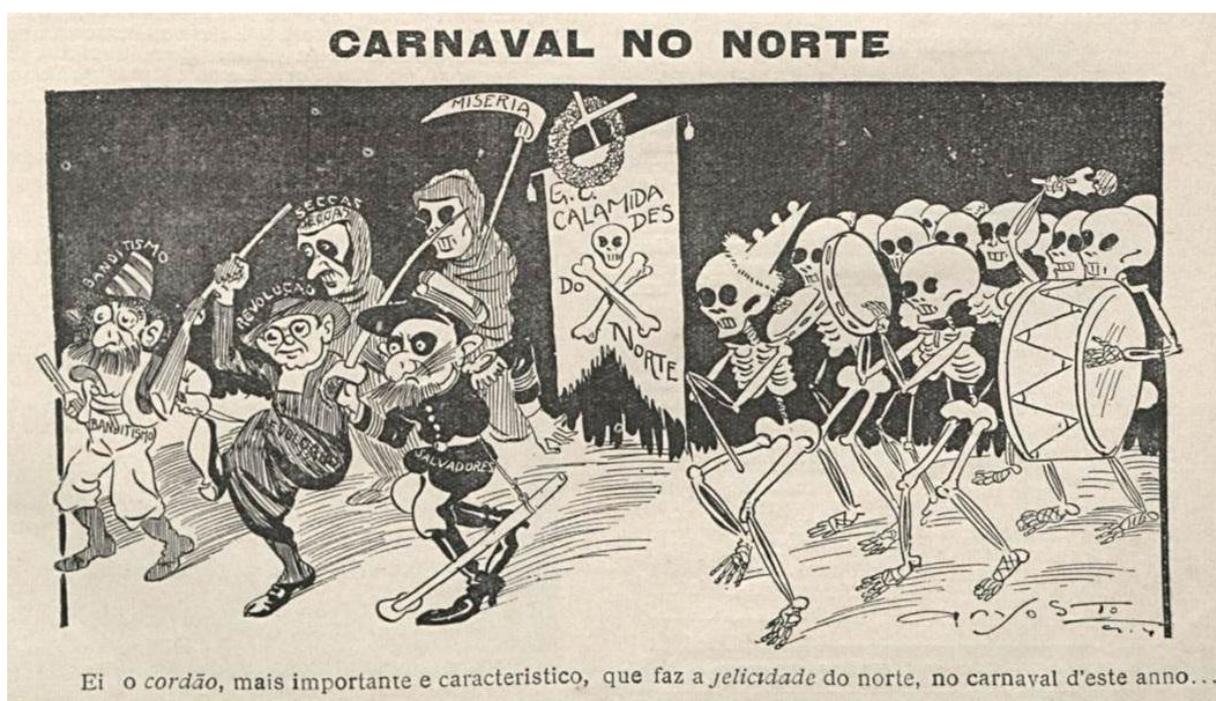
FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Na cena, o personagem Zé Povo conduz o carro da crítica composto pelo Presidente da República Marechal Hermes da Fonseca e o senador Pinheiro Machado que, do céu,

contemplam a situação vivenciada pelos governadores salvacionistas do norte: o inferno de Dantas Barreto em Pernambuco, Clodoaldo da Fonseca vivendo no mundo da lua, em Alagoas e, no Ceará, a representação do purgatório do governador Franco Rabello no qual o padre Cícero, com um sorriso meio diabólico, carrega-o entre as mãos apertando-lhe a garganta a ponto de deixá-lo asfixiado.

Na mesma edição, página 47, outra charge também é bastante interessante reproduzindo a interpretação de outro chargista, Aryosto Duncan⁷⁵³, sobre os acontecimentos do norte:

Charge 6 – “Carnaval no Norte” – padre Cícero comando o bloco de carnaval



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Denominada “Carnaval do Norte”, na charge o bloco E. C. Calamidades do Norte desfila tendo à frente o “banditismo” representado por um sertanejo barbudo, o padre Cícero

⁷⁵³ Ariosto Duncan nasceu em 15 de outubro de 1889. Com 15 anos estreou n’O Tagarela. Em 1908 fazia desenhos também n’O Degas e na revista Fon-Fon!. Porém, foi n’O Malho que desenvolveu suas maiores atividades artísticas com charges políticas. Deixando O Malho, foi trabalhar no jornal *A Noite*. Segundo Herman Lima, Ariosto era mais afeiçoado à ilustração de anedotas e textos humorísticos. Cf.: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. 4º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963, p. 1.434.

representando a “revolução” e Franco Rabello, os “salvadores”. Logo atrás a seca e a miséria, seguidas pela banda composta de esqueletos numa clara alusão aos sertanejos que compunham as tropas que lutavam em defesa do Juazeiro. A apoteose do carnaval carioca, no entanto, se deu no desfile de três grandes clubes carnavalescos: Fenianos, Tenentes do Diabo e Os Democráticos, ocorrido no último dia, em 24 de fevereiro.⁷⁵⁴

Em 1914, vale informar, uma das três maiores empresas carnavalescas do Rio de Janeiro, o Club dos Democráticos, dedicou seu primeiro carro de críticas ao padre Cícero. Naquele ano, comemorava-se o 47º aniversário expondo na sacada de sua sede durante os meses de janeiro e fevereiro, um enorme painel com os principais destaques do clube pintado por um artista considerado um “[...] *celebre* pintor Turuna, um dos “batutas” do *Castello*”.⁷⁵⁵ No painel, o padre Cícero é destaque com o título “Os dominadores do sertão brasileiro”, conforme exposto abaixo:

Figura 21 - Painel com destaque do carnaval do Club dos Democráticos



FONTE: Revista O Malho- RJ BNHD

O sacerdote segura um objeto semelhante a um navio com a bandeira do Brasil e a legenda “A consciência do sertanejo ao serviço dos Zé Marias, Cíceros e outros papões”.

⁷⁵⁴ O primeiro clube a desfilar no Rio de Janeiro em 1855 chamava-se *Congresso das Sumidades Carnavalescas*. A partir de 1914 surgem novos clubes que passam a ser chamados de *Sociedades Carnavalescas*. Os três maiores, os Tenentes do Diabo (1855), os Fenianos (1869) e os Democráticos (1867) predominaram por muitos anos nos desfiles carnavalescos cariocas. Com o tempo, trouxeram à avenida um tom mais crítico, com enredos que difundiam campanhas públicas como a abolição, o movimento republicano, etc. Usando o lúdico e a ironia nos carros alegóricos assumiam a crítica de seu tempo, dos políticos e poderosos, as questões da vida cotidiana, entre outras coisas. Cf.: MORAES, Eneida de. *História do carnaval carioca*. Rio de Janeiro: Record, 1987; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Editora UNICAMP. 2004; CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do carnaval...* São Paulo: Companhia das Letras. 2001; LOPES, Nei. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

⁷⁵⁵ O Malho – RJ, Nº 594, 31/01/1914, p. 36. Destaque em itálico da própria revista.

Destaca-se a caricatura do padre Cícero com apenas dois dentes, meio abobalhado e como que estivesse brincando com o barco, uma sátira ao boato que começava a circular na imprensa de que o Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, teria autorizado o envio de três navios “[...] couraçados *Deodoro e Floriano*, os “*sccuts*” *Barroso e Bahia* e os cruzadores *Tymbira e Tupy* para Fortaleza, à vista dos acontecimentos graves”.⁷⁵⁶

Toda a imprensa carioca ressalta a enorme expectativa da sociedade local pelos desfiles dos três grandes clubes carnavalescos que traziam para a Avenida Rio Branco, grandiosos carros alegóricos⁷⁵⁷ com temas históricos, exotéricos e do cotidiano, além dos badalados e festejados carros de críticas nos quais tratavam os assuntos mais discutidos, polêmicos e de maior ênfase na política brasileira.

Como preparação para o desfile uma das principais revistas cariocas, *O Malho*, ao fazer a cobertura do evento publica uma entrevista com Publio Marroig, carnavalesco responsável pelo Clube dos Democráticos, descrevendo cada um dos seus carros:

1º (carro chefe) com 14 mulheres todas vestidas de chinesas; 2º carro – As favoritas do Pachá; 3º carro – O Vinho e o amor; 4º carro – O Carro das rosas; 5º carro – O Inferno; 6º carro – O Gigante; 7º carro – De Fantasia; 8º carro - O Firmamento.⁷⁵⁸
Quanto aos sete carros de críticas, são: 1º - Padre Cícero; 2º - O caso do Tango; 3º - O pão que o diabo amassou; 4º - O caso da Mosca; 5º - O avacalhamento; 6º - A cartomancia e os profetas; 7º - A crise.⁷⁵⁹

Dada a considerável rivalidade entre os clubes, era fundamental apresentar à sociedade carioca todos os detalhes do desfile como estratégia para ganhar popularidade e simpatia. Com essa pretensão, o Clube dos Democráticos publica um encarte nos grandes jornais, anunciando:

D. C.
Carnaval de 1914

⁷⁵⁶ Gazeta de Notícias – RJ, Nº 60, 02/03/1914, p.1. Os destaques em itálico são do próprio jornal.

⁷⁵⁷ A tradição de apresentar carros alegóricos origina-se muito antes das Escolas de Samba. Segundo pesquisadores os carros alegóricos nasceram dos corsos, onde os foliões fantasiados desfilavam pelas ruas das cidades em carros decorados, promovendo batalhas de confete, serpentina e lança-perfume. Ressaltam, ainda, que a temática dos carros alegóricos eram as alegorias com sátira aos governos, que sempre estavam presentes nos desfiles das "grandes sociedades".

⁷⁵⁸ A Notícia – RJ, Nº 46, 23-24/02/1914, p. 01.

⁷⁵⁹ A Época – RJ, Nº 574, 24/02/1914, p. 03.

Deslumbrante! Estonteador! Magnificante!
 PRESTITO COM QUE OS GLORIOSOS E INVENCÍVEIS
 DEMOCRATICOS
 Se apresentam à população carioca.⁷⁶⁰

De acordo com o encarte, o carro padre Cícero denominado de “Salvador dos Salvadores” faz um trocadilho com o conflito armado do Ceará, aquele em que as tropas de Juazeiro lutavam contra o governo salvacionista de Franco Rabello:

Padre que pinta o Demônio e o Diabo que pinta o Padre. A religião ao serviço da Política e o cangaço ao serviço de ambos.

O padre Cícero, trajando o costume característico dos cangaceiros do Ceará, prega de bacamarte em punho e punhal aos dentes, a salvação... das almas dos amigos do governador Franco Rabello; em volta, seus dedicados apóstolos preparam-se, armados até os dentes, para executar as doutrinas pregadas pelo padre.

Pois, em vez de matar-me, o que era tolo, faço o serviço rápido e fecundo:

Todos eles do céu mando num bolo!

Segue-se um luzido acompanhamento de jagunços armados até os dentes ou um pouco além, fazendo a defesa da bandeira do padre e pintando o dito e mais o sete e o caneco.

A expressão o “padre que pinta o demônio e o diabo que pinta o padre”, é bastante emblemática no sentido de compreender a representação que a imprensa carioca estava produzindo acerca do padre Cícero, qual seja, a de um sacerdote cangaceiro que, conduzindo bacamartes e punhais utiliza-se do seu prestígio religioso entre os sertanejos para pregar e fazer executar a violência e a desordem.

Utilizando-se de uma linguagem sarcástica nascida no meio popular, como “faca nos dentes” e “armados até os dentes” - esses termos são utilizados geralmente para designar coragem, predisposição para a luta, preparado para o que der e vier, destemido e violento -, representa na avenida a imagem de um sacerdote cangaceiro, coronel, que, valendo-se do poderio bélico e financeiro promove a morte e a destruição elegendo, sem o mínimo de escrúpulos, a religião para colocar a seu serviço fiéis seguidores.

⁷⁶⁰ A Época – RJ, Nº 574, 24/02/1914, p. 04; Correio da Manhã – RJ, Nº 5504, 24/02/1914, p. 06; O Paiz – RJ, Nº 10732, 24/02/1914, p. 08; Jornal do Brasil – RJ, Nº 0055, 24/02/1914, p. 12.

Conforme informado no encarte de divulgação do clube, os integrantes do carro de críticas entoariam uma ladainha em forma de “música de pancadaria” cuja letra remete, inclusive, à associação da religião à exaltação do poder bélico que, segundo telegramas enviados de Fortaleza e das regiões em conflito, foram largamente utilizados nos confrontos. Diz a cantilena:

Santo Bacamarte
 “Ora pro nobis”
 Santa Manulicher
 “Ora pro nobis”
 Santa faca de ponta
 “Ora pro nobis”
 Santa dinamite
 “Ora pro nobis”
 Santa Mauser
 “Ora pro nobis”
 Santa garrucha
 “Ora pro nobis”
 Etc., etc...⁷⁶¹

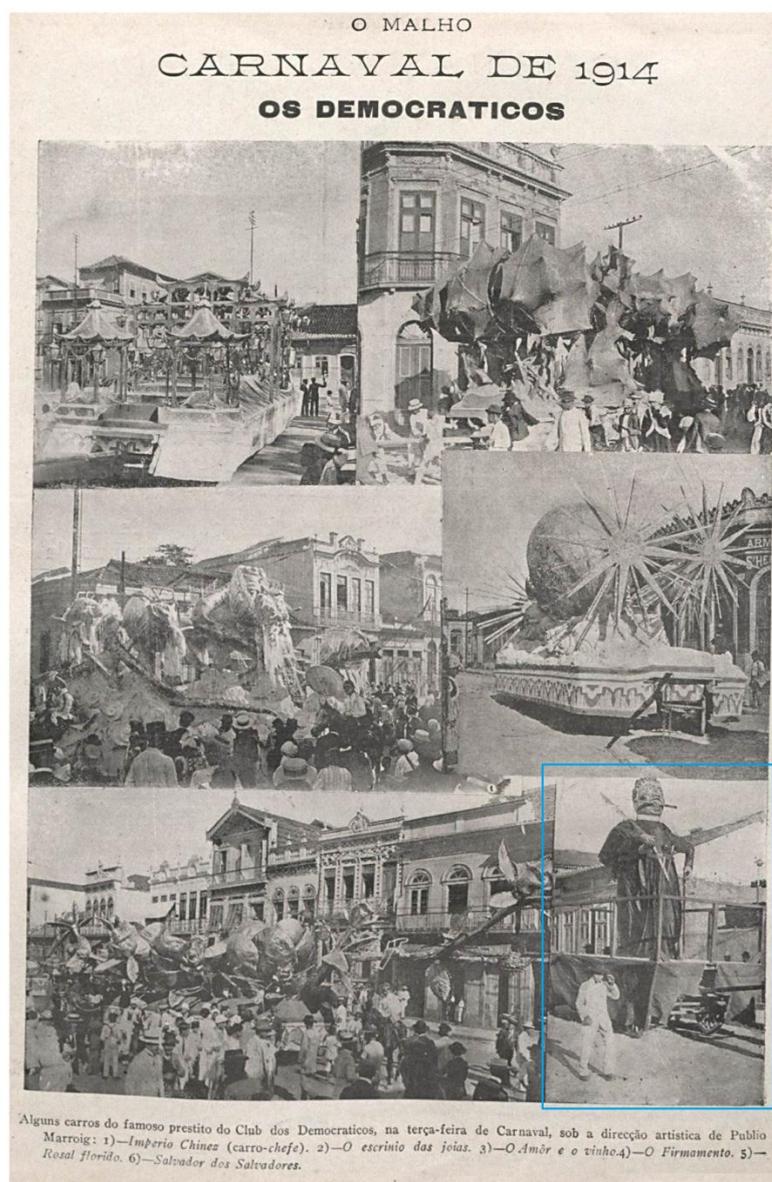
O jornal *O Paiz*, em matéria sobre o carnaval, descreve o desfile de cada clube e no carro *Salvador dos Salvadores*, que cantam a seguinte ladainha:

Para salvar as almas do pecado
 Em que caíram, de aplaudir o Franco
 Eu, que às doutrinas de Jesus arranco
 O meu processo, pelo amor ditado
 Fiquei, confesso, um pouco atrapalhado
 E sem saber o que fazer; sou franco
 Fui à igreja matriz, sentei-me em um banco
 E olhei a imagem do crucificado
 E a inspiração me veio num momento
 Ele morreu para salvar o mundo
 E eu que do Ceará o salvamento
 Pois em vez de matar-me, o que era tolo,
 Faço serviço rápido e fecundo:
 Todos eles ao céu mando-os num bolo!

⁷⁶¹ O Paiz – RJ, Nº 10732, 24/02/1914, p. 08.

As duas principais revistas cariocas, *O Malho* e *Careta*, que tradicionalmente faziam grande cobertura dos carnavais, repercutem nas edições pós-carnaval o desfile dos três clubes carnavalescos, destacando as principais atrações de cada um com fotos dos carros alegóricos. *O Malho* destacou seis dos quinze carros do Clube dos Democráticos:

Fotografia 3 – Matéria sobre o desfile carnavalesco do Club dos Democráticos – destaque para os principais carros alegóricos



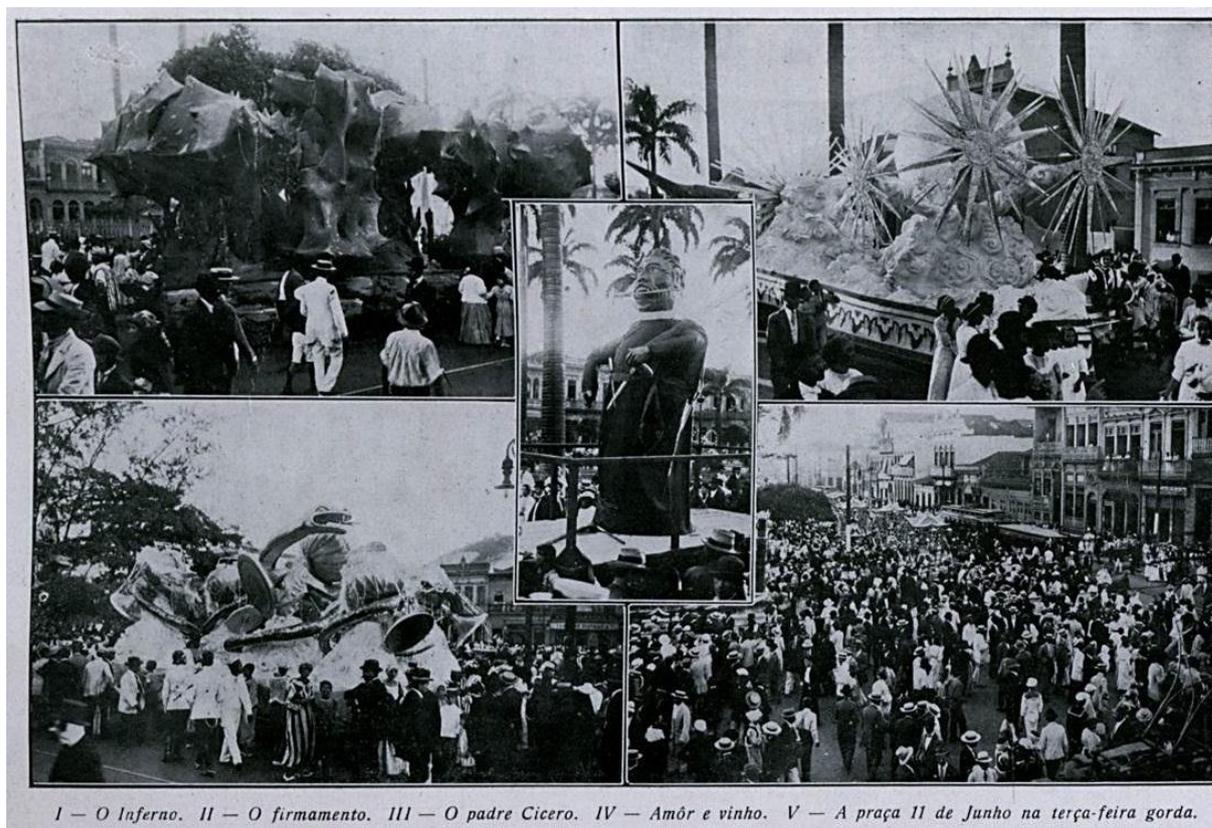
FONTE: Revista O Malho- RJ BNHD

Na legenda das fotos, sublinha:

Alguns dos carros do famoso préstito do Club dos Democráticos, na terça-feira de carnaval, sob a direção artística de Publio Marroig: 1) Império Chinês (carro-chefe); 2) O escrínio das joias; 3) O amor e o vinho; 4) O Firmamento; 5) Rosal florido; 6) Salvador dos Salvadores.

Da mesma maneira, a revista *Careta* publica fotos do desfile do Clube dos Democráticos evidenciando apenas quatro dos quinze carros: O inferno, O firmamento, Amor e vinho e O padre Cícero. A quinta imagem mostra a multidão na Praça 11, no dia do evento.

Fotografia 4 - Matéria sobre o desfile carnavalesco do Club dos Democráticos – destaque para os principais carros alegóricos



FONTE: Revista CARETA- RJ/BNHD

Convém ressaltar que na composição fotográfica o carro dedicado ao padre Cícero é posicionado no centro, ou seja, com um destaque maior ainda. Percebe-se que a repercussão levada a cabo pela imprensa carioca, nesse caso, reforça a representação de cangaceiro, bandido, assassino e revolucionário:

O “salvador dos salvadores” – que representava o famigerado e celebre bandido padre Cícero, do Ceará, à frente dos cangaceiros, pregando a revolução e o assassinio. Seguia-se um luzido acompanhamento de jagunços armados até os dentes, ou um pouco além, fazendo a defesa da bandeira do padre e pintando o dito e mais o sete e o caneco.⁷⁶²

O próprio jornal destaca que a receptividade do público quanto ao carro alegórico, mesclou “[...] uma espécie inédita de aplauso – rancor”.

Possivelmente, o sentimento de rancor despertado em decorrência da notícia que circulou naquela manhã nos principais periódicos da capital foliã, resultou de uma surpresa ruim: a morte, em combate, do comandante das forças rabelistas, o capitão José da Penha Alves de Souza, mais conhecido como capitão J. da Penha.⁷⁶³

3.2.4 NA FOLIA CARIOCA, NA TRAGÉDIA CEARENSE: padre Cícero e a repercussão da morte do capitão José da Penha.

Na Capital Federal, entregue aos prazeres carnavalescos, indiferente ou resignado, o povo alegremente folgava e ria, enquanto nas terras sertanejas do Ceará, os bandidos que, às ordens ambiciosas do bacharel Floro Bartholomeu, congregados em torno da batina maldita do padre Cícero, obedecem às inspirações do general Pinheiro Machado, num combate desigual, matavam a um dos mais nobres

⁷⁶² A *Época* – RJ, Nº 575, 25/02/1914, p. 02 e 03.

⁷⁶³ José da Penha Alves de Souza nasceu em 13 de maio de 1875 no Rio Grande do Norte, tendo assentado praça em 02 de agosto de 1890. Foi promovido a alferes em 1894, a tenente em 1908 e a capitão em 02 de agosto de 1911. Pertencia à arma de infantaria. Foi sempre um militar altivo e brioso, amigo da atual situação do Ceará e um dos deputados da assembleia estadual. Desde dezembro de 1913 assumiu a frente do comando das tropas rabelistas. Referências publicadas n’O *Paiz* – RJ, Nº 10732, 24/02/1914 – p. 02.

oficiais do exercito. O capitão J. da Penha simbolizava, no exercito novo, o tipo antigo do soldado cavalheiresco lealmente dedicado ao ideal, servindo-o sem interesse, pela gloria de cooperar para a vitória das coisas belas. [...] Antes de libertar-nos desse guedelhudo campeão de rinhas, outros sonhadores tombarão no solo da pátria, imolados ao chefe espiritual da jagunçada de Juazeiro. Diante do túmulo de J. da Penha, com sinceridade e tristeza, dobram-se todos os joelhos livres.⁷⁶⁴

A nota, publicada na revista *Careta*, refere-se à trágica notícia, em meio à alegria e euforia carnavalescas, da morte do comandante das forças rabelistas, capitão J. da Penha, pelos combatentes de Juazeiro durante um violento enfrentamento realizado na localidade de Miguel Calmon.⁷⁶⁵

O confronto teve início em 22 de fevereiro num distrito do município de Senador Pompeu. Acompanhado pela imprensa através de telegramas enviados de Fortaleza, de Juazeiro e dos jornais cearenses *A Folha do Povo* (rabelista) e *O Unitário* (oposição), o tiroteio durou mais de 14 horas, conforme manchete publicada no *Jornal do Brasil*, culminando com um trágico desfecho e um “[...] Grande morticínio – Morte do Capitão J. da Penha – Morte de um Deputado”.⁷⁶⁶

A morte do militar rabelista foi amplamente noticiada pela imprensa de norte a sul do país, que imputou ao padre Cícero a responsabilidade pelo que chamou de trucidamento e bárbaro crime. Em 24 de fevereiro, terça-feira e último dia de folia, o sacerdote é noticiado desde as páginas políticas até àquelas dedicadas ao Carnaval.

Enquanto nas capas jornalísticas as manchetes acusam o padre de ser o principal responsável pela morte heroica do conhecido capitão J. da Penha, nas notícias de cunho carnavalesco Cícero é descrito como “o padre que pinta o diabo” e como o grande cangaceiro do sertão. Ambas as imagens sintetizam um pouco essa assertiva:

⁷⁶⁴ *Careta* – RJ, Nº 300, 28/02/1914, p. 09.

⁷⁶⁵ Situado a aproximadamente 337 km de Fortaleza, Miguel Calmon era um distrito do município de Senador Pompeu. Hoje a localidade está situada em Piquet Carneiro e é denominada de Ibicuã.

⁷⁶⁶ *Jornal do Brasil* – RJ, Nº 0055, 24/02/1914, p. 07.

Figura 22 - Notícias publicadas na mesma edição do jornal A Época sobre a morte do capitão J. da Penha e o Club dos Democráticos

Na primeira página: Bandidos do padre Cícero matam o heroico capitão J. da Penha

O CEARÁ ENSANGUENTADO

O bravo capitão J. da Penha morto heroicamente em combate

Os bandidos do padre Cícero atacam Miguel Calmon e são rechassados

Grande numero de mortos e feridos | O povo cearense presta apoio ao governador

O commercio do Ceará teme o massacre dos estrangeiros

A morte do capitão Penha causa uma grande indignação | Profunda impressão de dor em todas as classes sociaes

Telegrammas sensacionaes sobre os acontecimentos criminosos e sobre os bandidos



O bravo capitão J. da Penha, imolado no Ceará, à grandeza da Republica, procurando conter os bandos criminosos do padre Cícero

Na página 4 e 5 o padre Cícero é tema do carnaval representado como bandido, cangaceiro, diabo.

D. C.

Carnaval de 1914

Deslumbrante! Estonteador! Magnificante!

PRESTITO COM QUE OS GLORIOSOS E INVENCIVEIS

DEMOCRATICOS

Se appresentam á população carioca

Luxo! Espirito! Arte!
Mais uma vez os triumphadores de sempre firmam os seus credits de reis do espirito e da graça!
Eil-os que chegam, os victoriosos Democraticos, ao brilho coruscante de milhões de lampadas electricas, ao vibrar apothoticico dos clarins e ao som mavortico das marchas triumphaes!
Ave, Democraticos! Os que se vão divertir vos saudam!

Carro de critica:
O SALVADOR DOS SALVADORES
padre que pinta o demonio, e o diabo que pinta o padre. A religião ao serviço da politica, e o cansaço ao serviço de ambos.
O padre Cícero, trajando o costume caracteristico dos cangaceiros do Ceará, prega, de bacarmarte em punho e punhal nos dentes, a salvacao... das almas dos amigos do governador Franco Rabello; em volta, seus dedicados apostolos preparam-se, armados até os dentes, para executar as doutrinas pregadas pelo padre.
Pois, em vez de matar-me, o que era tolo, Faça serviço rapido e fecundo:
Todos elles ao céo mando num bolo!
Segue-se um luzido acompanhamento de jagunços armados até os dentes ou um pouco além, fazendo a defesa da bandeira do padre e pintando o dito e mais o sete e o caneco.
Fecha o prestito, o deslumbrantissimo prestito, o carro allegorico.

FONTE: Jornal A Época- RJ/BNHD

Assinalando a manchete “Ceará ensanguentado”, o jornal divulga o anúncio da morte do militar ilustrado com uma foto cuja legenda - “O bravo capitão J. da Penha, imolado no Ceará, à grandeza da Republica, procurando conter os bandos criminosos do padre Cícero” – é destaque por si só.

O jornal *O Imparcial* também publica algo nesse sentido: “Travou-se combate entre os jagunços do padre Cícero e as forças legais acampadas em Miguel Calmon. Morte do capitão J. Penha”. Além de um breve relato, fotos do padre Cícero, de Floro Bartholomeu e do próprio militar são publicizadas, assim como o mapa do Ceará indicando o percurso e a localização do combate.⁷⁶⁷ Na edição do dia 26 circula uma capa, no mínimo, provocativa:

⁷⁶⁷ O Imparcial – RJ – RJ, N° 447, 24/02/1914, p. 05.

Figura 23 - O CRIME DO CEARÁ - Capa do jornal O Imparcial sobre a morte do capitão J. da Penha.



FONTE: Jornal O Imparcial- RJ/BNHD

Com fotos dos principais personagens envolvidos no conflito armado, chama-se a atenção para a legenda do sacerdote e do militar:

[...] 2. Padre Cícero Romão Baptista, o fanatizador dos sertões do Cariri, chefe ostensivo do movimento revolucionário;
5. O capitão do Exército J. da Penha Alves de Sousa, deputado estadual e comandante das forças do Estado, em operações contra os jagunços do padre Cícero, imolado pela politicagem do P.R.C. no combate de Miguel Calmon.

É notório nas inúmeras notícias publicadas em periódicos de todo o Brasil a construção da imagem do comandante das forças rabelistas como um herói e um combatente destemido, enquanto o padre Cícero é apresentado como o anti-herói, responsável por todos os crimes e violência cometidos contra a população cearense.

A atribuição da responsabilidade pela morte do capitão J. da Penha é igualmente representada nas charges da revista *O Malho*. Na edição do dia 28 de fevereiro, com o título “Conflagração no Ceará”, o chargista Loureiro assim traduz o tema:

Charge 7 - CONFLAGRAÇÃO DO CEARÁ – Charge sobre a morte do capitão J. da Penha



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Enquanto o padre Cícero abaixa-se para pegar um rifle, o governador do Ceará, Franco Rabello, atribui ao sacerdote toda a responsabilidade pela morte do seu adversário, exclamando: “[...] Céus! Fazei que o bacalhau da Quaresma caia todo sobre o padre Cícero, sobre cujo lombo pesa agora a morte do heroico capitão J. da Penha”!

O personagem Zé Povo, porém, corrige o governador asseverando:

[...] *bacalhau* devia cair sobre as costas de todos os responsáveis por esta luta estúpida e cruel; de toda horda de políticos e politiqueros, de ambos os lados, que para satisfazerem as suas ambições pessoais, não trepidam em acharcar de sangue fraticida o solo do Ceará e as páginas da história da Republica.

No entanto, é na edição de 07 de março que a revista *O Malho* concede um maior destaque ao conflito armado do Ceará com a publicação, em sua capa, da charge colorida intitulada “A hecatombe cearense”, de autoria do chargista Storni.⁷⁶⁸

⁷⁶⁸ Alfredo Storni nasceu na cidade de Santana do Livramento, Rio Grande do Sul (1881-1966). Usava também o pseudônimo de Bluff. Cf.: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. 3º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963, p. 1266-1237.

Charge 8 - A HECATOME CEARENSE - Capa da revista O Malho



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Vê-se que, enquanto o Ceará representado na índia Iracema pede que se cesse o derramamento de sangue, a República, representada por uma mulher, mostra ao Marechal Hermes da Fonseca o resultado da “salvação”: uma violenta guerra.

Na representação da guerra as tropas rabelistas estão em campo aberto, sem nenhuma liderança, ao passo que os combatentes do Juazeiro têm à frente o padre Cícero empunhando uma espada e com um revólver nas mãos. Acima de suas cabeças desponta a imagem do capitão J. da Penha com um tiro na testa e à direita, como que guiando o sacerdote e seus combatentes, um urubu com o nome oligarquia.

É importante sublinhar que não figura na charge nenhum outro político ou militar envolvido no conflito, apenas o padre Cícero, indicando ser ele o único responsável pelo combate.

À medida que a guerra civil no Ceará toma uma feição mais violenta com o registro de várias mortes, saques, invasões à cidade e que as tropas comandadas por Floro Bartholomeu ganham as batalhas avançando rumo à Fortaleza, as manchetes, editoriais e imagens ocupam as páginas dos jornais apontando, em sua grande maioria, o padre Cícero como o causador de tais fatos, representado ora como revolucionário, ora como jagunço e cangaceiro, ora como rebelde e insolente.

Mais do que as manchetes, telegramas, artigos, editoriais, enfim, milhares de notícias publicadas na imprensa sobre o movimento bélico cearense, é nas charges que o padre Cícero ganha maior notoriedade figurando, majoritariamente, como seu principal líder.

3.2.5 SÁTIRA, HUMOR, CRÍTICA: padre Cícero e a guerra civil do Ceará através das charges.

Assim como nas alegorias carnavalescas, manchetes e artigos de jornal, o padre Cícero é bastante retratado nas charges que, ao traduzir para o desenho as notícias publicadas, contribuem para a construção das representações e sentidos acerca do sacerdote.

Considerando a catalogação feita com base nos jornais e revistas disponíveis no site da Hemeroteca da Biblioteca Nacional, entre os anos de 1912 a 1915 foram publicadas 119 charges tendo como tema as questões políticas cearenses, conforme demonstrado na tabela que segue:

Tabela 3 - Charges publicadas em Revistas/Jornais - 1912-1915

JORNAIS/ REVISTAS	1912			1913			1914			1915			TOTAL/J-R
	TG	CAPC	CIPC	TG	CAPC	CIPC	TG	CAPC	CIPC	TG	CAPC	CIPC	
O Malho/RJ	12	-	01	06	03	02	13	13	07	01	10	05	73
A Época/RJ	-	-	-	01	-	-	05	02	-	-	-	-	08
Careta/RJ	-	-	-	-	-	02	01	01	-	-	-	01	05
O Gato/RJ	04	-	-	01	-	-	-	-	-	-	-	-	05
A Noite/RJ	-	-	-	-	01	-	05	02	01	-	-	-	09
O Imparcial/RJ	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01	-	01
Fon Fon/RJ	-	-	-	-	-	-	01	-	-	-	-	-	01
A Lanterna/SP	-	-	-	-	-	-	-	04	-	-	-	-	04
A Gazeta/SP	-	-	-	-	-	-	02	-	-	-	-	-	02
O Pirralho/SP	01	-	-	01	-	-	04	01	03	-	-	-	10
J. Comercio/AM	01	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	01
TOTAL/ANO	18	-	01	09	04	04	31	23	11	01	11	06	119

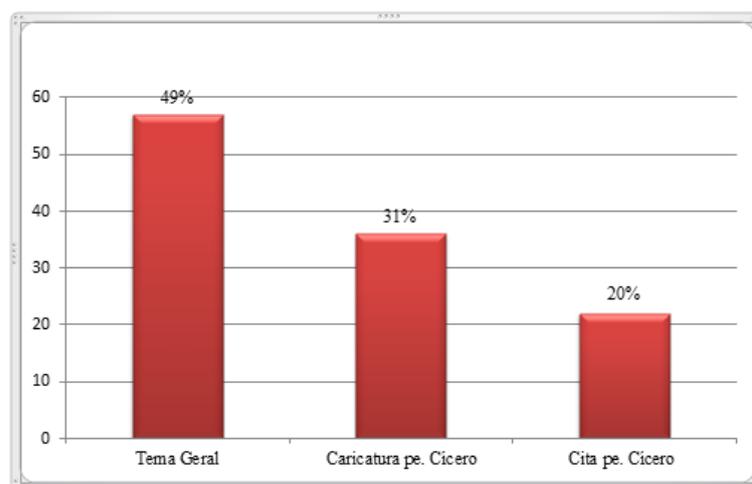
Legenda: TG = Tema geral; CAPC = caricatura do pe. Cicero; CPC = charges que citam padre Cicero.

FONTE: Elaborada pela autora a partir de jornais e revistas acessados na BNHD

Destas, 60, ou seja, 50,5% dizem respeito diretamente ao padre Cícero, seja através da caricatura do sacerdote ou da citação de seu nome.

Para melhor demonstrar a divisão dos temas e sua correlação percentual, elaborou-se um gráfico onde se pode verificar que das charges relativas ao sacerdote, 38 delas, ou 32%, trazem sua caricatura, enquanto 22, o que corresponde a 18,5%, o citam tanto na apresentação da charge quanto na legenda, conforme demonstrado no gráfico:

Gráfico 4 - Porcentagem de publicações das charges por tema



FONTE: Elaborada pela autora a partir de jornais e revistas acessados na BNHD

Os números constituem um conjunto de dados bastante significativos, possibilitando uma análise mais profícua no tocante à postura da imprensa e o papel por ela desempenhado a partir das notícias enviadas do Ceará, fato que contribuiu sobremaneira para a construção de representações e de sentidos em relação ao sacerdote, tomado como sujeito nas questões e conflitos políticos do Ceará.

As 59 charges classificadas como temas gerais, estão relacionadas a políticos como Nogueira Accioly, Franco Rabello, senador Pinheiro Machado, o presidente Hermes da Fonseca, entre outros. A outra parte apresenta assuntos mais genéricos como os conflitos nos estados nordestinos, sobretudo, Pernambuco, Alagoas e, claro, Ceará, além da seca e da fome.

Observando a tabela acima, outro dado importante permite verificar a quantidade de publicações no Rio de Janeiro, são 102 charges correspondendo a 85,7% do total.

Entre os órgãos da imprensa que mais publicou charges relacionadas à questão política cearense, a revista *O Malho*, com 73 das 115 charges - 61,5% do total -, se sobressaiu quando comparada aos demais.

Obviamente esses números não podem ser tomados de forma absoluta, pois muitos jornais e revistas publicados no mesmo período em outros estados brasileiros e no próprio Rio, não estão depositados na Biblioteca Nacional. Apesar disso, demonstram uma incidência mais robusta na capital federal, até por que era lá o centro político do país.

Sobre a revista *O Malho*, Hermes Lima ressalta que:

Politicamente duma importância comparável à da Revista Ilustrada, só tivemos mesmo neste século, *O Malho*, fundado por Luís Bartholomeu, em 1902. Embora iniciada sob o aspecto puramente humorístico e artístico, a partir de 1904, constitui-se a maior força política de combate, mercê de suas famosas charges assinadas por todos os grandes nomes da caricatura nacional, a partir de Agostini até o grupo que se revelou e firmou em suas páginas em 1930.⁷⁶⁹

Portanto, o fato de um órgão tão importante na imprensa política do país ser o que mais representou o padre Cícero através de charges desenhadas por caricaturistas como Loureiro, Storni, J. Carlos, Rocha, Aryosto Duncan, K. Lixto, Max Yantok, entre outros, não

⁷⁶⁹ LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. 1º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. 1963, p. 144.

se pode descurar na análise como essas construções contribuíram para a produção de representações e ressignificações do sacerdote.

Pode-se dizer que por ser a charge a “[...] intersecção entre o literário e o visual, o popular e o culto [...]”,⁷⁷⁰ constitui-se numa importante ferramenta de comunicação, uma vez que se utiliza da caricatura, da sátira e do humor para atingir de forma mais rápida o leitor, contribuindo na formação de opinião e de sentidos diversos. Nessa direção, afirma Landowski⁷⁷¹, o humor gráfico converte-se numa “[...] arma ao alcance de todos, posto que ele destrói ou desfaz os simulacros, desconfigura e reconfigura às avessas as imagens”.

Para analisar as charges, optou-se por classificá-las em temas: a questão política; padre Cícero revolucionário; padre Cícero e a seca; padre Cícero cangaceiro.

3.2.5.1 DOIS RELIGIOSOS FAZENDO REVOLUÇÃO: as charges com o padre Cícero e o Monge José Maria

Desde o final do século XIX os fatos extraordinários de Juazeiro foram comparados a Canudos, dando margem na imprensa para boatos sobre a possível relação do padre Cícero com Antônio Conselheiro, conforme discutido na primeira parte do segundo capítulo.

Em 1913, quando eclodiu o movimento armado entre aquele lugarejo e as forças rabelistas na localidade situada entre os estados de Santa Catarina e Paraná, se desenvolvia desde outubro de 1912 a conhecida “Guerra do Contestado”, tendo à frente o monge José Maria.⁷⁷²

⁷⁷⁰ CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: estratégia para entrar e sair da modernidade*. Tradução Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008, p. 336.

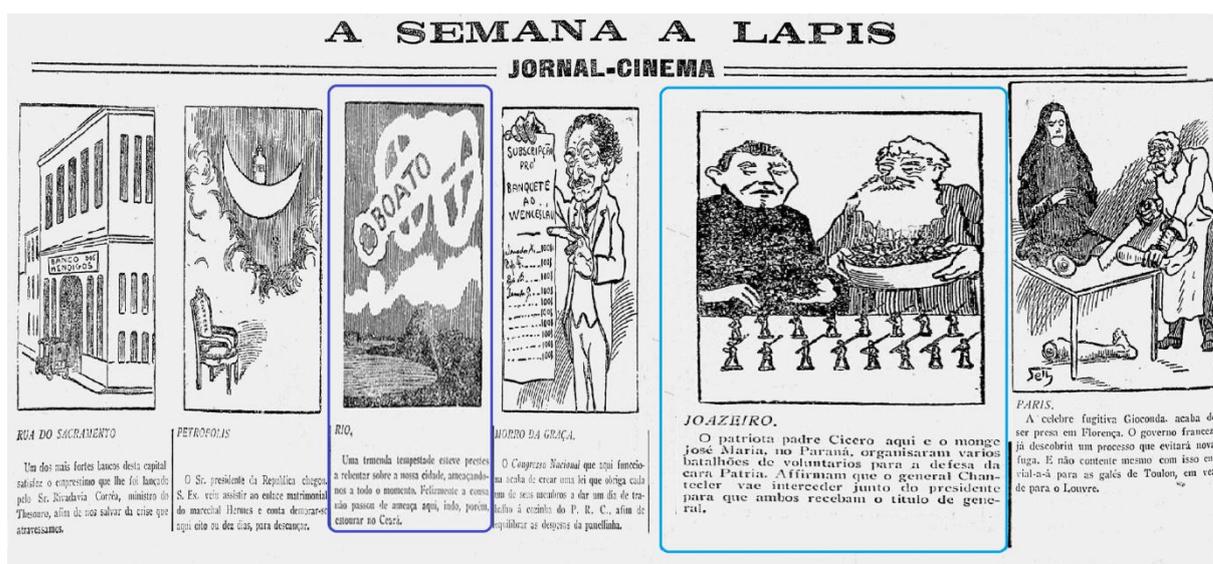
⁷⁷¹ LANDOWSKI, Eric. *Não se brinca com o humor: a imprensa política e suas charges*. In: FACE, São Paulo, 4(2): 64-95, jul./dez. 1995, p. 66.

⁷⁷² Sobre a Guerra do Contestado existe uma vasta bibliografia que pode ser consultada, a saber: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O Messianismo no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976; MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado*. In: S. B. DE, Holanda (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III, vol. 2. Rio de Janeiro/São Paulo, DIFEL. 1977; ALMEIDA JR., Jair de. *A Religião Contestada*. São Paulo: Fonte Editorial, 2011; FRAGA, N. C. (Org.). *Contestado em Guerra, 100 anos do massacre insepulto do Brasil - 1912-2012*. Florianópolis: Editora Insular, 2012. No que tange ao estudo comparativo entre os três movimentos, cf.: HERMANN, Jacqueline. *Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado*. In: Ferreira, Jorge e Delgado, Lucília de Almeida Neves (org.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente - da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 121-160;

Assim como aconteceu no caso de Canudos, não demorou muito para a imprensa associar o movimento político de Juazeiro ao de Contestado, embora tivessem motivações e métodos diferentes. A associação se deu por meio de artigos e charges, conforme se vê nas publicações compartilhadas.

A primeira charge que trata da associação entre os dois religiosos foi publicada no jornal *A Noite* em 15 de dezembro de 1913, assinada pelo caricaturista Seth⁷⁷³ na coluna “A semana a lápis”, composta de 06 cenas satirizando os principais assuntos que circulavam com temas diversificados, desde política, questões sociais até a descoberta do roubo do famoso quadro “Gioconda”, em Paris.

Charge 9 - “A semana a lápis” – padre Cícero e Monge José Maria



FONTE: Jornal A Noite- RJ/BNHD

Entre os conteúdos publicizados, dois quadros referem-se às polêmicas do Ceará. O primeiro desfaz o boato sobre uma possível tempestade no Rio de Janeiro, ressaltando que tudo não passou de uma ameaça, indo, porém, “[...] estourar no Ceará”. A segunda cena traz uma caricatura do padre Cícero e do Monge José Maria com a seguinte legenda: “JUAZEIRO

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. Consultar, ainda, alguns trabalhos digitais. Disponível em: <http://twixar.me/SZCn>

⁷⁷³ Pseudônimo do caricaturista Álvaro Marins (Macaé-RJ, 1891-1914). Sobre o artista, cf.: LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. 4º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. 1963. p. 1330-1344; SETH, disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa208720/seth>

– O patriota padre Cícero aqui e o monge José Maria, no Paraná, organizaram vários batalhões de voluntários para a defesa da cara Pátria. Afirma que o general Chanceler vai interceder junto do presidente para que ambos recebam o título de general”. Trata-se, naturalmente, de ironia e deboche quanto aos movimentos sociopolíticos que ocorriam nessas localidades e seus supostos líderes.

A segunda charge referente aos religiosos foi publicada na *O Malho*, assinada pelo caricaturista Storni na coluna “Salada da semana”:

Charge 10 - "Salada da semana" – Norte e sul – I



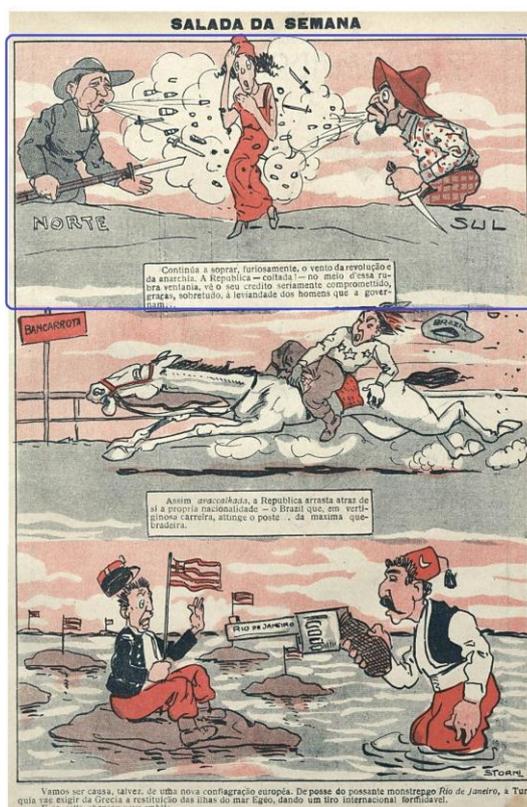
FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Publicada na edição de 27 de dezembro de 1913, portanto, nos primeiros dias do conflito armado de Juazeiro, é composta por três cenas. As duas primeiras referem-se ao futuro candidato à presidência. A terceira representa o norte e o sul, trazendo o padre Cícero portando em uma das mãos a bandeira onde se vê escrito “W.A Revolução”. Na mão esquerda o sacerdote segura um rifle e porta ainda uma cartucheira atravessada no tórax, semelhante à maneira como os cangaceiros costumavam usá-la. No lado oposto, vê-se o Monge José Maria também empunhando uma arma.

Vale destacar o escárnio despendido e a linguagem de duplo sentido usada na legenda: “[...] No mais temos aí no norte, o padre Cícero fazendo *bernardas*, para matar... o tempo e o sossego do Franco Rabello. Enquanto no Sul, o monge José Maria recomeça as suas “fitas” sangrentas... É uma beleza de hortaliça esta situação”.

A terceira imagem abordando essa questão é publicada no dia 07 de fevereiro de 1914, na mesma coluna “Salada da Semana”, de Storni. Novamente, o autor se remete aos conflitos do norte e do sul.

Charge 11 - “Salada da semana” – Norte e sul – II



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Na charge a República é representada na figura de uma mulher, sofre a pressão dos dois movimentos insurgentes: a guerra civil no Ceará, liderada pelo padre Cícero e o conflito do Contestado, dessa vez representado por um dos seus combatentes. Ambos sopram sobre a República balas e facas. Enquanto o padre Cícero porta numa das mãos uma espécie de arma híbrida (meio rifle, meio espada), o combatente do Contestado segura um punhal. Na legenda, se lê:

Continua a soprar, furiosamente, o vento da revolução e da anarquia. A republica – coitada – no meio dessa rubra ventania vê o seu crédito seriamente comprometido, graças, sobretudo, à leviandade de homens que o governam [...].⁷⁷⁴

3.2.5.2 QUEM É ESSE TAL DE PADRE CÍCERO? – “É homem para fazer, sozinho, uma revolução no Ceará”⁷⁷⁵

Embora não fosse um mero desconhecido sacerdote do sertão cearense, visto que desde as últimas décadas do século XIX é presença marcante na imprensa brasileira, constituindo-se, já nessa época, numa das personalidades mais polêmicas, noticiadas e influentes do norte do Brasil⁷⁷⁶, o surgimento do movimento sedicioso com a consequente eclosão de uma guerra civil no Ceará em dezembro de 1913 tendo como epicentro o Juazeiro, põe em maior evidência àquele que era o seu habitante mais renomado, o padre Cícero Romão Baptista, primeiro intendente do município deposto por Franco Rabello e 3º vice-presidente do Estado.

As primeiras notícias de combate e mortes no Cariri cearense suscitam alguns questionamentos na imprensa: quem é esse tal de padre Cícero? Sua biografia, sua terra e seu povo passam a ser narrados em jornais de todo o território brasileiro, mas, sobretudo, nos periódicos da capital federal, Rio de Janeiro, conforme discutido no capítulo anterior.

A narrativa preponderante de que o sacerdote possuía a capacidade de capitanear homens, circulava na imprensa desde sua estreia na política. Aquela considerava que “[...] no dia em que o padre Cícero quiser dezoito ou vinte mil homens irão pôr-se ao seu serviço, para

⁷⁷⁴ O Malho – RJ, Nº 595, 07/02/1914, p. 35.

⁷⁷⁵ Essa frase foi citada num artigo publicado no jornal A Noite – RJ, Nº 753, 11/12/1913, p. 01.

⁷⁷⁶ O Paiz – RJ, Nº 9996, 18/02/1912, p. 01.

as obras que ele indicar, forem quais forem os sacrifícios de bens ou de vida que ele reclamar”.⁷⁷⁷ As diversas narrativas corroboram a ideia de que o padre Cícero, com sua influência e poder sobre homens e mulheres, promove, lidera e comanda uma guerra no sertão.

Esse tipo de representação também se consolida no âmbito das charges que, em sua maioria, apresentam o sacerdote sempre ocupando uma posição de liderança, de comando. Outras três delas serão analisadas aqui.

A charge de autoria de Rubem Gil⁷⁷⁸ foi publicada originalmente no Semanário Humorístico Ilustrado, *Il Pasquino Coloniale* de São Paulo⁷⁷⁹ e reproduzida na primeira página do periódico anarquista e anticlerical *A Lanterna*, sem nenhum comentário ou artigo.

Charge 12 - “A proeza do padre Cícero vista do Vaticano”



FONTE: Jornal A Lanterna - SP/BNHD

⁷⁷⁷ O Paiz – RJ, Nº 9899, 13/11/1911, p. 01.

⁷⁷⁸ LIMA, 1963, p. 1165-75.

⁷⁷⁹ O Semanário foi lançado em São Paulo em 1909, destinado à comunidade imigrante italiana. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/il-pasquino-coloniale/>. Infelizmente, o site da BNHD só o disponibiliza a partir do número 404 de 08/05/1915.

Percebe-se que o padre Cícero é posicionado à frente dos combatentes, conduzindo na mão direita uma cruz e na esquerda, uma espada, com o braço estendido como que orientando os soldados a avançar. A cena retrata um acirrado enfrentamento entre os beligerantes com bombardeios e intenso tiroteio, homens tombados e mortos ao chão, outros com armas em punho.

No alto de uma janela, olhando o conflito através de uma luneta, repousam as caricaturas do papa Pio X e do cardeal Merry del Val com a legenda: “Avia-te, Merry, preparemos as malas! Dentre em pouco teremos um poder temporal no Ceará. Lá está um padre que trabalha com o santo temor de Deus!”

Intitulada “A proeza do padre Cícero vista do Vaticano”, expressa a ideia de que o poder central da Igreja observa o desenrolar da batalha de forma imparcial e inerte, aguardando apenas o momento de colher os louros.

A segunda charge desse tópico, igualmente publicada no jornal *A Lanterna* e reproduzida do periódico *Última Hora* com autoria de Raul,⁷⁸⁰ traz como título “No Ceará”.

Charge 13 - “No Ceará – Armai-vos uns aos outros”



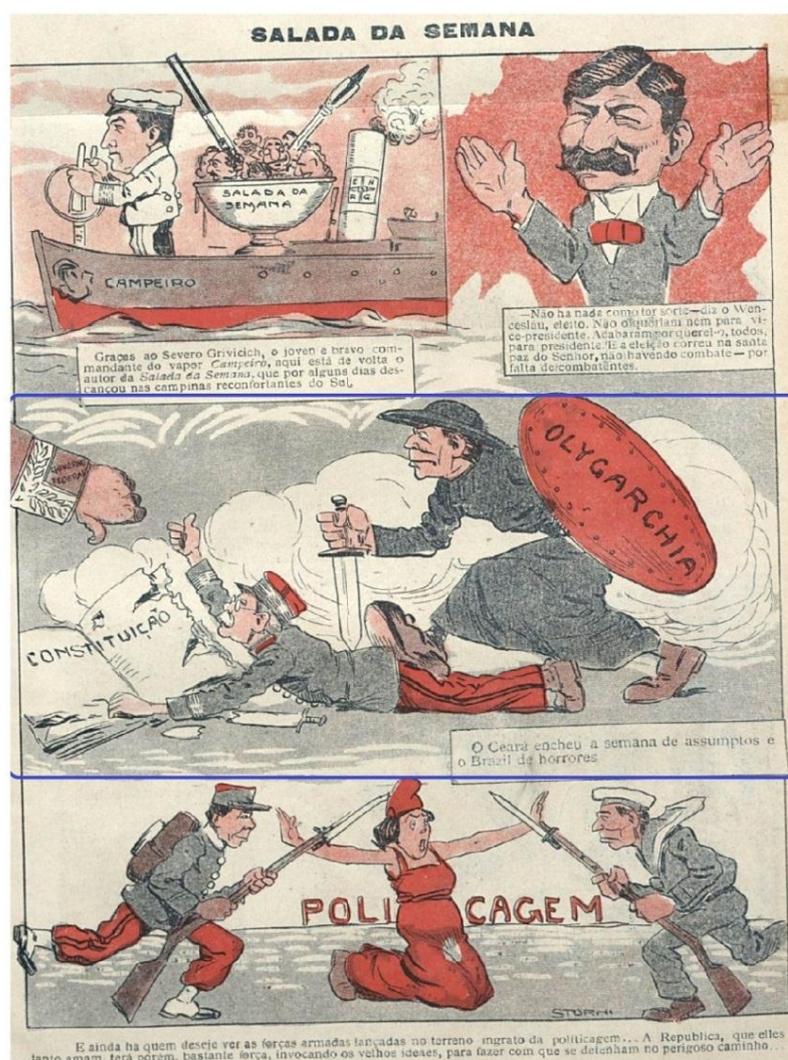
FONTE: Jornal A Lanterna - SP/BNH

⁷⁸⁰ Raul Paranhos Pederneiras, in: LIMA, 1963, p. 988-1013.

Diferentemente das demais, a charge apresenta o rosto do padre Cícero um tanto mais aproximado do real, ilustrando um sacerdote que triunfa sobre cadáveres e porta em uma das mãos um rifle com uma faca na ponta transformando-se numa cruz e, na outra, uma tocha acesa, subscrita: “Armai-vos uns aos outros”! Noutras palavras, parafraseia um dos dez mandamentos da Igreja Católica, o “amai-vos uns aos outros”, explicitando o uso que se faz da religião para promover a guerra.

A terceira charge, enfim, é publicado na edição de 07 de março da revista *O Malho*, na coluna “Salada da semana”.

Charge 14 - “Salada da semana” – III



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Observa-se que o padre Cícero pisa o corpo do governador Franco Rabello, que, caído no chão tem uma mão sobre a Constituição, enquanto a outra parece acenar pedindo socorro ao governo federal, também representado por uma mão cujo polegar mantém-se apontado para baixo, como sinal de negação.

A caricatura do sacerdote tem seu olhar mirando a mão do governo federal enquanto conduz o escudo com o nome oligarquia, dando a conotação de que ele é protegido pelos políticos oligárquicos. A espada sobre o corpo do governador tem ao seu lado outra espada, porém, quebrada, simbolizando a vitória do sacerdote sobre o seu antagonista.

A legenda sintetiza o pensamento da imprensa: “O Ceará encheu esta semana de assuntos e o Brasil de horrores”. Fica patente que a intenção do artista é retratar as notícias que versam a respeito dos violentos combates e da morte do capitão J. da Penha, fatos estes que se demoraram nas páginas de todos os jornais cariocas com manchetes alarmantes de saques, estupros, tiroteios, invasões à propriedades particulares, etc., praticados pelos “bandidos do padre Cícero”.

As três charges assentam a ideia de que o sacerdote é o grande comandante da luta armada cearense, pois, ao conduzir a cruz e a espada incita uma guerra sangrenta em nome de Deus e dos interesses gananciosos da oligarquia da qual se faz representante. Nelas, constata-se, não se vislumbra nenhum outro político ou mesmo militar conduzindo as tropas de sertanejos:

[...] animadas pelas absurdas credices, insultadas por estupidas superstições e tendo à frente a negra figura de um padre acelerado, ganancioso e sanguinário ao serviço da politicagem aladroadada e assassina, andam agora pelos ingratos sertões do Ceará as multidões de cangaceiros, armados em guerra, a saquear as povoações, matar e a fazer-se matar bestialmente.⁷⁸¹

⁷⁸¹ A Lanterna – SP, Nº 232, 28/02/1914, p. 01.

3.2.5.3 PROTAGONISTA E/OU COADJUVANTE: padre Cícero e de Floro Bartholomeu no movimento de 1913-1914 representando nas charges

Um dos temas bastante recorrentes na historiografia do movimento armado de Juazeiro nos idos de 1913-1914, diz respeito ao protagonismo e igual comando do sacerdote nesse tocante. Entretanto, os políticos cearenses aliados do padre Cícero, como o senador Thomaz Calvalcanti, declarando contrário.

Todo mundo pensa que a rebelião do Juazeiro teve como chefe o sacerdote. Absolutamente não. O padre Cícero, que tem grande influência religiosa entre os sertanejos, apenas consentiu que o sr. Floro sublevasse contra o governo do Sr. Franco Rabello. O Chefe foi, pois, o Sr. Floro e não o padre Cícero.⁷⁸²

O próprio Floro Bartholomeu declara em diversas entrevistas durante e após o conflito que era ele o principal chefe do movimento, tendo registrado em seu livro toda a responsabilidade pelo conflito armado.⁷⁸³ Também o padre Cícero, no testamento feito em 1923 e apenas conhecido em 1934 quando faleceu, corrobora as afirmações de Floro e de seus correligionários:

[...] Posso afirmar, sem nenhum peso de consciência, que não fiz revolução, nela não tomei parte, nem para ele concorri, nem tive nem tenho a menor parcela de responsabilidade direta ou indiretamente dos fatos ocorridos.⁷⁸⁴

⁷⁸² A Noite, Nº 1254, 21/06/1915, p. 01.

⁷⁸³ Sobre essa questão, cf.: Entrevista de Floro Bartholomeu para o jornal Gazeta de Notícias – RJ, Nº 107, 19/04/1914, p. 03; COSTA, Floro Bartholomeu da. *Juazeiro e o Padre Cícero: depoimento para a História*. Coedição Secult/Edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010; Testamento do padre Cícero. In: SOBREIRA, Azarias. *O Patriarca do Juazeiro*, 1969.

⁷⁸⁴ A Noite – RJ, Nº 8153, 07/08/1934, p. 01 e 03.

Não obstante, todas as declarações levadas a cabo pela imprensa da época asseguram que o sacerdote era o mentor e o comandante da rebelião, o chefe político, aquele que arregimentou milhares de sertanejos para derrubar, através da luta armada, o governo de Franco Rabello. O trecho de uma dessas notícias confirma a assertiva propalada:

Sabe-se que o padre Cícero Romão Baptista, chefe político de extraordinário prestígio na zona do Juazeiro, e terceiro vice-governador do Estado, tem prontos quatrocentos cangaceiros para a conflagração de toda a região do Crato e demais pontos do sul do Estado, que por eles serão invadidos.⁷⁸⁵

O movimento que se espera rebentar no interior do Ceará contra o governo do sr. Franco Rabello, tem como chefe principal o padre Cícero Romão Baptista, de quem demos ontem o retrato.⁷⁸⁶

Floro Bartholomeu, no entanto, é descrito como “[...] secretario particular e amigo do padre Cícero”,⁷⁸⁷ como “[...] ajudante de ordens do padre Cícero [...]”⁷⁸⁸ e este, apontado como aquele que liderou e conduziu o movimento até as últimas consequências. Ressalva a imprensa, contudo, que Floro estava “[...] aproveitando-se do prestígio [...]” do sacerdote.⁷⁸⁹

Em outros momentos, divide com o sacerdote a chefia do movimento:

Cumpre-nos dizer quem é o outro chefe, o cabeça do motim que vem flagelando o Ceará é o dr. Floro Bartholomeu da Costa, que esta em Juazeiro à frente, segundo dizem de 6.000 homens [...].⁷⁹⁰

[...] O padre Cícero e o dr. Floro, todos os cabeças do motim e todos os sediciosos do Ceará [...].⁷⁹¹

Já de há muito, como é sabido, esse infeliz estado do norte vem sendo teatro da maior desordem [...] Combates, os mais sangrentos, se tem presenciado em Juazeiro e no Crato; saindo vitoriosas, ora as forças governistas, ora as hordas de fanáticos, chefiados pelos famigerados padre Cícero e Floro Bartholomeu.⁷⁹²

⁷⁸⁵ Jornal do Commercio – AM, Nº 3440, 24/11/1913, p. 05.

⁷⁸⁶ A Noite – RJ, Nº 754 – Sexta-feira – 12/12/1913, p. 01.

⁷⁸⁷ O Paiz – RJ, Nº 10615, 30/10/1913, p. 05; A Notícia – RJ, Nº 296, 12-13/12/1913, p. 01.

⁷⁸⁸ O Imparcial – RJ – RJ, Nº 448, 26/02/1914, p. 01.

⁷⁸⁹ A Noite – RJ, Nº 754 – Sexta-feira – 12/12/1913, p. 01.

⁷⁹⁰ A Noite – RJ, Nº 781 – Terça-feira – 13/01/1914, p. 02.

⁷⁹¹ Correio da Manhã – RJ, Nº 5478, 29/01/1914, p. 01.

⁷⁹² Correio de Petrópolis – RJ, Nº 48, 28/01/1914, p. 01.

Tal como as manchetes e notícias que se debruçam sobre o movimento belicoso, as charges ratificam as posições de comando e liderança atribuídas ao padre Cícero expressando-as através de imagens ou de legendas, conforme se pode verificar nas próximas três caricaturas selecionadas.

Em 31 de janeiro, em sua “Salada da semana”, Storni expõe no segundo quadro uma das questões polêmicas que mais movimentam a imprensa naquele momento relacionada à negativa do presidente Hermes da Fonseca no tocante ao pedido de intervenção federal feita pelo governo do Ceará, tomado como um tema controverso amplamente debatido de forma exaustiva tanto pelos jornais de oposição, quanto pelos situacionistas.

Charge 15 - "Salada da semana" - IV



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Fugindo assustado do padre Cícero e de Floro, Franco Rabello agarra-se ao número 6. Pode ser uma referência ao 6º artigo da Constituição Brasileira que regulamentava em que situações seria possível uma intervenção federal nos estados da União.

Padre Cícero, exibindo um semblante feliz e um rifle na mão, atira nas nádegas do governador, seguido por Floro Bartholomeu que, usando o capelo simbolizando sua formação

acadêmica, também conduz uma arma, porém, sem usá-la, denotando uma clara liderança e protagonismo do sacerdote.

Na legenda, o autor interpreta o pedido de ajuda do governo federal como fruto de certa prepotência ao subestimar o poderio bélico e político do padre Cícero. Lançando mão do recurso da ironia, reforça seu protagonismo e declara que “[...] contra a expectativa de muita gente, o governo não atendeu ao pedido de socorro, e resolveu lavar as mãos, como Pilatos, deixando o Franco Rabello entregue às *delícias* do padre Cícero”.

Outra charge, publicada no ano de 1915 ainda na revista *O Malho*, intitulada “A terra de Iracema por água abaixo”, traz à tona o contexto adverso do Ceará.

Charge 16 - “A terra de Iracema por água abaixo”



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

A cena apresenta o padre Cícero ladeado por seu fiel escudeiro, Floro Bartholomeu, comandando uma nova rebelião de acordo com o enunciado:

Continuam a chegar do Ceará notícias positivas de movimentos dos “fanáticos do Juazeiro”, que, ao serviço do famoso padre Cícero e do seu lugar-tenente Dr. Floro Bartholomeu, estão invadindo varias localidades, cometendo depredações e perturbando a ordem, para fins políticos determinados. (dos jornais)

Chama-se atenção para a forma como o autor qualifica Floro Bartholomeu - “lugar-tenente” -, noutras palavras, a “[...] pessoa que secunda um chefe e o substitui em caso de ausência”.⁷⁹³ Também pode designar “[...] aquele que é o primeiro depois do chefe e que pode provisoriamente desempenhar as funções deste”.⁷⁹⁴

A índia Iracema, representando o Ceará, de joelhos, exclama:

Se foi para isto, meu Deus; se foi para esta politica de gazúa e bacamarte que me destes a Republica, antes me deixasse eternamente com os outros aventureiros de capa e espada, pois, fingiam ter algum amor por mim!
Ao passo que estes bandidos... e isto que se vê!

O Padre Cícero, por seu turno, com expressão irratadiça munido de uma espada e de um revólver, faz uma convocação para o combate, ao lado de Floro, dizendo: “Fieis, caboclos, salvadores do Ceará! Matar!!!...”. Atendendo às ordens do sacerdote e do médico, segue um grupo de sertanejos barbudos, com seus chapéus, lembrando, de certa forma, a representação dos combatentes de Canudos.

A terceira charge pinçada para análise mostra uma mensagem bem diferente das demais. Nela, constata-se uma possível união entre os estados do Ceará, Pernambuco, Paraíba e Piauí com o intuito de conter uma nova sublevação e desorganizar o que chama de “Corte do Juazeiro”

⁷⁹³ Cf.: <https://dicionario.priberam.org/lugar-tenente>

⁷⁹⁴ Cf.: <https://www.dicionarioinformal.com.br/lugar-tenente/>

Charge 17 - "O desassossego do norte: Formicida único"



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

O padre Cícero foge do cerco dos quatro governadores nordestinos, tendo atrás de si a imagem fantasmagórica de Floro Bartholomeu com o nome de Juazeiro inscrito em sua testa. Na legenda, enquanto os governadores gritam "Abaixo a corte do Juazeiro!", Zé do Povo, que observa a cena à distância com um sorriso, se expressa de forma debochada:

[...] Fogo na canjica e no formigueiro – digo eu! O falso padre Cícero com seus *fanáticos* e o seu Floro, não passa de um galopim, ao serviço de todas as devastações da politicagem! Não é possível tolerar por mais tempo as façanhas de seus bandidos, que atacam os Estados do

Norte! Por isso repito: - Fogo na canjica! Fogo no formigueiro, de uma vez para sempre!...⁷⁹⁵

Nessa representação, Floro Bartholomeu irrompe como uma espécie de protetor do sacerdote incorporando o próprio Juazeiro. O papel que lhe é destinado na charge é ainda o de um coadjuvante e não de um líder, comandante e mentor intelectual das querelas políticas do sertão.

3.2.5.4 FRANCO RABELLO X PADRE CÍCERO: Quem tem o poder?

Desde a complicada eleição para presidente do Estado do Ceará em 1912, a relação entre o padre Cícero e Franco Rabello é marcada por polêmicas, desencontros, divergências e até hostilidade.

Integrando o grupo político chefiado por seu velho amigo e padrinho, Nogueira Accioly, nas referidas eleições o padre Cícero assumirá um posicionamento importante de apoio ao velho político, aceitando inserir seu nome na chapa do Partido Republicano Conservador Cearense para a vaga de 3º vice-presidente na disputa eleitoral.

Transcorrida a eleição, o reconhecimento de Franco Rabello como presidente do Estado só virá através da celebração de um acordo político no qual membros do Partido Republicano Conservador assumem os cargos da vice-presidência, sendo, dessa forma, empossado como 3º vice-presidente o padre Cícero.

Mesmo na condição de vice-presidente, não deixa o sacerdote de manter sua fidelidade política ao grupo comandado por Accioly, fato que contribui para que a relação com o governo Franco Rabello se desgaste paulatinamente culminando com a sua demissão do cargo de intendente do Juazeiro. Tal função lhe coubera desde a emancipação política do município em 1911.

O clima entre os dois se acirra de vez quando, no segundo semestre de 1913, Franco Rabello decide enviar para a cidade do Crato uma tropa de soldados com o pretexto de combater o banditismo. Para Camurça, a atitude resguarda, no seu bojo, um conteúdo político

⁷⁹⁵ O Malho – RJ, nº 650, 27/02/1915, p. 13.

capaz de desarticular o foco de oposição ao governo rabelista formado em Juazeiro e conter a influência política do padre Cícero.⁷⁹⁶

Como resposta à decisão do governo, as três principais lideranças políticas do Cariri - padre Cícero, do Juazeiro, coronel Antônio Luiz Pequeno, do Crato e coronel Antônio Silvino, de Caririaçu - assinam telegramas que são enviados ao presidente da República e políticos cearenses no Rio de Janeiro com denúncias e alertas:

Somos avisados por pessoa de absoluta confiança de Fortaleza de que o governo do Estado procura efetuar um ataque à cidade do Crato e à vila do Juazeiro, visando de preferencia as pessoas do coronel Antônio Luiz Alves Pequeno e do ver. Padre Cícero Romão Baptista [...]
A população, sem ter nenhum intuito agressivo esta, entretanto, disposta a defender-se, resistindo ao assalto.
Pedimos providências urgentes ao poder competente a fim de evitar a conflagração de toda zona do Cariri.⁷⁹⁷

Estava dado o primeiro passo no intento de alertar para a possibilidade real da eclosão de uma conflagração política no interior do Ceará, algo que vai ocorrer em meados de dezembro de 1913.

Durante o processo de desenvolvimento do movimento armado, a imprensa começa a acompanhar *pari passo* o avanço da guerra civil cearense através de correspondências telegráficas e da reprodução de jornais locais. Dessa maneira, evidencia a correlação de forças e o papel que cada um dos dois políticos assume no contexto beligerante. Essa correlação é tratada não apenas por meio das manchetes, artigos e notícias, mas, sobretudo, por meio das charges.

Em dezembro de 1913, logo após a deflagração do movimento armado, a revista *O Malho* publica uma interessante charge de autoria de Aryosto Duncan⁷⁹⁸, intitulada “Cousas do Ceará”:

⁷⁹⁶ CAMURÇA, 1994, p. 198-207.

⁷⁹⁷ O Imparcial – RJ, N° 283, 13/09/1913, p. 06.

⁷⁹⁸ LIMA, Herman. História da caricatura no Brasil. 4º volume. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. 1963, p. 1434.

Charge 18 - “As coisas no Ceará”



FONTE: Revista O Malho- RJ/BNHD

Na figura, o padre Cícero disputa com o governador Franco Rabello a parceria para uma dança – a política -, enquanto são observados pelo personagem Zé Povo, que se manifesta: “Está bem aviada a política cearense! Dá um braço ao padre e outro à polícia...”.

As caricaturas dos personagens são bastante significativas, possibilitando a compreensão da construção de representações de cada um: a dama representa a política com aspecto de deboche, como quem está gargalhando e se comprazendo por ser disputada; Franco

Rabello e o Padre Cícero, cujas caricaturas ressaltam traços muito salientes como lábios volumosos, estão com um dos olhos fechado como quem flerta com a política.

No jornal *A Noite*, na coluna “Semana a lápis” do já citado cartunista Seth, é veiculada uma charge sobre uma das batalhas mais expressivas e pitorescas sucedidas no começo de janeiro de 1914, qual seja, a história de um canhão construído por um padeiro cearense, Emilio Sá, que abandonou o comércio e a família para lutar ao lado das forças rabelistas contra as tropas do Juazeiro:

Charge 19 - A semana a Lápis II – Padre Cícero e Floro



FONTE: Jornal A Noite - RJ/BNHD

As caricaturas do padre Cícero e de Floro Bartholomeu com braços e pernas quebrados e machucados, comemoram dizendo: “[...] Acabamos de liquidar o Franco. O Emílio Sá debandou com sua dinamiteira e os seus comparsas. Quanto a nós, estamos, felizmente, ilesos”.

Convém informar quem era e qual o papel de Emílio Sá nesse contexto. Segundo afirma Rodolfo Teófilo, o padeiro é “[...] uma das figuras mais salientes do movimento que derrubou a oligarquia de Accioly, e um dos dedicados amigos do Cel. Franco Rabello”.⁷⁹⁹ Com o início da luta armada na região do Cariri, Emílio Sá foi fundamental:

[...] mandou fundir um pequeno canhão nas oficinas do Sr. Alfredo Mamede. A pequena peça – julgava-se – poderia atirar bombas de dinamite no acampamento inimigo. [...] A fundição de um canhão em Fortaleza, foi um caso extraordinário; o transporte da peça ao Juazeiro, um lance de suprema audácia.

Acerca desse assunto o jornal *A Noite* publica uma longa matéria, cujo título indaga: “[...] Quem vencer vai dominar a terra de Iracema? Quem será aniquilado?”⁸⁰⁰ A matéria informa, ainda, como procedera Emilio Sá:

[...] abandonou os afazeres e família, partindo para o Crato, depois de ter – segundo dizem – preparado, não só o luto para os seus, mas um formidável e original canhão para a gente do padre Cícero. Essa machina foi feita mesmo em Fortaleza e Emílio foi quem a idealizou e quem a executou: é um canhão – dizem – que vomita dinamites e que vai provocar uma verdadeira catastrophe nos campos dos fanáticos.

A incorporação de Emilio Sá ao comando das tropas rabelistas representa a última esperança do governo, pois, “[...] Se Emilio Sá for derrotado, o Franco perde a cabeça e, conforme as consequências renunciará o cargo de governador”.

⁷⁹⁹ TEÓFILO, Rodolfo. *A sedição do Juazeiro*. Edição fac-símile. Coleção João Nicodemos de Lima. Natal: Sebo Vermelho Edições. 2014, p. 47.

⁸⁰⁰ *A Noite* – RJ, N° 775, 06/01/1914, p. 01.

Planejava-se usar o canhão numa segunda tentativa de invasão a Juazeiro, destruindo-o e suprimindo o movimento belicoso. No entanto, os planos foram um fracasso, sendo derrotadas as forças rabelistas com a deserção dos comandantes e o abandono do canhão na cidade de Barbalha. Posteriormente, fora levado para o padre Cícero.⁸⁰¹

Algumas questões, entretanto, chamam atenção na charge: o confronto entre as tropas beligerantes, a tentativa de invasão do Juazeiro e a derrota das forças legalistas de Franco Rabello com a fuga dos comandantes entre os dias 22 e 25 de janeiro, conforme telegrama de Floro Bartholomeu publicado no jornal *A Noite*, em 27 do mesmo mês:

CRATO, 26 (11h) – tenho o prazer comunicar amigos que sábado, 24, cerquei Crato às 11 horas. Depois de 24 horas de tiroteio renhido, tomei a cidade, desalojando bandidos. Teixeira, Emílio Sá, André, F. Brito e outros fugiram no começo do fogo [...] soldados deixaram a bandeira do ex-batalhão, 03 caixas (tambores), 20 cornetas, 50 sabres, 60 carabinas Comblain, 25 carabinas Mauser, 72 rifles, muitos cunhetes de balas das diversas armas.

Morreram em combate 22 soldados e o ex-tenente Veríssimo, saindo dez feridos; dos cangaceiros rabelistas faleceram oito, ficando feridos treze. Do nosso lado, morreram quatro amigos, sendo um em consequência de bomba de dinamite. Estou mandando capturar bandidos. Está restabelecida a ordem, reinando inteira paz nas famílias.

[...] Viva libertação do Ceará! – Floro.⁸⁰²

Como a ilustração foi publicada em 12 de janeiro, dez dias antes do confronto, portanto, é provável que o autor tenha com base nas notícias sobre Emílio Sá e seu canhão e a expectativa do confronto definitivo, feito um prognóstico favorável às tropas do Juazeiro, acertando nesse tocante.

Ainda sobre a correlação de forças entre os dois personagens, outra interessante charge publicada na revista *O Malho* retrata o desfecho acerca de uma tentativa de acordo para colocar fim ao conflito.

A notícia que circula na imprensa desde o final de dezembro de 1913, é a de que o governo federal propunha um acordo entre Franco Rabello e os deputados dissidentes

⁸⁰¹ O canhão hoje é exposto no Memorial Padre Cícero como símbolo da resistência de Juazeiro no movimento armado de 1913/14. Sobre este curioso episódio, (TEÓFILO, op.cit., p. 63) Cf.: também: WALKER, Daniel. *A história do canhão da guerra de 14*. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4hrskbq>.

⁸⁰² *A Noite* – RJ, nº 793 – terça-feira – 27/01/1914, p. 03.

reunidos em Juazeiro com o intuito de cessar o confronto armado. Os jornais não cessam de publicar informações nesse sentido:

Continua na ordem do dia, dando lugar a uma longa série de comentários, desde os mais sérios aos mais grosseiros, o recente telegrama do marechal Hermes ao coronel Franco Rabelo, propondo um acordo dos elementos governistas do Ceará com as hostes revolucionárias do padre Cícero para que cesse a luta armada [...].⁸⁰³

As negociações em torno da possível aliança esbarram na condição imposta pelo governo Franco Rabello de que somente recuará com suas tropas se houvesse uma “[...] deposição das armas e a submissão à sua autoridade por parte dos revoltosos,⁸⁰⁴ assim como a retirada dos drs. Lavor e Floro Bartholomeu do Juazeiro”.⁸⁰⁵

Diante, portanto, das exigências do governo, a tentativa do Presidente da República de promover uma aliança não logrou êxito nenhum, segundo noticiam as manchetes jornalísticas:

FRACASSOU O PROJETO DE ACORDO ENTRE ACCIOLYSTAS
E RABELLISTAS PARA NORMALIZAR O CEARÁ
O pessoal chefiado pelo sr. Thomaz Cavalcanti queria mais do que a anistia
e o sr. Franco Rabello não lhe concederá mais do que isso.

Sobre esse tema, é publicado na revista *O Malho* a charge intitulada “No Ceará: a parte do Leão”, de autoria do cartunista Augusto Rocha.⁸⁰⁶

⁸⁰³ Correio da Manhã – RJ, Nº 5449, 31/12/1913, p. 01.

⁸⁰⁴ Correio da Manhã – RJ, Nº 5449, 31/12/1913, p. 01.

⁸⁰⁵ A Época, Nº 523, 03/01/1914, p. 02.

⁸⁰⁶ LIMA, 1963, p. 1125-28.

Charge 20 - “No Ceará: A parte do leão”



FONTE: Revista O Malho – RJ/BNHD

Observa-se que ambos os lados procuram dominar a presa na tentativa de conquistar o poder que é simbolizado pelo cordeiro. Enquanto Franco Rabello, representado por um leão, tenta defender sua captura, padre Cícero, Floro Bartholomeu e os combatentes retratados como serpentes de sete cabeças buscam devorar o animal.

Zé Povo, sempre observador, aconselha o governador Franco Rabello a fazer as pazes com o padre Cícero e Floro Bartholomeu, advertindo que “[...] a *hydra* do Juazeiro é um bicho de sete cabeças que não tem medo das bravatas do leão, [...] mais vale um mau acordo do que uma boa demanda”. O personagem ainda alerta que corre o risco da presa, o cordeiro representando o poder, cair nas mãos de Nogueira Accioly, ex-governador e oligarca do Ceará.

É flagrante que as caricaturas do padre Cícero e de Floro Bartholomeu não estão deformadas, tendo suas feições próximas da realidade, nas fotografias. As demais cabeças da serpente são homens sisudos e barbudos.

Depois de dois meses de combate, as notícias acerca das constantes derrotas das tropas legalistas preenchem as páginas dos jornais com manchetes sensacionalistas:

OS SERTANEJOS, AMANDO DO PADRE CÍCERO, DERROTAM A
POLÍCIA MILITAR DO ESTADO⁸⁰⁷

A SITUAÇÃO DO CEARÁ
OS RABELLISTAS ESTÃO SENDO DERROTADOS⁸⁰⁸

A SITUAÇÃO NO CEARÁ
Os revolucionários derrotam a polícia estadual e apoderam-se do Crato⁸⁰⁹

NO CEARÁ
A revolução do Joazeiro --- A derrota da policia estadual --- A tomada do
Crato e de Iguatú pelos correligionários do padre cícero⁸¹⁰

Em meio às notícias das constantes vitórias das forças juazeirenses, Storni publica a charge “Posições invertidas”, cujo enunciado declara a “[...] visão do coronel Franco Rabello, Presidente do Ceará”:

Charge 21 - “POSIÇÕES INVERTIDAS: Visão do coronel Franco Rabello, presidente do Ceará”



FONTE: Revista O Malho – RJ/BNHD

⁸⁰⁷ A Imprensa – RJ, N° 1967, 23/12/1913, p. 01.

⁸⁰⁸ O Imparcial – RJ, N° 414, 22/01/1914, p. 03.

⁸⁰⁹ A Imprensa – RJ, N° 2.001, 27/01/1914, p. 01.

⁸¹⁰ O Paiz – RJ, N° 10704, 27/01/1914, p. 01.

O autor considera dois momentos distintos da guerra: no primeiro plano, com a legenda “[...] Como o coronel viu o padre Cícero no principio da revolução...”, o desenho mostra um sacerdote diminuto, sem representar perigo algum diante do coronel Franco Rabello, agigantado e confiante de sua capacidade de esmagar o movimento sedicioso de Juazeiro com facilidade.

No segundo momento, com a inscrição “[...] E como elle vê agora...”, Franco Rabello, pequeno e frágil com uma espada em punho, olha para o gigante padre Cícero, que, com um sorriso debochado parece querer manipulá-lo como a um brinquedo.

No mês de março, as forças governistas acumulam várias derrotas consecutivas. Com os combatentes do Juazeiro aproximando-se de Fortaleza, o governo Federal decreta no dia 09 o Estado de Sítio no Ceará e, cinco dias depois, destitui o governador Franco Rabelo e extingue a Assembleia Estadual, fato que a imprensa não tardará em noticiar:

O GOVERNO FEDERAL RESOLVE INTERVIR NO ESTADO DO CEARÁ E NOMEIA INTERVENTOR O CORONEL FENANDO SETEMBRINO DE CARVALHO [...].⁸¹¹

O CORONEL SETEMBRINO ENTROU EM EXERCICIO DAS FUNÇÕES DE INTERVENTOR FEDERAL NO ESTADO CEARÁ --- O CORONEL FRANCO RABELLO FAZ ENTREGA AO INTERVENTOR DAS CHAVES DO PALACIO PRESIDENCIAL [...].⁸¹²

É terminada a guerra e cessados os combates. Para a imprensa, o padre Cícero consagra-se como o grande vitorioso. Todavia, esse êxito é assim interpretado:

⁸¹¹ O Paiz – RJ, Nº 10751, 15/03/1914 – p. 01; A Imprensa – RJ, Nº 2.047, 15/03/1914, p. 01.

⁸¹² O Paiz – RJ, Nº 10752, 16/03/1914 – p. 01.

Charge 22 - "DEPOIS DO TRIUNFO" – Missa em ação de graça



FONTE: Revista O Pirralho – SP/BNHD

A charge é publicada na revista paulista *O Pirralho* com o título “Depois do triunfo”. Nela, o padre Cícero celebra uma missa em ação de graças pela conquista.

Celebrando defronte a uma paisagem onde se vê ainda algumas explosões de dinamite e, mais ao longe, taperas indígenas incendiadas, indicando a existência de um lugar selvagem, bárbaro, incivilizado, o sacerdote traz inscrito em sua batina uma cruz e carrega transpassado ao corpo, um rifle. Ao seu lado, assistindo à celebração, homens barbudos rezam ajoelhados, enquanto um deles atira para o alto. Crianças com semblantes tristes complementam o cenário de caos e terror.

3.2.5.5 DOIS FANÁTICOS DO PADRE CÍCERO: A representação do papel do Presidente Hermes da Fonseca e do Senador Pinheiro Machado no conflito armado do Ceará

Apesar da eleição de Franco Rabello para a presidência do Ceará ter transcorrido no contexto da chamada “Política da salvação” conduzida pelo então presidente Hermes da Fonseca por motivos já analisados no capítulo anterior, alimentava-se na imprensa oposicionista a acusação de que o governo federal, representado, sobretudo, pelo senador Pinheiro Machado, tramava com políticos cearenses uma forma de destituí-lo do poder.

A denúncia ganha força quando, em 1913 o governo estadual, já um tanto desestabilizado e contestado sobre sua legitimidade, é surpreendido com os rumores de uma reunião organizada na residência do senador Pinheiro Machado no Morro da Graça, Rio de Janeiro, com a presença da bancada cearense e dos coronéis João Brígido e Floro Bartholomeu com o objetivo de planejar sua deposição.

Com o agravamento da crise política no Ceará, a imprensa, em novembro de 1913, anuncia a iminência de uma conflagração naquele estado sob o patrocínio do governo federal, conforme publicação d’*A Época*:

Figura 24 - Manchete do jornal A Época – “O CEARÁ CONFLAGRADO”



FONTE: Jornal A Época – RJ/BNHD

A matéria, que se antecipa à deflagração propriamente dita do movimento, relata que o “[...] o padre Cícero, sacerdote católico que abandonou as práticas suaves do cristianismo,

para se converter num façanhudo bandoleiro, a soldo da política pinheirista, já tem em seu mando quatrocentos cangaceiros”⁸¹³.

Quando o conflito está prestes a se tornar uma realidade, o jornal *Correio da Manhã* divulga em seu editorial “Intervenções e conspirações” um artigo assinado por Gil Vidal⁸¹⁴ com contundentes acusações, afirmando que o senador Pinheiro Machado planejava uma intervenção no Ceará com objetivo de derrubar o governo de Franco Rabello:

[...] é justo e conveniente ao governo federal, para por um paradeiro ao que seu líder chamou situação anormal no Estado, acoroçoar e auxiliar uma insurreição contra o governo estadual dirigida por um padre fanático, Antonio Conselheiro tonsurado, que se hoje serve de instrumento a esse plano político, amanhã se revoltará por si próprio, renovando o triste e doloroso episódio de Canudos. [...].⁸¹⁵

Para a imprensa carioca o prestígio e influência político-religiosa do padre Cícero servia de escudo, constituindo o braço armado do presidente e do senador da república para pôr em prática o plano de derrubada do governo Rabellista, por entender que este representava uma ameaça às suas pretensões de candidatar-se à presidência do país. Tais narrativas são igualmente reproduzidas em charges, cujo sacerdote desponta a serviço do Partido Republicano Conservador ou dos interesses do Senador Pinheiro Machado.

Em fevereiro de 1914, mais uma vez o padre Cícero e Floro Bartholomeu são citados na coluna “Semana a lápis”, do jornal *A Noite*:

⁸¹³A *Época*, Nº 482, 23/11/ 1913, p. 05.

⁸¹⁴Pedro Leão Veloso Filho é advogado e editor-chefe do referido jornal. Cf.: <http://twixar.me/26Cn>

⁸¹⁵ *Correio da Manhã* – RJ, Nº 5431, 13/12/1913, p. 01.

Charge 23- A semana a Lápiz III – Entre Cearenses: Padre Cícero e Floro

SEMANA A LAPIS
Conversas fiadas



Entre mineiros :
— Si o Correio Luminoso convulsionou o movimento n Rio Branco de outra forma, seria vençoso.
— Como, então ?
— Per exemplo: no mês e carmeliter vestida a bandeira 1ª, entrou n Jilase-Flaz; de m ado alguns figurinhas de Monaxante e do outro a última apostolado enésiose — > longo. Ponto. Já certo

Entre cearenses :
— Então, as cousas já para as nossas bandas estão pretas, hein ?
— Como não, filho ? Pois o padre Cícero e Floro não estão no Cattete, agindo contra o Franco Rabello ? Não representam o P. R. C. ? Já vês...

No "Rio Negro" :
— Pois é verdade, *marché cõio*. Budha era um príncipe que não sabia o quo significava fome, crise, miséria, etc. Um dia saiu pelo mundo fóra e conheceu então tudo isso. Dahi o budhismo.
— Que besta foi esse tal Budha, hein, Pinheiro ?

Entre carnavalescos :
— Qual variola, qual nada, homem ! É historia da imprensa. O que te posso garantir é que a morte nestes tempos até se esquece de que existe e vem fazer causa commum connosco !

Entre leitores de noticias policiais :
— Mais um crime ! E a policia nada !
— Não me fale nisso. Ha na policia ineficacidades que seria de justiça transferial-as na secção egyptologica do Museu Nacional !

Entre intendentes municipaes :
— Homem, si lá a nossa quitanda fosse toda devorada pelo fogo, para onde teriamos de ir ? Não sei...
— Ora ! Tantos lugares esplendidos por ahí... Olha: no boulevard de S. Christovão a nossa *troupe* ficaria magnificamente instalada!

FONTE: Jornal A Noite – RJ/BNHD

Compondo uma das cenas, podem-se ver as caricaturas do padre Cícero e de Floro Bartholomeu empunhando rifles ainda fumaçando como se tivessem sido usados há pouco tempo, enquanto na legenda dois cearenses conversavam:

- Então, as coisas já para nossas bandas estão pretas, hein?
- Como não, filho? Pois o *padre Cícero e Floro* não estão no Catete, agindo contra Franco Rabello? Não representam o P.R.C.? Já vê[s] [...]

Segundo apresentado na charge, o padre Cícero e Floro Bartholomeu são representantes armados do P.R.C. e do Catete, ou seja, estão designados pelo presidente da república para derrubar o governador Franco Rabello.

Noutra ilustração, possivelmente a imagem mais forte e emblemática em termos de representação do padre Cícero como cangaceiro e jagunço, tem como título “Nos arraiais conflagrados”:⁸¹⁶

⁸¹⁶ Esta charge foi reproduzida no jornal anarquista e anticlerical de São Paulo, A Lanterna, em 14 de março de 1914. Com o título “O chefe dos cruzados no Ceará”, ilustra o editorial do periódico no qual faz graves acusações ao sacerdote e questiona sobre quais foram as motivações que levaram os homens do sertão a lutar por uma causa que não era a sua. Sobre as publicações deste periódico acerca do padre Cícero, cf.: PINHO, Maria de Fátima Moraes. *Vem à cena o celebre padre Cícero: publicações do jornal anarquista e anticlerical A Lanterna* (SP). In: REIS JUNIOR, Darlan de Oliveira, et al. *História social dos sertões*. Curitiba: CRV, 2918, págs. 187-199.

Charge 24 - "Nos arraiais conflagrados: Padre Cícero - aqui eu sou o Pinheiro!"

Nos arraiaes conflagrados



Padre Cycero - Eu aqui sou o Pinheiro!

FONTE: Jornal A Época - RJ/BNHD

Usando uma espécie de mitra, coroa utilizada pelos bispos que simboliza a autoridade episcopal, o sacerdote apresenta o semblante de quem está provocando uma briga, com olhos esbugalhados e encolerizados, cabelos desgrenhados, batina com as mangas arregaçadas, segurando um rifle e diversas facas na cintura. Tem ainda uma faca entre os dentes gotejando sangue.

A inscrição - Padre Cycero – eu aqui sou o Pinheiro! - faz referência à decantada influência e prestígio que o senador Pinheiro Machado exercia no período da presidência de Hermes da Fonseca,⁸¹⁷ dando a entender que, no Ceará, era quem exercia o poder de mando.

A terceira charge demonstra com mais nitidez a representação do sacerdote como parte de uma engrenagem maior, de uma trama alimentada pelos interesses dos dois políticos, evidenciada inclusive no título “Baterias mascaradas!”

⁸¹⁷ Sobre este assunto, cf.: CAMPELLO DE SOUZA, Maria do Carmo. *O processo político-partidário na primeira República*. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Brasil em perspectiva*. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1995; *Pinheiro Machado governa o Governo, entre as 'salvações' e os 'coronéis'*. Nosso Século 1910/1930 - Anos de crise e de criação. Editora Abril, 1980, pag. 25.

Charge 25 - "Baterias mascaradas"



FONTE: Jornal A Época – RJ/BNHD

O sacerdote carrega no ombro uma cruz e, embaixo do braço esquerdo, um rifle em cuja extremidade está suspenso um cordão representando a figura de Nogueira Accioly. Olhando para baixo num gesto popularmente usado no flerte, levanta a batina e exhibe as caricaturas de Pinheiro Machado e Hermes da Fonseca que, escondidos, acionam seus rifles. Subtende-se, portanto, que quem de fato aperta o gatilho na luta armada do Ceará não é o padre Cícero. Diferentemente da charge anterior - aquela não ilustra nenhuma matéria -, esta é acompanhada da seguinte manchete:

O CEARÁ ENSANGUENTADO
PERSEGUE A OBRA FRATICIDA DO P.R.C.

JUAZEIRO E CRATO EM PODER DOS JAGUNÇOS⁸¹⁸

A reportagem acusa o senador Pinheiro Machado de ter contratado milhares de homens dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e do Piauí para “[...] lançar sobre as cidades e povoados cearenses bandidos assalariados e obrigar, assim, o sr. Franco Rabello a uma renúncia que proporcionaria aos acciolyistas a reconquista do poder”.

3.2.5.6 O MAIOR CHEFE POLÍTICO DO SERTÃO OU UM POLITIQUEIRO FAÇANHUDO⁸¹⁹: representações sobre as práticas políticas do padre Cícero

Um dos temas mais polêmicos e controversos na historiografia sobre o padre Cícero é certamente a atuação do sacerdote como político. Para os detratores, trata-se de um politiqueiro aproveitador e explorador da ignorância e ingenuidade dos sertanejos; para os defensores, embora tenha exercido cargos políticos nunca foi um político, posto que apenas colocou o seu nome à disposição para o crescimento da terra onde vivia, o Juazeiro. O próprio padre Cícero não se via como tal, deixando isso declarado no seu testamento:

⁸¹⁸ A Época – RJ, Nº 548, 28/01/1914, p. 01.

⁸¹⁹ Este último adjetivo foi usado numa publicação da revista O MALHO – RJ, Nº 588, 20/12/ 1913, p. 13.

Preciso ainda elucidar um assunto ao qual meu nome por circunstâncias especiais se acha ligado, porém, no qual minha ação, aliais pacífica, conciliadora e sempre ao lado do bem, tem sido injustamente deturpada pelos que se deixaram dominar pelas paixões do momento ou não souberam interpreta-las. Nunca desejei ser político.⁸²⁰

Contudo, sua liderança e atuação política já eram motivo de destaque e reconhecimento por partidários e adversários desde os anos de 1910. Em artigos publicados na imprensa da época, o descreviam como “[...] chefe político da zona do Cariry⁸²¹; [...] chefe político de extraordinário prestígio na zona do Juazeiro e nos sertões do Brasil”.⁸²²

De acordo com telegramas veiculados em vários jornais, o padre Cícero se assume como “chefe político”⁸²³ identificando-se como prefeito e 3º vice-presidente em correspondências enviadas a autoridades e políticos.

Sua atuação nesse sentido é, sobremaneira, ressaltada após o fim da guerra civil na qual se consagrara vitorioso, assumindo novamente o cargo de intendente do Juazeiro e a 1ª vice-presidência no governo provisório de Liberato Barroso (1914-1916), conforme amplamente publicado na imprensa:

CEARÁ
FORTALEZA, 16

Na eleição ontem procedida para presidente e vice-presidente do Estado, para deputados estaduais, ao quadriênio, a chapa do Partido Republicano Conservador foi à única votada, apurando-se o seguinte resultado: para presidente – coronel benjamim – 658 votos; 1º vice – padre Cícero Romão Baptista, 565; 2º, doutor Aurélio lavor, 566 e 3º. Coronel Gustavo Correia Lima, 564.⁸²⁴

Citado em todas as notícias sobre a política cearense, padre Cícero passa a ser narrado tanto através da escrita quanto por meio da imagem como um politiqueiro oportunista,

⁸²⁰Testamento do padre Cícero publicado n’A Noite – RJ, Nº 8153, 07/08/1934, p. 03; Diário de Pernambuco – PE, Nº 172, 10/08/1934, p. 02; Correio da Manhã – RJ, Nº 12190, 22/08/1934, p. 10. *Grifo nosso.*

⁸²¹O Paiz – RJ, Nº 9937, 21//12/1911, p. 01; Gazeta de Notícias – RJ, Nº 116 –25/04/1912 – p. 01.

⁸²²Jornal do Commercio – AM, Nº 3440, 24/11/1913, p. 05; A Notícia – RJ, Nº 296, 12-13/12/1913, p. 01; A Notícia – RJ, Nº 295, 11-12/12/1913, p. 02.

⁸²³Jornal do Commercio – RJ, Nº 204, 23/07/1912, p. 05.

⁸²⁴O Paiz – RJ, Nº 10814, 17/05/1914 – p. 06.

ganancioso, facínora, famigerado, tenebroso bandido dos nossos sertões, cidadão sem escrúpulos, verdadeira figura de salteador, entre outros adjetivos.⁸²⁵

A aliança política em torno de uma chapa única para os cargos executivos do estado, elegendo o coronel Liberato Barroso para presidente e o padre Cícero para 1º vice-presidente, teve vida efêmera. Em setembro, com apenas quatro meses de mandato, a imprensa divulga:

UMA CISÃO POLITICA NO CEARÁ

Fortaleza, 20 (do nosso correspondente) - Parece realizada a cisão entre elementos governistas. Apressou-a o veto do coronel Barroso ao projeto que mandava entregar ao sr. Floro Bartholomeu, a título de indenização de guerra, a quantia de quatro contos, que seriam distribuídos entre os que forneceram elementos materiais para a revolta do Juazeiro.⁸²⁶

A crise política se agrava com a demissão daqueles que ocupavam cargos governamentais e também assumiram o comando das tropas que lutaram na guerra civil em defesa do Juazeiro, ensejando a atmosfera de um novo conflito:

O CEARÁ NOVAMENTE EM FOCO

Em vespuras de novas perturbações?

FORTALEZA, 12 – O presidente do Estado, coronel Liberato Barroso, demitiu o coronel Pedro Silvino de Alencar e os capitães Arthur Costa e José Cidade, dos cargos que ocupavam [...].

O “Unitário” no seu artigo editorial de ontem, diz que o coronel Barroso, ao chegar aqui, dissera a alguém que havia de acabar com o padre Cícero.⁸²⁷

As manchetes que circulam a respeito de um novo movimento beligerante no Ceará, denunciam:

O CEARÁ DE NOVO EM SANGUE

A reprise do padre Cícero⁸²⁸

“SI CETTE CHANSON”...

⁸²⁵ Correio da Manhã - RJ, Nº 5431, 13/12/1913, p. 01; O Paiz – RJ, Nº 10659, 13/12/1913, p. 02; A Época, Nº 563, 13/02/ 1914, p. 02; Gazeta de Notícias – RJ, Nº 334, 01/12/1914, p. 02.

⁸²⁶ Correio da Manhã – RJ, Nº 5656, 20/08/1914, p. 02.

⁸²⁷ A Noite – RJ, Nº 984, 21/09/1914, p. 03.

⁸²⁸ A Noite – RJ, Nº 1029 – quarta-feira– 04/11/1914, p. 02.

OS JAGUNÇOS DO PADRE CÍCERO ASSALTAM E TOMAM UMA
CIDADE DO CEARÁ⁸²⁹

POLITICA DO NORTE
NOVA REVOLUÇÃO NO CEARÁ?
O padre Cícero e os seus jagunços novamente em armas⁸³⁰

MASHORCA NO CEARÁ
Os mesmos “beneméritos” que depuseram o sr. Franco Rabello e colocaram
no poder o sr. Benjamim Barroso, preparam a deposição deste⁸³¹

Na abordagem dessa questão, circula na revista *O Malho* na edição do dia 14 de novembro, mais uma charge de Yantok⁸³² intitulada “Aves sinistras do Ceará”:

⁸²⁹ A Notícia – RJ, N° 273, 04-05/11/1914, p. 01.

⁸³⁰ Gazeta de Notícias – RJ, N° 308, 05/11/1914, p. 01.

⁸³¹ A Época, N° 803, 05/11/1914, p. 03.

⁸³² LIMA, 1963, p. 01.249-1.266.

Charge 26 - "As aves sinistras do Ceará"



O padre Cícero é representado como um urubu, ave de rapina fortemente identificada com o sertão por ser um animal que “[...] alimenta-se principalmente de carcaças de animais mortos em diferentes estágios de decomposição”.⁸³³

Trazendo escrito no corpo a frase “urucubaca do padre Cícero”, palavra indígena que significa “[...] Magia; feitiço; catimbó; caiporismo”,⁸³⁴ numa clara referência às narrativas sobre o fanatismo imposto aos sertanejos pelo sacerdote, a ave de rapina, com suas garras grandes aproxima-se do cadáver de uma vaca morta onde se lê, “Ceará”.

Sentado um pouco mais à frente, o personagem Zé Povo, com a mão no queixo, exclama:

Pobre terra de Iracema dos verdes mares bravios, onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba!
De gorda vaca que era, até o esqueleto lhe querem levar!...
Mas, também, quem pode resistir a tantas *Urucubacas*? Ontem a dos Acciolys; hoje, outra, ainda pior! [...] ⁸³⁵

Vale lembrar que tanto o urubu como o cadáver da vaca morta, são imagens bastante utilizadas para simbolizar a seca no Nordeste.

A representação do padre Cícero como ave de rapina surge noutra publicação da revista com autoria do cartunista Aryosto, na qual faz a interpretação de uma crônica publicada por João do Norte, pseudônimo do jornalista Gustavo Barroso, sobre os acontecimentos do Ceará:

⁸³³ Cf.: http://www.avesderapinabrasil.com/coragyptus_atratus.htm

⁸³⁴ Cf.: <https://www.dicionarioinformal.com.br/urucubaca/>

⁸³⁵ O Malho – RJ, Nº 635, 14/11/1914, p. 39.

Charge 27 - "a 'jettatura' cearense" -



FONTE: Revista O Malho/RJ – RJ/BNHD

Intitulada “A jettatura cearense”, que significa o mesmo que urucubaca, a charge mostra o Ceará representado na figura de um indivíduo que, caído ao chão, é devorado por corvos simbolizando a seca, quebradeira, peste, fome, crise da borracha, cangaceiros e os políticos que vão se aproximando representando Nogueira Accioly, Floro Bartholomeu e o padre Cícero. O governador Liberato Barroso, de braços cruzados, queixa-se dos abutres que sugam o Ceará:

Não bastava os corvos da politicagem adejando continuamente o pobre caboclo e metendo-lhe o bico e as garras... Veio também a crise da borracha no Amazonas, de onde nos vinham alguns recursos, e veio agora a seca e a peste, outros abutres para a carniça!... Que fazer?

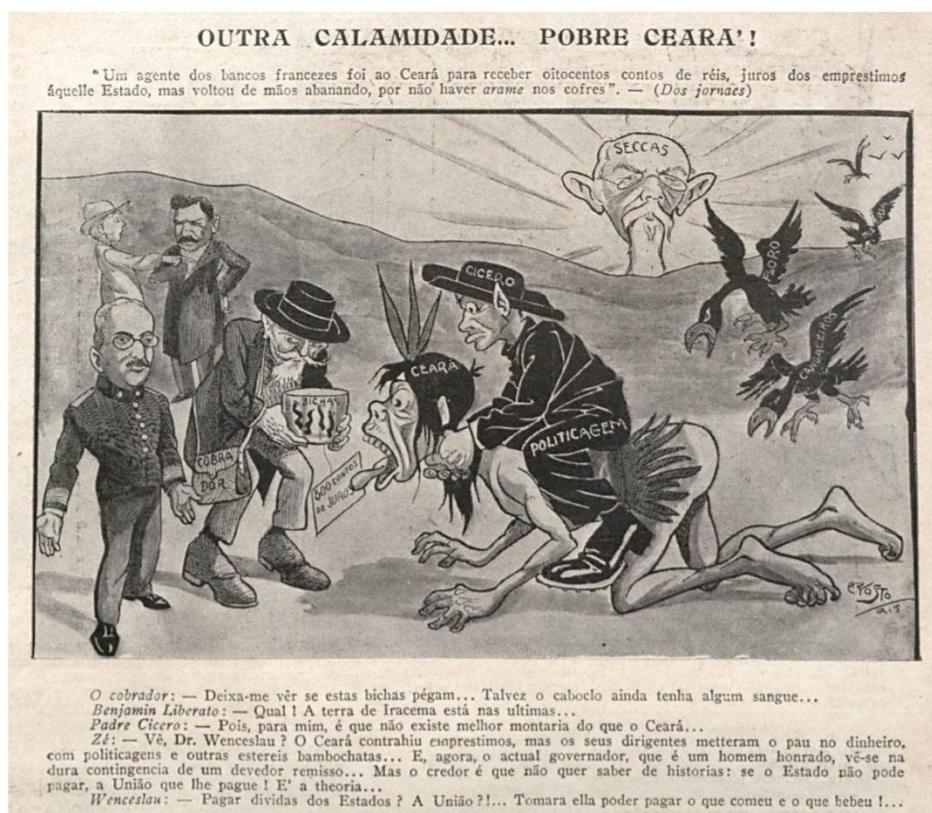
Imediatamente, é advertido pelo personagem Zé Povo:

Cruzar os braços.... Nunca, Sr. Coronel! É preciso agir de qualquer forma contra a bicharia pavorosa! Nada de desânimos! A campanha é grave e dolorosa, mas vencida, talvez se possa apagar de uma vez para sempre, os vestígios da formidável *jetatura* do Acciolysmo e seu rancho de Cíceros e Floros!...

Mesmo não tendo a centralidade da charge anterior, a figura do sacerdote é novamente apresentada como um abutre, apenas interessado em rapinar os parcos recursos do estado.

A representação do padre Cícero como explorador e politiqueiro unicamente interessado em aproveitar-se das riquezas cearenses, é também retratada na charge do mesmo artista, denominada “Outra calamidade do Ceará”. O autor interpreta as notícias veiculadas nos jornais sobre a visita de agentes de bancos franceses para cobrar os juros de empréstimos contraídos em anos anteriores.

Charge 28 - “outra calamidade... pobre Ceará”



FONTE: Revista O Malho/RJ – RJ/BNHD

Na cena caricata, o padre Cícero, trazendo o nome de “politicagem” na batina, aparece usando o Ceará, novamente representado na figura de um indígena, como montaria, o qual vai apertando-lhe a garganta e fazendo-o lambe os 800 contos de juros cobrados. Do outro lado, o governador Liberato Barroso abre os braços, expressando que “[...] A terra de Iracema esta nas últimas, [...] o sacerdote exclama: [...] Pois, pra mim, não existe melhor montaria que o Ceará”.

Na composição da cena, o ex-governador e oligarca do Ceará, Nogueira Accioly, representa o sol que simboliza a seca. Floro, cangaceiros e a miséria são os urubus ávidos pela carniça. Estão presentes, ainda, o Presidente Wenceslau Braz e o personagem Zé Povo um pouco mais distante:

Vê, Dr. Wenceslau? O Ceará contraiu empréstimos, mas os seus dirigentes meteram o pau no dinheiro, com politicagem e estereis bambochatas.. E, agora, o atual governador, que é homem honrado, vê-se na dura contingencia de um devedor remisso... Mas o credor não quer saber de histórias: se o Estado não pode pagar, a União lhe pague” É a teorhia...

Indiferente à situação do Ceará, responde o presidente: “[...] Pagar dividas dos Estados?!... Tomara ele poder pagar o que comeu e o que bebeu”!

Nas representações políticas sobre o sacerdote, além daquelas em que o apresentam como político interesseiro e explorador do Ceará existem outras que discutem suas alianças, conchavos e atuação política para eleger os candidatos que apoiava, seja a cargos legislativos ou executivos.

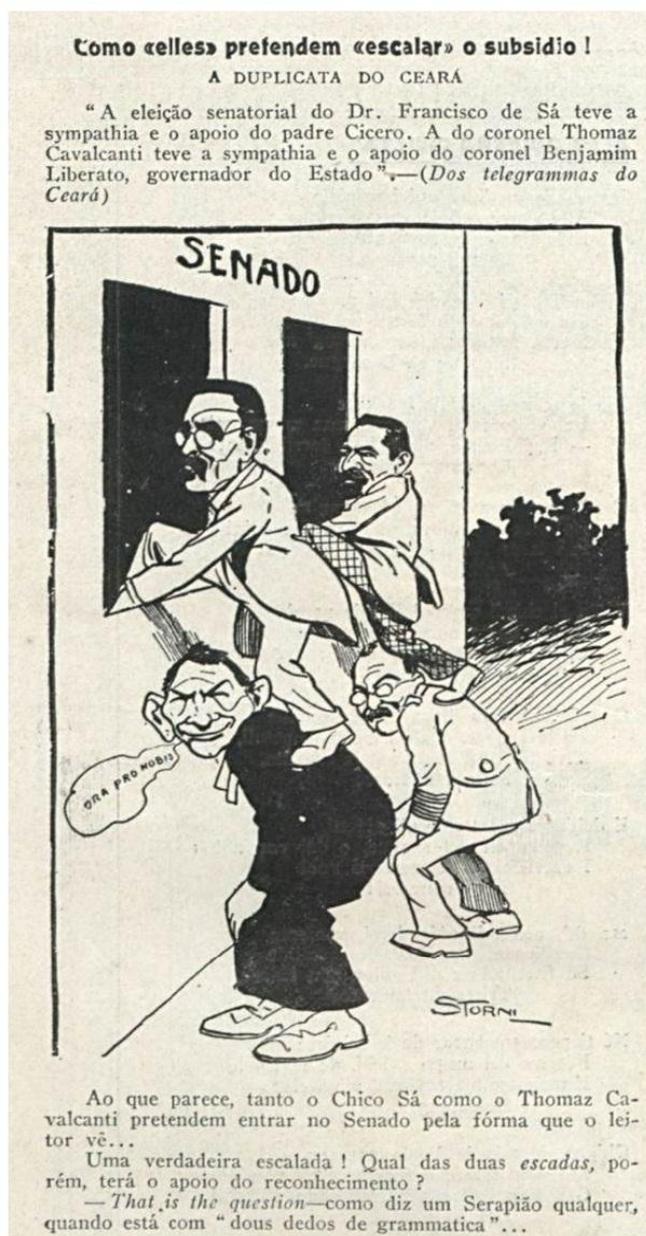
Dessa forma, nas eleições para preenchimento da vaga de senador pelo Ceará em janeiro de 1915, dois candidatos do partido situacionista, Francisco Sá e Thomaz Cavalcanti, se proclamam vencedores levando a questão para ser decidida na comissão de reconhecimento do Senado.

O primeiro deles recebe apoio do padre Cícero, enquanto o segundo é respaldado pelo governador do Ceará, Liberato Barroso. Passada a eleição, o resultado favorável a Thomaz Cavalcanti⁸³⁶ é contestado pelo seu opositor sob a acusação de ter havido fraude com a duplicação de mesas eleitorais apuradoras e falsificação das atas.

⁸³⁶ Gazeta de notícias – RJ, N° 147, 27/05/1915, p. 06.

Tomando a polêmica disputa por quem tinha mais força política para confirmar a eleição de seus candidatos como mote inspirador, o caricaturista Storni publica a charge: “Como ‘eles’ pretendem ‘escalar’ o subsídio! A duplicata do Ceará”:

Charge 29 - “COMO ‘ELES’ PRETENDEM ESCALAR O SUBSÍDIO”!



FONTE: Revista O Malho/RJ – RJ/BNHD

Na gravura, ambos os candidatos a senador tentam entrar no Senado pela janela usando como escada seus dois apoiadores. De um lado, o padre Cícero, com um sorriso

debochado verbaliza um termo em latim - Ora pro Nobis - auxiliando Francisco Sá, do outro, Thomaz Cavalcanti apoia-se nos ombros do governador do Ceará, coronel Benjamim Liberato Barroso. Polemizando, o autor indaga: “[...] Qual das duas *escadas*, porém, terá o apoio do reconhecimento”?

Mais uma vez, o padre Cícero demonstra força e prestígio político ao se consagrar vitorioso: “[...] A Comissão verificadora de poderes do Senado votou pelo reconhecimento do Sr. Francisco Sá como senador pelo Ceará”.⁸³⁷

Noutra ocasião de natureza política, durante as discussões sobre a sucessão do coronel Liberato Barroso no Governo do Estado, novamente a atuação e posicionamento políticos do padre Cícero são tema de uma charge. Intitulada “No acampamento do Ceará: a disciplina da miséria”, a ilustração burlesca interpreta as notícias acerca das negociações e alianças em torno da candidatura para o governo do Ceará na legislatura de 1916-1920:

⁸³⁷ A Noite – RJ, Nº 1233, 31/05/1915, p. 03; O Paiz – Nº 11195 – 02 de junho de 1915 p. 06.

Charge 30 - "NO ACAMPAMENTO DO CEARÁ: A disciplina da miséria"!

NO ACAMPAMENTO DO CEARÁ: a disciplina da miséria

"Grande mixórdia na política cearense a proposito da successão presidencial. Depois de tentativas para a candidatura do deputado Alvaro Fernandes, parente do actual governador, houve o telegramma energico do deputado Moreira da Rocha, depois do qual sobreveio a possibilidade das candidaturas Thomaz Cavalcante ou Lino da Justa".—(Das nossas notas)



Coronel Liberato : — Está quasi prompta a boia ! Espero que lhes agrade ao paladar...
 Alvaro Fernandes : — A mim, com certeza ! Que bom cheirume !...
 Lino da Justa : — Cheirava-te...
 Gustavo Barroso e Saboia : — Se a boia é boa, melhor para nós...
 General Thomas Cavalcante (à parte) : — Opinião de recrutas é sempre assim : disciplinada e ingenua...
 Cabo Moreira da Rocha : — Protesto ! Revolto-me contra o cozinheiro do batalhão, se a boia não contentar tou.
le monde et son père !...
 Padre Cícero : — Coisas de cabo de esquadra... Pae é padre e o padre sou eu... Portanto, sem o meu tempero não ha boia que resista... Não é verdade ?...
 O Ceará : — P-a-pa-Santa Justa ! Vossa reverendissima é quem manda ! Vossa reverendissima é que tem de abençoar ou amaldiçoar o guizado ou desaguizado, para que eu possa ter a sua opinião...

FONTE: Revista O Malho/RJ – RJ/BNHD

No episódio retratado, políticos cearenses cujos nomes eram cogitados para concorrer ao pleito se reúnem em torno do caldeirão em que o atual governador, coronel Liberato Barroso, prepara a “boia da sucessão”. Deduz-se que os referidos políticos não se entendem sobre qual é o melhor candidato. O padre Cícero, conversando com um cearense e mantendo-se mais afastado do grupo, declara: - “Coisas de cabo de esquadra... Pai é padre e o padre sou eu... Portanto, sem o meu *tempero* não há boia que resista...”.

Seu interlocutor, um caboclo representando o Ceará, concorda com a assertiva: - “Vossa reverendíssima é quem manda! Vossa reverendíssima é que tem de abençoar ou amaldiçoar o guizado ou desaguizado, para que eu possa ter a sua opinião...”.

Fica evidente a interpretação do autor em demonstrar que na política cearense quem tem a última palavra é o padre Cícero, pois ele detém, com vigor e firmeza, o controle da camada mais popular do estado.

Ainda sobre a sucessão presidencial no Ceará, porém, com enfoque num dos problemas espinhosos do estado naquele ano - a seca de novembro de 1915 -, a revista *O Malho* circula com a charge “No Ceará: uma seca pior se levanta...”.

Charge 31 - “NO CEARÁ: Uma seca pior se levanta...”



FONTE: Revista O Malho/RJ – RJ/BNHD

Mostrando um cenário de miséria e de morte, uma caveira representando o Ceará repousa sobre diversos crânios humanos e tenta se levantar. O lugar é castigado por um imenso sol abrasador, tendo em seu centro o desenho de parte de um rosto - nariz, olhos e

sorriso escancarado -. Acima se vislumbram as caricaturas de quatro políticos cearenses e embora não sejam mencionados os nomes, é possível identifica-los: Thomaz Cavalcanti, o coronel Liberato Barroso, padre Cícero e Moreira da Rocha. Abaixo se lê, “Politicagem”. Na legenda, Zé Povo, referindo-se ao calor produzido pelos “[...] quatro *luzeiros* cardeais”, se expressa:

E agora, então, que todos estão fervendo por causa da sucessão, fica tudo esturricado com este sol de rachar!
Se d’esta vez o Ceará não levar a breca, não será por que os seus políticos não auxiliaram a natureza madrasta!...

3.2.5.7 A ORAÇÃO DO PADRE CÍCERO: guerra, seca, morte, fome, peste... Minha culpa, minha máxima culpa!

Conforme discutido ao longo do capítulo, a imprensa se esmerou com muita eficácia em atribuir ao padre Cícero a culpa, o comando e a liderança da guerra civil sucedida no Ceará entre dezembro de 1913 e março de 1914, cujas motivações intrínsecas se moviam na luta pelo poder e pela hegemonia política do estado. Semelhante a toda e qualquer guerra, os combates nas cidades cearenses tiveram como consequências a morte de centenas de sertanejos, o saque, depredações e violência de forma geral.

Corroborando a narrativa que atribui toda responsabilidade ao padre Cícero, é publicado em março de 1915 na capa do jornal carioca *O Imparcial*, a charge assinada por Max Yantok intitulada “A oração do padre Cícero”:

Charge 32 - "ORAÇÃO DO PADRE CÍCERO"

ANNO IV SEXTA-FEIRA, 26 DE MARÇO DE 1915 NUM. 814

O IMPARCIAL
Biblioteca Nacional Avenida Rio Branco

Diário Ilustrado do Rio de Janeiro

ASSIGNATURAS:
 Edição diária para todo o país 35000
 Para o exterior 15000
 Número avulso 500
 Número atrasado 500

TELEPHONES NACIONAL e da COMPANHIA
 N.ºs: 455-454
 Endereço: Telef. IMPARCIAL—RIO
 REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO
 Rua da Quitanda, 29

PROPRIEDADE DA COMPANHIA BRASILEIRA DE PUBLICIDADE (São Paulo)

ORAÇÃO DO PADRE CÍCERO



«Senhor: — Conflagrei o Ceará numa sangüinolenta guerra civil, principal origem da fome actual. Já temos a secca, em breve virá a peste!
 «Poenitet me peccati! Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa!»

FONTE: Jornal O Imparcial/RJ – RJ/BNHD

Na imagem, o sacerdote encontra-se de pé sobre uma pedra como quem está pregando, orando. À sua volta se sobressai um cenário desértico, árido, uma árvore seca e uma plantação rasteira, esqueletos de animais mortos vitimados pela fome, homens e mulheres tristes e desesperados.

À sua direita se vê um grupo de retirantes cabisbaixo, suplicando aos céus. À esquerda, índias apresentam semblantes tristes, outros reflexivos. À sua frente, um homem caído ao chão com uma mão na garganta e um copo na outra, sugere ter cometido suicídio. Na inscrição, a oração do padre Cícero:

Senhor: - Conflagrei o Ceará numa sanguinolenta guerra civil, principal origem da fome atual. Já temos a seca, em breve virá a peste!

Segundo a gravura, o sacerdote reconhece, portanto, sua parcela de responsabilidade na guerra civil que resultou na morte de centenas de sertanejos e miséria decorrente dela, levando o povo cearense, que já sofre com a seca e a peste, a um estado de penúria, miséria e pobreza inconcebíveis. Fazendo ao povo um pedido de perdão, declara: “[...] Penitet me peccati! Mea culpa, mea máxima culpa”!

Constituindo-se um gênero bastante popular difundido na imprensa no começo do século XX, a charge, pela sua capacidade de satirizar a sociedade e determinados personagens num contexto histórico é, certamente, um importante meio de comunicação na construção de representações e sentidos, posto tratar-se de uma linguagem bem humorada, lúdica e artística que atinge o leitor de forma mais direta.

Dessa maneira, foi o padre Cícero durante e após a guerra civil do Ceará, o personagem mais presente direta e indiretamente representado nas charges relacionadas ao conflito e à política estadual da época, sempre colocado numa perspectiva pejorativa, acusatória e debochada, contribuindo de forma indelével para a construção e consolidação de representações e sentidos sobre o sacerdote como cangaceiro, espertalhão, violento, explorador, politiquero, entre outros adjetivos.

3.2.6 UMA FOTOGRAFIA PARA ILUSTRAR: Os usos das fotografias e retratos do padre Cícero pela imprensa política

A guerra civil no Ceará rendeu ao padre Cícero não apenas epítetos e adjetivos nada elogiosos. Sua imagem, quase sempre, era publicizada através de charges e fotografias, comumente acompanhadas de manchetes alarmantes e aterradoras que circulavam no país por meio de páginas jornalísticas e revistas, fomentando representações e sentidos sobre o sacerdote e consolidando a figura de um padre que, se valendo do fanatismo religioso e primitivo de sua gente e da politicagem exploradora e oportunista, fez fortuna, fama e prestígio.

A crise política cearense tem início com a discussão acerca da sucessão presidencial do estado em dezembro de 1911 com bastante repercussão na imprensa, sobretudo, carioca. Revistas como *O Malho*, *Fon-Fon* e *Careta* publicam fotografias de acontecimentos políticos, tais como: o embarque de Nogueira Accioly quando de sua deposição no começo de 1912⁸³⁸ e seu desembarque no Rio de Janeiro;⁸³⁹ revolta popular realizada em Fortaleza em protesto à candidatura do PRC-C;⁸⁴⁰ passeatas da Liga Feminista em apoio à candidatura de Franco Rabello a presidente do Ceará.⁸⁴¹

Em 1914, após o término da guerra civil, a revista *Careta* publica fotos da manifestação popular no embarque de Franco Rabello após sua deposição e registros dos “jagunços” em Messejana.⁸⁴²

Entretanto, nenhuma fotografia é publicada sobre os combates propriamente ditos. Ilustram as notícias acerca do movimento armado, retratos dos principais personagens do conflito: Franco Rabello, Floro Bartholomeu, Thomaz Cavalcanti, cap. J. da Penha e, principalmente, padre Cícero.

A respeito deste último, considerado pela imprensa o principal personagem dos acontecimentos, sua imagem é publicada e constantemente acompanhada de manchetes e notícias que anunciam os sangrentos confrontos, os acordos políticos feitos, os boatos e outras informações.

⁸³⁸ Revista Fon-Fon – RJ, Nº52, 30/12/1911, p. 58.

⁸³⁹ O Malho – RJ, Nº 491, 10/02/1912, p. 11.

⁸⁴⁰ O Malho – RJ, Nº 496, 16/03/1912, p. 47.

⁸⁴¹ Revista Fon-Fon – RJ, Nº 04, 27/01/1912, p. 44; O Malho – RJ, Nº 491, 10/02/1912, p. 13.

⁸⁴² Careta – RJ, Nº 333, 07/11/1914, p. 20, 21 e 22.

Conforme já comentado no segundo capítulo, desde a década de 90 do século XIX o retrato do padre Cícero é vendido em lojas comerciais no Ceará e noutras províncias do sertão. Porém, somente no começo da segunda década do século XX é que as fotografias do sacerdote começam a circular na imprensa, sobretudo, a partir de dezembro de 1913 quando tem início a guerra civil no sul cearense.

Ao circular na imprensa, a fotografia, que até então se apresentava como uma relíquia, uma espécie de *souvenirs*, muda seu circuito social na medida em que é inserida no espaço público visual da imprensa litorânea, passando a representar uma imagem política sobre a qual se estabelecem diversas e disputadas narrativas marcadas pela tensão entre sertão/barbárie e litoral/civilização.

Nesse período, uma variedade de imagens do sacerdote tanto caricaturadas, quanto de meio busto ou de corpo inteiro, circula em periódicos do Brasil ilustrando manchetes e notícias da luta armada no Ceará. Torna-se necessário, portanto, para compreender a construção de sentidos e de representações sobre o padre Cícero na imprensa, analisar tais fotografias buscando compreender como eram apresentadas nas matérias, as manchetes que as anunciavam, as legendas que as descreviam, enfim, as intenções e pretensões que perpassavam as várias publicações.⁸⁴³

Especificamente sobre o gosto do padre Cícero de se deixar fotografar, o primeiro e mais interessante estudo nesse tocante foi realizado pelo professor Régis Lopes, no catálogo da exposição **Imagens do Padre Cícero: Sagrado e Profano**, no intervalo de 27/10/1999-28/02/2000, promovida pelo Museu do Ceará.⁸⁴⁴ Em sua análise, ressalta “[...] além de fazer poses em companhia de políticos, intelectuais, amigos e familiares de Juazeiro, padre Cícero também gostava de ser o único personagem do ato fotográfico.”⁸⁴⁵

⁸⁴³ Sobre a interface da fotografia com a História como campo de estudo, destaca-se: BENJAMIM, Walter. *Pequena história da fotografia: obras escolhidas, magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985. Esse trabalho é considerado um marco importante e de lá para cá muitos outros foram produzidos. No Brasil, especificamente, é um campo bastante pesquisado tanto na História, quanto nas áreas de comunicação, ciências sociais, etc. e o uso da fotografia na imprensa, buscando discutir desde sua implementação até a tentativa de estabelecer qual é a função que cumpre a imagem no texto jornalístico. Para saber mais, cf.: BUITONI, Dulcília Schroeder. *Fotografia e jornalismo: da prata ao pixel – discussões sobre o real*. LÍBERO, Ano X, nº 20 - dez 2007. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxd9awaf>; MAUAD, Ana Maria. *Sobre as imagens na história: um balanço de conceitos e perspectivas*. Revista Maracanan, v. 12, n. 14, p. 33-48, jan.-jun. 2016; MENESES, U.T. B. de. *Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares*. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 3, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.

⁸⁴⁴ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Imagens do Padre Cícero: Sagrado e Profano*. Fortaleza: Museu do Ceará, 1999.

⁸⁴⁵ *Ibid.*, p. 30.

A primeira foto do sacerdote publicada na imprensa, que se tem conhecimento, foi publicada na capa da primeira edição do periódico local *O Rebate*,⁸⁴⁶ em 18 de julho de 1909, conforme figura abaixo:

Figura 25 - Capa do jornal *O Rebate* com o retrato do padre Cícero – 1909.



FONTE: Jornal *O Rebate* - CE/BNHD

Levando-se em consideração que, conforme Mauad, [...] a fotografia foi adotada nos jornais diários em 1904,⁸⁴⁷ a publicação desta foto num jornal editado no sertão do Ceará e de

⁸⁴⁶ Primeiro jornal publicado no Juazeiro destinado a promover a campanha pela emancipação política. Sobre o periódico, ver: QUEIROZ, Cícero Dantas de. *Correio do Cariry x O Rebate: o conflito jornalístico pela independência de Juazeiro*. (Dissertação de Mestrado), Programa de pós-graduação em Comunicação. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/y24vzmeu>; OLIVEIRA, Naiara Carneiro de & SANDES, José Anderson Freire. *O Rebate: um relato sobre o primeiro jornal impresso de Juazeiro do Norte*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – João Pessoa - PB – 15 a 17/05/2014. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5yh7f7cx>.

circulação regional pode ser considerada um feito na historiografia sobre a imprensa no Cariri.

Trata-se de um retrato meio-perfil, com semblante sério e aparência jovial, possivelmente um recorte da fotografia que será publicada no jornal *O Paiz*, em 1911 já anteriormente citada. Embora o jornal traga o retrato do sacerdote na primeira página, nenhuma alusão a ele é feita. Na segunda página, porém, é publicada a seguinte referência:

Honra lhe sejam...

Publicamos hoje o primeiro número de nossa folha, não podemos deixar de estampamos, na primeira página de honra, o retrato do venerável e benemérito Padre Cícero Romão Baptista, a quem O “REBATE” muito ou tudo lhe deve. Honra, pois, lhe seja...⁸⁴⁸

É importante salientar que *O Rebate*, de circulação apenas regional, foi fundado com o objetivo principal de difundir as ideias e lutas pela emancipação do Juazeiro, que, naquele momento era apenas um povoado do município do Crato. Sendo o padre Cícero uma figura de influência e prestígio a nível regional e estadual, sua imagem centrada na primeira edição do jornal denota poder e força, talvez uma garantia de que estava ao lado dos emancipacionistas, embora fosse cratense.

Somente em 1911, durante a polêmica em torno do asilo do bacharel Santa Cruz em Juazeiro e a intermediação do padre Cícero perante o governo da Paraíba no sentido de indenizá-lo, outra fotografia do sacerdote é divulgada no jornal *O Paiz*, conforme discutido anteriormente.

Em outubro de 1913, quando os rumores acerca de uma possível sublevação no Ceará circulam na imprensa, o *Jornal Pequeno*, de Recife, publica uma interessante matéria sobre o sacerdote intitulada “O Padre Cícero Romão Baptista: o grande catequizador e apóstolo dos sertões”.⁸⁴⁹ A matéria tem grande destaque, ocupando um significativo espaço logo na primeira página:

⁸⁴⁷ Mauad, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil Contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria. B. P. das; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. Bessone da C. (org.). História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A / FAPERJ, 2006, p. 366.

⁸⁴⁸ O Rebate – Juazeiro – CE, Nº 01, 18/07/1909, p. 02.

⁸⁴⁹ Jornal Pequeno – PE, Nº 242, 21/10/1913, p. 01.

Trata-se, segundo anuncia o jornal, de uma entrevista feita por um funcionário federal, José de Barros Cavalcanti, que esteve em Juazeiro conversando “demoradamente” com o sacerdote sobre a vida política.

No início da matéria é informado como a foto chegou à redação: “[...] O simpático moço deu-nos a fotografia do “apostolo” cearense, que publicamos acompanhado gentilmente das impressões seguintes”.⁸⁵⁰ A imagem, provavelmente, foi ofertada pelo próprio sacerdote ao seu entrevistador, pois, além de ser uma prática recorrente percebe-se o trecho de uma dedicatória na margem inferior da fotografia.

Essa é a primeira das várias publicações da mesma foto na imprensa durante a guerra civil. Sobre ela convém analisar, além dos aspectos representativos, a pose, a imagem em si, a construção da foto propriamente dita e os processos acerca de sua produção como data, local, fotógrafo, etc.

Infelizmente, as publicações feitas não trazem tais informações. Ao fazer uma busca na internet sobre as fotografias do sacerdote, foi possível identificar a foto original no site <http://www.dominiopublico.gov.br/download/imagem/jn005028.jpg>.

Na sequência, é apresentada lado a lado a fotografia publicada em 1913/14 e a disponível na internet com a intenção de compará-las na tentativa de identificar traços que possam indicar semelhanças e diferenças entre ambas.

⁸⁵⁰ Jornal Pequeno – PE, Nº 242, 21/10/1913, p. 1.

Fotografia 5: Comparação entre o retrato do padre Cícero publicado na imprensa em 1914 e o disponível na internet

Foto publicada em 21/10/1913



Foto de dominio publico disponível na internet



FONTE: Foto à direita - Jornal Pequeno-PE/BNHD; Foto à esquerda – domínio público. Montagem realiza pela autora.

Embora a primeira seja de qualidade inferior no que tange à segunda, ao fazer uma análise comparativa verifica-se que vários elementos permitem afirmar que se trata da mesma foto: o cenário, a pose, os traços fisionômicos, a expressão facial, o ângulo.

Observando o cenário percebe-se, na primeira imagem, que o sacerdote aparece de corpo inteiro e que por trás dele há uma espécie de pano de fundo deixando despontar, porém, um pouco da parede. Na segunda foto, com qualidade e nitidez que sinalizam ter sido editada em estúdio, o sacerdote já não está de corpo inteiro, sendo apresentado acima dos joelhos. Omitidos os detalhes da parede, apenas surge o painel logo atrás do padre Cícero. Nela está impressa a logomarca do renomado fotógrafo pernambucano Louis Piereck⁸⁵¹ com o endereço do seu estúdio fotográfico. Há também uma marca d'água informando que a fotografia integra a coleção de Francisco Rodrigues.⁸⁵²

A foto em questão é uma espécie de "encarte-de-visite" em que o cliente, retratado de corpo inteiro é cercado por “[...] artifícios teatrais que definem seu status, longe do indivíduo e perto da máscara social, numa paródia de auto representação em que se fundem o realismo essencial da fotografia e a idealização intelectual do modelo”.⁸⁵³

No registro o padre Cícero assume uma postura ereta, com a mão esquerda no peito e a direita declinada, semblante sério, porém suave, olhar não direcionado para a câmera, cabelos bem cortados e vestes sacerdotais usadas geralmente em momentos especiais ou em viagens. Vislumbra-se, com base nessas observações, o intuito de tentar apresentar o sacerdote como um homem elegante, compenetrado, distante do religioso sertanejo inculto e ignorante.

Chama-se atenção ainda para os aspectos presentes na fotografia descritos por Fabris ao ressaltar que os ateliês no final do século XIX “[...] passam a adotar aparatos teatrais: telões pintados com decorações exóticas e barroquizantes, mesas, cadeiras, poltronas, tripés, tapetes, flores, planejamento, para criar imagens de opulência e de dignidade”.⁸⁵⁴

Nesse tocante, tanto na fotografia publicada no jornal *O Paiz* em 1911, quanto nesta última, o padre Cícero busca através das lentes do fotógrafo uma autorrepresentação que lhe permita apresentar-se com uma imagem criadora de um molde que replica e canoniza sua imagem pelos tributos de dignidade e altivez.

⁸⁵¹ O referido fotógrafo nasceu em São Paulo em 1878 e faleceu em Recife no ano de 1931. Ainda no século XIX se estabelece em Recife passando a exercer a profissão de fotógrafo. Em 1903 inaugura o estúdio *Fotografia Piereck* situado à Rua Rosa e Silva, 54. (Diário de Pernambuco – PE, Nº 101, 05/051904, p. 03).

⁸⁵² A coleção Francisco Alves pertence à Fundação Joaquim Nabuco, órgão do Ministério da Educação sediado em Recife. O acervo é fruto do esforço do cirurgião-dentista Francisco Rodrigues (1904-1977) que deu sequência ao trabalho do próprio pai, Augusto Rodrigues, que se dedicara a formar uma galeria de notáveis figuras do século 19. No seu ímpeto, Francisco Rodrigues conseguiu superar o seu antecessor, pois ampliou imensamente o que foi iniciado pelo genitor revelando-se um colecionador dotado de aguda visão sociológica, conferindo à coleção o perfil histórico e social como ela hoje é conhecida: um símbolo da diversidade social brasileira. Sobre o tema ver: Mauad, Ana Maria. Quadros de uma exposição : um retrato do Brasil oitocentista na Coleção Francisco Rodrigues (1840-1920). Disponível em: <https://tinyurl.com/y3t94oma>

⁸⁵³ FABRIS, Annateresa. *Fotografia usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1991, p. 21.

⁸⁵⁴ Id. Ibid.

O sacerdote aparenta ser bem mais jovem do que na época em que a foto foi publicada, aos 69 anos. Dessa forma, pode-se considerar duas possibilidades em relação à data e local em que a fotografia foi registrada: a primeira é que tenha sido feita em maio de 1909 quando o sacerdote, durante a viagem ao Rio de Janeiro ao passar em Recife, tenha se deixado fotografar por Louis Jacques Piereck; a segunda é que a imagem tenha sofrido alterações por meio de uma montagem no estúdio do próprio fotógrafo cujo intento foi o de melhorar a aparência e a qualidade do registro.

De todo modo, a fotografia é considerada a mais tradicional e publicada na época. Em conformidade com a catalogação feita, além do *Jornal Pequeno* mais cinco periódicos a publicaram no decorrer da guerra, sempre acompanhada de manchetes inquietantes e de uma legenda indicando o sacerdote como chefe do movimento, descrevendo-o como cangaceiro, famigerado, entre outros adjetivos. O quadro abaixo exemplifica essa questão:

Fotografia 6 Compilação de notícia sobre padre Cícero com manchetes, fotos e legendas publicadas durante a guerra civil do Ceará - 1913/14



FONTE: BNHD - Montagem realizada pela autora.

As fotos publicadas em mais ou menos três estados diferentes apresentam diferentes nuances: algumas são desenhos da foto original, outras conservam a originalidade e uma delas

é subtraída do contexto sem nenhum tipo de pano de fundo, apenas o sacerdote. Muitas exibem o padre Cícero de corpo inteiro, outras nem tanto.

Além das fotografias de corpo inteiro, em certas ocasiões figura apenas o rosto ou o meio-busto do clérigo, como se fosse um recorte.

Parte significativa dos jornais que circulavam no período - *O Imparcial*, *A Notícia*, *A Época*, *Gazeta de Notícias* no Rio de Janeiro, o *Jornal do Commercio* de Manaus - costumava publicar retratos dos personagens a que a notícia fazia referência, dessa maneira, ao ser deflagrada a guerra civil várias imagens do padre Cícero se repetiram nas publicações.

Nesse formato, é possível identificar três tipos de retrato do sacerdote: as de rosto mais focado, as de meio busto e a imagem na qual o padre se apresenta com a mão direita no peito.

No primeiro grupo, ao lado das publicações de telegramas e notícias a respeito da política cearense e, principalmente, sobre a guerra civil, retratos dos principais personagens são veiculados com certa frequência, entre eles, do padre Cícero, sempre mais jovem e com um semblante sério.

Fotografia 7 Retratos do padre Cícero publicadas durante a guerra civil do Ceará – 1913/14 – Tipologia I



FONTE: Jornais - BNHD - Montagem realizada pela autora.

O grupo subsequente traz fotos que mostram o padre Cícero também em meio busto, mas, diferentemente da imagem anterior e mais comum, com a mão esquerda repousada sobre o peito.

Fotografia 8 - Retratos do padre Cícero publicadas durante a guerra civil do Ceará – 1913/14 - Tipologia II



FONTE: Jornais - Montagem realizada pela autora.

No terceiro grupo - em que são publicadas imagens do sacerdote com a mão direita no peito -, constata-se que há características diferentes entre elas. A primeira é a que mais se distingue dentre todas, pois o sacerdote está sentado com a cabeça um pouco inclinada para o lado, algo que costumava fazer. É a que mais se aproxima de sua idade, na época. Na terceira e quarta fotografias a pose se repete e o padre Cícero olha fixamente para a câmera. A expressão fisionômica se mantém.

Fotografia 9 - Retratos do padre Cícero publicadas durante a guerra civil do Ceará – 1913/14 - Tipologia III



FONTE: Jornais - Montagem realizada pela autora

Nas três séries da tipologia montada observa-se a relação estreita entre a imagem fotográfica do pe. Cícero e as relíquias dos santos, como medalhas (o marco oval e redondo), posição das mãos (que destaca os atributos de cada santo) e a direção do olhar (o poder de testemunho). Os retratos do sacerdote produzem uma imagem pública que se insere na tradição visual da iconografia católica da vida dos santos.

Após a guerra civil, a imprensa prioriza a publicação de notícias sobre as consequências políticas do conflito. Nesse período, três fotografias do padre Cícero contemporâneas do movimento são divulgadas.

A primeira delas é veiculada em 03 de março de 1914, na primeira página do jornal *Gazeta de Notícias*, ilustrando uma matéria intitulada “Os acontecimentos do Ceará repercutem no Rio”.⁸⁵⁵ A repercussão da atitude do governo federal em decidir fazer a intervenção no Ceará nomeando como interventor o coronel Setembrino de Carvalho, é discutida ao longo da reportagem. Para tanto, o governo convocou a Assembleia do Clube Militar na capital federal para tratar o caso com mais acuidade. Outras duas fotografias são publicadas: uma do coronel Setembrino de Carvalho embarcando para Fortaleza a fim de cumprir a missão que lhe fora designada e uma do padre Cícero ao lado de Floro Bartholomeu.

⁸⁵⁵ *Gazeta de Notícias* – RJ, Nº 61, 03/03/1914, p. 01-02.

Fotografia 10 - Padre Cícero e Floro Bartholomeu publicada no final da guerra civil do Ceará – 1914.



FONTE: Jornal Gazeta de Notícias-RJ/BNHD

Com um semblante não muito amigável dando a impressão de que não está satisfeito com a vitória das tropas juazeirenses,⁸⁵⁶ dois elementos novos e importantes na imagem do padre Cícero afloram na fotografia: o cajado que o acompanha em determinados momentos, podendo ser considerado um elemento simbólico que “[...] reforça a sua figura de santo padrinho” e o chapéu, igualmente relevante na composição visual do sacerdote.⁸⁵⁷ Junto com o cajado, o padre também segura um pequeno livro. A legenda os identifica como “Os heróis da mashorca do Ceará, padre Cícero Romão Baptista e o Dr. Floro Bartholomeu, que se diz presidente daquele Estado”.

A segunda fotografia é publicada em julho de 1914, quando a imprensa noticia que a população de Fortaleza vive momentos de tensão e medo com a presença dos soldados combatentes das tropas de Juazeiro. No jornal *A Época*, com o título “Os romeiros do padre Cícero não puderam suportar os rigores da caserna”, o periódico debocha de uma carta encontrada no lixo de um romeiro endereçada ao padre Cícero na qual faz uma interessante análise dos combates, entre outros assuntos.

A matéria veicula duas fotos: uma, relacionada a um grupo de soldados juazeirenses identificados no jornal como “[...] Romeiros no pátio da polícia cearense, antes de envergarem a farda que depois tiveram de despir em razão de não se adaptarem à vida militar”. A segunda imagem diz respeito ao padre Cícero, apresentado de pé segurando um livro na mão esquerda. Pelas características, trata-se de uma foto mais recente, informação esta indicada na legenda.

⁸⁵⁶ A má qualidade da fotografia publicada no jornal não permite visualizar os detalhes do semblante do sacerdote, daí optar-se em colocar um recorte da foto original que está disponível na internet.

⁸⁵⁷ Ramos, 1999, p. 30.

Fotografia 11 – “Uma carta interessante” - Fotografia do Padre Cícero e de um grupo de romeiros

Os romeiros do padre Cícero não puderam suportar os rigores da caserna

A situação cearense pinturescamente analisada por um jagunço

UMA CARTA INTERESSANTÍSSIMA




Um dos últimos retratos do padre Cícero Romão

Romeiros no pátio do quartel da polícia cearense, antes de envergarem a farda que depois tiveram de despir, em razão de se não adaptarem à vida militar.

FONTE: Jornal A Época – RJ/BNHD

A foto em destaque pode ser localizada no *Álbum Comemorativo aos 50 anos do Seminário São José do Crato*, estando assinada pelo sacerdote com data de 19 de março de 1913, portanto, provavelmente registrada próximo à publicação.

A terceira imagem do sacerdote que circulou na imprensa durante o pós-guerra civil é publicada na primeira página do semanário *A Rua*, em dezembro de 1914. Já no título se percebe que se trata de uma matéria acusatória, conforme se vê:

Fotografia 12 - Capa com a fotografia do Padre Cícero e manchete acusando de criminoso.



FONTE: Jornal A Rua – RJ/BNHD

Chama-se atenção para o ruído visual da matéria que apresenta, logo na manchete, o padre Cícero como um criminoso, porém, percebe-se elementos presentes nas demais imagens acima citados, como o formato oval, segurando uma espécie de Bíblia, olhar direcionado para a câmara.

A matéria, não assinada, começa com a mesma narrativa de Gustavo Barroso no *Jornal do Commercio* - Edição da Tarde - e anteriormente analisada, de que um grupo de vaqueiros teria encontrado no povoado de Juazeiro a imagem de Nossa Senhora das Dores e ali construído uma igreja em sua homenagem, dando início à devoção que se propagaria pelo sertão afora.

Vários sacerdotes alimentaram essa narrativa aproveitando-se do “[...] fanatismo popular da região até que veio cair às mãos do padre Cícero, que o explorou de todo em seu proveito”, afirma o periódico.⁸⁵⁸ A narrativa é permeada, diz o jornal, por histórias de exploração e de incentivo ao fanatismo por parte dos sertanejos, afirmando que “[...] o padre Cícero é tudo, médico, marinheiro, pregador, charlatão e profeta, ele é o protetor de todos os bandidos que se chegam ao seu arraial”.

Sobre a guerra civil, afirma:

Quando o acciolysmo cearense apoiado pelo caudilhismo do Sr. Pinheiro Machado pretendeu apeiar o Sr. Franco Rabello, do governo do Ceará, voltou às vistas para a malta sinistra do padre Cícero, para a sua alma infernal de facínora de batina.

Atribui, portanto, ao sacerdote, todos os males decorrentes da pobreza como a violência e o fanatismo que assolam o sertão naquele momento, adjetivando-o como ambicioso, rico e explorador da miséria sertaneja.

Conforme Lopes observa, a fotografia exerce no padre Cícero certo fascínio, tendo ao longo de sua vida e em diversas ocasiões se deixado fotografar demonstrando sua preocupação com uma [...] construção imagética.⁸⁵⁹ Nesse sentido, verifica-se nas suas fotografias uma preocupação com a preparação, a vestimenta, a pose, o cenário. Mauad observa que:

[...] o ato fotográfico pressupõe um consentimento, uma aceitação tácita do fotografado das regras do jogo da representação. Ao mesmo tempo que é

⁸⁵⁸ A Rua – RJ, 245, 02/12/1914, p. 01.

⁸⁵⁹ Ramos, 1999, op. Cit., p. 07.

visto, o fotografado também se mostra, assume uma pose resultante de uma negociação entre o querer do fotógrafo e o desejo do fotografado.⁸⁶⁰

O padre Cícero, portanto, queria ser visto de uma forma que não o relacionasse à imagem de fanático, ignorante, político. Havia a preocupação com o vestuário, o cenário, a pose, parecendo sempre estar segurando um livro, ou com a mão no peito.

As poses, cenários, olhares, objetos que compõem as fotografias do padre Cícero vão sofrendo metamorfoses, ganhando novos elementos à medida que se torna uma figura de notoriedade e influência para além das fronteiras da Região do Cariri. Um fator que evidencia essa percepção e preocupação com a imagem pública é o fato de o sacerdote dedicar sua fotografia autografada a visitantes ilustres (religiosos, políticos, jornalistas, funcionários públicos, etc.).

Ao passar a circular na imprensa, sobretudo, a partir da guerra civil no Ceará, associada a manchetes depreciativas, acusatórias, aterrorizantes, debochadas contribui na construção e consolidação da imagem e representações do padre Cícero como um coronel de batina, politiqueiro, criminoso, cangaceiro, explorador e fanatizador.

3.2.7 A MEDALHA PARA CELEBRAR A VITÓRIA: a volta da narrativa sobre as medalhas com efígie do padre Cícero.

As narrativas sobre o padre Cícero e a exploração econômica e política dos fatos extraordinários do Juazeiro são recorrentes na imprensa. A partir de 1897 se fala cada vez menos na beata Maria de Araújo e alguns temas relacionados aos referidos fatos vez por outra voltam a circular, quase sempre com uma conotação acusatória e pejorativa sobre padre Cícero.

Um desses temas diz respeito à venda e distribuição de medalhas com a efígie do padre Cícero. Conforme analisado no segundo capítulo, em 1893 no auge da polêmica em torno dos “milagres”, surgiu a denúncia na imprensa de que comerciantes de Juazeiro haviam mandado cunhar e estavam vendendo na capital e interior, medalhas com a imagem do padre

⁸⁶⁰ Mauad, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: Eduff, 2008, p. 87.

Cícero e da beata Maria de Araújo. Acusado o padre de “torpíssima exploração”, a imprensa informa que o então bispo diocesano Dom Joaquim havia publicado decreto proibindo a venda e uso de tais insígnias.

Em 1913, o jornal *A Noite* publica a seguinte matéria: CONTINUAM OS PRODOMOS DE UMA REVOLUÇÃO NO CEARÁ - As historias do padre Cícero.⁸⁶¹ Entre as fotos que ilustram a matéria, consta a de uma medalha com a legenda “O verso e reverso da medalha distintiva do padre Cícero”.

A narrativa volta a circular em 1914, agora com a acusação de que o padre Cícero havia autorizado a confecção de medalhas, na Europa, para distribuir entre políticos, chefes e combatentes que lutaram a seu favor na guerra civil do Ceará, conforme matéria divulgada em 28 de junho de 1914 no jornal carioca *O Imparcial*:

⁸⁶¹ *A Noite* – RJ, N° 754, 12/12/1913, p. 01

Figura 27 - Manchete sobre a medalha com effgie do padre Cícero e Nossa Senhora das Dores



FONTE: Jornal O Imparcial-RJ/BNHD

O jornal veicula com a seguinte informação:

O famoso caudilho do Juazeiro. Triunfante a causa por que se bateram tão vigorosamente os seus devotos do sertão, s. Revma. Imaginou, de logo, uma medalha de feição sacro-militar, com que premiasse os romeiros que trouxeram a “procissão” até às portas de Fortaleza. Quem o auxiliou artisticamente, em realizar esse projeto, ninguém sabe. O sr. Floro Bartholomeu, trouxe para cunhar em bronze, alumínio, prata e ouro, uma medalha original.⁸⁶²

⁸⁶² O Imparcial – RJ – RJ, Nº 544, 28/06/1914, p. 03.

Duas questões são importantes destacar: a substituição da foto de Maria de Araújo pela de Nossa Senhora das Dores e a atribuição ao padre Cícero da iniciativa de autorizar a fabricação das efígies, deixando para Floro Bartholomeu apenas a tarefa de executar a ordem.

No dia seguinte, em 29 de julho, novamente o jornal *O Paiz* coloca-se em defesa do padre Cícero, publicando um artigo desmentindo o jornal *O Imparcial*. Na primeira página denuncia que o periódico “[...] quis [...] engazopar aos seus leitores anunciando-lhes que o Dr. Floro Bartholomeu mandou cunhar medalhas comemorativas da revolução cearense para distribuir entre seus correligionários”.⁸⁶³ Outros esclarecimentos são prestados de acordo com o jornal:

[...] a fotografia da medalha que o *Imparcial* diz ter sido mandada cunhar para que com ela “se premiassem os romeiros que trouxeram a “procissão” até as portas de Fortaleza.” É a de uma antiga veronica, distribuída, de há muito no Ceará, entre os crentes da religião católica naquele Estado.

A repercussão em torno das medalhas comemorativas continuou alimentando o debate na imprensa. Diante de tão graves denúncias, novamente o bispo do Ceará, dom Manuel, emite um decreto proibitivo publicado em jornais de todo o Brasil. *A Época*, jornal que mais combatia e denunciava o padre Cícero, publica em sua primeira página:

⁸⁶³ *O Paiz* – RJ, Nº 10857, 29/06/1914, p. 01.

Figura 28 - Manchete do jornal A Época – RJ sobre a portaria de D. Manoel proibindo a venda das medalhas do padre Cícero



FONTE: Jornal A Época-RJ/BNHD

Ao contrário da reportagem publicada n' *O Imparcial*, *A Época* desenvolve uma narrativa menos política e mais religiosa sobre os objetivos das medalhas falando da simbologia em torno delas:

Os fervorosos adeptos do reverendo político do Juazeiro consideram essas medalhas como preciosas relíquias, capazes de imunizar dos maiores perigos

quem as trazer consigo. Daí o empenho que sempre houve, entre os jagunços, em obter as aludidas medalhas.⁸⁶⁴

Em seguida, dom Manuel publica uma portaria referente ao assunto:

PORTARIA EPISCOPAL

D. Manoel da Silva Gomes, por mercê de Deus e da S. Sé Apostólica Bispo de Fortaleza.

Tendo chegado ao meu conhecimento que se acham espalhadas por entre o povo medalhas tendo de um lado a imagem de Nossa Senhora das Dores e do outro a efigie do rev. Padre Cícero Romão Baptista e também que se expõe à venda, além de tais medalhas, retratos do mesmo sacerdote, a guiza de imagens, em pequenos oratórios ou redomas, juntamente com imagens de Nossa Senhora.

Declaramos, como Pastor e Guarda da Fé, que tais medalhas e retratos, não somente são contrários à civilização e ao senso comum, mais ainda condenados pela Igreja.

Trazendo-se, portanto, consigo e dar-lhes culto e sobretudo expo-lo à venda é pecado mortal contra a Fé e desobediência a Igreja.

Pelo que, condenamos a todos os sacerdote, tanto aos que tem cura n'almas, como aos que não tem, que leiam a presente portaria por ocasião da Missa ao domingo e eu empreguem esforços para debelar esta surperção, instruindo o povo.

Fortaleza, 12 de maio de 1914.

Manoel, Bispo Diocesano

Tal portaria circulou em jornais de quase todas as províncias, sempre acompanhando manchetes condenatórias do padre Cícero.

Chama-se atenção para o seu teor, proibindo não só a venda, mas, retratos do padre Cícero colocados em oratórios junto à imagem de Nossa Senhora das Dores, fato revelador da adoração ao sacerdote como santo ainda em vida.

⁸⁶⁴ A Época, N° 679, 04/07/1914, p. 01.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 PADRE CÍCERO: O ACONTECIMENTO JORNALISTICO DO SERTÃO

Pode-se afirmar, seguramente, que o padre Cícero é uma das maiores e mais conhecidas, polemizadas e noticiadas personalidades do sertão nordestino brasileiro.

Transformado numa espécie de celebridade, tudo que lhe diz respeito desperta a atenção da pequena e grande imprensa brasileira: a descoberta de um documento inédito, a posição da Igreja Católica no que tange à sua situação eclesiástica, as romarias que anualmente sucedem em Juazeiro do Norte, um livro novo, enfim, qualquer fato que traga em seu bojo alguma informação, algum conhecimento novo sobre e em torno do sacerdote, logo se torna objeto de acalorados e acirrados debates.⁸⁶⁵

Ao longo das reflexões aqui pautadas buscou-se analisar centenas de notícias que circularam na imprensa brasileira no final do século XIX e nas duas primeiras décadas do XX, num período compreendido entre a sua ordenação sacerdotal (1870) até um ano após a guerra civil do Ceará (1915). Nesse ínterim, duas grandes questões, a religião e a política, marcaram de forma indelével a vida do sacerdote colocando-o no cerne do debate jornalístico através da produção e conformação de teias de notícias e narrativas que, ao circularem nos periódicos de todo o território brasileiro contribuíram para a consolidação de múltiplas representações e sentidos promovendo, no transcorrer dos anos, a reatualização memorável do sacerdote num processo de ressignificação das permanências do fato jornalístico chamado “acontecimento padre Cícero”.

Esse processo pode ser demonstrado considerando dois aspectos: os números organizados em gráficos sobre o volume de ocorrências em que sua imagem, sendo narrada, ou ilustrada, figurou na imprensa ao longo desse período, assim como as narrativas sobre sua história, personalidade, atitudes. Tudo isso abriu espaço para adjetivações pejorativas e vários estereótipos, alimentando um olhar específico sobre o sacerdote, seu povo e o seu lugar a partir de fora, ou seja, fazendo circular e interpretando as informações recebidas através de

⁸⁶⁵ A mais recente polêmica foi a descoberta de sua certidão de batismo na qual consta como data de nascimento 23 de março e não 24, conforme é comemorada. Para saber mais sobre essa questão, cf.: <https://tinyurl.com/y4hn99bs>.

cartas, telegramas, artigos. Dessa forma, a imprensa estimula o leitor ao que Ribeiro e Brasiliense⁸⁶⁶ consideram vivenciar os fatos “por tabela”. As autoras defendem que:

[...] os fatos, mais especificamente aqueles que adquirem certa relevância social a ponto de se tornarem *fatos jornalísticos*, são vividos por grande parte da população “por tabela”. Raramente o leitor pode verificar *in loco* a veracidade dos acontecimentos relatados.

Nesse sentido, é possível afirmar que ao longo de sua vida e, mesmo após sua morte, as teias de notícias que circularam na imprensa proporcionaram aos leitores a constituição e conformação de um arcabouço de informações sobre o sacerdote mesmo não vivenciando o contexto e a atmosfera do lugar em que vivera, muito menos o conhecendo de perto, forjando, portanto, a formação de opiniões e interpretações tendo como base o que era veiculado nos jornais. Toda essa movimentação incessante transcendeu as representações e estereótipos postos e instaurou memórias, construindo sentidos sobre quem foi, o que fez, como agia e o que pensava o “patriarca do sertão”.⁸⁶⁷

4.2 PADRE CÍCERO NA IMPRENSA: números e dados revelados pelos gráficos

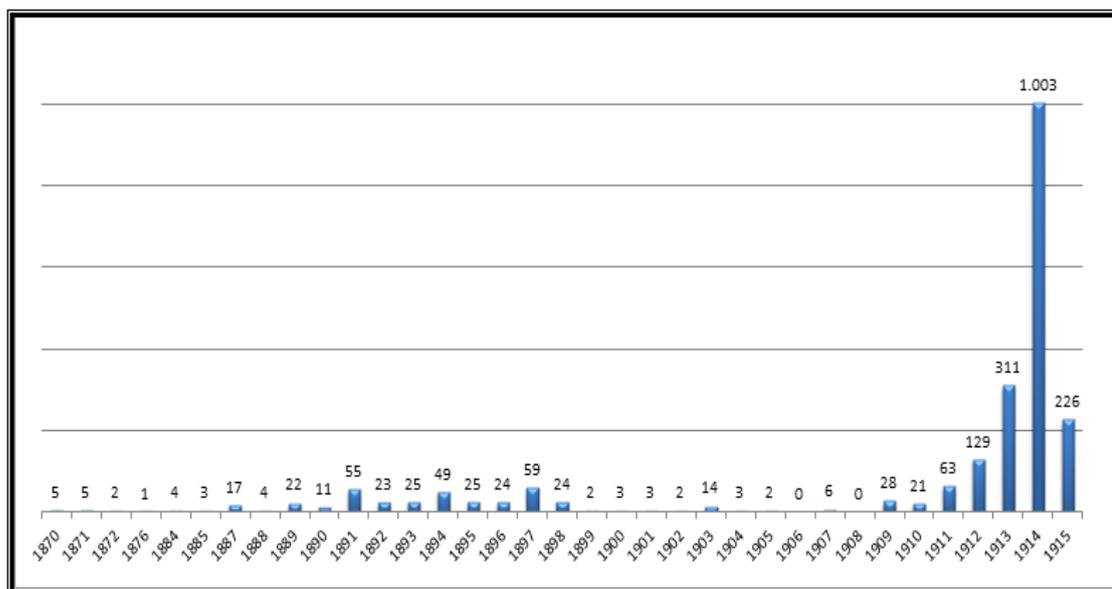
Com o objetivo de demonstrar de forma mais concreta e com o auxílio de números as teias de notícias construídas em torno do padre Cícero ao longo de cinco décadas, apresentamos uma série de gráficos elaborados a partir da pesquisa nos jornais disponibilizados no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

No primeiro gráfico pode-se verificar a quantidade de notícias publicadas a cada ano desde 1870, quando se torna padre, até 1915 quando, após a guerra civil do Ceará consolidam-se as representações sobre o sacerdote como politiquero, revolucionário, cangaceiro, bandido etc.

⁸⁶⁶ RIBEIRO, Ana Paula Goulart e BRASILIENSE, Danielle Ramos. *Memória e Narrativa jornalística*. In RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lucia Maria Alves (org.). *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 222.

⁸⁶⁷ O termo “patriarca” aparece nas narrativas jornalísticas durante o período em análise. Porém, a expressão “patriarca do sertão” foi cunhada pelo padre Azarias Sobreira em livro de título homônimo.

Gráfico 5 Volume de notícias sobre o padre Cícero na imprensa brasileira (1870-1915)



FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais disponíveis na BNHD

Durante o período em análise foi possível identificar um total de 2.174 notícias citando diretamente o padre Cícero com conteúdo que abordava desde as atividades como capelão do povoado e a ocorrência dos fatos extraordinários do Juazeiro, até sua atuação na política partidária.

Conforme se pode constatar, a presença constante do padre Cícero na imprensa ocorre de forma crescente, embora haja momentos de menores e maiores picos. Assim, desde a ordenação sacerdotal o sacerdote começa aqui e acolá, a despontar nas notícias sobre a região atuando em celebrações religiosas e educacionais.

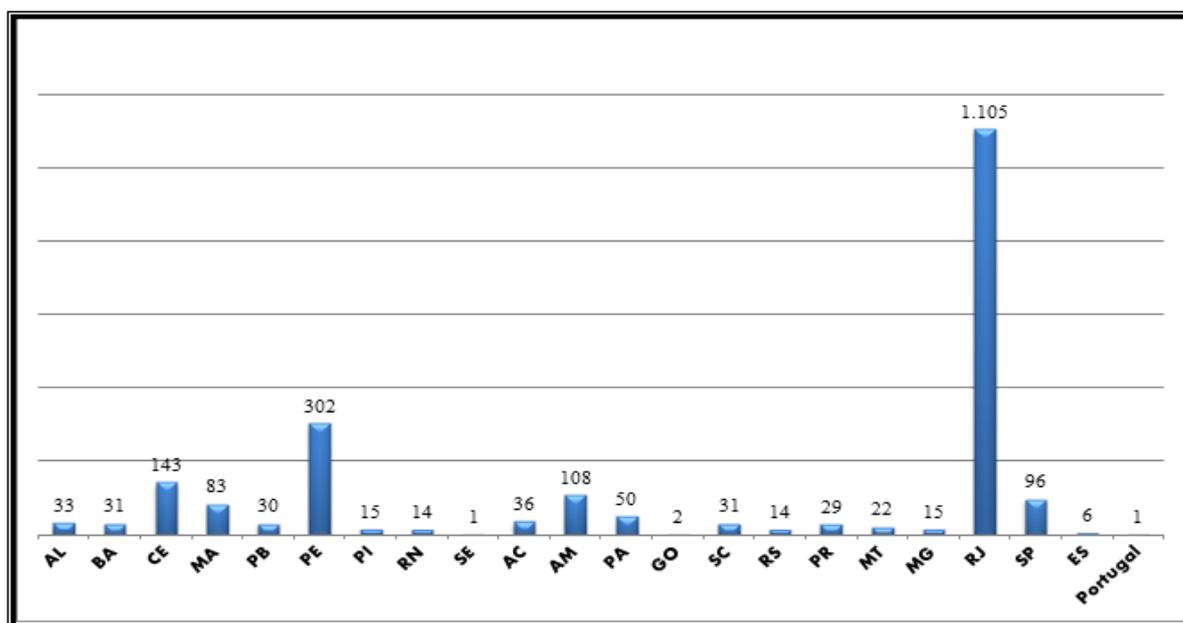
Contudo, é a partir de 1889, quando repercute na imprensa brasileira o sangramento da hóstia na boca de Maria de Araújo ocasionando em torno do fato um acirrado debate, sobretudo, a partir do momento em que a Igreja não o reconhece como “milagre” passando a condená-lo e punir aqueles que continuassem a crê-lo como tal, o nome do padre Cícero torna-se cada vez mais conhecido e falado.

Chama-se atenção para os números relativos a partir de 1910, quando o clérigo, proibido de exercer plenamente seu sacerdócio, decide militar na política partidária filiando-se a um partido político – PRC-C - e assumindo cargos como intendente de Juazeiro e 3º vice-presidente do Estado do Ceará. Desde então, o sacerdote começa a desenvolver uma projeção

muito maior e um crescimento vertiginoso em termos de notícias publicadas nos jornais de todos os matizes e lugares do Brasil.

No segundo gráfico, são apresentadas as ocorrências de notícias veiculadas em periódicos, por província:

Gráfico 6 - Quantidade de notícias sobre o padre Cícero por província (1870-1915)



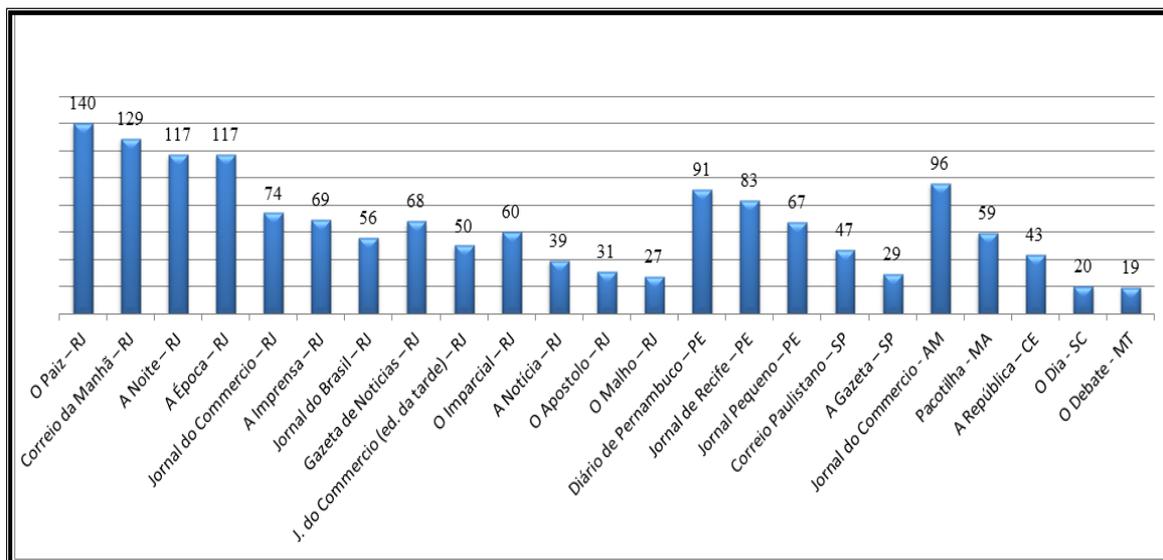
FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais disponíveis na BNHD

Observa-se que as províncias com maior número de ocorrências concentram-se em São Paulo, Ceará, Pernambuco e Rio de Janeiro, sendo esta última a que acumula 50,8% do total de notícias que circulam sobre o padre Cícero no período analisado.

Acerca dos dados compilados sublinhamos que é preciso levar em consideração o fato de ser o Rio o local onde se publica o maior número de jornais, posto ser também a capital mais importante do Brasil naquela época: sede do Império, dos poderes legislativo e executivo e capital federal após a proclamação da República, portanto, o centro das decisões políticas do país.

Os dados são ratificados com a observação atenta do terceiro gráfico, que reúne a incidência de publicações por jornal:

Gráfico 7 - Jornais que mais noticiaram o padre Cícero (1870-1915)



FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais disponíveis na BNHD

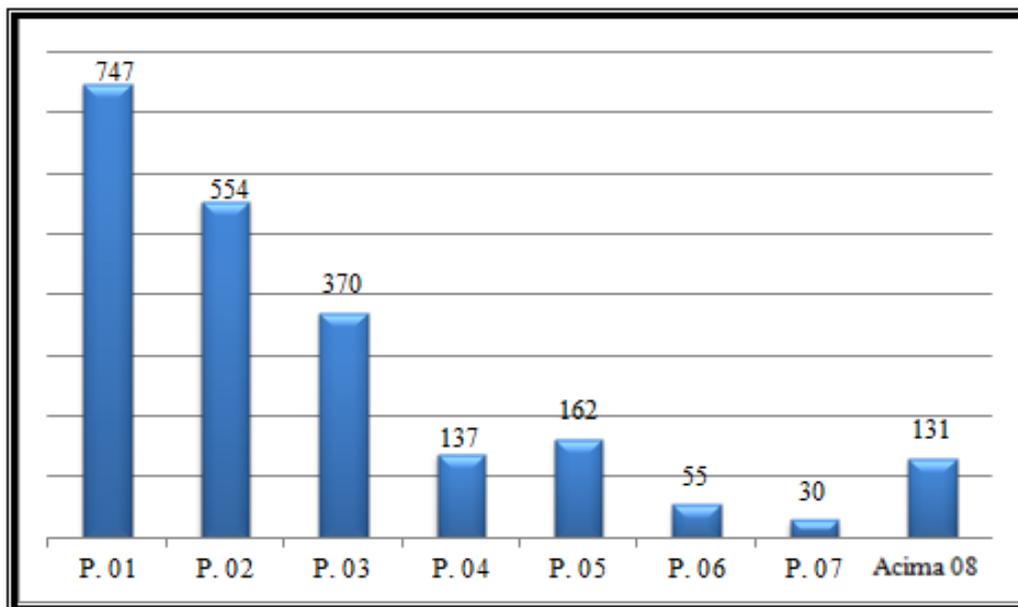
Percebe-se que os 13 jornais com o maior índice de publicações são do Rio de Janeiro, seguidos de 03 do Recife, 02 de São Paulo e 01 de Manaus, São Luiz, Fortaleza, Florianópolis e Matogrosso.

Sem dúvida, os jornais cariocas têm uma capacidade expressiva de circulação⁸⁶⁸ por já possuírem uma estrutura gráfica modernizada em relação aos das demais províncias. Dessa forma, muitas das notícias que circulavam em periódicos de outras províncias eram transcritas de jornais do Rio de Janeiro. Ressalva-se o *Jornal do Commercio*, de Manaus, que publicava nos idos de 1910 a 1915 telegramas enviados diretamente do Ceará, em sua maioria, de Fortaleza.

Outro gráfico assaz significativo nessa série apresenta os dados relativos ao número da página em que a notícia foi publicada:

⁸⁶⁸ BARBOSA, 2010.

Gráfico 8 - Publicação de notícias tendo como referência o número da página (1870-1915)



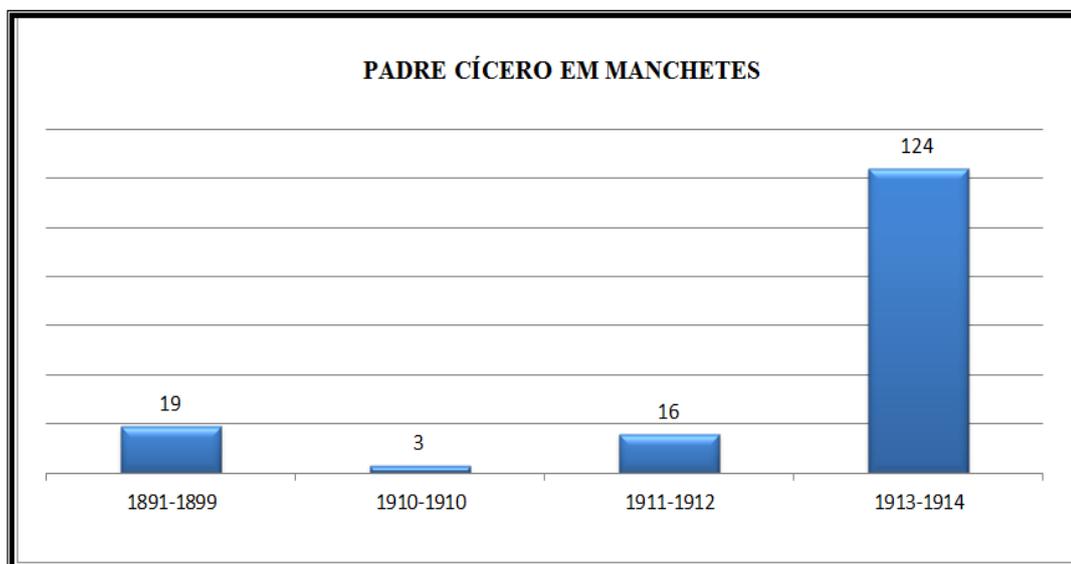
FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais disponíveis na BNHD

Verifica-se que há uma maior incidência de notícias publicadas na primeira página (747) que corresponde a 34.36% do total. Ressalta-se que um dos principais elementos nos estudos que têm a imprensa como fonte é a análise da estrutura espacial da notícia, ou seja, a página, a coluna, a forma que ela é inserida no jornal. A notícia, ao ser selecionada para circular na primeira página indica o seu grau de importância e capacidade de impactar, de produzir um efeito social apreciável.

Somando-se as notícias nas três primeiras páginas (01, 02 e 03), chega-se ao total de 78% de todas as publicações, um dado importante para mensurar, por assim dizer, como se formará em torno do padre Cícero uma rede notícias, transformando-o num acontecimento jornalístico de forte apelo social.

Para complementar os dados supramencionados, elaboramos outro gráfico acerca da quantidade de vezes em que o sacerdote figurou nas manchetes das notícias:

Gráfico 9 - Quantidade de manchete com o nome do padre Cícero



FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais disponíveis na BNHD

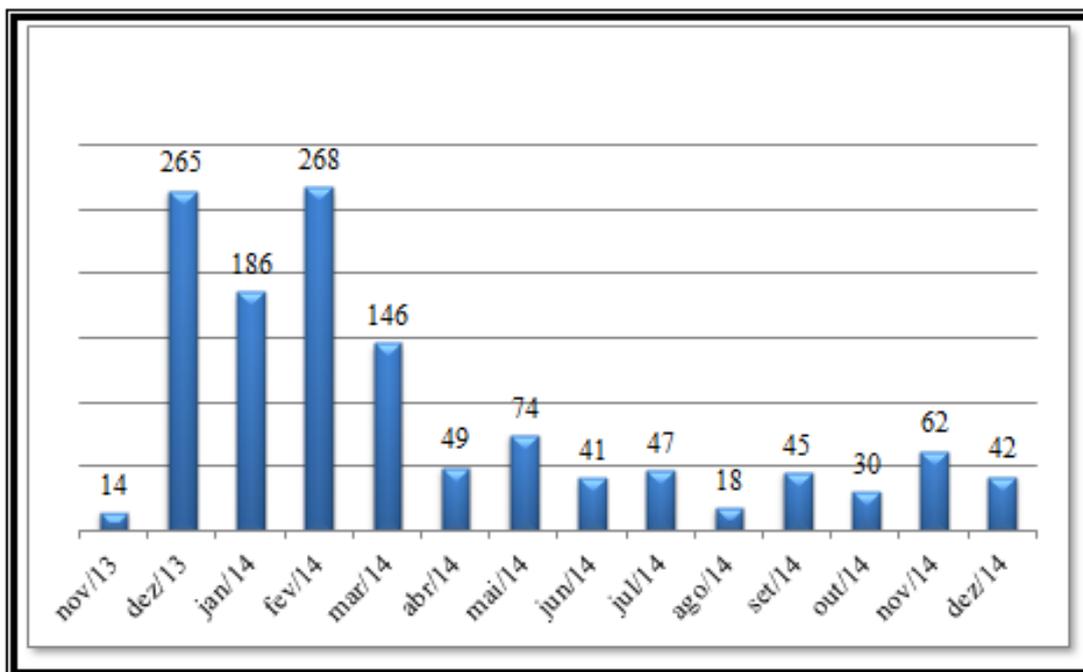
Novamente aqui se percebe que a sua reverberação na imprensa se dá de forma crescente. No primeiro período, se instaura nos jornais a questão religiosa de Juazeiro. No segundo, quase não se tem nenhuma ocorrência. No terceiro, tem início a trajetória política do sacerdote e no quarto, o período da conflagração e desenvolvimento da guerra civil do Ceará.

Nota-se que o número de ocorrências apresenta um crescimento considerável a partir de sua estreia na política partidária, sobretudo, ganha maior notoriedade e visibilidade no período em que se envolve e é envolvido na crise política cearense que tem como consequência a deflagração do movimento armado com foco na cidade de Juazeiro.

Nessa direção, destacamos que do total de manchetes naquele período, 49 foram publicadas em dezembro de 1913, mês em que foi deflagrada a guerra; 28 durante os meses de janeiro a março, período em que se desenvolveu o conflito; 36 correspondem ao período posterior ao conflito, ou seja, a volta de narrativas acusando o padre Cícero de promover novos confrontos, novas rebeliões. Dito de outra maneira é a partir da deflagração do movimento armado que o padre Cícero, ao tomar parte nas intrigas, tramas e traumas da política cearense, sem, contudo, assumir o *front* das batalhas e sequer sair do Juazeiro, será alçado ao status de maior liderança política do sertão e chefe “revolucionário” de todo e qualquer movimento que detone um conflito armado.

Tais informações podem ser comprovadas observando a distribuição de notícias no período em questão, por mês:

Gráfico 10 - Volume de notícias entre os meses de novembro/1913 a dezembro/1914



FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais disponíveis na BNHD

Constata-se que entre dezembro de 1913 e março de 1914, começo e fim do conflito, portanto, o número de notícias é bastante expressivo e revelador.

Desdobrando os dados contidos nos gráficos durante os períodos de pico das publicações, é possível perceber que embora desponte na imprensa por causa da questão religiosa do Juazeiro, é quando ingressa na política partidária que sua imagem vai ganhar uma infinidade de novas representações e sentidos.

4.3 PADRE CÍCERO NA IMPRENSA: narrativas e representações

Em 1872, o padre Cícero, ao renunciar o projeto de fazer carreira eclesiástica em Fortaleza, assume a capelania do povoado de Juazeiro. Lá desenvolve atividades sacerdotais com zelo e dedicação, recebendo, inclusive, elogios do bispo diocesano, dom Joaquim. Vez por outra, seu nome é citado nas notícias que versam sobre o lugarejo:

A povoação do Juazeiro, uma das melhores do Cariri tem estado feita uma praça d'armas, diariamente ali se apresenta uma turba multa de desordeiros e percorre as ruas perturbando o sossego, ameaçando aos cidadãos pacíficos, assombrando as famílias, chegando ao extremo do virtuoso capelão padre Cícero desejar mudar-se de localidade entregue a desordeiros e criminosos e balda de garantias.⁸⁶⁹

Nas narrativas acerca do contexto socioeconômico do lugar, o nome do sacerdote é ressaltado como elemento de dedicação e trabalho para o desenvolvimento do povoado, conforme notícia publicada no jornal de Fortaleza, *Pedro II*:

[...] O povo do Juazeiro, é bastante trabalhador e sabe respeitar os princípios da severa moralidade e amor ao serviço, que lhe tem sabido incutir o venerando Padre Cícero Romão Baptista, de virtudes incontestáveis, e o tipo mais perfeito de sacerdote que vive pela caridade e para a caridade.

A esforços d'este nobilíssimo ministro do altar, há n'aqueles lugares sempre fruto que produz a fé e o amor ao trabalho.

Entretanto, se o governo tirasse algumas economias de seus desperdícios, e encarregasse-se de em Juazeiro estabelecer um poço artesian, contando com o poderosíssimo auxilio do Padre Cícero, o faria por preço muito barato, em pouco tempo: - e anualmente aqueles terrenos produziriam centenas de mil quartas de arroz, além de imensos canaviais e mais outros maios de plantações que fariam enriquecer e abastecer a maior parte de nossa província.⁸⁷⁰

Assim sendo, no combate à violência⁸⁷¹, no endosso de abaixo-assinados em defesa de militares⁸⁷², na recepção de sacerdotes no povoado,⁸⁷³ na participação em eventos religiosos⁸⁷⁴ e no aconselhamento de seus paroquianos sobre a “[...] necessidade indeclinável e a vantagem incontestável de açudar a terra seca e fertilizar o terreno estéril, prevenindo-se assim todos os horrores das secas”⁸⁷⁵, o padre Cícero sempre é citado como um indivíduo afeito à ordem, trabalho e dedicação.

⁸⁶⁹ O Cearense – CE, Nº 145, 01/08/1885, p. 02. Grifo nosso.

⁸⁷⁰ Pedro II – CE, Nº 52, 05/05/1889, p. 02. Grifo nosso.

⁸⁷¹ O Cearense – CE, Nº 141, 03/07/1984, p. 02.

⁸⁷² O Cearense – CE, Nº 178, 11/09/1885, p. 02.

⁸⁷³ Pedro II - CE, Nº 16, 24/02/1887, p. 02 e 03.

⁸⁷⁴ A Vanguarda (Crato) – CE, Nº 10, 14/07/1887, p. 02.

⁸⁷⁵ Gazeta do Norte – CE, Nº 99, 03/05/1888, p. 01.

Em 19 de julho de 1889, porém, um morador do Crato escreve uma carta à redação do jornal *Pedro II* comunicando um fato “extraordinário” que se passava no povoado do Juazeiro. Segundo o emissário da carta, uma “[...] mulher moça, de reconhecidas virtudes [...] por ocasião de commungar, a partícula sagrada desfaz-se em sangue”.⁸⁷⁶

A extraordinária repercussão da ocorrência desse fato e seus consequentes desdobramentos põe em evidência a figura do capelão juazeirense que, não obstante manter silêncio obsequioso sobre os acontecimentos e permanecer fiel à religião Católica, assume uma postura de enfrentamento no sentido de afirmar sua crença na veracidade do “milagre”.

A princípio, as narrativas sobre os fatos extraordinários do Juazeiro que repercutiam na imprensa desde 1887 não tinham sua centralidade na pessoa do padre Cícero. Pelo contrário, a beata Maria de Araújo, apontada como a protagonista dos chamados “milagres”, é descrita comumente com adjetivos elogiosos, tais como: virtuosa moça, devota de reconhecidas virtudes, santa, virgem, célebre. Muitas matérias, inclusive, apresentam como manchetes: “A beata Maria do Crato”, “A beata Maria do Juazeiro”, “A beata Maria de Araújo e os fatos do Juazeiro”, “A santa do Juazeiro”, “pobre e humilde serva de Deus”.

Embora figurasse nessas narrativas com características positivas como “Santo padre”, “de costumes puríssimo”, “o mais virtuoso sacerdote da região”, “modesto”, “alma cândida”, não é ele o personagem principal da trama, mas, a beata Maria de Araújo.

Durante vários anos, mesmo depois da posição contrária da Igreja cearense em relação aos “milagres”, as notícias e manchetes ressaltam o protagonismo da beata, afirmando “[...] os fatos extraordinários e prodígios por intermédio de Maria de Araújo [...]”.⁸⁷⁷ Ressalta-se que “[...] o povo continuava a crer em Maria de Araújo, e não só leigos, mas até padres iam vê-la ao Juazeiro”.⁸⁷⁸ Ao sacerdote era atribuído o papel de confessor e diretor espiritual, destacando-se: [...] bem-aventurada Maria, santa descoberta pelo Revd. Cícero Romão Baptista.⁸⁷⁹

Ainda no mesmo artigo, o autor, ao discorrer sobre a decisão da Santa Sé lembra que os fatos extraordinários do Juazeiro foram condenados como “[...] ato gravíssimo e detestável irreverencia a santa eucaristia, ordenando que as peregrinações à casa de Maria de Araújo fossem vedadas, e assim também quaisquer livros que a defendessem”. A simples conversação sobre os acontecimentos são vetados e, do mesmo modo, à adoração aos panos

⁸⁷⁶ Pedro II - CE, N° B006, 19/07/1889, p. 01.

⁸⁷⁷ Diário de Pernambuco – PE, N° 221, 28/09/1894, p. 03.

⁸⁷⁸ Gazeta de Notícias – RJ, N° B271 30/09/1894, p. 01.

⁸⁷⁹ Libertador – CE, N° 107, 19/05/1890, p. 02.

ensanguentados e “outras relíquias da miraculosa senhora”, se encontrava proibida. O que se percebe, por conseguinte, é que havia, até essa data, uma forte devoção à Maria de Araújo, cuja peregrinação se dava à sua casa não mencionando se sucedia algo similar quanto à residência do padre Cícero.

À medida que o assunto ganha espaço na imprensa e que se vai estabelecendo o conflito entre os defensores e crentes dos “milagres” e a hierarquia da Igreja Católica, o nome do padre Cícero se sobressai sendo apresentado cada vez mais como o principal mentor e responsável pela difusão, propagação dos fatos e aumento do fluxo de pessoas que insistiam em acreditar na sua veracidade.

Somente após a ampla divulgação da decisão da Santa Sé e da segunda carta pastoral de Dom Joaquim, seguidas das publicações de retratações públicas dos sacerdotes que anteriormente haviam afirmado a autenticidade dos fatos e manifestado sua crença neles, é que se constata uma mudança no foco da narrativa.

Na imprensa, os propalados fatos extraordinários são apontados como uma “farsa” e um “embuste” inventados no Juazeiro pelo “*sindicato dos milagreiros*”, afirmando-se que os acontecimentos foram alimentados por um grupo de “espertalhões” interessados em ganhar dinheiro e fazer fortuna.

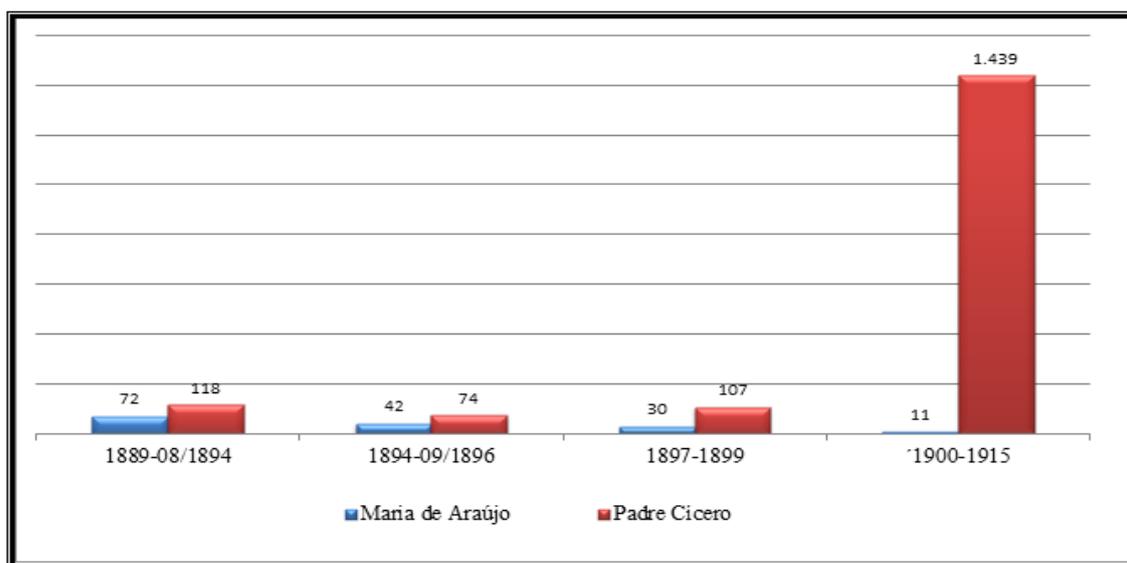
O povoado, denominado de “a nova Jerusalém”, começa a ser tratado como “*Corte dos Milagres*”, “*Meca dos fanáticos*”, “*Meca de milhares de sertanejos simplórios*”, entre outros adjetivos pejorativos. Por sua vez, a beata passa a ser tratada como “*cavilosa*”, “*embusteira*”, “*celebre impostora*”, “*a grande embusteira do Juazeiro*”, “*ardilosa embusteira*”, “*histórica*”.

Nesse momento, porém, as narrativas a respeito do padre Cícero oscilam consideravelmente, sendo tratado como um sacerdote de “[...] *boa fé em toda essa patifaria*”, ou acusado de ser o “*capataz dos milagres*”, o “*inventor de Maria de Araújo*”, o responsável por “[...] *Industriar uma de suas beatas a declarar-se santa*”.

Portanto, à medida que a tensão aumenta entre os defensores dos fatos extraordinários e a hierarquia da igreja por ocasião do endurecimento das punições e as sanções ao povoado, sobretudo, ao padre Cícero, acirra-se o debate na imprensa tanto por parte dos primeiros, que, sob a liderança de José Marrocos passam a publicar matérias em sessões pagas nos jornais das principais províncias do Brasil, quanto por parte da própria imprensa que intensifica as acusações e a condenação dos acontecimentos.

É nesse momento da trama que se percebe, também, o crescente deslocamento das narrativas em torno do padre Cícero em detrimento da beata Maria de Araújo, atribuindo-se ao sacerdote um papel de destaque nas tessituras sobre os fatos extraordinários do Juazeiro. No gráfico abaixo ficam mais nítidos os ciclos narrativos envolvendo os dois personagens.⁸⁸⁰

Gráfico 11 - Dados comparativos entre a citação do nome de Maria de Araújo e o padre Cícero



FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais disponíveis na BNHD

Os dados demonstram, portanto, que as narrativas se deslocam da beata Maria de Araújo para o padre Cícero à medida que a Igreja Católica condena os fatos e impõe punições severas àqueles que continuam insistindo na crença de que se tratava de “milagres”.

Desse modo, no primeiro ciclo, compreendido entre as primeiras publicações e o veredicto da Santa Sé, verifica-se certa tolerância e até aceitação na possibilidade de serem, tais fatos, miraculosos. Inclusive, o maior e mais importante jornal católico, porta-voz da arquidiocese do Rio de Janeiro, *O Apostolo*, publica um editorial e documentos relativos aos acontecimentos como o atestado do dr. Marcos Madeira assegurando sua sobrenaturalidade. Nessa altura dos episódios, é notório que a beata, embora com menor frequência, mantenha alguma paridade com o padre Cícero no que tange a visibilidade nas publicações.

⁸⁸⁰ Os números apresentados no gráfico não correspondem à totalidade de citações, posto não ter sido possível digitar todos os artigos na íntegra. Porém, nos mostram uma tendência significativa.

No segundo ciclo, entre o decreto da Santa Sé (1894) e o Relatório da Congregação para a Doutrina da Fé (1897), as narrativas surgem com um tom mais condenatório e de denúncia, cujo foco se concentra na pessoa do padre Cícero que passa a ser acusado de explorar os “[...] simplórios que vão ouvi-lhe os conselhos, que o santo homem passou já cobrar de 300 contos, das pequenas esmolas que desinteressadamente recebe”.⁸⁸¹

No terceiro ciclo - após a divulgação do relatório da Congregação para a Doutrina da Fé ratificando o decreto de 1894 com a imposição de punições e condenações mais rigorosas ameaçando de excomunhão os fiéis e religiosos que insistissem na crença -, observa-se o crescimento significativo das narrativas que envolvem o padre Cícero e, conseqüentemente, um menor volume de citações no tocante à beata Maria de Araújo. O acirramento do debate maniqueísta de caráter denunciatório e acusatório se faz mais frequente.

O quarto ciclo narrativo, posterior à decisão do Vaticano emitida em fevereiro de 1897, na qual se condenam definitivamente os fatos como miraculosos e exige-se que o padre Cícero se retire do Juazeiro, verifica-se que a beata quase não mais aparece nas narrativas, enquanto sobre o padre Cícero começam a circular argumentos com acusações que transcendem o âmbito religioso, ou seja, o sacerdote, que nesse momento se tornará o líder e “padrinho” de milhares de sertanejos, passa a ser narrado como uma ameaça à ordem constituída. Acusado de ser um monarquista, é considerado um perigo para o recém-instalado regime republicano.

Num contexto tão conturbado, é necessário ressaltar duas questões importantes. Apesar de se submeter às determinações de manter um silêncio obsequioso sobre os fatos e se retirar do Juazeiro indo para Salgueiro, o padre Cícero assume uma postura questionadora e propositiva diante da decisão da hierarquia eclesiástica, não atendendo plenamente as exigências do bispo diocesano de redigir, do próprio punho, uma retratação pública como fizeram todos os religiosos que manifestaram a crença nos milagres, solicitando a permissão para ir pessoalmente a Roma defender-se de todas as acusações.

A atitude do sacerdote, na minha compreensão, traz para si o foco da questão religiosa, uma vez que, em consequência dessa atitude, especificamente, suas ordens sacerdotais são suspensas atraindo mais ainda os holofotes da imprensa que o coloca no centro do debate jornalístico, expondo-se às críticas e julgamentos para o bem e para o mal.

A outra questão refere-se ao momento no qual o Brasil se encontrava mergulhado com a população vivendo o temor de Canudos, cujas acusações na imprensa davam conta de que se

⁸⁸¹ Jornal do Commercio – RJ, Nº 320, 17/11/1895, p. 02.

tratava de um grupo de fanáticos, aglomerado no sertão nordestino, que ameaçava a ordem e a paz da recém República brasileira. Portanto, por ser o padre Cícero o líder de milhares de sertanejos, começam a circular nos jornais boatos de que ele era aliado de Conselheiro: “[...] atravessou o S. Francisco e se acha em Agua Branca, que invadiu e vai a auxilio do bandido Antônio Conselheiro”.⁸⁸²

Pela imprensa alertava-se que:

Mais ameaçador que o Antônio conselheiro vai se ostentando sorrateiramente a agremiação promovida pelo padre Cícero, no Ceará, onde, suspenso das ordens, foi fundar no sertão uma nova seita religiosa, na intenção talvez de tomar desforra contra o ato do bispado.⁸⁸³

Não obstante todas as proibições e punições, as romarias a Juazeiro não cessam, sendo o padre Cícero, cada vez mais, aclamado pela população sertaneja como um santo, protetor e líder, aprofundando ainda mais o conflito religioso e sua relação com a hierarquia eclesiástica. Novos elementos narrativos são levados à imprensa nacional, contribuindo sobremaneira na construção de representações do sacerdote como fanatizador, fabricante de milagres, praticante do crime de simonia, explorador de sertanejos “simplórios e ingênuos”, etc. Com essa envergadura o padre Cícero chega ao século XX como uma das personalidades mais conhecida, polemizada e narrada do sertão nordestino brasileiro.

Após sua fracassada viagem a Roma e já transformado numa espécie de celebridade tanto entre os sertanejos, quanto nas páginas de centenas de jornais de diversas províncias, o sacerdote tenta se manter distante das polêmicas.

Proibido de celebrar em Juazeiro e de participar de celebrações litúrgicas em outras localidades dentro e fora do Cariri, na primeira década do século XX mantém a sua “política de neutralidade”, não se imiscuindo nas intrigas políticas da região.

Surgindo de vez em quando, o sacerdote somente romperá sua aparente “invisibilidade” na imprensa em 1909, quando decide viajar para o Rio de Janeiro. A repercussão de sua viagem é bastante reveladora do prestígio que detém. Ao noticiar a viagem do clérigo, a imprensa sublinha que o seu objetivo era tratar da saúde que se encontrava

⁸⁸² ORBE – AL, Nº 92, 20/08/1897, p. 01.

⁸⁸³ Jornal do Commercio – RJ, Nº 259, 18/09/1897, p. 01.

comprometida pelo volume de trabalhos assumidos “[...] em toda a vasta zona sertaneja, onde se faz sentir o seu benefício e prestígio invejável”.⁸⁸⁴ Em seguida, acrescenta:

[...] em conversa com um nosso particular amigo, disse s. revdma. Que vai também ao Rio no interesse de criar mais uma diocese no estado do Ceará; mas, que ele não pretende ser o bispo [...] indicará um sacerdote distinto para nova mitra ou deixará a escolha ao alto critério da Santa Sé’.

Entretanto, é somente na segunda década do século que o padre Cícero irá tornar-se uma personalidade amplamente conhecida em todo o território nacional em decorrência de sua inserção na política partidária. Com relação a esse aspecto é importante salientar que apesar do sacerdote manifestar-se diversas vezes dizendo que “nunca desejou ser político”, não se pode negar seu envolvimento e atuação justamente nesse campo.

É preciso considerar que, de certa forma, o padre Cícero possuía uma verve política, posto descender de uma família que teve uma atuação nesse sentido na sociedade cratense. Seu avô paterno, Romão José Baptista, conforme informado anteriormente, lutou ao lado de Pereira Filgueiras pela consolidação da independência do Brasil ocupando uma cadeira na Câmara de Vereadores do Crato. Seu tio, José Romão Noronha, igualmente foi vereador daquele município assumindo a presidência da câmara na década de 1840 e, em 1859, foi o Juiz de Paz mais votado no Crato por eleição popular.⁸⁸⁵ O pai, em 1856, é indicado para concorrer na eleição para vereador⁸⁸⁶ e 1861, é nomeado subdelegado da mesma cidade.⁸⁸⁷

É importante ressaltar que neste período, Cícero Romão Baptista, que na adolescência, certamente presenciou e tomou conhecimento dos episódios, pois conforme assinala o padre Azarias Sobreira, gostava de frequentar a “[...] farmácia fronteira, do velho boticário Garrido, na qual escutava, com notável atenção, as conversas dos homens principais da terra, que ali diariamente se reunião”,⁸⁸⁸ o que pode explicar, em parte, sua rejeição aos assuntos políticos.

Por mais que tenha se mantido longe da política partidária durante 40 anos de sacerdócio e declarado diversas vezes que não se interessava por esse assunto, no início da

⁸⁸⁴ Jornal Pequeno – PE, Nº 116, 26/05/1909, p. 02.

⁸⁸⁵ O Araripe (Crato) – CE, Nº 205, 19/11/1859, p. 04.

⁸⁸⁶ O Araripe (Crato) – CE, Nº 55, 02/08/1856, p. 01.

⁸⁸⁷ O Cearense – CE, Nº 1484, 15/10/1861, p. 01.

⁸⁸⁸ Artigo publicado na revista do Instituto do Ceará, com o pseudônimo de Lívio Sobral. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxavo49n>. (Op. cit., p. 289)

década de 1910, em meio à luta pela emancipação política do Juazeiro e a campanha eleitoral para presidente da República, rende-se e passa a atuar nos dois eventos citados. No ano seguinte, filia-se ao Partido Republicano Conservador Cearense aliando-se, a nível estadual, com o grupo liderado por Nogueira Accioly e a nível nacional, com Pinheiro Machado.

Em 04 de outubro de 1911 assume o cargo de primeiro intendente do Juazeiro e em dezembro do mesmo ano, na convenção do PRC-C, seu nome é homologado como candidato a 3º vice-presidente do Ceará na chapa do grupo político de Nogueira Accioly.

Sua entrada na política partidária marca o quarto ciclo narrativo demonstrado no gráfico 05, levado a cabo de forma muito mais intensa, dicotômica e maniqueísta, cujo conteúdo será pautado pela argumentação de que o prestígio e influência do sacerdote resultam da “ignorância do povo sertanejo que o acredita ser um santo”.⁸⁸⁹

Um exemplo emblemático dessa dicotomia narrativa é a repercussão da notícia de sua candidatura à vice-presidência do Ceará na chapa oligárquica. *O Jornal do Commercio*, que vinha promovendo uma série de acusações ao clérigo, ao noticiar a candidatura debocha em suas declarações:

[...] Então o padre Cícero, o apóstolo sertanejo, o homem que dizem tão desprovido de ambições e tão santo, o “Rei do Sertão”, como vai subindo depressa! De chefe do Juazeiro passou a chefe do Cariri, de chefe do Cariri vai passar a vice-presidente!
O nosso leitor fechou os olhos e perdeu-se no mundo, de considerações muito.⁸⁹⁰

A essa provocação, o seu opositor no embate jornalístico em torno do padre Cícero, o jornal *O Paiz*, responde:

[...] O incontido colega dá pulos de contente, diante dessa para ele fenomenal notícia: o padre Cícero Baptista foi escolhido para um dos cargos de vice-governadores do Ceará. Bem lhe parece que tal notícia justifica os artigos contra o padre Cícero.
Mas, por que? Perguntamos por nossa vez.

⁸⁸⁹ Correio da Noite – RJ, Nº 288, 13/12/1913, p. 01.

⁸⁹⁰ Jornal do Commercio (edição da tarde) – RJ, Nº 673,21/12/1911, p. 01.

Em que isso justifica as injúrias atiradas ao benemérito sacerdote? Ao contrário, o que nos parece bem simples é que nós outros sejamos os satisfeitos pela notícia do reconhecimento de um prestígio, que temos assinalado com abundância de provas.⁸⁹¹

A guerra nativa em torno das atitudes e decisões do padre Cícero, dessa vez no campo político, continuará, de um lado, com um tom debochado e irônico e de outro, apologético e laudatório. Dessa maneira, ao envolver-se nas intrigas e tramas políticas locais, estaduais e nacionais o padre Cícero passa a ser qualificado como “[...] chefe político de prestígio em Cariri” ou “maior prestígio que já se consolidou nos sertões do Brasil”.

Com a crise política instaurada no Ceará em torno da eleição, reconhecimento e governo de Franco Rabello e a posição do sacerdote de manter-se leal ao grupo de Nogueira Accioly, intensificam-se as críticas e acusações, sendo adjetivado de “famigerado padre”, “protetor de todos os bandidos”, “pavoroso”, “perigoso” “figura sinistra”, “um padre celerado”, entre outros epítetos.

Com o desdobramento da crise, ou seja, com a deflagração de uma guerra na qual combatem as tropas legais e o batalhão formado por sertanejos fiéis ao sacerdote circulam na imprensa notícias alarmantes e sensacionalistas de mortes, saques, incêndios, estupros, sequestros, etc.

Tomado como o grande responsável pelo desenvolvimento da crise, a imprensa lhe faz acusações:

O padre Cícero, sacerdote católico que abandonou as práticas suaves do cristianismo, para se converter num façanhudo bandoleiro, a soldo da política pinheirista, já tem a seu mando quatrocentos cangaceiros.⁸⁹²

Diariamente telegramas são enviados às redações de jornais de todo o país, mas, majoritariamente, as do Rio de Janeiro alardeiam os acontecimentos com um tom dramático e aterrorizante. Tanto de um lado, quanto do outro.

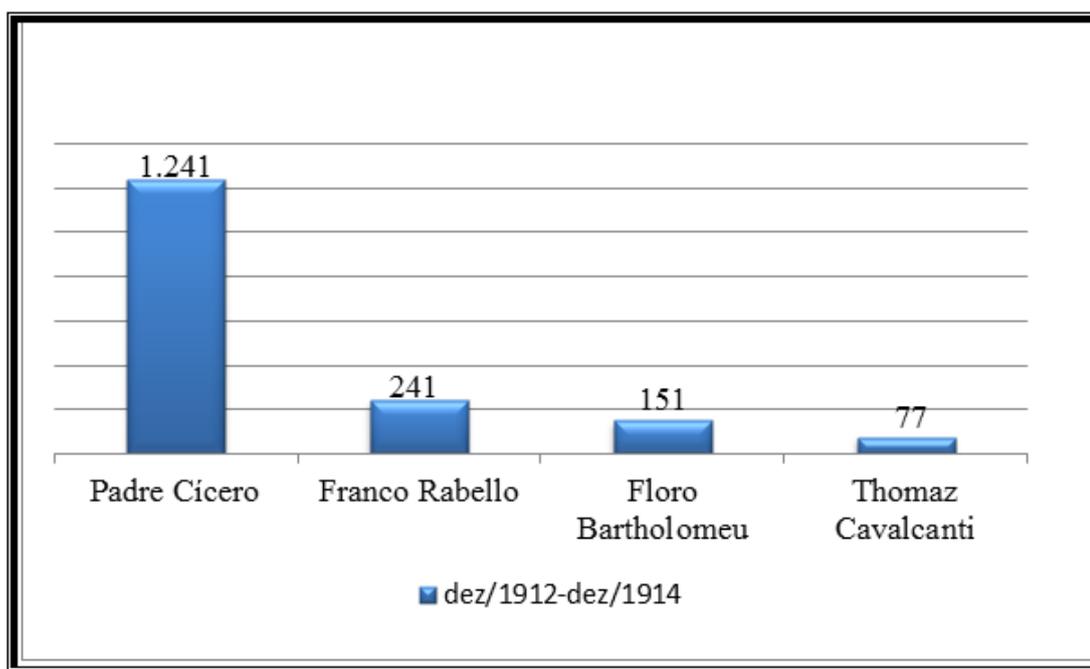
⁸⁹¹ O PAIZ – RJ, Nº 09940, Domingo, 24/12/1911, p. 02.

⁸⁹² A Época, Nº 482, Domingo, 20/11/1913, p. 02.

Os jornais noticiam os acontecimentos da guerra em colunas intituladas: “CEARÁ ENSANGUENTADO”; “O CEARÁ CONVULSIONADO”, “O CEARÁ CONFLAGRADO”, “O CEARÁ TRÁGICO”, “CEARÁ: AREAÇÃO DO CARIRI”, “A REVOLUÇÃO NO CEARÁ”, “A TRAGI-COMEDIA DO CEARÁ”. As tropas do Juazeiro, por seu turno, são denominadas de: “Os jagunços do padre Cícero”; “Exercito de cangaceiros”; “Cangaceiros do padre Cícero”; “Os revolucionários do Ceará”; “Os bandidos do padre Cícero”; “Hostes celeradas do padre Cícero”. As designações destinadas ao sacerdote não ficavam a desejar em matéria de adjetivos pejorativos e difamatórios: “famigerado e celebre bandido padre Cícero”; “santarrão de Juazeiro”; “maior bandido do norte”; “politiqueiro façanhudo”; “explorador e facínora”.

Demonstrando como o padre Cícero, no período em que decide militar na política partidária, passa a ocupar papel de destaque nas notícias relativas às intrigas e tramas políticas cearenses, apresentamos o gráfico abaixo, com o nome de 04 políticos do Ceará com a quantidade de vezes que seus nomes são citados:

Gráfico 12 - Políticos cearenses citados notícias em veiculadas na imprensa - 1912-1914



FONTE: Elaborada pela autora a partir dos jornais disponíveis na BNHD

Os políticos em questão, além do padre Cícero, são Franco Rabello, presidente do Ceará entre 1912 e março de 1914, quando foi deposto em consequência da guerra civil, Floro Bartholomeu, aquele que articulou e chefiou as tropas leais a Juazeiro no referido movimento

e o deputado Federal pelo PRC-C Thomaz Cavalcanti, interlocutor no Rio de Janeiro junto ao governo Federal e o senador Pinheiro Machado.

Conforme se verifica no gráfico, se mensurarmos a quantidade de citações dos quatro políticos, o padre Cícero corresponde a 72,5% do total, sendo de longe o mais comentado e noticiado político de sua época.

Associando-o a essa enxurrada de narrativas difamatórias e acusatórias, uma série de imagens do sacerdote passa a circular em jornais e revistas: fotos, charges, alegorias, máscaras, bonecos, paródias carnavalescas, peças teatrais e poesias. Tudo isso junto o transformou numa espécie de celebridade, no acontecimento jornalístico do sertão brasileiro.

Santo ou bandido, benfeitor ou explorador, político ou politiqueiro, anjo ou demônio... Tais dicotomias permearam e ainda permeiam o debate em torno do padre Cícero, polemizando, provocando críticas e opiniões, despertando sentimentos diversos, levantando conjecturas num processo de escrita e construção narrativa que, de forma espiralada, ressignificações e rememora sua passagem por Juazeiro, promovendo, entre as permanências e mudanças, o personagem mais conhecido do nordeste brasileiro: o padrinho “padim Ciço!”, o “patriarca do sertão”!

4.4 O PADRE E A IMPRENSA

Diante dessa imensa teia de notícias sobre o padre Cícero, com a circulação de centenas de notícias das mais diversificadas, uma questão se sobressai: E o padre Cícero diante disso? Qual a relação dele com a imprensa que tanto falou, o narrou, o criticou, o elogiou, enfim, construiu e reconstruiu representações sobre sua vida, personalidade e atitudes cotidianas?

É importante ressaltar que nas narrativas produzidas pelos impressos trabalhados até aqui, embora não tenha sido possível identificar nenhum artigo, entrevista ou qualquer depoimento elaborado expondo a opinião do sacerdote ou ainda sua visão de mundo, defendendo-se ou acusando quem quer que seja, tarefa realizada sempre por terceiros, como o primo e amigo, José Marrocos, durante o período da questão religiosa, é possível perceber que o padre Cícero reconhecia o poder e importância da imprensa na formação da opinião pública enviando para publicar telegramas referentes, sobretudo, às questões políticas e sociais. como

por exemplo, em 1900, quando o Ceará sofria com as mazelas e o sofrimento decorrentes da seca. Com esse intuito, escreve para José Marrocos fazendo-lhe uma solicitação:

Meu amigo, se você tem tempo escreva com urgência um artigo para os jornais despertando, e concitando o Governo do Estado e Federal para conjurarem o medonho flagelo que certamente risca do mapa do Brasil este infeliz Ceará [...] Escreva-me meu amigo, que pode ser que você desperte o patriotismo de outros e nasça uma ideia salvadora.⁸⁹³

Ou, ainda, em 1910, quando comunica que mandará publicar nos jornais seu pedido para que os católicos votassem em Ruy Barbosa, conforme discutido anteriormente.

Outro indicio nesse tocante, é o fato do padre Cícero contribuir na criação e manutenção de jornais dentro e fora do Cariri, deles constituindo-se um assinante permanente, segundo notícia publicada no periódico católico *Fé Cristã*, de Alagoas, que veiculou o seguinte agradecimento:

AUXILIO – O Revmo. sr. Pe. Cícero Romão Baptista, capelão do Juazeiro do Crato, dirigiu uma carta repleta de conceitos abonadores da atitude e importância de nossa humilde gazeta, nos enviando 30\$000 pelo pagamento adiantado de três anos de sua assinatura.⁸⁹⁴

Em outra notícia sobre a criação de um jornal na cidade de Barbalha, afirma-se que:

Na cidade de Barbalha, Estado do Ceará, acaba de ser organizada uma empresa que tem de publicar dentro em breve o *Jornal do Cariry*. Suas oficinas são completas, tem duas machinas tipográfica, uma zincografia, um litografia e uma encadernação e funciona em prédio próprio. Seus maiores acionistas, segundo nos consta, são o dr. Joaquim Francisco de Paula, padre João Baptista de Hollanda, padre Cícero Romão Baptista e o grande capitalista do Cariry Manuel Antônio de Sampaio.⁸⁹⁵

⁸⁹³ Barros, 2012, p. 199.

⁸⁹⁴ Fé Cristã – AL, Nº 33, 22/08/1903, p. 03.

⁸⁹⁵ O Pharol – MG, Nº 736, 20/11/1903, p. 02.

Uma notícia publicada na década de 1940 informa que o jornalista Edmar Morel esteve em Juazeiro para produzir uma matéria sobre o sacerdote, sendo veiculada numa série de quatro reportagens intitulada “Devastando os arquivos do padre Cícero”. Nela, Morel afirma ter encontrado no referido arquivo “[...] um álbum de jornais velhos, em que colecionava vários artigos e reportagens”.⁸⁹⁶

Atento às imagens difundidas na imprensa, o padre Cícero, tendo como aliado e porta-voz no Rio de Janeiro, o amigo Floro Bartholomeu⁸⁹⁷, desenvolve uma estratégia de produção de novas narrativas acerca de sua pessoa, seu povo, sua terra, com o financiamento de publicação de livros, fornecimento de documentos e dados para palestras e produção de um filme que foi exibido na sala de cinema carioca *Paris*, confecção de uma escultura sua com um dos mais famosos escultores do Brasil, na época, Laurindo Ramos, entre outras ações.

Essa história, no entanto, deixarei para contar noutro momento.

⁸⁹⁶ Jornal do Commercio – AM N° 13630, 10/09/1944, p. 01.

⁸⁹⁷ Floro Bartholomeu, após a guerra civil do Ceará foi eleito duas vezes deputado estadual e em 1921, eleito deputado Federal, de onde produziu diversos discurso em defesa do padre Cícero. Um deles, inclusive, transformado no livro: *Juazeiro e o Padre Cícero: depoimento para a História*, publicado originalmente em 1923.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Alzira Alves de (Coord. Geral). **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República (1889-1930)**. Fundação Getúlio Vargas. Editora CPDOC, 2015.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado**. São Paulo: EDUSC, 2007

ALENCAR, Generosa; MENESES, Fátima. **Beata mocinha: governanta e tesoureira do Padre Cícero**. Juazeiro do Norte: HB Editora, s/d.

ALMEIDA, José Américo de. **Coiteiros**. São Paulo: Cia Ed. Nac. 1935. 190.

ALMEIDA JR., Jair de. **A Religião Contestada**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

ALDRIN, Phillppe. **Sociologie politique des rumeurs**. Paris: PUF, 2005.

_____. **Perser la rumeur: une question discutée des sciences sociales**. Genèses, v. 1, n. 50, p. 126-141, 2003. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5cjt5lu>.

ALEXANDRE, Juciello Ferreira. **Uma carnificina eleitoral: disputas políticas no Crato e eleições em meados do século XIX**. Revista Historiar, vol. 07, n. 12, p. 82-94, 2015.1. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4r7tgku>.

ANDRADE, Leopoldino Costa. **Sertão a Dentro** (alguns dias com o Padre Cícero). Rio de Janeiro: Typografia Coelho, p. 152, 1922. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00000251/00001>. Acesso em: 13 jul. 2007.

ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero: mito e realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

ARAÚJO, Antônio Gomes. O Apostolado do Embuste. Revista Itaytera, Ano II, n. 02. Crato - CE: Tipografia Imperial, , pp. 03-62, 1956

_____. **Padre Pedro Ribeiro da Silva: o fundador e primeiro capelão de Juazeiro do Norte**. Revista Itaytera. Ano IV, n. 04. Crato-CE: Tipografia Imperial, Crato-CE, 1958.

ARROYO, María Jordán Arroyo. **Sonhar a história: risco, criatividade e religião nas profecias de Lucrecia de León**. Bauru: Edusc, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec; Brasília: EdUnb, 1999.

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O Joazeiro Celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero**. São Paulo: Attar, 2007.

BARBOSA, Geraldo Menezes. *História do padre Cícero ao alcance de todos*. Juazeiro do Norte: Edições ICVC, 1992.

BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, Senhores da memória?** IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4w33e94>

_____. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

_____. **História Cultural da Imprensa (1800-1900)**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

BARROS, Luitgarde. **A terra da Mãe de Deus**. 3ª ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2014.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da História**: especialidades e abordagens. Petropolis, RJ: Vozes, 2004, p. 20.

BARTHES, R. **Structure du fait divers**, Essais critiques. Paris: Seuil, 1966. *In*: DION, Silvie. O "fait divers" como gênero narrativo. Revista34 P&B. 123 10/10/2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Maria/Downloads/11944-51907-1-SM.pdf>

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos maios populares de informação de fatos e expressão de ideais. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 196, 2014.

BENJAMIM, Walter. **Pequena história da fotografia**: obras escolhidas, magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Réflexions d'un historien sur les nouvelles fausse de la guerre**. *Revue de Synthèse Historique*, t. 33, 1921.

BORGES. Vera Lúcia. **Morte na república**: os últimos anos de Pinheiro Machado e a política oligárquica (1909-1915). Rio de Janeiro: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 2004.

_____. **A campanha presidencial de 1909-1910 na correspondência de Rui Barbosa e de Hermes da Fonseca**. Seminário Cultura e Política na Primeira República: campanha civilista na Bahia - UESC, 09 a 11 de junho de 2010. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5o4cdp6>.

BRAGA, Antônio Mendes da Costa. **Padre Cícero**: sociologia de um padre, antropologia de um santo. Bauru-SP: EDUSC, 2008.

_____, Antônio Mendes. **A subida do Horto**: ritual e topografia religiosa nas romarias de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil. Disponível em: <https://tinyurl.com/yyzjfxkg>.

BRITO, Sócrates Quintino da Fonseca. **A rebelião de Joaquim Pinto Madeira**: fatores políticos e sociais. Projeto Petrônio, 1985.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Fotografia e jornalismo**: da prata ao pixel – discussões sobre o real. LÍBERO, Ano X, nº 20 - dez 2007. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxd9awaf>.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia**: a Escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Ed. UNESP, p. 10, 1992.

CALIXTO JUNIOR, João Tavares. **Venda Grande d'Aurora**. Fortaleza: Expressão Gráfica e editora, 2012.

CAMPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Lídia. **O Bravo Matutino** - Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo, São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.

SOUZA, Maria do Carmo Campello de. **O processo político-partidário na primeira República**. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). Brasil em perspectiva. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 1995. Disponível em: Pinheiro Machado governa o Governo, entre as 'salvações' e os 'coronéis'. Nosso Século 1910/1930 - Anos de crise e de criação. Editora Abril, pag. 25, 1980,.

CAMURÇA, Marcelo. **Marretas, Molambudos e Rabelistas**: a revolta de 14 no Juazeiro. São Paulo: Maltese, 1994.

_____. Breve Histórico Político do Juazeiro: do processo de autonomia municipal ao protagonismo regional-nacional a partir de 1914. In: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Padre Cícero e os factos do Joaseiro: Autonomia Político-administrativa. Vol. I. Fortaleza: Editora SENAC, 2012.

_____. **Cronologia da História Política do Juazeiro**. In: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Padre Cícero e os factos do Joaseiro: Autonomia Político-administrativa. Vol. I. Fortaleza: Editora SENAC, 2012.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégia para entrar e sair da modernidade. Tradução Ana Regina Lessa. 4ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

CARNEIRO, Henrique. **A Igreja, a medicina e o amor**: práticas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil. São Paulo: Xamã, 2000.

CARVALHO, José Murilo de. **Os Bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **As forças armadas na Primeira República**: o poder desestabilizador. In: FAUSTO, Boris (Dir.). História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano: sociedade e instituições (1889-1930). São Paulo: Difel, 1985.

_____. **Forças Armadas e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005; CARONE, Edgard. A República Velha II: evolução política (1889-1930). São Paulo: DIFEL, 1978, p. 159-60.

CARVALHO, Ernando L. T. **A missão Ibiapina**. Passo Fundo: Berthier, 2008.

CARVALHO, G. V. **O padre Ibiapina, um homem que viveu e morreu pelo seu povo**.

Revista Eclesiástica Brasileira, vol.43, fasc. 169, mar. 1983.

CASIMIRO, Renato. **Padre Cícero Romão Baptista e os fatos do Juazeiro: a questão religiosa**. Vol. I. Fortaleza: SENAC, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A escrita da História**. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CHARTIER, Roger (Org.) **Práticas de leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Ed. Liberdade, 1999.

_____. **Leitura e leitores na França do Antigo Regime**. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo, Ed. UNESP, 2003. Original em francês - 1987.

CHAON, Sérgio. **Os convidados para a ceia do Senhor**. São Paulo: EDUSP, 2000.

COSTA, Floro Bartholomeu da. **Juazeiro e o Padre Cícero: depoimento para a História**. Coedição Secult/Edições URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

COSTA, Haroldo. **100 anos de carnaval no Rio de Janeiro**. São Paulo: Ed. Irmãos Vitale, 2001.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa**. Projeto História, São Paulo, PUC, n. 35, p. 253-270, 2007. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxt8rp39>. Acesso em: 15 mai 2015.

CUNHA, [Maria Clementina Pereira](#). **Ecoss da folia: uma história social do carnaval...** São Paulo: [Companhia das Letras](#). 2001.

DANTAS, Renato. **Os romeiros e o espaço sagrado de Juazeiro em busca da autonomia política**. In: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Padre Cícero e os factos do Juazeiro: Autonomia Político-administrativa. Vol. I. Fortaleza: Editora SENAC, 2012.

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Antigas controvérsias, novos paradigmas: lembranças de um pesquisador na véspera do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero**. In Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero. Juazeiro - CE, p. 124-126, 2004.

DELUMEAU, Jean. **Mil anos de felicidade**. Uma história do paraíso. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DINIS, Manoel Pereira. **Mistérios de Juazeiro**. Juazeiro: Tipografia do Juazeiro, 1935.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos: gênese e lutas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

FABRIS, Annateresa. **Fotografia usos e funções no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1991.

- FARIAS, Alberto. **Pe. Cícero e a Invenção do Juazeiro**. Brasília: edição do autor, 1994.
- FARIAS, Airton. **História do Ceará**. 7ª ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, p.334, 2015.
- FEITOSA, Antônio. **Falta um defensor para o Padre Cícero**. São Paulo: Loyola, 1983.
- FIGUEIREDO FILHO, José de. **A História do Cariri**. vol. 4. Crato: Faculdade de Filosofia, 1964.
- FIGUEIREDO, Candido. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 2013, p. 212. Disponível in: <http://dicionario-aberto.net/dict.pdf>.
- FIRMEZA, Hermenegildo. **A revolução de 1912 no Ceará**. Revista do Instituto do Ceará, 1963.
- TEÓFILO, Rodolpho. **Libertação do Ceará: Queda da Oligarchia Accioly**. Lisboa: Tipografia Editora Limitada, Edição Fac-Similar, 1914.
- FORTI, Maria do Carmo Pagan. **Maria do Juazeiro: A Beata do Milagre**. São Paulo: Annablume, 1999.
- FRAGA, N. C. (Org.). **Contestado em Guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil - 1912-2012**. Florianópolis: Editora Insular, 2012.
- FURTADO-BRUM, Ângela, Ponta Delgada, Ribeiro & Caravana editores, 1999. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4ktbsx9>.
- GALENO, Alberto Santiago. **Território dos coronéis**. 2ª ed. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1988.
- MATIAS, Maria Goretti. **Inventário da imprensa patronal: (1859-1970)**. Revista Análise Social, vol. XXIII (99), págs. 1019-1044, 1987. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5k4mnfc>.
- GIRÃO, Raimundo; MARTINS Filho, Antônio (orgs). **O Ceará**. Fortaleza: Editora Fortaleza, 1945.
- GOMES, Eunice Simões Lins. **Padre Inácio de Sousa Rolim: o educador/sacerdote e as estruturas de sensibilidade**. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/download/17475/9974>
- GONÇALVES, Ana Lucia Mac Dowell. **Quem é o meu Senhor? In: Anais do III Simpósio Internacional sobre o padre Cícero**. DUMOULIN, A; et al, Juazeiro do Norte - CE: 2004, p. 56-59.
- GASPAR, Lúcia. **Troças carnavalescas de Olinda**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/> Acesso em: 16 abr. 2019.

GUIMARÃES, Therezinha Stella. **Padre Cícero e a nação romeira**: estudo psicológico da função de um “santo” no catolicismo popular. Fortaleza, Editora IMEPH, 2011.

_____ & DUMOULIN, Anne (Org.). **O padre Cícero por ele mesmo**. Fortaleza: INESP, 2015.

HABERMAS, Jurgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

HERMANN, Jacqueline. **Religião e política no alvorecer da República**: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da república à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HOORNAERT, Eduardo. **Os anjos de Canudos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____ **O mundo sombrio do padre Cícero**. In: Anais do III Simpósio Internacional sobre o padre Cícero. DUMOULIN, A; et al, Juazeiro do Norte - CE: 2004, p. 32-45.

LANDOWSKI, Eric. **Não se brinca com o humor**: a imprensa política e suas charges. In: *FACE*, São Paulo, 4(2): 64-95, jul./dez. 1995.

LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (dir.). **História – novos problemas, novas abordagens, novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LIMA, Cláudia. **Troças carnavalescas**. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 16 abr. 2019.

LIMA, Luís Filipe Silvério. **O império dos sonhos**. São Paulo: Alameda, 2010.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil**. 1º vol. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, p. 144, 1963.

_____ **História da caricatura no Brasil**. 3º vol. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. 1963.

_____ **História da caricatura no Brasil**. 4º vol. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio. 1963.

LIMA, Maurilio César de. **Breve História da Igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

LIMEIRA, Aline de Moraes; NASCIMENTO, Fátima. *Hist. Educ.* vol.1 6 nov. 38 Santa Maria Sept./Dec. 2012 – <http://dx.doi.org/10.1590/S2236-34592012000200009>. Acesso em: 08 jun. 2015.

LOPES, Raimundo Hélio; FIGUEIREDO, João Maminiano de. Disponível em: <https://tinyurl.com/yx96ev54>

LOPES, Nei. **Dicionário da história social do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

SOBRAL, Lívio. **Padre Cícero Romão** – o sonho fatídico. *In*: Revista do Instituto do Ceará, 1941. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6dc2rw9>

_____. **Padre Cícero Romão** – *Juazeiro Primitivo*. *In*: Revista do Instituto do Ceará, 1943, p. 286. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2cjlvpn>.

LÓSSIO, Moacyr Gondim. **Iniciação à história do Cariri**. Crato: Sec. De Educação e Cultura, 1986.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergstrom. **Juazeiro do Padre Cícero**: cenas e quadros de fanatismo no Nordeste. 4ª ed. aumentada. Brasília-DF: Inep/MEC, 2002. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6zyrxuj>

LUCA, Tânia Regina de. **História dos e por meio dos periódicos**. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, p. 118, 2005.

LUCA, Tânia Regina. Apresentação dos Anais do 1º Seminário [recurso eletrônico] de Pós-graduandos em História da UFF / organizado por Júlia Bianchi Reis, Insuela, Marina Maria de Lira Rocha, Matheus Serva Pereira, Natália de Santanna Guerellus, Pedro Krause Ribeiro, Robertha Pedroso Triches. Niterói, RJ: PPGHISTÓRIA-UFF, 2012. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxq498qs>.

_____, Tânia Regina de e MARTINS, A. L. (orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MACEDO, Joaryvar. **Império do Bacamarte**: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1990.

MACEDO, Nertan. **O Padre e a Beata**: Saga Sertaneja. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1961.

_____. **Floro Bartholomeu**: o caudilho dos beatos e cangaceiros. Rio de Janeiro: Agência jornalística IMAGE, 1970.

MACIEL, Laura Antunes. **Cultura e tecnologia**: a constituição do telegrafo no Brasil. Revista Brasileira de História. SP, vol. 21, nº 41, pp. 127-144, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v21n41/a07v2141.pdf>

MAUAD Ana Maria. **Através da Imagem**: fotografia e história-interfaces. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, nº. 2, p. 73-98, 1996. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3wqw7ky>.

_____. **O olho da História**: fotojornalismo e a invenção do Brasil Contemporâneo. *In*: NEVES, Lúcia Maria. B. P. das; MOREL, Marco; FERREIRA, Tânia M. Bessone da C. (org.). História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A / FAPERJ, 2006.

_____ **Sobre as imagens na história:** um balanço de conceitos e perspectivas. Revista Maracanan, v. 12, n. 14 p. 33-48, jan.-jun. 2016.

_____ **Quadros de uma exposição:** um retrato do Brasil oitocentista na Coleção Francisco Rodrigues (1840-1920). In: MORAES, Eneida de. [História do carnaval carioca](#). Rio de Janeiro: Record, 1987. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3t94oma>

MATHEUS, Letícia Cantarela. **O telégrafo no jornalismo do século XIX (1870-1890)**. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4okj6cg>

MENESES, Fátima. **Padre Cícero:** do milagre à farsa do julgamento. Recife- PE: Bagaço, 1998.

MENEZES, Paulo Elpídio. **O Crato do meu tempo**. Fortaleza, Edições UFC, 1985.

MENEZES, Otávio Aires de. **O Joazeiro antigo:** história do padre Cícero, seu povo e sua cultura. Fortaleza: Gráfica LCR, 2012, p. 46.

MENESES, U.T. B. de. **Fontes visuais, cultura visual, história visual.** Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 3, n. 45, p. 11-36, jul. 2003.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado*. In: S. B. DE, Holanda (dir.). História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, vol. 2. Rio de Janeiro/São Paulo, DIFEL. 1977

MORAIS, José Flávio Bezerra. **Milagres do Cariri:** pequena contribuição ao estudo da formação histórica do município de Milagres do cariri cearense. Crato: Gráfica Universitária, 1989.

MOREL, Edmar. **Padre Cícero:** o santo do Juazeiro. Rio de Janeiro: Editora Civilização, 1966.

NASCIMENTO, Luiz do. **História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954) – Vol. II – Diários do Recife – 1829/1900.** Imprensa Universitária – Universidade Federal de Pernambuco, PE:1966, p. 330. Disponível em; <https://tinyurl.com/y2ujpq3s>

_____ **Dicionário de pseudônimos de jornalistas pernambucanos.** Recife: UFPE, Ed. Universitária, 1983. Disponível em: <http://twixar.me/tFxn>

NEVES, Frederico de Castro. **A Seca na História do Ceará.** In: Souza, Simone (org.) Uma Nova História do Ceará. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, p. 76-102, 2000.

NETO, Lira. **Padre Cícero:** Poder, Fé e Guerra no Sertão. São Paulo: [Companhia das Letras](#), 2009.

NOBRE, F. Silva Nobre. **1001 Cearenses Notáveis.** Série: Enciclopédia Cearense. Casa do Ceará Editora: Rio de janeiro, 1996.

NUNES FILHO, Pedro. **Guerreiro Togado:** fatos históricos de Alagoa do Monteiro. 2ª ed. Recife: FacForm, 2011.

OLIVEIRA, Amália Xavier. **O Padre Cícero que eu conheci**. 4ª ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 1989.

OLIVEIRA, Naiara Carneiro; SANDES, José Anderson Freire. **O Rebate**: um relato sobre o primeiro jornal impresso de Juazeiro do Norte. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – João Pessoa - PB – 15 a 17/05/2014. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5yhf7cx>.

PAZ, Renata Marinho. **As Beatas do Padre Cícero**: Participação feminina leiga no movimento Socioreligioso de Juazeiro do Norte. Juazeiro do Norte, Ed. IPESC/URCA, 1998.

_____. **Para onde sopra o vento**: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, Coleção do Centenário, 2011.

_____. **As Cartas Pastorais de Dom Joaquim José Vieira, bispo do Ceará, e a tessitura do movimento Socioreligioso de Juazeiro do Norte (1893 a 1898)**. Anais do Simpósio da ABHR, vol. 12, 2011.

PEREIRA, Flávia Borges. **Salvações no Nordeste**: Política e Participação Popular. Cotia, SP: Ateliê Editorial, p. 169, 2011.

PEREIRA, [Leonardo Affonso de Miranda](#). **O carnaval das letras**: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX. São Paulo: Editora UNICAMP. 2004.

PEIXOTO JUNIOR, José. **Padre Peixoto**: intelectual, político, sacerdote. Brasília: Editora Ser, 2007.

PINHO, Maria de Fátima Morais *In: Vem à cena o celebre Padre Cícero*: Publicações do jornal anarquista e anticlerical *A Lanterna (SP)* *In: Reis Junior, Darlan de Oliveira, et al. História social dos sertões*. Curitiba: CRV, p. 187-199, 2018.

_____. **Acontecimentos extraordinários do Joaseiro**: O milagre da transformação da Hóstia Sagrada, em sangue, nas páginas do jornal *O Apóstolo*, do Rio de Janeiro (1889-1898). Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Disponível em: <https://tinyurl.com/yxdn588c>.

_____. **O Horto do Padim Ciço**: território simbólico do sagrado e do profano. Revista *Propostas Alternativas/Instituto da Memória do povo cearense – IMOPEC*. Fortaleza, 2004, p. 15-120.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri, seu descobrimento, povoamento e costumes**. Fortaleza, 1950.

_____. **O Joaseiro do Padre Cícero e a revolução de 1914**. 2ª ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

_____. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: Coedição Secult/Edições URCA – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. **O Brasil republicano: sociedade e instituições (1889-1930)**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

QUÉRÉ, Louis. “Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento”. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, 2005, p. 59-75.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **O Verbo encantado: a construção do Padre Cícero no imaginário dos devotos**. Ijuí - RS: UNIJUÍ, 1998.

_____. **Imagens do pe. Cícero: sagrado e profano**. Fortaleza: Museu do Ceará, 1999.

_____. **O Sangue da Terra: tramas do sagrado no espaço do Juazeiro**. Cadernos CEOM. Chapecó: Argos, 2001.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; BRASILIENSE, Danielle Ramos. **Memória e Narrativa jornalística**. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (org.). *Mídia e Memória: a produção de sentidos nos meios de comunicação* – Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SILVA, José Marques. **Milagres e previsões de Padre Cícero: Fatos de Juazeiro**. Juazeiro do Norte: HB, 1996.

SILVA, Manoel José Ávila da. **Rui Barbosa, a cidadania e a história: as eleições de 1910 e 1919**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, João Pessoa - PB. *Anais...* João Pessoa: Associação Nacional de História, p. 1-8, 2003.

SILVA, Sônia Maria de Meneses. **Operação midiográfica: o golpe de 1964 e a Folha de S. Paulo**. São Paulo: Intermeios. 2016.

SOARES, Martim. **O Babaquara: Subsídios para a História da Oligarchia no Ceará**. Rio de Janeiro: SPC, 1912.

VIDAL, Reis. **Padre Cícero: Joazeiro visto de perto - o padre Cícero Romão Baptista, sua vida e sua obra**. Edições ARGUS: Rio de Janeiro, p. 30, 1936. Disponível em: <https://ufdc.ufl.edu/AA00000241/00001/32>. Acesso em: 13 jul. 2018.

REUS, pe. João Batista. **Curso de Liturgia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1944.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa (Tomo I)**: Tradução Claudia Berliner; revisão da tradução Márcia Martínez de Aguiar; introdução Hélio Salles Gentil - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, p. 09, 2010.

_____. **A memória, a história, o esquecimento** - tradução Alain François (et al.) - Campinas, SP: Editora Unicamp, 2007.

SOBREIRA, Azarias. **Em defesa de um abolicionista**. Fortaleza: Editora A. Batista Fontenele, 1956.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SILVA, Severino (org.). **A Igreja e o controle social nos sertões nordestinos**. São Paulo: Paulinas, 1987.

SILVEIRA, Aureliano Diamantino. **Ungidos do Senhor na Evangelização do Ceará (1700 a 2004)** – Fortaleza: Premium, 2004.

STUDART, Guilherme. **Dicionário bio-bibliográfico cearense**. vol. 1, Fortaleza: Typ. Minerva, 1910.

_____ **Para a História do jornalismo cearense (1824-1924)**. Tip. Moderna – F. Carneiro, 1924

TAYLOR, Thérèse. **Bernardette de Lourdes: sua vida, morte e visões**. 2ª ed. Londres: Burns & Oates, 2008.

THEOPHILO, Rodolpho. **Secas do Ceará (segunda metade do século XIX)**. Fortaleza: Louis C. Choloveiçki, 1901. *In*: ANDRADE, Lopes. Sociologia das secas. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1948.

_____ **A Sedição do Juazeiro**. Edição Fac-símile. Coleção João Nicodemos de Lima – 409. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2014.

VENEZIANO, Neyde. **Não adianta chorar: Teatro de Revista brasileiro... oba!** Campinas, SP: Unicamp, TEATRO de Revista. *In*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3k42vva>. Acesso em: 03 Abr. 2019. ISBN: 978-85-7979-060-7.

_____ **O teatro de revista no Brasil: dramaturgia e convenções**. Campinas, SP: Pontes / Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

RUIZ, Roberto. **O teatro de revista no Brasil: do início a I Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Inacen, 1988.

VERAS, Elias Ferreira. **O echo das maravilhas: O Jornal A Voz da Religião no Cariri e as missões do padre Ibiapina no Ceará**. (Dissertação de mestrado) Disponível em: <https://tinyurl.com/y6ox4ux5>

VEIGA, Cláudio. **Uma literatura macarrônica franco-brasileira**. Academia de Letras da Bahia. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4knxmdj>

WENTZEN, Frei Mariano. **Leituras Eucarísticas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1935.

WEYNE, Regina. **Júlio César: um republicano e abolicionista no Ceará**. Fortaleza: Edição do autor, 2001.

Dissertações e Teses

SOUZA, Carlos Alberto de. **A Linguagem Regional-popular nos romances de Rachel de Queiroz**. Fortaleza, 2013. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, p. 111. Disponível em: <https://tinyurl.com/y29v8qg9>.

LIMA, Francisco Wellington Rodrigues de. **A representação do diabo no teatro vicentino e seus aspectos residuais no teatro quinhentista do padre José de Anchieta e no contemporâneo de Ariano Suassuna**. Fortaleza, 2010 Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal do Ceará, p. 54 e 154. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5lee9mg>

ALEXANDRE, Juciêdo F. **Quando o anjo do extermínio se aproxima de nós: representações sobre o cólera no semanário cratense “O Araripe” (1855-1864)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Paraíba, 2010.

CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”**: Crato (1889-1960). Dissertação (Mestrado em História), 210p. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

REIS, Ana Isabel Ribeiro Parente Cortez. **O espaço a serviço do tempo: a estrada de ferro de Baturité e a invenção do Ceará**. 2015. 402f. – Tese (Doutorado em) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Ceará, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/25274> .

Reis, Edilberto Cavalcante. **Pro Animarum Salute: a Diocese do Ceara Como "Vitrine" da Romanização no Brasil (1853-1912)**. Sem Numeração Dissertação (Mestrado Acadêmico ou Profissional em XX) – Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: <<http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=14076>>.

RIBEIRO, Josiane M. C. **Entre a penitência do corpo e o corpo em festa: uma análise das missões do padre Ibiapina no Ceará (1860-1883)**. Dissertação (Mestrado em História). Fortaleza: UFC, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco (1930-1950)** Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da UFMG, 2000 Disponível em: <https://tinyurl.com/y4uj7jrr>

MASCARENHAS, Rosana Gisela Florença de. **O Fait-divers na Imprensa Escrita: Os Casos do Jornal de Notícias e do Jornal do Fundão Rosana**. Dissertação (Mestrado em Jornalismo), Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal. 2013. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2ex5fje>

QUEIROZ, Cícero Dantas de. **Correio do Cariry x O Rebate: o conflito jornalístico pela independência de Juazeiro**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/y24vzmeu>;

SANTOS, Marcelo Henrique Pereira dos. **Rui Barbosa e Pinheiro machado**: disputa política em torno da candidatura e governo do marechal Hermes da Fonseca. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de pós-graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6fot87x>.

Xavier, Patrícia Pereira (2010). **O Dragão do Mar na "Terra da Luz": a construção do herói jangadeiro (1934-1958)**. Dissertação de Mestrado- PUC/SP/HISTÓRIA. Disponível in: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=187711

6 FONTES

Fontes manuscritas

a) Arquivo do Departamento Histórico Diocesano Padre Antônio Gomes de Araújo - DHDPG. Crato, Ceará.

- ✓ Cópia autêntica do Processo Instruído sobre os fatos do Juazeiro (1891-1893).
- ✓ Caderno de José Joaquim Teles Marrocos (Recortes de jornal, cartas e petições sobre a questão do Juazeiro entre 1891 e 1896).
- ✓ Cartas

Fontes Impressas

✓ JORNAIS E REVISTAS

Gutenberg/AL	O Norte/PB	Cidade do Rio/RJ
Fé Cristã/AL	Diário do Piauí/PI	Conservador/SC
Jornal de Penedo/AL	O Apostolo/PI	Correio da Manhã/RJ
O Trabalho/AL	A Província/PE	Correio da Noite/RJ
ORBE/AL	Diário de Pernambuco/PE	Correio de Petrópolis/RJ
A Constituição/CE	Pequeno Jornal/PE	Democracia/RJ
A Voz da Religião no	Jornal de Recife/PE	Diário de Notícias/RJ
Cariri/CE	Jornal do Commercio/AM	Diário do Commercio/RJ
Gazeta do Norte/CE	Minas Gerais/MG	Gazeta de Notícias/RJ
Jornal do Ceará/CE	O Cachoeirano/ES	Jornal do Brasil/RJ
O Araripe/CE	A República/PA	Jornal do Commercio (ed. da tarde) /RJ
O Cearense/CE	Democrata/PA	Jornal do Commercio/RJ
O Libertador/CE	Estado do Pará/PA	Noticias/RJ
Pedro II/CE	GOYAZ/GO	O Apostolo/RJ
O Estado do Ceará/CE	A Lanterna/SP	O Caixeiro/RN
Cidade de Salvador/BA	A Época/RJ	O Cruzeiro /RJ
Leituras Religiosas/BA	A Imprensa/RJ	O Fluminense/RJ
Jornal de Caxias/MA	A Noite/RJ	O Imparcial/RJ
Gazeta Caxiense/MA	A Notícia/RJ	O Paiz/RJ
Gazeta do Natal/RN	A Rua/RJ	O Pharol/MG

O Povo/RN
O Rio-Nú/RJ
O Século/RJ

O Tempo/RJ
The Rios News/RJ
Revista Fon-Fon/RJ

Revista Careta/RJ
Revista O Malho/RJ

SITES

- ✓ <http://www.institutoceara.org.br/revista.php>
- ✓ Arquiocese de Fortaleza: <http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/>
<http://www.araldicavaticana.com>
- ✓ <http://cearahistoria.blogspot.com/2016/08/trairi-paroquia-n-sra-do-livramento-de.html>
- ✓ <http://www.academia.org.br/>
- ✓ <https://www.diocesedeiguatu.org.br/>